THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

869.3
C348m
v.1-3

This **BOOK** may be kept out **TWO WEEKS ONLY**, and is subject to a fine of **FIVE CENTS** a day thereafter. It is **DUE** on the **DAY** indicated below:

APR 15 '57G

AMILO CASTELO BRANCO

Mistérios de Lisboa

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XLII

MYSTERIOS DE LISBOA

VOLUME I

TYPOGRAPHIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA —
RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48
* * * LISBOA * * *

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes in-8.º, de 200 a 300 paginas impressa em bom papel, typo elzevir

1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny.
17, 18 e 19 — Novellas do Minho.
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.
52 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcere.
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina.
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres
72 — Um livro.
73 — A Sereia
74 — Esboços e apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — Theatro: I — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas.
77 — Theatro: II — Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — Theatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — Theatro: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — Theatro: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

MYSTERIOS
DE
LISBOA

8.ª edição, conforme a 5.ª, ultima revista pelo auctor

VOLUME PRIMEIRO

1923

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta — 44 a 54
LISBOA

MYSTERIOS DE LISBOA

Nota das edições que tem tido esta obra até á presente

1.ª edição — Porto — 1854 — typ. de J. J. S. Basto 3 vols.

2.ª edição muito melhorada — Porto 1858 — Em casa de F. G. de Fonseca e typ. do mesmo. —2 vols.

3.ª edição — Porto — 1861 — Em casa de Cruz Coutinho. 2 — vols.

4.ª edição — Porto — 1864 — Em casa de Cruz Coutinho — 2 vols.

5.ª edição — Porto — 1878 — Em casa de Cruz Coutinho — 2 vols.

6.ª edição — Lisboa — 1890 — vols. 14, 15 e 16 da collecção Pedro Correia.

7.ª edição — Lisboa — 1905 — vols. 42, 43 e 44 da nossa collecção, da qual se fez uma tiragem especial de 100 exemplares, em papel de linho nacional, para bibliophilos.

8.ª edição — Lisboa — 1923 — que é a presente.

LIBRARY UNIV. OF
NORTH CAROLINA

PREVENÇÕES

Tentar fazer um romance é um desejo innocente. Baptisal-o com um titulo pomposo é um pretexto ridiculo. Apanhar uma nomenclatura, estafada e velha, insculpil-a no frontispicio de um livro, e ficar orgulhoso de ter um padrinho original, isso, meus caros leitores, é uma patranha de que eu não sou capaz.

Este romance não é meu filho, nem meu afilhado.

Se eu me visse assaltado pela tentação de escrever a vida occulta de Lisboa, não era capaz de alinhavar dois capitulos com geito. O que eu conheço de Lisboa são os relevos, que se destacam nos quadros de todas as populações, com fôro de cidades e de villas. Isso não vale a honra do romance. Recursos de imaginação, se os eu tivera, não viria consumil-os aqui em uma tarefa inglória. E, sem esses recursos, pareceu-me sempre impossivel escrever os mysterios de uma terra, que não tem nenhuns, e, inventados, ninguem os crê.

Enganei-me. E' que eu não conhecia Lisboa, ou não era capaz de calcular a potencia da imaginação de um homem. Cuidei que os horizontes do mundo phantas-

578861

tico se fechavam nos Pyreneus, e que não podia ser-se peninsular e romancista, que não podia ser-se romancista sem ter nascido Cooper ou Sue. Nunca me contristei d'esta persuasão. Antes eu gostava muito de ter nascido na terra dos homens verdadeiros, porque, peço me acreditem, que os romances são uma enfiada de mentiras desde a famosa *Astrêa* de Urfê, até ao choramigas *Jocelyn* de Lamartine.

Por consequencia, diz o circumspecto leitor, vou-me preparando para andar á roda em um sarilho de mentiras.

Não, senhor. Este romance não é um romance: é um diario de soffrimentos, veridico, authentico e justificado.

Peço-lhe que leia a seguinte carta, que recebi em 24 de agosto de 1852:

«Rio de Janeiro, 29 de junho de 1852.

«Amigo.

«Ficas, naturalmente, espantado, quando vires entre mãos um maço de papeis tão volumoso! Espero, porém, que esse espanto se converta em interesse, quando souberes que thesouro possues.

«Sem preludios:

«Haverá um anno que aqui desembarcou um homem, que não pôde passar despercebido diante de mim. Tu sabes que eu sempre fui um grande idealista. Ainda hoje não posso renegar este divino attributo, e bem vês quanto deve ser-me penoso conciliar as funcções de um guarda-livros com as vaporosas intuições de um poeta! Mas, graças á violencia que me imponho, sinto gloria em dizer-te que terei muitos versos errados na minha collecção, mas vivo na feliz certeza de que não tenho um erro no livro do «deve e ha de haver». O que se se-

gue é que sou um máu poeta, mas um honrado caixeiro.

«Vamos ao interessante. Como sabes que sou idealista, não terás dúvida em acreditar que olhei para aquelle homem pelo prisma da minha imaginação. Tive razões para isso, e quero que tu as saibas.

«Era uma figura singular entre todos os figurões, que a nossa terra atira para aqui. Não era alto, nem baixo. Tambem não era bonito, como um galan de novella: tinha rosto magro, não só magro, escaveirado e ossudo. Os olhos fuzilavam lume, d'este lume que revela maldade, umas vezes, e, outras vezes, paixões candentes e extremas. Negrejava-lhe sobre o bronze da cutis um bigode negro e arripiado. Vestia de escuro, e nem o branco da camisa se lhe via. O pé e a mão eram extremamente pequenos, e a magreza, ou melindre das fórmas estava em justa proporção com o descarnado das feições.

«Saltando em terra, este homem subiu os primeiros degráus do caes, parou, cruzou os braços, e fitou os olhos na amplidão do mar.

«N'esta postura, arrebatou-me! As almas de lama hão de perguntar-me por que. Responde-lhe tu, que tens horas de espiritualista na tua longa vida de materia.

«Ao vel o assim absorto n'aquella meditação profunda, julguei que podia avisinhar-me d'elle, e contemplal-o de perto.

«Pude: nem ao menos deu fé de mim. Um preto, carregado de fardos, roçou por elle, deslocou-o alguns passos para o lado, mas não lhe desprendeu os olhos do horizonte. Olhei tambem para lá, e nada vi. Fiquei entendendo que as visões d'aquelle homem estavam dentro na alma, e os olhos da face, n'aquelle momento, viam tanto como os meus.

«Não sabes como este homem me tinha fascinado! Eu

era capaz de estar alli suspenso n'aquelle silencio, n'aquelle mysterio, longas horas, sem recordar-me que era caixeiro! Passou-me, então, na memoria o rapido panorama de um mundo em que vivi antes de ser um forçado guarda-livros. Lembraram-me certas mulheres, que se perderam espontaneamente fascinadas pelo simples olhar de certos homens. Perdoei-lhes no tribunal da minha consciencia, porque eu, se fosse mulher, na presença d'aquelle homem, adorava-o, perdia-me sem ouvir-lhe uma palavra que me lisongeasse.

«Parece-te isto um disparate? O que tu quizeres; mas a verdade é esta.

«Esta situação durou muitos minutos. O somnambulo acordou; mas, acordado, parecia ainda adormecido. Virou as costas ao mar, e foi subindo vagarosamente o caes, com os olhos no chão.

«E eu seguia o.

«Depois, parou como suspenso por uma idéa imprevista. Tornou atraz. Chamou um marujo da galera em que viera, e pediu-lhe a sua bagagem. O marujo indicou-lhe os malsins da alfandega, que deviam revistar-lh'a. O passageiro dirigiu-se urbanamente a um d'esses homens; abriu os cadeados de uma mala de couro; tomou ao alto entre ambas as mãos um pouco de fato, e retirou-se, depois de mostrar um passaporte.

«E eu segui-o, como se fosses tu, como se fosse um meu irmão, que eu quizesse hospedar.

«Deu um cento de passos, e voltou-se para o lado, como quem procurava alguem. Devia necessariamente encontrar-se com os meus olhos.

«Cortejou-me primeiro e depois perguntou-me:

«— Tem a bondade de dizer-me onde encontrarei uma hospedaria afastada do centro da cidade?

« — E' difficil encontral-a — respondi eu. — As hospedarias aqui, como em toda a parte, são frequentadas por pessoas que teem negocios, e preferem as mais proximas ao centro do commercio.

«Não me respondeu com a presteza que eu queria, porque mal sabes o desejo que eu tinha de não largar aquelle homem! Forte encanto!

«— Então — tornou elle — tem a paciencia de indicar-me a primeira hospedaria?

« — A primeira é esta — disse eu, apontando-lhe a minha casa.

«E o meu hospede, n'essa intelligencia, cortejou-me, agradecendo-me, e offerecendo-me o seu quarto para descansar.

«Subimos; e não foi sem me sorrir que o vi a elle bater em uma das portas, com todo o desembaraço. O meu creado parecia esperar as minhas ordens; mas o meu hospede adiantou-se a pedir um quarto, depressa.

«Entramos em uma sala, e aceitei uma cadeira que o meu hospede me offerecia: apontei-lhe o sofá, para que elle se sentasse. Primeiro sentou-se; pouco depois, reclinou-se, e por fim deitou-se com toda a galhardia de um oriental.

«— Fuma? — disse elle, abrindo uma charuteira.

«— Fumo — e preparava-me para pedir luz ao creado, quando o meu desconhecido acendeu um pavio de cera e tornou á sua posição legitimamente turca.

« — As hospedarias aqui — disse elle — respiram uma elegancia, que não se parece nada com a farrapagem dos hoteis portuguezes. Eis aqui uma sala que parece o *boudoir* de uma viscondessa burgueza.

«Este dito engraçado, que qualquer de nós acompanharia de um sorriso vaidoso, disse-o elle com o charuto

ao canto da bôca, sem o mais leve signal de congratular-se do seu espirito.

«Eu por mim sorri-me, e não achei de prompto uma resposta, que lhe désse de mim a alta idéa, que elle de si me tinha dado.

«—E' a primeira vez que vem ao Brazil?—perguntei eu.

«—A primeira.

«—Vem como viajante?

«—Não, senhor. Acho-me aqui.

«Estas palavras pareceram-me um bello final de um acto dos dramas de Victor Hugo. Achei muita philosophia, d'esta intima philosophia da desgraça, n'aquellas quatro palavras. Lembrou-me o *Chatterton* respondendo a quem lhe perguntava a razão por que escreiva, se seus escriptos lhe não davam pão, nem consolações. Lembras-te? penso que era isto: «Escrevo, porque é preciso.»

« — Tenciona demorar-se? — perguntei eu.

« — Sinto não poder satisfazer a sua curiosidade.

«Esta resposta fez-me córar. Olhei a physionomia d'elle: era sempre a mesma physionomia: severa e fria, triste e um não sei quê de desprezadora. E continuei a sentir-me captivo d'aquelle homem, cada vez mais mysterioso.

«Levantei-me. Abri uma porta de um quarto mais proximo, e indicando-lh'o, disse com certo acanhamento.

« — Pouco ou muito que seja o tempo que v. s.ª se demore, aqui tem uma sala, aqui tem um quarto, n'este immediato uma livraria, e em toda esta casa uma residencia, que espero considere sua, como fosse de um seu irmão.

«O cavalheiro apertou-me a mão, e disse-me com estranha frieza:

«—Espero me conceda não aceitar o seu favor. Eu sou um hospede incómmodo. Não converso, não entretenho, e sou importuno como um velho. Retiro-me penhorado das suas attenções...

«E preparava-se para saír. Fez um ligeiro esforço, e quasi o obriguei a sentar-se.

«—Antes de saír — disse-lhe eu — espero que ouça as condições com que lhe offereço hospedagem. Sou um homem só, com dois creados. Sirvo-me d'esta casa para comer e dormir. V. s.ª viverá aqui tambem como homem só com dois creados. Se, passados alguns dias, lhe for aqui penosa a sua residencia, retire-se. Não quero a sua conversação como recompensa da hospedagem. Eu tambem fallo pouco, penso muito, e quasi não posso fallar nem pensar fóra das minhas obrigações de guarda-livros.

«—Aceito?

E, com este laconismo, apertou-me outra vez a mão, e conservou-se na mesma postura familiar em que estivera desde o principio.

«Saí da sala; dei ordens aos creados, e fui para o escriptorio.

«A horas do jantar vim a casa. Segundo as minhas ordens, o meu hospede já tinha jantado, se assim póde chamar-se uma chavena de café, duas colhéres de marmelada, e quatro calices de cognac.

«Cumprimentei-o apenas. Vi-o profundamente triste, e soube que passára a manhã na livraria.

«Esperava que elle me dissesse que queria fazer sociedade commigo á mesa. Não m'o disse; e eu tambem não quiz dizer-lh'o. Convidei-o para, passados os dias

do descanso, ser apresentado em algumas casas. Respondeu-me que o dispensasse d'esse sacrificio.

«Reconheci todo o melindre d'aquella situação. Respeitei-lhe a dor como um mysterio sagrado. Nunca lhe disse uma palavra que denunciasse a minha curiosidade; não tive por isso de córar segunda vez.

«Passados alguns dias, disse-me que queria retirar-se para um dos arrabaldes. O meu patrão possue uma linda chacra no *Bota-fogo*. Offereci-lh'a: aceitou-a.

«Visitei-o ahi algumas vezes Era um envelhecer que fazia dó! Disse-me que soffria muito do peito. Aconselhei-lhe qué se retirasse para Portugal. Sorriu-se, e apontou-me para as cruzes do cemiterio, que alvejavam através de um arvoredo.

«Perguntas-me tu:—quem era esse homem?

«Não o sabia.

«No fim de sete mezes, achei-o com todos os symptomas de um ethico, quando as folhas principiam a caír, queimadas pelo sol do estio, lá no nosso bello Portugal.

«Vi-o então sorrir pela primeira vez. Travou-me o braço, e passeiamos no jardim.

«Eis o que então lhe ouvi:

«—Eu tenho sido um ingrato, em não lhe dizer quem sou.

«—Ingrato! nunca...—repliquei eu.

«—Ingrato, sim! O véo do mysterio devia levantal-o a mão da amizade. Mas, em recompensa de uma grande divida, ha de a mão de um cadaver levantal-o. A febre amarella parece querer juntar-se á minha febre *negra*. Se d'esta collisão resultar em breve a minha morte, venha v. s.ª ao meu quarto, dê-se ao trabalho de ler, em horas de ocio, esses cadernos de papel que por lá estão,

e poderá então dizer que o seu hospede, silencioso em vida, conversou muito comsigo do tumulo.

«E despediu-se. Estas poucas palavras principiou-as sorrindo, e rematou-as soluçando. O tronco gigante gemeu, quando estava para caír.

«Caíu.

«A febre amarella soprou áquella luz quasi apagada. Vi-o nas agonias. Não pude ouvir-lhe o ultimo adeus, porque tambem reclinei a cabeça em um leito, que suppuz ser o da morte.

«A chave do quarto foi-me entregue por um sacerdote, á ordem do moribundo.

«O meu legado é esse que te remetto. No derradeiro capitulo verás a razão por que o faço. Adeus. Não te chames infeliz. Ninguem póde reputar-se desgraçado sem provocar da mão de Deus, ou de Satanaz, a desgraça d'este homem. Teu cordial amigo *F*...»

Agora direi eu quasi ao leitor, como o meu amigo me diz: No ultimo capitulo verá a razão por que esta biographia é publicada.

MYSTERIOS DE LISBOA

LIVRO PRIMEIRO

I

Era eu um rapaz de quatorze annos, e não sabia quem era.

Vivia na companhia de um padre, e de uma senhora, que diziam ser irmã do padre, e de vinte rapazes, que eram meus condiscipulos.

D'estes, algum mais cultivado em conhecimentos do mundo, perguntava-me se eu era filho do padre. E eu não sabia responder-lhe.

Ora este padre parecia um homem muito virtuoso; mas nem por isso seria extraordinario eu ser seu filho.

Não o ouvira eu nunca psalmear na harpa cantares de contrição; mas é rigorosamente logico que não haja David sem harpa?! Muitas vezes senti o atrevido impeto de dizer-lhe:—«Mestre! perguntam-me se sois meu pae; deverei responder que não, para me deixarem?»

Nunca, porém, fiz isto, porque entendi que não me

era uma das primeiras necessidades da vida saber de quem era filho.

Propenso para cogitações elevadas, erguendo os olhos ao céo, via eu, muitas vezes, voar um passarinho. E dizia commigo: «perguntem lá áquella creatura de Deus quem é seu pae? Como ella corta por tão alto um espaço que é todo d'ella! Que liberdade, e que independencia! O meu espirito é como aquella andorinha! Eu tenho um mundo tão amplo para voejar com elle! Se eu podér subir, subir, subir até Deus, não terei encontrado meu pae? Isto da terra parece-me uma cousa tão pequena!...»

Seria isto uma frioleira de criança; mas eu pensava assim, e não gostava que me acordassem n'este meu berço, em que eu proprio me embalava, como se assim quizesse indemnisar-me de carinhos, que nunca recebera ao pé do berço da minha infancia.

Quem mais vezes me inquietava n'estas ociosas illusões era o padre. Eu aborrecia o latim e a logica e os livros e a sciencia. A andorinha era o meu modelo, e a andorinha não sabia latim. «Isto de que serve,—dizia eu folheando, aborrecido, o *Tito-Livio*—será necessario devorar meia existencia, consumil-a em um luxo de palavrões estereis, para no fim de tudo ficar o mesmo homem, sem ao menos ter descoberto o sexto sentido do corpo humano?»

Não affirmo que fosse textualmente assim o meu raciocinio; mas, afóra as palavras que a sociedade me ensinou, e que eu lhe não agradeço, a idéa era aquella.

Mas a idéa do padre era outra. Constrangia-me a estudar, e especialisava-me entre os meus condiscipulos. Se o carinho fosse symptoma de paternidade, nunca eu devia inspirar suspeitas de ser filho do mestre. Eu não

tinha férias, nem passeios, nem premios, nem elogios. Era um pária, um bastardo de pae, de mestre, de todo o mundo.

E, comtudo, dizia-me a pobre irmã do padre, que eu era o discipulo amado de seu irmão. Explicava, a seu modo, aquella theoria de amar, e chegava á triumphal conclusão de que, sendo a sciencia o meu patrimonio, quanto mais cultivado o recebesse das mãos do mestre, mais sagrados titulos recebia para a minha gratidão.

Custava-me a perceber isto; mas, sem grande esforço de intelligencia, comprehendi que era pobre.

Não me apaixonava por isso. A andorinha passava núa nas campinas do céo; e adormecia á tarde, sem grangear o alimento da manhã seguinte.

Estas razões, dadas assim áquella boa D. Antonia, faziam-a chorar. A sensivel mulher chorava com qualquer cousa, e mais não conhecia ainda o mundo... ou parecia não conhecel-o.

Mas a andorinha não remediava todas as minhas ancias de curiosidade.

Eu queria saber quem era. Grandezas não me passavam pelo pensamento, nem eu podia phantasial-as. Sem subsidio, sem adulação, sem uma dadiva mysteriosa, que me fizesse scismar em um segredo de familia, que tinha eu com a grandeza tão eloquentemente desmentida pela minha jaqueta ordinaria!...

Um baixo nascimento, com todos os accessorios da indigencia, esse sim, lembrava-me muito, e cheguei até a vestil-o de uma poesia muito triste, mas muito filha da minha indole.

— Serei filho de um sapateiro? Serei uma cousa que este padre achou em uma esquina como acharia um

gato? Serei filho de algum ladrão justiçado, que este padre acompanhou á forca?

Estas perguntas começaram a doer-me no coração; mas quizera que me respondessem:

És filho de um sapateiro;

És um engeitado, erguido da lama pela mão da caridade;

És filho de um ladrão; mas... cala-te, porque ainda vive o carrasco que enforcou teu pae, e não pódes usar de um appellido, que balbuciam os que passam pela praça onde a forca está de pé.

Parecia-me que o filho do sapateiro poderia ser um primeiro ministro;

Que o engeitado poderia ser um carinhoso pae;

Que o filho do ladrão poderia ser um juiz implacave para todos os ladrões.

Fatigado em penosas luctas de conjecturas, adormecia, acalentado pela bemfazeja idéa de que um filho sem pae conhecido, tambem podia ser um homem conhecido de todo o mundo.

D'estas altas meditações descia eu muitas vezes a cousas insignificantes. Por exemplo: Os meus companheiros tinham, cada um, quatro sobrenomes, cinco sobrenomes, seis, e d'ahi para cima.

Ora eu era só *João*.

E os meus companheiros davam uma entonação galhofeira ao meu nome. Chamavam-lhe *chato*, davam uma explicação ridicula a cada syllaba, e queriam até que o nome, além da fórma, tivesse côr pardacenta.

Estas ninharias faziam-me rir, mas era um riso que poderia litteralmente dizer-se «pranto».

Queixei-me, uma vez, muito em segredo ao padre, e tive em paga uma reprehensão severa. Chamou-me vai-

doso, orgulhoso e soberbo. Lembrou-me o pouco panno que eu tinha para cortar por largo com as tesouras no amor proprio, ajuntou outras metaphoras assim sentenciosas, e concluiu com alguns textos biblicos, que me não pareceram bem applicados.

A sua doutrina estou em que era a melhor, mas, d'esta vez, o meu espirito não recebeu o grão abençoado entre os espinhos, que lá fizera nascer o desprezo dos condiscipulos e do mestre.

A irmã do padre era visitada de longe em longe por duas senhoras idosas, e com ellas vinha uma nova, que eu faço aqui figurar em poucas linhas, porque foi ella quem primeiro achou no meu corpo indicios de um nascimento alto.

Estava eu sósinho e escondido entre as faias, que sombreavam o fundo do quintal. Vieram lá ter commigo as velhas e a nova. Esta encarou-me com interesse, e disse para D. Antonia:

— Este menino parece-me que é muito triste!...

Eu estranhei esta mostra de attenção; levantei-me do meu banco de pedra; perfilei-me como um galucho, e fiz-lhe a minha cortezia muito provinciana.

— E é tão bem creadinho! — disse uma das velhas, pondo-me a mão pela cabeça.

E outra acrescentou:

— O menino não vae, aos domingos, ver a sua familia?

— Não tenho familia nenhuma — respondi eu com um desembaraço, que não parecia meu. E' porque vieram encontrar-se com o pensamento que mais me dominava, e que, á força de amargura, me cultivára, por assim dizer, a eloquencia da sensibilidade.

— Pois o menino não tem familia? — tornou a nova.

Calei-me.

E senti que os olhos se me arrasavam de lagrimas; mas, n'este momento, gorgeou um passarinho entre as faias, e eu senti-me consolado. Lembrou-me a andorinha.

E a velha continuou:

— D. Antonia não nos tinha dito isto...

— E' verdade! — disseram as outras em côro.

— Eu não podia dizer tambem mais do que elle... E' para mim um segredo, como para elle, o seu nascimento...

D. Antonia tartamudeando, satisfez assim os primeiros assomos da curiosidade ás suas hospedas, mas evitou-lhes os segundos, que deviam ser-lhes atribulados...

A rapariga, essa media-me com attenciosa reflexão, e olhava-me os pés e as mãos, como se quizesse decifrar o enigma do meu nascimento, segundo a chyromancia.

E voltando-se depois para as tias, disse com vivacidade:

— Olhem que mão e que pé tão pequenino!...

— E' verdade! — exclamaram as velhas, menos D. Antonia, que diligenciava distrahir as suas amigas d'aquella analyse.

— Não! — tornou a cabalistica menina — aposto que este menino não é de classe baixa!

— Por que? — interpellou a irmã do padre, com uma visagem de pasmo.

— Não vê aquelle pé e aquella mão! os filhos da gentalha não vem assim ao mundo.

— Has de sempre fallar contra a gentalha, Isabelinha! — redarguiu a mãe, ou tia — Todos são filhos de Deus; todos tem pés e mãos.

— Eu não nego isso—tornou a gentil aristocrata com menos azédume—mas o que eu sei é que conheço uma pessoa de bem pelos pés, e vou jurar se quem vae dentro de uma carruagem puxada a quatro, é filho de um alfaiate, comtanto que leve a mão á vista na portinhola.

—Isso parece-me de mais! — retorquiu a tia com a melhor boa fé.

E eu não sei por que, sympathisava com o orgulho da tal Isabelinha. Gostava de ouvil-a, e quisera que ella encontrasse em mim alguns indicios mais da minha fidalguia.

Se isto é miseria, perdoem-a a uma criança, que, antes de aspirar a ter nascido por detraz de um reposteiro heraldico, já se contentava com ter um pae sapateiro, ou justiçado por ladrão.

A familia retirou-se.

E eu fiquei reparando muito no meu pé e na minha mão.

II

As andorinhas, desde este dia, voaram despercebidas para mim. Desci a vista do céo para as cousas d'este mundo. A vaidade principiou a materialisar-me. Parecia-me repugnante e baixa a comparação de um homem com um passaro.

Emquanto me não disseram que o pé e a mão delicada eram condições de um nascimento illustre, imaginei-me filho de sapateiro, de soldado raso, e de aguadeiro. Depois, nunca mais. Aquella Isabelinha dou-

rou-me a imaginação, engrandeceu-me o espirito, e enturgeceu-me de uma vaidade, que eu já não podia esconder aos meus condiscipulos.

Foi pessima a occasião em que elles vieram chasquear me o nome de *chato* e *pardo!* N'esse dia, em que eu lamentava a baixeza do meu nome, e chegára a convencer-me de que *João* era um nome ignobil, um nome de carreteiro e de gaiato, vieram elles insultar-me na minha solidão.

O mais desabusado, e tambem o mais comprido em sobrenomes heroicos, cruzou os braços em postura dramatica, diante de mim, e disse com sorriso de escarneo:

— João! João! João! tres vezes João! por que te não chrismas, infeliz?! Os teus condiscipulos lamentam o infortunio de contarem no seu gremio um companheiro chamado João! Lava-lhes esta affronta, se podes!

Encarei primeiro com desprezo este orador; depois espondi com presença de espirito e azedume:

— Não me admirava que rapazes da minha idade viessem zombar do meu nome; mas o senhor, que tem vinte e dois annos, é cousa que me faz mais compaixão, que zanga! Por que não aproveita melhor o seu tempo, tirando significados, e amigando-se com o Virgilio, seu inimigo cruel? Esquece-se que foi reprovado em latim no anno passado, e que ha-de sel-o no anno que vem, se gastar o seu tempo a compôr discursos para fazer rir os meus condiscipulos á minha custa?

Esta resposta irritou o meu adulto companheiro, muito mais porque os meus condiscipulos, que tinham vindo para se rirem de mim, riram-se d'elle. Com os olhos a fuzilarem raiva, chegou-se ao pé de mim, e puxou-me uma orelha desapiedadamente. A dors entia-a forte, mas a dor moral, a vergonha, não me pungia menos.

Conheci então, pela primeira vez, o desejo da vingança. A primeira cousa que estava ao pé de mim era um vaso pequeno com um cato eriçado e espinhoso como um cedeiro. Dei-lhe com elle na cara. E devia ser insoffrivel a dor que lhe fez, porque o taludo gracejador levou as mãos á cara, e não fez contra mim o mais ligeiro movimento.

Os condiscipulos ficaram pasmados e silenciosos. Eu passei por entre elles com um pueril orgulho de uma acção legitimamente nobre, e recolhi-me ao meu quarto a recapitular o primeiro capitulo da minha *Illiada*.

Não me deixaram só muitos minutos. D. Antonia, colerica e descomposta, entrou de repente.

O que eu colligi do seu grasnido, foi que uma tremenda justiça ia ser feita em mim, logo que o padre recolhesse.

Arrefecidos os calores do meu gentil esforço, principiei a ter mêdo do mestre. Parece que o coração se me despegava, quando soavam passos na vizinhança do meu quarto. Invoquei todos os recursos da resignação para suavisar o castigo, que me atormentava em perspectiva. Imaginei-me com um braço quebrado, com uma gonilha ao pescoço, com oito dias de pão e agua, com o odio do padre eternamente irritado contra mim. Quiz transigir evangelicamente com todas estas torturas, mas não houve nada que diminuisse a sezão do mêdo.

Senti febre! O susto parece que me pisava os ossos, e macerava as carnes. Era uma doença indefinivel aquella minha! O que eu sei é que caí sobre a cama, alquebrado e esvaido, como se uma catapulta me atirasse para alli.

Não sei o tempo que decorreu, desde que me deitei até que abri os olhos do entendimento para conhecer o padre, e a irmã, e o cirurgião da casa.

Pensei que sonhava.

O cirurgião punha-me a mão na testa e apalpava-me o pulso. O padre olhava-me com ar de bondade. E D. Antonia pregava os olhos, com anciedade, na cara do cirurgião.

— Então que tens, João? — perguntou o mestre, em tom amigavel.

— Não sei, senhor padre-mestre—respondi eu, mentindo como convinha.

— Bateram-te? — tornou elle.

E eu calei-me, porque não sabia se era conveniente dizer a verdade.

— Bateram-te, João? — replicou o mestre, descendo a voz á nota baixa da severidade.

— Quasi nada — respondi eu, naturalmente a tremer uma segunda sezão.

E o facultativo, que tinha debaixo dos dedos as pulsações do meu sangue, reconheceu a influencia pathologica que tinham em mim as perguntas do padre.

E, por isso, fez-lhe um gesto de silencio, a que o padre obedeceu promptamente.

Retiraram-se ambos, deixando-me só com D. Antonia. Esta pobre senhora tinha o coração de um anjo. Devota, e caritativa com os pobres de pão, não o era menos com os mendigos de consolações. Commigo foi quasi sempre boa. Até mesmo quando o padre me condemnava a comer só pão, vinha ella, como a pomba dos eremitas do deserto, trazer-me carne. O que ella não queria era que eu fallasse em pae ou mãe; por isso que a Providencia do Senhor não engeitava os filhos, e adoptava como seus os que na terra se chamam engeitados : razão d'ella.

No pouco tempo que ella esteve commigo no quarto, rezou sempre ajoelhada a uma imagem de S. João Ba-

ptista, advogado das enfermidades da cabeça. De vez em quando perguntava-me se a cabeça me doía, e, com effeito, não era só dor, era um vesuvio que eu tinha alli a ferver, e a oscillar-me nos olhos como as entranhas de uma explosão.

E D. Antonia rezava ainda, quando entraram o padre e o cirurgião.

O padre vinha triste, e fitava-me com extraordinaria meiguice. O cirurgião trazia não sei que cataplasmas, que me embrulhou nos pés. Parece que ambos me estudavam cuidadosamente o meu menor movimento de olhos, e reparei que o facultativo me estava continuamente observando as orelhas.

Emquanto, muito depois, não soube que as oscillações das orelhas eram symptoma de inflammação de cerebro, cuidei que me estavam procurando os estragos do orelhão, que soffrera.

Não pude demorar-me muito n'estas supposições, porque caí em uma somnolencia profunda.

O que eu soffria era uma congestão cerebral, se devemos acreditar o cirurgião, que a explicou scientificamente como consequencia do mêdo.

Tive alguns dias, dos quaes não tenho lembrança alguma. Passeio-os, creio eu, no delirio, e nos spasmos, que caracterisam esta doença.

Passado este intervallo de vida, que me esqueceu talvez porque se confundia com a insensibilidade do moribundo, lembro-me que vi ao pé do meu leito uma senhora.

Era de noite, porque no quarto havia luzes. Quem alli estava era ella sósinha. Parecia-me uma figura das minhas visões da febre. Duvidei muito tempo se aquelle vulto era uma realidade; e duvidava com os olhos fixos

nos d'ella, que ainda agora os vejo rasgados e negros.

Era alta, e não me pareceu nova nem formosa. Vestia uma capa escura, e tinha um lenço preto na cabeça, posto com o desalinho de uma creada de servir. Por baixo d'este lenço viam-se as curvas das tranças do cabello desatadas. E não posso com verdade dizer mais nada d'aquella figura.

Lembro-me que lhe ouvi algumas palavras, que não seriam muito diversas d'este pequeno dialogo, que tivemos:

— Joãosinho, como se sente?

— Doe-me a cabeça, e os olhos, e o corpo todo. Quem é a senhora?

— Sou uma sua amiga... sou uma amiga da irmã do seu mestre.

— E como se chama? Eu nunca a vi n'esta casa!

— E' porque tenho estado fóra de Lisboa, ha muito tempo.

— Tenho sêde — disse eu como quem supplicava uma gotta de agua.

— Tenha paciencia... o menino tem febre, e não póde beber agua.

— Dê-me uma gotta de agua, senão morro.

— Não dou, porque morre, se a bebe.

E a sêde devorava-me. Vi aos pés da cama um jarro com flores. Lembrou-me que havia agua n'aquelle jarro. Fiz um esforço de desesperado. Saltei fóra da cama; mas este meu saltar foi caír em cheio no chão.

Aquella senhora soltou um grito. Lançou-me, com ancia, os braços para erguer-me, e não pôde. Correu á porta; bateu com afflicção, e, quando a porta se abriu, vi que ella se rebuçou no capote, deixando apenas meio rosto á vista do padre e da irmã, que entraram.

Levántado pelos braços robustos do mestre, fiquei prostrado na cama. Pedi agua atribuladamente, e deram-me alguma cousa, que me illudiu a sêde.

E retiraram-se, depois, menos a mysteriosa senhora. Notei que entre o padre e ella não se trocaram duas palavras. D. Antonia apenas lhe disse, quando se retirou:

— Faltam cinco minutos.

E a minha incognita enfermeira veio sentar-se á cabeceira da minha cama.

— O menino é muito impaciente — me disse ella com afago maternal. — E se morresse?

— Quem me dera morrer...

— Por quê?

— Eu não sei de que serve a vida quando se soffre tanto!

— E o menino soffre?

— Muito.

— Porque está doente, não é assim?

— E quando tenho saude.

— Pois que lhe falta? Não tem que comer e que vestir?

— Eu não tenho andado nú, nem morrido de fome: mas isso não me fazia soffrer a mim.

— Pois que queria o menino ter?

— Pae.

Houve um silencio de alguns minutos.

— Mas este padre não lhe tem servido de pae?

— Não é meu pae, creio eu.

— De certo não.

— De certo não? — exclamei eu com precipitação. — Então sabe quem é meu pae?

— Não sei, menino; mas conheço que este bom padre, e D. Antonia são muito seus amigos. Não é ella tão carinhosa?

— Não é minha mãe...

Deu-se o mesmo silencio de ha pouco; mas d'esta vez percebi que aquella senhora levava um lenço aos olhos.

E pegando-me da mão, senti um beijo, e depois uma lagrima.

Tudo isto parecia-me extraordinario! A minha cabeça estava muito debil para estas commoções: perturbou-se-me, e senti-me tomado de um somno, que era sempre a minha salvação nas agonias do desmaio.

Ouvi ainda bater á porta. Senti ainda um beijo, muitos beijos, e muitas lagrimas. E, depois, aquella mulher fúgiu-me como a bella imagem de um sonho. E, com ella, fugiu-me o alento, porque desfalleci.

Alta noite, D. Antonia afastava-me dos olhos os cabellos ensopados em suor. A boa senhora velava-me com estremecimento de mãe, porque deve ser assim, como ella era, a mãe ao pé de seu filho, varado de dores.

— E aquella senhora? — perguntei eu.

— Foi para sua casa.

— Quem era ella?

— Uma amiga minha.

— E minha, não é verdade?

— E' verdade, meu filho... parece que é muito sua amiga.

— Como se chama?

— E' Maria.

— E só Maria?

— Não é tão bonito nome? Não é assim que se chama a Mãe de Deus?

— Tambem o precursor de Jesus Christo se chamava João, e o seu discipulo amado tambem era João, e, comtudo, dizem que o meu nome é feio!

— Não é, não, meu menino. Deixe estar que lhe não tornam a fazer pirraça os condiscipulos com o seu nome.

— Então a tal senhora chamava-se D. Maria, na verdade?

A hesitação de D. Antonia era uma especie de reprehensão á sua mentira; mas esta observação, que faço hoje, não a fiz então, porque nem ao menos imaginava em sonhos o valor do nome d'aquella mulher.

— Tomára eu tornar a vel-a!...—disse eu com profunda saudade por ella.

— Ha de tornar a vel-a; mas peça a Deus, nosso Senhor, que lhe dê saude.

O padre entrou n'esta occasião, e disse á irmã:

— Não sabe que o pequeno está prohibido de fallar?

Caímos todos em profundo silencio.

III

A minha congestão cerebral fizera crise; mas a convalescença era morosa e arriscada.

Padre Luiz animava-me a seu modo. Os carinhos d'elle eram como a indifferença de muita gente; eu confesso, porém, que as cuidadosas precauções, em que punha o meu restabelecimento, eram persuasivas, e depunham muito a favor da sua alma boa.

Algumas vezes perguntei pela supposta D. Maria: D. Antonia, em suas respostas, era sempre mysteriosa com ella.

Dizia-me, umas vezes, que era muito occupada, e não podia visital-a com frequencia. Contradizia-se, outras

vezes, dizendo que tinha vindo saber de mim, quando a febre me não deixava vel-a.

D. Antonia era verdadeira sempre, e só um grande embaraço poderia obrigal-a a uma innocente mentira. Dera-se o caso n'este segredo, que eu devera adivinhar, se nos meus quatorze annos de então se incluissem quinze dias da sociedade de hoje.

Ergui-me do meu leito, onde padecera tres mezes, e onde, por mais de uma vez, me fôra proferida sentença de morte pelo cirurgião. Infelizmente as previsões da medicina não podiam competir com os designios da Providencia. Vivi quando devera morrer.

E, comtudo, a minha posição era já outra na pequena sociedade, que eu conhecia. Deu-se-me um fato novo, deu-se-me uma nova liberdade, uma nova consideração, e até um novo quarto. O que era isto? Não m'o dizia D. Antonia, a quem eu o perguntava com infantil idiotismo. Não m'o dizia o padre, que nem sequer me permittia a ousadia de perguntar-lh'o.

Os meus condiscipulos, esses pareciam esquecidos do meu infeliz nome; e o outro, que me puxára a orelha, fora expulso do collegio, alguns dias depois da nossa funesta lucta.

Comecei a saborear os livros, que tão amargos me tinham sido. Adquiri o habito de estudar espontaneo e cuidadoso. Senti-me feliz de uma alegria, que não sabia dizer. E comecei a ver no mundo alguma cousa, que me persuadia do grande bem que a vida era.

Esta minha transformação deu nos olhos do padre, que se esmerava em apurar-me o gosto da sciencia. Vi-o alegrar-se com a minha alegria; mas nem uma palavra lhe ouvi, que me explicasse a causa remota da minha transformação.

Fechado no meu quarto, estudava eu, alta noite, quando bateram na porta. Abri. Entrou uma mulher encapotada. Fechando a porta, mal entrou, o manto caiu-lhe dos hombros, e eu senti-me comprimido ao seio d'ella por um abraço impetuoso.

Era a mulher d'aquella noite da febre. Bem a conheci. Aquelles olhos negros e luminosos eram os d'ella. Eram suas aquellas faces pallidas e magras. Não podia ser de outra aquelle talhe de fórmas melindrosas, e ao mesmo tempo robustas de um vigor nervoso, que parece, em algumas organisações, o galvanismo de um cadaver.

Commigo nos braços, a linguagem d'ella eram lagrimas. Palavras, se as tinha, expiravam-lhe nos labios em suspiros. O mysterio aclarava-se. O coração bateu-me uma pulsação nova. Rasgou-se-me no entendimento uma nuvem escura. Senti um calefrio estranho, um abalo de inspiração, um impulso intimo, que me fazia ajoelhar áquella mulher. E não pude vencer-me. Curvaram-se-me os joelhos; e n'este lance de adoração extatica ouvi uma palavra... «Meu...» e quando instinctivamente collava os labios na mão d'aquella mulher, a phrase saíu completa dos labios d'ella... «Meu filho!» Não me peçam explicações do que então senti. O silencio de então não podem, hoje, as palavras decifral-o. Foi um enlevo que mata a expressão, e indemnisa com lagrimas o sentimento. A apparição improvisa da mãe a um filho, que sente pulsar no seu um coração, cuja existencia ignorava — uma surpreza assim, traz comsigo um terror santo, que deve ser a preexistencia do homem na presença de Deus.

Quiz balbuciar a palavra «mãe», e senti-me embaraçado: não sei se era pejo, se perturbação, se alegria! Não pude.

—Não me dizes nada, meu filho?—murmurou minha mãe, como receiasse ser ouvida. E levantando-se da penosa posição em que me tinha abraçado, sentou-se em uma cadeira, apertu-me ao seio, e encostou ao meu hombro a sua face, que queimava.

— Lembras-te de me ter visto? — disse ella, sorrindo e chorando.

— Lembro-me todos os instantes; nunca mais pude esquecer nem as suas palavras, nem as suas feições.

— E só me viste uma vez?

— Uma só; mas sei que esteve ao pé de mim.

— Que sentes agora no teu coração, meu filho?

— Não sei o que sinto: lembra-me que tinha assim uns sonhos quando estava doente.

— Podes ser amigo de... podes ser meu amigo?

— Amigo de...

— De tua mãe?

Eu parecia delirar na sofreguidão dos seus beijos. Lembra-me que no rosto d'ella havia um movimento, uma vibração de gestos, que parecia o accesso de uma demencia. Eu sentia correr-lhe por todo o corpo uma tremura que me assustava, porque eu não sabia o que é a mulher, quando, abraçada a um ente que julgava perdido, póde exclamar: «este é meu filho!»

— Eu preciso ouvir-te! — disse ella com apaixonada energia — preciso que falles, pronuncies o meu nome muita vez... Parece que duvídas que eu seja tua mãe? O coração não te diz que o sou? Responde, meu filho!...

Eu balbuciava sons inarticulados. Era um acanhamento invencivel; um pejo que me incendiava as faces; uma coacção indefinida, semelhante a outra, e essa unica, sentida em minha vida! O coração dizia-me que ella era minha mãe; e os labios convulsos e indecisos

parece que recusavam proferir um nome que lá não fora escripto, na infancia, pelos labios maternos.

Com os olhos fixos no regaço de minha mãe, e com uma especie de resentimento, que o meu silencio simulava, dir-se-ia que era um filho reprehendendo o desamor d'essa mãe, que o abandonára criancinha, e viera procural-o adulto para lhe dizer: «tenho direito ao teu amor, aos teus carinhos, e ao teu respeito, porque te dei a existencia».

Mas um tal pensamento, uma tal vingança não era propria da minha idade, nem que o fosse, bradaria mais alto o grito filial, a exclamação represada, longo tempo, no coração escurecido pela orphandade.

E, comtudo, minha mãe julgou que o meu silencio era um queixume. Viu na minha supposta inercia uma accusação providencial, um castigo do céo, cujo instrumento era a minha innocencia.

E chorava com afflicção. Lia-se-lhe a tormenta do espirito na face atribulada. Lembra-me que era sublime de agonia aquella mulher, reluctando com o remorso, e encarando-me espavorida, como se eu fosse uma larva!

Era então que os olhos lhe scintillavam d'aquelle brilho sinistro da demencia. As faces pareciam aradas por um halito de fogo, que as resequira. Os labios estremeciam-lhe de crispações nervosas; e os cabellos, humedecidos pelo suor da testa, lançava-os em desalinho desesperado para traz das orelhas.

Não sei que a expressão do odio se manifeste mais rancorosa do que então era em minha mãe a expressão do amor!

Mas não era essa a commoção, que, n'aquelle transe, lhe dava ao aspecto um colorido medonho.

Emquanto os labios d'ella me beijavam em fervente

commoção, a vibora do odio mordia-lhe o seio, e derramava-lhe um veneno diabolico nas arterias. Esse odio era uma sezão, uma syncope, um accesso de hydrophobia, que fazia d'aquella infeliz uma possessa.

Não me peçam já a historia d'este odio, o quadro lugubre d'este typo excepcional nas amarguras.

E' cêdo ainda; porque as lagrimas são o continuado viver de algumas vidas, e, se não fossem relevadas uma a uma, a biographia d'essas existencias seria monótona e fria.

Até para as lagrimas é preciso o methodo...

Eu tentava despertar minha mãe d'aquella especie de somnambulismo despedaçador; mas o ataque já não cedia aos meus acanhados esforços; tinha de passar por algumas crises, debater-se em convulsões impetuosas, enfraquecer-se em tremuras spasmodicas, e terminar pela mortal atonia dos musculos.

Felizmente a cadeira, em que ella se sentára, estava proxima do meu leito. Minha mãe, desmaiada, pendeu a cabeça sobre a cama. Limpei-lhe da face um suor frio. Julguei-a morta. E, quando esta dilacerante suspeita me entrou no coração, corri á porta, abri-a, chamei D. Antonia, e pedi-lhe com as mãos erguidas que mandasse chamar um medico para minha mãe.

A pobre senhora, atordoada com o estado assustador de sua visita, correu a chamar o irmão. O padre, menos alvoroçado, mas com terror visivel nas feições, tomou o pulso da desmaiada, e estremeceu. Pegou de um espelho, colocou-lh'o sobre os labios, observou-o, e vendo-o embaciado, exclamou com desafogo:

— Está viva!

E ouviu-se então um signal na porta, e uma voz de fóra, que dizia:

— Já passou um quarto de hora.

N'este momento, minha mãe abriu os olhos. Sentou-se. Contemplou-nos. Fez um gesto de se retirar D. Antonia, que a tinha nos braços: e D. Antonia ia a retirar-se quando o padre repetiu as palavras, que pareciam tel-a acordado:

— Já passou um quarto de hora.

— Já! — exclamou minha mãe.

E tomando a capa do chão, sem ao menos se despedir de mim, desappareceu, como se fugisse á deshonra d'aquelle quarto.

E em seguida ouvi o rodar rapido de uma sege.

IV

O segredo do meu nascimento parecia-me escurecer-se cada vez mais, não obstante me ser facil conjecturar a classe a que pertencia.

Minha mãe é que estava sendo para mim um insondavel segredo. Aquelle frenesi, aquella desesperação, aquelle sobresalto pareciam-me inexplicaveis! Durante a rapida entrevista, que tivemos, táes cousas vi, que, recordando-as, depois sósinho, cheguei a lembrar-me se o que eu vira seria um ataque de loucura!

D. Antonia, a quem eu revelava as minhas infantis suspeitas, não me tirava de dúvidas. A sua linguagem era sempre retrahida e indecisa: parece que tremia de pronunciar a palavra «mãe»; e por mais instantes súpplicas, que lhe fiz, não adiantou nada ao que eu sabia.

O padre não me fallava em nada. Ouvia-me com

mais affabilidade, mas era sempre o mesmo rosto frio, e a mesma austeridade de mestre.

A meditação absorvia-me as horas do estudo, e o padre não queria que eu meditasse. Ampliou-me as lições, obrigou-me a raciocinar em sciencia, e tentou assim abstrahir-me das meditações estereis da minha vida enigmatica.

Decorreram mezes, e não vi minha mãe, nem tive quem me fallasse d'ella.

Cheguei a soffrer uma dorida saudade d'aquella mulher. Reflectia-se em meu coração a imagem que sempre vira: soava-me em sonhos o ecco das suas palavras; sentia nas faces o calor de seus beijos e a impressão estranha de suas lagrimas.

Este idealismo converteu-se em amor profundo. Senti que era filho d'aquella mulher, porque m'o dizia a voz prophetica da alma, a convicção intima de uma faculdade que tem o coração, e que não carece dos sentidos externos para funccionar.

E a não ser filho, eu deveria d'este ideal passar á violenta paixão de amante. A não poder chamar-lhe «mãe», deveria chamar-lhe «esposa». Eu não sabia então que estes dois sentimentos preenchem as mais imperiosas condições do amor; mas adivinhei-os como hoje os sei, depois que vinte annos de experiencia m'o fizeram saber. Ha verdades no mundo, que se vêem, em toda a sua luz, ou pelos olhos puros da candura, ou pelos da experiencia.

O mestre ordenou-me um dia que me vestisse para passeiar com elle. Admirou-me esta ordem, porque o dia era lectivo, e ao domingo nunca se dera uma semelhante attenção para commigo.

Saímos, e andamos muito. O padre não me deu uma

palavra emquanto atravessamos a maior parte da cidade. Reparei em um lettreiro de uma rua quasi deserta, e li CAMPOLIDE. Andamos ainda muito: atravessamos uma azinhaga, perdemos de vista Lisboa por algum tempo, emquanto caminhavamos encostados ao muro de uma quinta: e ao cabo d'esse muro estava um palacete sombrio, triste, e quasi escondido entre as copas das faias, dos chorões e dos cyprestes.

Defronte d'esse palacete o terraço formava uma curva por um banco de pedra. O padre sentou-se, e mandou-me sentar ahi.

— Gosta d'este sitio, João? — perguntou o padre.

— Gosto muito; tomára eu aqui viver.

— Por quê?

— Não sei porquê: acho isto tão triste...

E o padre sorriu-se.

As janellas, excepto uma, estavam fechadas, como se a casa não tivesse moradores. Essa mesma, que não estava de todo fechada, apenas tinha meia porta aberta.

Reparei que o padre olhava muito para aquella janella. Acompanhei-o n'esta curiosidade muitas vezes.

Havia mais de uma hora, que ahi estavamos, quando, através da vidraça, divisei um vulto. O padre fez uma ligeira saudação á pessoa que apparecia, e disse-me que estivesse de pé com o bonet na mão.

Vi que a pessoa da janella fazia um signal. O padre mandou-me sentar e cobrir.

O vulto deixou cair a dobra da capa, que lhe escondia meio rosto, e eu conheci minha mãe.

Apenas recebi esta surpreza, não pude conter-me, e disse com sobresalto «é minha mãe!» O mestre mandou-me calar.

Não podia despregar os olhos da face d'ella. Acena-

va-me, sorria, limpava os olhos, e fazia não sei que signaes ao padre, a que elle respondia affirmativamente.

Vi que minha mãe, de instante para instante, desapparecia, como quem procura segurar-se de alguma surpreza. Pareceu-me mais cadaverica. Em redor dos olhos negrejavam-lhe as nódoas do soffrimento, como se as carnes alli tivessem sido maceradas.

Pedi ao padre que me deixasse lá ir. O padre, sorrindo, fez-lhe signal a ella do meu pedido. Vi-a tambem sorrir; mas que mortal amagura n'aquelle sorriso, n'aquella expressão ironica da desgraça!

Passaram alguns minutos. Minha mãe afastou-se, e voltou precipitadamente dizendo-nos adeus.

O mestre tirou o chapéo, fez que enxugava o suor da testa, e disse-me que não olhasse para lá.

Mas não pude obedecer-lhe. A vidraça, que minha mãe não ousára abrir, foi de repente aberta com estrondo.

Olhei, quasi violentado; e vi um homem de figura assustadora, que nos olhava com vista colerica. O padre olhou tambem por um momento, e ficou-se na postura em que estava, simulando a mais bem fingida indifferença, e não me prohibiu que olhasse para aquelle homem, porque assim talvez julgou que nos tornariamos menos suspeitos.

Mas os seus reparos no padre pareciam augmentar de interesse. Não sei o que tinha a vista de tal homem, que me incutia terror! Morto estava eu por me retirar d'alli, quando elle com a voz imperiosa, e a testa franzida, nos disse:

— Querem d'ahi alguma cousa?

— Não, senhor — disse o padre. — O que nós quizemos foi descansar um instante; mas, se somos importunos, retiramos.

O mestre levantou-se, e o homem, retirando-se, fechou a janella, e nós seguimos o caminho por onde vieramos.

Na noite d'este dia tive eu o seguinte dialogo com o padre:

— Pouco posso, por emquanto, adiantar-lhe sobre o seu nascimento...

— Mas... pouco que seja...

— Sabe que aquella senhora é sua mãe...

— Sim; mas quem é aquella senhora?

— Não tem necessidade de o saber nem de o perguntar. E' uma pessoa, que lhe deu a existencia e a educação.

— E meu pae era aquelle homem, que appareceu na janella?

— Não. Seu pae já não vive.

— E aquelle homem não é meu parente?

— Não é seu parente: é marido de sua mãe.

— O marido de minha mãe!... Mas é meu inimigo, não é verdade?

— Por que pergunta se é seu inimigo?

— Porque não sabe que eu existo,

— Sabe que existe... mas... não me faça mais perguntas, que eu não lhe respondo. Mais cêdo, que eu e o menino quereriamos, saberá tudo.

Este dialogo foi interrompido por D. Antonia, que entrou no meu quarto, entregando uma carta ao irmão.

O padre leu, meditou, pareceu luctar em desejos oppostos, e por fim, retirando-se, disse-me: «Quero dar-lhe alguns traços da vida amargurada de sua mãe. Elles aqu estão escriptos por ella... Leia essa carta, e peça a Deus que se compadeça de quem a escreveu.»

A carta escripta a lapis dizia assim:

«O conde suspeitou. Fallou-me da perturbação em que v. ficára quando o vira. Quiz arrancar-me o segredo d'essas duas pessoas. Fez-me algumas perguntas com o punhal sobre o coração. Vi-lhe os olhos injectados de sangue, e cuidei que me matava. Offereci-me, como sempre, ao sacrificio, pedindo lhe de joelhos a morte. Cuspiu-me no rosto quando eu estava n'esta humilde postura. Saíu como furioso em procura de v.; era tarde, felizmente, para encontral-o. Deu ordens aos creados para indagarem de v. alguma cousa. Será uma diligencia baldada. Não torne a sair com o pequeno. Foi uma imprudencia minha. Parece-me que serei privada da luz outros oito annos! Deus me tire d'este mundo, por piedade! Tenho tentações de matar este verdugo. Ajude-me a morrer com resignação. Duas linhas suas, ou de meu filho, sejam-me doces na hora da morte, sejam a minha recompensa, a minha corôa d'este longo martyrio. Adeus, Abrace, meu filho, sim? Adeus. — *A.*»

A dor parece que me elevou o espirito para o extremo refugio dos desgraçados! Caí de joelhos, e com as mãos erguidas pedi a Deus compaixão para minha mãe.

V

A minha alma cobriu se de um véo de tristeza perpetua no momento em que li a carta de minha mãe. Já não quero, como Job, datar a minha desgraça desde o ventre materno. Verdadeiramente infeliz, sei que o fui desde que conheci uma mulher que me chamava filho,

mas uma mulher, cujo infortunio obrigava o padre a chorar, e justificava de mais essas lagrimas com a carta, que eu acabava de ler.

Todas as manhãs, a pretexto de saudar o mestre, perguntava por minha mãe; e, durante trez mezes, não obtive noticia boa nem má. O padre não tivera mais intelligencia com a desgraçada; e respondia-me que não se admirava d'isso, porque não seria novo deixar de tel-as oito annos.

E eu recordava-me do que fora escripto por minha mãe, a respeito d'esses oito annos em que não vira a luz. Este supplicio parecia-me impossivel; e por mais que eu pedisse ao padre a causa d'este castigo barbaro, respondia-me que não podia exceder as ordens de minha mãe, a respeito da sua vida.

D. Antonia pouco mais fingia saber que eu. O segredo parecia todo do sacerdote, e o sacerdote era um livro de sete sêllos, que só poderia ser aberto pela mão de um cadaver, como elle me disse, cuidando curar-me com veneno a ferida que pedia balsamo. Para que viera aquelle anjo limpar-me as lagrimas da orphandade? Para substituir a estas as mais amargas de um filho, que tem a consciencia das torturas mysteriosas de sua mãe sem poder acudir-lhe, sem poder suavisar-lh'as com a esperança de um futuro melhor!

Eu principiei muito cêdo a recolher o meu espirito em dolorosas meditações, improprias da minha idade. Não soube o que era viço de infancia, nem ideal de venturas sonhadas n'essa quadra de innocentes desejos. A realidade em mim principiou commigo, porque não ha poesia nos pezares, nem elevações extaticas para o céo, quando se pisam espinhos, onde deveram desabrocharnos flores.

E, portanto, eu não podia distrahir os meus cuidados do viver afflictivo de minha mãe. A tristeza tornára-se uma doença, que eu sentia enervar-me a vida, e exhaurir-me de alentos para esperar lhe remedio. Ha dores silenciosas, que nos incutem respeito, quando o que as soffre nos não pede compaixão para ellas; a minha dor era assim.

No fim de tres mezes, soube que minha mãe vivia; mas poucas linhas revelam que vida era a sua. O padre leu-me este bilhete, porque as palavras, que continha, não devia eu sabel-as todas:

«Este homem suspeitou do creado Bernardo, e despediu-o. Fiquei privada d'esse bom creado, que era a minha esperança, e que tanto me custára a movel-o em meu favor. Não tenho podido achar um meio de lhe escrever. Estas mesmas linhas escrevo-as a tremer, porque não sei se irão caír na mão do conde. Este barbaro inventa caprichos de maldade para flagellar-me. Sinto-lhe um desejo diabolico da minha morte. Não se decide a matar-me!... Será uma cobardia? Será o prazer de ver-me penar? E meu filho? Falla-lhe de mim? Tenho-o tão impresso na imaginação!... Se eu não sentisse este amor de mãe, que me abraza o coração, bastaria o reflexo do amor, da saudade... oh meu Deus!... da saudade de um anjo, que foi d'este mundo, legando-me a herança de lagrimas, que em breve legarei ao nosso infeliz filho! Snr. padre Diniz, por caridade não poupe carinhos a esse menino! Seja-lhe pae pelo amor, pela religião, pela piedade, e pelo bom coração que Deus lhe deu.»

O padre, terminando a leitura incompleta d'este bilhete, abraçou-me com extraordinaria effusão, e chorou commigo.

No dia seguinte disse-me D. Antonia, que um creado de farda me procurava; mas que, sem licença de seu irmão, não consentia que eu lhe fallasse. O creado instava que não era pessoa suspeita; mas a tímida senhora não podia transgredir os preceitos de seu irmão. Ora o padre estava fóra de casa, e não era certa a hora em que recolhia.

Quando vi entretida D. Antonia, corri para o creado, que não conheci. Perguntou me o meu nome, porque elle tambem me não conhecia. Certificou-se de mim, perguntando me se eu estava certo de ter sido procurado por uma senhora que se dizia minha mãe.

Esta pergunta fez-me vacillar na resposta, porque não sei como imaginei que aquelle homem era um enviado do algoz de minha mãe.

O creado vendo-me em embaraços nada semelhantes á decisão com que viera fallar-lhe, disse-me que não receiasse dizer a verdade, porque elle era o confidente de minha mãe no tempo em que ella viera ver-me.

E, de repente, lembrou-me o escripto que ouvira ler um dia antes, e o nome do creado que minha mãe lamentava ter perdido.

— Como se chama?—lhe disse eu.

— Bernardo.

— Ah! então de certo é meu amigo!...

E tomando-me nos braços, onde eu me lançára com alegria, o pobre homem apertava-me, e soluçava não sei que palavras, que bem se via lhe vinham do fundo do coração.

— O filho da minha querida senhora! — exclamava elle—O filho d'aquella santa, que vae d'este mundo tão passada de dores!

— Então sabe a vida de minha mãe?—perguntei eu

com anciedade—Diga, diga, tudo o que souber... porque eu tenho chorado muito... sei que ella é muito desgraçada; mas nem ella, nem o padre, nem D. Antonia me dizem a causa dos seus soffrimentos.

— A causa dos seus soffrimentos... — tornou elle, limpando a face, onde as lagrimas corriam copiosamente — Pois o menino não sabe a causa dos soffrimentos d'aquella pobre senhora condessa?

— Condessa... — exclamei eu — pois minha mãe é condessa!... Ah!... sim, sim... já sei porque é condessa...

E lembrou-me então o comêço da primeira carta que vira escripta ao padre. Lá fallava-se de um conde, mas a minha educação, tão fóra dos usos mais triviaes da sociedade, não me disse logo que minha mãe era forçosamente condessa por ser a victima, a mulher, ou a escrava d'esse conde.

— Sua mãe, não ha dúvida, é a senhora condessa de Santa Barbara, por ser casada com esse homem, que não tem em todo o mundo quem se meça com elle em maldade. E' um tigre, menino! aquelle homem é o que se póde ser! Deus o livre a v. exc.ª de lhe ver os olhos quando o sangue lhe sobe a elles!

— Eu já o vi, e tive-lhe mêdo!

— Bem o dizia eu! Não que elle, realmente, é um homem, que Deus mandou a este mundo para castigo da humanidade. Eu soffri-o dois annos, porque, se não fosse eu, sua mãesinha morria de sêde algumas vezes...

— Morria de sêde! — exclamei eu, quando principiei a ver por mais longe os limites de um verdadeiro infortunio— Mas por quê? minha mãe que mal fazia a esse homem?

— Nenhum... pelo contrario, parecia que lhe an-

dava alli sempre de joelhos a adivinhar-lhe as vontades.

— Mas elle sem mais nem menos...

— A fallar-lhe a verdade, meu fidalguinho, eu não sei contar-lhe a historia tal qual, porque lá em casa ninguem sabia por que sua mãesinha era tão martyrisada; mas, pelos modos, a causa principal de tudo aquillo era... o menino.

— Eu! pois que mal fazia eu a esse homem?

— Isso são outras cousas, que eu, ainda que as sei, não lh'as quero dizer, porque o menino é muito novo, e não m'as entende. Lá virá tempo em que tudo se saiba.

— Mas diga-me, Bernardo, vossemecê conheceu meu pae?

— Nada, não conheci.

— Mas sabe quem elle era?

— Tambem não, nem perguntei a ninguem por isso, porque não era da minha competencia.

— Mas eu já sei que elle morreu...

— Morreria; mas que eu saiba não. Quem póde dizer-lhe tudo é cá o snr. padre, que sabe a vida da snr.ª condessa desde que v. exc.ª nasceu.

— Desde que eu nasci?

— Pois então? O menino creio que está aqui desde que nasceu, ou pelo menos quem tem tratado sempre da sua educação é cá o snr. padre-mestre.

— Mas eu ainda ha pouco tempo sei que tenho mãe.

— Isso não admira, porque sua mãesinha esteve oito annos fechada sem ver sol nem lua...

— Por quê?

— Emquanto a mim é porque disseram ao snr. conde que a snr.ª condessa tinha um filho. Isto é, eu não affir-

mo, mas parece-me que sua mãesinha uma vez, estando em delirio, disse uma cousa que era isto, ou que se parecia com isto...

N'este momento, contra os meus desejos, appareceu o padre. Pedi a Bernardo que não dissesse o que me tinha dito.

O padre tratou-o affavelmente; louvou-lhe o cuidado de vir ver-me, e eu instei-lhe ternamente que viesse todos os dias, se podésse.

VI

Eu era verdadeiramente amigo d'este Bernardo, que vinha fallar-me de minha mãe, uma vez cada semana; mas em vão eu tentava a sua prudencia, pedindo-lhe circumstancias mais claras do passado da sua ama, da sua santa, como elle a intitulava.

Padre Diniz tinha-o talvez prevenido, impondo-lhe o silencio por condição, sem a qual não lhe permittiria fallar commigo.

Uma vez — era em agosto de 1832 — justamente no dia em que eu fazia annos, appareceu Bernardo, a suar por todos os póros, e a rir por todas as feições, e a abraçar-me com toda a vehemencia de uma alegria expansiva.

O que elle me queria dizer parecia que não lhe passava da garganta. O homem ria e chorava, e era todo elle uma vibração de contentamento!

— Que é isso, Bernardo, diga-me por que está tão alegre?!

— Deixe-me abraçal-o, que é um abraço que lhe manda sua mãe...

— Pois fallou com minha mãe? Ella quer ver-me? Já não está fechada no quarto?

— Está no quarto, mas é porque está ainda doente; não quer expôr-se ao ar, porque deseja viver agora...

— Pois que é?... diga, Bernardo... o tal homem teve pena d'ella?

— O tal homem... qual pena nem meia pena... Aquillo não é bichinho d'essas cousas... E' porque o snr. D. Miguel foi para o Minho, e quiz que o conde o acompanhasse.

— Que felicidade! E não tornará tão cêdo?

— Quem sabe?... Anda para lá a guerra dos malhados com os realistas, e se viesse uma bala... Deus me perdoe... que o partisse... Olhe que se não perdia nenhum macho de cem moedas.

— Mas olhe, eu agora posso ir sem mêdo a casa de minha mãe? Ella mandou-me ir?... Eu vou dizer ao padre que vou... sim?

— Tenha lá mão, fidalgo, por ora não vae a cousa assim. Sua mãesinha mandou-me procurar á casa onde eu estava, e apenas me disseram que ella me chamava outra vez para escudeiro, aquillo foi um fogo visto, corri a quatro pés ao quarto da minha santa condessa, e pouco me faltou para me pôr de joelhos a agradecer-lhe o lembrar-se do pobre velho, que aposto eu se ha pae que ame uma filha mais do que eu a ella, e depois d'ella o meu querido fidalguinho, que ha de ainda ser muito feliz, e muito amigo do seu Bernardo, não ha de?

— Hei de, hei de... mas... minha mãe... eu queria vel-a... Se lá não está o homem que aterra a gente com os olhos...

— Ha de ir, sim, senhor; mas deixe-me agora fallar primeiro com sua mãe, porque o conde ainda hontem

partiu, e quem sabe se lhe dá algum ataque de bexiga, que o faz tornar para traz? Com prudencia tudo se fará... Adeus, meu menino, dê este recado ao snr. padre Diniz da minha parte, e diga-lhe que as cousas correm ás mil maravilhas; ponto é que o diabo tome debaixo da sua protecção aquelle algoz de sua mãesinha, e meu, porque, a fallar a verdade, ainda lhe não disse a v. exc.ª que aquelle malvado dava-me bofetão e pontapé de crear bicho, só porque eu estava prompto a soccorrer a snr.ª condessa! Má raios o partam, Deus me perdoe... Então, adeusinho. Eu cá tornarei breve; haja gaudio, e viva o snr. D. Pedro, que teve a habilidade de fazer sair de cá o snr. D. Miguel, e o snr. conde, que, se não é isto, nem o diabo o tirava de casa.

Bernardo retirou-se, murmurando uma ladainha de pragas ao conde.

Eu, tão alegre como elle, corri ao quarto do padre, e dando-lhe a nova, que deveria, emquanto a mim, alegral-o, quasi lhe não fez impressão nenhuma.

Padre Diniz disse-me que esperava as ordens de minha mãe, e acrescentou que nunca me deixasse deslumbrar cegamente por uma esperança, que só tinha em si, como verdade, os nossos bons desejos. E, com esta sentença, mandou-me retirar, porque tinha que fazer e que pensar.

E retirei-me triste.

O homem desgraçado duvída tanto das lisonjas da esperança, que, se não encontra amigos que o ajudem a phantasiar formosas realidades, descoroçôa das suas previsões, descrê de si, e recáe no seu habitual desalento.

Procurei D. Antonia, e achei-a chorando. Pedi-lhe a razão das suas amarguras, e a boa senhora redobrou de

pranto, proferindo, entre soluços, uma tal ou qual prophecia do abatimento em que ella teria de ver a religião, se Deus, por sua misericordia infinita, a não chamasse a si.

No dia seguinte, Bernardo entregou uma carta a padre Diniz, e, na tarde d'esse mesmo dia, recebi a boa nova de que veria á noite minha mãe em sua propria casa.

Doudejei de alegria; mas não sei fazer entender aos outros como era aquelle meu contentamento! Parece que o meu sorriso era violento. Faltava em mim uma certa expansão intima e luminosa de que me fallam os felizes da terra, e que eu não experimentei ainda, nem já agora tenho a louca vaidade de esperar.

A's nove horas da noite estavamos, eu e o mestre, sentados no banco de pedra fronteiro á casa do conde de Santa Barbara.

Pouco depois, Bernardo conduziu-nos por um portal de quinta, e fez-nos entrar por uma cocheira, onde vi seges desmanteladas, arreios, e um não sei quê de ruinas, que fallavam de uma passada grandeza.

Subimos d'ahi a um corredor que nos conduziu a um salão. N'este vasto recinto havia um lampeão, que derramava pelas paredes pardacentas sombras phantasticas, á maneira de vultos encapotados, que davam ao logar uma solemnidade mysteriosa.

Bernardo mandou-nos sentar, e saiu.

Padre Diniz, apenas sentado, continuou no seu intimo recolhimento espiritual.

Reparei que nas paredes estavam quadros pendentes; aproximei-me, e apenas divisei traços de vultos humanos.

Não pude calar a curiosidade, e perguntei ao padre que quadros eram aquelles.

— São retratos — respondeu elle, sem levantar a cabeça da postura meditativa em que a tinha.

Contei os retratos, e vi que eram seis. Tornei a examinal-os um a um, e não pude penetrar além do vulto.

Um, porém, prendia-me a attenção mais que os outros, por isso que o bruxolear da lampada projectava as vezes um relampago fugitivo por sobre a escuridade da moldura.

E n'esse instantaneo clarão sobresaíam feições, e essas feições pareciam-me de mulher, e essa mulher queria eu por força que fosse minha mãe.

E, dando á voz toda a inflexão do carinho, perguntei ao padre se aquelle retrato era de minha mãe.

— E' — respondeu elle, e atou de novo o fio da sua meditação, quebrado um instante.

Tornava eu para a minha deliciosa investigação, quando Bernardo nos chamou.

O padre seguiu-o, e eu, conduzido pela mão, entrei no quarto de minha mãe.

Estava ella deitada em um canapé, com um tremó á cabeceira, e o cotovêlo esquerdo apoiado sobre o tremó.

A luz, que lhe alumiava o rosto, era tão escassa, que eu mal a distingui, quando entrei.

Minha mãe apertou a mão do padre, e susteve-se n'ella, querendo sentar-se; e não podendo conseguil-o, sósinha, disse-me que lhe amparasse a cintura para poder erguer-se.

E, depois que se sentára, ficou abraçada em mim, com a face pousada sobre o meu hombro.

Senti-lhe as pulsações velozes do coração, e a lavareda em que parecia abrazar-se-lhe o rosto. De instante a instante humedecia os beiços em um copo de agua, que eu sustinha na mão direita.

De improviso rebentaram-me as lagrimas dos olhos.

— Que tens, meu querido filho? — murmurava minha mãe, limpando-me a face com o seu lenço — Que tens? Não podes estar aqui feliz ao pé de tua mãe? Coitadinho! Como vaes tão depressa provando o teu manjar de toda a vida!... São as lagrimas precursoras...

Estas ultimas palavras disse-as minha mãe a padre Diniz, que nos contemplava com as mãos enlaçadas sobre o peito, procurando nas sombras, talvez, esconder o testemunho de suas lagrimas.

— Joãosinho, - disse o padre—falle com sua mãe... diga-lhe que tem soffrido muito com ella... Não tenha só eloquencia de filho quando falia commigo... mostre a sua mãe que é um homem perfeito em soffrimento.

— Não preciso que elle m'o diga, eu bem o sei... — atalhou minha mãe — Eu bem o sei, porque elle é meu filho, e já está senhor da herança... de uma alma, que subindo ao céo, devia deixar na d'este menino as dores, que são da terra... Joãosinho... tens quinze annos... não deves chorar como criança... Conversa commigo... sim?

E eu sorri-me com violencia; mas não sei que dominação moral exerceram sobre mim, n'aquelle instante, os meus quinze annos! Olhei-me com altivez, e parece que reprehendi em mim a criança que devera ser um homem ao pé de uma mulher que pedia protecção!

— Eu não choro, minha mãe... chorei um momento, mas ninguem póde dizer ao coração que o chorar é uma vergonha, não é assim?

E minha mãe respondeu-me com um beijo, e logo, encarando o padre, sorriu-se com um ar de espontanea alegria, que eu nunca lhe tinha visto.

— E não foi bem romantica a resposta, snr. padre Diniz?—disse ella.

— Eu já me não admiro—respondeu o padre.

— Não lhe pareceu ouvil-o... diga... não eram assim as suas respostas?

— As respostas de quem?—perguntei eu.

— Digo?—interpellou minha mãe, com os olhos fixos no padre.

— Porque não?—respondeu elle.

— Queres saber—tornou minha mãe—com quem te pareces nas tuas respostas, meu filho? Não adivinhas, sem que t'o digam? Não te falta na vida um ente, que, deixando-te no mundo, havia deixar-te de si alguma lembrança?

— Meu pae?—exclamei eu com energia e commoção.

— Sim, sim, sim, teu pae—bradou minha mãe, apertando-me freneticamente ao seio, e estremecendo toda ella na convulsão de uma febre.

Esta situação, demorada de mais para o seu debilitamento, prostrou-a, obrigando-a a deitar-se sem me largar a face da posição em que a tinha.

O padre, pensando que eu, assim reclinado sobre a face d'ella, devia incommodal-a, quiz desenlaçar me, e não pôde conseguil-o.

Minha mãe não chorava. Árida nas faces, e abrazada nos labios, parece que um vulcão intimo lhe queimára aquella parte do coração, onde o anjo dos allivios deve ter depositado o pranto.

Esta penosa situação, para todos nós, durou assim alguns minutos.

O desalento de minha mãe sobresaltou me muito. O padre, que sabia que doença era a d'ella, não deu si-

gnal de perturbar-se, e ajudou a sustentar o collo da pobre senhora em uma altura em que a respiração lhe fosse menos penosa.

As faces passaram-lhe de um pallido cadaverico ao vivo rosado de uma saude vigorosa; mas aquelle escarlate, destacando-se no rosto como duas romãs, carregava o azul-escuro das sombras, que lhe desciam das orbitas. E, depois, minha mãe, estremecendo, e levando a mão ao seio, como se o coração estremecesse com ella, denunciou por gestos que tinha alli uma grande dor.

Sentou-se, sem precisar do nosso auxilio; pousou a testa na mão esquerda; comprimiu o coração com a direita, e esteve alguns minutos n'esta postura, que eu e o padre contemplavamos sem dizer uma palavra.

Por fim atacou-a uma tosse, para a qual pareciam extinctas as forças de minha mãe. Que ella era dolorosa e violenta, denunciavam-o as contorsões do corpo, e o sangue que lhe saía ás golfadas sobre um lenço, que minha mãe collocava á bôca, como se quizesse esconder-nos aquelles indicios de uma vida a extinguir-se.

Reparando na minha inquietação, a desgraçada, como a luz que bruxoleia nos seus ultimós clarões, sorria-se com a graça de um anjo e com alegria de martyr.

— Não é nada, meu filho! — dizia ella — Vive-se assim muitos annos, quando se tem um grande espirito para soffrer. Deixa morrer o corpo, meu filho, que a alma é immortal, como o amor de mãe. Terás de viver longe de mim pela vida, mas has de entrar no meu seio pela morte. As nossas desgraças devem terminar aqui... Do tumulo para dentro não está uma pouca de cinza fria; lá é que principia a vida dos que se sentiram viver no inferno variado de mil tormentos... n'este inferno do mundo, em que a esperança da morte é o pa-

raizo dos infelizes... Não é isto assim, snr. padre Diniz?

— Falla como inspirada, snr.ª condessa,—respondeu o padre— e não póde assim fallar-se sem presentir o premio que Deus promette aos que choram...

— Ai!—murmurou minha mãe—aos que choram!... E que lagrimas, snr. padre Diniz! e com que resignação!... Sempre é muito forte a mulher quando lucta com os padecimentos! O que eu tenho soffrido ha doze annos, aqui, n'este quarto, com aquella porta fechada, com aquella janella pregada, com esta lampada accêsa noite e dia!... Tantas vezes ajoelhei pedindo ao Senhor o fim dos meus trabalhos!... E não era vã a minha oração... O que Deus me dava era coragem para futuros martyrios; era resignação para esquecer-me dos passados... mas esperanças... no mundo... nenhuma, meu filho, nenhuma o Senhor me dava, nem ainda a de encontrar-te um dia... E, comtudo, aqui estás tu nos meus braços!... nãs és tu meu filho?...

— Sim, sim, minha querida mãe...

— Pois que mais quero eu? Fui ouvida, fui attendida por Deus!... Na hora das supremas angustias, antes de cerrar as palpebras para sempre, quiz Deus que eu te visse! Agora... que meus olhos se fechem, porque não tenho mais que ver, nem o coração tem outros sonhos, que devam realisar-se aqui .. Um sinto eu, acordada, e dormindo... um sonho, mais que um sonho, uma anciedade do infinito, em cujo seio devo encontrar o anjo da minha mocidade, das minhas alegrias, e dos meus tormentos... Queres tu vel o tambem, meu caro filho? queres um dia ver o meu anjo, o thesouro de tua mãe, a estrella que lhe deu a luz na infancia, que lhe mostrou o céo na terra, e que um dia se escon-

deu aos meus olhos, porque fôra alumiar o sacrario do Altissimo?

— Quem é, minha mãe?... quem é?

— Quem é? — perguntas tu... E' uma saudade, é uma imagem que se não palpa, e eu sinto a vibrar-me em todo o corpo como sinto os teus labios nos meus... E' uma imagem, que me não falla a linguagem dos homens, e eu ouço a, noite e dia... ouço-lhe um hymno de felicidade, quando eu choro... e deixo de chorar, porque esta alegria do meu anjo é um grito de coragem ao meu espirito, que desfallece. Ainda não sabes quem é o anjo de tua mãe?

E eu ouvi lhe aquellas palavras quasi inintelligiveis pela expressão e pela idéa. Eram novas para mim aquellas pinturas, que eu não tivera tempo de encontrar nos livros, onde se acham escriptas as historias das paixões, nos romances, onde a gente vive todas as situações da sociedade sem ter passado por nenhuma. E, depois, minha mãe parecia fallar em um mundo que não era este. O seu rosto irradiava uma candura angelica e uma electricidade indizivel, que pareciam tornal-a superior a si mesma. Hoje é que eu vejo a menor linha de transfiguração d'aquelle rosto, onde a morte se ostentava tão bella, como se a aproximação do tumulo, a ultima quadra da vida, fosse tambem a primeira de uma nova innocencia, com todas as suas alegrias!

E minha mãe repetiu a sua pergunta:

— Não sabes quem é o anjo de tua mãe?

E voltando-se para o padre, continuou:

— Parecia que o coração devia adivinhar-lh'o, não é verdade, snr. padre Diniz?

O padre olhou para mim sorrindo se, e encolheu os hombros, como se pedisse a minha mãe desculpa da

minha pouca penetração. Mas por uma intuição que não sei explicar, lembrou-me de repente que o anjo das alegrias e das saudades de minha mãe era meu pae. Machinalmente proferi esta palavra com aquella intimativa de quem, na dúvida de adivinhar uma pergunta enigmatica, balbucia uma resposta incerta. E minha mãe enlevada em um arroubamento de jubilo, abraçou-me impetuosamente. Parecia agradecer-me o desafogo que eu lhe dera, pronunciando um nome, que o pejo lhe abafava no coração.

Padre Diniz, organisação nervosa e enthusiastica pelo sublime, achou n'aquelle abraço incentivo para uma d'estas emoções, que electrisam o sangue, e fazem saltar as lagrimas.

— Foi a natureza — dizia-me minha mãe — quem te ensinou esse nome?... Quem te disse a ti, meu filho, que o anjo das minhas saudades devia ser teu pae?

— Ninguem me disse que elle era um anjo — respondi eu — mas já sabia que minha mãe...

— Diz, diz, Joãosinho...

— Que minha mãe soffria muito por minha causa, e que a pessoa que a fazia soffrer não era meu pae...

— Não, não! — exclamou ella com vehemencia — Graças a Deus, que não é teu pae o meu algoz... Não podia sel-o... Oh! eu te amaldiçoaria se fosses filho de um monstro... Não me recordem esse homem, que lhe vejo a sombra, e a sombra d'esse tigre tem garras que despedaçam o coração!... Não posso acordar do pesadelo agonisante a que esse barbaro habituou a minha existencia! Custa-me a persuadir que elle não está aqui, espreitando as minhas palavras, o meu gesto mais innocente, e o meu pensamento mais occulto! E eu não podia pronunciar uma palavra que não fosse uma

provocação aos odios sanguinarios do meu carcereiro! Escandalisava-o meu silencio, quando pedia a Deus que me désse alentos. Escandalisavam-o as minhas palavras, quando lhe pedia a elle perdão de crimes, que eu não tinha! Que inferno, meu querido filho, que inferno tem sido esta lenta agonia de tua pobre mãe!... Oh! por Deus te peço, não te lembres de que entre mim e ti está esse homem, que partiu para longe, mas que deixou o seu phantasma pavoroso a vigiar-nos...

Minha mãe tinha subido a um grau de excitação, que fazia dó e receio. Padre Diniz interrompeu-a, distrahindo-lhe a attenção para um objecto que elle suppunha distrahir lh'a.

Fallou na saída imprevista do snr. D. Miguel, no desembarque do snr. D. Pedro, nas consequencias d'estes dois acontecimentos, e no futuro de Portugal. Penso que era isto, porque não attendi á exposição do padre, e penso mesmo que minha mãe lhe acenava com a cabeça, em ar de intelligencia, simplesmente por urbanidade.

Todavia a febre de minha mãe serenava visivelmente, como se a conversação do padre lhe suscitasse uma carinhosa esperança.

Ao toque de uma campainha appareceu Bernardo.

E minha mãe perguntou-lhe se tinha ouvido dizer alguma cousa. Bernardo respondeu negativamente, e saíu.

A tímida senhora explicou-nos, da seguinte maneira, este seu temor.

— Aqui, n'esta casa que chamam minha, sou eu quem dá explicação da sua vida aos creados, e estes receberam do conde de Santa Barbara o direito de não só espreitarem, mas até pedirem a sua mulher explicação dos actos de sua vida. Entre as creadas ha uma especialmente que vive aqui como senhora absoluta, porque

meu marido não precisou da benção matrimonial para conferir-lhe a soberania de rainha. Julguei algum tempo que me convinha ser amiga aduladora, e até escrava d'esta mulher. Cuidei que, merecendo-lhe o seu amor ou a sua piedade, desarmaria as cóleras de meu marido.

— Enganei-me. O sacrificio que fiz da minha dignidade fez que eu fosse de então em diante mais ultrajada por ella, e mais escarnecida por elle. O snr. conde saíu, e a sua valída retirou-se aos seus dominios...

— Ah! — interrompeu o padre — ella saíu d'aqui?

— Retirou-se aos seus dominios... quero dizer... fechou-se em metade d'esta casa, serve se com as suas creadas, que muita gente dirá que são minhas, creio até que recebe as suas visitas, e de vez em quando pergunta o que faz D. Angela de Lima, como ella me chama, para me não dar parte no titulo do *seu* conde de Santa Barbara. E foi com mêdo d'esta mulher que eu chamei Bernardo, porque, se elle me dissesse que a «minha ama» suspeitava da existencia de v. s.ª aqui, eu teria de ir curvar-me humilde aos pés d'ella, pedindo-lhe que me não denunciasse ao seu amante, que tem sobre mim direitos de marido.

Comquanto eu não comprehendesse logo toda a idéa occulta d'esta ironica humildade de minha mãe, entendi o que bastava para nutrir um odio, não de criança, um odio profundo á mulher de quem se fallava. Sem pensar anticipadamente o valor de minhas idéas, disse eu a minha mãe:

— Essa mulher tem aqui alguma cousa?

— Tem tudo, meu filho: tem um poder de senhora.

— E minha mãe?

— Eu tenho a humildade de creada... pois não vês

que mêdo eu tenho de que ella saiba que eu estou aqui comtigo, e com o teu mestre?

— Mas essa mulher deve ser castigada.

— Quem a castigará? Deus... não é verdade?

— Deus castiga, penso eu, no outro mundo; mas n'este mundo tambem ha castigos.

— Então que queres, meu filho... eu não posso castigal-a, porque ella é mais forte, e tem um homem á sua disposição.

— Que homem?

— O conde de Santa Barbara.

— Mas para esse,— disse eu energicamente — para esse tem minha mãe um filho.

— Pois queres defender tua mãe, meu anjo?

Minha mãe sorria e chorava, fazendo-me esta pergunta; e padre Diniz olhava o meu desembaraço com pasmo.

A' pergunta que ella me fez já eu não pude responder com a mesma resolução. Pensei que lhe desagradavam esses meus brios de homem, talvez por mal cabidos em um rapaz de quinze annos! Respondi a minha mãe com um sorriso e um gesto. Ambos me comprehenderam, e notei que padre Diniz, a meia voz, lembrava a minha mãe a inconveniencia de provocar-me em uma idade irreflectida. Conjecturei isto da resposta de minha mãe:

— Deus me livre d'essa tentação; mas não vê aqui o filho d'esse homem tão nobre como pundonoroso?

— E não será uma consolação morrer resignada nas mãos de um carrasco, quando se não morre abandonada de todo o mundo, quando se não morre sem um filho que dê valor ao sangue innocente de sua mãe?

VII

A condessa passava do abatimento á exaltação com admiravel rapidez. O rubor febril das faces mudava-se-lhe em pallidez repentina, apenas o silencio succedia á energia da palavra. E então via-se-lhe o cansaço no latejar do seio, e na lassidão das palpebras, que desciam amortecidas sobre as pupillas vidradas de lagrimas.

Eu cuidava que chamar-lhe «mãe» era restituir-lhe o vigor perdido. Algumas vezes esta palavra fazia estremecel-a, e abrir de repente os bellos olhos, onde a luz da alegria era um relampago, que eu não podia com os meus carinhos fazer durar alguns minutos. No seu sorriso para mim, e para as minhas estereis palavras de conforto, traduzia-se a violencia e o corajoso esforço da felicidade contrafeita.

No mundo é que eu aprendi a decifrar as amarguras nos sorrisos. Eu não sabia então que minha mãe era mais feliz quando chorava, que quando ria.

Padre Diniz fallava pouco; mas cada palavra sua era uma consolação, que tinha em si um preceito evangelico, e um conselho de extremoso amigo.

Nas mais demoradas syncopes de minha mãe eu pedia ao padre que a consolasse e alliviasse d'aquelle peso. Não me respondia, e o seu silencio de então é hoje bem eloquente para mim. Aquelle homem tivera demasiado tempo de saber que o coração, devorado no intimo por ulceras insanaveis, é como o sepulchro insensivel ás lagrimas da mãe, que lhe pede o filho; é como a dor que mata, superior em lucta desigual com as debeis forças da palavra confortadora.

Minha mãe, depois de olhar-me com attenção penetrante, e vacillar em uma irresolução que parecia affligil-a, disse a padre Diniz com voz suffocante:

— O meu filho não poderia viver commigo algum tempo, alguns dias, aqui?

O coração saltou-me no peito. Olhei para o padre, com gesto não menos supplicante que a voz de minha mãe. A alegria que transpirava dos meus gestos anciosos fez sorrir o padre, e irrradiou-se na face de minha mãe.

— Viver seu filho com v. exc.ª... — disse o mestre — não me parece isso um acêrto... Não acaba a snr.ª condessa de pintar-me a vigilante espionagem em que estão os seus actos?

— Tem razão... — murmurou minha mãe; pendeu a cabeça para o seio, e chorou.

— Mas o Bernardo — exclamei eu — não é bastante para esconder-me dos nossos inimigos? Eu peço-lhe, sim, minha mãe?

— Como has de tu pedir-lhe, meu querido filho?

— Digo-lhe que me deixe estar aqui de noite, quando as creadas estiverem recolhidas; e de dia esconde-me debaixo da sua cama.

O padre e minha mãe sorriram-se; mas o abalo que a desgraçada reflexão do padre lhe causou, fazia dó. A infeliz fora ferida no seu orgulho. A revelação, que ella nos fez do mêdo que tinha á sua creada, não lhe foi de certo tão pungente como a observação com que o padre respondeu á sua doce esperança de possuir-me. Foi o mesmo que dizer-lhe: «nada podes em tua casa, porque está ahi uma mulher, que tomaste como tua creada, e que teu marido revestiu de plenos poderes sobre os desejos mais santos do teu coração. Suffoca pois as ex-

pansões de tua alma, porque o amor que tens a teu filho não deve vencer o mêdo que tens a tua creada.»

E não ha affronta mais vilipendiosa a uma alma nobre!

Padre Diniz, reconhecendo a sua cruel sinceridade, procurou sarar a chaga, que só a morte podia cicatrizar.

— O menino lembrou bem — disse elle. — Com o auxilio de Bernardo é talvez muito mais facil não ser percebido aqui, e v. exc.ª bem sabe, sabe melhor que eu, os graves infortunios que podem seguir-se a uma accusação d'esta ordem feita a seu marido.

— Sei, sei — balbuciou ella.

— E com uma tal creada não é para admirar que no proximo correio o conde de Santa Barbara receba uma carta da sua.. creada, em que sua esposa é accusada de ter de portas a dentro...

— Não diga mais — interrompeu minha mãe afflicta. — Eu sei todas as consequencias... e a mais funesta é de todas a que eu mais appeteço.. Por Deus, snr. padre Diniz, desejo a morte como um agonisante de sêde deseja uma gotta de agua... Desejo esquecer-me dos meus verdugos, porque espero em Jesus Christo que a minha alma não vá d'este mundo com o odio, que n'este mundo lhe derramaram, á força, os malditos a quem meu marido encarregou o meu supplicio... Deixo meu filho, é verdade, deixo meu filho; mas tambem espero em Deus, que o amor, o santo amor de mãe, vá commigo á eternidade continuar-se no amor de Deus... Eu estou tão convencida d'estas verdades, que a minha fé me dicta, que começo a sentir a doçura dos padecimentos na certeza de que ha de vir um, e eu hei de vencel-o, e esse ha de ser o ultimo... E, depois, meu caro filho, tu ficarás no mundo com esta herança de fé, que tua mãe te deixa:

Se soffreres innocente, has de chegar a beijar a mão que te ferir de morte, porque... se não fosse a morte... que triste cousa era teres conhecido tua mãe para a perderes tão cêdo!...

— Snr.ª condessa!—interrompeu o padre—Essas idéas são justas e santas; mas v. exc.ª não póde caminhar voluntariamente ao termo final da sua vida, emquanto Deus lhe der modo de salvar-se da morte. D'ahi ao suicidio não vae grande differença... E' certo que seu marido tem má indole, e não se horrorisa diante da crueldade de assassinal-a lentamente; mas v. exc.ª tem a liberdade de fugir d'esta casa de martyrio, como quem foge á peeseguição de um punhal.

— Que idéa!—exclamou allucinadamente minha mãe — Que idéa!... E posso eu fugir d'aqui sem que o mundo me calumnie, sem ter de envergonhar-me de algum ultraje, que desvirtue a minha vida de mulher casada?!

— Póde, — respondeu serenamente o padre — póde, porque a justiça de Deus é superior ao juizo dos homens. Que póde o mundo dizer? A condessa de Santa Barbara deixou seu marido. Por quê? Se houver uma bôca perversa que cuspa a infamia no caracter virtuoso da condessa de Santa Barbara, a voz da verdade fará calar o calumniador: e eu, homem cujos labios se não deshonraram ainda pela mentira, e que agradeço a Deus a consideração que o mundo me dá, sairei a publico, entrarei nos salões, fallarei nas praças, e, se for preciso, quando o conde de Santa Barbara ousar assentir aos calumniadores de sua mulher, eu bradarei bem alto: «este homem mente como um vil!»

Minha mãe, exaltada pelo enlevamento magestoso do sacerdote, saltou do canapé, tomou as mãos do padre,

e caiu de joelhos, soluçando palavras inintelligiveis. Nem então, nem hoje posso explicar a força que me fez tambem ajoelhar! Minha mãe, vendo-me ao pé de si, lançou me o braço esquerdo pelo pescoço, e disse-me com voz balbuciante:

— Chora commigo, meu filho, aos pés de um homem, que quer salvar tua mãe!

O padre fez nos erguer, e conduziu minha mãe ao canapé. A's emoções d'esta triste grandeza não resistem os caracteres ignobeis, quanto mais o de um homem, cujos labios não tinham sido deshonrados pela mentira! Padre Diniz tinha a face inundada de lagrimas, que pareciam paralysar-lhe o dom da palavra. Pelos gestos conhecia-se que o digno ministro de um Deus misericordioso nos queria dizer que a sua missão era aquella, e que o sublime d'aquelle quadro estava no Evangelho e não no interprete; estava em Deus, que mandava, e não no homem, que obedecia.

— Ainda posso ser muito feliz n'este mundo, não é assim, snr. padre Diniz? — perguntou minha mãe, com estranha alegria.

— E qual é o christão que não póde ser feliz n'este mundo? — disse o padre — O que são as perseguições aqui em baixo n'estes tres dias de peregrinação? V. exc.ª póde ser feliz mudando de situação, porque, em verdade, não sei que possa peiorar de soffrimentos...

— Pois bem... eu deixo esta casa... mas... — E minha mãe n'esta hesitação foi comprehendida pelo padre.

— Mas...—acudiu elle—quer um tecto hospitaleiro, onde possa viver com seu filho... não é assim?

— Sim, sim, — exclamou ella como delirante — com meu filho... Não posso aspirar a tanta felicidade... é

muito para mim, que tenho sido tão desgraçada... é uma illusão que quero nutrir sem que Deus me diga que posso realisal-a...

— Póde! — retorquiu o padre com confiança.

— Posso? viver com meu filho? em paz? sem remorsos? sem temores?... posso?

— Póde, snr.ª confessa. O mestre de seu filho não será indigno de ter como hospeda, como filha, e como irmã, sua mãe.

— Oh meu Deus!

Minha mãe, n'esta exclamação, com as mãos erguidas, exprimiu o sentimento que não posso eu descrever. Creio que aquella elevação para o céo era uma expansão do reconhecimento, porque eu tenho sentido, na minha longa vida de trabalhos, necessidade de agradecer a Deus uma ventura das que eu, habituado a soffrer, já não ousava pedir. E este reconhecimento do infeliz é, porventura, um grande testemunho a favor d'essa mão invisivel, que a Providencia dá aos desgraçados que tocam a borda do abysmo.

N'este lance o silencio era o seu mais sublime complemento. Padre Diniz contemplava minha mãe com uma santa alegria, e parecia que na viva satisfação do rosto se lhe via brilhar a gloria do homem, que póde ao pé de uma innocente desgraçada exclamar:

— Salvei-a!

V.II

E minha mãe, animada pela esperança de melhores dias na terra, parecia rehaver o viço das faces, aquelle

rosado da saude, que não é o escarlate incendiado da febre, ou a pallidez sombreada do moribundo. Até esse momento, nunca eu lhe vira outro colorido no rosto.

Era, pois, a possibilidade de abandonar aquella casa que a salvára. Não se explicará naturalmente a robustez e o desembaraço, que, tão depressa, tomou o corpo alquebrado de minha mãe! Aquella fronte, alumiada pelo sol da esperança, restaurou a nobre altivez de sua magestade acurvada pelo aviltamento. De pé, como a tige da flor, que uma gotta de agua revocou á vida, minha mãe sentia-se viver das expansões delirantes do espirito. Era uma criança a doudejar de alegre, abraçando-me com frenesi, beijando com ternura as mãos do padre, e communicando-nos o seu contentamento, como um excesso de vida, que lhe não cabia no coração.

— Se esta esperança fosse uma mentira — dizia ella — eu seria mais desgraçada.

— Eu não minto, snr.ª condessa — replicou o padre, dando á physionomia um gesto de severidade em que se revelava a firmeza das suas tenções.—Hoje mesmo — continuou elle — se v. exc.ª quer, entrará com seu filho em minha casa, com a mesma liberdade com que entraria na casa de seu pae, se o tivesse.

— Hoje mesmo!...—exclamou minha mãe — Hoje mesmo!... sim... e por que não ha de ser hoje mesmo?... Este convite que v. s.ª me faz, bem póde ser um aviso de Deus... eu devo talvez fugir hoje mesmo... O anjo protector de meu filho e o snr. padre Diniz, e talvez seja tambem o meu... Mas... hoje mesmo... que dirão... oh! minha querida mãe, inspira-me do céo!...

E uma força superior á minha vontade fez-me dobrar os joelhos aos pés de minha mãe, supplicando-lhe que deixasse aquella casa n'aquella mesma noite. Padre Di-

niz fortaleceu os meus rogos, pedindo-lhe que attendesse ao fervor com que eu lhe pedia. Minha mãe, irresoluta um instante, tocou uma campainha. Bernardo appareceu.

— Bernardo—disse ella—posso sair sem ser vista?

— Quando v. exc.ª quizer.

— Posso levar commigo um bahú?

— Estou eu aqui para leval-o—respondeu Bernardo.

— E' aquelle—disse minha mãe, apontando para uma caixa de couro marchetada de amarello.

A minha alegria era como um alvoroço intimo, que me não deixava certificar da realidade d'aquelle bello sonho.

Bernardo saíra com o bahú: minha mãe cobriu-se do mesmo manto, que lhe vira nas duas vezes que lhe fallára; os seus passos para a porta eram firmes e resolutos; mas, voltando a face machinalmente para o interior do quarto que deixava, fraquearam-lhe os passos, cansou-lhe a coragem, e anuviou-se-lhe o brilho das faces, como se por entre as cortinas do leito lhe acenasse uma larva aterradora. Encostada ao alisar da porta, pousou a cabeça sobre a mão esquerda, e segurou-se com a direita ao braço do padre.

— Então que fraqueza é esta, snr.ª condessa?—interpellou o padre.

— Sou uma fraca mulher... a desgraça dá cabo do corpo e do espirito... nem para buscar a ventura deixa coragem á infeliz!...

— Que sente, minha mãe?—perguntei eu, beijando-lhe enternecidamente a mão gelada.

— Que sinto, meu filho? Nem eu posso dizer-te... E' o peso do meu destino... E' a minha consciencia que me diz que não devo tentar a felicidade, da qual não tenho direito ao menor quinhão...

— Não falle em destino, senhora—interrompeu o padre.—Deixe essa palavra ao povo, e aos impios, mais ignorantes que o povo. O destino é uma palavra vã, é uma negativa ao que Jesus Christo nos diz dos soffrimentos n'este mundo, e dos contentamentos no outro...

Emquanto o padre proseguia n'este discurso religioso, que não pude reter na memoria, abracei minha mãe pela cintura, e senti a tremer como em uma febre intermittente.

O susto obrigou-me a interromper o padre. Pedi a minha mãe que se sentasse, e consegui, ajudado pelo mestre, sental-a no mesmo canapé, d'onde, ha pouco, a vira levantar-se com tanta energia.

Ahi, a infeliz escondeu o rosto entre as mãos, e soluçava anciadamente.

Bernardo voltava de collocar o bahú fóra do palacio. Minha mãe estremeceu quando sentiu passos estranhos no quarto. O terror habitual da sua vida afinára-lhe o systema nervoso, a ponto de figurar lhe em cada ruido os passos do seu domonio domestico, que se aproximava com o flagello da morte lenta.

— Ah! és tu?...—exclamou ella.

— Sim, minha senhora; agora o que resta saber é para onde vae o bahú.

— Para minha casa—respondeu o padre.

— Sim, sim, para nossa casa—acrescentei eu.

— Para nossa casa!...—disse minha mãe, sorrindo ternamente para a minha franqueza.

— Pois é o que se devia ter feito ha muito...—disse Bernardo com aquella chã sinceridade, que tão bem cabe em um amigo.

Minha mãe sorriu-se ainda ao decidido applauso de Bernardo, e, vencendo um esforço que lhe sofreava o

coração, ergueu-se outra vez corajosa e animada como ha pouco.

D'esta vez não voltou o rosto ao transpôr a porta do quarto. Padre Diniz, prevenindo a repetição do acto, tomou-a pelo braço, e parece que a levava por força.

E depois atravessamos silenciosos o salão por onde vieramos: era o salão dos retratos.

Ahi, minha mãe largou o braço do padre, e foi ajoelhar-se diante de um dos seis quadros, cujas feições eu não podéra enxergar.

Nem ao menos murmurava a sua oração, se era uma oração o que ella fôra alli fazer com a linguagem mystica do espirito.

Pé ante pé, acerquei-me do padre, e perguntei-lhe baixinho se aquelle painel era a imagem de alguma nossa Senhora.

Respondeu-me que era a imagem de uma santa.

Perguntei ainda o nome da santa.

Respondeu-me que era minha avó, a mãe d'aquella outra martyr que estava de joelhos.

—E por que não hei de rezar tambem?—interroguei eu.

—Ninguem o priva, menino, reze tambem, peça-lhe que leve á presença de Deus as lagrimas de sua mãe.

E eu fui ajoelhar-me ao lado d'ella. Não sei quaes então foram os pensamentos calorosos, que a minha innocencia elevou á imagem d'aquella que vivia em minha mãe pelo espirito de martyrio. Sei que havia eloquencia na minha fé, e esperança na minha oração, mas se hoje me pedirem uma palavra d'aquellas, uma lagrima das que então chorei n'aquelle vehemente fervor, eu terei de pedir primeiro aos homens que me restituam a minha innocencia, a minha fé, e o thesouro de virtude que me roubaram.....

Minha mãe levantou-se, e caminhou com firmeza, mas calada, e recolhida, como se continuasse ainda a sua prática com os espiritos invisiveis.

Durante o transito do palacio á casa de padre Diniz, minha mãe careceu do nosso amparo, algumas vezes, para não cair desfallecida. Apenas podemos arrancar-lhe algumas palavras, apesar de todas as diligencias que fizemos por distrahil-a.

Quando entramos no meu quarto, saía Bernardo de pousar o bahú. Minha mãe fez-lhe signal de acompanhal-a, e disse-lhe:

— Vae para casa, e vem ámanhã participar-me o menor incidente. Tem cuidado que te não sigam, nem te vejam entrar n'esta casa. Queria remunerar-te os teus serviços, meu amigo leal, mas sou pobre como sabes, e se fosse rica seria muito melindrosa em recompensar-te, porque o teu coração é nobre de mais para ser pago com dinheiro.

Bernardo chorava, e não podia articular os gemidos com que se despediu de nós.

Minha mãe, movida pelos carinhos de D. Antonia, passou a apparentar um socego e contentamento de espirito, que fazia a felicidade de todos nós.

IX

Não houve algum incidente desagradavel. Minha mãe parecia feliz, e nós procuravamos, com as nossas conversações alegres, sustental-a n'aquella sua distracção.

Até á uma hora da noite, estivemos juntos no meu quarto. Depois, minha mãe recolheu-se ao de D. Antonia, onde fora preparada a cama.

Quando me levantei, na manhã do dia seguinte, vi da janella do meu quarto que minha mãe passeiava no jardim.

Corri, cheio de alegria, a beijar-lhe a mão, reprehendendo-lhe docemente não me ter mandado chamar. Respondeu-me que o somno da manhã era a unica hora feliz do dia para as pessoas pouco venturosas, e não quizera por isso acordar me. Disse mais que se erguera muito cêdo, porque dormira quatro horas um somno socegado, o que não lhe acontecera ha muitos annos; e, como não podesse nem precisasse dormir mais, viera, com permissão de D. Antonia, recordar, sósinha, a ventura que Deus lhe concedera em umas poucas de horas, sem que alguma nova desgraça lh'a perturbasse.

Minha mãe fez-me sentar ao pé de si, e inclinou-me a cabeça sobre o seu hombro. N'esta postura, estivemos silenciosos alguns minutos.

E' inexprimivel o gôso de minha alma n'aquelles rapidos instantes.

Eu, e minha mãe, precisavamos d'aquelle recolhimento, d'aquella mudez, em que o coração parece povoar-se-nos de espiritos celestes, que fallam uma linguagem, que a lingua humana não articúla.

E tanto assim é, que, se, n'aquelle momento, me perguntassem o que eu sentia, não me fora possivel definir com a palavra as vagas imagens que tanto me diziam.

E, como eu então notasse a insufficiencia das minhas idéas, para revelar a expansão de immensa felicidade que me enlevava, lembrei-me se a falta seria de mim e

da minha falha de palavras. E, por isso, pedi a minha mãe que me dissesse o que sentia.

Respondeu-me que não podia.

— Olha, meu filho, eu penso que Deus não concede á palavra a soberania que concede ao espirito. As grandes dores são mudas como os grandes jubilos. Em situações de infinita amargura, cheguei a um estado de não poder gemer. Ajoelhei muitas vezes, sem balbuciar uma palavra queixosa ao Deus da justiça, porque a não tinha. E já hoje ajoelhei aos pés da minha cama, com o coração a trasbordar de alegria, e tambem não tive uma palavra com que agradecesse ao Deus da compaixão os momentos de felicidade que me dá. O que sinto agora, meu caro filho, é um desafogo na alma, uma primavera na vida, um não sei quê de felicidade, que só pode comparar-se ao transporte do convalescente, que se levanta de um leito de prolongado soffrimento para respirar o aroma das flores de abril. Comprehendeste me, meu filho?

— Sim, minha mãe — respondi eu. — Comprehendi, porque eu, se podesse fallar como falla minha mãe, não saberia responder com outras palavras; mas não somos nós tão felizes?... não parece que Deus nos está olhando n'este momento com tanto amor? A gente nunca deve suppor-se desgraçada de todo...

— Por quê, meu filho?

— Porque nós eramos hontem muito infelizes, choravamos muito, e estamos aqui agora abraçados, e tão venturosos, que nem podemos dizer por que somos tão felizes...

— E se o dia de ámanhã assim não for?

— E por que não será?! A mãe não quer levantar se ámanhã como hoje, vir como hoje ao jardim abraçar seu

filho... dizer-lhe que ha de fazer o mesmo no dia seguinte...

— Ah! sim, meu filho, eu queria como não póde querer-se mais á vida, ao amor e á salvação; mas os designios do Senhor são tão occultos... e o mundo está sempre tão acordado para não deixar adormecer a desgraça no coração de uma mulher infeliz...

— Pois que ha agora a receiar?

— O meu passado... meu filho... o meu passado...

N'este momento, vimos Bernardo descer para o jardim. Minha mãe sobresaltou-se quando o viu, e murmurou com voz trémula:

— Que desgraça virá annunciar-nos?...

Bernardo justificava o triste presentimento de minha mãe: vinha pallido, e assustado, como se o perseguissem.

— Que ha, Bernardo?—perguntou minha mãe com sobresalto, saíndo-lhe ao caminho.

— Não ha boas cousas, snr.ª condessa... O demonio está da parte dos máus sempre a tecer contra os bons.

— Pois que é?

— Que ha de ser, minha senhora...Era meia noite, e bateu á porta o snr. conde...

— O snr. conde!—exclamou atribuladamente minha pobre mãe.

— E' verdade. Eu fiquei sem pinga de sangue, quando lhe ouvi a voz.

Minha mãe transfigurou-se rapidamente, perdendo a vivacidade que ha poucas horas principiava a agitar-lhe as feições, de antes paralysadas pela dor. E receiando ser vista no quintal, onde realmente não podia sel-o, levantou-se precipitadamente, tomou-me pela mão, e correu a esconder-se no meu quarto.

Bernardo entrou comnosco, e em seguida o padre e D. Antonia.

— Ha algum acontecimento? — perguntou o padre.

— Era impossivel que o não houvesse... — respondeu minha mãe, e continuou com um triste sorriso, semelhante a uma ironia ás suas proprias desgraças. — «Eu não te disse, meu filho, que o dia de amanhã não seria como o de hoje!... Enganei-me, porque a desgraça estava outra vez commigo, quando eu suppunha que ella me daria algumas horas de trégoas...»

— Pois que foi? — interrompeu o mestre, voltando-se para Bernardo.

— Chegou o snr. conde; é o que aconteceu, quando ninguem o esperava — respondeu o creado.

— N'esse caso — tornou o padre com estranho contentamento — n'esse caso, snr.ª condessa, levante as mãos a Deus, e agradeça-lhe não estar em casa para o receber.

E minha mãe fitou um olhar de profunda reflexão na face do padre, como se aquellas palavras confortadoras tivessem feito em sua alma uma saudavel impressão.

Bernardo continuou:

— O snr. conde foi direito ao quarto de Eugenia; e encontrando-me em um corredor, onde vim cumprimental-o, disse-me que não era preciso que a snr.ª condessa soubesse da sua vinda. Não respondi nem uma palavra; mas sentia cá por dentro uma afflicção d'aquella casta! Em vez de me ir deitar, estive de vigia a ver o que se passava, porque eu não sabia verdadeiramente o que vinha a ser aquella recommendação de não dizer á snr.ª condessa que tinha chegado o seu marido, tão depressa, saíndo por tanto tempo. Antes de mais nada, desci á cavallariça, e perguntei ao lacaio se o snr. D. Miguel tinha voltado. Disse-me que não. Perguntei-lhe por que tinha

vindo o snr. conde, que fôra na companhia do rei: respondeu-me que não sabia, nem se lhe importava saber. Fiquei como de antes. Descalcei os sapatos, e vim em palmilhas até á porta da sala, onde está a porta do quarto da creada. Esta porta estava aberta, e deixava ouvir tudo o que lá se dizia. Ouvi algumas cousas, que ainda me não esqueceram, porque até as escrevi, para as vir dizer á snr.ª condessa...

— Não, não, Bernardo — interrompeu minha mãe.— Não quero saber as conversas de meu marido com a sua creada.

— Mas talvez seja util e necessario sabel-as...— disse o padre.

— E o certo é que é muito necessario sabel-as — redarguiu Bernardo. — V. exc.ª dá licença que eu as conte?

— Sim, dou, diz tudo; ainda que seja para meu mal.

— Pelo contrario—tornou Bernardo—talvez que tudo seja para bem. Foi assim: O snr. conde estava a dizer á creada, que chegando a Santarem tivera muitas saudades d'ella, e conhecera que já não podia viver sem ella; e por isso se fizera doente, e fôra deitar-se, dizendo que tinha febre; e que o snr. D. Miguel, pensando que era verdade a sua doença, lhe dera licença de vir tratar-se a sua casa, e procural-o em Braga, depois que estivesse restabelecido. Que tencionava demorar-se alguns dias, e depois tornava a ir, levando a creada em sua companhia, porque não podia viver sem ella. Ora aqui está o que se passou até ás duas horas, em que me fui deitar, porque se fechou a porta do quarto.

Olhei para minha mãe, e vi-lhe o semblante prodigiosamente sereno. Esperei ouvir-lhe uma palavra, mas

não se abriram seus labios, fechados por um sorriso inexprimivel.

D. Antonia tinha-se benzido duas vezes durante a narrativa de Bernardo. Eu sentira-me feliz por concluir de tudo aquillo que minha mãe continuava a ser minha mãe, e minha companheira.

— Está dito...—disse Bernardo—o snr. conde levanta-se das dez para as onze, e eu vou ver o que acontece agora.

Com estas palavras, conhecemos todos que o verdadeiro acontecimento devia dar-se quando o conde não encontrasse em casa sua mulher. Não trocamos palavras, mas o silencio em que Bernardo nos deixou, era o susto em que todos ficavamos.

X

Quem soffre muito, com raros intervallos de repouso familiarisa-se com a dor. Nas pessoas muito infelizes ha uma renúncia voluntaria do seu quinhão de prazer, quando chegam a convencer-se da esterilidade de seus esforços por uma sorte melhor.

A dolorosa prática d'estas idéas, conhecia-a na presença de espirito com que minha mãe ouvira Bernardo, e esperava ainda ouvil-o, depois que o conde a não achasse em casa.

Reparei muito então, e avalio hoje mais aquelle seu sorrir indecifravel, quando o creado lhe contava os extremos de seu marido pela sua creada.

O amor proprio ferido, o orgulho senhoril aviltado, o

desprezo absoluto em que seu marido a tinha, sacrificando a honra de ambos ás saudades de uma creada, estas affrontosas vexações ao coração de minha pobre mãe, arrancaram-lhe apenas um sorriso de apparente indifferentismo.

Seria indifferentismo?

Não era, não. Era a resposta mais nobre que uma senhora podia dar. Era a expressão mais leal de um espirito pundonoroso que, ainda na desgraça, recebe com magestade a extrema das vilanias.

A mulher trivial desencadearia uma trovoada de epithetos a seu marido e á sua ignobil rival. Vomitaria golfadas de maldições sobre o seu algoz; e protestaria vingar-se d'elle, obrigando-o a córar quando visse sua mulher usurariamente paga de suas infidelidades conjugaes.

Tive muitas vezes, no trabalhoso curso da minha vida, occasião de comparar minha mãe. Cheguei a ser «povo», acreditando na superstição do sangue nobre; mas quem ao depois me desilludia este prestigio eram as mulheres fidalgas, que desciam ás iras soezes e plebeias, se o ciume lhes azedava o sangue... azul.

O que, em verdade, conclui de todas estas variantes, foi que este planeta, organisado por Deus, e entregue á administração dos homens, não podia cair em peiores mãos.

Mas não vá eu perder me em abstracções fastidiosas para mim e para os que me lerem estas pungentes reminiscencias.

Era á tarde, quando Bernardo voltou. Esperavamol-o anciadamente, eu e o padre. Minha mãe, essa parecia indifferente, ou pelo menos resignada não sei para que novos tormentos, que de seu marido podiam vir-lhe.

Bernardo contou assim o que presenciára:

— O snr. conde ás onze horas ergueu-se, e a creada poucos minutos antes veio á cozinha dar ordens para o almoço. Eu fui quem levei o taboleiro para a ante-camara da moça. O snr. conde saiu do quarto, com ella ao seu lado, e parecia muito contente da sua vida. Sentaram-se, e mandaram-me sair. Ao meio dia tocaram a campainha, e eu fui buscar o taboleiro. Quando me retirava, chamou-me o fidalgo, e perguntou-me se a snr.ª condessa já estava a pé. Respondi que não sabia. Mandou-me saber. Não estava má esta! Que havia eu de fazer n'estas entalas? Estive um bocado por alli a passar tempo, e lá quando me pareceu fui-lhe dizer que a snr.ª condessa não estava no quarto. Perguntou-me elle onde é que estava; respondi-lhe que não sabia. Disse-me que fosse sabel-o. E vae eu comecei a perguntar aos creados se sabiam onde estava a snr.ª condessa; respondiam-me que não. Forte novidade! podera responderem-me que sim... Tornei ao snr. conde, e disse-lhe que ninguem sabia dizer onde estava a senhora. E vae elle fita os olhos espantados em mim, e grita como um endiabrado:

«— Quem foi que te chamou outra vez para esta casa? Eu não te tinha mandado embora?

«Fiquei atordoado com estes gritos, e quasi que me ia engasgando!

«— Responde, — gritou elle outra vez — quem foi que te chamou para esta casa?

«— Foi a snr.ª condessa — respondi eu, com todo o desengano.

«— E onde está essa mulher?

«— Não sei dizer a v. exc.ª

«— Vou-te mandar amarrar, bregeiro, e vergalhar

como a um preto, até dizeres onde ella está — disse elle. Subiram-me cá uns certos fumos á cabeça. Eu sempre fui homem prudente e temente a Deus; mas quando me querem chegar ao forro da camisa, não conheço ninguem. Não pude conter cá a raiva, e sempre lhe fui dizendo, que não seria facil amarrarem-me contra a minha vontade; que, se eu estava n'aquella casa, era porque a dona d'ella me mandára chamar; o mais que o snr. conde podia fazer era mandar-me para a rua, e pagar-me primeiro. O fidalgo pôz-se a olhar para o lado, como quem procurava com que me atirar á cabeça. O que estava mais á mão era uma cadeira, que de certo viria sobre mim, se a Eugenia lhe não agarrasse no braço, dizendo-lhe palavras ternas. Foi o que me valeu a mim, e não sei se lhe diga, snr.ª condessa, que não foi máu para elle; porque, favas contadas, elle a dar-me com a cadeira na cabeça, e eu a procurar-lhe a barriga com uma navalha, Deus me perdoe! A creada levou o pelo braço para o quarto, e fez-me signal de que me escapasse. Não foi preciso segundo. Fiz a trouxa, e mandei-me mudar, e não trouxe saudades. Ora aqui está o que eu sei.»

Minha mãe conservou-se na sua admiravel atonia moral, emquanto Bernardo fallou. Eu e o padre algumas vezes sorrimos ás franquezas de Bernardo, que não poderiam, sem a giria plebeia, causar vontade de rir. O padre Diniz offereceu acolhimento em sua casa ao fiel creado; mas nem elle nem minha mãe poderam conseguir que se aproveitasse, visto que não precisavam d'elle para o trabalho. Aquelle amigo leal chorava quando se despedia de nós; e consolava-se com a esperança de ser um dia testemunha da nossa felicidade.

Estavamos, portanto, privados de saber o que se pas-

sava em casa do conde de Santa Barbara. Minha mãe não se mostrava interessada n'isso, e parece que se esforçava por afastar semelhante assumpto das nossas conversações. Eu estimava muito esta simulada serenidade de seu espirito; mas padre Diniz conhecia melhor que eu o coração humano, quando disse a minha mãe:

— Eu vou sondar por terceiras pessoas o que se passa em sua casa, snr.ª condessa. Penso que não poderei saber cousa que mais aggrave o seu infortunio; pelo contrario, é de crer que seja a favor da tranquillidade de v. exc.ª tudo o que se tiver passado.

— A favor da minha tranquillidade!... — interrompeu minha mãe.

— Por certo... Não podemos esperar que o conde de Santa Barbara se converta em um bom marido. Eu estou persuadido d'isto, se é que a Providencia me não desmente com algum milagre. E emquanto Deus não vier directamente intervir nos negocios dos homens, eu penso que a indole de seu marido ha de ser sempre a indole do seu algoz, e perdoe-me v. ex.ª esta maneira de chamar ás cousas pelo seu nome. O que primeiro devemos pedir a Deus é a regeneração d'esse homem; e se as nossas orações não bastarem para conseguirmos tal maravilha, devemos pedir que o desvie para longe de uma infeliz senhora, que não deve deixar-se morrer, pedindo á justiça divina que a vingue. Um crime menor vae afastar esse homem de um crime maior. Seu marido, abandonando Lisboa para mais livremente saborear os amores da sua creada, deixa a v. exc.ª uma respiração mais livre, um ar mais puro, e uma sombra de menos a perseguil-a de noite e de dia. O que elle não póde roubar lhe é a suprema felicidade, que v. exc.ª deve agradecer a Deus, porque é innegavel que o mal é uma

planta da terra, e o bem um orvalho do céo. Embora esse orvalho nem sempre nos converta os espinhos da mortificação em flores de paciencia, devemos agradecer muito ao Altissimo os pequenos beneficios, que bastam para compensar-nos grandes amarguras. V. exc.ª tem um filho e tem um pae. Este nome quero-o para mim; e se uma infeliz amiga não desdenha que eu a intitule minha querida filha, ha de seguir os dictames de um homem de cabellos brancos. Mulher que ama seu filho, póde dizer ufanamente que o seu coração está cheio de amor. Eu não sei que possa desejar-se na terra mais suprema felicidade. O amor de mãe, este amor tão santo, este reflexo da ternura de Maria Santissima, é o vinculo que prende as delicias dos anjos com as raras alegrias da terra. Que mais quer, snr.ª condessa? não tem aqui seu filho?

— Tenho, tenho, — exclamou minha mãe, abraçando-me com exaltada vehemencia — tenho aqui meu filho, e tenho mêdo que m'o roubem, tenho mêdo que Deus o chame para junto de seu pae... Oh! snr. padre Diniz! eu sou tão desgraçada, que tremo até de pedir um bem tão simples, como se tivesse a certeza de que não tenho direito ás migalhas de felicidade que sobram ás mais pobres mães, a essas pobres mulheres, que apagam com lagrimas a sêde de seus filhos. Pois não vê? Acha que esse homem não fará valer toda a sua auctoridade em Lisboa, para vir-me arrancar dos braços d'esta criança? Não sabe, meu querido pae, que este menino é a innocente causa dos meus padecimentos, ha tantos annos?

— Sei, sei-o de mais!... — respondeu o padre — mas Lisboa não é uma aldeia. V. exc.ª viverá em minha casa, desconhecida, como se, em vez de entrar aqui, se afogasse no Tejo, ou fechasse sobre si a lousa de uma se-

pultura. Quando fosse possivel ser descoberta a sua existencia em casa do pobre mestre de meninos, v. exc.ª acharia n'esta pobre casa os meios necessarios para transportar-se com seu filho a duas mil leguas de Lisboa. A benção de Deus não desamparou Agar no deserto. A victima que foge a um sacrificio de morte, que lhe não é necessario para salvar a honra, em toda a parte encontra a mão invisivel da Providencia a ministrar-lhe o sustento dos que padecem por amor de justiça.

Minha mãe, ajoelhando aos pés do sacerdote, regava-lhe com lagrimas as mãos.

XI

Padre Diniz dedicára-se exclusivamente a consolar a sua filha adoptiva. A sua conversação era quasi sempre o meu futuro. Ninguem, como elle, saberia desenhar tão bellas perspectivas. E não sei que toques de certeza os seus quadros tinham! Minha mãe ouvia-lhe aquellas famosas illusões, e juraria pelas realidades d'ellas, como se o padre fosse um propheta.

Não seria propheta, mas tinha o dom mais sublime do anjo do conforto. Eu, no abatimento escuro em que hoje me vejo, n'este abandano mortal a que votei as mentiras da vida, seguiria por toda a parte a um homem, cuja linguagem arrojada em visões estranhas podesse arrebatar-me o ouvido, já que o espirito não póde tirar dos seus recursos uma illusão momentanea. Eu queria deparar esse homem, para viver alguns annos das bellas chimeras dos seus sonhos, lançar-me fóra

d'este globo em que me vejo cansado em um giro de infortunio, e acabar de convencer-me que o phantastico é a cousa unicamente boa d'este mundo.

Ora o padre Diniz era um homem de suprema intelligencia, porque recebera do céo a imaginação creadora. Uma vez, sentados, á tarde, sob as sombras das faias do quintal, eu e elle e minha mãe tinhamos caído em um silencio profundo. Padre Diniz estivera longo tempo embebecido nas bellezas do horizonte, onde o sol, como a lava de um vulcão, parecia espirrar linguas de fogo á superficie das aguas.

Eu, attrahido pela meditação extatica do padre, procurava comprehender os mysterios que seriam vistos por elle na magestade do sol, atufando-se nas ondas.

Minha mãe não olhava para o céo, nem para a terra: as suas visões eram lá no interior do seu espirito, onde os nossos olhos não podem penetrar. Com as mãos entrelaçadas, e a cabeça pendida sobre ellas, minha mãe poderia chorar em segredo, se uma lagrima escorregando-lhe até os labios, não viesse dizer-nos que um grande peso de infortunio não deixa levantar os olhos para admirar os augustos quadros da creação.

E é assim; porque a desgraça é-me sempre mais intoleravel, quando vejo, fóra de mim, uma bella natureza, serena como a paz, risonha como a alegria, embalsamada como um jardim cultivado por anjos, e sinto, no meu mundo intimo, e vejo, no meu panorama de agonia, a desconsolação do passado, as trevas do presente, e o terror do futuro. Não sei que alegria insultuosa á minha desgraça vejo ahi n'essas bellezas insensiveis de uma natureza limpida, onde me considero insulado como um traço negro, um proscripto da felicidade!

E talvez que minha mãe pensasse assim n'aquelle

tempo em que nós contemplavamos o céo, e ella chorava. Talvez que aquella alma varonil descesse então aos abysmos de um soffrimento, que deveria ser um exclusivo de maldição para os homens de ferro, que não tivessem o direito de exclamar em lances de desesperação: «Compadece-te de mim, oh! Deus, que sou teu filho!» Porque este grito, se não é ouvido nos céos, é o precursor de uma blasphemia, que deve ser ouvida nos infernos. Porque essas lagrimas de uma creatura, que se acha n'este mundo a soffrer, n'este mundo onde uma força invisivel a collocou e abandonou... essas lagrimas, conforme vão caindo em um chão esteril, apagam d'esse chão os vestigios da Providencia.....

.....

Estavamos, pois, na situação que descrevi, quando padre Diniz, descendo os olhos do céo, e fixando os na face meia escondida de minha mãe, fallou assim:

— Esta hora manda recordar; e a recordação é a vida mais grata aos infelizes.

— De certo!—exclamou minha mãe, erguendo de repente a cabeça, e suspirando com desafogo.

— Recordaremos, pois—continuou o padre, pousando as mãos entrelaçadas sobre o peito.—Haverá quinze annos... era assim por uma serena tarde de verão... e lembra-me de um céo azul, e de um crepusculo saudoso, semelhante a este que nos faz reconcentrar, sentir e soffrer.

«Além, por aquella escada vi descer um homem, que me não conhecia... e eu de relance conhecera no «grande mundo». Fui a meio caminho recebel-o e cumprimental-o. Disse me, que sabendo que eu estava só n'este jardim, antes quizera ser aqui recebido, porque tinha a fallar-me de cousas inviolavelmente secretas.

«Mandei-o sentar no banco onde agora está a snr.ª condessa ; e eu sentei-me n'este mesmo banco.

«Devo aqui ceder ao desejo que tenho de ajuntar os traços da figura d'este homem, se a reminiscencia m'os der fielmente.

«Não era alto; era admiravelmente magro. Tinha olhos grandes e negros, e n'estes olhos scintillava uma luz inquieta, que revelava um grande alvoroço de espirito. E não era só nos olhos que eu admirava esta volubilidade. N'aquelle composto de feições, dir-se-ia que a bôca era o orgão que menos fallava. Por um contraste admiravel, a physionomia d'este homem era ao mesmo tempo severa, absorta e tristissima. O pallido e o descarnado d'aquelle rosto representaria fielmente a paralysia de um cadaver, se a energia exuberante dos olhos lhe não vertesse um como clarão de vida.

«Vestia de preto, como em luto rigoroso; e notava-se um desalinho no seu vestido, se bem que de prompto se conhecia que era o desprezo e não o máu gosto que presidia áquelle desarranjo de gravata, de camisa, e até de symetria na abotoadura do casaco.

«Ora eu não pude esquecer me d'esta frivola circumstancia que menciono, porque tenho sido muito curioso em reparar na maneira como se vestem alguns homens, que pretendem distinguir-se na sociedade, seja pelo que for.

Tive sempre para mim que a primeira condição de um homem banal, e sinceramente tolo, é o cuidado com que elle compõe a gola do seu casaco, de modo que não discrepe uma linha do talhe que o alfaiate lhe deu. Ha ahi muita frivolidade n'esse espirito, que se considera tanto mais sublime, quanto póde manter-se direito entre os collarinhos da camisa, e verticalmente equilibrado entre as duas azas do laço da sua gravata.»

Minha mãe por condescendencia, talvez, sorriu-se ligeiramente; e eu não pude avaliar competentemente a critica jocosa de meu mestre. Continuou:

«E, portanto, se me perguntassem que juizo fazia eu da minha visita, antes de ouvil-o fallar, diria de antemão, como um propheta, aquillo que depois me saíu tão ao certo com o meu systema de julgar do monge pelo habito.

«Depois dos primeiros cumprimentos, o cavalheiro disse-me quem era. A snr.ª condessa adivinhou-o já. Este menino não tem precisão de saber-lhe o nome: faça de conta que ouve uma lenda phantastica, em que o nome do heroe é a palavra menos curiosa do enredo.»

Vi que minha mãe empregava dobrada attenção, emquanto o padre continuava:

«Dito o seu nome... inutil para mim... o cavalheiro ficou por alguns momentos silencioso, mettendo os dedos por entre os cabellos, que atirava negligentemente para traz das orelhas. Pediu um copo de agua, pediu licença de fumar, e alguns minutos de descanso antes de declarar a causa por que viera procurar-me. «Devo parecer-lhe um homem extraordinario!... — disse elle. — Por emquanto — respondi eu — não vejo em v. exc.ª mais nem menos que um homem.—» Muito infeliz... — acrescentou elle, tomando o copo de agua, e dizendo ao creado que o deixasse ficar.

«Passados os minutos de descanso, o cavalheiro, com voz pouco firme, porém de um timbre insinuante e sympathicamente melancolico, explicou a sua vinda da seguinte maneira:

«— Antes de fallar, poderia eu mover a compaixão de v. s.ª a meu favor, se podesse chorar. Não posso... nem jámais poderei. Se eu, ao menos, podér pintar bem

a minha situação, e a de uma infeliz menina, que não posso resgatar com o meu sangue... terei conseguido da sua caridade o que as lagrimas conseguiriam.

«— Falle sem reserva. Possua-se de que falla com um homem disposto a servil-o, como se a nossa amizade fosse de muitos annos, como se v. exc.ª viesse pedir ao seu mais querido irmão um grande sacrificio.» — Estas palavras reanimaram-o sensivelmente, dando-lhe á expressão uma firmeza de confiança e intimidade.

«— Eu não procurei — disse elle — quem me apresentasse a v. s.ª. Não ha difficuldades invenciveis para uma dor que não envergonha a pessoa que a soffre. Vim só, e não me arrependo de o ter feito, porque leio no bondoso rosto de v. s.ª a tolerancia.

«Sou um filho segundo, e, portanto, sou um homem pobre. A lei dos caprichos humanos desherdou-me no coração, desde criança, certas inclinações que um homem pobre, um filho segundo, mal póde suffocar, quando está adulto no espirito, e forte na vontade. E já que o filho de um pobre, que não deve a primogenitura a um acaso feliz, é legalmente pobre, parece que a lei, em recompensa, deveria desvelar-se pela sorte d'esse bastardo de um matrimonio legitimo. E não lhe seria nada penoso o seu desvelo, decretando que o filho segundo de qualquer senhor de vinculos, cujos bens não bastassem á sustentação dos que vierem depois do morgado, fosse conduzido dos braços da parteira a um despejo commum de crianças. A criança cresceria ignorante e ignorada no seu nascimento. Chegada á idade de guardar uns porcos, de alinhavar umas botas, ou de esfregar uma sala, o filho segundo do illustre senhor dos vinculos seria um sapateiro, um creado de servir, um gaiato de praça, e poderia alegremente satisfazer as necessidades da sua

condição. Então, sim; a lei seria generosa para o morgado, e generosa para o filho segundo.

«Desculpe-me v. s.ª estas delongas, cujo valor só eu comprehendo, porque não posso desviar a reflexão d'estas puerilidades, desde que me lançaram em rosto o meu nascimento, como *segundo,* querendo assim convencer me que não podia aspirar aos nobres estimulos do coração de um *primeiro.*

«Era tarde quando m'o disseram, snr. padre Diniz.

«Saí de um collegio aos quatorze annos. Oito annos de um amor celebre, d'esta celebridade, que não faz ruido no mundo, mas que devora um anno da existencia em cada dia que passa··· um amor assim tem sido a minha infancia, a minha adolescencia, e a minha velhice··· V. s.ª bem vê que a minha apparencia é a de um homem, que se arrasta nas vizinhanças do tumulo, como esses vermes esmagados, que não acham no ar livre, que respiram os vivos, o alimento e o repouso que tem certo entre os cadaveres.

«Encontrei, aos quatorze annos, uma d'essas mulheres fatidicas, que trazem no seu primeiro olhar de amor a ventura plena ou a desgraça absoluta do homem que encaram.

«Era criança como eu, filha segunda como eu, e predestinada, como eu, para o infortunio.

«Não sei dizer-lhe como vivi pelo amor d'este anjo. Foi, primeiro, um sonho sem sobresaltos, uma suave embriaguez do coração sem o delirio dos sentidos, um ardentissimo desejo de felicidade, sem calcular o que devia ser a felicidade para nós. Foi, depois, um acanhamento em nossas revelações, um córar sem motivo quando abaixavamos os olhos um na presença do outro, quando os levantavamos simultaneamente para o céo, como a

supplicarmos coragem para podermos ao mesmo tempo soltar a palavra tremenda, a expressão comprimida que devia sellar o contrato que mutuamente faziamos de sermos ambos desgraçados por toda a vida. Foi, por fim, a lucta desabrida do coração com a cabeça, da innocencia com o calculo, da santidade das affeições com o demonio das conveniencias sociaes.

«Este é o enredo da minha tragedia, snr. padre Diniz. O que não póde ser contado é aquillo que eu calo, porque não sei como se contam as minhas angustias secretas, nem v. s.ª poderia comprehender-m'as. A serenidade da sua physionomia assegura-me que eu sou um estrangeiro, que lhe falla uma linguagem sem significação para o sacerdote, que verte o mel da religião na taça das agonias, cujo travo nunca provou.

«— Eu comprehendo-o, senhor.

«Foram as minhas unicas palavras, e elle continuou:

«— No fim de seis annos, este amor abafado pela mão da indigencia... da indigencia..., Não lhe parece bem aviltante, bem ignobil, esta palavra, snr. padre Diniz?

«— Nem ignobil, nem aviltante... Acho-a exagerada... Seria talvez melhor dizer: a força das circumstancias...

«A palavra mais sincera, senhor, é *indigencia*. A mulher que eu amava, era filha do marquez de Montezellos, e eu era filho do conde de Alvações. E, comtudo, quer v. s.ª certificar-se da indigencia d'estes dois filhos de duas primeiras familias de Portugal? Espero que poderei conseguil-o.

«No fim de seis annos disse de joelhos á esta mulher, que havia no mundo uma situação santificada por Deus, e concedida ás almas que a sociedade não podia desligar. Disse-lhe que fosse minha esposa, que me deixasse colher as flores, que nossas lagrimas regaram, que

me deixasse buscar na sua vida uma protecção, que eu, sósinho, não podia dar-me contra os combates de uma morte prematura.

«Recebeu me com lagrimas de alegria. Disse-me que já fizera juramento a Deus de pertencer-me em alma e corpo, na vida e na morte. Fallou, como eu nunca a ouvira, contra a prepotencia de uma sociedade, que ousára segredar-lhe as inconveniencias da sua affeição por um homem, filho segundo como ella. Pediu-me, porém, que fosse seu amigo, respeitando essa mesma sociedade, que a condemnava.

«Comprehendi a.

«No dia immediato pedi ao marquez de Montezellos que me ouvisse por alguns minutos. Respondeu-me estas palavras, que me foram gravadas com fogo no coração: «Para evitar-lhe o embaraço de pedir-me minha filha, previno-o que não deve instar por que eu o ouça esses minutos. Eu só dou minha filha ao homem que me prove que é tão nobre como ella. A esta condição satisfaria v. exc.ª; mas eu só dou minha filha ao homem, que, além de nobre, possa provar-me que é bastante rico para fazer que ella não tenha nunca saudades da opulencia com que foi creada. Minha filha é pobre; v. exc.ª é pobre; e nem eu, nem o conde de Alvações podemos crear para nossos filhos segundos um estado que envergonhe os primeiros.

«Eu não sei se balbuciei algumas palavras, que ferissem a susceptibilidade do marquez; é certo, porém, que me voltou as costas, dizendo-me—«que espaçasse quanto me fosse possivel as visitas a sua casa, para evitarmos ambos o dissabor de dar e receber uma ordem de prohibição completa.»

«Senti-me vexado e corrido; envergonhei-me de mim

mesmo, e chegtei quasi a persuadir-me da ousadia que acabava de praticar, dirigindo-me ao pae de uma mulher a cujos olhos eu queria valer muito... e o pae d'essa mulher acabava de lembrar-me que eu era um homem pobre, e desprezivel como um vilão!

«O orgulho, em homem pobre, é uma paixão terrivel. No rico expande-se em pompas, que deslumbram os seus inimigos. No outro respira pela vingança surda, quando o não devora lentamente.

«Lembrou-me a vingança sordida, a vingança, não direi de um plebeu, porque os fidalgos não se vingam com mais cavalheirismo, mas de um homem corrompido, que satisfaz os baixos instinctos da sua alma fazendo subir o rubor da vergonha á cara de um pae, que primeiro o envergonhára a elle.

«Esta lucta do orgulho com a deshonra não durou muito. Venceu o orgulho, mas o orgulho da probidade e da virtude, meu unico patrimonio.

«Chorei muito, snr. padre Diniz, tanto por mim como por ella. Por ella, coitadinha, que contava as horas, e via soar a ultima do dia, sem que eu chegasse a consolal-a com uma esperança mentirosa d'aquellas mil que um homem inventa, quando quer consolar uma mulher, que as decepções não gastaram de todo.

«Eu fora doente desde o berço, e por mais de uma vez, durante a minha vida de collegio, estive perigosamente enfermo. Não poderia alguem dizer qual seria a minha morte; mas eu sim, porque lhe conhecia os progressos por minutos. Morrer de tristeza aos dez, ou aos doze annos, parece uma phantasia de romance, mas é verdade que eu não podia classificar as minhas doenças com outro diagnostico. A consumpção rapida e sombria, que me fora na infancia o preludio d'esta morte, que

hoje sinto matar-me, foi accelerada pelo golpe que recebi da unica mão que podia dar-m'o. O pae d'aquelle anjo convertera-se em um espectro torvo, que nem o reflexo do amor da filha podia desassombrar. Mas este rancor era inoffensivo. Nem eu tinha alma para o mal, nem o coração me pedia o sangue de quem me fazia verter lagrimas tão amargas de desesperança...

«Esperança... tinha uma, mas era ainda uma mentira instantanea... Lembrava-me a America, onde ha muito ouro, onde se conquistam grandes posições na Europa, onde se trafica com o genero humano, e d'onde se parte depois a tirar um diploma de homem honesto em Portugal. Lembrou-me, pois, fugir a meu pae, com a idéa da minha pobreza gravada sempre na consciencia, para que não houvesse trabalho grosseiro e baixo que me repugnasse, nem escrupulo de honra, que resistisse á minha fome de riqueza. Era necessario que a sociedade me indemnisasse do patrimonio, que me tinha roubado com a sua lei dos morgados; e, visto que eu não tinha lei para contrapôr á lei, premeditava entrar na conquista da minha propriedade usurpada com as armas mais ou menos astuciosas, da deshonra.

«Conheci que esta contrariedade á minha generosa paixão me fizera no espirito um grande estrago. Senti-me corroido pelo cancro da ambição, e perdoei a muitos immoraes, cuja causa de perversão me não era conhecida. Vi que bem pouco basta para a desmoralisação do mais bem organisado espirito. A imagem d'essa innocente menina transparecia luminosa na escuridade dos meus projectos sequiosos de ouro. Como o anjo da serenidade parecia-me ouvil a reprehender-me a lucta de perspectivas ambiciosa em que a minha esperança se empenhára. A recordação da minha passada independencia, e do indiffe-

rentismo, com que via o fausto dos ricos, servia-me de padrão para avaliar a riqueza de virtudes, que minha alma perdera.

«Era chegado o tempo da minha partida, tres mezes depois que fôra urbanamente despedido de casa do marquez de Montezellos.

«Os aprestos de viagem não me davam cuidado, nem eu poderia tratal-os, sem ser descoberto o meu plano.

«Até á vespera do dia em que devia partir, não tivera nem procurára noticia alguma da minha infeliz companheira de infortunio. Passei a maior parte do tempo em uma quinta de meu irmão, a sete leguas de Lisboa. Quando procurei aquelle refugio, ambicionava morrer na mesma casa onde vira Angela, na mesma quinta onde este infeliz amor nascera bello e desassombrado, como as flores que lá colhiamos, e que fallavam de nossos amores ainda mais que nós.

«E, demais, desde muito criança tivera eu um presentimento, quando orava ajoelhado diante do jazigo de meus avós, que está na capella da quinta. O presentimento dizia-me que eu iria, muito cêdo, pousar a face, ainda viçosa de infancia, sobre as ossadas d'aquelles que tinham passado no mundo mais felizes que eu. E nunca este abalo prophetico me esqueceu. Quando, nas minhas enfermidades, me sentia perigar, pedia que me levassem para a quinta, onde muitas vezes convalesci com um verdadeiro pezar de não succumbir.

«Foi d'ahi que eu escrevi algumas linhas á filha do marquez de Montezellos. Meu proprio irmão, que não sabia as minhas tenções, encarregou-se do bilhete. Era muito pouco o que lhe dizia. Pedia-lhe coragem e esperança. Pedia-lhe compaixão e lealdade. Pedia-lhe segredo e condescendencia na minha partida.

«Meu irmão foi o portador da resposta. Era tambem muito simples.

«Consentia que eu partisse, mas impunha-se uma condição, que devia cumprir no momento da minha saída: o seu suicidio.

«Lendo este escripto, perturbei-me, e busquei amparar-me nos braços de meu irmão, que me pediu o segredo d'aquelle escripto.

«Não lh'o confiei. Perguntei-lhe se a vira. Respondeu-me que sim, e no estado em que a vira receiava não poder mais vel-a, porque não podia viver-se muito tempo assim.

«As minhas ambições morreram n'este momento. A generosa dor do coração venceu os calculos egoistas da cabeça. Rapidamente comprehendi que o meu plano era um crime, e o silencio d'aquella infeliz, durante tres mezes, uma violencia que seu pae lhe fazia. Doeu-me o coração, e envergonhei-me de mim proprio, comparando as nossas situações. Ella morria no silencio da sua saudade, violentada pelo pae; eu abandonava-a, buscando espairecer livremente as máguas do meu amor infeliz na conquista do ouro. Senti então necessidade de pedir-lhe perdão de joelhos; queria explicar-lhe com razões persuasivas o nobre incentivo que me fazia abandonar a patria, para mais tarde realisar as santas esperanças do meu amor. E entenderia ella as minhas razões, se eu lh'as désse? Não lhe seria uma linguagem nova a do homem que vae esterilisar o coração no amor do dinheiro, para depois lh'o offerecer, combalido pela ulcera das mercancias ambiciosas? E, se ella chegasse a comprehender-me, não lhe seria bem aviltante esse ouro que eu ia grangear, para depois poder arrematal-a em leilão vergonhoso?

«Estas interrogações, que eu fazia á minha consciencia, se as fizesse a qualquer amigo meu dos que proferem todos os dias o epitaphio da virtude morta na terra, fal-os-ia naturalmente rir. Que importa á mulher o processo de que te serviste para enriquecer o throno em que a sentaste? — diz uma certa philosophia sordida, que se afadiga em rebaixar a humanidade ao mais raso lamaçal do sensualismo. Importa muito, creio eu; importa muito, quando a mulher, no momento de ser deixada pelo homem que vae merecel-a, ganhando uma posição, que só o dinheiro póde dar-lhe, consente a partida d'esse homem, e impõe-se corajosamente a condicional do suicidio. Ora esta mulher, em vez do throno, quer um tumulo.»

«— E seria capaz de cumprir a condição?—perguntei eu.

«— Não tenho a certeza; bem sabe v. s.ª que não posso responder-lhe.»

«— Essa menina não teve educação religiosa?

«— Penso que teve: sua mãe susteve-se, até ao extremo do longo martyrio da sua vida, ajoelhada aos pés da cruz: é impossivel que não tivesse nos braços a sua querida filha. Faz-me essa pergunta, porque não póde combinar a religião com o suicidio?

«— E' verdade.

«— Eu tenho a mesma difficuldade em combinar a extrema desgraça com a resignação religiosa. Penalisa muito não vingar uma esperança das que o Creador plantou no coração, e que espontaneamente ahi nasceram. Uma inclinação virtuosa é contrariada; as mais innocentes tendencias do espirito são punidas pela mão da sociedade, que as suffoca; é-se desgraçado sem ser-se criminoso. Quer v. s.ª que o espirito, assim calcado e

repellido das suas generosas aspirações, possa levantar-se para Deus, e transigir amigavelmente com a dor?

«— Eu não quero, senhor, mas aconselho os desgraçados que procurem em Deus a consolação que não acham nos homens.

«— Não ampliemos esta questão, snr. padre Diniz, que vae muito fóra do nosso assumpto. Perdoe-me v. s.ª, mas eu fujo de argumentações religiosas, porque sou muito desgraçado. Se fosse feliz, talvez não as evitasse... seria mesmo um crente de convicções, porque não ha nada mais bello que a gratidão, e eu quereria ser reconhecido ao supremo espirito, protector da minha felicidade. Assim, convencido que o mal é todo da terra, e Deus não póde ser máu, não sei pedir a Deus consolações dos males que os homens me fazem... seria aproximal-os muito... seria talvez uma oração blasphema...

«— Respeito agora a sua dor—repliquei eu—mas não respeitarei a sua opinião, quando lhe conhecer mais serenidade de espirito.»

«O cavalheiro, após alguns minutos de reminiscencia do que dissera, continuou:

«— Escrevi logo a Ângela, dei a carta a meu irmão, pedindo-lhe que me não obrigasse a fazel-o meu intimo confidente do que decorrera nos meus amores com aquella menina. Assegurei á pobre innocentinha que não daria um passo contra sua vontade. Pedi-lhe que dominasse as minhas acções e os meus pensamentos; que marcasse o meu destino; que suavisasse o meu soffrimento, impondo-me a doce obrigação de soffrer com ella.

«Estas palavras foram o orvalho do céo na florinha, que as lagrimas de mãe já não podiam reverdecer. An-

gela era um instrumento do egoismo de seu pae. O marquez de Montezellos conhecia os soffrimentos da filha; mas encarava-os aprazivelmente, reputando-os uma febre passageira, uma crise que devia salval-a d'esse amor inconveniente.

«Meu irmão, sem que eu o auctorisasse, lembrou ao marquez que não seria prudente estalar com tanta violencia os vinculos innocentes, que a mão da infancia atára em dois corações. Pintou-lhe o meu estado não menos perigoso que o de sua filha, e acabou por supplicar-lhe que nos deixasse encontrar algumas vezes, até que a razão operasse lentamente sobre o espirito.

«O marquez recebeu mal as reflexões de meu irmão, e chegou a irrital-o no seu pundonor, lançando-lhe em rosto que o conde de Alvações representava um triste papel, tomando sobre si uma commissão, que o não honrava nada...

«Mas as cartas de Angela recebi-as sempre; era ainda meu irmão, que, por terceira pessoa, me proporcionava seguros meios de recebel-as. Dizia elle que não queria levar mais adiante a sua vingança.

«Angela, revivendo pela esperança, justificou as presumpções do pae. Suppunha elle que sua filha, descoroçoada, se esqueceria; e, esquecida, lisongearia os seus orgulhosos calculos.

«E effectivamente, a apparencia jubilosa de Angela não poderia traduzir-se de outra maneira. Restituida, portanto, á sua plena liberdade, a pobre criança no coração não calculou os perigos que devia vencer, se a paixão lhe pedisse sacrificios, que ella não reputava *sacrificios*. Esta palavra não tem a mesma significação entre duas mulheres, uma das quas considera o amor um contrato em que se estipulam reservas, que dão ao

corpo um preço infinitamente superíor á alma; e outra que, reconcentrada no espiritualismo das suas affeições não sabe que os vôos da alma devem ser reprimidos pelas leis do decoro, que versam todas sobre a materia, e não tem nada com o espirito. Esta mulher é innocente; a outra é a que não tem nada a perder, mas inventa diariamente sacrificios novos.

«Angela, sem que eu lhe instasse, permittiu-me entrada em sua casa. Desde o momento que pude a sós com ella enxugar-lhe as lagrimas, quatro mezes represadas, intitulei-a minha irmã. Contei-lhe os meus passados projectos de riqueza, phantasiei-lhe um bello futuro, comprado com ouro, visto que uma terceira pessoa queria fazer um contrato do nosso amor. Não me perdoava tal pensamento, por mais colorido de felicidade que lh'o apresentasse. Fallava-me na deliciosa existencia que teriamos em um deserto, ainda que não tivessemos mais alimento que o nosso amor. Voejava por esses mundos infantis, onde eu já não podia acompanhal-a, porque ninguem já poderia despersuadir-se do grande preço do dinheiro applicado ás mais subtis idealidades do coração.

«O que me fazia dobradamente feliz junto d'ella, era a esperança de alcançar um dia em Portugal uma posição, que me désse em nobreza *real* o que me sobrava em nobreza *imaginaria*. O filho segundo do conde de Alvações valia menos que o filho do merceeiro, que entra em casa do fidalgo, dota-lhe uma filha para que lhe dê a outra, e edifica um palacio, onde ámanhã mandará insculpir um brazão de armas, se essa loucura lhe appetecer.

«Quatro mezes, não interrompidos, em alguma de suas noites, visitei Angela, sem causar suspeitas. Este remanso de felicidade inexprimivel, depois de muitas

agonias, não foi perturbado, emquanto a candura fraternal santificou as nossas puras entrevistas.

«O anjo da innocencia abandonára-nos, quando a voz impetuosa da paixão fallou mais alto que o timido balbuciar d'aquelle sereno desejo de um céo, que a terra não realisa a duas almas, que lh'o pedem, idealmente apaixonadas.

«O anjo da innocencia abandonára-nos; e eu conheci então que o mal é sempre punido pelas suas proprias consequencias, embora tardias.

«Em uma d'essas noites, ao dar as duas horas procurava eu, escondido contra o muro do quintal de Angela, o signal que, por um costume inalterado, me animava sempre a subir sem receio.

«Esse signal não apparecia. Demorei-me alguns minutos, conjecturando o que poderia ter acontecido, com os olhos pregados no ponto em que, a cada instante, esperava ver assomar o vulto de Angela.

«Vi, com effeito, levantar-se uma cabeça em um outro ponto do muro. Estremeci. Vi, ao lado d'esta, dois vultos a meio corpo: quiz esconder-me; era tarde. Ouvi a detonação de algumas armas de fogo. O relampaguear da escorva cegou-me, e uma nuvem cerrada dos vapores da polvora pôz-me os sentidos na perturbação em que tinha o entendimento.

«Senti duas ligeiras dores, que augmentavam progressivamente: uma no braço direito e outra no hombro. Vi que estava ferido. Dera uns poucos de passos machinalmente, quando me cercaram patrulhas de policia. Perguntaram-me que estrondo de tiros fôra aquelle em um bêco sem passagem.

«Balbuciei na resposta, e prenderam-me como suspeito.

«Levado ao corpo da guarda, fui interrogado, mas já não pude responder. Tinha perdido muito sangue, senti banhar-se-me o rosto de um suor frio, e perdi completamente os sentidos.

«Esta syncope foi momentanea. O commandante da guarda era um homem delicado, e casualmente filho de um brigadeiro, que frequentava a nossa casa. Não foi preciso eu dar-lhe explicações da minha aventura: conheceu o melindre do acontecimento, e acompanhou-me a uma botica para eu ser curado.

«A ferida do braço, procedida de quatro balotes, era de facil cura; mas a bala que me penetrára o hombro, e me fizera estragos no peito, era mortal.

«O meu primeiro impulso, quando cheguei a casa, foi ajoelhar aos pés de meu pae e de meus irmãos, pedindo-lhes inviolavel segredo d'aquelle acontecimento. Eu, da minha parte, não disse uma só palavra, que denunciasse o logar onde fora ferido e a razão por que o fora.

«Nos primeiros dias, nenhum medico afiançou a minha vida. Eu tinha a coragem de perguntar se eram mortaes aquelles ferimentos, e a resposta que alcançava de minha familia eram lagrimas.

«O segredo d'aquelle acontecimento devia morrer commigo. Resisti ás carinhosas perguntas de meu pae, e cheguei a negar a meu irmão a verdade, que elle devia suppôr sem grande custo. Um e outro, insinuados pelo medico, não me affligiam com as suas instancias, nem permittiam que alguem de casa me fizesse perguntas.

«Mas eu soffria o que ha de mais terrivel na escala do martyrio. Não eram as dores physicas, nem o pavor da morte. A sorte de Angela era um segredo que me

despedaçava. Custava-me a reprimir nos labios aquelle nome; precisava de proferil-o com um grito de afflicção, como a súpplica do moribundo que pede uma gotta de agua, como o brado de soccorro á Providencia, quando não ha forças humanas que salvem o desgraçado de um abysmo em que se sente escorregar.

«Era impossivel vencer-me. Chamei meu irmão á cabeceira do leito, pedi-lhe a compaixão que reclama um agonisante. Contei-lhe a scena dos tiros. Atalhei os assomos de cólera que o inflammavam, supplicando-lhe prudencia para salvarmos a infeliz, se fosse ainda tempo. Abri-lhe todo o meu coração: solucei, confessando-lhe as minhas culpas, que nem uma paixão violenta poderia absolver-me...

Ouviu-me com indulgencia, e reanimou-me com palavras ungidas de um sincero amor de irmão. Perguntou-me o que eu queria da sua amizade. Respondi-lhe que se informasse de Angela, e a tomasse debaixo da sua protecção, se a encontrasse desamparada.

«Meu irmão revelou-me que, dois dias depois de meu ferimento, fôra elle, já suspeitoso, a casa do marquez de Montezellos. Achára franca entrada no quarto do marquez, onde fora encontral-o encostado a uma banca, sobre a qual estava um par de pistolas em postura que designava prevenção. Disse-me que o vira empallidecer, apenas entrára, e fora friamente recebido. Acrescentou que contára ao marquez o acontecimento dos tiros, e nem por isso lhe movera grande curiosidade em querer saber as especialidades do successo. E de tudo isto combinado concluira elle que eu fora ferido em casa do marquez.

«— E Angela? — perguntei eu.

«— Angela não a vi, nem perguntei por ella ao pae.

Demorei-me alguns minutos, e, quando saía, perguntei ao guarda-portão se a menina saíra a visitas; disse-me que sim, ha dois dias, e não voltára, nem talvez voltaria. Quiz saber promenores, e nada colhi: fallei-lhe em uns tiros que se ouviram por aquelles sitios, respondeu-me que eram novidade para elle.

«Fiquei, portanto, sabendo que Angela não estava em casa. Senti-me arder em febre.

«O dialogo com meu irmão foi interrompido por uma carta, dirigida ao conde de Alvações. O sinete eram as armas do marquez de Montezellos. Meu pae não estava em casa; e meu irmão, supposto usasse d'aquelle titulo, reconheceu que a carta era dirigida ao pae, e não a elle.

«— Mas — reflectiu elle — talvez que esta carta contenha toda esta historia...

«— E' preciso que o pae a não veja... — atalhei eu sobresaltado.

«— Mas — replicou meu irmão — é falta de respeito abril-a...

«— Bem o sei; mas eu nunca faltei ao respeito a meu pae: será esta a primeira e ultima vez. Dir-lhe-hei que fui eu, quando venha a saber que o marquez lhe escreveu...

«E phreneticamente lancei mão da carta; abri-a; quiz lel-a, não pude, porque de subito se me embaciaram os olhos de um véo, que parecia lançado entre mim e a vida.

«Meu irmão foi quem leu essa carta... Eil-a aqui... Tenha v. s.ª paciencia para ouvil-a:

«Snr. conde. Os tempos mudaram, e as desaffrontas «cavalheirosas foram-se com o tempo da honra. Meu «avô, se tivesse uma filha, e o pae de v. exc.ª viesse a

«casa requestar-lh'a contra sua vontade, intimava-o para «não mais transpôr o limiar do seu palacio; e, se seu «pae insistisse descaradamente no seu plano, encontra-«ria uma espada das que os marquezes de Montezellos «experimentavam no campo das batalhas. Mudaram, «porém, os tempos. A traição de um degenerado fidalgo «de hoje pune-se com um tiro, quando o atraiçoado não «quer confiar ao seu lacaio o encargo do castigo. E de-«mais um chicote não castiga um homem sem brio: é «preciso punil-o com instrumento que lhe dôa. Dito isto, «tenho explicado a razão por que mandei disparar al-«guns tiros sobre seu filho, como quem se quer livrar «de um salteador que lhe escala os muros do seu jar-«dim.

«Seu filho foi mais feliz que a pontaria das minhas «armas. Não se persuada que eu, matando-o, faria mys-«terio d'esse attentado. Não, snr. conde. Eu tencionava «que o cadaver de seu filho fosse conduzido a casa de «seu pae em uma padiola; e nas mãos d'esse cadaver «acharia v. exc.ª a historia posthuma de seu filho, já «que elle não podia contar-lh'a com os labios mortos.

«Tenho uma filha, a cuja posse ninguem tem direito «sem meu consentimento. Ora seu filho quiz cuspir-me «no rosto, provando-me que os direitos de um pae não «podem competir com a audacia de um amante. Enga-«nou-se, e, se viver, póde aproveitar muito da lição que «lhe dei.

«Tambem tenho a certeza de que essa minha filha «está pura de toda a mácula com que podiam sujal-a «os amores de seu filho; e, a não ter esta certeza, nem «o seductor me fugiria no leito da doença, nem minha «filha sobreviveria á sua deshonra. As minhas nódoas «costumo laval-as com o meu proprio sangue. O corpo

«maculado de minha filha estaria, a esta hora, envolto «em uma mortalha.

«O fim primario d'esta carta está cumprido.

«Não preciso dizer-lhe que ainda tenho outro. Toda-«via é boa toda a clareza, para evitarmos consequencias «funestas. Não consinta que nenhuma pessoa de sua «familia pise os tijolos do meu pateo.

«*Marquez de Montezellos.*»

«Eu comprehendi muito pouco d'esta injuriosa carta, quando ouvi lel-a. Meu irmão eliminava metade das palavras, e transtornava o sentido de algumas d'estas phrases insolentes, que por aqui desmentem bastante a vergonha de quem as escreveu. Todo o meu empenho foi pedir a meu irmão que occultasse de meu pae semelhante insulto, avisando-o por qualquer pretexto, para que não fosse eventualmente a casa do marquez.

«Todas estas precauções eram pueris. O marquez de Montezellos gloriára-se do feito que praticou, e era elle o pregoeiro da sua gloria. Contava do drama a scena que mais lhe convinha: dizia qué seguira muito de perto os amores de sua filha; e quando soubera que, *pela primeira vez*, eu conseguira uma entrevista no quintal, ás duas horas da noite, fora elle quem me quizera receber com descargas, segundo a pragmatica devida a pessoas reaes. O marquez ajuntava a isto a sua gargalhada cynica, e recebia os emboras de seus amigos, que vinham depois escarnecel-o com os meus.

«E, portanto, meu pae, quando entrou em casa, vinha senhor de todos os acontecimentos, segundo a exposição do marquez.

«A sós commigo, o honrado velho tocou-me no caso,

com todo o melindre. Perguntou-me se eu queria tirar alguma desforra judicial d'aquella tentativa de assassinio. Respondi-lhe energicamente que não; e meu pae recebeu-me com um abraço a imperiosa negativa que lhe dei.

« — Queres portanto — disse elle — uma desforra de homem para homem?

«Calei-me: parece-me que senti a mão de Angela apertar-me os labios, e aquietar-me os sobresaltos do coração.

« — E Angela?—perguntei eu, quando elle esperava uma resposta á sua pergunta; mas, de repente, conheci a indiscrição em que me precipitára. O silencio de meu pae confirmou este receio.

« — Perdoe-me — lhe disse eu — esqueci-me que fallava com meu pae... vi só um amigo... não me enganei... que o é...

«A vinda de meu irmão veio mudar o estado violento em que meu pae me punha, involuntariamente. Eu tinha pejo de o trazer a uma prática d'este genero, em que a intervenção de um pae é sempre ridicula.

«Meu irmão, a meia voz, disse-me que o pae sabia tudo, menos o conteúdo da carta: perguntei-lhe por Angela; respondeu me com uma só palavra: convento.

«Esta unica palavra, snr. padre Diniz, teve em mim a influencia de um raio. Tudo o que ha de mais afflictivo veio excruciar-me no coração angustias, que deviam matar-me, se eu não estivesse reservado para maiores provações.

« — Mas por quê? — interroguei eu — Parece que v. exc.ª devia estimar de preferencia que essa menina entrasse em um convento. Onde podia tel-a com mais segurança, e com mais liberdade, ao menos de chorar?

«Liberdade de chorar, snr. padre Diniz, mas chorar lagrimas de vergonha, quando tiver de ser expulsa do convento onde está, para vestir a mortalha que seu pae lhe promette na carta, que acabei de ler...

«— Essa menina entrou como noviça ou como secular?

«— Como secular.

«— Ha, portanto, um desgraçado segredo entre v. exc.ª e ella...

«— Um desgraçado segredo, que brevemente será a infamia e deshonra de ambos nós. Deus não quiz que eu morresse das balas, para me ver punido pelo flagello das minhas paixões, que tão nobres principiaram, e tão vilipendiosas a sociedade m'as tornou.

«— Que posso eu fazer-lhe, senhor?

«— Muito... uma grande esmola... póde salval-a.

«— Como? não se acanhe... falle com a certeza de ser servido.

«— Angela está no convento de Nazareth. (1)

«— Em Nazareth?

«— Onde v. s.ª tem uma irmã secular, que é o anjo de amor da minha querida Angela.

«— Tenho, sim, tenho, e portanto vamos salvar essa menina.

A radiante alegria com que eu disse estas palavras consoladoras ao nobre moço, transportou-o a meus braços na vehemencia do seu desafogo. Eram sublimes de reconhecimento as lagrimas que acompanhavam as suas palavras agradecídas! Não o deixei ajoelhar-me, mas não pude suster que me beijasse as mãos, onde os seus labios soluçavam essas palavras, que me fizeram chorar:

---

(1) Não existe tal convento em Lisboa. *Nazareth* é um pseudonymo.

«Angela, a infeliz arrancada á deshonra, ha de tambem beijar esta mão!»

De repente, minha mãe, com o delirio nos olhos, com os cabellos eriçados, com o rubor da febre incendiado nas faces, ergue-se do banco em que estava, corre aos pés do padre, ajoelha, beija-lhe phreneticamente a mão, sustém com um braço a cintura d'elle, que quer levantar-se, e exclama com uma voz forte e vibrante de enthusiasmo:

— Sim, sim, a desgraçada Angela, a infeliz arrancada á deshonra, cumpriu a prophecia do anjo, que annunciára estes beijos, antes de partir d'este mundo!

E voltando-se para mim:

— Meu filho, ajoelha tambem, que ouviste da bôca do teu salvador, do salvador de tua mãe, a tua historia, a historia dos transes amargurados, que precederam a tua entrada no mundo!

Ajoelhei.

A minha cabeça estava perdida nas visões d'aquelle sonho! Eu ouvira a historia de duas pessoas que se amavam com um amor muito feliz. Não comprehendera algumas palavras que o padre dissera, fallando da deshonra de minha mãe, das suas lagrimas vergonhosas, e do seu anjo de innocencia fugido... Seriam essas palavras que eu não entendi, a significação do meu nascimento? Eram: não consultei alguem para sabel-o. Illuminou-se-me de improviso o entendimento, e comprehendi em um relance de vista intima o resto da historia de minha mãe. Os que me lerem, porém, precisam que eu lh'a diga, porque o coração de um estranho não é o coração de um filho.

O padre, commovido e fatigado, tomou minha mãe pelo braço, e conduziu-a ao seu quarto.

Atravessamos um corredor, quando D. Antonia nos saía ao encontro.

— Já eram horas — disse ella — o ar da noite não é bom aos saudaveis, quanto mais aos doentes... Que tem, minha filha? está tão desmaiada!...

E minha mãe, abraçando-a com muita ternura, murmurou:

— Venho de ouvir a historia de Nazareth...

— Para que fallam n'essas cousas? — replicou D. Antonia.

— E' para que meu filho saiba beijar as mãos da secular, que foi, em Nazareth, o anjo de amor de sua mãe.

D. Antonia não consentiu que eu cumprisse a vontade de minha mãe, e os estimulos do meu coração. Abraçou-me, chorando, e fez sorrir a todos, porque teimava em querer tomar-me ao collo, sendo eu quasi da sua altura.

XII

Depois d'estas revelações, senti necessidade de outras. O meu nascimento, a morte de meu pae, o casamento de minha mãe com o conde de Santa Barbara, eram factos que eu não podia explicar-me, nem me sentia com o desembaraço de pedir explicações. O pudor tem um instincto, que adivinha, não os segredos, mas o embaraço da pessoa que póde contal-os. Não obstante o desenvolvimento prematuro do meu espirito, eu olhava para mim, e via-me rapaz de quatorze annos. N'esta idade parecia-me temeridade, e falta de respeito, interrogar o padre ácerca de segredos de minha mãe, parti-

cularmente aquelles que a sua linguagem soube colorir de um toque mysterioso para mim.

Mas as circumstancias do meu nascimento dispensava-as eu. O que eu queria era a historia de meu pae, cujas feições, desenhadas pelo padre, eu retivera na phantasia, profundas e salientes, como se as tivesse beijado mil vezes.

No dia seguinte, emquanto o mestre procurava satisfazer a missão que se impozera de observar os passos do conde de Santa Barbara, entrei no quarto de minha mãe, depois que debalde a esperei no jardim.

Os seus padecimentos, adormecidos em um torpor de apparente felicidade, tinha-os acordado a commoção da vespera. Minha mãe recebeu-me com alegria, se assim póde chamar-se ao passageiro sorriso, que bruxoleia a face pallida de uma luz pallida tambem. Poderei dizer que essa luz era o crepusculo da eternidade que amanhecia para minha mãe? Era, era.

— Sente-se hoje peior, minha querida mãe? — perguntei eu, beijando-lhe as faces, que escaldavam.

— Peior não, meu filho: o mesmo, sempre o mesmo. Ha quinze annos que não sinto alteração nos meus padecimentos... E tu? dormiste bem?

— Eu não dormi; scismei toda a noite... como havia eu de dormir? Aquella historia deixou-me tão triste...

— Triste!... por quê...

— Minha mãe soffreu muito, e meu pae...

— Foi feliz...

— Feliz?! eu pensava que não podia sel-o.

— Pois não foi, meu filho? Teu pae não sabes que morreu já?

— Sei, minha mãe.

— Pois que maior ventura lhe desejavas tu? Não imaginas quanto é bom morrer quando se é desgraçado e virtuoso! Não tens ouvido dizer ao teu mestre que a peregrinação trabalhosa n'este mundo é o caminho suave do céo? Teu pae morreu como vivera, meu filho... foi um justo, que pede talvez n'este instante ao Senhor o espirito de tua mãe...

— E será verdade que eu hei de vel-o um dia?

— E', meu filho... e, se não fosse, qual seria a bemaventurança dos que se salvam? Deus permitte n'este mundo a ligação de duas almas, que nunca mais se desligam... Ah! meu filho! se me comprehendesses... se eu podesse dizer ao teu entendimento os formosos sonhos do meu coração... Quem sabe? talvez eu seja comprehendida!... Olha, meu querido anjo, a nossa alma é immortal, e os sentimentos divinos que ella tem são immortaes como ella. Tudo o que sentimos sublime e santo pertence a Deus; tudo o que sentimos rasteiro e vil pertence á terra. O que é da terra, na terra se consome: mas o que é de Deus pertence á gloria, entra no seio da eternidade, porque Deus é infinito. Aquelle santo amor com que amei teu pae, esta santa saudade com que o procuro ha quatorze annos em um mundo melhor, é a respiração da minha alma, é a vida do meu coração, é a chamma immortal do meu espirito, que não póde nunca extinguir-se, nem póde satisfazer as suas ancias sem entrar no seio de Deus a unir-se com a parte da existencia que me levou... Espera, meu filho...

Minha mãe tomou um lenço, onde salivou sangue, e enxugou lagrimas. Repetindo hoje o que então lhe ouvi, vejo confirmada a opinião dos que reputam extraordinariamente subtil a intelligencia do tysico. Minha mãe, fallando commigo, fixava olhos immoveis no céo, como

se buscasse, acima da humanidade, espiritos aereos que a comprehendessem. Era tragicamente sublime o rasgo de inspiração, que lhe illuminava o rosto de uma aureola, como esse toque de luz que admiramos nos retratos das martyres, a expirarem sob o alfange, e a saudarem a myriade dos anjos que lhes acenavam do céo.

Quando me disse — «espera, meu filho...» talvez uma visão inexprimivel em lingua humana lhe arrebatasse o espirito! Talvez o anjo das suas saudades, com a fronte engrinaldada das flores do céo, lhe mostrasse a corôa triumphante do seu martyrio! Minha mãe, absorta em uma adoração, qual o estatuario imprime no marmore das virgens christãs, estendia o braço esquerdo na direcção da minha bôca, como impondo-me silencio. Com ambas as mãos aproximei a sua aos labios, e duas vezes a chamei, sem responder-me.

Passaram-se minutos. Eu esperava que minha mãe caísse desfallecida, quando descesse d'aquelle doloroso enlevo de espirito. Não foi assim. Espantei-me, quando a vi passar d'aquelle arroubamento á vivacidade com que ha pouco me revelava as suas convicções sobre a immortalidade do espirito. Não se deu a mais ligeira transição, a não ser o movimento de feições, que pareciam petrificadas. Dir-se-ia que o hálito creador soprára de improviso nos labios da estatua o espirito de vida, a harmonia da palavra, afinada pela musica dos anjos, que seus ouvidos recebiam.

Foram estas as suas palavras:

— Pouco importa, meu filho, uma flor sem seiva, em um jarro de crystal... A pobresinha não respira o ar dos cortinados e dos festões dourados. Tiraram-lhe o seu céo, o seu orvalho matinal, o seu beijo da viração, e o morbido clarão da lua, que a namorava no silencio da

noite. A mim não me deixaram o seio, onde eu pousava a minha face... Era o meu unico arrimo... fiquei desamparada... caí sobre a minha sepultura, onde me arrasto, ha quinze annos, até que o anjo da morte me diga — «entra no seio do teu esposo...» Meu filho, tu não podes mandar ao morto que se levante, não pódes dizer ás folhas espalhadas de uma rosa que floresçam, não podes encher de vida o coração de tua mãe... Ficarás sem mim bem cêdo. Verás então o que é a viuvez de todas as esperanças n'este mundo... Desejarás a morte... has de pedil-a a Deus, como os felizes do mundo lhe pedem a vida... És uma criança, terás uma época de criança, quando o homem te chamar homem. Ai de ti, quando os teus affectos não forem moldados pelas innocentes illusões de uma criança... Ai de ti, porque então, quando julgares que succumbes a paixões de mancebo, consultarás o teu coração, e sentil-o-has cansado. O primeiro amor desgraçado envelhece o coração, meu terno filho... Sou uma louca... fallo-te... e tu não me comprehendes... Que importa? retem na memoria estas palavras... é a pagina prophetica da tua vida... lê-a todos os dias, e um dia virá em que a comprehendas... Desde esse dia anciarás a morte: se fores religioso, tudo o que o mundo tem de bom e de máu te fará feliz, quando mais vizinho te vires do tumulo. Se não fores religioso, a mesma desgraça te fará crente, não nos homens, nem nas superstições dos homens, mas em Deus... E, depois, á sombra d'esse grande principio crearás um outro mundo, e sorrirás ao infinito, onde vaes passar, transpondo a sepultura, como a avezinha que canta sobre a arvore, a cujo pé se despenha uma torrente medonha, e de um vôo transpõe esse abysmo, para depois cantar de novo sobre a arvore da outra

margem... Has de recordar as palavras de tua mãe, sim, meu filho?

—Não as esquecerei nunca; mas eu quero que minha mãe m'as repita d'aqui a vinte annos... Não me diga que cêdo ficarei sem mãe... Bem sei que não posso fazel-a feliz, como meu pae poderia fazel-a; mas eu sou o filho d'esse seu amigo, d'esse seu anjo de saudades, como tantas vezes lhe chama.

Não me deixou continuar: lançou-se-me ao pescoço, beijando-me sofrega e abrazada.

Padre Diniz veio presenciar este lance.

Minha mãe desceu do seu fervente mysticismo á realidade da sua vida na terra. Padre Diniz vinha fallar-lhe do conde de Santa Barbara, e da sua serva idolatrada. A repugnancia que tinha de ouvil-o, exprimiu-a ella n'estas palavras, que acompanhou de um gesto significativo de aborrecimento:

— Quizera antes, snr. padre Diniz, que me não dissesse nada.

— Pouco poderei dizer-lhe, snr.ª condessa. Não tive tempo para informações. Dirigi-me a casa de seu mano...

—Do marquez de Montezellos?—interrompeu minha mãe como assustada.

— Do marquez de Montezellos; e, se seu pae fosse vivo, procuraria directamente seu pae.

— Com que fim?

—Com o fim de cumprir uma missão providencial: iria punil-o, acordando-lhe o remorso no coração. Dir-lhe-ia que sua filha, amarrada por elle a um poste de ouro, estava em circumstancias de esmolar um bocado de pão. Dir-lhe-ia que o conde de Santa Barbara, como desvelado algoz de sua filha, exercera cabalmente a tyrannia, que o marquez de Montezellos lhe concedeu com

os legitimos direitos de marido... Mas seu pae não esperou a punição n'este mundo...

—E que disse a meu irmão?... Elle conhecia-o?

— Não era preciso conhecer-me...

—Mas que tem meu irmão commigo? Oh! snr. padre Diniz... permitta Deus que as minhas desgraças se não complicassem com esse passo que deu... que foi dizer a meu irmão?

— Muito pouco. Disse-lhe que v. exc.ª era irmã do marquez de Montezellos; que fora violentada a casar-se com um rico para manter a dignidade do seu nascimento; que esse rico a martyrisára durante alguns annos, para lentamente se desfazer d'ella; que essa infeliz senhora, aconselhada por um homem compassivo, fugira a seu marido, procurando uma morte menos trabalhosa...

— E que importava isso a meu irmão, que, ha quatorze annos, expulsei da minha presença?

— O que importava? Eu vou dizer-lh'o, e tivera-o dito já, se v. exc.ª me escutasse com mais serenidade. Lembrei-lhe que a condessa de Santa Barbara devia judicialmente separar-se de seu marido...

— Para quê?

— Para haver dos bens de seu marido quarenta contos com que foi dotada.

— De que me servem esses ignobeis quarenta contos?... Venderam-me, mas eu não me vendi...

— De que lhe servem os quarenta contos? De resgatar este menino da miseria em que ha de vil-o encontrar a idade, em que a subsistencia é garantida pelo suor do rosto ao homem que nada tem de seu.

— E por que não ha de o meu filho ser pobre?

—Para não morrer, como seu pae, suffocado pela mão

descarnada da miseria · · · snr.ª condessa, este mundo está organisado tristemente, mas quem não quizer amoldar-se nas fórmas em que a sociedade lh'o apresenta, lucta sem forças contra um destino invencivel. As mais amargas lagrimas, que v. exc.ª tem de chorar, hão-de ser as ultimas, quando, ao despedir-se de seu filho, não tiver um pão independente que legar-lhe, uma resalva com que possa atravessar a sociedade sem ser apupado das vaias que achincalham o homem pobre. A honra não é herança; é uma bella recordação que um filho conserva de seus paes, emquanto a miseria lhe não risca no coração essas cinco letras, que ninguem desconta · · · Adiante... Fallando com seu irmão, disse-lhe que v. exc.ª não estava em casa de seu marido. Perguntou-me onde estava: respondi-lhe que lh'o não dizia. Recebeu-me cavalheiramente esta negativa, e não instou. Disse-me que ia partir, na direcção de Braga, até encontrar o conde de Santa Barbara, que acompanhava D. Miguel. Observei-lhe que o conde voltára de Santarem, a pretexto de curar-se de uma enfermidade que subitamente o atacára. Vestiu-se, e despediu-se de mim, ordenando-me que o procurasse hoje de tarde para informar-me do que passára com seu cunhado...

— Vae acontecer uma desgraça, snr. padre Diniz!— exclamou minha mãe, tocada por um afflictivo presentimento.

— Que vaticina v. exc.ª?

— Um conflicto de vida e de morte entre meu irmão e meu marido.

— Póde ser que não. O conde de Santa Barbara ha de dar-lhe quarenta contos, porque a vida é preferivel a quarenta contos...

— E, se os não dá, meu irmão...

— Castiga-o? E' um dever... é um peccado, que eu absolvo, porque em uma sociedade desmoralisada, onde os preceitos de Deus são inválidos, permitte Deus que os preceitos dos homens valham alguma cousa. Não devemos deixar passar ao pé da victima, que chora lagrimas estereis, o criminoso com a fronte erguida. É preciso abater-lh'a no chão, é preciso evitar o escandalo; ora, um máu homem impune é feiamente escandaloso, porque desafia muitos a seguirem-o pelo caminho da impunidade. Seu marido ámanhã partiria com a sua creada a saborear, livre de remorsos, os fructos da sua obra. De vez em quando assaltal o-ia a lembrança de sua mulher, que lhe fugiu; mas tal lembrança, em um coração estragado, não doeria tanto como as saudades da creada, que o trouxera de Santarem com um lenço apertado na cabeça. Supponhâmos que o conde de Santa Barbara reputava uma infidelidade a fuga de sua mulher...

— Por Deus!... snr. padre Diniz!... Tenha compaixão de mim!... não faça semelhantes conjecturas...

— Deixe-me fazel-as, porque sou eu que as faço... Imaginando elle que a fuga de v. exc.ª era uma infidelidade, dar-se ia por muito desforrado na sua consciencia. E quem sabe mesmo se elle diria: — «minha mulher trocou-me por outro» — para que lhe não dissessem: — «mataste tua mulher, porque ninguem sabe onde ella vive.» E o mundo acredital o-ia; e para que o mundo não tenha de entrar na perigosa solução do problema da sua fugida, competia-me declarar que v. exc.ª fugira, que v. exc.ª vive, e quando seja necessario declaral-o para sua honra, direi que vive em casa de um padre, cujo nome, ahi n'esse mundo, pesa mais na balança da honra que todo o ouro do conde de Santa Barbara... Até

logo, minha filha; vou dizer missa, que já é bem tarde, para quem está em jejum.

Padre Diniz não deu tempo a que minha mãe exprimisse uma idéia, que se lhe via tumulutar na inquietação dos gestos, e na anciedade com que ouvira as ultimas palavras.

Disse-me que a deixasse sósinha, e lhe mandasse D. Antonia.

Padre Diniz, conforme combinára, foi, na hora aprasada, procurar o marquez de Montezellos.

Na volta, contou assim a minha mãe as informações que colhera.

— O marquez recebeu-me com maneiras extraordinariamente rudes. «Fui fallar com o conde, — disse elle — encontrei-o afflicto; perguntei-lhe por minha irmã, respondeu-me que fugira de casa, durante a sua ausencia. Indaguei os motivos da fuga, respondeu-me que minha irmã vivia desde muito para um homem, que elle não conhecia.

Padre Diniz reparou em mim, quando se interrompeu n'aquella palavra ultima, e mandou-me sair do quarto de minha mãe. Conservei-me na antecamara do quarto, repisando o sentido de cada uma d'aquellas expressões. Poucos minutos se passaram, quando ouvi um grito agudo. Conheci que era minha mãe: abriu-se a porta do quarto, e vi o padre, que chamava D. Antonia para tomar minha mãe nos braços.

Devo concluir o lance que produziu aquelle grito, se bem que vou buscar-lhe a explicação annos depois, porque só então fui sabedor d'esse segredo, que não pude mais cêdo arrancar ao padre, nem a D. Antonia, nem a minha mãe.

Acrescentára o conde de Santa Barbara que sua mu-

lher fora em solteira o que estava sendo em casada: absolutamente livre; e a prova estava em uma carta, que o conde mostrára ao irmão de minha mãe. Esta carta era de meu pae, escripta nos ultimos dias da sua vida, pedindo-lhe protecção para o orphãosinho, que era eu. O marquez de Montezellos conhecera a lettra do filho do conde de Alvações, sobre quem disparára um tiro junto a outro de seu pae. E, convencido da deshonra de sua irmã como solteira, não podia rebater as affrontas que lhe eram feitas como casada. Acrescentára o conde de Santa Barbara, que o agente das negociações adúlteras de sua mulher era um padre, cujo nome com grande mágua sua não sabia, porque muito desejava agarral o para arrancar-lhe o segredo d'aquella infamia, e mandal-o depois azorragar pelo seu lacaio.

Padre Diniz, portanto, era o padre das negociações adúlteras, e estava na presença do irmão da adúltera, que protestára vingar a sua houra, e a honra de seu cunhado tanto quanto fosse possivel.

O padre, depois que ouvira o infamante arrazoado do marquez, tirou da sua carteira com admiravel tranquillidade um bilhete, que dizia: «Padre Diniz Ramalho e Sousa, largo da Junqueira n.º 44.»

— Dou-lhe a minha residencia, snr. marquez,—disse elle serenamente—para que v. exc.ª, não querendo receber as ultimas lagrimas de sua irmã, vá ao menos levar-lhe um obulo da sua fortuna para as despezas do seu funeral, que eu não posso supprir, porque sou pobre como ella.

O marquez impressionou-se d'estas palavras, e vacillou na resposta. Padre Diniz ia retirar-se, quando o irmão de minha mãe lhe indicou que não saísse. O inalteravel *agente das negociações adúlteras* da condessa de

Santa Barbara tornou a sentar-se. O marquez fitava-o attentamente, como quem queria ler-lhe na tranquillidade do rosto muita innocencia.

— Então — disse elle — convida-se o snr. padre Diniz a que vá ver minha irmã?

— Tomo a liberdade de convidal-o, comquanto não fosse auctorisado para isso; mas a desgraçada senhora ha de querer um parente á cabeceira do seu leito de agonias... Esta punhalada deve matal-a... mas juro que ella não quer morrer sem lavar o escarneo aviltante, que seu marido lhe cuspiu na face. Trata-se de salvar-lhe a honra a ella... Emquanto a mim, serei eu o restaurador da minha honra ultrajada por um homem, que me fará esquecer que sou um sacerdote.

— Quando posso ver minha irmã?

— Já, se v. exc.ª quizer.

— A' noite.

— Até á noite, snr, marquez.

O grito de minha mãe fora arrancado por estas commoções despedaçadoras.

XIII

Algumas paginas, que vão ler-se, não me pertencem: copiei-as do *Livro Negro* de padre Diniz, como elle o intitulava. Não fui testemunha das scenas aqui descriptas. Os meus quinze annos não poderam reter impressões então recebidas, porque o espirito debil não podia digeril-as. O encontro do marquez de Montezellos com minha mãe não consentia a minha presença, nem eu mes-

mo sabia que tal homem viria áquella casa. E, portanto, vejamos o quadro, vigorosamente desenhado pelo homem que empregou o resto da sua vida perpetuando as reminiscencias amargas do tormentoso drama de minha mãe.

«O marquez de Montezellos esperava sua irmã na sala, ás nove horas da noite. Quando o annunciei, a condessa perdeu inteiramente uma affectada coragem, que tinha mostrado. Sustive-a difficilmente, encorajando-a com a precisão que tinha de ostentar-se forte da sua innocencia.

«O encontro destes, dois irmãos, que ha quatorze annos se não viam, não se exprime. O marquer reparava em sua irmã com os olhos perplexos de um espanto, que pareciam duvidar da pessoa que se lhe apresentava como condessa de Santa Barbara. Esta, superior ao dorido resentimento, que devia irritar-lhe a presença de um homem, que ajudara a cravejar-lhe os espinhos da sua corôa de martyrio, caminhou para seu irmão, estendendo-lhe a mão affectuosamente.

« — Angela!... — murmurou o marquez, abrindo-lhe nos braços o amparo, que ella muito precisava para não succumbir á convulsão.

« Angela tinha a face banhada de lagrimas. Dos braços de seu irmão, onde não podiam as pernas sustental-a, passou a uma cadeira. Via-se que luctava com a exaltação dos variados sobresaltos que experimentava. Cada palavra, suffocada por um soluço, vinha-lhe aos labios esvaecida da angustia em raras articulações.

« Pertencia-me a mim quebrar aquelle silencio afflictivo para a infeliz senhora, e não sei mesmo se afflictivo para seu irmão.

«—O snr. marquez—disse eu—veio pessoalmente ou-

vir sua irmã, depois que ouviu o conde de Santa Barbara. Entre o snr. marquez e sua irmã está um padre que deve parecer um mysterio para v. exc.ª A historia d'esse padre... a minha historia... compete-me a mim contal-a, e eu farei por que, em poucos minutos, nem eu seja reputado o *agente das negociações adúlteras* da snr.ª condessa, nem v. exc.ª tenha de ouvir da bôca de sua irmã confissões que nunca se fazem sem uma grande violencia.

«Ha quinze annos que a snr.ª D. Angela de Lima foi encerrada no convento de Nazareth, por ordem de seu pae. Na vespera d'esse dia foi ferido com dois tiros o amante d'esta senhora. V. exc.ª sabe que os ferimentos não mataram immediatamente D. Pedro da Silva, se bem que desde esse instante o desgraçado fez tréguas de alguns mezes com a morte, porque o Altissimo não o quiz tirar d'este mundo sem que expiasse, com as lagrimas de uma acção nobre, os desvarios de uma paixão generosa nos seus principios, e lamentavel nas suas consequencias.

«Conheci então D. Pedro da Silva, e amei-o, como filho, desde que o conheci. Amei o como filho, porque nunca me sentira mais commovido por um mancebo, que queria salvar a honra de uma menina, a quem sua familia sacrificaria de bom grado no altar da deshonra, para depois lhe fazer a apotheose no altar do ouro...

«Esta senhora, snr. marquez, quando entrou no convento de Nazareth, deixou no mundo um homem, que a sociedade não legitimára como seu marido, mas que o coração abraçára cegamente, sem reservas, sem condições, e sem os receios da opinião publica.

«Sua irmã, senhor, entrára em Nazareth, quando devia entrrar na igreja, para que o ministro de Deus lhe

absolvesse uma culpa, que a sociedade alcunharia... uma deshonra.

«Será necessario rastrear a phrase, para ser comprehendido?

«O filho do conde de Alvações tinba um coração prodigioso de honradez.

«Apaixonado até ao delirio, não veio consultar-me para que eu lhe dissesse a maneira decente de participar ao marquez de Montezellos que sua filha seria brevemente mãe, e obrigaria as religiosas de Nazareth a serem, por compaixão, suas parteiras. Não: este nobre mancebo o que me pedia era a minha protecção para que a sua desgraçada amante se não désse em espectaculo de deshonra ás religiosas, que a tinham recebido como uma virgem, que fora alli buscar no fervor religioso o complemento da sua educação.

«Eu tinha n'esse convento uma irmã... uma amiga...

«Dirigi-me a minha irmã. Tive de revelar-lhe um segredo, que a deixou passada d'esse singelo terror, que devia preceder uma fervente compaixão. Pedi lhe que desde certo tempo em diante, a titulo de muita amizade, recolhesse na sua cella a pobre menina, e desviasse quanto podesse, sob qualquer pretexto, as visitas do quarto. Mas isto não era tudo, snr. marquez. Faltava ainda preparar os ultimos soccorros, para que esta senhora, por falta de assistencia, não fosse um cadaver no acto de ser mãe. Esses soccorros quem m'os daria? O meu zelo, a caridade de minha irmã, e a consciencia de uma boa acção. Procurei uma mulher das que o silencio se lhe compra com dinheiro.

«— Noto-lhe no rosto, snr. marquez, alguns signaes de indignação...

«— E' uma affrontosa surpreza—disse elle.

«— Affrontosa, não, snr. marquez... chame-lhe antes uma scena de agonias surdas, a que seu pae assistia com a maior presença de espirito.

«— Meu pae?! — exclamou elle arrebatado, com os olhos injectados de sangue.

«— Seu pae—respondi eu placidamente.

«— E' mentira!... meu pae, se o soubesse, apunhalava minha irmã, e despedaçava o infame que a seduziu.

«— Não é mentira, snr. marquez: seu pae não apunhalava uma filha, porque tinha de dar ao publico a razão por que o fizera, e n'essa satisfação ao publico era ferido o seu orgulho. O pae de v. exc.ª não despedaçava o amante de sua filha, porque não ha pae, nem irmão, nem marido, que não soffra uma affronta em silencio, comtanto que os seus amigos ignorem que foi affrontado.

«— E' mentira... repito, e sinto que v. s.ª não esteja na condição de me dar uma satisfação plena.

«— Dar-lh'a-hei plenissima, snr. marquez, porque a minha condição sacerdotal não exclue os estimulos da honra. E começarei a dar-lh'a já, a meu modo, e, se não conforme as leis da cavallaria, ao menos com a logica rigorosa dos documentos. Queira attender-me v. exc.ª.

«Vou ler-lhe a copia de uma carta que escrevi ao snr. marquez de Montezellos. Hei de mostrar-lhe outra, depois, que o snr. marquez se dignou escrever-me.

«— Eu não me persuado que o senhor tivesse relações com meu pae...

«— Quer com isso dizer-me que minto... Vejo que v. exc.ª é teimoso por indole, e não por educação... Conhece a lettra de seu pae?

«O marquez tomou a carta, que eu lhe offerecia, e não respondeu. Angela exprimia sensivelmente a repugnancia com que assistia ás grosserias de seu irmão.

Eu bem a via contorcer-se na cadeira, e franzir a testa olhando impaciente para o marquez, e envergonhad para mim.

«Condoído da sua penosa situação, procurei um pre texto para a fazer ausentar da sala. Eu receiava-lhe u esvaimento dos muitos frequentes que a atacavan quando recebia impressões fortes.

«E offerecendo-lhe o braço, disse eu:—E' convenient que v. exc.ª se retire. Não é bom que saiba tudo qu tem relação com a sua vida... E, demais, a sua saud é muito melindrosa... Logo tornará a encontrar-me co seu mano.

«A condessa ergueu-se e retirou-se, fazendo uma l geira mesura de despedida a seu irmão.

«O marquez olhou-a de revéz, lance de olhos mui commum na refinada malicia, ou na estupidez grosseir

«Fechei a porta por onde saíra a condessa, e vi sentar-me ao pé do marquez.

«— Ouça v. exc.ª esta carta,—lhe disse eu—e depo lhe direi quaes incentivos me fizeram praticar este act

«E eu li:

«Exc.mo marquez. Encontra v. exc.ª no remate d'es «carta um nome que não conhece. Devo dar-lhe un «definição de quem sou, porque na simples palavra *p* «*dre,* que precede o meu nome, não está explicada «minha importancia no mundo.

«Um padre, snr. marquez, póde exercer no coraç «da filha de v. exc.ª o dominio que seu pae não exerc «ministro de Deus, que perscruta o recondito da alm «vae sondar nas chagas profundas da consciencia pa «applicar-lhe o balsamo divino, quando as consolaçõ «humanas são impotentes. Muitos gemidos, senhor, q «suffocariam uma infeliz, antes que ella, aos pés de s

«pae, podésse balbuciar «perdão!» côam-se através do «confessionario, e vão pedir ao coração do sacerdote «esse conforto de esperança, que Jesus Christo legou «aos representantes da sua caridade para com a samaritana.

«Eu sou, pois, o mais indigno dos que passam na «terra enxugando lagrimas, e inspirando esperanças a «quem as chora na desesperação de uma sorte melhor.

«V. exc.ª tem uma filha, que chora assim; e eu sou «o sacerdote, que, ha poucos instantes, lhe ouviu entre «soluços uma confissão dos erros, que lhe absolvi em «nome de Deus. Mas não basta para a sua felicidade «na terra a misericordia de Deus; é necessario que seu «pae seja misericordioso, é necessario que seu pae lhe «diga: — Ergue-te, minha filha, do abysmo de perdição «onde te arrojei, cuidando que te salvava!

«Sua filha, senhor, entrou no convento de Nazareth, «como quem vae expôr o lastimavel quadro de uma «paixão cega entre pessoas, que menos comprehendem «uma paixão, e mais se horrorisam das suas fataes consequencias.

«V. exc.ª, quando a arrastou violentamente a essa «casa, não sabia que sua filha tinha pertencido em «corpo e alma ao homem de quem a separava.

«Era tarde para levar ao abrigo da religião a mulher «que se perdera sem saber que se perdia. Era tarde «para entregal-a ao culto divino, quando uma paixão «invencivel, e vinculada á existencia de um filho, era «desgraça de mais para conceder á infeliz amante e mãe «alguns minutos de oração com espirito tranquillo.

«Estas revelações são pungentes, snr. marquez, mas «abençoada dor a que nos livra de uma grande vergonha. A salvação d'esta menina é possivel, porque a

«sua união com o homem da sua alma vae santifical-a
«diante de Deus e da sociedade.

«Permitta, senhor, que eu seja o mensageiro do seu
«perdão. Inspire-se do grande nome de seus avós, d
«grande nome de v. exc.ª e do futuro da sua reputação
«para que as flores da virtude, que começam a murchar
«na grinalda innocente de sua filha, possam reverdecer
«com o seu perdão, e com o seu beneplacito n'este ca-
«samento, em que v. exc.ª faz dois entes venturosos,
«poupando o vilipendioso nascimento de um terceiro,
«que virá depois, neto do marquez de Montezellos, pedir
«talvez uma esmola de pão aos lacaios de seu avô.

«Antes d'estas considerações, todas mundanas, deve-
«ria eu reclamar de v. exc.ª a caridade evangelica, o
«amor do proximo, e particularmente os deveres sacro-
«santos que o prendem a sua filha. Deveria, mas eu
«comprehendo a grandeza da terra, e lembrou-me que
«v. exc.ª não quereria amesquinhar-se aos olhos da so-
«ciedade, caprichando na absoluta deshonra de sua fi-
«lha. Terei a honra de procurar hoje de tarde a res-
«posta d'esta carta, assim como a tenho desde já, assi-
«gnando-me capellão e servo respeitador de v. exc.ª

«*Padre Diniz Ramalho e Sousa.*»

« — Já vê v. exc.ª, snr. marquez, que seu pae não
«deixou de apunhalar a filha, e despedaçar o amante da
«filha, por ignorancia.

«A resposta confirma o facto verdadeiramente. Leia
«v. exc.ª

«Era este o conteúdo da resposta, que o marquez leu

«Não me considero obrigado a dar satisfações dos
«meus actos, nem tão pouco a receber conselhos. Como

«pae, pertence-me grangear o futuro da minha filha, «embora a opinião publica, com que v. s.ª me ameaça, «entenda que o futuro, que eu lhe preparo, não é o «melhor. V. s.ª, como sacerdote, a missão mais nobre, «que tem a cumprir, é guardar o segredo que lhe foi «revelado em confissão. Eu vou tomar as necessarias «medidas para que minha filha não seja exposta á des- «honra, que v. s.ª receia.

«*Marquez de Montezellos.*»

«O irmão de Angela dobrou placidamente esta carta, e entregou-m'a com a maior indifferença. Eu fiz-me estranho á sua frieza, e continuei:

«—Bem sabe v. exc.ª quaes foram as medidas que seu pae tomou para que sua filha não fosse exposta á deshonra. Mandou-a immediatamente sair do convento, e transportou-a para uma quinta a vinte e cinco leguas de Lisboa.

«Estavam, portanto, inuteis todas as minhas precauções. Foi então que reputei irremediavelmente desgraçada D. Angela! A mais cruel das conjecturas, que me assaltaram, foi o temor de que a infeliz menina fosse ser morta em torturas surdas ás mãos de seu proprio pae. Eu tinha visto a carta que o marquez de Montezellos escrevera ao conde de Alvações. Essa carta promettia esconder em uma mortalha o corpo maculado da amante de D. Pedro da Silva, se por desgraça o estivesse.

«Não lhe direi, senhor, as agonias d'este generoso mancebo, quando lhe apunhalei o coração com esta nova. V. exc.ª não póde talvez ouvil-as sem piedade, e eu arrependera-me de contar-lh'as, se lhe não visse uma

lagrima. Basta que lhe diga que esse nobre infeliz caiu, como fulminado, no leito, onde, quatro mezes depois, proferiu uma palavra, o nome de sua irmã, e cerrou os labios para sempre.

«Não estava cumprida a minha missão, snr. marquez. Um mez depois que sua irmã foi encerrada na quinta das Alcaçovas, via-se um homem desconhecido, trajando as vestes de cigano, e sustentando a mentira do seu falso modo de vida em vendas e compras de cavalgaduras. Esse homem passára despercebido entre os fidalgos do Alemtejo, e conseguira pernoitar na quinta em que vivia D. Angela de Lima.

«Quem ahi morava, além d'ella, eram duas creadas, um capellão, um feitor e alguns creados. O desconhecido estabeleceu a sua residencia provisoria a tres quartos de legua distantes d'essa quinta.

«O cigano pretende astuciosamente vêr a filha do marquez; mas nem conseguiu vel-a, nem ousou perguntar por ella. Mas os recursos do ardiloso cigano eram immensos, porque a sua vontade era de ferro.

«Em um domingo convidou os creados do marquez para sua casa. Deu-lhes um jantar, e fez correr profusamente as canecas do vinho. Findo o jantar a embriaguez dominava os seus convivas, e o cigano folgava, não pelo vinho, mas pelo seu triumpho.

«Quando viu aquelles espiritos a doudejarem n'essas expansivas franquezas da embriaguez, pensou que tinha soado a hora das revelações. Fallou na filha do marquez, e viu que a perturbação dos seus convidados não era superior ao sigillo que lhes fora imposto. Não instou; mudou de prática, e mudou tambem de vinho. Pouco depois, quando feriu de leve o assumpto da filha do marquez, achou um só homem que lhe respondesse: os

outros tinham caído aturdidos com o ultimo trago de vinho que poderam comportar!

«Mas esse unico, a quem a Providencia conservava de pé, abraçou o cigano pelo pescoço, e pediu lhe que saísse d'alli, se queria fallar á vontade.

«Saíram, e conversaram durante um quarto de hora apenas, porque o embriagado não pôde suster por mais tempo a sua posição vertical.

«Resta saber o que se passou entre o cigano e o creado do pae v. exc.ª

«E' um lance atrozmente incrivel; mas o cigano não era homem que mentisse. Lembra-se v. exc.ª de um seu creado por alcunha o *Come facas?*

« — Lembro — respondeu o marquez.

« — Pois bem; ouça v. exc.ª as revelações do *Come-facas.*

«Este homem fora chamado de uma quinta em que seu pae o tinha escondido por causa de umas facadas que dera em um rival de seu pae, não sei em que desordens nocturnas ahi para os lados de Belem Seu pae estimava este homem como um arnez em que fazia resvalar a punhalada, que não podia pessoalmente suster. E, demais, o *Come facas* era um intimo confidente do marquez de Montezellos, e uma cega machina das suas vinganças em variados lances.

«Foram estas as revelações do amigo do cigano; mas o cigano não limitava a isto a sua curiosidade investigadora.

«Chamando a conversa ao assumpto da filha do marquez, encontrou no *Come-facas* a mais cordial franqueza, e receiou não poder desfrutar-lh'a muito tempo, porque o seu interlocutor difficilmente se sustinha em pé.

«Soube, portanto, que o foragido fora mandado vir

para aquella quinta, alguns dias depois que D. Angela entrára n'ella. O *Come-facas* não viera para alli sem commissão. A seu cargo estava vigiar que não entrasse na quinta pessoa suspeita; e, quando n'essa pessoa fosse reconhecido o filho segundo do conde de Alvações, podia elle confidente disparar-lhe um tiro, de modo que não houvesse grande pena em esconder o cadaver dos olhos da justiça. Era hediondamente feroz esta missão; mas o horrivel d'ella tem alguma cousa mais grandiosa em atrocidade!

«*Come-facas* fora encarregado de receber em tempo opportuno uma criança, que devia ser-lhe entregue por uma mulher. Esta criança, snr. marquez, antes de receber o primeiro beijo de sua mãe, e a palavra de Christo, que a chamava á redempção, devia soltar um vagido de morte entre as mãos do infanticida, a cujo cuidado ficava lançar-lhe em cima algumas pás de terra.

«Parece que se horrorisa, snr. marquez!... O cigano tambem recuou horrorisado diante do assassino, que já não pôde ver a impressão que causára no seu hospede, porque dera em terra com a ultima palavra do seu programma sanguinario.

«O cigano tomou nos braços este homem, transportou-o á sua cama, e deitou-o com o carinho com que deitaria um seu irmão! E, depois, sentou-se á cabeceira do embriagado, e velou-lhe o somno profundo, até que, alta noite, a digestão se fizera; e o espirito de seu commensal procurava recordar-se da razão porque alli estava.

«*Come-facas* ergueu-se prazenteiro, e chamou pelos camaradas. O cigano sondou-o, antes que os seus camaradas viessem, procurando-lhe algumas reminiscencias da conversação que tiveram.

«Não tinha nenhuma; lembrava-se, apenas, que bebera algumas canadas de bello vinho, e confessava que se sentia disposto para uma nova bambuchata. O cigano a elle só em particular, e a titulo de especial sympathia, convidou-o para no dia seguinte ceiar com elle, depois que a sua saída da quinta se não fizesse notada.

«No dia seguinte, á noite, o cigano esperava com anciedade o homem a quem apertára a mão, e chamára amigo; não obstante, porém, este lisongeiro titulo que lhe déra, o cigano preparou-se para receber o *amigo* como quem espera luctar com um assassino; metteu duas pistolas em um cinturão, e uma faca de matto no bolso da sua jaqueta de pelles.

«*Come-facas* não era homem que faltasse. A mesa estava posta, o vinho provocava o appetite, e o convidado cedia galhardamente á provocação. Antes, porém, que o rubor da embriaguez lhe subisse ao rosto, o cigano tirou da algibeira uma saca de ouro e atirou-a sobre a mesa.

«— Que é isto? — perguntou o *Come-facas*.

«— E' ouro — respondeu o cigano. Conta-o, e chama-lhe teu se me fizeres um serviço, que não te custa nada.

«O homem abriu com sofreguidão a bolsa, e contou quarenta peças.

«— Diabo! — exclamou elle — tu és rico! A quem roubaste este dinheiro?

«— Que te importa? — tornou o cigano — E' teu, se me vendes a criança que o marquez de Montezellos te mandou matar!

«*Come-facas* ergueu-se de um pulo, e cravou no cigano uns olhos, onde regorgitava o sangue da ferocidade surprendida.

«— Quem te disse isso, alma de mil diabos?—exclamou elle, levando a mão ao cabo do punhal

«— Tu! — respondeu serenamente o cigano, apontando-lhe ao peito a bôca de uma pistola.

«*Come-facas* estacou n'esse spasmo estupido, tão vulgar em gente da sua condição. Deixou o seu punhal na bainha, com repugnancia, e cedeu promptamente não sei se á bôca da pistola, se ao espanto em que o deixára aquelle «tu!» proferido com a mais firme presença de corpo, que para tal homem valia mais que a presença de espirito.

«— Senta-te,—lhe disse o cigano, mettendo tranquillamente a pistola no correão—senta-te, e conversa commigo em boa amizade. Tu bem vês que eu sei o teu passado, o teu presente e o teu futuro. Bem vês que eu se não sympathisasse com a tua cara, podia entregar-te á justiça, e não só dar cabo de ti, mas até atirar com teu amo ás Pedras Negras. Vê lá como são as cousas! Não só te não faço mal, mas até te quero dar dinheiro, e livrar-te, por tal preço, de matares uma criancinha.

«— Mas que demonio te disse que eu queria matar a tal criança?

«— Já te disse que foste tu em carne e osso. Estavas bebedo, homem... acabemos com isto; foi o vinho que te fez franco como deve ser um leal amigo. Não te lembras que jantaste hontem commigo?

«— Oh! diabo! então os outros creados do marquez ouviram!... com mil raios de diabos, estou perdido!...

«— Não ouviram nada... quando tu fallaste a sós commigo já elles resonavam como tres porcos a grunhir!... Por isso fico eu. O segredo até hontem era de tres, agora é de quatro... Tu recebes a criança: não a

matas, entregas-m'a, recebes quarenta peças, e dizes ao marquez que a criança está enterrada...

— E tu p'ra que queres essa criança?

— Que te importa a ti? Imagina que quero um engeitado de quem hei de fazer um potreiro de primeira ordem, e um pequeno cigano, fino como o diabo!... Eu sou rico, e não tenho filho nem filha, nem mulher, nem sobrinho que me caísse no gôto cá p'ra o modo de vida em que me vês; e quem houver de apanhar-me as manadas de potros ha de ser homem de se atirar em pêllo para cima de uma faca, e saltar por cima de ti p'ra outra banda. Ora a tal criança, se for rapariga, has-de vel-a d'aqui a doze annos fugir como um raio por essas campinas sobre a melhor egua do Alemtejo. Se for rapaz, isso então, meu caro, ha de ser como se quer. Neto de marquezes e de condes, ha de ter costella de cigano a preceito. Os fidalgos da nossa terra são a raça que mais se confunde com a nossa. Não ha cigano que lhe bote agua ás mãos ahi nas feiras. Palmada que dêem na anca de um cavallo de nora, fazem-o estremecer como um ginete puritano de Alter, ferrado pelos acicates do mais habil Marialva. Ora ahi tens para que eu quero a tal criança. Se fosse teu filho não me servia de nada, porque de um optimo jogador de faca nunca póde saír um soffrivel picador. Lá do neto do marquez de Montezellos, eu te prometto que se as bexigas o não lamberem, hei de fazer o primeiro cigano das provincias do sul. Que mais queres que te diga? Vendes a vida da criança por quarenta peças?

« — Homem! tu queres-me botar a perder!...

« — E's um asno... Perdido estás tu, se eu quizer: pelo menos nem matas a criança, nem recebes quarenta peças... Eu vou d'aqui direito a Elvas, fallo com o

corregedor, e digo-lhe que a filha do marquez de Montezellos está como nós sabemos, e que tenho minhas razões para suppôr que o menino ou menina ha de ser espatifado logo que saia do ventre... Que te parece que fará o corregedor? Intima incontinenti o pae para que lhe apresente o neto vivo ou morto...

« — E que tem lá isso?... apresenta-lh'o morto...

« — Mas isso é o que não quer o marquez. Tu pensas que vaes matar essa criança, para que não venha a succeder em alguma grande herança? qual herança, nem qual cabaça!... O caso é outro. O que o marquez não quer é que se saiba que a filha teve um filho bastardo... Entendes-me, parvo?

« — Vou-te entendendo...

« — Ora se o corregedor o sabe, faz de conta que o sabem quinhentos marotos que elle tem em volta de si, que vem a ser escrivães, meirinhos geraes, meirinhos particulares, officiaes de diligencias, beleguins, aguazis, finalmente as escoalhas mais pôdres da humanidade... Entendeste agora?

« — Está dito! Dou-te a criança, palavra de honra!

« — E eu dou-te 300$000 réis, com que tu pódes viver um anno honradamente sem dares uma facada no teu semelhante. Fazes uma acção boa, e podes com o dinheiro que te dou arranjar um modo de vida que te resgate d'esse officio de carrasco, em que estás atrellado ás sôpas do marquez de Montezellos.

«Eis aqui, snr. marquez, a parte mais interessante do dialogo, que tiveram o seu creado *Come-facas*, e o cigano.

«No fim de tres mezes, ás duas horas da noite foi acordado o cigano para receber o recemnascido. Era um menino embrulhado nas dobras de um saco, e compri-

mido na bôca por um lenço, que a generosa parteira não apertou de mais, porque quiz desviar de si a maior responsabilidade do infanticidio.

«Não obstante, a criancinha vinha quasi morta, e principiou á reviver nos braços de uma ama de leite que o cigano tinha comsigo.

«Poucas horas depois, o cigano abandonava os logares onde vivera quatro mezes, traspassára a grossa manada de cavallos que tinha, e desapparecia do Alemtejo, onde nunca mais foi visto, nem mais noticia sua pôde chegar...

« — Isso parece-me uma novella, snr. padre!—interrompeu o marquez—Pois não houve mais noticia d'esse cigano?!... quem nos afiança que tal cigano existiu?

« — Afiança-lh'o o proprio cigano, snr. marquez. O padre Diniz de hoje não deixa mentir o cigano de ha quinze annos.

« — Então v. s.ª conheceu-o?

« — Perfeitamente; se bem que raras são as pessoas que se conhecem... O cigano era eu, senhor; espero, portanto, que acredite na minha existencia; se não pertence á escola dos pyrronicos.

«O marquez encarava-me com certo olhar reflexivo, em que o respeito e o espanto se combinavam.

«Eu continuei:

« — Tomei a meu cargo a criação do filho de sua irmã, snr. marquez. O pae do menino a essas horas estava nas vascas da morte. Ainda o viu, e gravou-lhe nos labios um beijo, para que o entregasse a sua mãe um dia, ou lh'o restituisse na presença de Deus, onde esperava encontral-o. Na minha presença, e n'esses dolorosos instantes, é que D. Pedro da Silva escreveu uma carta á mãe de seu filho, pedindo-lhe protecção para elle, se um

dia tivesse proporções de dar-lh'a. Essa carta, que eu pude em tempo fazer chegar ás mãos de sua irmã, com a noticia da existencia de seu filho, é a mesma carta que v. exc.ª viu, e é justamente o alvará de algoz, que apresenta o conde de Santa Barbara, se lhe pedem explicação do direito com que martyrisa sua mulher.

«Entretanto, snr. marquez, seu pae desembaraçado d'essa criança que, sem fallar, apregoaria alta voz a deshonra de sua mãe, chamou-a para a sua companhia, tratou a carinhosamente, e lamentou com ella a morte de D. Pedro da Silva! O cynismo de seu pae, snr. marquez, envergonharia Diogenes! Essas flores de saudades, depostas pela mão do marquez de Montezellos no tumulo do amante de sua filha, são o mais aviltante escarro que podia cuspir-lhe na face morta! É quando eu creio que o cadaver estremece no tumulo, e que a justiça de Deus recua espavorida diante dos crimes dos homens!...

«D. Angela apparecia, passado um anno, nos salões. Era ahi arrastada por seu pae, quando o não seguia, silenciosa e humilde, como quem receiava desafiar-lhe as iras.

«O conde de Santa Barbara era um rapaz, orphão aos dezeseis annos, senhor de tres milhões de cruzados, e dissipador de grandes creditos, que contrahia sobre grandes usuras garantidas no futuro.

«Seu pae começou a metter-lhe á cara sua irmã; sua irmã, porém, nunca encontrou os olhos do joven conde sem corresponder-lhe com soberano desprezo. A infeliz menina devorava-se por dentro, chamando em seu auxilio a imagem do homem que morrera quando luctava com o pae, que lhe impunha despoticamente o amor do conde.

«A lucta era desigual. D. Angela não teve coragem de ceder a vida ás ameaças de seu pae. Quando se viu abandonada de todos, recorreu ao proprio conde, pedindo-lhe que a não amasse, que desistisse de um coração que não podia dar-lhe, que a desprezasse publicamente, e ella, em particular lh'o agradeceria com as mãos erguidas.

«Fallava com um rapaz sem brios, sem nobreza de alma e sem esse amor proprio, que raras vezes se extingue na mais depravada alma.

«O miseravel revelou ao marquez as súpplicas que tivera de sua filha. O marquez prometteu-lhe organisar um novo coração á sua futura esposa, comtanto que elle estivesse disposto a emprestar-lhe uns quarenta contos com que queria endireitar a sua casa, e a dotar com outros quarenta sua filha.

«O conde não falhava a nenhuma condição das que lhe eram impostas. Apaixonára-se, e faltava lhe, como já disse, aquelle nobre orgulho que nos faz renunciar altivamente uma mulher que nos pede o nosso odio por commiseração!

«Tratou, portanto, o marquez, de organisar um novo coração á futura esposa do conde.

«Proponho-lhe o programma do seu processo, snr. marquez: era muito simples. Constava da tortura corporal. Fechava-se em um quarto com ella. Roxeava-lhe o corpo com disciplinas, e alimentava-lhe a vida com alguns caldos, para no dia immediato achar um corpo vivo onde repetir as experiencias do processo, que elle chamava infallivel.

«Angela estava disposta a deixar-se matar. Pediu um confessor. O pae não lh'o negou, e louvou lhe a lembrança. Appareceu-lhe um padre, cuja consciencia o marquez

amoldára pela sua. A innocente viu a vingança de Deus sobre sua cabeça, e convenceu-se de que era ré de desobediencia a seu pae. O padre, comicamente horrorisado, pintou-lhe uma legião de demonios de varios feitios, que vinham buscal a em corpo e alma para as abrazadas entranhas do inferno. A infeliz chorou, gritou, desmaiou, e pediu o perdão de seu pae, se ainda era tempo de suster a vingança de Deus.

«O crime estava consummado. Com vergonha e compaixão declaro que a mão de um meu collega pôz a pedra angular n'este edificio de immoralidade!

«Effectivamente o coração da futura esposa do conde de Santa Barbara recebera uma nova organisação.

«Apenas os vestigios da maceração desappareceram da face de D. Angela de Lima, o conde, recebido em casa de seu futuro sogro, encontrou um sorriso nos labios da filha.

«E que sorriso, snr. marquez! Era a fiel expressão da martyr involuntaria, a quem pintaram Deus como um tyranno, que delega em seu pae o direito de tyrannisar-lhe o coração!

«Seu pae accelerava o casamento. Vencera, com ameaças, a resistencia do tutor do conde, e illudira a vigilancia dos parentes, que o estorvavam, chamando para um casamento clandestino o mesmo parocho, a quem pagára a confissão de sua filha.

«Não se dava n'este negocio immoral um passo que me fosse occulto. Eu travei relações com o cura do parocho, por quem o marquez repartia um quinhão de confiança intima, igual áquella que depositára no *Come-facas*.

«Consegui saber o dia do casamento, a hora, e a me-

nor circumstancia d'esse sacramento sacrilego, embora as leis civis sanccionem a relaxidão ecclesiastica.

«D. Angela de Lima era já condessa de Santa Barbara.

«A's duas horas da noite, o ministro de Deus, que vinculára para sempre aquellas almas por um vinculo de Satanaz, lavrava no chamado *livro dos casamentos* a acta de adjudicação de uma mulher, que fora alli ajoelhar aos pés do altar, ao lado de seu dono, mas que fora alli impellida pelo terror das penas interminaveis do inferno, que seu confessor lhe abrira.

«O templo estava escuro na sua maior extensão. Apenas finda a ceremonia, o marquez e o genro entraram na sacristia para assignarem o assento do casamento.

«D. Angela ficou orando, e eu, pouco distante, orára tambem por ella.

«Quando vi o conde curvado sobre o livro, luctando naturalmente com as difficuldades de escrever o seu nome, pé ante pé aproximei-me de Angela, e entreguei-lhe uma carta.

«A pobre menina, assustada, deixou-a cair. Disse-lhe o meu nome, e ella trémula como a haste de uma flor que não supporta uma commoção ligeira, tomou a carta do estrado, e vacillou muito tempo perturbada, sem saber onde a escondesse.

«Chamada para assignar, a condessa de Santa Barbara, ao perpassar por mim, murmurou estas palavras:

« —Perderam-me... para sempre!

«As portas da igreja fecharam-se. Uma carruagem, cujo fremito ao longe se perdia, levava da casa do Senhor uma mulher que viera, no altar do Justo, receber na fronte o estigma da sua escravidão. O codigo de Jesus Christo, interpretado pelo seu ministro, santificára

esse estigma com o pomposo titulo de sacramento! E eu, sósinho no adro do templo, com o peito varado de agonias, que me faziam prevaricar na fé, dizia a sós com a minha alma:—Se não existisse o altar, se não existisse o templo, se não existisse o padre, se o atheismo fosse a suprema razão da humanidade, aquella infeliz não seria agora escrava. Porque o altar é uma irrisão á fé, o templo foi constituido um escriptorio de venda de alma e corpo; e o padre é ahi como a porteira do lupanar, que conduz pela mão o primeiro, que lhe paga, á camara da mulher perdida, que se vende.

«E, levantando os olhos para o céo, tremi horrorisado dos meus juizos. Pareceu me que a minha blasphemia fora insculpida no astro da noite, como uma nódoa negra, através da qual me velava o olho da justiça de Deus. E senti curvarem-se-me os joelhos, quando a palavra «perdão!» se me desprendeu dos labios como um grito atribulado do remorso.... .....

.....

«A carta que eu entregára á condessa de Santa Barbara era a do pae de seu filho, escripta nos transes do passamento. Acompanhava-a um bilhete meu, em que lhe indicava a minha residencia, onde poderia alguma vez receber noticias de seu filho.

«Não sei dizer-lhe snr. marquez, o acolhimento que sua irmã encontrou nos braços do marido a quem seu pae a vendera. E' certo, porém, que no dia immediato ao do casamento, a condessa de Santa Barbara, no cumulo de uma desesperação que eu não sei, nem quereria, ainda que soubesse, definir-lhe, desprezou as penas do inferno com que fora ameaçada pelo crime de desobediencia a seu pae. Tanto assim foi, que ella prohibiu

tanto ao marquez de Montezellos como a v. exc.ª a entrada em sua casa.

«E como seu pae lhe lembrasse o ardente fogo com que o confessor a ameaçára, sei que ella teve a coragem de responder-lhe, que, escrava de seu marido, estava isenta de ser escrava de seu pae, porque o não podia ser de dois senhores. E' isto verdade, snr. marquez?

«—Foi assim; e eu por isso ha quinze annos que não via minha irmã, nem meu pae tornou a vel-a, nem mesmo á hora da morte conseguiu que ella o visitasse.

«—Eu lhe digo, snr. marquez... quando seu pae se debatia nas agonias da morte, que lhe duraram quatro mezes, estava a condessa de Santa Barbara fechada em um quarto, privada de luz, privada de alimentos, e incommunicavel para todas as pessoas, que não fossem o verdugo que seu pae lhe escolhera, e um criado fiel que a Providencia lhe deparára.

«Seu pae, senhor, morreu sem que sua irmã o soubesse, porque o conde lhe não deu tal nova, receiando com isto dar-lhe prazer.

« — E por que estava minha irmã fechada em um quarto?!

« — Durou oito annos essa atribulada situação... pouco mais posso dizer-lhe...

«—Pois não se explica essa atrocidade?

« — Todas as atrocidades se explicam. Medite bem v. exc.ª, e poupe-me o dissabor de lembrar-lhe que sua irmã fora amante e mãe, antes de ser esposa...

«—Não o comprehendo bem...

«—É incrivel!... V. exc.ª crê que a benção nupcial tenha o poder de fazer virgens?

«—Não.

«—Basta, pois: se me não comprehende agora, dei-

xe-me dar-lhe uma segunda explicação, que vem confirmar a primeira.

«Poucos dias tinha sua irmã de casada, quando o conde de Santa Barbara, revistando-lhe os livros das suas orações, encontrou a carta que D. Pedro da Silva lhe escrevera. As suspeitas do marido já não podiam ser illudidas por algum defeito de organisação. Da carta constava em plena luz que sua mulher fora amante, e fora mãe, e tinha um filho, vivo, entregue á educação de um padre, e recommendado, á hora da morte, pelo pae aos desvelos de sua amante. Tudo o mais que eu disser para explicar-lhe a reclusão de sua irmã durante oito annos, é uma ociosidade em mim, e uma impertinencia no snr. marquez.

«— Comprehendo perfeitamente: mas v. s.ª, que é padre, e sabe das cousas de Deus, me dirá se minha irmã não estava sendo providencialmente punida da sua falta...

«—Não blaspheme, snr. marquez! Deus não permitte que o instrumento da sua justiça seja um homem, que dá um tiro no generoso amante de sua filha, que lhe manda esganar o filho, que a vende por quarenta contos de réis, e que a faz passar do thalamo, onde subira deshonrada, a um potro de torturas, onde seu marido a faz expiar a traição que o sogro lhe fizera... Eu detesto a hypocrisia, ainda mais que a estupidez. V. exc.ª deu-se agora um ar beatifico n'essa profunda veneração á Providencia, que me fez descoroçoar de colher os frutos que esperava d'esta sementeira de palavras, arrancadas com difficuldade ao coração...

«—Franqueza, senhor! Que impressão lhe tem feito a historia de sua irmã? Quer entregal-a ao marido?

«—Não, senhor.

« — Quer abandonal-a á miseria?

« — Eu, por mim, de certo não posso dar-lhe uma opulencia que não tenho. A minha casa está empenhada...

« — Pois seu pae não a endireitou, como elle dizia, com os quarenta contos da mercancia da filha?

« — Não sei que fim levaram esses quarenta contos Meu pae morreu devendo oitenta, e eu devo cento e vinte.

« — E que lhe parece, snr. marquez: chegaria agora a occasião de eu fallar-lhe da punição providencial, sem para isso fazer tregeitos beatificos?

« — Será a punição providencial; mas eu não posso ser responsavel das injustiças de meu pae com minha irmã...

«—V. exc.ª n'esse drama sanguinario tem a sua scena, e é preciso que se lave com alguma acção, que lhe não deixe ver aos meus olhos a face borrifada de sangue...

« — De sangue?!

« — Que dúvida, senhor. Já se esqueceu da facilidade com que desfechou uma clavina sobre D. Pedro da Silva?

« — Quem lh'o disse, para affirmal-o tão audaciosamente?

« — A terceira pessoa d'essa covarde emboscada. *Come facas*, quando estava bebedo, era verdadeiro como Epaminondas Thebano... O crime passou, snr. marquez a sua pouca idade desculpa-o; mas o remorso é o nobre sentimento de um criminoso. Condôa-se das gottas de fel que lançou no calix de sua irmã: lembre-se que lhe ulcerou o coração de chagas profundas, cujas dores sóo: amor póde mitigar-lhe. Dê um pouco de amor de irmão a esta infeliz senhora. Estanque-lhe as lagrimas com palavras ungidas d'esse balsamo de esperança, que ella,

coitadinha, pede, porque o seu espirito não póde nutrir se de agonias sómente.

«— Que posso eu fazer-lhe, snr. padre Diniz? Não me dirá?

«Ainda as ultimas palavras d'esta glacial pergunta não estavam proferidas, quando a porta da sala se abriu, e a condessa de Santa Barbara, formosa de um nobre orgulho, que lhe reverberava no rosto, exclamou:

« — Desprezar-me!... E' o maior serviço que póde fazer-me meu irmão: é uma justa recompensa do sentimento que me inspira ha quinze annos!

«A energia d'estas palavras, e a nobre soberba do gesto que as acompanhára, envergonhou o marquez, e encheu-me a mim de satisfação.

«Parece que um fio electrico fizera voar o meu pensamento ao espirito de D. Angela! Era justamente aquella resposta, que eu quizera dar-lhe; mas a consciencia accusava-me de ter eu sido o conductor d'aquelle homem á presença de sua irmã.

«O marquez, impassivel, depois da surpreza que o envergonhára, e rapidamente se desvanecera, ergueu-se, tomou o chapéo e fazia uma despedida em retirada, quando a condessa, soberanamente altiva, tragicamente bella d'esses grandiosos rasgos de um orgulho corajoso, lhe estendeu a mão, indicando-lhe a cadeira em que devia sentar-se.

«Nunca eu vira, nem verei, situação real na vida, que melhor nos faça comprehender as posturas heroicas, em que o sinzel grego aprimorava a gloria da arte! Senti os calefrios do enthusiasmo! Cuidei que os lances da tragedia não podiam naturalisar-se fóra da scena; cuidei que a mulher, fraca e pobre de valentia moral nos grandes padecimentos, não podia, sem muito estudo,

impor-se magnifica e magestosa, apesar de acurvada sob o peso da affronta e do desprezo!

«O marquez sentára-se, como se um braço invisivel o obrigasse. Fascinára-o talvez o olhar de sua irmã! Em mim pelo enthusiasmo, e n'elle pelo ascendente do remorso ou da vergonha, a fascinação era real.

«A condessa sentou-se tambem; cravou no irmão os seus bellos olhos colericos; limpou as bagas de suor que lhe banhavam a testa, e deu a cada uma d'estas palavras um tom de angustia, de severidade, e de arrogancia, que eu apenas posso recordar, e não insisto em descrever:

« — É preciso que me ouça, meu irmão. Ha quinze annos que nos não vimos: fui eu que o afastei com indignação da minha presença: lembro lhe este facto, porque não duvido que o marquez de Montezellos tivesse a cynica audacia de procurar ver me no fundo do abysmo a que me atirou com a ponta do pé. O odio silencioso é um cancro que devora o coração. O martyrio que me infligiram meu pae e meu irmão foi-me tanto mais dilacerante, quanto eu sofreei em mim o grito de desgraçada que elles deviam ouvir-me. Calei-me. Deixei-me arder n'este inferno intimo, onde as esperanças em Deus parece que se extinguem no fogo da desesperação nos homens... Nunca fóra do meu quarto se ouviu um gemido! nunca pedi consolações aos meus nem a estranhos! Bebi silenciosa o meu trago de fel, na taça que meu marido me chegava violentamente aos labios. Aprendera assim a humildade, quando me ensaiei por flagellos que recebi de meu pae. Bem sabe, meu irmão, que eu soffria os seus desprezos com o rosto risonho. Lembre-se que recebi insultos seus, quando lhe chamava «irmão», porque, dizia o mano... era injuriar-lhe o no-

bre sangue que lhe girava nas veias. Eu injuriava-o, porque não queria ser mulher do conde de Santa Barbara, de quem o mano esperava receber quarenta contos de réis para desempenhar o seu vinculo. Eu injuriava-o, porque não queria pagar com o meu corpo os desperdicios de meu pae, nem a herança de meu irmão. Eu injuriava-o, emfim, porque receiava ser a victima expiatoria da traição que meu pae e meu irmão fariam a meu marido, entregando-lhe ardilosamente uma mulher que não podia ser sua... porque fora de outro... Apenas casei, meu irmão, o sangue que girava nas suas veias, de *nobre* que era, degenerou para servil. Enojou-me quando o vi sentado a meu lado nos salões da condessa de Santa Barbara, a quem chamava affectuosamente irmã, e a quem pedia perdão de a ter trazido á força ao throno de opulencia em que a via sentada. Lembra-se muito bem que o encarei com uma certa compaixão, que se doe do caracter rasteiro. Ao pé de mim estava o conde de Santa Barbara, por quem meu irmão repartia as suas baixas adulações, visto que estava proximo o dia de receber os quarenta contos de réis estipulados na venda da escrava, cuja liberdade era injuriosa ao nobre sangue que girava nas veias de meu irmão. Quando soube que estavam em seu poder os quarenta contos, e que a minha repulsa já não podia tolher-lhes o ganho da sua veniaga, mandei retirar da minha presença um barbaro que se chamava pae, e um filho digno d'esse homem, a quem eu me envergonhava de chamar irmão.

«Certo que os não vexei, porque lhes reputo o caracter invulneravel ao mais cortante vexame. Durante quinze annos não pude esquecel-os, porque de instante a instante cá sentia no coração profundar-se a chaga que

elles me abriram. Depois do odio, viria o desprezo; mas o odio perpetuava-se com as dores do flagello, que passou das mãos de meu pae e de meu irmão para as de meu marido. Saiba, senhor, que não fui eu que o mandei chamar depois de quinze annos. Foi o voto espontaneo d'este meu bemfeitor, a quem, pela primeira vez, tive de reprehender uma acção. A sua presença recebi-a como um ultraje; e ainda assim tive a fraqueza de apertar-lhe a mão. Quando ouvi perguntar que poderia o marquez de Montezellos fazer em meu favor, respondi, mas não respondi plenamente. Saiba, pois, meu irmão, que sou a condessa de Santa Barbara, vendida por oitenta contos. O preço do meu corpo é todo meu, comprehende-me, senhor?

«— Não — respondeu rapidamente o marquez, fixando no chão os olhos rancorosos.

«— Não? — tornou ella — Pois eu lhe digo. Poucos dias antes da minha fuga de casa do conde de Santa Barbara, disse-me este homem que fosse a casa de meu irmão receber quarenta contos de réis que lhe emprestára ha quinze annos, e que vivesse d'elles longe da sua vista; e dizendo-me isto, atirou-me com um titulo de dívida... Eil-o aqui... preciso ser embolsada... A mulher vendida reclama o preço de seu corpo.

«A condessa proferiu as ultimas palavras já de pé, com o titulo de dívida aberto, e voltado para omarquez. Este, immovel e estupefacto, viu-a virar-lhe as costas, e sumir-se pela porta, por onde ha pouco entrára.

«Eu quiz ainda atalhar o ultimo lance d'esta scena; mas fiquei surprendido com aquelle titulo. A condessa era tão nobre, que não quizera, mais cêdo, mostrar-me tal documento, receiosa de que eu lhe aconselhasse que o pozesse em juizo.

«O marquez, superior a todas as affrontas, depois do primeiro choque, reanimou-se dos espiritos da sua herdada depravação, e sorriu-se como por desprezo.

«— Não me parece justo que se ria, snr. marquez! — lhe disse eu — Essa valentia moral com que v. exc.ª affronta desprezivelmente as afflicções de sua irmã, não lhe é honrosa, nem mesmo proveitosa. Eu, pela minha parte, declaro-lhe que esta senhora não precisa de alguem que a proteja no caso de querer embolsar-se judicialmente dos quarenta contos que v. exc.ª lhe deve. Eu, que lhe salvei o filho, hei de ser um tão bom procurador, como fui cigano, e como tenho sido ministro de Deus ao pé de seu pae, de v. exc.ª, d'ella, e do pae de seu filho.

«— O que v. s.ª quizer — disse o marquez desenfastiadamente; e desceu as escadas trauteando não sei que estribilho galhofeiro, dos que se ouvem nas orgias taverneiras do bairro alto.»

Suspenderei aqui a cópia do *Livro Negro* de padre Diniz.

XIV

O conde de Santa Barbara era um d'esses muitos maridos corajosos, que recebem, sem vacillar, o golpe de uma affronta que suas mulheres lhes dão. Essa coragem não é, porém, uma qualidade nobre. E' o cynismo, o extremo opposto da honra, que, por uma d'essas analogias dos extremos, se parece muito com a virtuosa resignação. O conde não fora affrontado por sua mulher; mas, emquanto não soubesse os passos que ella dera fóra de

sua casa, deveria julgar que o fora. Não é preciso que um homem seja honrado para calar em si o vexame de uma preferencia, que lhe fere o orgulho; mas é rigorosamente preciso que seja de indole estragada, até á lastima, o marido que proclama a deshonra da mulher para justificar a sua. Tal fôra o conde de Santa Barbara. Quando a consciencia lhe dizia que sua mulher fugira debaixo d'aquelle tecto, onde a desesperação e a tortura lhe golpeavam a vida em um vagaroso paroxismo, esse homem excepcional vingava-se da infeliz, que não quizera morrer ás suas mãos, apregoando-a adúltera, e adúltera das que abandonam seus bondosos maridos para se hospedarem em casa de seus amantes. Se minha virtuosa mãe se suicidasse, o conde de Santa Barbara talvez dissesse que uma paixão violenta por um amante, que a desprezára, a impellira a esse vergonhoso delirio.

Padre Diniz promettera espreitar os passos do conde. As revelações feitas pelo conde de Alvações poupam-o a diligencias. O caracter do primeiro estava definido, e o do segundo tambem.

O conde não alterou o programma com que voltára de Santarem. Poucos dias depois que entrára em casa, viram-o sair com a galharda presença de um homem, que leva no rosto a paz da consciencia. Algumas horas antes saíra uma traquitana com as portinholas cerradas. Quem dentro ia era a creada, o anjo da sublime paixão do conde. Anjo sublime lhe chamo eu, e não é por ironia que o digo. Para certos caracteres são aquellas mulheres os anjos, e nem eu sei se é judicioso criticar um homem, que viu a sua felicidade onde nós veriamos a nossa desgraça... Quem preveria então o que esta mulher foi depois?...

Antes de partir, o conde recebera a visita das primei-

ras pessoas de Lisboa, que por ceremonia se interessavam na sua saude. Para este culto respeitoso muito concorria a valiosa importancia que o conde tinha ao pé de D. Miguel. As illações que um politico poderia tirar d'esta sympathia, d'esta aproximação, d'esta importancia, não importam nada ao romancista que escreve uma historia contemporanea; mas tantas são ellas, e de tanto alcance na perda inexplicavel das instituições politicas em vigor até 1833, que muito valia a pena dissecal-as, sem receio de resvalar com o escalpello pela face da alguns que ainda vivem.

Ora o conde de Santa Barbara a cada amigo que lhe perguntava pela condessa contava-lhe, com ar de constrangimento, a historia de sua mulher emquanto solteira, a má vida que lhe déra como casada, e, por fim, o seu aviltante e inqualificavel procedimento no abandono em que o deixára, refugiando-se não sabia elle aonde, com o homem por quem fôra preferido.

Minha mãe, portanto, era o alimento ignobil das conversações das salas e das praças, quando o conde de Santa Barbara, contente de si, e firme com todo o peso da sua perversidade, abandonava Lisboa, e sonhava voluptuosamente uma quadra de venturas novas, que tão risonhas lhe promettia o terno sorriso da sua amada Eugenia.

Padre Diniz, com o coração cheio de amargura, e os labios cerrados pela compaixão que tinha de minha mãe, calou a vil reputação em que a pobre senhora estava sendo conceituada. Era fulminal-a, talvez, uma semelhante denúncia.

Mas o padre não podia, com mais ancia, zelar a honra de uma filha, cuja innocencia lhe fosse uma convicção tão intima como a probidade de minha mãe.

O primeiro passo dado pelo padre foi o unico que podia dar-se em favor de minha mãe. Apresentou no tribunal, onde se tratam sevicias, e castigam calumniadores, uma petição que não era só petição, mas um appêllo que a condessa de Santa Barbara fazia a seu marido para repetir as infamias que lhe imputára na presença das pessoas que as propalavam em Lisboa.

Este requerimento de minha mãe produziu uma profunda sensação de remosso n'aquelles que a arrastaram ao pelourinho das praças, segundo a vontade de seu marido.

Era necessario que voltasse o conde para responder á interrogação, ao grito afflictivo, ás sagradas exigencias de sua mulher. Minha mãe tinha uma protecção unica; era o padre, que, apenas lhe pedira a sua assignatura em um papel em branco, porque não queria fazel-a sabedora do estigma que lhe cuspiram na face, senão depois que ella já o não sentisse.

A' hora em que o requerimento era despachado, o conde de Santa Barbara chegava a Santarem. Ao apear-se do seu cavallo, chegou á portinhola da traquitana, offerecendo o braço á creada, que se viu embaraçada com o cortejo das pessoas, que a reputaram condessa de Santa Barbara.

O conde entrou melancolico no quarto da hospedaria, e queixou-se de uma dor physica, que o não deixava respirar. Esta dor cresceu com symptomas assustadores, a os facultativos que rodeavam o leito do conde, olhavam-se mutuamente com esse olhar de desconfiança que aterra um enfermo. A idéa da morte apresenta-se a um perverso com um cortejo de flagellos, que não sabemos se lhe mordem a consciencia varada de remorsos, se lhe despertam a anciedade da vida para novos crimes.

Algumas horas depois que a dor parecera apertal-o em seus braços de ferro até suffocal o, o conde sentira allivio, contorcia-se menos, mas desfallecera em uma completa atonia do corpo. Uma febre violenta sobreveio-lhe immediatamente, e os medicos declararam-o perigoso.

Vinte e quatro horas depois, apeavam na mesma hospedaria um escrivão e um meirinho geral, perguntando, não pelo conde, que o não suppunham alli, mas pelo tempo que lhes seria necessario para alcançal-o. Entre estes homens de justiça via se um outro. Era padre Diniz, que se despedira de nós por dois ou tres dias indispensaveis para negocios seus.

Outro qualquer vacillaria, antes de levar uma citação vilipendiosa á cabeceira de um enfermo gravemente perigoso. O padre não. Os enviados do juiz de fóra pareciam hesitar, encarando a farda agaloada dos lacaios do conde, que, encostados á porta do quarto de seu amo, esperavam as ordens que lhes eram transmittidas pela serva carinhosa, que não abandonava o leito do seu enfermo.

O padre, porém, instigava-os com a lei, e com o seu ar de soberania, menos facil de ser desobedecido que a lei de ser sophismada pela simples vista das librés do nobre conde de Santa Barbara.

A antecamara do illustre enfermo estava cheia de fidalgos de Santarem, que vinham respeitosamente depôr nas mãos da creada, como costuma dizer-se, os seus profundos sentimentos pelos incommodos do conde.

Padre Diniz, o escrivão e o meirinho atravessaram a sala d'estes senhores, maravilhados do que viam. Já com a mão no fecho da porta, que abria para o quarto do conde, padre Diniz, voltando se para os grupos de

fidalgos que o contemplavam absortos, disse com delicadeza e intimativa:

— Peço a vv. exc.as que se demorem alguns minutos, porque a sua presença vae ser necessaria para uma obra honrosa.

E entrou no quarto do conde de Santa Barbara.

O conde estava com a cabeça inclinada sobre o hombro da creada, que recebia, em uma postura graciosa, o doce fardo de seu senhor.

Surprendido pelo ruido da porta, que rapidamente se abrira, o febricitante abriu os olhos, e cuidou ver mais tres fidalgos da comitiva, que não cessavam de visital-o.

Padre Diniz cortejou ligeiramente o conde, e olhou de revés com estudado desprezo a enfermeira, que, pela indifferença, parecia convencer-se da honesta missão que preenchia á cabeceira do doente.

— Quem são vv. exc.as?—perguntou o conde, esforçando-se em receber com a gravidade heraldica, que o caso pedia, os recem-chegados.

— Pelo tratamento que nos dá—respondeu o padre—bem se vê que não temos a honra de ter relações com v. exc.a. Eu sou um padre, que n'este momento, contra os canones, accumula de alguma fórma as funcções de procurador de causas. Este senhor é escrivão da terceira vara, est'outro é um meirinho.

— Que pretendem de mim? — interpellou o conde, franzindo a testa.

— É aqui ao snr. escrivão que compete responder — disse o padre tranquillamente.

— Citar v. exc.a — acudiu o escrivão — para o fim conteúdo n'este requerimento.

— Não devo nada a ninguem — exclamou o doente,

com a face duplamente abrazada pela febre e pelo orgulho irritado.

— Não se trata de divida, snr. conde,—tornou o escrivão — v. exc.ª perdoará se venho involuntariamente mortifical o. Sou mandado aqui a requerimento da snr.ª condessa de Santa Barbara.

— Que tem essa mulher commigo? — interrompeu o conde, afastando freneticamente os cabellos, que se lhe empastavam no suor da testa.

— A snr.ª condessa—proseguiu o inalteravel escrivão —queixa-se de ter sido atrozmente calumniada por seu marido, e requer que v. exc.ª seja chamado a juizo para provar a calumnia, ou desdizer-se.

— Desdizer-me! — vociferou raivosamente o conde. —Desdizer-me!... eu?... Vossê sabe com quem falla, su beleguim, su miseravel, que o mando azorragar pelo meu boleeiro!...

Estes gritos acabaram de resolver os fidalgos, que estavam na antecamara, a entrarem atropelladamente no quarto. As visagens que o conde contorcia denunciavam um louco furioso, e assustariam qualquer homem que não fosse um escrivão de juizo. Não ha nada mais heroico que a impassibilidade com que o razoavel funccionario respondeu ás ameaças do enfermo.

— Snr. conde de Santa Barbara—disse elle, sorrindo bondosamente — a lei, cujo executor eu sou, exerce o seu dominio sobre os membros da sociedade no estado normal. V. exc.ª não póde ser autuado, porque as suas faculdades intellectuaes reclamam a enfermaria de S. José, e não pódem achar o balsamo no Limoeiro. E se isto assim não fosse, creia v. exc.ª que o autuava. Esperarei um intervallo lucido, para que v. exc.ª assigne a citação, que vou lavrar na presença d'estas testemunhas.

Emquanto o escrivão experimentava na unha os bicos da penna, que o meirinho lhe ministrava do seu tinteiro de osso, o conde, com os olhcs torvos e esgazeados, fixava diabolicamente a physionomia de padre Diniz.

— Eu já vi este homem... outra vez!...—murmurava elle. — Era esta mesma cara... lembras-te, Eugenia?...

O conde não achou resposta a esta interrogação. Eugenia não podera supportar a vista fulminante do padre e fugira sobresaltada, quando viu pelo quarto dentro a irrupção dos cavalheiros attrahidos pelos gritos desentoados do seu amante.

O conde, espantado de não ver a seu lado a inseparavel companheira das suas agonias d'aquelle dia, rodava sobre o tronco, e procurava-a anciadamente em todas as direcções.

Padre Diniz, que ouvira a pergunta, e não vira a creada para responder-lhe, aproximou-se lentamente do travesseiro do enfermo, e disse-lhe quasi ao ouvido:

— Sou eu effectivamente o homem que v. exc.ª viu...

— Defronte das minhas janellas...—atalhou o conde.

— Defronte das suas janellas,—continuou o padre— justamente, quando v. exc.ª me mandou retirar, ameaçando-me.

— E comsigo estava um rapaz...

— Não ha dúvida... estava commigo um rapaz...

— Quem era?

— Que lhe importa a v. exc.ª saber quem era? era um orphão, supponha, era uma criança inoffensiva...

— E com que direito vem o senhor aqui acompanhando este escrivão?

— Eu sou o protector unico da snr.ª condessa de Santa Barbara. Sou a sentinella vigilante da sua honra, e

posso, sem escrupulo, dizer que o sou tambem da honr de v. exc.ª.

— Da minha honra!··· o senhor zomba de mim··

Este curto dialogo passou despercebido para os qu estavam alguns passos distantes da cama do enfermo O escrivão acabava de lavrar o auto de notificação, o como é que se chama, e offerecia attenciosamente a conde a penna, para o indispensavel effeito da assigna tura.

O conde não hesitou aceital-a; mas, apenas a rece beu, deixou-a cair, como se a mão lhe paralysasse n'ess momento. A' quéda da penna succedeu a quéda da palpebras, e uma somnolencia profunda lhe deu ás fei ções a placidez cadaverica de um moribundo em paro xismos.

Esta transição improvisa levou o terror ao espirito d proprio escrivão, que, de bom grado, se retiraria, s uma lei ferrenha lhe não infligisse em perda de offici a imperfeição do solemne mandato.

N'este momento entrou um dos facultativos, que to mou o pulso ao doente, e disse:

— E' uma syncope; os symptomas não são aterrado res; mas após esta póde vir uma que o mate.

— Snr. doutor, que doença é esta do snr. conde? — perguntou o padre.

O doutor encolheu os hombros···

— E' um caso novo na minha clinica, e na dos meus collegas — disse elle. — Temos esgotado ha quarenta e oito horas todos os recursos, e esperamos um diagnos tico mais caracteristico para capitularmos este caso ex traordinario.

O doutor iria espraiar-se em um manancial de pala vras arrevezadas e tumidas; mas o conde de Santa

Barbara abriu os olhos impetuosamente, e cravou-os ainda no padre, como se acabasse de vel-o em um sonho pavoroso, para encontral-o ainda na realidade de acordado.

Esperava se d'aquelles labios convulsos e semiabertos uma imprecação, uma blasphemia, uma injuria, ou pelo menos um brado pelo boleeiro, armado do afidalgado chicote, quasi sempre instrumento preferido nas desforras fidalgas.

Não aconteceu assim. O conde, com olhos serenos, e o rosto quieto, olhou em derredor de si, e murmurou a meia voz:

— Antes que eu assigne este papel... peço que me deixem só com este senhor.

A pessoa que elle apontava era padre Diniz.

Os circumstantes retiraram, e padre Diniz fechou-se por dentro.

XV

Padre Diniz, sem acertar com o assumpto d'aquella entrevista extraordinaria, fechou sobre os que saíram a porta do quarto, e aproximou-se respeitosamente da cabeceira do enfermo. O conde, sem levantar os olhos das mãos, que tinha cruzadas sobre o peito, em devota postura, depois que humedeceu com a lingua os labios resequidos do calor da febre, fallou assim pausadamente, dando a cada palavra o tom lúgubre de uma solemne revelação, feita á hora da morte:

— Snr. padre! eu se escuto a minha consciencia, ouço accusações, que me affligem; mas se consulto o meu

coração, absolvo-me dos meus peccados, isto, é, d'aquelles que commetti em aggravo da condessa de Santa Barbara.

Padre Diniz cortou depressa o silencio em que ficára o conde:

— Antes escute a consciencia, snr. conde, porque o coração apaixonado é um mau conselheiro, que, depois de instigar o crime, não tem dúvida alguma em absolvel-o.

— Mas a cabeça, senhor, inclina-se para o coração... Eu precisava vingar-me... vingar-me, sim!... Zombaram de minha innocencia... fizeram a minha alma victima da minha riqueza... Se eu fosse um pobre, não viriam os especuladores tolher-me a felicidade de toda a minha vida...

— Não o comprehendo bem, snr. conde... Visto que v. exc.ª me faz a honra de querer ouvir-me, quizera eu que me aclarasse as suas idéas de modo que eu possa responder...

— Pois sim, responderá, mas eu é que tenho poucas... ou não tenho nenhumas perguntas a fazer-lhe... Não sei se vou dizer-lhe novidades. Se o não forem, ouça-as repetidas por mim, que são ditas como na presença de Deus... Ha de ouvil-as com paciencia, e eu hei de dizel-as com repugnancia, mas com verdade... Eu era uma criança quando o marquez de Montezellos, mascarado de uma hypocrisia astuciosa, me veio perturbar nos meus desvarios de rapaz, que não faziam mal senão a mim, que os comprava á custa do meu dinheiro... O impostor lamentava os meus desperdicios, e doía-se, dizia elle, de ver tão mal encaminhado o roteiro do representante de uma das mais illustres casas de Portugal.

«Primeiro ouvi-o com paciencia; depois afiz me áquelle pertinaz perseguidor, que se deu a liberdade de entrar em minha casa a toda a hora, de mandar os meus creados, de intervir nos meus negocios, e de zelar os meus interesses com affecto paternal.

«O seu primeiro trabalho foi indispor me com os encarregados da minha tutela, convencendo-me de que era uma cabilda de ladrões, que medravam no banquete da minha fortuna, e me davam a mim os sobejos d'elle. Fazia-me concordar na ladroeira que me faziam, porque me não davam quanto eu lhe pedia, e se eu replicava mostrando que a receita era maior que a despeza que me arbitraram, respondiam-me com as suas contas futuras no acto da minha emancipação. Estas *contas futuras,* dizia o ardiloso marquez, que eram palavras escolhidas para contemporisar o roubo, e organisar um saldo que tornasse ainda por cima os ladrões meus credores.

«A continuação d'estas calumnias estudadas capacitou-me. Era necessario estorvar o progresso do roubo, e para isso dizia o meu habil conselheiro que o meio unico era o meu casamento.

«Eu detestei esta palavra, cuja realisação nem em sonho me tinha vindo á cabeça. Era a primeira vez que se me impunha como necessidade um estado que eu aborrecia nos outros, porque bem cedo estudei os outros, e bem gravadas tinha ainda na memoria recordações de minha propria casa.

«O conselho do marquez tomei-o como um dito banal, não obstante a seriedade grave com que me foi dado. Ainda assim o importuno recalcitrava, e queria que eu lhe respondesse alguma cousa. Uma vez, por me desfazer de uma conversa fastidiosa, despedi-me d'elle,

dizendo-lhe que o melhor conselheiro de casamento er uma boa mulher solteira.

«O marquez sorria-se com não sei que ar de alegri que me fez scismar! Eu não era tão simples, que nã visse n'aquelle riso uma expansão de calculo mal com primida!

«Eu bem sabia que o marquez tinha uma filha. Len brava-me de a ter visto dois annos antes, muito lind muito cortejada, mas muito dedicada a um filho segund do conde de Alvações. Lembrava me tambem de un tiros que, a horas mortas, foram dados sobre o namo rado de D. Angela, dos commentarios que a sociedad fizera ao acontecimento, e da entrada violenta que pae lhe obrigára a fazer em um convento.

«Todas estas recordações, quasi desvanecidas, porqu nunca mais vi D. Angela, eram ainda assim razões d mais para que a filha do marquez não merecesse a pen de um namoro, quanto mais a loucura··· de um casa mento! A existencia d'ella para mim era uma cous tão indifferente, e mesmo tão sem poesia, que, durant alguns mezes de familiaridade com o pae, nunca m deu para perguntar-lhe por ella; e se algumas vezes m lembrava que o meu inseparavel mentor tinha uma f lha, julguei que devia não fallar-lhe d'ella, porque ta vez a sua melindrosa susceptibilidade se magoasse.

«Como poderia eu lembrar-me seriamente de ser esposo eleito da filha do marquez de Montezellos!...

«Fui a um baile do conde de Collares. Entrei p alli dentro, deixe-me dizer lhe a verdade, com tençã feita de namorar uma mulher que viesse equilibrar desenvolta paixão que eu tinha por cães e cavallos d raça. Parece-me que um rapaz não estava bem sem um mulher, que morasse em uma rua espaçosa, onde p

desse um bom cavallo arabe saltar em corcovos mortaes, que dessem uma alta idéa do cavalleiro á sua namorada. Aqui tem, snr. padre, como em mim principiaram as chamadas idealissimas aspirações da mocidade. Vaidade de admiração, desejo de assustar uma mulher, e de extasial-a, mostrando a superioridade das minhas pernas aos galões e solavancos de um cavallo. Triste definição do amor, por mais exclusiva que seja!... Vamos adiante...

— Sente-se talvez incommodado com o esforço que faz em fallar?—interrompeu o padre.

— Pelo contrario, senhor... estou melhor, quando recordo épocas em que fui menos feliz... Como lhe disse, entrei nos salões do baile, e fitei com avidez muitas mulheres. Mal entrára, o marquez estava commigo. E, depois das imprerogaveis frioleiras de um cumprimento, travou-me do braço, e disse-me que queria apresentar-me a sua filha.

«Fui, não sei se de boa vontade, se machinalmente. O caso é que fui, e vi ao cabo de uma fileira de cadeiras uma formosa mulher, uma figura deslumbrante, um mixto de riqueza e formosura que me pasmou. Era necessario atravessar vagarosamente a multidão de homens, e eu anciava por avizinhar-me d'aquella mulher, muito contente, por suppôr que a filha do marquez lhe não estivesse longe.

«A minha curiosidade não me deixou tempo de a reconhecer ao pé. — Quem é aquella mulher que está sentada na ultima cadeira? perguntei eu ao marquez. E' minha filha, respondeu elle. Sua filha, interrompi eu com um espanto idiota. Sim, senhor: pois nunca a viu? — Creio que não... pelo menos nunca a vi com os olhos que tenho hoje...

«O marquez tornou a sorrir de mim com a alegria da outra vez, e foi commigo abrindo as massas cerradas de homens até nos aproximarmos da bella rainha da festa.

«A minha illusão desmereceu um pouco com a vizinhança; mas nem tudo era illusão; a mulher, vista de perto, augmentára em valor de coração o que perdia no quilate dos olhos. Era mulher para ver se, mas era mais para amar-se... Como eu pude em um momento jogar com todas estas idéas!... O amor tem estas intuições illuminadas, que podem fazer calar a mais frenetica paixão por cães e cavallos de raça.

«Commigo deu-se o caso!

«Angela recebeu-me com frieza, mas sem orgulho. Pareceu-me triste. Na face não tinha a frescura da innocencia feliz. Não me espantou. O homem que aquella mulher amára muito, tinha morrido, e quem sabia se ella lhe amava ainda a memoria?

«Eu disse lhe logares communs, e ella respondeu-me com monosyllabos. Fallei-lhe em cousas do coração, respondeu-me com o silencio. E a verdade é que eu estava amando-a. Sentia uma energia de alma, um incendio repentino, que me fazia superior a mim. Que miseria! até d'essa imagem que eu suppunha viver-lhe na alma, como a sombra de um cadaver, d'essa mesma tinha eu ciume! Notei-lhe a difficuldade que lhe sentia em responder-me. Angela sorria-se, e eu tomei-lhe por escarneo aquelle gesto de distracção, talvez, se é que elle não era uma leal expressão do seu infortunio...

«Retirei-me azoado com a gelada recepção que me fez. O pae parece que nos contemplava de longe. Mal me separei da filha, saíu-me ao encontro. Vinha perguntar-me delicadamente o valor da filha, como eu per-

gunto a um picador o valor dos meus cavallos. — Então, disse elle, esteve entretido? — Sua filha é muito economica de palavras, respondi eu. — Então ella não fallou? perguntou elle em ar de zangado. — E' que não estava bem commigo, rematei eu, para ir cumprimentar algumas tias minhas, que me acenavam.

«Eu não podia, a despeito do amor proprio, desviar os olhos de Angela. Se ella tivesse dito torrentes de eloquencia, amava-a naturalmente pelo espirito. Como não disse nada, amava-a pelo silencio. O coração do homem é como o paladar dos pobres: tudo lhe sabe a comer.

«Vi que o marquez foi direito como um raio á filha; inclinou-se um pouco ao ouvido d'ella, e disse-lhe cousa que a fez pôr os olhos no chão, e, apenas o pae voltava as costas, Angela levava um lenço aos olhos, enxugando lagrimas.

«Fez-me impressão isto! Que lhe diria elle?

O homem estava outra vez de volta commigo, chamando o assumpto da conversação para a filha. E eu não me enfadava com tal. Dizia que Angela tinha indisposições momentaneas, que elle não sabia se eram romanticismo, se temperamento melancolico; mas que estava pela primeira conjectura, attendendo ao coração de sua filha, que tinha sêde de um amor puro e santo como a sua alma. Não podia dar-se um melhor corrector de corações sequiosos!... Mas a verdade é que estas informações de tão bom canal enthusiasmaram-me a vaidade. O marquez era experimentado como todos os homens gastos! Sobejava-lhe em maldade o que a natureza lhe não dera de cavalheirismo. E, portanto, o homem adivinhava uma a uma cada sensação que as suas palavras me imprimiam. Sempre me disse cousas da fi-

lha!... Eu hoje estou corrupto, snr. padre, e penso que não ha salvação para esta alma perdida no abysmo do mundo; mas ainda assim não sei explicar o impudor do marquez, quando me dizia que tornasse ao pé da filha, que talvez a encontrasse já de outros humores. E pareceu-me tudo tão bem, tão natural então!...

«E, em verdade, quando timidamente me aproximei de Angela achei-a docil e risonha. Uma cadeira vaga junto d'ella proporcionou-me uma conversação, que, n'este momento de confissão geral, lhe digo, snr. padre, que é a reminiscencia que em todo o tempo me susteve o braço, para que eu mais tarde não enterrasse um punhal no seio da filha do marquez de Montezellos...

«Sentado ao pé d'ella, apesar da minha desenvoltura, sentia-me sopeado de entendimento, e falho de expressões, como um parvo dos meus mais parvos foreiros. Chegou a hora da coragem, e eu disse-lhe que a amava até ao delirio. Á fé de cavalheiro, que lhe não mentia! Que cousas eu lhe disse, e que resposta ella me deu! Basta que eu lhe diga, meu caro senhor, que de todo o conteúdo na nossa prática resumida, resultou-me um decidido *não* da parte d'ella, que me fez dar em terra com a alma do amor, para me levantar até á furia a alma do orgulho...

— Eu já sabia essa historia—acudiu o padre.

— Já sabia esta historia? contou-lh'a ella?

— Sei-a, não sei se d'ella, se de quem; sei que é uma das mais bellas flores da corôa de martyrio da snr.ª condessa. Uma tal confissão feita por v. exc.ª priva-o de encaminhar a sua narração até encontrar justiça para o seu máu procedimento com a desgraçada filha do peior dos paes...

— Não acho conveniente—atalhou o conde—que v. s.ª

se metta a juiz antes de ouvir o depoimento do réo...

O doente, por mais de uma vez, acompanhára de um sorriso ironico certas expressões que o leitor terá notado.

Era esse o seu caracter, e seria mais facil fazer sorrir uma estatua, que tirar o sorriso aos labios do conde.

O padre admirava aquella incoherencia, mas explicava-a melhor que eu posso explical-a. Dizia elle no seu *Livro Negro* que o rir do conde de Santa Barbara era um acto tão natural e espontaneo na sua organisação, como as lagrimas em outras organisações. E acrescentava elle, que tanto devia julgar-se máu o rir de uma, como bom o chorar de outras, porque ha homens, e especialmente mulheres, que têem um reservatorio de lagrimas sempre á bica, uma machina de risos com as rodas sempre azeitadas. A expressão tem de verdadeira o que lhe falta de bonita.

O conde, que conhecia os seus costumes, e não era hypocrita, atalhou as reflexões mentaes do padre, com esta justificação plena dos risos equivocos:

— Rogo-lhe que, por bondade, não traduza mal estas minhas expressões galhofeiras. Eu fui sempre assim, ainda no mais apertado de minhas desgraças. Quando não tinha com quem fallar, escrevinhava enredos de chistosas novellas, que poderiam muito bem revelar um homem de espirito truanesco. Pois não é assim, snr. padre? Por minha salvação lhe digo que entranhei até ao fundo da alma o horror da minha posição moral n'este mundo... Basta de reflexões, não lhe parece?

— Não se prive de fazel-as, snr. conde... E' pena que...

— Que é pena?...

— Que v. exc.ª não seja perfeitamente feliz! Sel-o-ia, se no baile do conde de Collares tivesse um amigo que

lhe dissesse: olha que te aviltas, perseguindo uma mulher que te repelle.

— Não tive amigo, não tive ninguem... ao menos n'essa noite. O meu segredo não podia eu confial-o, porque me envorgonhava. Onde o meu orgulho podia desabafar era nas revelações feitas ao pae de Angela... mas, é tão natural que me custasse então... fazel-as!... E' preciso que eu já amasse muito aquella mulher, para me envergonhar de fazer seu pae meu confidente!...

«Se eu não fosse muito criança, deveria ter sido muito escasso de timbre e de dignidade! A repulsão tinha sido gravemente senhoril; mas eu quiz capacitar-me de que D. Angela era muito grosseira. Amuado, e frenetico como um rapaz de collegio, em quem deram duas palmatoadas, ia retirar-me do baile, quando o marquez, vigilante espreitador de meus passos, me saíu ao encontro.

«— Então que é isso? — disse elle — retira-se?

«— Retiro-me, — lhe respondi — porque não estou bem. Eu não sou homem de bailes, porque não sei fallar com esta gente: creio que sou muito estupido, ou muito feio!... parece que não valho um caracol, quando desço do meu cavallo preto para o chão, onde toda a outra gente anda!...

«— Não estejas assim zangado, — tornou o meu nobre amigo e snr. marquez de Montezellos, estreitando-me cordialmente ao seu sensivel peito — és ainda muito rapaz, meu conde, e eu quero fazer-te homem á força, para que se não diga que tal és tu como eu.

«A este abraço expansivo, e ao *tu*, que o acompanhou, devia seguir-se o trato, a confiança, e a familiaridade, a que eu, até esse momento, difficultosamente me afizera. Desde então o marquez, com os seus quarenta e quatro annos, parecia-me um rapaz, tratavamo-nos por *tu*, con-

tava-me as suas rapaziadas, pedindo-me segredo inviolavel, e de todas que me contava tirava sempre esta gloriosa conclusão:

«— E tudo isto que fiz, meu conde, são aventuras do tempo de casado... Já vês que o casamento é um contrato politico, civil, economico, e hygienico até certo ponto. Emquanto gostei de minha mulher, gostei; depois que a vi muitas vezes sempre com a mesma cara, com a mesma cintura, e com a mesma mão e pé, que me fizeram endoudecer de enthusiasmo, desejei que ella tivesse uma grande mão, um pé inglez, uma cara saloia e uma cintura mais larga que as espáduas. Como a estatua não se transfigurava, detestei-a... não digo bem... não a detestei como um bello traste dos meus aposentos, mas sim como excrescencia matrimonial á minha vida. Ora ahi tens, meu conde... a mulher com quem se casa é de todas as mulheres aquella com quem menos se casa. Sabes por que eu te digo, por que te conto estas saudosas bambuchatas?

«Eu sabia perfeitamente... O *virtuoso* marquez dava-me prelecções que deviam alentar-me o espirito, se a idéa do casamento me intimidasse com o seu captiveiro de toda a vida.

«Que generoso sogro! Dispunha-se a levar-me pela mão até ao altar com sua filha; mas de antemão, attendendo á grandeza do meu sacrificio, resgatava-me da servidão, e desquitava-me de todos os respeitos devidos a minha mulher! Como não ha de ser solida a belleza da sociedade, com sustentaculos da força do marquez de Montezellos!...

«Mas tornando ao baile: como eu fosse muito instado do marquez pelos motivos da minha apoquentação, respondi-lhe com a mais estupida singeleza, que sua filha

não gostava de mim. Envergonho-me hoje d'esta simplicidade!... hoje!... pois já é preciso muito, snr. padre! Vejo que tenho ainda a atravessar longos estadios de immoralidade, para correr parelhas com o meu defunto sogro!... não acha?

— Deus é que vê os corações; e permitta Elle que seja assim!—respondeu o padre tão enjoado da historia que ouvira, como compadecido da baixeza a que póde vir um homem dos que a sociedade considera mais altos na nobreza do sangue!...

Oh! se a nobreza de sangue importasse a idéa de nobreza de espirito!...

O padre continuou:

— Naturalmente o marquez foi de novo intimar a filha, não é assim?

— Nada; então fui eu que não cousenti, porque o homem nem ao menos soube fingir-se; largava-me o braço como um furioso de comedia, quando eu o sustive, dizendo-lhe que não tornava a sua casa se elle désse á filha uma palavra só a meu respeito, emquanto estivessemos no baile. Portou-se bem: nunca o vi fallar com ella, mas esse mesmo silencio a castigava, e annunciava-lhe, talvez, os carinhos paternos que tinha a prodigalisar-lhe em casa... Pobre Angela! Deus sabe o que ella soffria... eu creio que muito!...

O conde suspendeu alguns minutos a sua narrativa. As ultimas palavras eram balbuciadas com a tremida inflexão do dó. O espirito do bem pedira áquelle coração uma lagrima de mágua, e um espinho de remorso. A lagrima denunciou-se, e o conde, como envergonhado d'ella, cerrou as palpebras; mas o espinho esse não podia esconder-se... aquelle silencio tinha em si a affli-

ctiva mudez forçada pela mão que nos suffoca as palavras na garganta.

Decorreram esses cinco minutos de silencio, unicos talvez de vida, de consciencia, e de dignidade humana, que tivera o conde até aos seus trinta e dois annos.

Padre Diniz, assustado com a transfiguração do enfermo, passou-lhe a mão pela testa, sondou-lhe o pulso, e chamou-o com sobresalto. O conde abriu os olhos, e fixou-o com um certo ar de brandura, que impressionou religiosamente o padre.

— Sente-se mais doente ?

— Sinto-me fatigado... — respondeu o conde sem aquella energia de voz e de exposição que admiravelmente empregára até áquelle momento.

— Assim devia acontecer — tornou o padre Diniz. — Esquecemo-nos ambos do estado de v. exc.ª... Devia eu lembrar-lh'o; mas, snr. conde, eu tinha tanta necessidade de ouvil-o para combinar os lances d'esta sua tão desgraçada vida domestica!...

— Muito desgraçada... muito...

O conde continuava, quando bateram á porta. O medico instava por que o doente tomasse uma porção de remedio; mas o doente fez-me signal de que não abrisse: elle mesmo respondeu que não podia a porta ser aberta, e continuou:

— Deixe-me, senhor, ceder a uma sensação, que nunca na minha vida experimentei... É uma cousa nova... É uma apparição melancolica, um não sei quê de luz celeste que me transparece de além, de tão longe, através d'esta minha longa noite de quinze annos... Estou-a vendo ainda no baile!... Como eu hoje vejo com os olhos do espirito aquella mulher, que me faz tão desgraçado, e eu tão desgraçada fiz!... Como eu era feliz se

o meu coração tivesse sido assim!... Angela era tão bella quando me pedia que não a amasse! Oh! ninguem viu como ella era uma mulher que devesse mover tanto á compaixão!... Acarinhavam-a tanto as mulheres... iam e vinham tantas vezes a consolarem-a... murmuravam não sei que desgraçada prophecia de seu destino! Agora, sim, agora é que eu ouço e sinto as palavras de um homem, que o mundo chamava poeta, e que eu não sabia o que era!... Esse homem, vendo-me tantas vezes ao pé de Angela, fallou-me d'ella com tanto espirito, com tanta ternura, e com os olhos embaciados de lagrimas! — Conde, dizia-me elle, repara bem n'aquella mulher... é uma flor meia sêcca, supplicando que a desfolhem, porque não póde, no outomno das lagrimas, supportar as saudades da sua linda primavera! Tu não sabes o que aquillo é... Vae d'este mundo retalhada de agonias... Tinha na alma um sacrario de amor... converteram-lh'o em taça de fel... Queres tu, conde, verter a tua gotta no coração d'essa infeliz?!.... Deixa-a, porque a memoria de um primeiro amor... o cadaver de um primeiro amante alimenta aquella existencia de uma nutrição de saudades, que a tua paixão impetuosa não póde dar-lhe... Deixa-a por piedade, não a compres a seu pae, que compras uma escrava morta...»

Padre Diniz, com o enthusiasmo radiante nos olhos, interrompeu o silencio ás ultimas palavras do conde:

— Esse homem, esse poeta, nunca mais lhe fallou a mesma linguagem?

— Nunca mais o vi, nem encontrei quem me fallasse d'elle mais.

— Pois não era conhecido na sociedade?

— Dizia-se que era um mysterio.. Fallei só com elle duas vezes. Na primeira folgava de ouvil-o, como folgo

de ouvir cantar os passaros nas olaias da minha quinta! Que fallar elle tinha! Na segunda vez que o encontrei, na minha quinta de Almada, um dia depois do baile, foi que elle me fallou de Angela... Procurei o depois... nunca mais o vi... Era um homem de quarenta annos, tinha um bigode negro, e uma estatura delicada... Fallava como nunca ouvi fallar a alguem... Foi uma pena perdel-o... Hoje, mais que nunca, o fallar d'aquelle homem devia ser um hymno, a cujo som as minhas desgraças adormecessem.

— Era admiravel! appareceu-lhe como um anjo de salvação, e abandonou-o, quando v. exc.ª mais necessitava dos seus conselhos!...

— Abandonou-me quando viu que eu lhe escusava os seus desvelos. Pareceu-me uma maravilha! Appareceu, como milagrosamente, no seio de uma sociedade que o não conhecia. Não disse de quem era filho, mas foi apresentado na sociedade por um marquez das primeiras familias de Lisboa, talvez o unico que o conhecia. Quando repentinamente se escondeu, muita gente indagou o descaminho de Sebastião de Mello, que assim se chamava. As informações tardaram, e suppozeram-o cavalheiro de industria. Disse-se que era filho bastardo do conde do Vizo, que residira no Minho, e morrera. Muitas outras cousas se disseram a respeito d'elle. Uns attribuiram-as á mania de romantisar os homens mysteriosos, outros acreditaram-as, e farejaram o rasto d'este homem, que não poderam encontrar. Naturalmente morreu.

— Morreria. Mas que poderia então dizer-lhe Sebastião de Melio, que não possa hoje ser-lhe repetido por qualquer homem de coração, de intelligencia e honra?

— Tudo que me disserem vem tarde. Caí... Á beira do abysmo é que me valiam amigos. Hoje, senhor, os

amigos o mais que podem é lastimar-me. Lastimas é que eu não agradeço, nem sei de que sirvam. Nunca disse a ninguem os desgostos secretos de minha casa. Nunca me apparentei desgraçado, para me fazer interessante á compaixão dos outros. É natural que o mundo adivinhasse o horrivel segredo do meu inferno domestico, pela solidão a que me dei, desde que me vi manietado a D. Angela de Lima. Nunca vim com ella a publico. Não poderia vir sem me denunciar pela face. Ha certas vergonhas que fazem córar as caras mais superiores aos risos sarcasticos da sociedade. Parecia-me que o mundo, ao ver-me associado tanquillamente a uma mulher... assim, motejaria a minha boa fé, e me daria, por commiseração, o suave epitheto de pobre homem....

— E por consequencia—atalhou padre Diniz—as nódoas da sua soberba queria v. exc.ª laval-as nas lagrimas de D. Angela de Lima, fechada oito annos em um quarto, com a fome e a sêde por companheiras, e o desespero da alma como consolação!? Era um expediente barbaro, snr. conde! A sua alma de certo não se sentia alliviada. O systema de affrontas vilãs e covardes, com que v. exc.ª atormentava sua senhora, não podia fazer-lhe menos suave o arrependimento, nem mais supportavel a vergonha, Qual era o seu fim?

— Matal-a lentamente...

— É verdade, matal-a lentamente. Se v. exc.ª não tivesse a franqueza de me responder tão lealmente ás suas intenções, eu mesmo me responderia em nome da sua consciencia. O snr. conde queria que sua esposa morresse, mas não queria matal-a... Suavisemos um pouco a linguagem d'este modo. A cousa dita assim, é menos revoltante, e mais verdadeira talvez. O que v. exc.ª queria era que D. Angela de Lima morresse de modo que o

mundo dissesse: «morreu de pezar, de vergonha, de remorso, por ter enganado um homem que a comprou muito cara, porque a reputava uma joia de innocencia, um coração immaculado, e uns labios por onde nunca passára um riso de affeição, que não fosse conquistado pelo seu comprador.» Era isto que v. exc.ª queria que o mundo dissesse, não é verdade?

O conde de Santa Barbara olhava estupefacto para o padre, como se cada uma d'aquellas palavras lhe fosse rasgando fibra a fibra o coração, para devassar-lhe o segredo da sua consciencia, que elle fechára para todo o mundo. Silencioso á pergunta que lhe foi feita, o conde levou a mão direita aos cabellos, que lhe caíam na testa humida de uma transpiração repentina, inclinou-se um pouco sobre o braço esquerdo, cerrou as palpebras, e pareceu assentir á pergunta do antigo cigano da quinta das Alcaçovas.

De novo bateram á porta, intimando o illustre enfermo, da parte da incansavel medicina, para tomar uma tisana. Padre Diniz, sem consultar o conde, abriu a porta, recebeu o copo, conduziu-o ao doente, e perguntou se tinha algumas ordens a dar. Sua exc.ª respondeu negativamente com um aceno. A porta foi de novo fechada pelo padre, que continuou, em pé, com os braços cruzados diante do seu interlocutor, que o encarava espantado, sem comprehender a fascinação que o humilde padre exercia sobre a sua arrogancia.

— Snr. conde, vamos arrancar alguns espinhos da sua consciencia. Não ha desgraça absoluta debaixo do céo. Todos somos infelizes, quando olhamos a medalha por uma só das faces. V. exc.ª é um problema. Cheio de vaidades da sua honra, apurado no timbre da sua dignidade a ponto de imaginar que todo o mundo lhe adivinhava

os reconditos segredos da sua deshonra, como póde atirar ao mundo com sua mulher, proclamando-a adúltera, para se justificar das accusações que ella poderia fazer-lhe? Isto não tem solução; é o problema da insondavel prevaricação do homem!... Vamos adiante. Eu não quero fazel-o feliz. Isso é impossivel. A hora de Sebastião de Mello passou. Agora é-me necessario imaginar que a sombra de Sebastião de Mello me está aqui segredando ao ouvido as consolações que esse homem inspirado poderia dar-lhe, se vivesse.

— Se vivesse... fugiria de mim — interrompeu o conde, agitando-se febrilmente.

— Talvez não... eu creio que não. O propheta do infortunio viria, como Jeremias, chorar nas ruinas, que predissera, quando a opulencia de Jerusalem meditava o crime, que a fez cair para sempre. O seu amigo viria lastimal-o; e embora as lagrimas do amigo pareçam estereis, creia que o não são, snr. conde. Confortam, quando não restituem ao infeliz o vigor da alma, a crença em um melhor futuro, e a tranquilidade no meio do assedio de desgraças, que n'este momento parecem empenhar-se em escurecer-lhe a vida. Sebastião de Mello fallar-lhe-ia assim: —«Conde, ha quinze annos que eu te disse: essa mulher tinha no coração um sacrario de amor... converteram-lh'o em taça de fel. Queres tu verter a tua gotta no coração d'essa infeliz? Deixa-a, porque a memoria de um primeiro amor, o cadaver de um primeiro amante alimenta-lhe a existencia de uma nutrição de saudades, que a tua paixão impetuosa não póde dar-lhe...»

— Quem lhe disse essas palavras?! — interpellou o conde, convulsivamente agitado.

— Foi v. exc.ª ha momentos. Recorde-se que me fallou do homem, que o mundo chamava poeta. E', pois, esse

homem, que eu consulto n'este solemne momento. É em nome d'essa mysteriosa apparição, que eu lhe fallo: — Conde, diria elle se estivesse aqui presenciando esta paragem da sua atribulada existencia, conde, a segunda vez que fallei comtigo na tua quinta de Almada, foi na vespera do teu casamento. Tu estavas radioso de felicidade: enlevavas-te em arroubamentos de uma poesia, que eu não pude conceber, porque D. Angela de Lima te dissera um dia antes: *Snr. conde de Santa Barbara, eu vou ser desgraçada, e v. exc.ª, se não encontrar felicidade em ser o meu verdugo, será desgraçado tambem, e sem remedio...*

— Essas palavras, senhor, não lh'as repeti ha pouco! — interrompeu o enfermo, encostando-se com violento esforço aos bilros do catre.

— É verdade, não m'as repetiu; mas permitte Deus que eu, n'este instante, escute os eccos do passado por um milagre de audição. Imagine v. exc.ª que eu sou um illuminado, que a Providencia conduziu ao seu leito da dor.

O conde encarava-o com estranha visagem de espanto, e padre Diniz, inalteravel, proseguiu:

— Sebastião de Mello diria: — Conde, quando te dei o ultimo abraço, comprimi-te muito ao meu seio, e murmurei ao teu ouvido, para que teu futuro sogro, o marquez de Montezellos, me não ouvisse, estas palavras: É o ultimo abraço que te dou, na tua época de felicidade; ámanhã, se te encontrar, apertarei a mão ao mais desgraçado dos homens.

— Conheceu Sebastião de Mello?—interrogou o conde, cada vez mais alvoroçado.

— Conheci — respondeu o padre friamente, e continuou:—Esse homem, pois, que ambos conhecemos, di-

ria a v. exc.ª:— E nunca mais te vi, conde. Não fui aos salões, onde nos encontravamos: mas informei-me de ti, e soube que a tua casa, sombria como o terror, e deserta do trato do mundo como o crime repulsivo, estava sendo um potro de torturas de tua mulher... um circo onde tua alma, transfigurada em instincto sanguinario de tigre, se sevava na desvalida victima, que dias antes te vaticinára o destino de ambos. Quiz procurar te... Não sei para quê... N'essa época, Sebastião de Mello era cruel como a cólera suffocada, e robusto como a alavanca que se não torce debaixo do peso dos edificios que arruina. Se te elle mandasse retirar o pé do pescoço de tua mulher, e tu não o retirasses, esse homem punha-te uma pistola ao peito, tu obedecias-lhe naturalmente; mas tua mulher, desde esse momento, era dobradamente desgraçada. E, depois, não sei se o supposto filho do conde do Vizo recuaria diante d'esta sua primeira intenção, se a sua vida não soffresse um revés, que tu não precisas saber. Sebastião de Mello desappareceu da sociedade, onde o reputaram cavalheiro de industria, uns, e grande personagem, outros. O passado, passado. O mundo ficou, e Sebastião de Mello seguiu o seu destino. Ha quinze annos és tu talvez, conde de Santa Barbara, o unico homem que se lembrou da existencia d'esse enigma, que ahi passou dois dias, envolto em um mysterio, e alimentou os ocios da alta sociedade de Lisboa com o conceito da sua charada...

— E' possivel, senhor!— interrompeu o conde allucinado, e estendendo os braços convulsos ao sacerdote.

— Possivel... o quê, snr. conde de Santa Barbara?...

— O senhor é Sebastião de Mello... Agora sim... Esses olhos brilham como os d'elle... a sua voz era

esta que estou ouvindo... era assim este corpo... quantos annos tem?... deve ter cincoenta e tantos... Justamente o mesmo... Diga-me quem é... é Sebastião de Mello, não é verdade?...

Padre Diniz estendeu solemnemente a mão direita. Brilhavam-lhe os olhos vidrados de lagrimas. O escarlate do enthusiasmo tingia-lhe as faces. Os cabellos, raros e brancos, parece que se lhe eriçavam. Notava-se-lhe nos labios uma crispação, como agitados pelo abalo do ar que não podia ser articulado na aspiração, que sobejava aos estos do peito arquejante. Estavam ambos suspensos, silenciosos, sublimes, e recopilando em um rapido pensamento uma synthese de dores cruelissimas acordadas na reminiscencia por aquelle encontro.

XVI

Reanimára-se a physionomia do conde. Eram de momentaneo emprestimo aquellas forças, mas o enfermo persuadiu-se que a sua morte estava na alma, e que a presença de um homem, que lá se lhe insculpira como um typo de eterna saudade, devia rejuvenescel-a. Padre Diniz, abalado pela commoção de tantos sentimentos suffocados, sentiu-se fraco para tanto. Sentou-se. Encostou os cotovêlos á cama do seu antigo companheiro de poucos dias, deixou cair a face entre as mãos, e esteve alguns minutos n'esta posição, que o conde contemplava com sobresalto.

— Mello!... — murmurou o conde.

— Mello!... — respondeu o padre, sorrindo-se — cha-

ma- se padre Diniz Ramalho e Sousa... é como o mundo me conhece.

— E's padre!... tu!... que saltos a tua vida não daria para chegar a isto!... E estás velho!... O que é o homem! como se póde ser o que tu és depois de ter sido o que foste, Sebastião de Mello!... Conta-me a tua historia...

— Não se trata da minha historia... Fallemos de ti, conde. Deixa fallar esse homem do teu passado, visto que ainda tens para a sua memoria um culto em tua alma. Respeita-o, que a desgraça é veneravel. Não te recommendo os meus cabellos brancos, nem te fallarei como o homem do Evangelho, que falla em nome de Deus. porque não póde ser obedecido como homem...

— Falla... que queres de mim? Faz-me um homem bom, se podes.

— Não posso nada conde... Se a tua consciencia não for ferida pelo estimulo da honra, as minhas palavras passarão por teus ouvidos como as que te disse ha quinze annos.

— Passaram-se quinze annos, Mello! A desgraça que eu alimentei nos meus braços quer hoje indemnisar-me ensinando-me o que é a vida. Diz, amigo, o que devo eu fazer?...

— Não t'o direi eu... Vae dizer-t'o a tua consciencia.

O padre ergueu se magestosamente, apertou a mão do conde, e com um ar de intimativa inexplicavel, disse a meia voz:

— Sê honrado e verdadeiro.

Depois abriu a porta do quarto. Na saleta proxima estavam não só os fidalgos, que o padre encontrára na camara do enfermo, mas outros que vieram informar-se das melhoras do amigo intimo do snr. D. Miguel. Ao

darem de frente no aspecto estranho do sacerdote, pareciam accusal-o da estirada reclusão em que tivera o seu amigo, com grave incómmodo de ss.as exc.as. O padre, direito como o batente da porta, curvando levemente a cabeça, a que as mesuras fidalgas se dignaram corresponder, disse no tom d'aquella voz modelada em tom seraphico:

— O snr. conde de Santa Barbara encarrega-me de annunciar ás pessoas, que o honram com a sua amizade, que podem entrar no seu quarto.

E, dando um passo para o exterior do quarto, cruzou os braços, com postura hypocrita, e recebeu com ligeiras reverencias os fidalgos que o saudavam como a um cardeal embryonario, ou pelo menos ao director da consciencia do bispo de Vizeu.

O padre seguiu o ultimo, e voltando-se para o escrivão, que esfregava as mãos impaciente, disse:

— Espere.

A porta foi outra vez fechada. A aristocracia de Santarem rodeava o leito do enfermo. O corregedor, vestido de grande uniforme, desfez-se em zumbaias aos fidalgos, que o acotovelavam para que fosse elle o interprete dos cuidados que a saude de s. exc.a inspirava aos seus numerosos amigos. E, com effeito, o illustrado corregedor começava a gaguejar um improviso, que poderia render-lhe uma cadeira no Desembargo do Paço, quando padre Diniz, instado pelos olhares repetidos do conde, tomou o logar mais proximo do doente, e disse com intimativa sinceramente apostolica:

— O snr. conde de Santa Barbara, supposto não se julgar em hora proxima de levar a Deus as rigorosas contas da sua vida, quiz desaggravar a sua consciencia de mortificações, causadas pela inconsideração de um

máu pensamento, e de uma pessima obra. S. exc.ª, bom de caracter, pôde reagir contra o instincto do mal, que deturpa as melhores indoles, quando o sentimento religioso se não apresta para as luctas quasi sempre triumphantes da parte do erro...

Padre Diniz consultava, e de relance, na physionomia do conde o momento em que devia calar-se para o deixar a elle «ser honrado e verdadeiro», como lhe tinha aconselhado. Esse momento cortou as ultimas palavras do sacerdote. O conde, reanimado pelo tocante exordio do enigmatico Sebastião de Mello, possuindo-se do magnetico prestigio que amollecia em docilidade de criança toda a dureza do seu orgulho, fallou, e fallou sem balbuciar. sem refugir um momento ao pavor de um vergonhoso desmentido a si proprio:

— Deshonrei-me senhores, cuspindo uma affronta na face da snr.ª condessa de Santa Barbara, minha mulher: infelicitei-a pelo violento casamento em que a comprei a um pae desmoralisado. Quiz que ella expiasse as infamias de seu pae, e dei-lhe durante quinze annos uma vida de incriveis amarguras. A desgraçada soffreu de joelhos, silenciosa, humilde, e votada ao sacrificio com a santidade de martyr. Arranquei-a á tranquilidade das suas lagrimas. Não quiz acreditai-a, quando ella me disse que o seu coração tinha morrido no momento em que Deus a fizera viuva de um homem, que o seu espirito adorava na eternidade. Meditei supplicios, affrontas, humiliações ao seu amor proprio, ultrajes á sua dignidade, levei-a perto da sepultura e quando a vi fugir, indigneime de que a victima se não deixasse arrancar o ultimo gemido, sem que a sociedade a ouvisse. A condessa de Santa Barbara fugiu, ha dias, de sua casa. Previ que

ella viria contar os flagellos, que ninguem adivinhava. Quiz justificar uma infamia com outra infamia.

«Fiz correr que D. Angela de Lima era adúltera, e que, para sabcrear o crime com mais desafogo, abandonára seu marido. Este boato foi bem recebido. A desmoralisação acolheu-o, sem estudar o meu caracter nem o da infeliz. E' uma atroz calumnia, senhores. Minha esposa, cujo destino ignoro, poderá estar morta, poderá, a estas hora, ter descido á vil condição de uma creada de servir, mas a sua honra, se está manchada, é da minha perversidade, é do contacto a que a forcei com um homem de instinctos degenerados, que deshonram o nome de meus avós...

A excitação exhaurira a ultima aspiração das suas forças. O conde quizera continuar, e caíu da posição violenta em que fallára. A surpreza pintava-se nas physionomias, que o rodeavam, com as côres que simulam a indignação. O corregedor, homem honrado, franzia a testa, e roçava a ponta do nariz com o labio superior. O decano dos fidalgos de Santarem, D. Christovão Vaz, carregava o sobr'olho, e alongava os beiços em ar de nojo. Em todas as outras physionomias, mais ou menos expressivas de surpreza, observou padre Diniz o predominio da moral sobre a corrupção. Quem apresentou um aspecto franco, sem esgares, festivo como o jubilo da consciencia, e soberano como o imperio da honra sobre as vilanias que se retorcem no razo da hypocrisia, era o ministro do altar, o maior entre todos aquelles, o typo da grandeza do homem, investido da missão de acurvar orgulhos á força prestigiosa da palavra.

Padre Diniz chegou-se á cabeceira do leito, limpou o suor, que escorria gelado na testa do conde, ageitou-lhe os travesseiros, tomou-lhe o pulso, e acenou aos circums-

tantes que se retirassem. O medico entrava quando elles saíram. Ao ver assim o doente, que poderia, com a vida, eleval-o ás funcções de physico-mór do reino, assustou-se, e perguntou ao padre se o accesso durava ha muito, se o suor seria critico, se os spasmos eram diaphragmaticos, e as titilações intermittentes. O padre sorriu-se ao palavriado estridolo do doutor, e respondeu que não estava habilitado para ver tantas doenças juntas; que lhe parecia aquelle accesso uma commoção toda do espirito, que passaria ligeiramente. O doutor, que tinha larga experiencia, fechou o olho direito, arreou um pouco a commissura esquerda dos labios, franziu a aza esquerda do nariz, e começou a dar estalinhos nos dentes com a unha do polex. Ora, tudo isto queria dizer que a medicina tinha momentos de consciencia em que tristemente pensava no pouco que póde. Aquelle era um dos casos; e aquellas visagens do medico douto, e farto de restituir ao pó os que vieram do pó, eram sempre fataes.

O conde desmaiára. Estava da côr do lençol. As palpebras tremiam, e as fontes pulsavam-lhe impetuosas. As mãos, frias e lividas, roxeavam nas extremidades. Padre Diniz assustou-se, e perguntou ao medico a sua opinião.

— A minha opinião—disse elle, compassando as syllabas, e trauteando os sorvos da terceira pitada— a minha opinião é a da sciencia n'estes casos. Aqui ha suppuração pulmonar ou alteração em qualquer outra viscera importante. Os medicamentos antipsoricos devem esclarecer-nos sobre o tratamento que mais convem seguir, no caso que a psora tenha traduzido a crise moral por que está passando o enfermo. Sabe-me dizer se estes accessos são apyreticos? Tem conhecimento dos ha-

bitos hygienicos do snr. conde? Estas intermittencias são typicas?

Padre Diniz queria sorrir ás perguntas do sabio de Santarem, mas realmente a occasião não era opportuna. O conde acabava de abrir os olhos, que pareciam toldados de uma nevoa cinzenta. O sangue, que lhe refluira ao coração, injectava-se-lhe agora em salientes cordões ao correr da testa. O pallor da face avermelhou-se de improviso como a flor da romã. Os symptomas de uma congestão cerebral, no entender do padre, eram assustadores. O medico compulsava o doente, tacteava-lhe o systema circulatorio em toda a economia, e propunha-se sangral-o, quando o conde, desafogando um gemido profundo, exclamou, estendendo a mão ao padre:

— Sinto-me melhor!

O doutor, contentissimo do resultado, ainda assim contrario ás suas previsões scientificas, fez algumas perguntas ao enfermo, receitou variadas receitas para variados symptomas, e foi derramar beneficios com mão profusa sobre a humanidade.

Achavam-se, portanto, face a face o salvador da reputação de D. Angela de Lima, e o homem, que, horas antes, se reputaria feliz, se lhe dissessem que a condessa de Santa Barbara se precipitára dos Arcos das Aguas-Livres.

Padre Diniz disse affavelmente, levando a mão do enfermo aos labios:

— Fallaste do coração, conde; mas o corpo não podia tanto. Caíste extenuado; a tua alma, porém, elevou-se muito alto. E' ella que te ha de restituir o vigor dos trinta e dois annos. Que te diz a tua consciencia?

— Abençoa-te... Sente-se grande, omnipotente contra todos os vexames do infortunio, promette-me uma

vida mais tranquilla, dá-me a todas as cousas do mundo um colorido novo, expande-se e vê horrorisada, mas sem remorsos, o que deixei de tôrpe na minha viagem até aqui... Remorso tel-o ia, se não me abrisse tão francamente diante de homens, que se aterravam das minhas confissões. Eras tu o unico, em cujo semblante eu via a minha absolvição... Não importa... Para amigo bastas-me tu... Elles que me deixem... tu nunca me deixarás... A solidão, agora, seria a minha morte... Preciso de ti...

— E d'ella...—atalhou o padre.

— Sim... d'ella; mas não ouso chamal-a aqui. Ninguem acredita na transfiguração dos grandes perversos. E' necessario que ella se aproxime de mim, sem terror. E' muito cêdo...

— Não é. D. Angela é superior a todas as mulheres. Se lhe disserem que é nobre e grandioso o sacrificio de se ajoelhar, pedindo-te perdão de ter desmentido a calumnia com que lhe fulminaste a reputação, virá ajoelhar se aqui.

— Ella não póde amar-me.

— Ha quinze annos que eu t'o disse. Não póde amar-te... não te amará nunca. Era impossivel!

«Que queres de uma mulher, que te foi atirada aos braços quando chorava as primeiras lagrimas por um homem, que do leito da morte ihe dissera: «morro martyr, não me cuspas na memoria!?» Que queres, conde, d'essa mulher, que tu no segundo dia de casado atiraste com a ponta do pé para o canto escuro de uma alcova, e mandaste reconcentrar bem no inferno d'aquella situação, que nem tu mesmo eras capaz de avaliar!?

— Não me falles assim, que me atormentas!...— disse o conde, levando-lhe a mão á bôca.

— E' uma necessidade, porque eu quero dar-te a felicidade possivel. Tu não pódes viver uma hora com a condessa de Santa Barbara. O que podias fazer-lhe de bom está feito. Se a queres humilde e soffredora, ella virá humilhar-se e soffrer. Se a queres morta, morrerá. Amiga, pela vontade e pelo enthusiasmo, é impossivel. Não te julgues o assassino da muita vida d'aquelle coração. Morta para o amor já ella veio ter a teus braços. O mais que fizeste foi macerar lhe o corpo. Tua mulher deve entrar em um convento. O que ella necessita é uma pouca de paz, o contacto com a virtude, que lhe dê ás crenças religiosas a solidez, que a desgraça lhe abalou. Precisa de respirar o aroma do céo; e cá fóra o ar está putrido, a dor materialisa, e o desengano quebra o unico amparo a que póde encostar-se a mulher cortada em todos os laços, que a prendem ao mundo. Pois que suppunhas tu? Pensavas que D. Angela viria acarinhar-te com astucias de um amor sobreposse? O seu caracter não é esse. Aquella mulher, se em vez de a aviltares até aos chinellos das tuas creadas, a fizesses sentar em um throno, rodeada de aias, e invejada das mais felizes, choraria sempre. Alli não ha ambições nem de amor, nem de fausto. O que ella pede, isso peço em seu nome, é compaixão e soledade. Quer-se só.

— Só!... — interrompeu colerico o conde — e o filho... sim, já que me fórças a esta nova vergonha... e o filho!

— Que tens tu com o filho de D. Angela de Lima? Com o filho de uma mulher, que se desquitou de todos os compromissos comtigo, um dia antes de rubricares o contrato de compra por quarenta contos em metal sonante?

— Não me declarou a existencia d'esse filho...

— Com que obrigação? Que é que tu querias d'ella? Amor? Negou t'o. Um corpo? Compraste-o. Que mais? Querias forçal-a a confessar a sua deshonra? Para quê? Uma mulher que diz a um homem «não posso amal-o», não tem obrigação de explicar os motivos por quê. E demais, em 14 de junho de 1821, na quinta de Almada, sentado debaixo dos chorões do portal, que te disse Sebastião de Mello?

— A tal respeito... não me recordo...

— E' falso... a tua reminiscencia é feliz... Mostrei-te uma flor, era a primeira que brotára no vaso...

— E' verdade...

— E disse te: Aquella planta valia menos antes de produzir uma flor. Dizem que as mulheres são flores, é bem diversa a sua estima no mundo. A planta morre, quando produz a primeira. E tu disseste «morre!» Pensas assim? repliquei eu? — Penso... Deus me livre de pensar o contrario, respondeste com soberba intimativa. — Não te cases... tornei eu. — Que queres dizer? — interpellaste-me com azedume, que me pareceu propicio. — Não te cases... D. Angela de Lima é como a planta que produz a primeira flor.

— Não te comprehendi.

— Comprehendeste.

— Mentes! — bradou o conde exaltado, e sentou-se no leito.

O padre sorriu-se, e continuou placidamente:

— Eu não menti nunca. Duas horas depois recebias um bilhete.

— Anonymo.

— Anonymo... que importava? Não se te diziam ahi cousas que um falsario não saberia?!

— Cuidei que era uma calumnia!

— Foi, portanto, uma calamidade a tua conjectura...
Recapitulemos esta longa sessão. Não tens nada a perdoar a D. Angela de Lima...

— Tens razão...

— O marquez de Montezellos é o unico que deve falar á tua compaixão.

— Infame!

— Julgue-o Deus. A pedra do tumulo é sagrada. Profanem-se as cinzas dos mortos, quando precisarmos de justificar os vivos. D. Angela já perdoou a seu pae; aquelles labios, roçados pela esponja de fel, amaldiçoaram. Hoje não. Se lhe disserem que seu dono renuncia os direitos de supplicial-a, perdoa-te.

— E eu preciso que me perdoe... Entre em um convento, se assim o quer; mas que eu a veja uma só vez. É impossivel?

— Não.

— Onde está ella?

— Em minha casa.

— Onde é a tua casa?

— Em Lisboa.

— És incomprehensivel!... Chega a atormentar-me o mysterio da tua existencia!... Que relações tinhas com a condessa de Santa Barbara?... Como podeste fazel-a aceitar a tua casa? Tens familia?

— És mais novo que eu vinte annos. Morrerei, naturalmente, antes de ti. O mais que posso fazer-te é conceder que leias as minhas obras posthumas. Verás bem descarnado o mysterio da minha existencia, e as minhas relações com D. Angela de Lima antes de ser condessa de Santa Barbara. Como pude fazel-a aceitar a minha casa? perguntas tu. Facilmente. A minha casa é o sanctuario da honra, e o asylo do infortunio. Se tenho fami-

lia? Tenho uma mulher de quarenta annos. Diz o mun
do que é minha irmã... Que mais?

— E's rico?

— Não. Sou independente.

— És padre Diniz, ou Sebastião de Mello?

— Ambas as cousas. Fiquemos ahi. Deixa suspensa
essas perguntas, até que o tumulo te responda.

— Queres deixar-me, não é verdade?

— É necessario. D. Angela precisa, n'este momento
de mim, muito mais que tu.

— Quando voltas aqui?

— Só?

— Não... com ella.

— Depois de ámanhã ao nascer do sol. Sairemos a
escurecer de Lisboa.

— Vem depressa, que a minha vida...

— Que tem a tua vida?

— Apaga-se. Tenho na cabeça um vulcão. Nunca m
queixei, mas ha dois annos que sinto a morte aqui.

O conde punha a mão no lado esquerdo do peito,
tanto se possuia do presentimento da morte, que, de re
pente, se lhe anuviou o semblante de uma pallidez ca
daverica.

— Mas a tua vida—tornou o padre—tem sido, n'este
ultimos annos, desenvolta. Ha dois dias ainda te era ne
cessario fingir uma doença, e voltaste a Lisboa, chei
de vida, de alegria, e capaz de desperdiçar o vigor, qu
te sobejava com...

— Tôrpes miserias do coração humano...

— Tu o disseste, conde... Não será o que tu vatici
nas. És novo, e tens força de vontade. Repelle a mort
com valentia moral, e viverás. Adeus.

Padre Diniz abraçou o conde. Choravam ambos. Não ha corações gastos, quando a commoção é nobre.

O medico entrava, quando saía o sacerdote. Ao despedirem-se, o doutor disse ao ouvido do padre algumas palavras, que o deixaram pensativo.

XVII

O thema fecundo de todas as conversações em Lisboa, era a fuga de minha mãe. A maledicencia, mascarada com os momos e tregeitos da religião, criminava o inqualificavel procedimento da condessa de Santa Barbara. As illustres primas de minha mãe lastimavam-a por tamanha nódoa no brocado dos seus brazões. Nunca se vira semelhante procedimento na aristocracia!... O sangue azul regorgitava indignado nas arterias heraldicas da raça pura. O enojo fazia caretas de indignação em todas aquellas physionomias limpidas e serenas como a virtude.

O anathema contra a adúltera roçava todos os labios! O hediondo facto era um escandalo original!

A casa do marquez de Alfarella convergiam as potencias mais auctorisadas do sangue puro. Alli era o forum da infamação. N'aquelles salões caprichava a satyra em empalar a victima do dia. Desde muito que os serões inalliveis, á quarta-feira, n'aquella casa, eram o Golgotha onde a illustre dona da casa, ajudada pelas amigas presentes, crucificava as ausentes. Os convivas, de ambos os sexos, eram obrigados a depôr no processo, de modo que a ré accusada de uma imprudencia não podesse nunca appellar para a commiseração generosa, ou para a tolerancia dos que perdoam lapsos, que são, muitas ve-

zes, o elogio do coração. Aquillo era o summario. A suspeita era um diploma de devassidão; a devassidão era uma cousa horrivel; todos os epithetos obscenos eram permittidos n'aquelles pudicos labios, quando um fervente zelo da honra os excitava; tudo era permittido, menos, na occasião d'esse moralissimo desforço, sair da sala a marqueza de Alfarella, para, na sala immediata, chilrear uns beijos escandalosos, pendurada no pescoço de D. Martinho de Almeida. A impudencia abstinha-se religiosamente n'esses momentos. Era uma convenção tacita, em que a mais immoral das casadas corria parelhas em virtude com a amante de seu marido.

Foi, pois, ahi n'esse amphitheatro, onde a dissecção no cadaver moral não deixava uma fibra inteira, foi ahi que minha mãe, em uma quarta-feira das predestinadas, devia ser julgada, com toda a solemnidade das leis vigentes, na jerarchia pundonorosa.

Achavam-se presentes as condessas de Penacova, de Arosa, e Picanhol, oradoras encartadas no conventiculo. As marquezas de Santa Eulalia, e Simães tinham voto definitivo, no correr dos depoimentos; logo que estas disseram: «pouca vergonha!» bradavam todas em tom pávido e cavernoso: «pouca vergonha!»

Os cavalheiros presentes eram a nata da sociedade lisbonense, e alguns titulares provincianos que pertenciam ao exercito. Entre todos, porém, é digno de especial menção um intruso na fileira dos nobres, que, na sessão da ultima quarta-feira, tinha sido o assumpto da detracção.

Este homem, ha poucos mezes apparecera em Lisboa, ostentando maravilhas de uma riqueza fabulosa. Os seus trens deprimiam o orgulho dos palacianos. O seu palacete, edificado com presteza magica, e arreado das

nais soberbas invenções do ouro, irritára a dureza inso-
ente dos senhores donatarios.

Alberto de Magalhães viera do Brazil. Quando, e
l'onde fôra, ninguem o sabia, nem elle dava logar a
perguntarem-lh'o. A propensão para o mysterioso encar-
regára-se de o celebrisar. O homem apresentava-se bem.
Não era melindroso nas fórmas, mas no todo agradava
pela harmonia. Representava quarenta annos. Contra o
iso, caprichava em um espesso bigode negro, que lhe
profundava os sulcos da face, mais terrena que macio-
enta. O seu olhar era soberano, e ao mesmo tempo
ssustador. Fixando com attenção, franzia a testa, e
pparentava um doloroso aborrecimento. Fallava pouco;
nas ninguem disse que o seu silencio era calculo na
stupidez. O que fallava era correcto e sentencioso.

Fizera-se interessante na côrte, porque viera do Rio
le Janeiro recommendado por uma notabilidade, que
igiava de perto as intenções de D. Pedro a respeito
e Portugal. O governo, preoccupado com a certeza de
ma guerra demorada, abraçava todos os recursos para
limentar a coragem do exercito. Alberto de Magalhães
eu, á primeira instancia que lhe fizeram, uma avultada
uantia. Proclamaram-o benemerito, e abriram-se-lhe os
alões da aristocracia, sem lhe perguntarem quem era e
'onde vinha. Não tinha alguem que lhe chamasse
mão ou parente. Era só. A curiosidade ralava-se com
ste segredo. Era necessario dar pasto ás conjecturas.
Ins queriam que fosse um espião de D. Pedro, dis-
ondo de uma fortuna, que devia ser empregada em
rruinar o throno e o altar. Outros tinham-o em conta
e um aventureiro, que enriqueceu na mercancia igno-
il da escravatura. Este afiançava que ouvira dizer a
essoa fidedigna, que esse homem fora pirata nas cos-

tas brazileiras. Aquelle, com ares mysteriosos, dizia que Alberto de Magalhães era filho bastardo de D. João VI e de uma açafata de D. Maria I. Quando este boato extravagante circulou, alguns physionomistas celebres juraram que o beiço inferior de Alberto era um beiço genuino da casa de Bragança.

Todas estas opiniões tinham sido discutidas nervosamente em casa da marqueza de Alfarella, na quarta feira anterior áquella em que a condessa de Santa Barbara, com o gravissimo processo do adulterio, veio substituir a syndicancia natalicia do homem celebre, desde a degradação da espionagem até á genealogia de reis. Achava-se elle presente, mas ao que parecia, estranho á discussão. E' o que não podiam supportar as illustres damas empenhadas em dar a possivel elasticidade á maledicencia.

B condessa de Penacova, que acabava de expor não só o que ouvira a respeito de sua indigna prima, a condessa de Santa Barbara, mas até o que podera inventar no calor da exposição, voltou-se para Alberto de Magalhães, e disse com azedume:

— De que está a sorrir-se, snr. Alberto?

— E' de v. exc.ª—respondeu elle, amaciando as guias do bigode, sem levantar os olhos dos pés da senhora que o interpellára rudemente.

— De mim!?—redarguiu ella, vermelha de raiva.

— Do mundo, snr.ª condessa.

— Não o comprehendo...

— Nem nós...—disseram em côro as outras senhoras, com uma visagem de fastio.

— Não tenho eu culpa, minhas senhoras—replicou o imperturbavel Alberto de Magalhães, sem mudar a vista dos pés da condessa de Penacova.

— E' celebre este senhor!...—tornou ella, dilatando os labios com um sorriso de aborrecida, expressão tão graciosa, como zombeteira, capaz de dar em terra com o orgulho de um homem.

Alberto sorriu-se outra vez, olhou-a de revés, como quem se previne dos dentes de um gozo que ladra, e disse maviosamente :

— V. exc.ª quer que eu diga que a condessa de Santa Barbara é a vergonha da fidalguia, não é verdade?

— Não lhe peço a sua opinião, cavalheiro. O que eu queria era merecer-lhe a delicadeza de não rir, quando eu fallar seriamente.

— V. exc.ª não falla seriamente.

— Por quê?

— Porque v. exc.ª disse entre muitas maximas da sua eloquente indignação, que bastavam as intenções, embora mallogradas, para mancharem a melindrosa reputação de uma senhora de nascimento.

— E então?

— V. exc.ª zombava comnosco.

— Ousa muito, snr. Alberto!...

— Em quê, minha querida snr.ª condessa de Penacova?

— Em suppor que não consagro um sincero culto aos principios de moral que estabeleço.

— Eu não disse tanto... O que eu disse é que v. exc.ª não era capaz de sacrificar, como Santa Luzia, os seus bellos olhos a esses principios.

— Isso é um insulto!—exclamou D. Martinho de Almeida, fitando Alberto com arrogancia.

— A'quella senhora — respondeu o incognito serenamente, indicando a condessa — digo que não é. A v. exc.ª digo... que o tome como quizer.

— E' uma provocação? — interrogou D. Martinho.

— E' ociosa a pergunta. Eu não o provoco, senhor. Tenho a satisfação de lhe dizer que v. exc.ª não me dá cuidado, nem me magoou ligeiramente.

— Mas, snr. Alberto, se é cavalheiro, dê-me uma explicação do seu sorriso.

— Não queira, minha senhora.

— Quero, exijo, e empraso a sua honra para que o faça.

— O que, em boa honra, podia dizer a v. exc.ª, disse-o já. E' uma cousa simplicissima. A condessa de Santa Barbara não póde ser julgada aqui. Os aphorismos moraes de v. exc.ª são exequiveis. A samaritana póde passar, que ninguem levantará uma pedra contra ella.

— Snr. Alberto de Magalhães, hei de pedir-lhe uma explicação!—disse D. Martinho, tocando-lhe no hombro.

— Fez mal em me tocar, snr. D. Martinho de Almeida. Essa frivolidade dizia-se de longe.

Alberto levantou-se sem a menor alteração na physionomia de bronze. Pegou do chapéo, aproximou-se da condessa de Penacova, e murmurou-lhe, quasi ao ouvido, com suave sorriso:

— V. exc.ª tem a seus pés uma carta. Se não é de seu marido, que está nas linhas do Porto, póde ser um ultraje aos seus principios de moral.

A condessa, espavorida e vermelha, não respondeu um monosyllabo. Os circumstantes ficaram perplexos, e acreditaram que Alberto era um homem superior, ou o proprio Satanaz disfarçado. Saíu, cortejando graciosamente a dona da casa, que lhe recebeu friamente a cortezia. Entretanto, a condessa, com habil disfarce, afastava com a ponta do pé para debaixo da cadeira uma carta, mal escondida pela orla do vestido.

O acontecimento fora assim. No exordio da sua oração contra D. Angela de Lima, a condessa de Penacova pediu a um cavalheiro que lhe désse o seu lenço, que estava sobre um bofete. O cavalheiro, que não a tinha prevenido, envolveu no lenço uma carta, que a calorosa senhora não esperava. Pouco depois, no enthusiasmo da mimica, o lenço deixou escorregar a carta, apenas percebida por Alberto de Magalhães. O cavalheiro infeliz não teve um momento, em que podesse avisar a dama do abysmo que tinha aos pés, quando tão contricta parecia fulminar a immoralidade do adulterio. E Alberto ria-se d'este episodio de farça, quando a timorosa condessa, representando o centro na tragedia, o interrogou. O riso era legitimo, santo, e até evangelico, se me dão licença.

XVIII

No dia immediato, Alberto de Magalhães recebia um cartel. Os padrinhos de D. Martinho, segundo o estylo, perguntavam com quem deviam entender-se nas negociações do duello.

— Commigo — respondeu Alberto.

— Essa não é a praxe. V. exc.ª deve sujeitar-se ás condições que lhe forem impostas por dois cavalheiros da sua confiança.

— E' o que eu não concedo a ninguem. Obrigações de honra sou eu que m'as imponho. Estou no uso das minhas faculdades. Não renuncío o direito de me dirigir. Respondo por mim: não me bato.

— Não se bate?

— Já respondi.

— E tem ponderado as inconveniencias d'essa resolução?

— Não encontro nenhuma.

— Ha muitas.

— A mais grave de todas?

— E' arriscar-se a um encontro, que póde ser muito funesto.

— Opto pelo encontro.

— Não temos mais nada que fazer?

— Darem-me as suas ordens.

Os padrinhos gelaram diante d'este laconismo. Olharam-se com ar de assombro, e entenderam que a sua missão estava concluida.

Alberto pareceu esquecer aquelle episodio, logo que os cavalheiros se retiraram. Entrou no seu gabinete de leitura, e escreveu, até que lhe annunciaram o snr. José de Campos Salema. Este senhor era quasi familiar n'aquella casa. Entrou para o gabinete, despiu o casaco, vestiu um «robe-de-chambre» de seda rôxa, e estendeu-se em uma poltrona de molas.

O snr. José de Campos Salema é um rico negociante, proprietario de nove navios, que permutam um opulento commercio entre Portugal e o Oriente, entre Inglaterra e o Brazil, entre a Turquia e a França. É o que se diz em Lisboa, a seu respeito. A sua fortuna orçam a em quinze milhões solidos, afóra um credito de mil e duzentos contos sobre o Estado, divida contrahida por D. João VI, de quem era compadre, na sua retirada para o Brazil.

O snr. José de Campos Salema era portanto o primeiro capitalista de Lisboa, e, ao que parecia, o unico amigo intimo de Alberto de Magalhães.

— Onde passaste a noite? — perguntou Salema, limpando o suor com a aba do «robe-de-chambre».

— Em casa da marqueza de Alfarella.

— Está arruinada. Deu com a casa em pantana. Hypothecou-me por vinte annos a quinta de Alvarães. Trasbassou-me por quinze os fóros das encommendas da Beira-Alta. Está pobre. Quem a reduz a este estado é D. Martinho de Almeida. Estes filhos segundos querem que as mulheres casadas lhes sirvam de vinculos. Quem estava lá?

— A condessa de Penacova, a de Picanhal, a marqueza de Santa Eulalia, a...

— Basta, basta. São boas! A Penacova já podia deixar o mundo para desmentir o Nicolau Tolentino. É quasi do meu tempo. Ha vinte annos era interessante, e promettia muito. Deu mais do que prometteu. Ainda por lá me andam dois contos de réis, que me derreteu como um raio á queima-roupa. Não sabes esta historia?

— Não.

— É rica. Eu t'a conto. A rapariga estava casada de fresco, e apenas acabou a lua de mel começou outra de oleo de ricino. Namorou-se de um tal Antonio Pisco, escudeiro da casa. Era uma especie de gallego, largo dos hombros, e vermelho como uma lagosta. Costumava ir ao meu escriptorio buscar dinheiro das propriedades de Cascaes, que o pobre conde vendia pelo barato. O bruto não apreciava a conquista. Um dia appareceu-me com um recibo do conde para levar dois contos de réis. Dei-lh'os. Horas depois, recebo um bilhete do conde, perguntando-me se o seu creado Antonio Pisco não viera receber dois contos de réis á sua ordem. Respondi-lhe que sim, e que o recibo estava em meu poder. Passaram-se vinte e quatro horas, apparece-me a condessa desfeita em lagrimas. Diz-me que é amiga do desgraçado Antonio Pisco, que jogou os dois contos de réis, e que está no Limoeiro.

Pede-me com as mãos erguidas o emprestimo d'esta quantia, para que o pobre rapaz não vá pela barra fóra. Dei os dois contos de réis. Lá como se arranjaram, não sei; o caso é que eu fiquei sem o dinheiro, e o meu amigo o snr. Antonio Pisco appareceu-me com uma hospedaria na rua do Arsenal, onde um amigo meu, amador de petiscos, me disse que reconhecera uma noîte a condessa de Penacova, saíndo, quando elle entrava. De resto é uma boa sênhora. Dá que fazer ao capellão com os seus escrupulos. Dizem-me que jejua toda a quaresma, e reza a via-sacra com as creadas.

O snr. Salema arredondou o periodo com uma gargalhada, e estranhou a seriedade de Alberto.

— Em que pensas? Aposto que não me ouviste?

— Ouvi tudo. A historia é interessante de nojo... vamos ao importante.

— Vamos lá. Os navios *Raio e Lucifer* ancoraram nas alturas dãs Antilhas. Esperaram dezoito dias em calmaria. Ao dezenove houve vento de servir. Levantaram, e fizeram-se de vela até vinte milhas de Cuba. Os navios hespanhoes appareceram. Eram tres. Foram abordados com pequena resistencia. Carregavam sedas e porcellanas. O Lima andou optimamente... fez-se ao mar; içou bandeira portugueza, pregou as baterias, e aportou a sete milhas de Cadix. Deve ahi chegar na proxima semana. Calcúlo a prêsa em cento e vinte contos. Ha carestia de seda. Mandei alijar o lastro, e recommendei para Cadix a D. Pedro Gusmão que lhe fizesse boas e correntes as guias.

— Bem. E do Baltico?

— Não ha noticia. É cêdo.

— E do Panamá?

— Uma abordagem pouco interessante. O commercio do Perú está quasi acabado.

— É necessario remover os dois navios.

— Por ora, não. Espera-se uma boa carga para a America do Sul. Dado este golpe, diz-se adeus ao Oceano Pacifico.

O dialogo progrediu um quarto de hora n'este sentido.

Alberto viu o relogio, tocou uma campainha, e mandou preparar a traquitana. Salema mandou chegar a sua sege, e despediu-se.

A traquitana do intimo amigo do snr. José de Campos parou defronte da igreja de S. Vicente de Fóra.

Alberto apeou, e atravessou duas ou tres ruas tortuosas até metter-se em um bêco, e na melhor casa que ahi se destacava, com o seu primeiro e unico andar, acima das esfumeadas soleiras dos casebres.

A porta fora-lhe aberta por um homem alto, de figura repugnante, meio vestido á hespanhola, com uma jaqueta de botões brancos de metal rendilhados, uma larga faxa de seda escarlate, e uma gôrra vermelha.

O supposto filho de D. João VI, ao transpor o limiar d'aquella porta parecia um outro homem. De entre as muitas sellas pendentes de tornos, tomou uma, ageitou-a em fórma de travesseiro, fez um canapé de quatro cadeiras, e deitou-se na genuina postura de um arreeiro cansado.

— Tens ahi vinho, José?—disse Alberto, limpando o suor ás franjas de um cobrejão.

— Para embebedar quinze marujos—respondeu o cigano, vasando uma garrafa em um corpulento copo com aza.

— Dás-me alguma cousa de comer?

— Bacalhau frito com ovos, e camarões, servem-lhe?

— É o melhor manjar d'este mundo. Emquanto como, diz lá o que fizeste.

— Trabalhei muito, e não fiz nada.

— Peior.

— Eu lhe digo. Estive tres dias em Elvas. Fallei com quantos ciganos e troquilhas vivem por aquelles sitios ha vinte annos. Ninguem me dava relação do tal Sabino Cabra. Depois dei commigo na quinta das Alcaçovas. Encontrei um creado velho, que pelos modos está alli ha mais de vinte e cinco annos. Já viu morrer o avô, e o pae do marquez de Montezellos, que vive agora.

— Como se chamava?

— João Alves.

— Fui-me ter com o homem, e disse-lhe assim: «vossê não está certo de ver por aqui ha cousa de quinze annos um cigano chamado o Sabino Cabra?» O homem esteve lá a congeminar com os seus botões, pôz-se com as ventas no ar como um garrano de criação, e disse que sim, que se lembrava do tal cigano, que por signal lhe pagára uma ceia a elle e mais dois, onde beberam até não saberem de que freguezia eram. Até aqui vae a cousa como se quer; mas depois o cigano mirrou-se, e o tal João Alves nunca mais lhe pôz o olho, nem teve novas d'elle. Ora aqui tem o que mais pude saber. Emquanto a mim, isso não era cigano... Era algum trampolineiro da borda de agua. Mas que berzabum de conhecimento tinha o senhor com esse diabo alma que nos tem dado que fazer? Ahi, por mais que me digam, anda dente de coelho... não me dirá?

— São cousas, meu caro José... Não ha remedio senão perder d'ahi o sentido.

Alberto ergueu-se para sair.

— O teu vinho e os teus camarões são deliciosos —

disse elle. — Aqui fica dinheiro para outros, que qualquer dia te virei comer.

— Oh senhor! com esse dinheiro compram-se todos os camarões, e pescadinhas, e linguados que nascem no mar de Deus. Faz favor... eu não sou usurario; tenho escrupulo em receber tanto ouro por tão pouco trabalho...

— Adeus, José, até outro dia.

E, reoncentrado na sua habitual tristeza, Alberto de Magalhães saíu, entrou na carruagem, e mandou tocar para casa.

Ao caír da tarde, o mysterioso investigador do cigano das Alcaçovas, montou a cavallo, e picou a trote largo para o Beato Antonio, onde fizera construir uma linda casa de campo, ao gosto oriental.

Em frente do convento dos Antoninhos viu que o seguiam a galope rasgado tres cavalleiros. Reparou e reconheceu D. Martinho de Almeida, acompanhado dos dois cavalheiros, que de manhã tinham sido os commissarios do duello. Alberto lembrou-se, n'esse momento, da provocação. Consultou as suas forças, e estava inerme. Nem sequer uma sombra de commoção lhe veio ao rosto. Sofreou as rédeas. O cavallo reprimido ladeava em corvetas, que o cavalleiro de proposito lhe concedia, para, de lado, perceber as intenções do amante da marqueza de Alfarella.

Este, abandonado de improviso da coragem impetuosa, ou affectando o sangue frio da verdadeira valentia, susteve a desfilada do cavallo. Os companheiros, cerrados com elle, pareciam empenhados em insufflarem-lhe uma nova alma para alguma grande tentativa.

Alberto de Magalhães fizera ladear o seu alasão, de modo que, a poucos passos de distancia, os tres cavallei-

ros acharam-se com elle, face a face, sem que o reprovador de duellos se descompozesse uma linha na firmeza da sella. D. Martinho cortejou ligeiramente o seu adversario, que recebia a mão do conde de Cavez, e respondia ao sorriso affavel de D. Pedro de Alvim, com outro sorriso.

D. Martinho de Almeida, irritado pela affrontosa indifferença com que fora recebido, cobrou alentos, e pôde dizer com entono e afouteza, que elle mesmo não esperava :

— Snr. Alberto, eu disse-lhe hontem á noite, que a sua honra lhe impunha o dever de uma explicação.

— O snr. D. Martinho fez mais alguma cousa; tocou-me com a mão no hombro, acto a que eu dei a importancia muito grave e séria de uma ameaça.

— Enviei-lhe hoje os meus padrinhos. O snr. Magalhães rejeitou a proposta do duello.

— Rejeitei. Diga alguma cousa nova, snr. D. Martinho.

— Entendi que um cavalheiro, digno d'este nome, quando rejeita o desforço pelas armas, em leal contenda, quer satisfazer o seu adversario com honrosas explicações.

— Entendeu mal. Não tenho explicações a dar-lhe.

— N'esse caso devo consideral-o um covarde...

Alberto de Magalhães, sem ironia, sem sarcasmo, soltou uma gargalhada conscienciosa. Depois, voltou-se para os amigos do pall do esgrimidor, e perguntou-lhes que partido tomavam n'aquella pendencia.

— O de cavalheiros —responderam elles.—A neutralidade, visto que v. exc.ª não aceita as condições do duello.

Alberto apeou, e prendeu o cavallo aos varões do portico do convento. D. Martinho, affectando tranquillidade

que o rosto desmentia, apeou tambem, e entregou o seu a D. Pedro de Alvim.

— Coragem! — murmurou-lhe este, quando Alberto voltava placido e risonho, como quem vae lançar-se nos braços de um amigo. Diante do desfigurado espadachim, o mysterioso defensor de minha mãe cruzou os braços, fixou-o com uma superioridade de desprezo, e perguntou:

— Então?

D. Martinho, aguilhoado de vergonha, não da sua consciencia, mas de dois homens, que o consideravam corajoso, levantou a voz, quanto a bravura do pulmão lhe permittia.

— O senhor é um infame covarde!

— Não estafemos o vocabulario das injurias.

Estas palavras de Alberto foram acompanhadas de uma acção ignominiosa. D. Martinho sentiu na face o roçar da pita de um chicote. Recuou alguns passos, sem que o inimigo o atacasse. E' porque receiava ser preza de Alberto, antes de tirar uma pistola, engatilhar, e disparar-lh'a.

Feriu-o.

Aquelle aspecto, ha pouco natural e sereno como a physionomia inalteravel do estoico, desfigurou-se em traços ferinos de tudo que o rancor póde pintar no rosto do homem. Parece que se lhe viam laivos de sangue no bronzeado das feições. Dilataram-se-lhe as palpebras, e as pupillas vidracentas de um brilho, que só a furia póde dar-lhe, saíam das orbitas.

D. Martinho recuava aterrado; mas, a não o ter morto, a salvação era-lhe impossivel!... Alberto arcou-o pela cintura, comprimindo-lhe os braços. A mão esquerda, inflexivel como a gonilha, deslocava-lhe as vertebras do pescoço. Erguido em todo o peso, no braço esquerdo do

musculoso athleta, o franzino fidalgo esperneava como um frango nos dentes do gato montezinho. Os fidalgos contemplavam silenciosos e aterrados a ferocidade do homem problematico. Escravos da sua honra pontual, não quebrantaram os votos de neutralidade, quando viram Alberto de Magalhães correr com o fardo á beira do Tejo, e precipital-o pela ribanceira, da altura de seis ou sete covados.

A transição da physionomia de Alberto foi momentanea. As fórmas do tigre cederam ás feições do homem. Era o mesmo que dez minutos antes. Passando por diante dos companheiros do seu infeliz contendor, saudou-os urbanamente. Ao montar a cavallo, reconheceu que o seu ferimento era grave, porque não pôde levantar o braço esquerdo á altura das redeas.

O conde de Cavez e D. Pedro de Alvim apearam, e debruçaram-se no precipicio. Esperavam encontrar um cadaver, e viram o seu amigo entalado entre duas rochas, com a face arregoada de sangue. Chamaram-o, e elle pediu que o soccorressem. De uma taverna proxima, que o curioso encontra ao lado esquerdo da estrada, vieram homens, que desceram o despenhadeiro, e com grande custo transportaram D. Martinho a um barco. A mencionada taverna tem uma entrada pelo Tejo. O destroncado fidalgo hospedou-se ahi. As dores dos braços e pernas desarticuladas arrancavam-lhe gritos que commoviam a compaixão.

D. Pedro de Alvim corre a Lisboa em busca de medicos. Vieram, e declararam que nenhuma ferida era mortal.

A' porta da taverna, os habituaes frequentadores philosophavam sobre o acontecimento. Quasi todos se accusavam de não terem arrancado os figados ao patife que reduzira a tal estado o bom fidalgo, muito conhe-

cido n'aquelles sitios. Alguns frades tinham vindo á taverna colher informações do attentado horrivel. A opinião publica estava a favor de D. Martinho ; e a vozearia contra o homem do cavallo negro era estridorosa. Alguns propozeram incendiar-lhe o kiosque, um quarto de legua distante, a que chamavam caranguejola, no seu odio ás innovações chinezas.

XIX

N'este conflicto chegavam padre Diniz e o escrivão, de volta de Santarem. O tumulto excitava a curiosidade. O escrivão, obrigado pelo instincto, farejando no rasto do sangue um processo, perguntou o que era aquillo. Responderam-lhe que um malvado atirára com o snr. D. Martinho de Almeida ao rio, e fugira.

Padre Diniz não colhera dos frades informações mais amplas. Apearam, e entraram na taverna. Subiram ao primeiro andar, e esperaram na varanda que alguem os esclarecesse. O doente estava no quarto proximo. O medico veio á varanda lavar as mãos ensanguentadas do curativo, e conheceu o escrivão.

— Que é isto, snr. doutor?— perguntou o funccionario·

— Uma desordem entre um tal Alberto de Magalhães e D. Martinho de Almeida. Picaram-se de palavras em casa da marqueza de Alfarella, por causa da condessa de Santa Barbara.

— Da condessa de Santa Barbara?—interrompeu padre Diniz.

— Sim, senhor. D. Martinho fazia côro com as damas, que reprovavam o procedimento escandaloso da condessa. O tal Alberto, que uns dizem ser espião de D. Pedro, e outros filho de D. João VI, defendia a condessa de Santa Barbara. Não sei mais nada... o que

sei é que o pobre fidalgo está com um braço quebrado, duas costellas partidas, a cabeça contundida, a articulação femural deslocada, e não sei que mais.

— Esse tal Alberto de Magalhães—interpellou o padre—não é um sujeito que veio, ha um anno, do Brazil?

— Justamente.

— Eu não o conheço, — tornou o padre — mas ouvi dizer que era um homem mysterioso.

— Um homem diabolico, é o que eu penso que elle é. Disse-me D. Pedro de Alvim, que tómara D. Martinho debaixo do braço, e atirára com elle ao rio como quem atira um sagui morto á rua.

Padre Diniz, atordoado com o inconcebivel d'aquelles acontecimentos, despediu-se do medico. O escrivão, convencido da inutilidade dos seus serviços ao decoro da lei postergada, visto que se não lavrára auto de exame, com grave escandalo da justiça, retirou-se.

Padre Diniz veio encontrar minha mãe na situação afflictiva em que a deixára. Eu não saíra de ao pé do seu leito. D. Antonia, extremosa e inseparavel consoladora dos seus receios, poucas horas, das quarenta e oito decorridas, desde que seu irmão saíra para encontrar-se com o conde, deixou de ajoelhar-se á Mãe de Deus, supplicando-lhe o seu divino auxilio na commissão arriscada do sacerdote.

A apparição do padre, tão depressa, assustou minha mãe; comtudo, o seu semblante era alegre, e no sorriso, raro aberto nos labios d'elle, fallava a esperança, e animava-se o coração.

— Acho-a doente, não é verdade? — disse elle a minha mãe, tomando-lhe o pulso.

— Doente do espirito... estava triste... adivinhava trabalhos... sempre um presentimento do peior.

— Enganou-a d'esta vez o seu anjo máu...

— Como, snr. padre Diniz?

— O conde é um milagre da Providencia divina. A compaixão, o remorso e a honra nasceram de repente n'aquella alma. Seu marido pede-lhe perdão: quer vel-a...

— Por Deus! snr. padre Diniz—exclamou minha mãe impetuosamente—sabe as intenções do conde de Santa Barbara?

— Sei. Pedir-lhe perdão, justifical-a no pelourinho onde a infamou; restituir-lhe a felicidade, não, que é impossivel; mas conceder-lhe uma vida de paz e de descanso...

— Na companhia d'elle?

— Não, minha filha. Na companhia das suas saudades, e das suas esperanças...

— Esperanças!

— No reinado dos que soffrem. Ha muito que amar fóra do mundo. Verá o que é a tranquillidade do amor de Deus. Quer entrar em um convento?

— Ah! sim, um convento, a minha ambição mais querida... um convento, meu bom amigo... Elle concede-m'o?

— Concede.

— E meu filho?

— Entregue-o a Deus, e Deus me dirá o que deve ser de seu filho... Vê? não lhe parece que principia uma nova época na sua existencia? A roda desanda. Cansou-se a desgraça. Agora é crer muito, confiar muito, e muito esperar. A'manhã iremos...

— Aonde?

— A Santarem. Seu marido está doente...

— Doente?!... perigoso?

— Deus o sabe. E' necessario ir com tempo. A vida

é uma luz desamparada, e o vento da morte sopra de todos os lados... Tem força para ir?

— Deus m'a concederá... iremos... e depois?

— Voltaremos, logo que o conde de Santa Barbara possa seguir jornada.

— Diga-me, minha filha... Está certa de ouvir pronunciar este nome — *Alberto de Magalhães?*

— Vi-o escripto.

— Onde?

— Em um bilhete, que tenho no meu bahú.

— Por que motivo?

— Cuidei que esse bilhete era uma disciplina de que o conde se serviria para me flagellar. Eu mostro-lh'o.

Minha mãe tirou de uma caixa de marfim uma carta, com fecho de lacre, e leu o seguinte:

«Á condessa de Santa Barbara. — Ha quinze annos «que o marquez de Montezellos mandou matar um filho «de sua filha, D. Angela de Lima. O infanticida encar-«regado d'essa commissão, não matou a criança, ven-«deu-a. A actual condessa de Santa Barbara tem conhe-«cimento d'este facto? Responda a *Alberto de Maga-«lhães,* residente em Lisboa.»

— O quê, senhora?... — acudiu o padre, alvoroçado — queira ler outra vez... deixe-me ler esse escripto!... Santo nome de Deus, que confusão na minha cabeça...

— Que é — disse minha mãe assustada.

O padre leu o escripto.

— E depois?... respondeu-lhe? — interrogou elle com vehemencia.

— Nada. Já lhe disse que me julguei o ludibrio de um novo genero de crueldade de meu marido...

— Não recebeu mais nenhum escripto?

— Nenhum.

— Snr.ª condessa, tenha a bondade de escrever...

O padre dobrou o papel, e offereceu a penna a minha mãe, que escreveu:

«A Alberto de Magalhães.

«A condessa de Santa Barbara, infamada no seu in-«fortunio, agradece com lagrimas ao coração generoso, «que lhe defendeu a sua honra...

Minha mãe parou de escrever.

— Não concebo isto, snr. padre Diniz.

— Escreva, minha filha. Esse homem puniu hoje á tarde um dos seus detractores, e tem uma bala em um braço...

— Que me diz, senhor?... Arrastam-me assim no mundo?

— Exaltam-a, snr.ª condessa... Escreva:

«Ella quer conhecer o cavalheiro que quiz lavar-lhe as «nódoas com o proprio sangue. Não póde ser já. Um dia, «e breve será. D. Angela de Lima quer pessoalmente «responder a uma pergunta que lhe foi feita, ha dez me-«zes, por *Alberto de Magalhães.*»

Era meia noite. O padre Diniz saíu, e dirigiu-se para a rua dos Romulares, onde morava Alberto de Magalhães.

Nas cavallariças havia luz. Bateu, e o guarda portão respondeu-lhe que áquella hora não abria a porta sem licença do patrão. O padre instou, pois, que lhe ouvisse uma pergunta, sem abrir a porta. Informou-se do ferimento de Alberto. Respondeu o creado que os medicos disseram não havia perigo. O padre pediu que lhe recebesse uma carta para entregar ao dono da casa. Tomaram-lh'a por debaixo da porta.

No momento em que o padre se retirava, aproximavam-se da porta dois vultos, que pararam. O padre es-

condeu-se no escuro de uma esquina proxima. Viu qu
um toque de convenção fizera abrir a porta. Os vult
entraram com precipitação, e o padre, receioso de algu
salto traiçoeiro, coseu-se com a parede do palacete par
escutar. No limiar da porta tocou com o pé em um obj
cto, que tiniu. Levantou-o. Viu que era uma pulseir

Quando recolheu ao seu quarto, reinava profundo si
lencio. Minha mãe adormecera encostada ao meu hom
bro. Eu tinha adormecido sobre um canapé, chegado a
leito de minha mãe. D. Antonia, que eu deixei ajoelhad
no oratorio, seria a unica que ouviu os passos cauteloso
do padre. Se os ouviu, agradeceu ao Senhor encami
nhal-os ao seu quarto, onde, depois da meia noite até á
tres horas, D. Antonia muitas vezes escutou o fremit
da penna sobre o papel.

Padre Diniz, sentado na escrivaninha, reparou na pul
seira, demorou-se a decifrar os caracteres de uma legend
na face interior, abriu o *Livro Negro*, e escreveu algu
mas páginas com a seguinte epigraphe, qûe parece se
do auctor:

30 DE AGOSTO DE 1832

*E as filhas dos grandes, pela ca
lada da noite, patinhavam no treme
dal das torpezas, e deixavam após s
o seu nome escripto em laminas d
ouro, cravejadas de brilhantes, par
que as somenos em jerarchia se ani
massem a trilhar a senda da corru
pção opulenta.*

. . . . . .

. . . . . .

XX

Uma hora antes de amanhecer, o auctor do *Livro Negro* bateu á porta do quarto de D. Antonia, e mandou-a preparar com a condessa de Santa Barbara. Depois, saiu, e voltou acompanhado de duas seges.

Quando elle chegou, estava minha mãe lançando sangue! D. Antonia quiz avisar seu irmão, para obstar a jornada: minha mãe não consentiu. Habituada aos grandes padecimentos do espirito, as dores do peito nunca lhe deram cuidado: os golfos de sangue com que borrifava os lenços, nunca ella se lembrou que podiam ser symptomas de morte.

Com o padre entrava o velho Bernardo, o nosso amigo. O mestre entregou-me a elle, e minha mãe inundou-me a face de lagrimas na despedida.

Partiram. Com o balanço da sege os soffrimentos de minha mãe augmentavam. Antes do Beato Antonio, pediu que a deixassem ir a pé, porque receiava morrer. O padre quiz retroceder, mas a infeliz era capaz de sacrificar um desejo da sua alma ao gôso da saude, que ha quinze annos não conhecia. Deu alguns passos a pé, e sentou-se extenuada á porta da taverna, onde se achava doente D. Martinho de Almeida.

D. Antonia perguntou-lhe se queria tomar um caldo de gallinha, e ella aceitou a lembrança.

Padre Diniz vacillou um momento na irresolução de deixar entrar n'aquella casa. Venceu a necessidade de fortalecel-a, e o receio de a ver exhausta de forças, quando a coragem da alma lhe sobrava. Entraram.

Os primeiros raios do sol de agosto douravam o cas
tello de Palmella. O céo limpido, o Tejo azulado, e
murmurio matinal da natureza encantavam a alma n'a
quelle recolhimento intimo, remanso providencial de sua
vissima tristeza.

A condessa de Santa Barbara, na varanda sobrancei
ao Tejo, levantou o véo negro para respirar uma colum
do ar, que até alli lhe fôra cerceado entre quatro pared
suffocantes. Padre Diniz, ao pé d'ella, como um pae e
tremecido ao pé de sua filha tocada pela aza da mort
acompanhava-lhe o espirito nas suas elevações, e adiv
nhava-lh'as. D. Antonia, essa, por suas proprias mão
cozinhava o caldo para a sua companheira de Nazaret
e sua filha adoptiva desde que a desgraça lh'a lançc
no regaço, como engeitada da fortuna.

De repente se abriu a porta que abria para a varand
e appareceu a marqueza de Alfarella, cujas intimidad
com D. Martinho de Almeida eram muito conhecid
do snr. José de Campos Salema, o proprietario dos n
ve navios e dezoito milhões.

D. Angela de Lima quiz descer o véo; mas era tard
A marqueza quiz recuar, e era tarde tambem. Fixaram-s
cada uma luctando com o pejo, mas por differentes m
tivos.

A marqueza rompeu o silencio, titubeando:

— A prima Santa Barbara!... tu por aqui?

— É verdade!... o nosso encontro é estranho!.
Chegaste agora, ou já aqui estavas?

A marqueza fez-se de sete côres, e tartamudeou outr
tantos monosyllabos, que minha mãe não comprehe
deu. Padre Diniz estava perturbado. Queria remedia
conflicto, e não via saída. Arrependeu-se do seu la
nismo em demasia mysterioso.

Retirou-se, por entender que a sua presença poderia augmentar os embaraços; ou por temer que a marqueza provocasse a dizer-lhe ironias tremendas, que lhe saíam sempre dos labios, picantes e certeiras como a frecha do arco.

A marqueza, a sós com minha mãe, abraçou-a carinhosamenie.

— Conta-me os teus infortunios, prima! — lhe disse ella, modelando a voz compassivamente—Ainda hontem a prima Lencastre, e a prima Natividade lastimaram a tua sorte, indignadas contra um boato infame, que fizeram correr, a teu respeito.

— Que queres, prima? A calumnia nem a desgraça respeita...

— Isso é verdade... eu que o diga!... Tenho sido victima como ninguem, e Deus sabe a minha consciencia e o meu coração.

— E que diziam de mim? que eu era adúltera, não é assim?

— É verdade; vê tu, Santa Barbara, como se ha de viver n'esta sociedade de detractores, e detractoras, que muitas vezes se retiram dos nossos salões, atirando com a nossa reputação ao charco da canalha...

— Eu não me queixo, prima, nem da sociedade, nem da Providencia, nem de mim. Sou desgraçada, porque devo sel-o. Deus quer que eu soffra... e então? O homem ha de revoltar-se?

— Coitadinha! como estás definhada!... Ha quinze annos, não te tenho visto quatro vezes... E agora para onde vaes?

— Para meu marido.

— Sim?! para teu marido?! Ora vejam o que é o mundo!... E a dizerem que elle propalára a tua fuga...

— Não sei, prima marqueza... Será tudo assim... O peior é que elle está doente em Santarem... Vou visital-o, e ver se elle póde transportar-se para Lisboa. De mais... o mundo que falle... Se as tuas amigas te disserem que eu sou má, diz-lhe que lhe perdôo de todo o meu coração...

— As minhas amigas!... Essa é boa, prima! Imaginas que em minha casa ousa alguem deprimir o teu nome?...

— Não imagino; mas eu sei que a minha honra é disputada em duellos...

A marqueza empallideceu. E minha mãe continuou sem reparar na turvação de sua prima:

— Não soubeste do duello, creio que foi duello, entre D. Martinho de Almeida e...

O resto foi interrompido por D. Antonia, que conduzia o caldo. Padre Diniz acompanhava-a, e reparou na physionomia da marqueza. Adivinhou-a. Emquanto a condessa tomava o caldo, a amante de D. Martinho procurava um pretexto para retirar-se. Padre Diniz, porém, não era homem de eliminar, por ignorancia, o ultimo promenor dos assumptos, que mereciam ser archivados no *Livro Negro*. E perguntou:

— A snr.ª condessa de Alfarella como passa, minha senhora?

— Bem; obrigadissima.

— Sempre exemplar de bondade, e de virtude.

— De certo... eu não tenho o gosto de conhecer v. exc.ª...

— Ha ahi demasiada fineza de tratamento, minha senhora... Eu não passo de um padre...

— Naturalmente capellão da prima Santa Barbara...

— Capellão, não, snr.ª marqueza... um simples creado...

— Um pae... — interrompeu a condessa, olhando-o om ternura de filha.

— Pois não tinha o gosto de conhecel-o... E meu ıarido conhece-o?

— Não, minha senhora... Não vivo ao alcance da ua vista... Eu é que lhe conheço as virtudes, que são o dominio publico. E, se não me engano, creio que o i na janella do outro lado...

— Sim...—gaguejou a marqueza—elle está tambem qui...

— Vão de jornada? — perguntou o padre, afiando o ume de uma sarcastica simplicidade.

— Esperamos uma familia... vamos ao Farrabo...

— Ah, sim?... Então madrugaram...

O dialogo foi interrompido por uma carruagem. Era medico, conhecido do padre, por intermedio do escrião. O doutor, suppondo que as tres senhoras eram arentas do enfermo, ao entrar na varanda, perguntou:

— Como vae o snr. D. Martinho... naturalmente m gemido?

Ninguem lhe respondeu. A marqueza voltou as costas ara o grupo, e olhou para o Tejo. D. Angela de Lima nsultou, espantada, a physionomia do sacerdote. Este rriu-se, cravando os olhos no chão. Ora o doutor julou que a má sorte, trouxera ao centro de uns poucos e idiotas. A unica pessoa que parecia querer responer-lhe, mas não sabia o quê, era D. Antonia, que enava n'aquelle jogo com a innocencia com que entrava n todas as intrigas. O que acabou de convencer o outor da demencia d'aquelle grupo, ou de uma embruada indecifravel, foi o padre impôr-lhe silencio com o edo no nariz, quando se viu, segunda vez, interrogado obre as melhoras de D. Martinho.

A crise era penosa para todos.

Padre Diniz deu o braço á condessa, e cortejou as costas da marqueza, que, ao voltar-se para responder á saudação, não tinha nas feições uma fibra, que não estivesse da côr do marroquim.

Minha mãe, reanimada pelo excesso de vida, que taes commoções lhe deram ao espirito, achou-se mais confortada no corpo, ou mais esquecida das dores do peito. Entrou na sege, e quiz que o padre se sentasse ao seu lado.

Aquelle segredo, dizia ella, que a ia atormentando. Foi forçoso ao padre contar-lhe tudo; e, se lh'o não contasse, o *Livro Negro* não seria enriquecido pelo dialogo da marqueza de Alfarella com a sua calumniada prima, dois dias depois que a retalhára a golpes de infamação, e propozera para o celebre congresso o adulterio de sua «indigna prima» como materia da noite.

D. Angela de Lima sentia rasgarem-se as nevoas, que lhe occultavam a face torpe do mundo. O ulceroso, o esqualido da sociedade parecia-lhe impossivel pelo asco, pela repugnancia, em acredital-o. Padre Diniz viu que a hora de desvendar aquella pobre mulher tinha soado, por isso que a traição, a impostura, e a infamia lhe assediavam a existencia. A condessa de Santa Barbara, segredada desde os dezesete annos do fóco da grandeza no vicio e no luxo, suppunha que seu pae era o primeiro homem perverso, que seu marido era o segundo, e que estes dois homens, arrancados á familia humana, deixariam a sociedade purgada de fézes.

E o padre no decurso de sete ou oito leguas, pôz-lhe diante dos olhos o facho da experiencia. Primeiro a luz era muita, e a desditosa senhora soffreu. Depois, os ouvidos habituaram-se a ouvir o anathema pelos labios de

um virtuoso, e creu que o mundo era pessimo. Foi então sublime! Quando o padre lhe perguntou o que achava aqui de bom para a virtude, que se debate em um continuo paroxismo sobre a cama de flores e espinhos que a infamia lhe faz, D. Angela de Lima apontou para o céo, e illuminou-se de uma alegria sobrenatural.

. . . . . .

Descera a noite. Santarem estava a um quarto de legua. A espaços, a viração trazia de lá um murmurio, cada vez mais debil. Era a população que retirava das praças, e a alta respiração da villa populosa que desfallecia no cansaço da agitação diurna.

O padre cedera o seu logar, na segè da condessa, a D. Antonia, que murmurava fervorosamente o seu rosario, offerecendo-o á Virgem, que ella exorava, como protectora da sua infeliz amiga. Minha mãe, embebecida na transparencia estrellada do céo, recordava melancolias, que lhe filtravam lagrimas de saudades, amargas sempre quando as esperanças são impossiveis.

Padre Diniz ia triste das tristezas eternas do genio, e da virtude, em revolta com a ignorancia e com o crime. Aquella formosa natureza, que, em redor o chamava á paz, era-lhe um incentivo de mais funda dor. O silencio da noite fazia mais doloroso o tumulto, que dentro lhe alvoroçava o coração. A sua alma era um abysmo. Aquelle homem, ha quinze annos que vivia a morrer em cada hora. Ao declinar da existencia, com cincoenta e tantos annos, sentia-se robusto de um vigor providencial, que devia consumir em luctas atormentadas. A face cadaverica, e o espirito arrojado em aspirações de moço! O corpo a alquebrar-se nas vizinhanças do tumulo, e o ether da alma o abrazar-lhe em redor

um vasto horizonte, povoado de paixões grandes, mas generosamente grandes! «O que tenho eu sido?» perguntava-se elle, cravando os olhos lá em baixo nas orlas do céo, profundas como o segredo do seu destino. O que tenho eu sido? A condemnação! Um mytho de soffrimentos, mesclado de prazeres, que o mundo reputa excentricidades! Um ambicioso de glorias, segredadas ao mundo, e recolhidas no templo da consciencia, como trophéos, que o mundo affastaria do seu caminho com a ponta do pé!...»

A absorpção d'aquella dor invejavel continuava em um dialogo entre Deus e o homem, quando um dobre de finados, eccoando, pelas quebradas das charnecas, em melancolica toada, arrancou o espirito do pensador para o positivo doloroso da terra.

A sege de minha mãe parára, á sua ordem. O padre perguntou o que acontecera.

— Nada...—disse—ella não ouve aquelles sinos?

— Ouço... e então? E' muito triste aquelle som, não é verdade?

— Tive um abalo no coração...

— Tranquillise-se, minha senhora... Estava muita gente viva em Santarem... Bastava que morresse uma pessoa.

As seges continuaram. A poucos minutos de jornada estavam em Santarem.

A condessa disse a D. Antonia que sentia pular-lhe o sangue nas veias. O presentimento pintava-lhe com as vivas côres da realidade a idéa, que lhe passára, como sombra de mortalha, diante dos olhos, quando o primeiro gemido do bronze lhe foi dos ouvidos ao coração. E, comtudo, não podia dizer precisamente o seu receio. Era o torvo impenetravel do agouro o que ella

sentia. A noite, o silencio, o céo, e a solidão, davam as fórmas ao que a philosophia desprevenida chama abusões de almas fracas, phantasmas do espirito desenfadado, e outras injurias com que a materia se vinga de tudo que é superior, até no soffrimento!...

Entraram em Santarem. A sege de padre Diniz, passou adiante para parar na pousada do conde de Santa Barbara. Estavam perto. A' porta da hospedaria avultavam grupos. O padre respondeu ao presentimento de minha mãe. O coração pulsou-lhe tambem com sobresalto. Quiz parar alli. Para quê? Se as suspeitas eram a verdade, a verdade, alli, não podia esconder-se. Chegaram ao pé dos grupos. O padre perguntou que novidade era aquella. Responderam umas poucas de vozes:

— Morreu o snr. conde de Santa Barbara.

Minha mãe ouviu-as. D. Antonia ouviu-lhe um gemido, e tomou-a nos braços.

— Não é necessario...—murmurou ella—tenho forças e coragem para mais... Quero apear-me.

O padre abriu a sege. D. Angela saiu. Nem uma palavra de afflicção. Padre Diniz estranhou-a.

— Onde está elle?—perguntou minha mãe, tomando o braço do sacerdote.

— Aqui n'esta casa.

— Quero vel-o...

— Para quê?... Pois não sabe...

— Que está morto... sei... sabia-o já... Disse-m'o Deus... já lhe rezei por alma...

— Pois bem... continue a rezar; mas não vamos lá... v. exc.ª recolhe-se a outra hospedaria.

— Respeite a minha vontade, snr. padre Diniz.

A viuva subiu as escadas com estranho desembaraço Atravessou a multidão de fidalgos, que não cabiam na

antecamara. Entrou no aposento, onde vinte minutos antes expirára seu marido.

Estavam ainda accesas as velas, ao lado do crucifixo. O cadaver não tinha sido tocado ainda. Estava descoberto da cintura para cima. Os collarinhos da camisa, empastados pelo suor frio da morte, pareciam identificados com a pelle esverdeada dos hombros. Um braço pendia arregaçado até ao cotovêlo. O outro ficára atravessado sobre o peito. Os cabellos, uns pegavam-se ensopados na testa, outros, em desalinho, entremeavam-se nas rendas da fronha. Os olhos tinha-os meio-abertos. Circulava-os uma zona de um amarello salpicado dos bagos da transpiração da agonia. O nariz afilado na base, e dilatado nas azas, projectava raios escuros até aos cantos dos labios, onde as sombras se continuavam por dois traços de sangue negro. A extremidade da lingua, arregoada de sulcos pardos, via-se-justa-posta aos dentes superiores, cobertos de caria, e raiados de sangue gelado. A crescida barba, em pastas humidas, e como glutinosas, caía sobre o pescoço, onde as veias, regorgitadas ainda, pareciam offegar os ultimos arquejos.

Tal era o quadro que a condessa de Santa Barbara tinha diante de si. Estremeceu? Recuou? Não. Afastaram-se de ao pé do leito os que se preparavam para transportar o finado a casa de seu primo D. Christovão Vaz. E ella approximou-se. Ajoelhou entre o leito e a banqueta das luzes, que cobriam aquelle ambito de um clarão pavoroso. Levantou as mãos. Cravou os olhos, brilhantes de lagrimas, na face de Jesus Christo. Os seus labios não se moviam. As mãos tremiam de uma convulsão quasi imperceptivel. Não levantára ainda o véo. Ninguem lhe vira a physionomia, e reconheceram-a todos. Aquelle lance era respeitavel. Aquella angustia não podia ser pre-

senciada por indifferentes, nem interrompida por consolações banaes. Aos pés da cama ajoelhára o padre. Ao pé d'elle, D. Antonia. Os outros retiraram-se. Era profundo o silencio.

E todas as torres de Santarem vibravam esse gemido clangoroso, que dá em terra com as soberbas illusões dos que calculam com o presente para conquistarem novos estadios de felicidade futura.

XXI

Passados vinte minutos, padre Diniz não podia respirar os miasmas d'aquelle quarto. D. Antonia, esvaída, retirára-se encostada ao irmão. A condessa parecia estranha a todos esses movimentos.

Receioso do que veiu a acontecer, o padre pediu a minha mãe que se retirasse; que a oração era ouvida no céo de todos os pontos da terra; que o ar impuro d'aquelle quarto, se teimasse em respiral-o, lhe augmentaria gravemente os padecimentos do peito.

Arroubada na sua dor, ou indifferente ás razões do extremoso amigo, não lhe respondeu. Alguns minutos depois fez-se livida, como deve ser o aspecto de quem se escoasse de sangue. Vacillou sobre os joelhos e caíu de bruços com a cabeça sobre a banca, e as mãos sobre a peanha da cruz. Só então no declinar do corpo, os labios obedeceram ao impulso do espirito. O padre ouvira estas palavras:

— Senhor! perdoae-lhe a elle, e a mim não me condemneis...

Algumas senhoras das primeiras familias chegavam a

convidar a condessa para suas casas. Foi transportada, em braços, para a mais proxima.

O cadaver, amortalhado, foi d'alli conduzido para a igreja. Os medicos recommendavam a maior brevidade na sepultura.

Padre Diniz assistia, com sua irmã, á convalescença de minha mãe. O repouso restituiu-lhe o alento. Em roda d'ella as pessoas estranhas mortificavam-a. Pediu delicadamente alguns momentos de silencio e solidão. Retiraram-se, menos o padre, a quem ella não consentiu a saída. Foi elle que quebrou o silencio afflictivo de alguns minutos:

— A sua alma é angelica, snr.ª condessa... devia soffrer... Perdoou... devia perdoar...

— Perdoei... Quando assim se pede, com tanta confiança e tribulação, é impossivel que Deus não attenda...

— Attende, e mais ainda ás súpplicas da victima que pede o perdão do...

— Desgraçado, que a matava, porque não a comprehendia...

— Elle o sabe... nunca lhe dei um desgosto... Nunca me revoltei contra o martyrio... Quando a dor excedia as minhas forças, odiava-o, mas não seria capaz de me pagar de tantas com fazer-me chorar uma só lagrima de amargura das minhas... Elle o sabe... o seu espirito não me assusta... não vejo phantasmas accusadores da minha consciencia... Eu vinha perdoar-lhe, e soffrer mais, se a sua vontade o quizesse... Perdôo... Perdôo-lhe tudo. Que Deus lhe não dê um momento de expiação... que elle nunca sinta o amargor do meu fel... O seio de Deus se lhe abra, se as minhas lagrimas teem algum peso na balança das suas iniquidades...

Minha mãe soluçava, debulhada em lagrimas, com os

cabellos desgrenhados, e a face escondida entre as mãos. Padre Diniz, conhecedor de todas as vicissitudes do soffrimento, e dos soffrimentos de todo o genero, não lhe abafou a respiração da alma. Deixou-a fallar e chorar. Feriu-lhe todas as cordas da sensibilidade. Estimulou-lhe todos os sentimentos que podiam ser delidos por lagrimas. O homem de coração poderia ali parecer um cynico, experimentador do quilate dos padecimentos alheios. Qualquer outro viria alli refutar uma dor legitima com frivolidades de consolação piegas. Elle não. Applicava o ferro candente á ferida, exacerbava-lhe a dôr, para queimar-lhe as excrescencias, e curar com o maior tormento de instantes o mal que os palliativos, muitas vezes, e com espaço longo de soffrimentos menores, deixam entrar a morte nas entranhas.

A prática a sós, com minha mãe, fôra longa, e farta de lagrimas. Ninguem se entremettera no segredo de duas almas, que precisavam de solidão para se abandonarem a dolorosas expansões. Tinham passado horas, quando foi annunciado á viuva que o juiz de fóra e um padre dominicano desejavam fallar-lhe. Padre Diniz conjecturou que a vinda de taes pessoas era urgente.

Entraram.

O juiz de fóra depositou nas mãos de minha mãe um testamento, que dizia ser do defunto snr. conde de Santa Barbara.

O frade magestoso da sua humildade, acurvou-se, entregando á condessa de Santa Barbara uma carta, que precedeu d'estas palavras:

— Eu fui o ministro da penitencia, que assistiu vinte e quatro horas aos paroxismos do sr. conde, que Deus terá chamado á sua divina presença. A carta, que tenho a honra de depositar nas mãos de v. exc.ª, foi dictada por

seu marido, e assignada com seu proprio punho. Devia eu ámanhã conduzil-a ao seu destino: mas o Altissimo quiz que v. exc.ª viesse chorar ao lado do cadaver; já que não pôde presenciar um justo pela contrição, exhalando a alma, que o perverso mundo tolhera. A minha missão não está ainda cumprida. Preciso saber se está presente o reverendo padre Diniz Ramalho e Sousa.

— Um seu servo — disse o padre, adiantando-se um passo para o dominicano.

— Sois?—instou o padre, abrindo os braços.

— Sou eu.

— Pois bem. Este abraço recebi-o dos braços quasi gelados pela morte, para transmittir-vol-o. Recebei-o como um galardão. Não o tendes de certo maior em todas as vossas virtudes. É o abraço de um homem, que vós quizestes ensinar a viver... não podestes... mas as lições não se perderam... Ensinaste-o a morrer. Vós semeastes, e eu colhi. Mandastes para o meu tribunal um homem purificado, e eu absolvi-o. Aquelle triumpho é vosso. Sei que sois um homem superior... O vosso poder vem de cima. Sêde amigo de todos os infelizes, como o fostes do conde de Santa Barbara. Sêde meu amigo, que sou o ultimo dos homens, e o primeiro entre os que pedem a Deus que nunca o vosso auxilio seja desconhecido aos desgraçados, que se perdem por não terem um amigo. Abraçae-me agora, já que eu fui o portador da herança que vos legou um moribundo!

Os dois homens veneraveis, abraçados, confundindo as lagrimas, era um lance dos que vibram no sangue o gêlo e o fogo do enthusiasmo. D. Angela, com as mãos erguidas, contemplava o quadro, e sentia-se cair insensivelmente sobre os joelhos. O juiz de fóra, alma esterilisada para as scenas do sentimento, tremia nervosamente

e não desdenhava em si uma lagrima, que elle disse ser a unica, ha quarenta annos. A voz sonora do monge acudira a familia; correram todos que o reputavam santo. Era grandioso o toque visivel do fervor religioso em todas aquellas physionomias ! Estas glorias, estes conflictos sublimes são um exclusivo da religião. Alli ha divindade, ha flamma do céo, ha a elevação, que não é d'aqui!

O dominicano, apartando-se dos braços de padre Diniz, saudou a condessa, em despedida, dizendo-lhe:

— Senhora, tem v. exc,ª necessidade de mim?

— A sua companhia ser-me-ia sempre grata.

— Aqui lhe deixo padre Diniz. Ouça-o, e o que elle disser não poderei eu dizer-lh'o... Sou frade, senhora, (e acrescentou, sorrindo) a minha cella está viuva do seu esposo foragido ha vinte e quatro horas... É necessario fazermos pazes. Fiquem todos na graça de Jesu Christo.

Quando elle desappareceu, padre Diniz, com a sua consciencia, murmurou: «quanto sou pequeno!»

O juiz de fóra, esgotada a impressão que o fizera esquecer a sua vinda, chamou testemunhas para assistirem á abertura do testamento. A viuva pediu que o não lessem na sua presença. O magistrado retirou urbanamente, e com elle as pessoas que adivinharam os desejos da condessa. Ella anciava por ler a carta. Sósinha e D. Antonia, abriu-a com mão trémula, e leu, soluçando;

«Angela:

«Escuta um grito de ao pé do tumulo. Os meus la-
«bios, d'aqui a pouco pasto de vérmes, chamam por ti.
«Angela, o coração diz-me que virás tarde. Logo, talvez,
«ajoelharás alli, ao pé d'este corpo frio, d'estes olhos apa-

«gados, d'estes ouvidos surdos ao perdão de teus labios.
«Angela, ajoelha e perdôa, que eu espero á porta do céo
«a palavra da minha redempção! Não fujas aterrada
«d'este cadaver. A sombra do teu algoz está aqui. Se
«tinha inimigos, venham cuspir n'este espolio dos meus
«triumphos; mas tu não cuspas, minha unica victima!
«tu não, Angela, porque eu morro com a tua imagem
«no coração, e terei de responder a Deus, quando me
«disser:—Réprobo! que fizeste da tua esposa? Angela,
«amaldiçoaste teu pae, e elle morreu sacudindo as larvas
«que o suffocavam. Ouviram-o pronunciar o teu nome,
«apontando para os pés do leito, que rangia n'aquelles
«estertores que gelavam o sangue dos que o viram. É
«que o amaldiçoaste, quando eu te disse:—Serás a vi-
«ctima expiatoria da infamia de teu pae!

«A mim não me amaldiçoes, Angela! A mim, não,
«que me fizeram desgraçado, e sordido, e desprezivel!
«A mim, não, minha pobre esposa, porque reconheço
«que devo morrer no momento em que me sinto lace-
«rado pelo remorso! Morrer da cholera, ou de vergonha
«este destino devia Deus conceder-m'o para que eu não
«levantasse mais os olhos diante de ti. Angela, ouço di-
«zer que me perdoaste. Ao pé de mim está um homem
«que me promette o teu perdão. E ao pé de ti está um
«justo que te dirá que me perdoes. Escuta-os a ambos
«Angela! Não feches o teu coração a nenhum, para
«que os supplicios do condemnado me não sejam eter-
«nos... Angela!... adeus! Salva-me tu, e que o mun-
«do insulte a memoria do

«*Conde de Santa Barbara*».

As ultimas linhas da carta já não as leu minha mãe
Convulsa, soffocada em soluços, vertendo em cada li-

nha uma lagrima, a exaltação febril, com que principiára, descaíu em apparente paralysia. Tremeram-lhe as palpebras, como se um golpe de gotta serena lhe escurecesse os olhos. Queria ler, e não podia; lia, e não comprehendia já; deixou cair a carta, e ergueu as mãos; não lia, mas orava. Aquella oração, tão fervente, tão elevada na augusta santidade do momento, trazia-lhe aos labios todo o coração, os fervores todos de uma fé que lhe pintava Deus alli, a ouvil-a, a consolal-a, a receber-lhe o perdão dos labios, como a «palavra da redempção», qual lh'a pedira o agonisante criminoso.

Padre Diniz encontrou-a n'este extase. Levantou a carta do chão. Passados minutos, minha mãe perguntou:

— Viu-a?

— Ainda não.

— Veja, e peça a Deus commigo.

Foi assim. Quando D. Angela se recolhia ao seu quarto, padre Diniz, fechado no seu, começava uma oração por estas palavras:

«Grande Deus! déste-me um raio de fé: illuminaste «o meu coração; convenceste-me de que o crime e a «virtude não é sómente punido, ou premiado na terra;

«Deus de misericordia! recebei a súpplica fervente do «neophyto!... Perdoae ao vérme, que não pôde mais «tempo arrastar o peso das suas iniquidades;

«Perdoae-lhe, que, n'este momento, ninguem o ac«cusa... Solvei-lhe as tremendas contas, que as lagri«mas choradas na agonia, são como as que na terra «chora a martyr nos espinhos da sua corôa.»

.....

.....

XXII

Frei Balthazar da Encarnação, o dominicano, confessor do conde de Santa Barbara, ao nascer do sol do dia seguinte procurou padre Diniz.

—Vim cêdo—disse elle—porque adivinhei que o sol vos não encontraria na cama, padre Diniz... Olhae... não repareis no tratamento que vos dou. A um frade, com setenta e sete annos, permittem-se estas liberdades. Ao pé de mim, sois criança nos annos, embora velho, mais velho ainda, na prática da virtude.

— Vossa reverencia tem setenta e sete annos?

—Nasci em 14 de abril de 1755: estamos em 2 de agosto de 1832. Contae...

— O que é viver no remanso da tranquillidade!... Vossa reverencia tem a bonança no rosto, a alegria de uma consciencia immaculada nos olhos... Os annos o mais que fizeram foi dar-lhe as cans, que são a magestade de um semblante sereno... Assim a velhice não pesa, e o caminhar para a ultima paragem d'esta peregrinação não enfada... Ha quantos annos professou vossa reverendissima?

— Ha cincoenta e tres, e tenho cincoenta e quatro de claustro. Sou o mais antigo do mosteiro. Fechei os olhos a todos os monges que encontrei, a todos os meus companheiros de noviciado, e a muitos que vieram depois. Tenho, pois, vindo até aqui, padre Diniz, direito no corpo, mas acabrunhado no espirito. Olhae que é doloroso ver caír, ao lado, um a um, os companheiros que abraçamos ao entrar na curta viagem... Bem curta

ella é aos que não se assentam cansados de soffrer, e desejosos de repousar no seio do nada. Para esses o desalento e o inferno incomportavel da dúvida. Para os que vão chorando e semeiando fructos de benção a vida é curta sempre... Que annos tendes padre?

— Cincoenta e quatro.

— Pareceis mais velho. Tendes muita ruga extemporanea. Maceraes o corpo, ou o espirito vos anda atribulado. Se vos mortificam cilicios, lançae-os de vós, que o sacrificio da carne é inferior á elevação do espirito. Os que não podem dominar-se pela vontade, cingem os rins. Deixae a maceração ás almas tibias, que precisam castigar o corpo... Se vos dóe a consciencia... não posso imaginal-o... mas se póde vingar o joio na seara dos frutos abençoados, arrancae-o pela raiz. Vigiae-vos, descei com a alampada ao mais escuro. *Si ignoras, egredere.* A lucta do homem com o homem, o pelejar incessante dos dois inimigos que se armam no coração do homem... tudo vem de cima. O que é bom, recebamol-o com as mãos erguidas. O máu não amaldiçoemos. Não ha triumpho sem batalha agra de desconfortos. *Si bona suscepimus de manu, Dei, mala quare non suscipiamus?...* disse o mais mortificado dos homens... Ora aqui tendes o pobre frade em missão!... Desculpae-lhe os seus setenta e sete, e dizei-lhe alguma cousa de vós... Quero a vossa amizade, e não a ha sem confidencias... Quereis que vos diga, padre? O vosso amigo conde de Santa Barbara, quando me fallou de vós, ia allucinado por não sei que magnificas visões com que a vossa imagem lhe apparecia... Julguei-o em delirio...

— Seria delirio... Bem vê vossa reverencia que em mim é tudo insignificante, a não ser o que podia engrandecer se aos olhos de um amigo de muito tempo...

— Sabeis o que elle me disse? *Entrae-lhe no coração... Achareis um santo, ou um homem superior, incomprehensivel aos outros homens...*

— Tresvariava na febre... O que sou e o que tenho sido nem eu o saberia dizer a vossa reverencia. O seu olhar é penetrante, as suas palavras descem com a luz ao coração, mas as trevas aqui dentro são o abysmo de toda a sciencia de conhecer o homem. Vossa reverencia é um justo... adivinhae-me...

— Quem vos disse que eu era um justo? N'este homem, que vêdes, não ha senão longas dôres, e longa experiencia... lagrimas, que se não exhaurem... é a sciencia das lagrimas... Vêdes o que é Balthazar da Encarnação? É um homem encanecido no barro, que o queimar das paixões endureceu...

— O queimar das paixões!... Vossa reverencia falla assim a linguagem...

— Dos homens que não podem balbuciar a palavra «céo» sem que lhe venha uma nuvem da terra escurecer a luz do seu arroubamento... Vêdes o que é a amizade?... é a confiança... O meu coração vae-se-vos abrindo... disseram-me que ereis um sêr superior, e eu busco o, ha muito, porque me não basto a mim proprio. Tenho necessidade de vós...

— De mim?!

— Sim, padre... E toda a noite vos tive no pensamento. Tenho vivido setenta e sete annos. Este meu vigor, na decrepitude, é providencial. Batido das paixões, não fraqueei. Tres vezes a braços com a morte, ergui-me como o paralytico da porta do templo. Quando me disseram: ha ahi um homem superior ou um justo, tive um abalo, e disse em mim: é o homem que eu esperava...

— Que posso eu ser para vossa reverencia?...

— Um amigo, um instrumento de força nas mãos enervadas de um velho, que vos espera ha cincoenta e quatro annos.

—Diga, frei Balthazar.

— Direi... agora não. Voltae um dia ao meu convento, e vinde breve. Não vol-o recommendo muito, porque sei que vireis, logo que vos disser que está aqui um desgraçado á vossa espera... Sabei-me da viuva, dae-lhe a minha benção, e vinde dizer-me como ella está.

Principiava o dobre a finados. Minha mãe, que, ao amanhecer, caíra no aturdimento d'esse apparente somno, despertou sobresaltada pela toada plangente dos sinos. Ajoelhou-se no leito, e orava, quando padre Diniz encontrou D. Antonia, que saía do quarto da condessa. Voltou ao padre Balthazar, e encontrou-o de braços cruzados, com a vista profundamente mergulhada na capa escura de um livro. O frade levantou os olhos, que pareciam passar-lhe sobre o mysterio d'aquelle livro, e disse:

— Então, como está ella?

— Reza. Dormia ha meia hora, quando dobraram os sinos. Acordou espavorida, e ajoelhou.

— Ficae com Deus, irmão.

— Ides hoje para Lisboa?

— Se a saude da condessa lh'o permittir...

— Ide em boa hora. Vireis quando podérdes.

— Muito breve. Marcae o dia.

— A'manhã estarei eu morto, e vós tambem... Quem póde contar com o dia seguinte? Vinde quando podérdes. Adeus.

Abraçaram-se.

Padre Diniz escreveu algumas paginas. Interrompeu-o sua irmã, que o chamava ao quarto da condessa. Encontrou-a vestida e preparada para partir.

— Não temos aqui mais nada que fazer? — perguntou ella.

— Mais nada. O snr. conde já foi sepultado.

— Já?

— Os medicos exigiram-o. Morreu de cholera, e receiam que o contagio se desenvolva.

— Podemos partir?

— Já, se v. exc.ª o determina.

— Snr. padre Diniz, o meu estado dispensa-me de agradecimentos... Se é possivel agradeçamos a esta familia, e encarreguemol-a de nos desculparem.

.....

XXII

O conde de Santa Barbara deixára sua mulher universal herdeira de todos os seus bens livres, incluindo o credito de quarenta contos a haver de seu cunhado o marquez de Montezellos. Encarregára-a de dotar com um conto de réis duas raparigas da plebe, cujos nomes e moradas estavam escriptos em uma carteira, que devia encontrar-se em indicado logar da escrivaninha. Deixava uma avultada esmola a uma creada, por nome Eugenia, com a condição de recolher-se a um convento, como creada, onde desfrutaria, e só ahi, os rendimentos d'essa esmola, que por sua morte seria applicada em missas por alma d'ella. Queria que o seu corpo fosse conduzido por

quatro pobres, e enterrado na valla commum, sem lettreiro, nem distincção. Ao seu creado Bernardo Pires, deixava uma generosa esmola, pela amizade com que tratára sua esposa, e pelos sacrificios e trabalhos que a nobreza de sua alma lhe custou. Ao padre Diniz Ramalho e Sousa legava o seu retrato, a sua farda nupcial, e a camisa com que morresse. Este legado extravagante foi o assumpto fecundo das conversações. Quizeram todos decifral-o, e só o legatario pôde comprehendel-o. O mais do testamento eram suffragios por sua alma, e muitas missas por alma de seu sogro o marquez de Montezellos, que seriam pagas por sua esposa.

Esta clausula, só de per si exprime o grandioso ascendente da religião no espirito do moribundo.

O testamento era escripto por frei Balthazar da Encarnação. Algumas palavras estavam embaciadas de lagrimas. Os olhos do ancião tinham chorado sobre o fruto, como elle dizia, da semente lançada por padre Diniz.

Eu esperava anciadamente minha mãe. A ausencia de dois dias era para mim como perdel-a. Alta noite, no segundo dia, quando ella chegou, estava eu na amurada do jardim, pedindo a Bernardo que me fallasse d'ella.

Corri-lhe ao encontro, quando ouvi as carruagens. Minha mãe apeou, em uma reconcentração, que parecia arrefecimento para commigo. Olhei a com ar de espanto. Ella comprehendeu-me, e chorou.

— Mais separados que nunca! — me disse ella, abraçando-me freneticamente.

— Separados... por quem?—exclamei eu.

— Pela desgraça!...—balbuciou minha mãe, arfando em chôro com a face entre as mãos.

— Que é isto?—perguntou o padre, tomando a mão da condessa, e acurvando-se para lhe ver o rosto.

— E meu filho?...—exclamou ella.

— Não o vê?...—disse o padre, sorrindo.

— Mas não o vereis mais...

— Quem a priva?

— A memoria do conde de Santa Barbara...

— Sempre este homem entre nós! — bradei eu com rancor.

— Já não, meu filho... Esse homem morreu... Agora é a sua sombra, e a sombra dos mortos é sagrada... Respeita o seu nome, se queres que eu te consinta darme o nome de mãe.

Fiquei perplexo, e corrido. Retirei-me do quarto, e tudo soube de D. Antonia. Encontrei Bernardo a chorar, quando lhe disseram a clausula do testamento. E, como póde ser que não torne a fallar d'esse homem, não me esqueça o quadro mais honroso da sua vida obscura. A esmola avultada, que recebeu, despendeu-a em missas geraes por alma de seu amo.

Minha mãe nunca eu a conhecera tão reconcentrada. A porta do seu quarto abria-se raras vezes. Os momentos fugitivos em que me admittia eram quasi silenciosos. Nunca mais se expandiu commigo. Reprimia-se visivelmente, quando a vivacidade lhe luzia nos olhos, e o rubor do enthusiasmo lhe abrazava a face. Aquella contracção intima de sentimentos recalcados devia ser-lhe muito dolorosa, ou então aquella mulher gelára no coração. Impressionava-me tristemente aquella coragem. Perguntei ao padre a explicação d'aquella indifferença; elle respondeu-me:—Não censure sua mãe; que está na ultima phase do seu martyrio. Não o entendi! Comecei a duvidar das calorosas expansões que lhe vira. Pareceu-me mentira o amor de mãe que repudiou seu filho. Tive momentos de a ver pequena, vulgar, e indigna de mim.

Estes sentimentos, varonis aos quinze annos, revelam que se acaba cêdo o homem que assim pensa.

No fim de tres dias, a condessa de Santa Barbara chamou-me ao seu quarto. Entrei com a impassibilidade no coração, e a ironia no rosto. Vi-a sentada, e sentei-me. Vi-a chorar, cruzei as pernas, e roí as unhas com o donaire de um cynico enfastiado.

Ella reparou em mim, e empallideceu.

— Pedro da Silva,—exclamou ella—parece que vens cuspir na face de tua mãe!...

— Se tivesse mãe, não lhe cuspia na face—respondi eu, confuso com aquelle nome, que, pela primeira vez, me era dado.

— Se tivesses mãe!... Tens razão... Não tens mãe... Está aqui esta mulher, que te chamou filho; mas esta mulher... morreu!... Punida por todos e por tudo, seu filho devia punil-a tambem!... Corta n'este coração, Pedro, que ainda tenho uma fibra que se dóe... Mereço mais... Não tens mãe, filho do crime... Se a tivesses, devias conhecel-a desde o berço, devias amal-a desde que a tua primeira palavra fosse o seu nome, e quando, aos quinze annos, a visses no chão... levantal-a-ias com carinho, e não lhe darias com a ponta do pé... Não tens mãe, e, comtudo, infeliz criança, tu és meu filho!... Abandonado ha quinze annos por mêdo e vergonha, sacrifico-te hoje á sombra de um homem, que perdoei!... Sacrifico-te, Pedro, porque a minha vida será curta, e tu ficarás ahi pobre como nasceste, orphão como viveste, e calado com o nome do teu nascimento, para que a piedade dos grandes te não insulte!... Vês que mãe eu sou, e tenho sido? Hontem escrava do terror, hoje escrava da honra! Detesta-me, filho!... repelle-me d'este mundo com uma injuria que me abrevie o

meu desterro... Mata-me com o desprezo, que eu acabarei abençoando-te...

Eram quasi inintelligiveis as ultimas palavras. Eu senti emoções variadas, desde a indignação até ao amor, desde a indifferença até ao arrependimento. Ao cabo d'aquelle afflictivo desforço, em que as palavras lhe vinham como gemidos, senti uma explosão na minha alma... caí de joelhos aos pés de minha mãe, beijei-lhe a mão, sem articular uma palavra, abracei-a convulsivamente, e experimentei, pela primeira vez em minha vida, o remorso.

FIM DO LIVRO PRIMEIRO

LIVRO SEGUNDO

I

Á portaria do real convento de Odivellas parára uma carruagem. As madres, afeitas á concorrencia dos melhores trens de Lisboa no seu espaçoso atrio, vieram pressurosas ás janellas, como a buscarem estimulo que as desanojasse da ociosidade fastienta em que viviam.

Não conheceram a libré da carruagem, que parára. Não era o primo conde, nem a tia marqueza, nem o tio monsenhor. A dúvida mortificava-as, emquanto não ouviram o guincho da moça-porteira repercutir na extensão dos claustros: *Santa Barbara!*

O leitor, ignorante dos usos monasticos, imagina que a desconhecida carruagem conduzira alguma trovoada! Pelo contrario. A tarde de 15 de setembro de 1832 era bella, o céo transparente, o sol a descaír purpureava o horizonte, e as folhas murchas das flores, tão gratas aos desvelos das benedictinas, em horas vagas de outros desvelos mais gratos ainda, apenas ciciavam roladas pela tépida viração.

O grito repenicado da moça-porteira, aquelle nome, que socegára meia curiosidade das freiras, era o appellido por que a creada da condessa de Santa Barbara vinha

ao palratorio. Todas as madres, cujo instituto lhes permitte serem servidas, dão o seu appelido á creada, que responde sempre com agudo *sim*, de longa distancia, ao brado que lhe vem da porteira em agudissimo falsete.

Veio, pois, á portaria a creada grave da condessa de Santa Barbara, e conduziu para sua ama um bilhete de visita com este nome: *Alberto de Magalhães.*

Breve, a creada voltou, dizendo que a snr.ª condessa mandava subir o cavalheiro para determinada grade.

O desconhecido apeou. Então é que as esposas do Senhor, descuidadas do seu marido como as celebres esposas da parabola, convergiram sobre o cavalheiro todos os raios negros, castanhos, e verdes dos bellos olhos, olhos que não eram para alli, ou se o eram, em pouco se occupavam do que era de lá. Viram-o, e, quando o não conheceram, a curiosidade desatinou-as de tal modo, que pouco lhes faltou que não perguntassem quem era, e a que vinha.

Alberto cortejou-as, com aria de cortezão amestrado, que poucos sabem remedar, quando a educação lh'o não ensinou.

As lisongeadas senhoras deram-lhe unanimemente diploma de fidalgo, e convieram de que fosse algum dos poucos titulares de provincia, que praticáram na côrte, ou leram a *Côrte* de Rodrigues Lobo.

Foi esta a opinião de soror Thomazia do Céo, a mais lida em classicos, que se occupava então a refutar uma obra de sua tia-avó, Maria do Céo, intitulada: *Aves illustradas em avisos para as religiosas servirem os officios dos seus mosteiros.* Comquanto a refutação, por desnecessaria, não viesse a lume, o influxo das suas doutrinas, expendidas lá dentro em sessão secreta, era tal, e tão revolucionario, que em 1832 não havia de

suas companheiras uma só que não mostrasse, na prática, que detestava cordial e scientificamente as theorias da devota Maria do Céo, triumphantemente refutadas por sua sobrinha.

E, seja dito de passagem, não podiam ellas transigir com as restricções seraphicas da religiosissima abbadessa do mosteiro da Esperança, no que era do fôro do coração, que principiava então, como dizem, a *palpitar de actualidade.* E refutavam-a com as proprias armas, repetindo, em chacaras ao piano, as seguintes quadras da muito ascetica auctora da *Vida de Santa Catharina Virgem*, que era ella, e de outras muitas obras, como a *Fenix renascida*, e a *Preciosa.*

As quadras eram estas, extrahidas das *Aves illustradas* e do *Discurso XII,* intitulado: *A pomba á enfermeira:*

El que de amor no adolece
No diga que enfermo está,
Que la dolencia es melindre,
Quando no es amor el mal.

Del enfermo, que no ama,
Inocente el pulso está,
Porque con coraçon tibio
Ardiente pulso no ay.

El que muere, y no es de amor,
Quando en pensamiento está,
No sabe lo que es morir
Aunque se veya espirar.

Aquel, que sin amor geme
Delinquente llega a estar,
Pues para dar un suspiro
El amor le roba un ay.

Era isto, justamente, o que se repetia no grupo das mais incendiarias, quando a carruagem entornou a erudição fecunda de soror Thomazia do Céo, que poderemos, sem escrupulo, appellidar um Luthero de touca e escapulario.

Alberto de Magalhães entrou na grade, e esperou alguns minutos. A condessa de Santa Barbara appareceu com D. Antonia. O cavalheiro diplomatico tinha um aspecto que inspirava confiança. Era um homem, como poucos, em animo frio. Esperava a condessa como quem esperaria uma pessoa familiar. Tinha o que se chama consciencia de superioridade, ou indiferença natural para tudo, em que os outros homens, mais ou menos, se sentem embaraçados e surprezos.

A condessa nunca o vira. Vinha, coacta pela delicadeza, áquella grade, tratar, face a face, um homem celebre pelo incognito, e pelo mysterioso nascimento que lhe attribuiam.

Entrou acanhada como uma educanda.

Alberto não sabia os logares communs. Sentava-se, olhava, fallava, sorria, e até jogava as armas, como se viu, excepcionalmente. Eis aqui a sua resposta á saudação da trémula condessa:

— Já vê v. exc.ª que sou um homem muito natural... Falle-me com toda a tranquillidade, e tenha a benevolencia de dizer-me se estas freirinhas, que me pareciam canarios a quererem partir os arames do viveiro, são boas companheiras.

— Eu mal as conheço, — disse D. Angela, sorrindo contrafeita — mas tenho-as em muito boa conta... N'estas casas ha excellentes senhoras...

— Assim me pareceram. Na solidão fazem-se os bons corações, e familiarisa-se o espirito com o silencio, em

que a consciencia diz o melhor, e ignora o que é o mundo, d'onde v. exc.ª fugiu.

—É verdade... e que mundo!...

—Eu sei-o por todas as faces... Deixal-o... Fallemos de v. exc.ª e da sua amiga, que não tenho a honra de conhecer,

—É mana de um meu bom amigo.

—Sei... o padre Diniz Ramalho...

—Conhece-o?

—De tradição... É um homem extraordinario... V. exc.ª dizem-me que lhe deve muito...

—Tudo.

—E tudo se sabe... Ha desejos immensos de conhecel-o, e eu não quero ser dos ultimos que o admirem.

—Darei a v. exc.ª a sua morada, se quizer encontral-o.

—Aceito, snr.ª condessa. A mana de padre Diniz deve ser amiga de v. exc.ª...

—Intima.

—E, portanto, podemos fallar como irmãos...

—De certo. Mas...

—Diga, minha senhora...

—Vae fallar-me de um assumpto...

—Que lhe é penoso tratar... Não fallarei.

—Padre Diniz póde...

—Responder-me?! Bem... procural-o-hei.

—Rua da Junqueira, n.º 44.

Alberto escreveu em uma carteira, e ao fechal-a, perguntou familiarmente:

—É feliz, snr.ª condessa?

—Quanto posso sel-o... na minha triste condição de mulher, fadada para soffrer.

—E, aqui, não ha uma esperança que ensurdece o coração ás saudades do mundo?

—Não as tenho... as saudades... Não sei se lhe falto á verdade... Tenho-as, e profundas e insupportaveis...

—Eu sabia-o...

—Sabia-o?...

—Sim, minha senhora... Disseram-me que a imagem do anjo que v. exc.ª perdeu, ha-quinze annos, existe na terra...

—Disseram-lh'o... quem?!

—Os meus presentimentos... Eu tenho a historia do seu coração, snr.ª condessa.

—Devo acredital-o, snr. Alberto?

—Deve... e, se não me acreditar, fará de mim uma triste idéa... Pois não viu v. exc.ª que o homem, que ha um anno lhe escreveu, era um reflexo da sua consciencia, um forasteiro, que lhe vivia na alma? Como póde ser-se o que eu fui, sem ser-se muito verdadeiro?

—É a primeira vez que o vejo, snr. Alberto de Magalhães?

—Não, minha senhora; já me viu...

—Quando?

—Ha quinze, ha dezoito, ha vinte annos.

—Onde?

—No mundo, n'este valle de lagrimas, n'esta miscellanea de grandeza e miseria, onde as physionomias se perdem, e as reminiscencias se vão... Não se canse, que me não conhece. Aqui, do homem passado, não está nem uma linha...

—Que mysterio, meu Deus!

—É verdade... que mysterio!...

—E não me diz?...

—O quê?... quem sou?

—Sim...

—Não, minha senhora... Permitta-me esta grosse-
a... não digo...

—E sabe tudo?!

—Absolutamente tudo.

— Não devo instar mais... O que eu sei é que lhe
evo muito...

—A mim?... nada, nada... desgraçadamente.

—Muito... Ainda ha pouco arriscou a sua vida...

Alberto sorriu-se, e continuou:

—V. exc.ª não sabe o que é arriscar a vida... O que
ouve não é gloria de nada... defendi-me de um ho-
em pequeno na alma e na coragem. Nem elle apren-
eu, nem eu me glorio de o ter ensinado... O que se
eu, não se refere a v. exc.ª. Foi uma questão toda mi-
ha, um desforço pessoal... Não fallemos d'isto mais...
. exc.ª ordena-me?...

—Retira-se?

—Anoitece, e ouvi uma voz que manda retirar d'aqui,
me não engano... Ver-nos-hemos, snr.ª condessa...
ão perca a noite a martyrisar a memoria... Digo-lhe
e me não conhecerá, porque me não conhece.

—Deixa-me um vivo interesse... É pena ignorar o
me da pessoa, que tão intima nos é, e tão credora de
atidão...

—Já lhe disse, minha senhora, que eu sou o homem,
quem v. exc.ª menos deve...

—Não comprehendo isto...

—Tanto melhor para ambos... Boas noites, minhas
nhoras...

—Snr. Alberto de Magalhães—disse a condessa, an-
sa de interesse por aquelle homem original, ou pelo
redo extraordinario de tal apparição—não se esque-
... peço-lhe eu... de fallar a padre Diniz...

— Amanhã, snr.ª condessa.

Alberto, entrando na carruagem, reparou e viu a po
tos, os canarios, como elle definia as curiosas filhas
S. Bento, que faziam das respectivas cabeças um lin
grupo em algumas janellas. A carruagem rodou. D. A
gela de Lima seguia com o ouvido o rumor, que se e
vaía na distancia. É desculpavel a curiosidade, que ll
não deixou, em toda a noite, um minuto de descans
Ao amanhecer tinha escripto todo o dialogo, que reme
teu a padre Diniz.

II

O cigano de 1817, e Sebastião de Mello na socieda
d'essa época, escrevia no seu livro confidente a ultin
palavra do dialogo, que lhe fôra enviado pela secular
Odivellas, quando uma carruagem parou á sua por
Ao annunciarem-lhe Alberto de Magalhães, estrem
ceu. Este nome parecia-lhe associado a algum segre
de consequencias más. Por quê? O presentimento ass
tava-o; mas os temores eram confusos.

Entrou na sala em que o cavalheiro mysterioso o e
perava. Fixando-se, aquellas duas physionomias paral
saram. Alberto, com os labios meio abertos, e a vis
cravada nos olhos do padre, dava ares de idiotismo.
padre, menos estupefacto, participava d'aquelle pas
e não saberia resolver a causa da sua surpreza. «Aqui
fascinação no olhar d'este homem!» dizia-se elle, quan
Alberto lhe perguntou em voz reconcentrada:

—Conhece-me?

—Não o conheço··· pelo menos, já não me record

—Vou fazer-lhe uma pergunta, que deve acabar com as minhas suspeitas... Diga-me, snr. padre Diniz, em 1817 conheceu um cigano chamado Sabino Cabra?

—Essa pergunta—respondeu o padre, balbuciando—só dois homens... podiam fazer-m'a... Um morreu... o outro...

É *Come facas*...

—Justamente!—exclamou alvoroçado o padre, com a anciedade nos olhos, e a respiração accelerada.

—Conhece-me?—repetiu Alberto, com sereno sorriso e a mão estendida para o padre.

— O senhor!...—disse aturdido o sacerdote—o senhor!... Eu creio que imaginei agora uma loucura... Não entendi bem... Ainda não sei com quem fallo... v. exc.ª conhece-me... ou conheceu o *Come-facas?*

— Conheci o cigano, que hoje se chama padre Diniz... Sabino Cabra é um desmemoriado... *Come-facas* leva-lhe grande vantagem n'esta faculdade da alma...

—O senhor atordoa-me!... Em uma palavra... é...

—Sou...

—*Come-facas*... um homem...

—Encarregado de matar um recemnascido.

— Zomba de mim! N'essa physionomia não ha traços d'esse homem...

—Todos, e outros que então não existiam. Estas rugas vieram depois de quinze annos... Estes bigodes escondem metade do homem; a outra metade desfigurou a o ouro... Não concebe que o ouro desfigure? Tambem o Sabino Cabra não tinha cabellos brancos, nem os olhos amortecidos, nem uma coróa no alto da cabeça, nem uma batina a esconder-lhe as bellas fórmas, que lhe iam maravilhosamente com uma jaqueta de velludilho azul, e uma faxa de seda vermelha. Nem

a minha voz lhe falla pelo som do antigo confidente d marquez de Montezellos?

—Agora sim!...—exclamou o padre sem adiantar se um passo para o capitalista, a cuja porta, com elle escreveu, *as filhas dos grandes deixavam seus no mes gravados em laminas de ouro*... — Agora sim vejo-o todo... qual foi... Creio-o... Era impossi vel... que eu não viesse a conhecel-o... Como isto é possivel?!...

—Isto quê?... o ouro?

—Não... o espirito, a intelligencia, a sciencia d apresentar-se no grande mundo, onde sei que o repu tam grande na alma, no talento...

—Grande na alma... fui-o desde que me conheci.. A indigencia converteu-me a grandeza em coragem para o crime... As propensões nobres morrem entaladas na gonilha do infortunio... O talento nasceu com a alti vez do espirito. O ouro aproximou-me das fontes da sciencia... Tratei os grandes homens da Europa... Não me forcei por imital-os... Em sete annos de via gens adivinhei tudo que faz o homem distincto em uma sociedade de frivolos... Os vicios, consubstanciados á força na minha organisação até aos vinte e cinco an nos em que me conheceu, padre, não me violentei para os expellir... Bastou-me uma vez envergonhar-me do meu passado, e acreditar que o espirito se rehabilita... Quer saber? A minha alma reage tanto contra o que fui, que muitas vezes chego a imaginar que fui sempra o que estou sendo agora...

—Parece, n'esse caso, que devia esconder o seu pas sado aos meus proprios olhos.

—Não quiz; revelei-me, porque lhe devo o que sou...

— A mim?!

— A si... Sem o cigano, que comprou por quarenta peças uma criança a um assassino, *Come-facas* seria hoje um perverso saturado no sangue, ou um nome que recordaria uma grande atrocidade e um cadafalso... Da minha vida digo-lhe só duas palavras, porque detesto a curiosidade, e não entendo que padre Diniz aproveite com a minha biographia de quinze annos... Com o seu dinheiro saí de Portugal. Sem esse dinheiro eu não seria o rival dos mais opulentos de Lisboa. Toda a minha fortuna nasceu d'essa mercancia que fizemos... Basta... Tambem lhe não pergunto como o cigano se transfigurou em padre... O que eu me não dispenso de saber é se existe o filho de D. Angela de Lima e de D. Pedro da Silva.

— Existe.

— Aqui?

— Aqui.

— Desejava vel-o.

— Póde.

Fui chamado. Vi um homem de bello aspecto, que me estendeu a mão, e me chegou á sua cadeira. Fitou-me, sem dizer-me uma palavra. Senti que a sua mão queimava e o seu olhar apertava o coração. Sympathisei, não obstante, com os seus bigodes grandes, e negros como os olhos.

— Eil-o aqui!...—Foram as unicas palavras que lhe ouvi, murmuradas como um segredo. Depois, a um aceno do mestre, retirei-me.

Na minha saída, Alberto de Magalhães levantou-se, tomou o chapéo, e, já com a mão do padre apertada na despedida, disse:

— Este menino é pobre?

— Necessariamente. Seu pae era-o; sua mãe sacrifica-o á honra. Da herança de seu marido... não lhe dá umas sôpas, nem lhe recebe mais que uma subsistencia muito parca.

— Ahi está a virtude de braço dado com o crime. São os extremos a tocarem-se. Deixal-a ser virtuosa a seu modo... Padre Diniz, receberá hoje quarenta contos de réis. Será o administrador d'esse capital, que entregará ao filho de D. Pedro da Silva, no dia em que elle completar vinte e cinco annos. D'isto, um religioso sigillo para a condessa de Santa Barbara. O que eu fui é um segredo de nós ambos. Quando um terceiro o souber, tratarei padre Diniz como um inimigo.

.....

No dia immediato, disse-me o mestre:

— Escreva a sua mãe uma carta de despedida.

— Pois para onde vou?

— Para Paris. Vae entrar em um collegio. Isto aqui é muito estreito para quem póde respirar mais puros ares. Tudo vae levar um tombo em Portugal. Vem perto o dia em que a vida aqui para muitos será aborrecida e enojada. Os principios desorganisam-se, a guerra civil não se accommoda com um pequeno tributo de sangue, não ha vencidos nem vencedores; a anarchia depois da guerra, entrará no governo, qualquer que elle seja, e os alicerces do novo edificio serão cadaveres, e as ruinas de muitas fortunas. Felizes os que podem ver de longe a patria nas garras do abutre.

O padre parecia dizer-se a si proprio esta melancolica prophecia. A guerra, que devia ser n'essa época o movel de todas as conversações, foi assumpto raras vezes tratado pelo padre. Aquelle espirito era alto de mais para pascer-se na lucta de sordidas ambições, em que

o timbre das bandeiras era o sangue, que desperdiçavam, uns como rezes levadas ao açougue do «patriotismo», e outros como aventureiros devorados de uma fome que legitíma quaesquer principios, quando a vida é o mais que póde perder-se em comparação ao muito que póde ganhar-se. O padre tinha razão...

Minha mãe, recolhendo-se a Odivellas, despediu-se de mim por muito tempo. Era o mesmo que prohibir-me visital-a. D'aquelle adeus recordo hoje os menores incidentes, e concebo, experimentado no que é soffrer, as aperturas do coração n'aquella pobre mulher! Santificada pela morte de seu marido, tomou da mão do cadaver os espinhos que faltavam na sua corôa de martyr, e recebeu como santos os flagellos e violencias, que devia inflingir-se para que o conceito, que o conde, na hora final, fizera d'ella, não fosse desmentido.

Na sua presença erguiam se duas sombras, a de D. Pedro da Silva, que se perdera, amando-a; e a do conde de Santa Barbara, que morrera supplicando-lhe perdão, e respeito ás suas cinzas. Eu, amado pela condessa, como filho, era um insulto ás cinzas do marido. Affastado de minha mãe era um quasi perjurio ás derradeiras súpplicas de D. Pedro da Silva.

Venceu o marido. O christianismo continúa a fazer martyres. Os leões do circo foram-se; mas os casuistas vieram...

.....

Escrevi a minha mãe. A resposta foi simplicissima: «Vae, meu filho. Não dês um passo que te lance fóra «da estrada da honra. Não digo que consultes o meu «espirito nas tuas emprezas juvenis... Sou mulher... «e caída da primitiva grandeza, expiando o lapso da «primeira mulher... Fita os olhos no céo, meu filho.

«Caminha sempre, elevando-te para lá. Isto aqui é um «dia... e o meu vae no fim... Se Deus quer que eu «mais te não veja, recebe a minha benção, todos os «dias, e á hora da minha morte.

Angela.»

Padre Diniz, poucas horas antes da minha entrada a bordo de uma escuna ingleza, chamou-me ao seu quarto. Fui encontral-o com os cotovêlos sobre a mesa, e as mãos entrelaçadas sobre o rosto. Esperei alguns minutos. Não quiz acordal-o d'aquelle dormir da vida exterior. O excesso da vida íntima, muitas vezes obrigava-o áquella posição, dolorosa fadiga do pensamento, em que as dôres embaralhadas atordoam e embrutecem.

Como assaltado por uma idéa inesperada, o mestre encara-me de improviso, com o olhar penetrante da estupefacção, e demora-se n'este silencioso pasmo alguns minutos. Eu estranhava-o, queria-me longe d'alli. Depois, desfranzindo a physionomia assombrada com um ligeiro sorriso, parecido á alternativa da demencia para a lucidez, apontou-me uma cadeira. Sentei-me, sempre receioso d'aquella extraordinaria manifestação de uma cousa nova no homem com quem me conhecia desde que eu tivera conhecimento de mim.

— Snr. D. Pedro da Silva,—disse elle, solemnisando o entono da palavra — acabou-se o *Joãosinho*, que castigava os detractores do seu prosaico nome com as espinhas do cato. Agora... logar ao direito. Tenho deante de mim a vergontea de troncos illustres! D. Pedro da Silva deixou de ser o meu educando. A flôr sáe da estufa, onde a esconderam, para rescender em clima proprio. A obscuridade até aqui não lhe tolhia o muito que é, e virá a ser porventura. De ora ávante, o ho-

mem quer outro mundo, a alma quer outra nutrição, e o neophyto da sociedade precisa de outro mestre. Antes, porém, de entregal-o ao mundo, preciso, e devo, e quero, deixe-me assim fallar, ler-lhe o prologo do segundo acto do drama em que v. exc.ª entra, porque o primeiro termina aqui n'este pobre theatro de padre Diniz.

«Eu sou o depositario dos seus bens. Aqui está um enigma. V. exc.ª não sabia que tinha bens. Tem quarenta contos de reis n'esta gaveta. D'onde elles lhe vieram, não me peça que lh'o diga. O juro d'este capital ha de alimental-o até aos vinte e cinco annos. De hoje a dez annos, v. exc.ª é o depositario d'esta herança, chamemos-lhe assim, para não inventar palavras. Eu terei morrido... diz-me o coração que sim. Acreditemos o meu coração, que nunca me foi desleal. Deixe-me anticipar-lhe algumas reflexões, que não poderei reservar para então. Attenda:

«Em Lisboa, quarenta contos de réis é uma fortuna menos que mediocre. Posto ao serviço da ostentação, exhaure-se em tres mezes. D. Pedro da Silva, estimulado pelo orgulho do seu nascimento, e levado de invejas e vaidades, póde empobrecer no meio da sua carreira, e d'ahi para o fim arrastar uma vida de ignominia, ou metter uma bala em um ouvido.

«A suprema desgraça é o coração grande, a riqueza dos brios, o instincto do sublime, quando estes generosos sentimentos esterilisados no embryão pela pobreza, são como se não existissem.

«Vem ahi um tempo em que a vaidade de jerarchia será uma irrisão. Os louros, preciosos aos netos dos conquistadores, tocaram o seu outomno, ao cabo de seculos. As folhas murchas, como o ultimo braço da arvore secular, que veio a terra, irão, pisadas por todos,

sumir-se no abysmo da historia, e lá mesmo cobertas de lama do improperio. Virão philosophos que zombem de seus avós, D. Pedro da Silva, porque seus avós eram sanguinarios, talavam a ferro e sangue o ninho de povos inoffensivos, e vinham depois acolher-se aos seus paços feudaes, comendo e desperdiçando o espolio dos indios. Esses philosophos, desgraçado arremedo de outros que passaram apupados pelos discipulos, rirão de v. exc.ª se o virem com uma casaca velha celebrisar o arnez de seus avós. Ser pobre, portanto, será uma infamia.

«Esqueça-se do seu nascimento. Appareça na sociedade sem appellido eufonico, sem allianças que lhe imponham o fausto como condicional de bom acolhimento. Engrandeça-se materialmente. Se não podér subjugar o instincto vicioso, seja ao menos rico. Se o não fôr, o seu peccado não terá perdão na terra.

«O seu coração é bom. Hão de perverter-lh'o necessariamente em Paris, em Lisboa, em Constantinopla, ou em Pekin. A serpente da desmoralisação abraçou o globo com as suas roscas. Respira-se a morte da alma em toda a parte. O mosteiro podia dar ao coração do homem um pouco de ar sem veneno; mas a corrupção entrou no claustro, e o mosteiro cairá. A época que vem é outra. Principia a virtude da cabeça; a do espirito passou, porque o homem será definido «materia que pensa».

«Quem decide do futuro do homem, fóra do commum das massas, que se mexem como machinas, é a primeira mulher que se ama.

«Não sei que diga n'este lance mais imprevisto da sua vista. O que posso é vaticinar-lhe que a mulher das suas primeiras affeições ha de salval-o ou perdel-o.

Ha de fazel-o recuar á innocencia dos seus primeiros annos, ao suave perfume dos seus desejos immaculados, ou, de um lance de olhos, mostrar-lhe todas as torpezas, e, de um só impulso, atiral-o a todos os abysmos. Penso que lhe digo uma cousa nova. Não encontrei ainda quem assim pensasse. E' moda santificar os primeiros amores. O homem gasto, que é sempre o mais immoral, fatigado de amores, incapaz de espiritualisar-se, não diz quem o cansa, quem o materialisa, e quem o immergiu no charco dos baixos appetites.

«Abra-me o seu coração; quero gravar ahi uma súpplica. Recompense-me tudo que fui para si, não a esquecendo. Seja orgulhoso na renúncia da sua alma. O amor de um homem é um incenso que desce para o chão, quando o idolo é de barro. Não o prostitua. A primeira mulher do seu amor procure-a com a resignação de uma pobreza honrada, sem uma nodoa, sem o rubor de uma vergonha. Seja pobre, seja obscura, seja humilde, e tenha sempre diante dos olhos a felicidade, que v. exc.ª lhe dá, como a recompensa da virtude em que viera antes de a mandarem entrar no seio da abundancia. A sua casa seja como um santuario impenetravel. Se o appetite invencivel o impellir á communhão dos manjares, que a sociedade digere, á custa de um penoso trabalho do coração, vá, mas deixe a a ella no segredo da sua vida, como anjo depositario do balsamo das feridas com que v. exc.ª refugirá do tumulto de paixões degeneradas para o abrigo da amizade intima, sem a qual o amor é impossivel.

«Eu fallo a uma criança, mas o homem d'esta época é muito cêdo homem. Aos quinze annos adivinha-se tudo pelos livros, e, aos dezoito principia o magisterio

do ensino, diz-se tudo que ha a uma geração que capricha de tudo saber.

«Meu amigo. E' a hora da partida. Abrace-me... Não me esconda a sua vida. Fuja de me dar o desgosto de ter criado um ingrato. Pouco me deve; mas a ninguem deve mais... Vê esta lagrima? É o mais que póde dar-se em um homem como eu... Não tenho outra, talvez, para tudo o mais que está sobre a terra... Basta... O homem é de barro, quando lhe toca a mão pesada do soffrimento... Não posso...»

Eu suffoquei todas as palavras com soluços. Saímos silenciosos. O que eu pensei e sénti d'alli, a bordo do navio, era o que ha de mais triste, de mais apertado no doer do coração, de mais escuro e incomportavel no que é saudade, no que é apartar-se uma criança, só, entregue a estranhos, do homem, que lhe fôra tudo.

O navio fez-se ao mar. Procurei padre Diniz ao pé de mim, para lhe pedir por Deus, por tudo, que me não deixasse. Não o vi. Olhei para o Tejo, e reconheci-o, sentado á pôpa de um bote, com as costas viradas para o navio, curvada a cabeça entre as mãos. Então, sim! Provei todas as amarguras em um instante... Segui aquelle bote com os olhos turvos de lagrimas, chamei padre Diniz no silencio do meu coração, pedi a Deus que me restituisse aquelle homem, pedi ao espirito de minha mãe que me désse alma para tamanha dôr... Desejei a morte, e consultei os meios que eu tinha para acabar commigo aquella saudade, que me endoudecia...

E em roda de mim eram tudo indifferentes... Pareciam-o... E não era. Ao sair da barra, uma senhora portugueza travou-me da mão e disse-me ao ouvido:

— É chorar de mais... O coração está desafogado...

Agora, coragem varonil, e esperança, que é o melhor que tem o mundo, e o thesouro mais querido do infortunio. Venha conversar commigo, e com meus filhos, que vão ser seus companheiros do collegio.

III

A condessa de Santa Barbara vivia na sua cella, quasi retirada do trato das freiras. Segundo a primorosa civilidade usada nos mosteiros, a secular foi visitada pela communidade. D. Angela, porém, apenas pagou a visita á prelada, e desculpou-se com as outras religiosas. Resentidas no seu apuradissimo melindre, deixaram-a como selvagem, e vingaram-se seraphicamente, picando-a com os alfinetes de uma arguciosa mordacidade, em que era mestra encartada a muito espirituosa e litterata, e antiquaria, a sobrinha de soror Maria do Céo, auctora dos vilhancetes hespanhoes, capazes de mortificar de inveja o sensualismo de Anachreonte.

Um dia annunciaram á condessa, que uma religiosa, que não a visitára por estar fóra do convento a ares, pedia licença para cumprir os seus deveres.

Entrou, e lançou-se nos braços da secular com estranha cordialidade. D. Angela recebeu aquella effusão com pasmo e receio.

— Não me conheces, Angela? Eu tambem te não conheceria, se não tivesse a certeza de que eras tu!...

— Não conheço!—balbuciou a condessa.

— Eramos, ha dezoito annos, tão amigas... tão irmãs!

— Ai!—exclamou D. Angela, apertando-a nos braços com anciedade.—Tu aqui, Adelaide... tu, minha querida Adelaide!... aqui...

— Não sabes que sou freira?!

— Sei; mas o teu convento não era este···

— Não··· o meu convento era em Santa Apolonia Vivi lá pouco tempo. No anno em que te casaste vim para Odivellas. Ha quinze, não é verdade?

— É··· Mas disseram-me que eras tão feliz, que vivias tão amiga de Francisquinha Valladares, que não tinhas ambição que não satisfizesses com Deus e com ella···

— Assim foi... mas Francisquinha···

— Morreu, bem o sei··· e tu choras ainda assim por ella... Que amizade lhe tinhas...

— Muita··· Morri, quando ella morreu. Envelhec d'este modo... Tenho trinta e cinco annos, e os cabellos brancos··· Angela, só por milagre se vivem dezeseis annos, com a saudade no coração, queimando, devorando, em sonhos, e acordada, sempre, e a toda a hora··· E sem esperança... chamando-a todos os instantes; pedindo-lhe um signal de que me ouve, e ouvindo apenas os meus gemidos e a minha saudade, que nem o amor de Deus me allivia... E vivo, Angela!···

— Como soffres··· Adelaide! Falla-me d'ella... Talvez que o silencio te tenha feito mal··· Talvez!··· Não tens aqui amigas?

— Não··· não me comprehenderiam··· Temo-as... São muito superficiaes em tudo... Para a leviandade não ha dor que mereça a pena de pensar muito··· E eu queria quem chorasse commigo, e me dissesse: Essa pobre menina é digna das nossas lagrimas...

— Morreu thisica, não foi?···

— Não sei, minha filha··· Morreu, como se deseja morrer, quando se é infeliz...

— E ella era infeliz··· não foi freira por sua livre vontade?

— Não··· arrastaram-a pelos cabellos... Quando

pronunciou os votos saíam-lhe do peito golfadas de sangue... E viveu dois annos ainda... para a purificação do martyrio...

— E, assim que ella morreu, não podeste viver n'aquelle convento, não podias ver os logares onde a viras, a sepultura da tua querida amiga, a imagem d'ella em tudo, que te fôra alegre em outro tempo, e fugiste d'alli para este convento, não foi assim?

— Fugi... não podia presenciar o quadro mais atribulado, o soffrimento mais despedaçador que póde imaninar-se... Quero contar-t'o, minha Angela, mas a ti só, só a ti... tenho-o escondido no coração ha tanto tempo, não quero profanal-o... A ti digo-t'o... Soffres, sabes o que é atormentar-se a gente... has de ouvir-me com todo o sentimento, e chorar commigo... sim?... Fecha-me esta porta... Ninguem virá aqui, pois não?

— Ninguem, menina... Diz tudo... soffremos ambas, e que ninguem nos veja... Basta-nos aquelle crucifixo, por testemunha... O que vamos dízer não será do desagrado de Deus?

— Ai... penso que não... Deus é bom... o que eu temo é o mundo, que faz da justiça divina um cilicio violento... Escuta, minha filha. A Francisquinha Valladares amava com todo o amor de criança um cavalheiro de provincia, que vivia entre os grandes, supposto que apparecesse raras vezes. Tinha viajado até aos trinta annos; era independente, fascinava, tinha uma signa extraordinaria, dominára-lhe á pobre menina o espirito com bem poucas palavras, bem poucos d'aquelles seus olhares, que pediam mais do que póde dar o coração de uma mulher.

— Quem era elle?—interrompeu a condessa.

— Talvez te não recordes, menina... Chamava-se...

não te digo o nome... tu não o conheces de certo...

— Talvez conhecesse...

— Creio que não... Francisquinha, até ao momento da sua perdição por aquelle homem, queria ser freira, esperava anciosamente os quinze annos para entrar no mosteiro, e assim satisfazia a vontade do pae, que desejava dotar o filho segundo com a legitima d'ella. Chegada a snspirada occasião da entrada, conheceram a frieza, e a melancolia de Francisca. O pae suspeitou a mudança d'aquella vontade de alguns mezes antes, e consultou-a. Francisca respondeu que seria uma filha obediente, mas não poderia ser nunca uma boa religiosa. Isto não fez impressão n'aquelle homem! Como pae, fez os seus calculos sobre a humildade da filha, e não os alterava por motivo nenhum...

— E esse cavalheiro por que não a pedia?

— Porque ella nunca lhe disse que o fizesse, penso eu, e elle nunca tentou um passo, que poderia abater-lhe o seu orgulho.

— Pois elle não era nobre e rico?

— Rico... parecia-o; nobre, não sei .. Elle não dizia de quem era filho; corriam uns boatos de nascimento muito distincto; mas, ao certo, ninguem dizia cousa nenhuma. A pessoa que o apresentára em algumas casas, não decifrava o enigma, se é que o sabia. O incognito por si, mostrava-se tão pouco interessado nas relações que lhe davam, que nem as procurava, nem se deixava aproximar por ellas. Tudo isto era máu para Francisquinha, que não ousou nunca revelar o segredo do seu amor a seu pae, ou a alguma amiga, que não fosse esta desgraçada, que tu encontras a chorar, depois de a perder ha dezeseis annos...

— Mas... como era essa paixão? Não se correspon-

diam, não sacrificavam um ao outro a obediencia e o orgulho, que os separava para sempre?

— Correspondiam-se... era eu a desventurada confidente d'aquella infeliz paixão! E perguntas como era essa paixão! Ai, Angela! era muito nobre, cheia de sublime resignação, de sentimentos elevados, de sacrificios d'ella e d'elle, que só eu os avaliei, e só elles, talvez eram capazes de os fazer... Não era paixão de cegar a razão, e morrer, ou matar em poucos momentos de febre... Não era assim... D'aquelle amor morre-se sempre, mas de vagar, sentimento a sentimento, lagrima a lagrima... primeiro começa a morte pela esperança, depois o coração apertado, sem ar, sem desabafo...

— Morre... Eu sei-o, Adelaide... sei o que é morrer a esperança...

— Mas a fé... não sabes, Angela... Soffrer tormentos a que o cego acaso nos condemna... pensar que ha de aqui forçosamente penar-se, sem recurso para Deus, com os olhos na pedra do claustro, que tem de esconder a historia dos nossos padecimentos suffocados aqui... sem ecco...

— E ella morreu assim?... sem fé!

— Sem remorso... sem transigir com a tyrannia que a matou, sem perdoar... porque... dizia ella... perdoar para quê?... Se a justiça de Deus não fosse uma chimera, eu não soffria assim...

— Meu Deus!... que blasphemia!... Ella disse-a?!...

— Nunca foste desgraçada, Angela!... Não te espantarias tanto...

— Se o tivesse sido?... Fui, Adelaide... fui, e blasphemei... e o remorso veio, depois...

— Por que foste depois menos desgraçada?

— Sim...

— E ella não... Foi desgraçada cada hora mais, e até ao fim... Não teve tempo de arrepender-se...

— E nunca mais se viram?... nem se corresponderam?

— Não se viram um anno... escreviam-se; mas as cartas d'elle, durante o noviciado, levaram-a a tal ponto de desalento e paixão, que já te disse, creio eu, na ceremonia da profissão, a infeliz lançou muito sangue pela bôca, e veio em braços para a cella da prelada... Esta religiosa era um anjo... recordou-se do seu coração, sem vergonha do escapulario que vestia... Comprehendeu a dor da pobre menina, e fechou-se com ella, dias e noites...

— Para quê?... dissuadil-a?...

— Não... isso era mátal-a...

— Então? os votos estavam feitos...

— Estavam; mas o coração não tinha nada com as palavras, que o ouvido recebera dos labios da mestra de noviças, e a cabeça decorára da regra do Patriarcha.

— Disse-lhe que annullasse os votos?

— Era impossivel... Disse-lhe que amasse o homem que a prepotencia lhe roubou...

— Mas não a salvaram com isso...

— Não, porque era tarde... A flôr tinha a morte na raiz... nada poderia reverdecel-a. O mais que poderiam era suavisar-lhe o fim da vida.

— Como?

— A prelada aconselhou-a como amiga... Disse-lhe que repartisse entre o céo e a terra o immenso amor da sua alma... que recebesse, como se recebe um irmão, na grade, esse homem, que nascera para lhe dar a felicidade assim como o claustro se fizera para a felicidade de outras almas, de outros genios, e de outras organisa-

ções, para as quaes o mundo era um supplicio... Francisca chorava, de gratidão, nos braços da virtuosa religiosa, que, talvez, alli escondera, n'aquella cella, torturas semelhantes... Desde esse dia, o cavalheiro vinha todos os dias ao convento. Para elle e para ella, não havia outra existencia, outra ambição, nem outro dever a cumprir. Francisca, deixa-me confessar-t'o, não podia cumpir os conselhos da prelada. Os encargos divinos da sua profissão não lh'os exigiam, nem ella os cumpria. Cheio de fel e de amor, o seu coração não serenava com a presença do amante todos os dias. Com a paixão impotente, esteril, e reprimida n'aquelles varões de ferro, crescia a desesperação e o desconforto. Eu sei que elle, contrafazendo a sua propria dor, inventava todos os recursos do talento e do coração, para lhe persuadir a ella que os soffrimentos n'este mundo eram de um dia, que os esposorios de dois martyres, á beira do tumulo, eram o consorcio de dois anjos para a eternidade... A desgraça parece que mata o poder d'estas elevações para o infinito, que se não conhece... O positivo, o certo, é o tormentoso n'esta vida... Francisca saía sempre da grade com os olhos arrasados de lagrimas... Um viver assim devia durar pouco... E durou dois annos...

— E o pae não a prohibia de receber o cavalheiro?

— Tentou-o, mas retirou-se envergonhado da sua empreza. Francisca recebeu-o uma vez, e nunca mais. Respondeu-lhe que não era do mundo, que não tinha familia, que comprára com a sua liberdade, uma cella, e uma sepultura, que não tinha responsabilidade perante a sociedade, e que apenas podia encarar seu pae como auctor de uma existencia, que lhe não agradecia... Ameaçaram-o, mas elle não era homem de se intimidar. Olhou com silencioso escarneo para o pae de Francisca, e desde

esse dia visitou-a de manhã e de tarde. Por fim, a minha desgraçada amiga já não podia vir da sua cella á grade. Escrevia cartas que cortavam o coração... e elle, não sei se mais lastimavel que ella, lia-as na grade, e ahi ficava absorto em que tormentos, meu Deus! dez horas que costumava passar com ella... Um dia, nos fins de setembro, disse Francisquinha que estava tão boa, que se julgava salva. Ergueu-se, e foi á grade... Demorou-se ahi algumas horas, e retirou nos braços das creadas. No dia seguinte, ao amanhecer, mandou-me chamar, porque eu saíra da cella quando vi entrar o padre para lhe assistir na agonia... Fui, chamou-me muito ao pé... o seu hálito era de fogo, as mãos estavam de neve, os olhos vidrados, e todas aquellas feições, tão bellas, resequidas e esbranquiçadas... Cheguei o ouvido aos seus labios, ouvi estas suas palavras, que foram as ultimas... «diz-lhe que se conforte... que me não esqueça... que viva da saudade... que me perdoe, se o fiz desgraçado... se o matei...» E mais nada... Depois...

A benedictina, suffocada pelos gemidos, não articulou a ultima palavra. A condessa chorava com ella, e orava no fundo do seu coração por alma de Francisca Valladares. Aquelle espirito subordinado á austera devoção do confessor, que escolhera, não podia condoer-se das tribulações temporarias d'aquella freira, sem receiar a vida eterna na presença de Deus.

Adelaide, desafogada da maior dor da sua inconsolavel saudade, continuou:

— O desgraçado ouviu-me a recommendação da agonisante... quando ella acabava de expirar... Não me disse uma unica palavra... Estava de pé, com os braços cruzados, e os olhos no chão, e assim permaneceu...

Que magestade na dor aquelle homem tinha, Angela! Parecia que os cabellos lhe branqueavam, e as rugas da velhice lhe vinham ao rosto... Tive de lhe dizer que re retirasse, porque eram prohibidas as grades, emquanto se faziam os officios á defunta. Saíu d'alli, machinalmente... nem uma palavra lhe ouvi... Fez-me compaixão! Esqueci-me de mim, e d'ella, para espreitar a maior das dores... O mais desgraçado dos homens deve ter aquella maceração, aquelle andar, tudo que se via n'aquelle homem, no instante em que lhe dei as derradeiras palavras de Francisca.

«Passaram-se seis mezes. Estava eu no côro com a communidade, esperando um padre que devia dizer uma missa por alma de Francisca Valladares, e pedira a concorrencia das religiosas. Vi-o entrar. Ao mesmo tempo entre nós levantou-se um murmurio. Eu fui a primeira que soltei um grito de espanto, de surpreza, e não sei que de sublime terror!... O padre era elle!... Não te posso fazer sentir os lances d'aquella missa! Ouviram-a todos com as lagrimas na face, e com as mãos erguidas a tremerem de fervorosa devoção e enthusiasmo, que não tem nome fóra do espirito. Umas poucas de vezes suspendeu elle o sacrificio, e ficou suspenso com os olhos no crucifixo. Na elevação do calix, ajoelhou como forçado, lentamente, em um tremor que se vê de longe, e esteve minutos em um extasis, em que todas nos enlevavamos em que muitas se sentiram fracas para tamanha commoção, e encostaram a cabeça esvaecida ás grades do côro. Junta a tudo isto, minha querida Angela, o orgão, tocado pela dorida inspiração de uma extremosa amiga de Francisca: ai! filha, que tristeza, que nuvem no coração, que saudade alli vinha de desenganos como a voz da que morrera, a dizer-nos

que a nossa existencia não era melhor do que fôra a sua!

«No fim da missa, seguiamos o padre com os olhos e o coração... queriamos vel-o, e ouvil-o. Eu, mais que todas, que nunca podéra alcançar novas d'elle, eu, a sua confidenre, queria ouvir dos labios d'aquelle martyr palavras de consolação... Elle só poderia dizer-me se aquelle anjo estava no céo... Pedi licença á prelada para o mandar chamar a uma grade... «Não necessita—disse ella —d'essa licença. O padre vem á minha grade, e deve vir ahi todos os dias, porque foi nomeado segundo capellão n'esta casa!

«—Conhece-o?—perguntei eu.—Perfeitamente, me respondeu ella.—É um justo, um exemplo para os que soffrem, um predestinado, que faz honra á humanidade, e que nasceu em um seculo, em que o não comprehenderam.

«Estava transfigurado: cabellos brancos, pouco brilho nos olhos, quasi perdida a mobilidade ardente das feições, até parece que o metal da voz insinuante se lhe mudára!... Não se fallou nem o mais ligeiramente em Francisca Valladares. As palavras d'ellè eram poucas, e essas arrancadas pelas perguntas da prelada.

«Agora, Angela, comprehende esta grande lucta, em que vaes ver este padre... O capellão entrava, duas vezes por semana, no convento. Depois, ia ao claustro... ajoelhava aos pés da sepultura de Francisca... cruzava os braços sobre o peito, fixava os olhos na parede...

—E orava?

—Não sei... Estava assim uma hora, duas, e mais... Durante esse tempo, ninguem o perturbava. Aquella dor era sagrada para todas. De longe, quem quer que o via, orava tambem... Depois, entrava na igreja, dizia missa

por alma d'aquelle anjo, assistiamos a todas com a mesma commoção que nos causára a primeira... Mas, filha, o que eu soffria era insupportavel... Não podia viver alli... A imagem da minha querida amiga, e d'aquelle homem, alli, sempre, todos os dias... eu não podia com tanto...

Soror Adelaide foi interrompida por uma creada, que disse fóra da cella:

— Snr.ª condessa, está na portaria o snr. padre Diniz.

— Padre Diniz!—exclamou Angela.

— Sim, padre Diniz... que é?... que espanto é esse, Angela?!

— Padre Diniz Ramalho e Sousa... é este, Adelaide?!...

— Este!... quem?...

— Sebastião de Mello...

— Que dizes, Adelaide!... pois padre Diniz é esse homem, de quem me fallas?!

— Sim, sim!... deixa que eu o veja da janella do dormitorio...

D. Angela acompanhou a religiosa, que, ao primeiro lance de olhos, voltou-se para ella e murmurou alvoroçada:

— É elle... d'onde conheces este homem?...

.....

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

OBRAS DE CAMILO CASTELO BRAN

Cada volume br. 10$00 - enc. 15$00

1 — Coisas espantosas
2 — As três irmãs
3 — A engeitada
4 — Doze casamentos felizes
5 — O esqueleto
6 — O bem e o mal
7 — O senhor do Paço de Ninãis
8 — Anátema
9 — A mulher fatal
10 — Cavar em ruínas
11 e 12 — Correspondência epistolar
13 — Divindade de Jesus
14 — A doida do Candal
15 — Duas horas de leitura
16 — Fanny
17, 18 e 19 — Novelas do Minho
20 e 21 — Horas de Paz
22 — Agulha em Palheiro
23 — O ôlho de vidro
24 — Anos de prosa
25 — Os brilhantes do brasileiro
26 — A bruxa do Monte Córdova
27 — Carlota Angela
28 — Quatro horas inocentes
29 — As virtudes antigas — Um poeta português... rico!
30 — A filha do Doutor Negro
31 — Estrêlas propícias
32 — A filha do regicida
33 e 34 — O demónio do ouro
35 — O regicida
36 — A filha do arcediago
37 — A neta do arcediago
38 — Delitos da mocidade
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios
41 — Memórias de Guilherme do Amaral
42, 43 e 44 — Mistérios de Lisboa
45 e 46 — Livro negro do padre Deniz
47 e 48 — O judeu
49 — Duas épocas da vida
50 — Estrêlas funestas
51 — Lágrimas abençoadas
52 — Luta de gigantes
53 e 54 — Memórias do cárce
55 — Mistérios de Fafe
56 — Coração, cabeça e estô
57 — O que fazem mulheres
58 — O retrato de Ricardina
59 — O sangue
60 — O santo da montanha
61 — Vingança
62 — Vinte horas de liteira
63 — A queda dum anjo
64 — Cenas da Foz
65 — Cenas contemporâneas
66 — O romance dum rapaz
67 — Aventuras de Bazilio Fe des Enxertado
68 — Noites de Lamego
69 — Cenas inocentes da co humana
70 e 71 — Os mártires
72 — Um livro
73 — A sereia
74 — Esboços de apreciaçõe rárias
75 — Coisas leves e pesadas
76 — Teatro: I — Agostinh Ceuta — O marquês de res Novas
77 — Teatro: II — Poesia nheiro? — Justiça — Es e flores — Purgatório e
78 — Teatro: III — O Morg Fafe em Lisboa — O do de Fafe amoroso — timo acto — Abençoad grimas
79 — Teatro: IV — O conde Como os anjos se vin Entre a flauta e a vio
80 — Teatro: V — O Lobisho A Morgadinha de Amôres

Aos Camilianistas recomendamos a aquisição da seguinte

CAMILO CASTELO BRAN

(TIPOS E EPISÓDIOS DA SUA GALERIA)

5 volumes, no formato e tipo da nossa Colecção das Obras de Camilo, con-

Apreciações e críticas das o imortal escritor

PELO DO

MILO CASTELO BRANCO

listérios de Lisboa

RCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XLIII

MYSTERIOS DE LISBOA

VOLUME II

TYPOGRAPHIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA —
RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48
* * *LISBOA* * *

MYSTERIOS DE LISBOA

Nota das edições que tem tido esta obra até á presente

1.ª edição — Porto — 1854 — Typographia de J. J. G. Bastos — 3 vols. in-8.°, o 1.° de 285 pags., o 2.° de 298-2 pags., e o 3.° de 355 pags.

2.ª edição — Porto — 1858 — Em casa de F. G. da Fonseca — 2 vols. in-8.°, o 1.° de 345 pags. e o 2.° de 371-1 pags.

3.ª edição — Porto — 1861 — Em casa de Cruz Coutinho — 2 vols. in-8.°, o 1.° de 279 pags. e o 2.° de 304 pags.

4.ª edição — Porto — 1864 — Em casa de Cruz Coutinho — 2 vols. in-8.°, o 1.° de 235 pags. e o 2.° de 279 pags.

5.ª edição — Porto — 1878 — Em casa de Cruz Coutinho — 2 vols. in-8.°, o 1.° de 255 pags. e o 2.° de 279 pags.

6.ª edição — Lisboa — 1890 — 3 vols. in-12.° 14, 15 e 16 da collecção Pedro Correia.

7.ª edição — Lisboa — 1905 — Vols. 42, 43 e 44 da nossa collecção, da qual se fez uma tiragem especial de 100 exemplares, em papel de linho nacional, para bibliophilos.

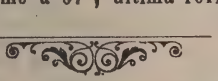
8.ª edição — Lisboa — 1917 — Vols. 42, 43 e 44 da nossa coliecção.

9.ª edição — Lisboa — 1923 — que é a presente.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

MYSTERIOS
DE
LISBOA

9.ª edição, conforme a 5.ª, ultima revista pelo auctor



VOLUME SEGUNDO

1923

—

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes in-8.°, de 200 a 300 paginas impressa em bom papel, typo elzevir

1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny.
17, 18 e 19— Novellas do Minho.
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.
52 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcere.
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina.
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres
72 — Um livro.
73 — A Sereia
74 — Esboços e apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — Theatro: I—Agostinho de Ceuta.—O marquez de Torres-Novas.
77 — Theatro: II—Poesia ou dinheiro ? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — Theatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — Theatro: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — Theatro: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

MYSTERIOS DE LISBOA

LIVRO SEGUNDO

(Continuação)

IV

A condessa de Santa Barbara ia passada de espanto, quando entrou na grade, onde encontrou padre Diniz. Aquelle homem apresentava-se-lhe outro, agora. A grandeza do seu passado, as mysteriosas desventuras da sua vida, o heroismo do sacerdote ungido pelas lagrimas de uma paixão eterna, gravada sempre n'aquella physionomia macerada, o mysterio, emfim, acobertado no silencio de dezeseis annos, era o que faltava n'aquelle homem para inculcar-se prestigiosamente a D. Angela de Lima.

O padre, mais triste que o seu costume, olhos fixos na vista reflexiva da condessa, percebeu uma inquietação extraordinaria, que não a deixava fallar com a segurança e placidez do costume.

— Que tem, snr.ª condessa?... sempre triste... mas hoje, de mais a mais, parece-me sobresaltada... Cuidados por seu filho?

— Saudades... sim.

— A saudade pelos vivos é dor suave... Saudade insoffrivel, sem desabafo, ha uma só... a sem esperança, a saudade que lhe falla ha quinze annos... não avivemos Umas poucas de dores reunidas enfraquecem a força de cada uma. Todos estes desgostos, que vieram em tumulto, ha menos de um mez, parece que lhe paralysaram a sensibilidade, snr.ª condessa... Mercê de Deus!

— Snr. padre Diniz, a saudade não paralysa assim... Que outro m'o dissesse... mas quem sabe tudo... quem provou o fel de todas as paixões... Eu não estou insensivel... essa mercê espero devel-a a Deus... perto vem o dia; mas por ora sinto, sinto muito, e sinto mais ainda, porque o homem, que mais devera conhecer a minha alma, é aquelle que parece condemnar friamente a minha insensibilidade...

— Eu não a condemno, snr.ª condessa de Santa Barbara... Observo-a, e vejo a mais corajosa do que a suppunha para obrigar-se ás condições, que a razão lhe impõe. Isto é muito; é mais do que póde o coração da mulher; faz-se, quando não ha seiva de paixões, quando a alma parece envelhecer com a materia, quando se recebem todas as dores com a cabeça, e ha força para constranger o coração que reage...

— Que faço eu?!—interrompeu D. Angela com anciedade.

— Suicida-se. O amor de Deus não é o quebrantamento de todos os laços, que nos prendem ao mundo. A verdadeira religião é serena ocmo a paz da conscien-

cia; tem jubilos, e não se nutre só do ermo e da oração; apparece nos olhos em lagrimas, quando o remorso é entranhado, e rebelde á contrição; vem aos labios, em sorrisos de amor para o genero humano, quando a alma está gosando a quietação da virtude. V. exc.ª procurou com avidez um confessor, que lhe apertasse os cilicios. Achou-o entre os capuchinhos, que passam por santos, mas não gosam tão bom conceito a respeito da sua instrucção. Snr.ª condessa, duvide da santidade, que se lhe apresenta a fazer santos, desfazendo o barro de que saíu o homem de entre as mãos do Creador. Se o seu ministro da consciencia lhe diz que v. exc.ª deve ser o que está sendo, não se preste a santificações, que mais tarde são fatigantes, e o espirito violentado por ellas, como o arco do Evangelista, estala, e inutilisa-se por demasia de compressão. A graça de Deus é alegre, expansiva, e vem á luz do dia, e á publicidade dos homens mostrar-se qual ella é...

— Que quer que eu faça, snr. padre Diniz?... que me retire do convento?

— Sim, se não ha outro meio de a fazer comprehender a virtude.

— Não me aconselhou a vinda para esta casa?

— Aconselhei, como remanso de repouso para os trabalhos em que a sua nobre alma tem sido provada. Fui máu conselheiro... é o que se segue... Suppuz que v. exc.ª encontrava desafogo entre pessoas que a receberam carinhosamente, e em parte nenhuma, como n'estas casas, o balsamo dos soffrimentos é prompto, e a vontade de allivial-os sincera. Deu-se o contrario. V. exc.ª reconcentrou-se e afastou-se de si...

— Pessoas, que não conhecia e que o meu confes-

— Lhe disse que não devia conhecer: por quê?

— Porque a verdadeira virtude é tão rara no mundo, como no claustro...

— O frade tinha razão...—atalhou o padre, sorrindo — A verdadeira virtude, pelos modos, nem entre os capuchinhos se encontra... Sincero e legitimo franciscano é o seu confessor, snr.ª condessa!

— Mas, se até aqui tenho vivido sósinha com sua irmã, hoje encontrei aqui uma amiga de infancia, religiosa... de Santa Apolonia...

— Sua amiga de infancia?! — atalhou o padre com agitação.

— De certo... é a Adelaide Maldonado...

— Essa! exclamou o padre.

— Sim, senhor—disse a condessa, com ar de simplicidade mal fingida.

Padre Diníz, habil em dominar os seus abalos, perguntou tranquillamente:

— Têem convivido muito?

— Pouco... Ella chegou hontem do campo, onde esteve a ares. Conhece-a, snr. padre Diniz?

— Sim, minha senhora... Tenho idéas de a ter visto...

O padre não podia esconder a perturbação. D. Angela não sabia representar um papel, que estivera vi lentamente ajustando ao seu caracter. Escrupulisava e fingir-se ignorante, mentindo á boa fé do seu amigo, q adoptára como pae. As meias revelações inconsideradas que fizera, causavam-lhe remorso. Para remedial-as, e tarde; para suspendel-as alli, era reserva indigna da s sincera alma para com tal homem, o anjo bom, q desde a juventude, não a abandonára nas mais angu tiosas crises. O padre lia-lhe nos olhos o temor do co

ção. Em si, sentiu-se tranzido de dor; por ella, fallava-lhe uma especie de compaixão, e um receio de a deixar atormentada com o desgosto de não saber calar o que, talvez, lhe não foi dito como segredo.

— Fallou em padre Diniz á sua amiga? — disse elle, sorrindo.

— Não, senhor; foi ella que me failou...

— É admiravel!

— Quando me contava a razão por que viera do mosteiro de Santa Apolonia para aqui...

— Basta... Eu concebo tudo...

— Soffre, snr. padre Diniz?

— Se soffro?!...

— Sim... soffre, por que eu involuntariamente entrei no segredo da sua vida?

— Não, snr.ª condessa... O meu egoismo na dor não vae tão longe... Se tivesse vindo um momento em que eu por necessidade lhe devesse contar o que fui, para v. exc.ª comprehender o que sou, não lhe esconderia esse segredo... Contar-lh'o sem motivo, seria uma frivolidade, inutil para ambos...

— Seria sempre um exemplo de resignação, um estimulo para receber o soffrimento com animo.

— Pois bem... fallemos da sua amiga Adelaide... Não a vi ha bons quinze annos... Era n'esse tempo muito triste... Tinha a formosura de um anjo, e o coração tambem. E hoje?

— O coração parece-me bom, como era; a tristeza é de lagrimas incessantes, uma saudade de tantos annos sem allivio!... A face está mudada; não tem nada da Adelaide que conhecemos!... Os mais dos cabellos são brancos, e quem lhe não souber a idade, dirá que a pobre Adelaide é velha.

— Pois não é... Ha quinze annos, ultima vez que a vi, tinha dezoito annos... Envelheceu... devia ser assim: mas não se explica como isto foi...

— Tal foi a paixão... a saudade...

— A saudade... por ella?

— Sim... por aquella infeliz...

— Não lhe chame infeliz!...—disse o padre com os olhos cheios de lagrimas, e um suave sorriso de indefinivel sentimento — Francisca Valladares não foi infeliz. Morreu? Abençoados são os que morrem assim!... Grande na alma, grande no sacrificio de todas as suas ambições! Infeliz é a mulher, que transige com a perseguição, humilhando-se. Ella não. Feriram-a, sem a ultrajarem. Mataram-lhe o corpo, sem lhe tocarem na alma. E, depois, aquelle anjo poderia despenhar-se, e não se despenhou. Purificou-se pela agonia, surda, submissa e confortadora para os que soffrem. Subiu sempre para a sua origem. Quando morreu, ao cabo da atribulada noite da sua curta existencia, já tinha na face a luz do crepusculo da bemaventurança... Senhora... quando se amou assim... uma vez, e se perdeu tudo n'um momento... o coração fica vinculado ao tumulo... cheio de saudades e de vida até á decrepitude... Adelaide tem razão... devia envelhecer... Quando embranquecem os cabellos do homem em quinze dias, ao cabo de quinze annos, a mulher, que foi verdadeira amiga, deve ter envelhecido... Diga-lhe que a sua dor é sagrada... e que a sua alma se santifica pelo martyrio nobre da saudade... Choramos ambos, snr.ª condessa... Por que não? V. exc.ª vê um velho a chorar. Compadece-se do pobre, porque sabe o coração que elle tem. N'este instante, recapitula os aturados tormentos de tantos annos, que me reduziram a isto!... Ver nascer o sol de cada

dia, como um novo signal de que o meu captiveiro se prolonga... entrar no silencio de cada noite, com ella sempre aqui... e as palavras d'ella, as ultimas, o convulso adeus da moribunda... é um peso, que verga toda a valentia moral, senhora! Sem a fé, esta existencia era um ludibrio do Creador...

Os soluços abafaram-o. Levantou-se subitamente, chegou á janella, que se abria para a cêrca, e respirou a fundos sorvos o ar, que parecia reanimal o da suffocação com que exprimira aquella enlevada reminiscencia de todas as horas, mas pela primeira vez denunciada pelos labios. A condessa, incapaz de inventar lenitivos para a mágua inconsolavel, chamava-o com ternura, pedia-lhe que se não reprimisse assim, que expandisse em franco desafogo a sua paixão... O padre ouvil-a-ia? talvez não. Com os olhos, lá em baixo, nos horizontes, com as mãos enlaçadas sobre o peito, aquelle homem de negro, com as vestes magestosas do levita, era grande alli n'aquella lucta de paixões terrenas, era maior que a magnificencia do seu ministerio ungido entre o barro quebradiço do amor mundano, e o perpetuo amor de Deus!

— Snr.ª condessa,—disse elle, assumindo o habitual caracter de fria austeridade, como se as paixões, subjugadas pela sua vontade de ferro, lhe não deixassem leve traço de agitação—snr.ª condessa, seu filho saíu hontem. Confiei-o á viuva do general Almada, que foi levar seus filhos a Londres. Ella será como sua mãe, e elle como seu filho.

— Mas, snr. padre Diniz, meu filho, na sua carta, não me diz os meios que hão de sustental-o no collegio...

— Seu filho não podia dizer-lhe o que não sabe. A Providencia deparou-lh'os...

— Sempre um segredo...

— Pedido á minha honra. Os meios não lh'os dou eu... Apresso-me a despersuadil-a d'essa conjectura...

— Pois quem?

— Desculpo a sua curiosidade; mas eu não posso dizer-lhe mais que seu filho.

— Não sabe?!

— Sei, snr.ª condessa.

— Não devo a tal respeito perguntar mais nada?

— Dê-me essa prova de estima... Os legados de seu marido foram cumpridos, á excepção da esmola deixada a Eugenia, sua creada.

— Por quê?

— Ella não quiz aceital-a: repelliu-a, dizendo que se não vendera ao conde de Santa Barbara vivo, e menos se vendera ao conde morto. Dois dias depois encontrei-a em uma carruagem. Fez parar os cavallos, chamou-me á portinhola, e offereceu-me a sua casa na praça da Alegria n.º 19. Hei de visital-a um dia... O mysterio é provocador... Outra cousa... Ámanhã parto para Santarem. O confessor do snr. conde de Santa Barbara pediu-me uma visita de amigo... Não sei que tempo me demorarei. Não me despeço de minha irmã...

— Sua irmã?

— D. Ántonia...

— E' sua irmã?

— Que pergunta!... por que m'a faz, snr.ª condessa?

— Não me disseram que Sebastião de Mello tivesse uma irmã...

— Snr.ª condessa... mais tarde responderei. Por emquanto consideremol-a minha irmã, e boa amiga de v. exc.ª

V

Padre Diniz annunciára-se a frei Balthazar da Encarnação, á portaria do mosteiro de dominicanos em Santarem, e foi conduzido á cella do frade, que o recebeu nos braços, como quem abraçava suspirado amigo de muitos annos, e com extremos do coração esperado. A enrugada face do monge parece que o jubilo a remoçára. O sorriso n'aquelle aspecto venerando, se lhe vinha do coração e do presentimento, como em verdade vinha, bem podera dizer-se que era um dos raros sorrisos que se abriram nos labios do septuagenario.

Alli, no claustro, onde a terra lhe escondera quantos elle encontrára, e quantos comsigo foram noviços, por mais de cincoenta annos, ninguem lhe vira um raio de alegria nas sombras eternas do rosto.

A melancolia imperturbavel, a abstracção profunda, a solidão escura d'aquella alma, reputavam-a o effeito do cilicio, da disciplina e da maceração moral, em que a devoção, e, para muitos o fanatismo, trazia aquelle espirito avexado.

Frei Balthazar era um sabio dos velhos tempos, em que o erudito, aos cincoenta annos de fadigas estudiosas, recebia esse titulo, que os netos d'aquelles homens, na sua raiva pueril ao passado, não ousam negar-lhe.

A ordem de S. Domingos acatava-o como oraculo, em todas as sciencias, e denominava o, sem deshonra para o termo da comparação, o S. Thomaz da igreja lusitana, o sustentaculo da boa sciencia, e ultima vergontea do tronco venerando de frei Bartholomeu dos Martyres.

Em grande elogio á sua capacidade, dizia-se que o illustrado bispo de Vizeu, então secretario de Estado, não se dedignava de consultal-o em melindrosos casos de politica. E supposto que, por esta especialidade, frei Balthazar soffresse injusta censura de alguns escrupulosos, que não apoiavam a interferencia do ministro do céo aos negocios da terra, o dominicano, cheio de humildade, apontava aos seus detractores um tratado in-folio *De re politica*, producção de um jesuita, que o santo padre o canonisára. Era, portanto, invulneravel a virtude do monge ás arguciosas insinuações do beaterio, primo co irmão da má fé, e, pelo menos, amigo intimo da ignorancia audaciosa. Bastam as poucas linhas escriptas, para esboçar os traços, que, mais á surperficie, os olhos dos que vêem apenas a crusta exterior encontravam na physionomia impenetravel do frade.

Com fundadas razões, padre Diniz vira-o por outro prisma, e definira-o de diverso modo. Frei Balthazar pareceu lhe um homem, com dois homens em si diversos, que o punham em dilacerante antagonismo de consciencia. Reputava-o sabio, mas curtido no espirito de lições amargas da experiencia, com que viera do mundo acolher-se no extremo refugio do desgraçado. Julgára-o bom d'essa bondade, que não vem ingénita com o coração, mas que se faz, e se adquire como um fructo bom de arvore má, que, sem rega de muitas lagrimas, não vingaria. Padre Diniz não acreditava nos cilicios e disciplinas e jejuns como machinas de fabricar santos. Frei Balthazar inspirava-lhe de sua illustração um conceito muito elevado. A fama das suas penitencias, flagellos e mortificações, na fé do antigo Sebastião de Mello, era uma crendice popular, que o dominicano desmentia com os seus setenta e sete annos. O espirito poderia exte-

nuar-se em reconditas amarguras, mas a carne, senão opilada e succolenta como a de um frade de Alcobaça, estava sadia e vigorosa, *quantum satis*, e o mais e melhor que podia, n'aquella idade, ambicionar-se.

Dito isto, observemol-o na occasião de melhor se avaliar.

— Esperava-vos com anciedade e sofreguidão — disse o frade, abraçado com o hospede. — Vae não vae, estive para escrever á snr.ª condessa de Santa Barbara, pedindo lhe que vos dispensasse algumas horas em beneficio do velho frade de Santarem... Agora sois meu; vou mandar trancar a portaria, e pedir uma ração vitalicia para vós... Rides? Vereis... Hei de encantar vos com bruxarias de frade, que são peiores que as de velha. Eu herdei a nigromancia do veneravel Gil, que os pagãos do christianismo beatificaram em honra dos seus feitiços... Parece que me estaes chamando herege!... Ora sentae-vos, e entremos, como bons christãos, em santa harmonia no ágape de um jantar de dominicano, que vos não será indigesto, porque o nosso padre S. Domingos é melhor advogado contra indigestões, que os beatissimos patriarchas Bento e Bernardo...

Como vêem, frei Balthazar era chistosamente satyrico sem maledicencia. Os assumptos celebrados por graves pensadores do seculo anterior, e pela tradição veneranda do povo, como S. Gil, com quem o divino Garrett brincou depois, eram objectos de mofa para o frade philosopho, não da negativa philosophica da escola franceza do seculo XVIII, mas da critica pensadora, desprevenida, em que os abusos são joeirados e o facto indestructivel e acrisolado das fézes, que lhe apoucam o quilate.

Padre Diniz, sympathisando cada vez mais com

aquelle caracter especialissimo no mosteiro, sentia-se impellido para aquelle homem, com toda a effusão de franqueza, que, em poucos minutos, ata em vinculo apertado duas indoles semelhantes. Liga maravilhosa! O padre aborreceu sempre o frade!...

Durante o jantar, na cella do nosso velho, que, por sua auctoridade, se isentára das condições do refeitorio, fallaram em politica, materia fastienta e abstrusa, que, trazida para aqui, seria uma ingloria usurpação ao jornalismo, calamidade imprevista por Guttemberg.

Findo o frugal repasto, frei Balthazar indicou a padre Diniz um quarto para descanso, e entrou no seu. Em uma hora, dormiu, orou e pensou.

Padre Diniz escrevia, quando o incredulo chronista de S. Gil lhe occoou pela fechadura um *benedicite*, em lugubre chave. Saíram juntos a passeiar na cêrca; ampliaram a questão do jantar; concordaram em graves cousas sobre legitimidades dynasticas; duvidaram ambos das côrtes de Lamego, sem as desauctorisarem da sancção juridica, disseram outras muitas coisas rotundas e salobras, e recolheram, emfim, á cella, quando o signal de vesperas os mandou recolher. Abriram os breviarios, murmuraram os versiculos em monótona toada, e rezaram ambos, de joelhos, a *Salvé-Rainha* do costume. A sua illustração não era, pois, tão illustrada que os desquitasse das obrigações de orarem.

Sentaram-se depois. Padre Diniz encetava uma nova conversação sobre qualquer assumpto trivial, quando frei Balthazar, por um aceno cheio de magestade, lhe impôz silencio.

— O assumpto é outro — disse elle, e sobre-esteve em um recolhimento de minutos, como quem procura de um lance da alma recapitular os toques essenciaes de

um discurso estudado. Não era isso. O improviso vinha-lhe prompto aos labios; mas o coração parecia retrahir-se represo de uma expansão, que tão cara lhe devia ser.

— Meu amigo — disse elle, apertando a mão do hospede — o meu coração tem tanta vida... Estes tecidos de setenta e sete annos não se relaxaram ainda... Eu sinto aqui uma oppressão... parece-me um temor de propheta... Estou constrangido... Ter-me-hei enganado com o homem, que escolhi para o segredo da minha consciencia?

— Não ouso responder-lhe,.. — disse o padre com resentida dignidade — Eu sou o que sou.

— Nunca me responderam assim! Vós sois o homem que eu imaginei... Não me illudi... Agora ouvi-me. Eu nasci no Minho. Meu pae era um fidalgo mais antigo que os reis d'esta terra. Sem os patriarchas da minha familia, Portugal seria hoje uma nesga de Hespanha, e Affonso VI de Castella sepultaria em Guimarães a rebeldia do conde Henrique, e Jesus Christo não viria no Campo de Ourique prophetisar a derrota dos cinco reis mouros. Bem vêdes que a ironia salva-me da imputação, que farieis á balofa vaidade do meu nascimento.

«Eu fui educado livremente. Nasci com maus instinctos, e franquearam-me carta branca para dispôr á larga do ouro com que servia prodigamente as minhas immoralidades.

«Tive tedio de mim, quando cheguei aos vinte e tres annos com o estimulo de uma paixão nobre, sem uma affeição pura por uma só de tantas mulheres, que atirei á deshonra, como fardos insupportaveis, supposto que na consciencia me não pesassem nada.

«Por esses tempos o conde de Viso... reparae que vos não escondo circumstancia nenhuma... se vos não disse ainda o meu nome, logo vol-o direi... o conde de Viso veio viver na casa de sua mulher, com quem casou no Minho. A condessa fora educada em Lisboa. Vi-a casada; não a conhecera solteira. Esta mulher tinha tudo que perde um homem. Era de uma formosura peregrina, e de um espirito enriquecido por tal arte com os dotes da intelligencia, que, pelo amor da tal mulher pelos affectos desperdiçados ao homem boçal com que a casaram, eu seria um anjo, e um demonio, seria um virtuoso humilhado a todo o mundo para dominal-a a ella, seria um assassino dos meus amigos, se a condição do meu dominio fosse tal. Um homem, que sente assim, não é seu nem da virtude, nem do crime, nem de Deus, nem da sociedade... E' d'ella... é o que ella quizer que elle seja.

«O conde de Viso era general. Rustico e aspero da rudeza de soldado, sem trato com as sensações delicadas, e sem artificios para fingir-se com a melindrosa mulher, que as conveniencias sociaes lhe escravisaram, nunca se lembrou de medir o abysmo que os separava, nem prever as batalhas que se davam no coração da odalisca, que reage contra a desabrida condemnação de um captiveiro, em posse de um sultão, auctorisado pelo sacramento do divino preceito, segundo dizem os casuistas de boa fé.

O timbre da sua voz não tinha inflexões. Mandava carregar os esquadrões, como chamava sua mulher para arrolar os alqueires de milho que entravam nas tulhas. Concebera a idéa de que ha homens que vieram organisados para generaes; que o seu officio na guerra, é matar e morrer: e na paz, recordar batalhas, pedir uma

commenda para cada ferida, apontar as paredes atraz das quaes os seus collegas se esconderam em tal refrega, e procurar uma mulhet, sem a qual não ha outra machina de crear representantes de glorias, que a patria agradecida jámais esquecerá.

«O conde de Viso era assim, e sua mulher era uma alma anhelante, abrazada, cheia de chimeras, conspirando contra tudo que ha, porque as suas ambições eram tudo que não ha.

«Eu entrei em casa do general como quem vae estudar o terreno de uma batalha infallivel. O meu orgulho dava-me de antemão os emboras do triumpho. As probabilidades eram todas minhas, ainda mesmo que a fama do meu nome entrasse alli, primeiro que eu, a acirrar os grosseiros ciumes do conde, e indispôr a fina sensibilidade da condessa.

«A estrategia era torpe. Na presença d'aquella mulher os meus planos caíram. Olhou-me de um modo que parecia dizer-me: Recúa, miseravel! Recuei. Queimava-se me a cabeça, cheia de phantasias ardentes, e doía-me o coração de máguas nunca sentidas, de esperanças, que me pareciam desenganos ao meu amor proprio... de ancias que não tinham desafogo sem ella, silenciosa e impassivel como um sarcasmo á minha vaidade, uma expiação das baratas vanglorias, que me dera habil perfidia.

«Era a minha primeira paixão. Alimentei-a com lagrimas generosas. Senti-me outro na alma. Vieram-me subitamente as propensões para o bem. O coração abriu-se-me aos sentimentos ternos, á compaixão pelos pobres, meditação dolorosa e prestante para com os infelizes, natureza, tudo isto que nos rodeia e nos não captiva um affecto, porque o tumulto de paixões sordidas nos

separam do bello, pareceu-me formosa e esplendida de um reflexo d'aquella mulher, que viera, como um anjo de paz, reconciliar-me com a virtude.

«Estranhaes esta linguagem calorosa no velho de setenta e sete annos? A impressão deixou um sulco indelevel. Esta suave reminiscencia em minha alma é como a flor de toda a vida, sempre viçosa pelo orvalho de lagrimas. Teria morrido, se a paixão succedesse á paixão. Não era possivel. Foi unica... O corpo envelheceu, mas o espirito nutriu-se para sempre.

«O conde de Viso era rancoroso inimigo do marquez de Pombal. Eu de todo o meu coração o detestava, porque meu pae morrera, onze annos antes no castello de S. João da Foz, onde tragou supplicios da invenção carniceira de Sebastião José de Carvalho.

«O desejo de vingança fez-me parecer um homem superior na intelligencia curta do conde. Nasceu d'ahi a sympathia com que elle me acolhia em sua casa, e a confiança inteira, que eu pude hypocritamente captar-lhe. Quando eu lhe disse que esperava um momento feliz de cevar o meu rancor no sangue do conde de Oeiras, o general, que fora valente sob as ordens de Lippe, mas que não era capaz de desaffrontar-se, face a face, das affrontas que lhe fizera Pombal nos salões do Paço, abraçou-me freneticamente, exclamando: — Amigo para a vida e para a morte!

«N'esse anno, era em 1777, morreu D. José. A noticia d'esta desejada morte implicava a quéda do valído. O conde delirou de contentamento, e mais ainda quando D. Maria o chamou a assistir á sua acclamação, na qualidade de gentil-homem da sua real camara, para que fora nomeado.

«O general partiu para Lisboa. A sua paixão uni-

era aquella. Realisavam-se-lhe os sonhos ambiciosos, esqueceu as insignificancias do amor, que o rodeavam, olharia para a mulher como um impecilho ridiculo, se lhe dissessem que a levasse comsigo.

«Foi. D. Silvina despediu-se de seu marido com azedume, que elle não conheceu. Doeu-se da desconsideração, sem proposito, natural á rudeza do soldado ambicioso, e julgou-se ultrajada na sua vaidade.

«Eu adivinhei-a. Felicitei-me de um triumpho e desabafei o desespêro, que acabára por pintar-me aquella mulher invencivel.

«A condessa sabia... sabia de mais... que eu a adorava... Luctára contra o coração, contrariára-o nos impulsos, que a deviam finalmente... perder. Viu-me soffrer na humildade... soffrer calado, dando-me voluntario a maiores desenganos, ennobrecendo-me até de soffrer por tal mulher... Mas era fraca... sel-o-ha sempre toda a mulher, que combate dois poderosos inimigos... inimigos, sim, a indifferença do marido, o cansaço imprevidente da posse, os extremos do estranho, e o carinho mais fervoroso do desejo. Fossem ellas virtuosas até ao martyrio... renegariam, se lhe não fechassem as avenidas á tentação do amante... Renegariam, despojando-se das glorias do seu orgulho esteril; da sua consciencia, pura sim, mas incapaz de sanar as feridas da vaidade... Succumbem todas... Succumbem, padre Diniz, quando a paciencia do amante se aproveita das impaciencias do marido... Era assim o mundo, é, e sel-o-ha sempre... Serão todas como aquella, quando uma verdadeira paixão, fertil de recursos, as inquietar na sua tranquillidade semsabor, n'aquella sua intima ambição de viver com um outro homem, que lhes saiba colher as flores da alma, e não as aprecie sómente pelas fórmas exteriores...

VI

«No fim de onze mezes o gentil-homem ordena bruscamente á condessa que parta immediatamente para a côrte. Sentimos o effeito de um raio. O general devia ter sido forçosamente informado por cavalheiros, vizinhos meus, reservados em velhos odios, e espiões solicitos da minha intimidade com a condessa. Em todas as cartas para sua mulher, o conde incluia uma para mim, ou uma qualquer recommendação, menos na ultima. A phrase d'esta era selvagem, imperiosa, e semelhante a uma ameaça. A partida da condessa, padre Diniz, era impossivel. A desgraçada não tinha defeza nenhuma. Occulta, ha tres mezes, aos olhos dos estranhos, como poderia apresentar-se em face de seu marido?!...

«A resposta, que o conde recebeu, escreveu lh'a o seu mordomo. Participava-lhe o desapparecimento de sua esposa, aggravando o facto com a coincidencia de eu ter desapparecido, com cavallos, creados, e a maior parte da minha fortuna, que realisára em uma venda repentina.

«Assim fôra. Recobrado do torpor em que me deixára a ordem do conde, pedi ao coração um conselho, um lance de coragem com que podesse reanimar Silvina. Foi instantanea a inspiração. Não a teria nunca, se aquella mulher não fosse a minha suprema alegria, a minha paixão nobre, tudo que sobre a terra póde impôr-nos o sacrificio da fortuna, do sangue e da honra.

«Disse-lhe que a sua vontade não podia obedecer ao general: respondeu-me que, antes de obedecer-lhe, tinha o recurso do suicidio. Senti, n'esse momento, a melho

sensação da minha vida. Realisára se a esperança: um absoluto dominio sobre aquella mulher.

«Dois dias depois, da fronteira de Hespanha davamos a Portugal um adeus para sempre. Do meu patrimonio, tudo que eram bens livres, vendi-os por mais de cem mil cruzados. A minha felicidade era ella; mas em qualquer ponto do mundo, com aquelle dinheiro, encontraria a felicidade, que se compra.

«Silvina não quinhoava do meu contentamento. Em mim era tudo expansão das intimas alegrias, de quem não tem no coração espaço para os outros desejos. N'ella, uma tristeza sombria, uma reconcentração muda, um scismar continuo, que parecia distrahil-a de mim, insensibilisal-a aos meus extremos de mimo e cuidado da sua felicidade.

«E, comtudo, eu não podia queixar-me do seu amor. Aquella tristeza era providencial. O grito do presentimento fallava-lhe mais alto que os meus alentos.

«Chegámos a Veneza, onde imaginei que o céo influiria na enfermidade moral da condessa. Viviamos obscuramente, com apparencias que não excitavam a curiosidade, sem estado, sem um symptoma que podesse denunciar a qualidade dos forasteiros.

«A melancolia da pobre senhora augmentava. Por fim, vieram as lagrimas, e as prophecias da sua morte proxima. Abraçava-me convulsivamente, e dizia-me:—Cêdo ficarás sem mim. Vou com a gloria de ter sido verdadeiramente amada; e deixo-te na consciencia uma voz eterna, a dizer-te que o mereci... Perder-me... seria pouco; não me sacrifiquei, porque indemnisaste o que fiz com muito amor. Por este amor, quero dar-te a vida... esta sim, que t'a dou... não tardará...

«Padre Diniz, bem vê que fallo, e choro francamente...

Desculpe-me estas lagrimas... Na presença de outro, acho-as dôces... sósinho, como as tenho chorado sempre... queimavam-me...

«Veiu o momento da prophecia.

«Silvina, alvoroçada por uma dor que nunca sentira, e reconheceu ser a ultima, que devia sentir, revelou-me um segredo, que os medicos lhe revelaram a ella, quando seus paes a arrastaram ao casamento. Recebi o cheio de terror! Communiquei-o ao primeiro, ao segundo, a uma junta de medicos, que chamei para ao pé do leito da minha voluntaria victima. Arrefeceram-me todas as esperanças, pelo gesto receioso com que me responderam. «Pois é impossivel salval-a? perguntei-lhes com as mãos erguidas. — Impossivel, não, me disseram elles. A sciencia faz milagres muitas vezes.»

«Agora, padre, compenetre-se d'esta agonia. Eu estava com os ouvidos collados á fechadura do quarto da minha infeliz amiga. Ouvia-lhe os gritos vibrantes, os gemidos suffocados á custa do peito que lhe estalava, as animadoras consolações de um medico, que ella não ouvia estorcendo-se no leito, que parecia desconjuntar-se... Ouvi tudo, padre Diniz... ouvi o meu nome... o nome, que todos ignoravam... D. Alvaro de Albuquerque!... Julgavam-a delirante quando eu entrei... Estendeu para mim os braços, debateu-se pendente do meu pescoço em convulsões freneticas... Mandaram me retirar em favor á salvação d'aquella senhora... Saí cheio de lagrimas e esperanças... Escutei ainda... Conheci pelo tinido de ferros, que se tentava o derradeiro esforço... Os gritos redobraram mais agudos, e de subito enfraqueceram, até se ouvirem como gemidos abafados. Abriram a porta, e um medico me disse: «Faça entrar a mulher, a quem ha de ser entregue a criança, que fe

lizmente está viva... — E ella? interrompi eu. — Morre, responderam sêccamente. — Esqueci a recomendação do medico; entrei no quarto; corri ao leito; vi Silvina com o rosto escarlate, banhado em suor frio, e os olhos fechados. Respirava, parecia mesmo que sorria... Chamei-a, respondeu em delirio, balbuciando o meu nome. Chamei-a de novo; repetiu o meu nome ainda. Bradei com afflicção «Silvina!» ouvi-lhe pela terceira vez pronunciar «Alvaro!» Estremeceu... arrancou um longo gemido, o ultimo, abriu os olhos, cobria-os uma nevoa branca... estendeu o braço direito, convulso, robusto do ultimo accesso de vida... Beijei-lhe a mão... Senti nos labios o frio de um cadaver... Estava morta.

«Padre Diniz, as minhas crenças religiosas nasceram n'aquelle instante. Sem Deus, ha punhaladas incuraveis. Não caí morto!... espantei-me da minha coragem, e conheci que não podia tel a sem conforto do céo. Lembrou-me o suicidio... olhei em redor de mim, como quem procura uma pistola, um abysmo, e vi uma criança, que vagia ao peito de uma mulher.

«Fallo com um homem de intelligencia e coração. Conceba-me e condôa-se, sem que eu lhe conte os meus tormentos minuto por minuto. A desesperação abriu-me um inferno aos pés. Se me dissessem então que desafogasse o aperto da minha alma com orações... responderia com insultos á impotente piedade. Trovejavam-me dentro do coração todas as furias. Aquillo era a expiação mais atormentada que póde contar se desde que a Providencia prepara o abysmo para os criminosos. Foi necessario convencer-me que o dedo de Deus estava alli... Foi necessario convencer-me de que luctava com Deus, para retrahir no coração as blasphemias inventadas para minha desesperação...

«Silvina dormia o somno eterno... Os sinos dobravam por ella, quando me retirei de Veneza. Meu filho vinha alli ao meu lado. Cheguei a Roma. O terror ia commigo. Debaixo d'aquelle céo arrastava-me, como reptil esmagado. Não tinha coração para nada, nem intelligencia que divertisse o meu espirito da sua angustia entranhada. Foi ahi, na basilica de Santa Maria dos Anjos, encostado á pia baptismal, procurando aturdir-me com a funebre toada dos orgãos, foi ahi que me feriu de repente o pensamento de ser frade. Não era o amor á religião, não era adjudicar-me aos cilicios, e á Thebaida mortificada de jejuns e disciplinas... era a necessidade de realisar em mim a derivação da palavra *monge*... TRISTE E SÓ. Isto era maior valentia que o suicidio... Esta mortalha, que vesti ha cincoenta e quatro annos, tem mais heroismo que a covarde aniquilação de um corpo, incapaz de supportar as tempestades da alma.

«Concebi de um relance todo este drama de dores escondidas aqui, não sei ha que tempo, ha que seculos... O tempo da minha alma não se conta... Decrepito aos vinte e quatro annos, não sei como tem sido este durar... E' um prodigio de organisação... um milagre, talvez...

«Dominava-me o indomavel desejo de voltar a Portugal... Queria o martyrio aqui no meio dos meus, mas só commigo... Parecia-me mais afflictivo este genero de insulação... Lembrou-me até bater á porta de Tibães; mas ahi era impossivel. O dom abbade era meu tio, conhecia-me, conheciam-me todos; e a alguns tiros de distancia estava o palacio do conde de Viso... Vim, sem fixar o tumulo onde devia sepultar-me... Antes de sair de Roma, procurei pela primeira vez um meu primo,

encarregado dos negocios de Portugal. Denunciei-lhe a minha alma. Em vez de censuras captei-lhe a commiseração. Encarreguei o de velar pela criação de meu filho. Deixei lhe toda a minha fortuna, excepto o patrimonio com que devia entrar no convento. Pedi-lhe inviolavel segredo sobre o meu destino; parti, não direito a Portugal; fui a Veneza, recebi o cadaver meio dilacerado de Silvina, puz a meu lado aquelle cinerario de chumbo, vinha alli como um *memento* implacavel do meu crime... pesava me no coração... Ei-lo alli... é o meu genuflexorio... A lampada, que, durante a noite, alumia aquella cruz, treme sobre a cobertura d'esse caixão em sombras, que me fazem sentir aqui dentro o frio da morte... E isto todas as noites!... Levanto-me, ajoelho, oro com muita fé, chamo-a, reproduzo a com todos os traços, vejo-a, quando era bella, quando era virtuosa, quando se contorcia no trespasse, suspensa no meu pescoço, quando livida e regelada, e cerrando para sempre os olhos, em que li o meu perdão... Ha cincoenta e quatro annos assim!... E vive-se, padre Diniz!... Vivo d'esta vida... Intitulam-me santo... querem-me para tudo que é tribulação de consciencia, invejam-me a santa paz da alma, pedem me a sciencia, que encaminha ao céo... A mim, padre Diniz!... E' este o mundo... Santificam-se assim os homens...

— Com vossa reverencia não se engana o mundo... — interrompeu o padre.

— Engana. A consciencia do justo não é perturbada...

— Pelo pezar de passadas culpas, é... e sempre.

— Aqui não ha só o homem, que foi, a flagellar o que é. Sinto desesperações... e a consciencia do justo espera sempre...

— Com resignação novos tormentos, que possam vir experimentar-lhe a coragem.

— Tenho-a para todos; mas não posso sofrear uma ancia toda d'este mundo... Por ella esqueço-me de Deus e do céo... E' um desejo impotente, impossivel de realisar-se...

— Que deseja?

— O impossivel... não me adivinha?... Esqueceu a minha historia... não vê que deixei em Roma...

— Um filho?...

— Sim, o meu filho, o filho de Silvina...

— Pois não o deixou entregue a um seu primo?...

— Deixei. Correspondi-me com elle durante dois annos, com grandes intervallos... Ao cabo de dois annos, meu primo morreu quasi de repente, e com elle a unica pessoa sobre a terra que sabia da minha existencia. Eu não podia declarar-me, não podia escrever a alguem... e a quem? era frade... morrera para todos... Inventei um escrupulo de consciencia. Saí d'esta casa com o bordão de peregrino. Fui a Roma, achei-me enganado nas minhas esperanças, ninguem me conhecia. Fui a Veneza. Procurei a ama a quem fora entregue meu filho. A pobre mulher, quando me conheceu, não podia calar os soluços. «Morreu? — perguntei-lhe eu, com a serenidade da resignação.—Não morreu emquanto o eu alimentei ao meu seio, me respondeu ella. — E depois? — Não sei, dizia a chorar a unica pessoa que conhecia um coração de pae a bater debaixo d'este habito.

« — Não sabe?—lhe tornei eu anciosamente—pois não estava em seu poder meu filho?—Estava, mas, momentos antes de expirar o seu amigo, fui chamada á sua presença. Estava ahi um senhor, que recebeu o menino dos meus braços, e saíu. Nunca mais os vi... Ainda

perguntei ao seu amigo se o menino me era tirado por eu não ser uma ama digna... Já me não respondeu... Morreu com o segredo do destino que levou o meu querido menino.

«Aqui tem o que é um mysterio afflictivo, insupportavel. A quem foi entregue meu filho? não sei! Quem me diz o que se ha passado em cincoenta annos, que pesam sobre este segredo? Ninguem, padre Diniz! Nem uma inspiração!... nem um vislumbre... nem a mais pequena suspeita!... Homem extraordinario, podeis levantar-me de sobre o peito esta barra de ferro, que me não deixa elevar a Deus um suspiro bem contrito dos meus crimes? Daes-me um longe de esperança, que me conforte até morrer, ainda que nunca se realise?»

No semblante de Sebastião de Mello transparecia o clarão do espirito que se illumina por força sobrenatural. Se os oraculos fossem verdadeiros, o aruspice, consultado nos grandes conflictos, devera annunciar a resposta por aquelle afogueamento de rosto, como acceso pelo jorro de luz, que lhe vinha do céo.

Frei Balthazar contemplava-o, e dizia na sua consciencia que o homem de Deus, o propheta, o santo, ia apontar o ponto do globo em que, a essa hora, se achava o filho de Silvina.

Fixavam-se com não sei que fascinação, que os assemelhava, na penetração dos olhares, a dois adversarios que se medem para arcarem em lucta rancorosa.

Depois da pausa, padre Diniz, com a mão direita na testa, como se os frontaes se lhe partissem, perguntou:

— Conheceu o marquez de Luso?

— Conheci.

— Sabe se esse homem, quando morreu seu primo, estaria em Roma?

— Deixae-me recordar... O marquez de Luso... estava!... Sei que estava... Foi enviado extraordinario a Sua Santidade para sanar as desintelligencias da Curia com o marquez de Pombal... Por que me fazeis essa pergunta?...

— Sabe que destino teve, depois, o marquez?

— Esperae!... Sei... Terminadas as negociações foi mandado substituir em França o embaixador que caíra no desagrado da rainha...

— Oh! Santo Deus!...—murmurou o padre, escondendo, como era costume seu, o rosto entre ao mãos.

— Que é? — acudiu o dominicano, erguendo-se, e correndo para elle — Não me digaes meias palavras...

— Ainda outra pergunta...

— Dizei... depressa... ch!... fallae, por piedade...

— Que capital me disse vossa reverendissima que deixára para ser administrado para seu filho?

— Cem mil cruzados...

— Era só dinheiro?

— E algumas joias...

— Só?

— Só... não me recordo de mais nada...

— Não havia ahi um grilhão de ouro...

— Com um punhal...

— E na lamina — interrompeu padre Diniz, com os cabellos eriçados de enthusiasmo — e na lamina não tinha uma legenda esse punhal?

— Tinha... — tornou acceleradamente o frade — tinha... de um lado... *Mucio Scævola,* do outro: *morte a Porsenna*...

— Senhor!—exclamou padre Diniz, estendendo-lhe o braço trémulo.

— Dizei... ieis fazer-me outra pergunta?!

— Basta... É tudo que podia dizer-se, e saber-se...

— Pois quê?!... — balbuciou o monge, tomando o padre entre os braços — sabeis... conjecturaes que é possivel encontral-o?... Vive?... uma palavra vossa... uma só...

Deu-se um phenomeno, que o coração não explica. Padre Diniz não respondeu á ultima pergunta do frade. Olhou para a cruz, como a invocar o testemunho de Jesus Christo. Os olhos do dominicano instinctivamente seguiram os do clerigo. Sem se consultarem ajoelharam ao pé do caixão de chumbo, que formava a peanha do crucifixo.

— Oremos! — disse o padre...

Era um extase, sem murmurio... Um como quebrarem-se os vinculos do corpo para que a alma subisse a Deus... Correram minutos... De improviso, Sebastião de Mello estremece em convulsões, empallidece debaixo das vagas do suor, cáe com a face sobre o tumulo, e exclama:

— Minha mãe!...

VII

O homem endurecido pelos desgostos pequenos, mas successivos, adquire tempera de coração para vencer a suprema das dores. Não cáe por fraqueza de alma. Póde sentir-se morrer de vagar em cada fibra; mas ahi, n'esse deslaçar dos vinculos da materia, não ha debilidade de espirito. O que morre é o corpo, cujas condições de vida não subsistem com a maceração incessante da alma. O homem, pois, que muito soffre, e não se furta ás dores, aniquilando-se, é a continuação do Filho de Deus sobre a terra; é porventura o eterno Christo expiando a primeira culpa do tronco verminoso da humanidade.

Na alegria é que o homem é para pouco. Não tem frieza nem superioridade de alma para abençoar os grandes lances de ventura, que o surprendem. A dor naturalisou-se-lhe na vida, converteu-lhe todas as aspirações em desalento, envenenou-lhe o ar que respirava, e tornou-o invulneravel pelo veneno. De subito fende um raio de luz as suas trevas. O ar puro de jubilos inesperados expande-lhe o pulmão em sorvos de esperança reanimadora. O homem então é fraco. A dor, que o não vencera, enervára-lhe o coração, não lhe deixára o orgão do prazer, mata-o, porque o abandona, e porque a seiva, que alimentava esse homem, era o fel da desesperação.

Frei Balthazar foi assim. Quando o padre, inclinado sobre o cofre das cinzas de Silvina, invocava sua mãe, o dominicano ergueu-se como de um pulo, recuou com o pasmo e o terror nas immoveis pupilas, com as mãos convulsas afastava dos olhos o véo d'aquelle sonho, e dos labios, crispados nervosamente, apenas lhe caíra uma exclamação, que tanto poderia exprimir o jubilo como o terror.

Sebastião de Mello, volvendo o rosto a procurar o frade, cujas commoções não percebera logo, viu-o n'essa postura. Foi direito a elle, offerecendo-lhe o peito para abraçal-o. O frade recuava. Seguiu-o, pronunciando um nome que devia aquietal-o d'aquelle delirio, e o frade, encostado á parede da cella, com os braços estendidos parecia afastar horrorisado o espectro que o perseguia. Padre Diniz assustou-se do resultado da impressão. Cruzou os braços diante de seu pae, esperando uma palavra, que revelasse o contrario de tristes suspeitas. Essa primeira palavra confirmou os desgraçados receios. Passados minutos, o frade soltava uma gargalhada, e exclamava, entre frouxos de riso, particulares no idiotismo

— Padre! vieste zombar do pobre velho!... Ha cincoenta e quatro annos que deixei em Roma uma criancinha, e appareces-me tu, velho de cabellos brancos, a dizeres que és meu filho!... Impostor!... O meu filho é uma criança de cabellos louros, olhos negros como os de Silvina, e tinha uns labios que vagiam como sua mãe suspirava. O meu filho... tu... o meu filho!... Por que te não lembras dizer que és el-rei D Sebastião, que volta do encantamento em que o tiveram as fadas do Chrysus?!... Aproveita-te do *si vera est fama* do tumulo do rei, em Belem!... Diz que és elle...

Endoudecera. Padre Diniz, emquanto o monge com horriveis esgares acompanhava a zombeteira apostrophe, fixava os olhos na cruz, supplicando lhe, como de recurso extremo, o remedio para tal conflicto.

Nos dormitorios ouvira-se a exclamação virulenta do monge. Pela primeira vez, era assim quebrado o silencio da alta noite. O prelado, avisado do extraordinario incidente, veio á porta da cella, e escutou. Dentro, era profundo o silencio. O frade caíra esvaído em uma cadeira, e padre Diniz contava-lhe as palpitações do pulso, como quem receia a morte depois da demencia.

O prelado, não querendo recolher se sem averiguar o estranho successo, murmurou pela fisga da porta:

— Frei Balthazar sente se incommodado?

Não lhe responderam. Repetiu, mais alto, a pergunta, e, suspeitoso da continuação do silencio, abriu a porta, como lhe era permittido, e entrou.

Ao mesmo tempo, o dominicano abria os olhos, e fixava os pavidamente na physionomia do padre, e logo depois na do prelado, que parára perplexo diante do grupo.

— Que tem vossa reverencia? — perguntou elle, tomando-lhe carinhosamente a mão, que lhe offerecia.

A resposta foi uma lagrima e um sorriso.

O prior voltou-se para o desconhecido clerigo, e interrogou-o pelo acontecimento. Padre Diniz respondeu:

— Era necessario que frei Balthazar estivesse no uso da sua intelligencia para responder... Eu não posso satisfazer á pergunta de vossa reverendissima.

O frade cortou as instancias do prior com uma outra risada, mais significativa que a primeira, porque já não era o delirio de uma surpreza de felicidade; era a confirmação da loucura.

— Frei Balthazar está doudo?—perguntou o prelado a padre Diniz.

— Doudo... eu!—exclamou o frade, saltando para o pé do caixão dos ossos de Silvina—Doudo... eu!... por querer guardar este thesouro... (e apontava para o cinerario) o sepulchro do meu coração... este penhor que conservo ha cincoenta e quatro annos para legal-o a meu filho... Chamaes doudo ao velho, que vos póde dar lições na sciencia do soffrimento?!... Doudo!... Chamae-me antes desgraçado... rematae os meus supplicios, cuspindo-me n'estas cans... Cuspi... mas olhae que cada cabello branco, que me vêdes, é uma hora de vida golpeada, triturada, esmagada debaixo do pé de um demonio!... Cuspi... impios! que aquelles ossos heis de ouvil-os ranger no seio d'aquelle esquife de chumbo... Cuspi, phariseus da virtude, que todos os dias chegaes a esponja de fel e vinagre aos labios do manso cordeiro representado pelo bom em que soffre... cuspi...

— Frei Balthazar,—atalhou o prelado—olhe que falla com amigos... Não me conhece, não conhece frei João de Deus, o seu discipulo querido, como me chamava ainda hontem?

— Esse... morreu!...—balbuciou o dominicano, soluçando e passando pelos olhos a manga do habito.

— Não me conhece a mim?— interrogou padre Diniz, levando-lhe a mão ao coração.

— Conheço... Tu és o homem a quem eu contei a minha vida... Prometteste dar-me conta de meu filho, andaste por lá tantos annos, e ao cabo vieste dizer-me que meu filho era um padre de cabellos brancos, com as rugas da velhice na face macilenta, com o lume dos olhos amortecido, e com o aspecto do malvado, que se faz interessante pela hypocrisia...

— Isso é verdade?!—interrompeu o prior, dirigindo-se ao padre.

— É verdade, senhor, que o filho de frei Balthazar é esse homem, que elle descreve, mas não é o malvado, que se faz interessante pela hypocrisia.

— Cada vez estou mais confuso!...—tornou o prelado—preciso que fallemos, snr. padre.

O frade, extenuado dos violentos embates, não susteve a postura vertical, que sustentára minutos a par com o caixão das cinzas. Viram lhe o sangue arroixado do delirio escoar-se em pallidez repentina, as palpebras caírem, e os braços, como alquebrados, desceram a procurar encosto. Tomaram-o nos braços, transportaram-o á cella, onde esperavam encontrar um leito, e viram uma enxerga. Deitaram-o, pozeram lhe um leigo á cabeceira, saíram, e recolheram a casa do abbade, onde conversaram vinte minutos.

Voltaram depois. Frei Balthazar dormia. Tristes visões deveriam povoar-lhe o somno convulso: de vez em quando resoava palavras inintelligiveis e soturnas d'aquelle som cavo, que aterra, quando vem quebrar o profundo silencio da noite. Padre Diniz, com a alma atormentada

no marulho das idéas excruciantes, que lhe restavam ainda na ultima scena da sua vida, cruzava os braços diante do espectaculo, que se lhe afigurava um sonho. A demencia de seu pae estava justificada pelo estranho abalo que elle, corajoso alvo de todas as impressões, soffria na razão. Admirava-se de si. Attribuia ao estado de Alvaro de Albuquerque a presença de espirito, que por indemnisação, lhe concedera o Altissimo. Padre Diniz succumbiria, a não distrahir a sua força moral nos recursos inuteis para salvar seu pae.

Os medicos, chamados a curar o effeito da causa mysteriosa, capitularam de congestão cerebral o accesso. Sangraram copiosamente o ancião, que vivia mais pelo espirito que pelo sangue. Ao amanhecer, a lanceta, rasgando de novo as veias exhaustas do enfermo, abriria por assim dizer a sepultura ao moribundo.

Frei Balthazar não dava esperanças. Raro abriu os olhos para ver em redor de si a consternada communidade, que lhe beijava a mão, quasi gelada. As preces no côro do templo, de hora a hora, supplicavam a Deus a vida do ultimo homem virtuoso como o primeiro frade. O povo de Santarem agglomerava-se na portaria, perguntando pela saude do pae, do bemfeitor, e apostolo. A ultima prece da communidade foi suspendida pelas badaladas da agonia. Rodearam o leito do frade moribundo, que, só na insensibilidade dos paroxismos, consentiu um leito... para morrer. Acabava de ser ungido. O ministro da extrema-unção entoava: «Senhor Deus misericordia!» e os circumstantes, afogados em soluços, respondam: «Senhor Deus, misericordia!» Foi então que o dominicano abriu os olhos. O seu semblante era sereno. Um clarão de vida, como ella é na robustez da adolescencia, illuminou lhe o rosto. Por entre os labios

meio abertos em um sorriso, saíram as palavras: «Senhor Deus, misericordia!»

— Milagre! — exclamaram os monges. O moribundo fixou padre Diniz, acenou-lhe para a cabeceira do leito, e murmurou-lhe aos ouvidos estas palavras, tardias, entrecortadas pela necessidade de repouso em cada palavra que balbuciava:

— Morro... quando devia morrer... Precisava de entregar o meu deposito... Meu filho, herdas de mim os ossos de tua mãe... Aquelle caixão deve, por fim, entrar commigo na mesma sepultura... Cumprirás... não pergunto... sei que cumprirás o legado de teu pae.

Padre Diniz ajoelhou. O frade estendeu-lhe a mão sobre a cabeça... Quando a retiraram, estava fria...

.....

Rezavam-se os responsos em volta do ataúde de frei Balthazar da Encarnação. O abbade empenhára-se com os prégadores da casa para recitarem uma oração funebre, que solemnisasse as exequias do santo varão. Não houve um frade, que tivesse animo para sustentar, quinze minutos, em palavras o sentimento, que só as lagrimas exprimiam.

A' hora em que devia surgir no pulpito o orador, que ninguem esperava, convergiram para alli todos os olhos. Viram, magestoso de incutir terror, enthusiasmo e devoção, o levita de vestes negras, os raros cabellos eriçados, a maceração no rosto e tremor convulso nos labios. Era padre Diniz.

Antes da palavra, vieram as lagrimas. A's lagrimas succedeu a eloquencia dos gemidos, o hymno do anjo da dor cantado sobre o tumulo. Tremiam a sezão do fervente enlevo os que, mais corajosos, poderam ouvil-o. Alguns retiraram-se com o lenço nos olhos, e arquejan-

tes no coração. A oração expirava, quando principiou
orgão. O padre demorou-se no pulpito com a front
pousada no parapeito. Assustaram-se. Foram, e condu
ziram-o á cella, esvaído, como se, com a ultima lagr
ma, exhaurisse a derradeira gotta de sangue.

VIII

Na *Praça da Alegria* á porta de uma casa de tre
andares, decorados de persianas vèrdes, e opulentos co
tinados nas janellas, parou uma carruagem.

No mesmo quarteirão, á janella de uma casa de do
andares, com sacadas de páu, muito expressivas da de
bilidade financeira dos seus locatarios, estavam um
mulher de meia idade, e um homem de cabellos brar
cos, com a barba justamente apoiada sobre a cabeça d
mulher, que fixava attentamente a pessoa que apeav
da carruagem.

— E' o mesmo das outras vezes... — disse a snr
D. Emilia do Loreto, recolhendo-se, ao que parecia, cor
tente de satisfazer a sua innocente curiosidade.

O marido seguiu-a, desceu da testa para a base d
nariz os seus oculos prodigiosos de metal, e abancou
continuando silenciosamente a sua tarefa de copia
musica.

— Tomára eu saber — disse elle, passados alguns m
nutos — que nos importa a nós quem entra ou sáe d
casa dos vizinhos!...

Sua mulher, aparando hostias, que acamava em u
cylindro de lata, não respondeu. O snr. Joaquim d
Reis, ao dobrar a folha do papel pautado, olhando p

cima dos oculos para sua mulher, que não erguia a vista do seu trabalho, continuou:

— Sim... dizia eu, que me importa a mim ou a ti que n'aquella casa das persianas verdes viva uma bonita rapariga, que é visitada todos os dias por um homem que não sabemos se é pae, se irmão, se marido, se amante?!

E a snr.ª D. Emilia calada.

— E o caso é—proseguiu o inexoravel—que me tenho deixado ir comtigo á janella, como se a cousa me désse muito que pensar! Valha-vos Deus, filhas de Eva... Haveis eternamente de convidar os filhos de Adão a comer do pomo prohibido!...

D. Emilia suspirou profundamente.

A leitora, ciosa das suas regalias do *dom*, custa-lhe a conceber a razão por que aquella mulher, que vive de fazer hostias, não ha de ser simplesmente a snr.ª Emilia, casada com o snr. Joaquim dos Reis, obscuro copista de solfa.

É por motivos que vamos annunciar-lhe.

D. Theotonio de Mascarenhas, monsenhor da patriarchal, e filho segundo de uma das tres mais antigas familias de Lisboa, era o pae de D. Emilia do Loreto, de D. Antonia dos Prazeres, e (suppomos que era) de D. Maria Amalia. A mãe d'estas meninas era uma mulher de baixo nascimento, que principiára vendendo peixe a Ribeira Nova, que passára aos dezoito annos com uma barraca de fruta para a Ribeira Velha, e que se estabelecera aos vinte e cinco annos com loja de bacalháu á Conceição Velha, na casa que faz esquina para um bêco que conduz ao bairro de Alfama.

O estabelecimento de bacalhau, abundante e acreditado, revelava um rapido impulso, dado por favor estra-

nho, ou milagre de Santo Antonio, aos cabedaes da snr.ª Anacleta, abaixo de mediocres. É que, a esse tempo, estava ella adscripta á poderosa fortuna de monsenhor, que a tomára como sua, desquitando-a, á custa de muito dinheiro, da posse de um beneficiado da sé, que a mudára dos linguados e tainhas da Ribeira Nova para as melancias e castanhas da Ribeira Velha.

Os do seu tempo diziam que a bacalhoeira era uma desenvolta mulher, capaz de encadear em uma apostrophe nervosa quantas obscenidades inventaram as gerações de peixeiras, que lhe legaram uma barraca na Ribeira. Acrescentam, porém, que não podia conceber-se mulher nem mais formosa, nem mais elegante.

D. Theotonio de Mascarenhas era invejado, e tinha orgulho de sel-o. Não escondia a sua paixão, nem sacrificava a vaidade da sua conquista aos brazões de seus avós, nem á dignidade ecclesiastica que exercia.

Só assim se explica a imprudencia, se não impudencia, com que elle perfilhava as filhas, lindas crianças que a snr.ª Anacleta lhe dava, como frutos da sua fidelidade, porque, sejâmos francos, as duas primeiras eram o pae pintado na finura da organisação, e no bello castanho dos olhos vivos.

Mas eram tres, como já dissemos, as creaturinhas. A terceira (caprichos da natureza!) não tinha nem a delicadeza de fórmas, nem o orgulho scintillante das outras. Fatalmente, uma desastrada coincidencia veio afrouxar o favor paternal no coração do monsenhor. Fizeram-lhe indiscretos amigos acreditar que um espadaúdo capitão de cavallaria foi visto saír de madrugada pela porta traseira da casa da snr.ª Anacleta. D. Theotonio, apaixonado amante, mas philosopho reflectido, espreitou uma poucas de madrugadas, e nada viu. O aspide da sus

peita, ainda assim, tinha-o mordido. A farpa ficára-lhe na alma, e só o tempo poderia desencravar-lh'a. E' justamente o que elle esperava, quando nasceu a terceira menina, que se não parecia com seu pae.

O prebendado curtiu silencioso a affronta, que poderia, comtudo, não ser affronta. Fallou aos medicos, consultou a sciencia no seu gabinete, interrogou o phenomeno da geração, e quando viu que as respostas eram equivocas, e que os mais celebres medicos lhe davam como possivel a geração sem rigorosa semelhança de traços corporeos, o importuno accommodou-se. Ora, D. Theotonio, entre as virtudes que tinha, avultava na da imbecilidade moral, virtude austera mantida sempre na longa serie de seus avós.

Como quer que seja, não podia ser inteiramente superior ao dente do ciume. Com bons olhos nunca elle olhou para Maria Amalia, que a extremosa Anacleta lhe fazia dar pulinhos nos joelhos, e dizer, *papá, chi chi,* e outras muitas meiguices, que o celibatario — o peior de todos os homens (isto é, o celibatario mais celibatario que o proprio padre) não sabe comprehender.

Maria tinha nove annos, e não fora ainda perfilhada. A snr.ª Anacleta, como boa mãe e solicita curadora do futuro de suas filhas, fallou pela primeira vez em perfilhação ao pae das suas fidalguinhas, como ella intitulava o monsenhor da Patriarchal.

A resposta não lhe quadrou. Aquelle sorriso, seguido do silencio peior ainda, irritou-a a ponto de pedir á sua memoria reminiscencias de uns certos discursos com que ella costumava conter em respeito as suas vizinhas, e os seus impertinentes freguezes do bacalháu.

— Então que celebreira é essa?—perguntou ella, cruzando os braços, e afastando uma perna da outra em

postura graciosa, mas nada honesta. — Temos asneira? Fina vae ella!... Então esta é menos que as outras? Não queres ser o pae d'esta?

Este interrogatorio vinha perfumado de um recheio de palavras escolhidas, as quaes antes queremos que o leitor não as usurpe aos ouvidos exclusivos de D. Theotonio, visto que foram propriedade d'elle.

O fidalgo, enxovalhado pela franca Anacleta, retirou-se calado, como prudente inimigo de escandalos, na presença de suas filhas, a mais velha das quaes tinha quatorze annos, e a outra treze.

Desde esse dia, infausto para a tranquillidade, que reinára ao menos apparente, durante quinze annos, n'aquella casa, Anacleta retirou os seus carinhos ás duas filhas perfilhadas, e desvelou-se em mostrar ao monsenhor que a escolhida do seu coração era a mais nova.

Retirados os carinhos, vieram as violencias. As pobres meninas, educadas em mestra fóra de casa até aos onze annos, não conheciam sua mãe, nas feições mais salientes do seu caracter. Descaídas da graça materna, viram-se a luctar com a antiga regateira. Aterraram-se, não ousavam queixar-se. O pae, supposto que palerma, era pae, e comprehendeu-as. Lembrou-se de as afastar da influencia da mãe; receiou, porém, perder o amor de Anacleta, paixão verdadeira que se enraizára n'aquelle coração fraco, humilde e incapaz de se revoltar contra a fascinação, que o agrilhoava á vergonha. Mas—pergunta a logica—por que não perfilhava elle a terceira filha? Por que não restabelecia a paz domestica, se não tinha provas bastantes da desleldaade da mãe?

Pobre homem! as provas vieram depois. Dois annos antes tinha morrido no hospital dos militares um major

de cavallaria, que mandára restituir pelo seu confessor a D. Theotonio de Mascarenhas cem peças que lhe foram dadas por Anacleta, dinheiro que elle conscienciosamente sabia que era d'elle monsenhor.

Era nescio ou não era? Tinha ou não tinha razões para engeitar a bonitinha moçoila que se lhe apresentava como sua filha?

D. Antonia dos Prazeres, a filha segunda, exhausta de paciencia, queixou-se ao pae. O bemaventurado ouviu-a, e disse-lhe que se resignasse, porque a desobediencia era uma tremenda culpa no juizo de Deus. A pobre menina pediu forças ao Deus dos tremendos juizos, e esperou.

Qualquer das duas podia disputar a belleza de sua mãe. O que a mãe não podia disputar-lhes era a doçura suave das maneiras, o ar aristocrata, as elevadas inclinações d'aquellas duas almas, que se identificavam nas mesmas lagrimas, no mesmo conforto e nas mesmas esperanças.

Anacleta era uma furia. A entrada de D. Theotonio era sempre saudada com uma estrondosa salva de epithetos sonoros desde *pelitrão* até *patife*. O illustre descendente dos Mascarenhas, algumas vezes chorou, e muitas outras fugiu. Triste cousa era para as filhas a raiva do pae! A mãe procurava-as, cuspia-lhes na cara o fel que lhe sobejava, e entre as lisongeiras ameaças que lhes fazia, a mais suave era annunciar-lhe que haviam de vender peixe na Ribeira, como ella o vendera antes de se entregar a um monstro. Em honra da snr.ª Anacleta, seja dito que não confessou ás filhas que passára pelos braços de um conego antes de se entregar ao monstro, com a bagagem do conego, segundo diziam, e é provavel.

Deu-se um facto, que apressou o desfecho desgraçado que se annunciava n'aquella familia. D. Theotonio recolheu-se um dia ao seu quarto, abriu as suas gavetas, vasou sobre uma banca alguns sacos de cruzados novos, contou os rolos de peças que tinha melhor acondicionados em um cacifro de charão, recolheu tudo, fechou tudo, e principiou a escrever.

Anacleta espreitava-o anciosamente. Se o espirito do clerigo não estivesse tão absorvido n'aquella operação, poderia ouvir as pulsações do coração da bacalhoeira. A mulher suava de afflicção. Duas idéas terriveis a dilaceravam... «Virá elle, movido por alguma nova suspeita, contar o dinheiro, de que eu tirei as peças para o capitão?... Mas o capitão morreu ha dois annos... É impossivel!... Então que é isto? Quererá tirar-me de casa o dinheiro, e as filhas que são d'elle... Então a minha querida Maria fica desgraçada... Não quero... não ha de ficar desgraçada... não ha de...

Aqui está o que fazia contorcer-se á porta do quarto a soberana do coração do monsenhor.

Passados quinze minutos, D. Theotonio dobrou o papel em que escrevera, collocou-o na gaveta do seu dinheiro, fechou-a, meditou alguns segundos, e saíu. Ao passar por Anacleta estendeu-lhe a mão, e disse-lhe suavemente :—Venho hoje ceiar comtigo.

— Como quizer... a panella não se augmenta—respondeu ella, sacudindo as saias, como quem se levanta da costura.

Mal o padre voltára para a rua dos Fanqueiros, Anacleta entrou no gabinete, e fechou-se por dentro. Abriu com chave falsa a gaveta, não tocou no dinheiro, e leu sofregamente o papel, que continha o seguinte :

«Apontamentos para o meu testamento.

«Tenho em dinheiro cento e oito mil cruzados, que serão assim divididos: quarenta mil cruzados para cada uma de minhas filhas Emilia e Antonia, que perfilhei por mercê régia de 16 de agosto de 1792, e 5 de setembro de 1804. Restam vinte e oito mil cruzados, que serão empregados em uma propriedade de casas, cujo usufruto deixo á snr.ª Anacleta dos Remedios, mãe de minhas filhas, e a estas por morte d'ella...» Seguiam-se apontamentos sobre suffragios, que a snr.ª Anacleta não leu.

Ai! pobre D. Theotonio de Mascarenhas!

A gorgona saíu com meia cara livida, e outra meia escarlate. O papel tremia-lhe nas mãos, e duas vezes fez uma careta horrivel, e ameaças de rasgal-o. O anjo máu susteve-a, e inspirou-lhe uma pouca de philosophia e reflexão.

Anacleta entrou no seu quarto. Atirou-se a chorar de raiva para cima da cama, mordeu o travesseiro, rasgou a coberta, e arrancou punhados de cabellos. A filha, a chorar ao pé d'ella, nem essa a distrahia. Depois de furia tornou a ser philosopha. Meditou, e o quer que foi lhe veio á cabeça, que lhe fez saltar pelos olhos faiscas de alegria feroz. Entrou cautelosamente no gabinete do monsenhor, collocou o papel onde o acharam, fechou a gaveta e a porta, e veio sentar-se onde o beneficiado a deixára.

As duas meninas maravilharam-se, na sua agua-furada, onde trabalhavam, quando sua mãe lhes mandou dizer que lhe viessem fazer um bocadinho de companhia.

Vieram a tremer da maldade que se mascarava, e encontraram-a risonha e affavel, como nos primeiros tempos da sua volta do collegio.

— Sentem-se, meninas. Vejo-as a fugirem de sua mãe como se foge de uma madrasta sem entranhas!

— Nós não fugimos...—balbuciou Antonia.

Maria, a mais nova, ia abraçar-se em suas irmãs, quando a mãe lhe disse colericamente:

— Venha para alli... não vá onde não é chamada...

— Deixe-a vir, minha mãe!...—disse Emilia—Que mal fazemos a nossa irmã, ou que mal nos faz ella?

Anacleta conheceu a sua impetuosa indiscrição, e disse á pequena:

— Vae, vae... eu estava a sondar se eram amigas de sua irmã mais nova.

— Por que o não seremos?...—disseram ambas: e abraçaram-a com sincera ternura.

— Pois, filhas, bem mal nos tem feito a todas a desconfiança que eu tinha a seu respeito...

— Qual, minha mãe?—interrompeu meigamente Antonia.

— Pareceu-me que olhavam como de mais n'esta casa esta menina...

— Santo nome de Jesus!— disse Emilia —A nossa irmã, que beijavamos com tanto amor, quando vinhamos do collegio, anciosas por abraçal-a!... Não se lembra das guerras que eu tinha com a mana Antonia a ver qual de nós andaria com ella ao collo mais tempo?... A mãe é injusta no seu silencio... responda-me pelo amor de Deus... não se lembra?

A consciencia estava atormentando Anacleta. Aquella alma de tigre, na sua forçada atribulação, principiava a arrepender-se de ter chamado suas filhas, na vespera de um attentado horroroso. Para aquelles olhos não haviam lagrimas; mas, se podessem ver-lh'o, o coração estava

negro. O resto de sensibilidade, da pouca com que viera a este mundo, doía-lhe de morte.

—Não fallemos n'isso, filhas... Contae-me as histo-ias dos vossos livros, que eu não tenho tempo de apren-ler... Deveís saber coisas muito alegres...

—E muito tristes, tambem—atalhou Emilia.—Ainda a pouco estavamos lendo uma novella bem triste... A nana chorou bastante, e eu nem pude ler tudo.

—Que era? conta lá, Emilia... alguns amantes in-elizes... ha tantos casos d'esses...

—Olhe mãe... Havia um fidalgo de uma terra... omo era, Antonia?...

—Não sei... é assim a modo de... não sei,.. é um ome de uma terra franceza, muito máu de dizer...

— Isso não importa... — tornou Emilia—era um fi-algo que encontrou uma rapariga de vinte annos muito onita, mas muito pobre. Apaixonou-se por ella, e deu-e palacios, e brilhantes, e o coração, que valia mais ue tudo...

—Quem te ensinou a dizer essas cousas?! — inter-mpeu Anacleta com azedume.

— É como ellas lá vem no livro... Se a mãe quer, io conto mais nada.

—Conta, conta... e depois?

—Depois, a ingrata esqueceu todos os favores que via ao gentil-homem, escarnecia-o na sua ausencia, e mais a mais dava o seu coração a outro homem... Vê e maldade, mãe?

— E depois? —disse a mãe, alinhavando um lenço, m levantar a cabeça.

—A tal Paulina... era Paulina, não era, Antoninha?

—Era, era.

— Á tal Paulina tirava tudo que podia ao gentil-ho-

mem, e guardava-o... aqui é que nós não entendemos as palavras da novella.

—Como eram?—perguntou a mãe.

—Eu vou buscar o livro.

Emilia voltou com o livro aberto.

— Ora escute, mãe... é assim; eu leio: *A perjura sacrificava a fortuna do cego amante, que a arrancára do abysmo da penuria, em proveito do fruto da sua desleal perversidade, que viera á luz do mundo, durante um anno de viagens do gentil homem.*

—Que quer isto dizer, mãe?

Anacleta estremeceu, e disse:

—Tambem não entendo.

—Que pena! — disse innocentemente Antonia.

—E vae depois...—interrompeu a mãe.

—O fidalgo voltou, e sabendo que sua amante era ingrata, reprehendeu-a, e lembrou-lhe a vil condição de que a levantára na cegueira do seu amor... Ai que tristeza, mãe!... Que horror!... n'essa mesma noite, estando elle a dormir, ella... cravou-lhe um punhal no coração...

—Cala-te, cala-te—bradou Anacleta, e fugiu com espavorida de suas filhas. As meninas quizeram seguil-a e ella fechou a porta do corredor, por onde ellas deviam passar.

Voltaram, olhando se espantadas.

—Que seria?—perguntou Emilia.

— Talvez compaixão do desgraçado fidalgo—respondeu Antonia, que era um anno mais nova.

Emilia quiz sorrir-se como quem duvida, e ficou absorta no pasmo de sua irmã.

Pouco depois voltava a mãe com um castiçal. Não tinha um symptoma de lagrimas. Sentou-se tranquilla

mente a costurar. Emilia, com timidez, perguntou-lhe se estava incommodada.

—Não vês que estou boa? — respondeu ella.

Ouviram-se passos na escada, e na Conceição o toque das Avè-Marias. As duas meninas beijavam a mão de sua mãe, depois da oração, quando seu pae entrou.

IX

D. Theotonio recebeu uma tão grata como inesperada impressão, quando viu as filhas ao pé da mãe. Desde muito que não as vira trocar uma palavra. Se acontecia jantar ou ceiar o prebendado em casa de Ánacleta, as meninas corriam á mesa, mas não ousavam levantar os olhos do prato, para não encontrarem os terriveis olhos de sua mãe. Na ausencia do pae, nunca ellas foram chamadas. Recebiam os alimentos no seu quarto, e deviam a uma velha creada não sentirem fome e sêde.

O pasmo do monsenhor augmentou razoavelmente, quando viu a affabilidade com que Anacleta instava com suas filhas para se servirem de um appetitoso guisado de carneiro, que estava fazendo as delicias corporaes e espirituaes do illustre Mascarenhas. A doçura da sr.ª Anacleta, n'esta noite, chegava a todos. O proprio rival infeliz do capitão de cavallaria quinhoou dos raros afagos com que a reforçada e galharda bacalhoeira lhe fazia lembrar os saborosos dias da sua peccaminosa lua de mel.

Finda a ceia, retiraram-se as meninas a commentar a meiguice extraordinaria de sua mãe, e ficaram á mesa os paes, conversando em frivolidades proprias de ambos.

O venturoso fidalgo, no auge de gôso intimo em que se embalava a sua alma não menos repleta de delicias que o seu estomago do chorudo carneiro, depurou o seu coração de um resto de fézes que lá o nauseavam desde o infausto dia em que a deslealdade de Anacleta era facto consummado. Era uma boa alma D. Theotonio. Sobejava-lhe em coração o que lhe minguava em intelligencia, isso sim; mas o coração era bom, e, sem elle, o dignitario da Patriarchal seria um santo, menos equivoco que S. Domingos de Gusmão e Gregorio VII. Quando as Dalilas são garbosas e bem lançadas como aquella decantada Anacleta, não ha Salomões virtuosos. D. Theotonio de Mascarenhas apaixonára-se em uma idade perigosa. Amores aos quarenta e quatro annos, são amores de toda a vida, e ludibriam o coração, que remoça com a cabelleira postiça e dentes emprestados.

As palpebras do monsenhor caíam voluptuosamente sobre os olhos piscos, quando Anacleta, recapitulando a ceia com o oitavo copo de vinho, o despertou da beatitude somnorifera.

—Aqui não se dorme, Theotonio... Estás como os caixeiros da loja?

— Tens razão, cruel, tens razão, vamos lá...

O bom homem levantava-se, esfregando os olhos rebeldes, e espreguiçando-se com sonoros bocejos, quando a bacalhoeira lhe atalhou a pacifica resolução, mandando-o ouvir.

D. Theotonio fixou-a com um olho, e pouco depois abria o outro, e pôz os cotovêlos sobre a mesa.

Anacleta fallou assim:

—Meu caro Theotonio, vamos conversar a respeito das nossas queridas filhas Emilia e Antonia. Não fizeste bem, mandando-as vir para casa, vae em dois annos. O

que ellas sabem pouco é. Para coser, bordar e ler, isso aprendiam-o ellas em casa. Quando te disse que as mandasses para o collegio, sempre pensei que as mandarias aprender a tocar, como ha muitas raparigas por ahi, que não chegam aos calcanhares das nossas filhas. Eu não as quero para bacalhoeiras. São tuas filhas, perfilhaste-as, e quero que a sua educação condiga com o seu nascimento... Tu dormes?

—Se durmo!... Estou a ouvir-te, minha querida... e gósto de te ouvir fallar assim... Vejo que estás arrependida de as tratares asperamente, ha certo tempo para cá.

—É verdade... mas... mal remediado, mal passado... A este respeito é melhor dar um ponto na bôca, de parte a parte... Com aguas passadas não móe o moinho...

—Pois sim, Anacleta, o que foi, foi. Eu tenho feito o que faria um bom pae de familia para a paz e boa harmonia de sua casa. Tens-me tratado mal, tens sido má commigo, ingrata sem razão, e, não bastava ser infiel amante, foste má mãe... Tenho callado commigo tudo isto; mas Deus sabe o desgosto que trago commigo, e que dará cabo de mim...

A snr.ª Anacleta baixára humildemente a cabeça, e parecia contar as migalhas de pão com o palito. O pacifico amante continuou:

—Calei-me, e morreria sem nada te dizer, se te não visse hoje arrependida. Anacleta, tu és a minha paixão, a minha familia, e tudo... Perdoei-te uma infidelidade como perdoaria um erro a uma de nossas filhas... Bem vês como sou teu amigo... O que eu mal podia perdoar-te era a impertinencia com que tratavas essas meninas, que nenhuma culpa tinham de ser minhas fi-

lhas... Hoje, ou eu me engano, ou o teu coração é outro. E' por isso que te accuso para te perdoar. Sê minha amiga, não me faças amargar na velhice as imprudencias de rapaz. Pouco poderei viver; mas esse pouco queria-o viver á tua sombra, e com os teus carinhos. Agora diz o que quizeres, Anacleta.

A corajosa mulher ouviu impassivel as queixas do reconciliado amante. Cumpria-lhe, porém, o fingimento, e soube dar-se uns ares de pungida, que lhe não ficavam bem n'aquelle rosto de bronze. Passados os momentos de silencio, que o artificio exigia, respondeu:

—O que eu peço, Theotonio, é que as nossas filhas entrem em um collegio, onde aprendam a tocar piano, e outras prendas que são muito proprias em meninas do seu nascimento.

—Pois que vão. Graças a Deus, não lhes faltarão os meios, que os ha de sobra... bem o sabes... Agora, Anacleta, fallemos de outra cousa. Eu quero que essa menina, chamada Maria, e que eu não posso desgraçadamente chamar minha filha, entre no mesmo collegio, e receba a educação das cutras...

—Não vae, não quero que ella vá...—atalhou Anacleta, accusando na voz e nos olhares a cólera que lhe não cabia no coração.

—Por quê?... não me dirás?

—Porque não. Maria, já o disseste tu, não é tua filha, não a perfilhaste, e eu não quero que ella tenha a agradecer favores ao pae de suas irmãs. O que eu tinha quando vim para a tua companhia, pouco é, mas esse pouco é d'ella. Será bacalhoeira como sua mãe, e não saberá que tem irmãs fidalgas. Não as quero juntas; é preciso que se não vejam, para se não invejarem

depois... Cada qual siga o destino que lhe dá o seu nascimento...

O monsenhor julgou o arrazoado da illustrada peixeira como um heroismo digno dos tempos classicos da mãe dos Gracchos, unica mulher que elle conhecia da historia antiga. Na grandeza d'aquelle sacrificio viu o candido Theotonio a expiação a que a contrita mulher se sentenciava na pessoa de sua filha, fruto amaldiçoado da deslealdade. Nunca tão fervorosa lhe fascinou a idolatria a snr.ª Anacleta dos Remedios! A' vista de tal abnegação, D. Theotonio lembrou-se da progenie dos Mascarenhas, cuja tradição era abundante em repentes heroicos e lances imprevistos. D. Theotonio ergueu-se, como se o hombro de um gigante o lançasse fóra da cadeira. Estendeu o braço como S. Vicente Ferrer, que elle admirava no côro da Patriarchal, e exclamou:

— Anacleta, a tua filha, depois da minha morte, terá igual quinhão de fortuna com as minhas filhas!

O dramatico Mascarenhas deu no raso da comedia humana, quaudo a fula Anacleta, tambem de pé, lhe agradeceu assim a magnanimidade:

— Não aceito semelhantes esmolas. Já te disse que minha filha não aceita favores. Pobre ha de sel o; mas agradecida ao pae de suas irmãs, isso não... E não fallemos mais de Maria! Emilia e Antonia quero que vão ámanhã para o collegio. A minha ha de ir para onde i mandar sua mãe. Não é filha de fidalgo, mas... seu pae não consentiria que ella recebesse esmolas...

D. Theotonio perdeu a cabeça, e interrompeu:

— Mas elle precisava d'ellas...

— Elle!... elle!...—bradou Anacleta, estremecendo a sezão da raiva.—Responda, seu biltre!... quem precisava de esmolas?... o pae de minha filha?!

O monsenhor estava aterrado. Seccou-se-lhe a saliva na lingua, e não pôde responder. Entre as variadas sensações que experimentou, predominava a do mêdo. Diante d'elle estava uma cara transfigurada pela cólera. Saltavam uns olhos, que pareciam duas ginjas garrafaes. Era a primeira vez que elle via arquejarem como dois folles as azas do nariz da snr.ª Anacleta; e não só arquejavam, fumegavam, que é mais extraordinario ainda. Pobre homem! se se não senta, cáe apopletico e desastradamente aos pés da Margarida de Borgonha da Ribeira Nova!

Anacleta retirou-se precipitadamente, quando ouviu os passos das duas creadas, que acudiam aos gritos desentoados de sua ama.

Encontraram no pasmo da sua dor o infeliz quinquagenario. Perguntaram-lhe o que acontecera, e elle, arrancado ao seu torpor, pegou do chapéo, e saiu com as lagrimas nos olhos.

Se a demasiada imbecilidade excita a compaixão, D. Theotonio de Mascarenhas era digno d'ella.

X

Em casa da snr.ª Anacleta dos Remedios, á meia noite, duas horas depois que o beneficiado saíra, ador mecera tudo, menos ella. Chorava de remorsos? Não. Vexava-se da indole rancorosa com que a educação dotára? Longe d'isso: assoberbava-se.

Abrindo cautelosamente a porta do seu quarto, escu tou. Certificada do silencio, apenas alterado pela gat impaciente fóra da cama de sua dona, saíu ás escura

desceu as escadas, bateu de mansinho na porta interior que se abria para a loja do bacalháu, e esperou. Momentos depois, abriu-se a porta, e a pessoa que, tão depressa, veio ao chamamento, seguiu, escada acima, a snr.ª Anacleta.

A' luz do quarto, onde entraram, podemos ver a nova personagem. Era o caixeiro mais antigo da loja: um rapazola de trinta annos, cara avinagrada, olhos pequenos e piscos, nariz quadrado, queixo inferior rombo e vermelho como o bordo de uma pingadeira. No resto era estupidamente regular. A snr.ª Anacleta, fechada subtilmente a porta, sentou-se na cama, ao lado do caixeiro, e disse affavelmente:

— Joaquim, vamos fallar do nosso futuro. Nunca te fallei n'isso, mas o que ha-de fazer-se ao tarde faça-se o cêdo.

— Vamos a isso — disse o snr. Joaquim, arregalando os olhos, e botando a lingua de fóra, costume pessimo que já a snr.ª Anacleta quizera inutilmente corrigir-lhe.

— Se eu quizesse casar comtigo...

— Era logo...—atalhou o alvar, dando uma palmada na perna da patrôa.

— Olha que a perna é minha... Escuta, meu grosseirão...

— Então que é?

— Quero casar comtigo...

— E o fidalgo?

— O fidalgo...—balbuciou a bacalhoeira—o fidalgo...

— Sim... a patrôa quer deixal-o?

— Por ti, deixo...

— Essa é boa! Então, pelos modos, isto é dito e feito!

— Espera.

Anacleta pensou um momento. Levantou-se... Tirou do fundo do bahú tres chaves, pegou no castiçal, e disse a Joaquim que a seguisse muito de vagar.

Foram. Anacleta abriu a porta do gabinete do monsenhor; abriu, em seguida, a gaveta do dinheiro, chamou Joaquim, disse-lhe que tirasse o cofre de charão abriu-o com a terceira chave, reparou no pasmo soez e brutal do caixeiro, e disse-lhe quasi ao ouvido:

— Sabes que dinheiro aqui está?... Cento e oito mil cruzados.

— Ui! — exclamou o caixeiro, abrindo os olhos e alongando os beiços no prolongado som d'aquella syllaba — Isto é seu, patrôa?

— Não. Isto é do fidalgo... mas póde ser nosso, se quizeres ser meu marido...

— Póde?! então como?!

— Fechemos isto, que ainda não é nosso...

— Deixe-me ver mais um bocado... — dizia o idiota fascinado sobre os cylindros das peças.

— Já viste... levanta... põe aqui... bem... agora fechemos tudo... anda... de vagar... vamos para o meu quarto.

— Joaquim, — disse a snr.ª Anacleta — sabes que d'aqui a dias o dono d'aquelle dinheiro abandona esta casa, levando o dinheiro para a d'elle?

— Oh!... isso é o diabo!...

— E, se elle o faz, acaba o meu estabelecimento, fico pobre, e o nosso casamento não se faz. Que achas tu que devemos fazer?

— Eu sei cá?... E' não casarmos... Mas isto do dinheiro saír para não tornar, sempre lhe digo que é má obra, patrôa! Cento e oito mil cruzados já é dinheiro. Então o homem desarranjou-se, pelo que vejo, cá em casa

— É verdade... E foi por tua causa...

— Essa é muito boa!...

— Suspeitou das nossas relações, e quiz que eu te despedisse. Zanguei-me, bati-lhe o pé, berramos a bom berrar esta noite, e elle retirou-se, dizendo que de quarta feira em diante nada tinha a fazer n'esta casa. Hoje é segunda, ámanhã ou depois vem elle buscar o dinheiro, e depois, Joaquim, eu fecho a loja, porque tenho dividas, e não posso pagal-as, se me falta a protecção d'esse monstro.

— A fallar a verdade, não sei o que se ha de fazer...

— Que miserave! resposta me dás, ingrato!... Vou ficar desgraçada por tua causa, e a paga que me dás é dizer que não sabes o que se ha de fazer... Valha-te o diabo, papalvo, nem ao menos sabes ser bom para ti!

— Então que quer, patrôa? Diga lá o que se ha de fazer, que eu da minha parte não sou homem de... sim, quando é necessario ser homem vou com a cara p'ra diante.

Anacleta, reanimada pelos eloquentes brios do snr. Joaquim, aventurou-se a apresentar o programma do seu plano, concebido em poucos minutos.

— Eu vou dizer-te uma cousa, Joaquim. Se estiveres pelo que te disser, muito bem; se não estiveres, mal servido estás commigo. Todo o amor que te tenho, muda-se em raiva!...

— Se Deus quizer não ha de ser assim, patrôa. Falle com toda a franqueza, e conte com a minha affeição.

— Escuta. Só temos um meio de sermos ricos, casados, e felizes para toda a vida. É necessario matar este homem.

Joaquim parecia atacado subitamente de cólera! Eriçaram-se-lhe os cabellos. Secaram-se-lhe os beiços, e

suava da testa um liquido semelhante a gema de ovo. Anacleta viu n'aquella cara a reprovação do crime premeditado. Olhou-o, e sentiu-se, um momento, horrorisada tambem. A idéa sanguinaria estava no seu desfecho; a realidade não podia escapar-se quarenta e oito horas, e a hyena, farejando o sangue, comprehendeu de um relance que era tardio o arrependimento. O segredo fora revelado a um covarde. O caixeiro era indigno de figurar no plano faccinoroso. Tudo isto ella viu e conheceu; mas para tudo era impossivel o remedio. Que recursos, n'aquelle aperto, lhe segredaria o demonio? Os extremos.

Anacleta avançou para o caixeiro um passo, e murmurou-lhe ao ouvido estas palavras:

— Olha... que elle ha de morrer... isso ha de. Se me não auxiliares, não importa... eu sou capaz de o esganar a elle com um braço e a ti com outro... Se disseres uma palavra a tal respeito, nem no inferno escaparás. Com cento e oito mil cruzados sou capaz de comprar a tua ultima gotta de sangue... entendes-me, Joaquim?

Cada vez mais brutificado pelo susto, o livido caixeiro não tinha já esperanças de sair inteiro d'aquelle quarto. Anacleta contorcia-se em esgares diante de um homem de gêlo, que não reprovava nem aceitava as condições do homicidio. Era preciso tentar outra brecha.

— Joaquim,—disse ella com menos fogo—ouve-me. Eu não quero que tu o mates, não. Quero ser eu sósinha, eu só, a que me vingue, e te vingue a ti, homem de lama, que não tens alma para nada. O que tu has de fazer é muito pouco, para tudo ganhares; escuta-me...

A bacalhoeira foi interrompida por tres pancadas fortes na porta da rua, e tres menores seguidas á ultima.

Era o signal de D. Theotonio de Mascarenhas. Anacleta alvoroçou-se, empurrou o caixeiro, e fechou-se por dentro, recolheu-se á cama, e apagou a luz.

Bateram de novo. As creadas acordaram; reconheceram o signal, e foram abrir a porta.

O monsenhor subiu até ao quarto de Anacleta. Bateu mansamente; a porta foi-lhe aberta.

— A esta hora?!—perguntou suavemente Anacleta.

— A esta hora, minha amiga. Accende-me uma luz: quero que vejas no meu rosto quanto tenho soffrido.

— Soffrido?! É boa essa!... E por quê?

— Porque te magoei, Anacleta... Venho pedir-te perdão... Eu não devia lembrar-te cousas passadas... Tive-se um erro, mas em bom panno cáe uma nodoa. O teu coração é bom; e eu é que fui cruel em mortificar-te... Anacleta, perdoas-me?

O prebendado caíu de joelhos ao pé da cama da remfeitora do capitão de cavallaria, e soluçava aos cinquenta e oito annos, como aos dezoito a sensibilidade costuma fazer chorar aos pés de uma mulher aquelles que lhe dão um immerecido soffrimento.

A cara bronzeada da bacalhoeira viu tudo aquilo serenamente. O monsenhor, finda a apostrophe lacrimosa, levantou-se, como perdoando-se a si proprio, e teve o desesperado desembaraço de sellar o novo pacto de alliança com um beijo, que a snr.ª Anacleta recebeu immovel e silenciosa.

— Conto com o teu perdão, minha querida?—replicou D. Theotonio.

— Faz favor de me deixar?—disse ella, virando-se para a parede—Isto são horas de dormir... ámanhã fallaremos em perdões...

— Adeus, Anacleta... é uma hora... desde as dez

não tive um minuto de repouso... vou mais socegado. Dorme em paz, minha amiga, e até ámanhã... Virei almoçar comtigo, sim?

— Venha quando quizer... esta casa é sua...

D. Theotonio apagou a luz, e saíu. Levava outro semblante, e alliviára o coração do peso do remorso.

Seguras as portas, Anacleta levantou-se. Desceu as escadas que descera ha pouco, entrou no quarto do caixeiro, e fechou-se por dentro.

Era necessario não abandonar a si proprio o «homem de lama». A vinda do monsenhor tolhera o relatorio do programma, em que Joaquim era isento de perpetrar o homicidio directamente. Iam ser feitas novas propostas. Receiosa do resultado, Anacleta desceu com um punhal no cós da saia branca.

XI

Ás dez horas da manhã do dia seguinte, recolhia de fóra Anacleta, e dizia a suas filhas que arranjassem os seus bahús para entrarem em um collegio, depois de jantar. Ao mesmo tempo mandava preparar as duas creadas para acompanhal-as e ficarem com ellas, visto que não queria suas filhas menos respeitadas que as dos condes e marquezes, que as mandavam entregues aos cuidados das suas aias. Esta nova foi recebida com immenso prazer pelas meninas e pelas creadas. D. Theotonio, que se achava presente, esperando Anacleta desde as oito horas, compartia do geral contentamento.

As meninas abraçaram seu pae, chorando, e fizeram valer as mesmas lagrimas para sua mãe, que não seria

capaz de merecer-lh'as. Habituadas a temel-a, odiavam-a, por fim, e envergonhavam-se de terem nascido de tal mulher.

O contrito Mascarenhas, n'esse dia, acarinhava Anacleta como nunca. No sorriso d'ella carinhoso tambem, traduzira o prebendado litteralmente o seu perdão. Não só almoçou, mas jantou com as filhas, e, distrahido com os jubilos da sua reconciliação, nem tempo teve de sentir a ausencia das pequenas.

O que mais cuidado lhe dava era ver Anacleta fazendo o serviço da casa, porque as suas creadas não tinham sido logo substituidas. Elle mesmo quiz procural-as; mas não lh'o consentiu a energica bacalhoeira que parecia rejuvenescer no seu elemento, quando na banca da cozinha escamava uma pescada.

Na ausencia de D. Theotonio, que principiava a importunal-a com os seus beijos á traição, Anacleta saíu, e demorou se uma hora. Voltando, deslacrou uma garrafa de vinho, desarrolhou-a, vasou-lhe dentro um pequeno vidro de liquido pardacento, vascolejou a garrafa por muito tempo, lacrou-a outra vez, enfileirou-a na garrafeira, contando as que lhe ficavam antes, para evitar um engano.

O que aquella garrafa continha, além do vinho, eram duas onças de morphina.

Ao anoitecer, Anacleta desceu á loja, fallou com o caixeiro alguns minutos, e subiu a fazer a ceia, cantarolando a *Maria Cachucha*, cançoneta valída, em que a garbosa moça *pimpára* na Ribeira Nova.

Ao mesmo tempo, Joaquim, industriado pela ultima entrevista que tivera com a patrôa, chamou dois gallegos da esquina proxima, aos quaes disse :

— Estejam promptos ás onze horas da noite para le-

varem alli ao Tejo uma barrica de bacalháu pôdre.

D. Theotonio de Mascarenhas, mais anafado que nunca, appareceu de subito na cozinha, quando Anacleta frigia a ultima posta de pescada. Ria-se jubilosamente a physionomia do monsenhor, quando a bacalhoeira assustada, ao volver o rosto, encontrou os labios emboscados do carinhoso amante.

— Ai... que graça tão tola!... — resmungou ella, entornando a certã no fogão, e limpando a face ao avental — Já podia ter juizo! — continuou, com esgares e arremessos, que deixaram o pobre homem como paralytico, encostado á capoeira.

— Que coração tu tens, Anacleta!... — murmurou o lastimavel fidalgo — Quem te viu, e quem te vê!... Achas-me velho, sem juizo, sem graça, tolo, emfim nada valho para ti!... Ora, pois... Deus te não castigue, assim como eu te perdôo...

— Deixemo nos de lagrimas... Leve o diabo paixões, e quem com ellas medra... Vamos ceiar, e estão as pazes feitas.

Dito isto, a snr.ª Anacleta conduziu para a mesa uma travessa de peixe frito, e uma terrina de alface, emquanto a vergontea do venerando tronco dos Mascarenhas ia adiante com o candieiro de quatro bicos.

O beneficiado tinha uma excellente organisação, e a melhor das almas para viver n'este mundo. Comia com famelico appetite, e poucos segundos roubava á deglutição para responder ás meigas graças de Anacleta.

— Abre uma garrafa d'aquelle que nós sabemos — disse o monsenhor, piscando o olho profanissimo á gentil conviva, que lhe estava tocando na perna, ao que deve colligir-se das caretas um pouco lubricas do grande dignitario da Igreja.

Anacleta abriu a quinta garrafa, encheu o copo de D. Theotonio, e tambem o seu.

O folgado velho virou o copo, como saboreando a ultima gotta.

— De velho está azedo! — disse elle, franzindo o nariz.

— Já notei isso... — disse Anacleta — Este vinho parece-me que está estragado.

— Enganas-te. O vinho é excellente; o meu paladar é que não está bom. Vamos ver se o segundo se dá melhor commigo que o primeiro.

Vasou segundo copo. Embuchou a quarta posta de pescada, e preparava-se para aggredir terceira vez a garrafa, quando a mão lhe caíu insensivelmente sobre o copo.

— Que é? — perguntou Anacleta.

— Não sei... estou bebedo... parece-me que vou dormir...

A criminosa sentiu o primeiro abalo do remorso, quando viu sensiveis os primeiros effeitos do veneno. Fugiu do quarto e entrou no de sua filha, que dormia desde as Avè-Marias. Como se precisasse de um ente vivo que a protegesse do terror que a desalentava, abraçou-se á menina de onze annos, que abrira para sua mãe os olhos pávidos.

Apenas separada por um repartimento de tabique, passava-se na saleta proxima uma scena horrivel.

D. Theotonio ergueu-se da cadeira com os olhos anuviados, e estendeu os braços sobre a mesa, procurando Anacleta para o conduzir á cama. Chamou-a com voz tuca, arrancada violentamente ao torpor geral, que o fez caír de bruços sobre a mesa. As pupillas, opiladas, saíam-lhe fóra das orbitas. Um suor repentino inundou-lhe a face, contrahida em todos os musculos de um

amarello côr de ocre. As ancias eram dilacerantes, mas não vomitava. Corriam-lhe convulsões por todo o corpo, e nas orelhas, que tremiam, em titilações significativas de congestão, estavam visiveis os symptomas de morte apopletica.

Esta penosa lucta, sem um grito, sem esperança de soccorro, durou vinte e cinco minutos. Anacleta escutava; ouviu um como rugido suffocado na garganta por uma corda, e esperou meia hora. Nem mais um gemido.

Trémula e pallida, abriu vagarosamente a porta, onde acabava de expirar o pae de suas filhas. Viu um cadaver estendido de bruços, ao longo da mesa, com as mãos fincadas nas costas da cadeira em que Anacleta estivera sentada.

Recuou, e desceu á loja.

Eram nove horas e meia.

O caixeiro esperava-a ao fundo da escada.

— Joaquim,—disse ella com a voz espavorida—vae lá acima... Se és meu amigo, não me faças entrar mais onde elle está.

— Pois elle... já morreu? — perguntou o caixeiro maravilhado.

— Já.

— Então isso foi dito e feito!... Eu não ouvi tugir nem mugir!... Estará elle a dormir?!

— Não está, não. Vae tu lá... anda, Joaquim... Tu disseste-me que fazias tudo, depois que elle morresse...

— E faço... A minha palavra não torna atraz...

— Mandaste o rapaz para fóra?

— Disse-lhe que fosse ver a mãe ao Campo Grande. Estamos sós... Não ha que temer.

— Então vae, que eu vou para o quarto da pequena que está a chamar-me.

O caixeiro entrou na casa de Jantar. Tomou-o um terror estupido, quando viu a postura de D. Theotonio. Fez passar diante da sua imaginação cento e oito mil cruzados para reanimar-se. Esteve com o ouvido quasi collado aos beiços do cadaver. Certo de que não respirava, sacudiu-o tres vezes, e encontrou sempre uns braços hirtos, e uma cara salpicada de manchas côr de violeta. Pegou no morto, atirou-o sobre o hombro direito, e desceu ao seu quarto. No meio da escada, sentiu o que quer que foi, deixou cair dos hombros o cadaver, que rolou até ao patamar, abrindo com a cabeça a porta do quarto de Joaquim. Anacleta soltou um grito, quando ouviu este ruido. Quiz correr á escada, mas não teve coragem... «Estaria vivo?!»—disse ella comsigo, ferrando os dentes freneticamente no beiço inferior.

O futuro marido da bacalhoeira veio á casa de jantar buscar uma luz. Desceu até onde o cadaver continuava na sua immobilidade, e acreditou facilmente que se aterrára sem motivo. E tinha razão. O que o assustára fora a derradeira contracção da materia, que é, para assim dizer, os ultimos vinculos da organisação a estalarem. Animado por um novo olhar da imaginação sobre o cofre dos cento e oito mil cruzados, arrastou para dentro do seu quarto o cadaver. Estava alli uma barrica, e ao pé uma rima de bacalháu. Tomou ao alto o morto, e fel-o caír sobre a bôca da barrica. Contra as suas esperanças, o cadaver ficou encalhado sobre as bordas da barrica, e não se dobrava aos esforços do musculoso caixeiro. Meditou instantes, coçando a cabeça. Como felizmente inspirado, correu á loja, veio com uma grossa tranca de ferro, deixou-a caír de alto com toda a força sobre os joelhos do cadaver, e reconheceu que o seu expediente foi bom. Quebradas as pernas, o

tronco resvalou no fundo da barrica, e os pés ficaram de fóra. O habil Joaquim, pela segunda vez pensador, venceu a difficuldade, forçando os pés a cruzarem-se debaixo do pescoço, deixando na barrica dois palmos livres, para encher com bacalháu.

Feito isto com inesperada perfeição e rapidez, Joaquim subiu ao quarto onde Anacleta conversava com sua filha a respeito de Emilia e Antonia. A pequena chorava de saudade por ellas, e pedia a sua mãe que a deixasse ir visital-as no dia seguinte.

Anacleta viu o caixeiro, que lhe acenava da porta, foi a tremer, e esperava alguma nova aterradora, quando elle lhe disse com a mais revoltante serenidade:

— Está prompto tudo, e ficou como se quer. Que horas são?

— Quasi onze.

— Então, Tejo com elle, sim?

— Está visto... Depois, Joaquim, has de vir para ao pé de mim, que tenho mêdo de estar aqui sósinha, sim?

— Mêdo de quê? Quem vae não torna... Tenha cá uma garrafa do chôco, e até já.

Entraram os gallegos no quarto do caixeiro, e levantaram a barrica. O caes está defronte, a trinta passos. Joaquim acompanhava-os. O guarda do fisco, que estanceia n'este caes, vira abrir a porta da casa da rica bacalhoeira, e saír a barrica. Não fez reparo; apenas disse ao caixeiro que não havia ordem para deixar despejar alli á beira do Tejo as barricas do bacalháu pôdre: que fretassem um barco, e a levassem ao meio do rio. Um barqueiro, que ouvira do bote, em que se deitava, esta ordem, offereceu-se para levar a barrica á corrente. Entrou a barrica e o caixeiro no barco. Os gal-

legos ficaram em terra, esperando Joaquim para lhes pagar.

— E' aqui—disse o barqueiro.

— Então, ajuda-me a levar a barrica.

— A barrica tambem vae ao fundo?

— Tambem... que me importa a mim a barrica? Tenho lá muitas, e a patrôa não dá pela falta.

— Assim a cousa vae mais depressa,—disse o barqueiro, pegando de um lado da barrica—upa!... arriba... Vá... agora vira... bem... deixa cair...

— Espera... espera...—gritou o caixeiro.

Era tarde para esperar. Um arco da barrica estalára quando descaíra para o rio. A extremidade do arco quebrado mettera-se entre o colête e a camisa do caixeiro, de modo que a barrica precipitada não lhe deu tempo a desencravar-se do arco, e levou-o comsigo.

O barqueiro gritou por soccorro, e esperou que á tona da agua apparecesse o afogado. A superficie da corrente fechára-se, e apenas em redor alguns peixes alvorocados saltavam á flor da agua.

Anacleta ouvira grande ruido na rua. Corria de quarto para quarto com os cabellos arripiados, e o delirio do terror a chammejar-lhe nos olhos.

— Estou perdida!... Joaquim não vem... Está já preso... Esta bulha na rua a tal hora quer dizer que encontraram o morto na barrica...

Augmentou o pavor, quando bateram á porta com força.

— Que farei? Se não appareço, denuncio-me!... Ah!... já sei o que hei de fazer!... Se me quizerem prender... enveneno-me... antes a morte...

Continuavam as pancadas na porta. Anacleta alentou-se de um desafogo artificial, que mais a denuncia-

ria, se viessem alli procurar o rasto do crime. Abriu janella, e perguntou:

— Quem é?

— Snr.ª D. Anacleta,—disse uma voz—saberá qu o snr. Joaquim morreu afogado...

— Afogado!—bradou ella.

— É verdade. Quando atirava com a barrica á agu embelinhou-se n'ella, e foi p'ra diante, sem o barqueir lhe poder valer... Agora se faz favor de nos mand pagar...

— Pagar o quê?

— Os carretos. São quatro vintens; nós somos os ga legos que levamos a barrica; bem podia dar mais u pataquinho, que o demo da barrica parece que levav dentro o diabo, Deus nos perdoe.

A's lamentações succedera uma gargalhada geral no grupos, que se ajuntavam a syndicar o acontecimento

— Vinde ámanhã—disse Anacleta mais tranquilla

— Pelas suas alminhas—tornou o gallego—mande nos pagar agora, que não temos um chavo para paga a cama.

A bacalhoeira embrulhou em um papel dinheiro en cobre, atirou-o á rua, e fechou a janella.

Umas vizinhas beatas, antigas inimigas de Anacleta ficaram resmungando:

— Sempre foi peixeira...

Dizia outra:

— Olha que mulher, que amizade tinha ao caixeiro que nem manda procurar-lhe o corpo, para lhe fazer suf fragios pela sua alminha, que Deus tenha na sua divi na presença. *Padre nosso, que estaes nos céos...*

E outra.:

— *Requiescat in pace, amen...* Que berzebum d

feitiço terá aquelle mostrengo p'ra trazer em peccado aquelle senhor fidalgo da Patriarchal, que traz mesmo cara de condemnado por ella?... Eu te arrenego!... Sempre é mulher que tem bigode!... Pobre caixeiro... coitadinho!... mais um Padre-nosso por sua alma, ó tia Thereza!... *Padre nosso, que estaes nos céos...*

— E outro ao Menino Jesus dos atribulados, que sempre tem a novena mais bonita, que eu comprei por um pataquinho... Nunca as mãos dôam a quem te fez, minha querida novena do meu Menino Jesus dos atribulados...

— Ora, fique-se com Deus, snr.ª Rosinha... Aquelle lá está; cada qual faça por estar com as suas contas preparadas para o dia final, que cêdo virá... E' verdade, ó snr.ª Rosinha, e que me diz aos jacobinos?

— Eu os arrenego em nome da Santissima Trindade, de Santo Agostinho, advogado contra os hereges...

— Dizem que estão por esses mundos de Christo esses desalmados, que comem gatos e cães...

— E meninos, não sabia esta?

— Credo, credo, Santo Nome de Jesus, minha Mãe Maria Santissima, e todos os santos e santas da côrte celestial, que me diz, snr.ª Thereza?

— E' como lhe digo... Ouvi-o dizer com estes ouvidos, que a terra ha de comer, ao meu confessor, que é aquelle santo franciscano, que faz prophecias e milagres, e vê tudo quanto se passa nas Europas.

— O' mulher, eu estou banzadinha... Santo Breve da Marca! Até tenho arripios no meu corpo, salvo seja! Adeus, adeus, fechemos as janellas... *Minha alma magnifica e engrandece ao Senhor...*

XII

A noite de Anacleta foi infinita. Não era a contriçã nem o pavor da justiça divina, que a atormentava. Era os espectros de duas victimas. Era o lampejo da luz, q pintava phantasmas nas paredes; o ruido dos ratos n fórros, que se lhe afigurava o arrastar-se de um mo bundo. Era tudo que a alma da mulher, excepção ama diçoada á mansidão com que Deus a dotou, póde se tir, acordada de uma embriaguez de sangue.

Anciava peio dia, e o dia veio. A maldita espera socego, quando a luz viesse, e não o tinha. Durante noite, quando Maria fechava os olhos para dormir, An cleta despertava-a; não podia ver-se só. Aquella crian era-lhe um refugio: a vibora assustada escondia-se seio da innocencia.

Dia claro, a criança dormia, e sua mãe escondia vestigios do crime, e lavava o sangue que o cadaver e pirrára, na quéda, sobre a porta do caixeiro. Depois abr a secretária do seu amante de dezeseis annos, e tran portava o dinheiro para um falso desconhecido, aber por detraz do seu leito. Queimava o testamento, fech va a gaveta e o quarto, lançando as chaves, já ago inuteis, ao mais escondido dos fórros.

Principiaram os vizinhos a visital-a, lamentando con ella o fatal successo. Anaclcta, reanimada, porque e impossivel succumbir ao terror uma alma assim, mo trava-se vivamente pezarosa, e, pelo desfigurado das fe ções, de boa fé a acreditavam, e muitos vieram, que r tiraram compadecidos da sensibilidade da pobre senhor

que tão outra era do que devia esperar-se de seus principios.

Vieram creadas novas para casa, e, como se duas não bastassem a entretel-a nos seus tremores da noite, tonou quatro, que se olhavam pasmadas, como se perguntassem umas ás outras se sua ama seria douda.

De casa do marquez do Val veio um lacaio perguntar, na tarde d'esse dia, se o snr. D. Theotonio estava lli. Anacleta respondeu que não; e o creado disse que avia perto de quarenta e oito horas o fidalgo não fora casa de seu irmão. Continuaram de quatro em quatro horas as perguntas, sendo sempre as respostas confirmativas do boato que corria do desapparecimento do nonsenhor da Patriarchal.

Movia-se a curiosidade e a justiça, procurando novas o fidalgo. Deu-se, por ordem do corregedor do bairro, ma vistoria á casa de Anacleta dos Remedios. Encontraram-a carpindo-se da perda do seu bemfeitor, do pae e tres meninas, que ficavam orphãs, e pobres. Foram o gabinete de D. Theotonio, arrombaram as gavetas, charam papeis inuteis, e retiraram sem o mais leve indicio, que os esclarecesse do destino que tivera.

Por affectar pobreza, a bacalhoeira, restabelecida a ena tranquillidade do seu raciocinio, despediu tres creas, e ficou com uma. Desceu a pesar bacalháu, o que o fizera desde muitos annos; continuou a alimentar collegio suas filhas, mas privou-as das creadas, que o podia sustentar.

Mezes depois, esquecera D. Theotonio de Mascaremas, e Anacleta, por não ser mais constante que a sodade, esqueceu-o tambem, não obstante trajar, com scarada impudencia, sempre luto. Como se a concorncia á sua loja augmentasse, a bacalhoeira, que não

vivia já no mesmo predio e bem sabia ella por quê, recebeu um caixeiro e tornou a viver como senhora.

Maria entrava nos treze annos. Tinha mestres de musica e canto, que vinham a casa. Tinha de mais a mais uma aia, que, por alto preço, viera do seio de sua familia nobre, mas decadente, amestrar a menina na arte de bem fallar, e airosamente apresentar se na sociedade.

Os invejosos admiravam o muito que a bacalhoeira podia; mas a sua loja revelava grande commercio, e recebia carregações de bacalháu exclusivamente suas, e d'alli muitos bacalhoeiros de segunda ordem eram fornecidos. Os prudentes não se maravilharam dos lucros que a snr.ª D. Anacleta empregava na opulenta educação de suas filhas.

Antonia e Emilia, nas poucas vezes que vinham a casa, retiravam-se admiradas do luxo de moveis com que sua mãe decorava as salas, e das numerosas relações que contrahira.

Anacleta, n'este tempo, teria quarenta annos. Em certas organisações, esta idade não póde chamar-se o occaso da belleza. Vêem-se, mais cêdo ainda, cabellos brancos, e rugas profundas; mas, para tanto, é necessario que o coração tenha envelhecido, e que a rajada do infortunio, aos vinte e cinco annos, tenha esfolhado as rosas todas da juventude atribulada.

Estas raras excepções não se entendiam com a opulenta bacalhoeira. Os seus cabellos lustrosos eram negros como os de sua filha. O azeviche das pupillas tinha todo o verniz das paixões, cheias de força. A pelle grossa, mas alvissima, com os toques rubros da saude e do sangue irrequieto, não tinham um signal que denunciasse mais de trinta annos, e outros trinta para ser bella. Juntae a isto uma haste elegante, braços muscu

losos, artisticamente roliços do cotovêlo para cima, e pyramidaes para baixo; um pé grande, mas desculpavel como alicerce de tão grandiosa estatua, um vasto peito, branco de neve, e arfando de cheio, fareis uma idéa, remota, mas a unica da snr.ª D Anacleta dos Remedios, qual póde dar-vol-a o espelho reflexivo da imaginação.

Sua filha mais nova era uma organisação mais franzina, mais apurada, mas representando a miniatura de bellos contornos de sua mãe.

Entre as familias que frequentavam a casa da bacalhoeira, mais querida e com mais carinhos recebida era a de um judeu da rua dos Fanqueiros, chamado Moysés Pereira.

O filho de Moysés Pereira, por quem D. Anacleta se sentia apaixonada, era um gentil moço, de vinte e cinco annos, com todos os traços, não degenerados, da formosa raça judaica. Captivo da sua indole depravada, Azarias raras vezes acompanhava sua familia a casa de Anacleta. O que elle sentia por ella eram desejos; mas não suppunha realisaveis os seus planos licenciosos; e outros, mais honestos, como o casamento, eram impossiveis.

Azarias era um dissipador. Consumia a avultada somma que seu pae lhe concedia, e anticipava creditos, que o bondoso pae pagou, até ao momento que se viu em risco de soffrer um abalo na sua fortuna. O joven judeu perdera em poucos dias trinta contos de réis em jogo. Moysés pagou-os honradamente, como severo respeitador da lei do Sinay; mas retirou da vista de seu filho os ultimos cobres da sua gaveta.

Deu-se uma occorrencia agradavel para Moysés. Os seus amigos de Amsterdam mandavam-o immediatamente partir para Hollanda, com a sua familia, onde fal-

lecera seu irmão, e lhe legára uma fortuna de dez milhões.

Moysés aviou os seus negocios, e partiu. Quando esperava encontrar seu filho Azarias no hiate, não o viu. Mandou-o procurar, ninguem o encontrou. O ancião verteu duas lagrimas, e murmurou:—Senhor capitão, levante ferro! Meu filho, não é meu filho!... Partamos.. Seja feita a vontade de Deus.

E partiram.

A essas horas, Azarias estava em casa de Anacleta dos Remedios. Era ella que o retinha em Lisboa, e fazia abjurar a obediencia a seu pae? Não.

Azarias amava até ao delirio outra mulher, inaccessivel pela elevação do seu nascimento, e quasi indifferente á fogosa paixão do mancebo. Não podia abandonal-a; mas não tinha subsistencia para quatro dias. Lembrou-se do ultimo esforço, e tentou-o, sem demorar-se a discutir-lhe a indecencia. Procurou Anacleta na vespera da sua premeditada saída. Surprendeu-a, chorando, como se as lagrimas ternas fossem caracteristicas n'aquella face de bronze.

Para ella foi encantadora a surpreza.

— Vem despedir-se de mim? — perguntou ella, soluçando.

— Venho cumprir esse desgraçado dever... Quero experimentar se tenho coragem para este lance...

— Que lance? Eu não o entendo bem.

— Assim devia responder-me... É o que eu esperava, Anacleta... é o que eu devia esperar da sua alma fria...

— Snr. Azarias!...—disse a civilisada bacalhoeira, com um trémulo de voz, semelhante ao das organisações delicadas — ou se engana commigo, ou eu estou muito

enganada comsigo... Seja franco: por que me diz que a minha alma é fria?

— Porque em dois annos de convivencia, não fui capaz de lhe fazer comprehender que a amava.

— Eu!... que provas me tem dado d'esse amor?

— Que provas?...

— Sim... pois admira-se que eu lh'o pergunte? Quantas vezes acompanhava aqui a sua familía, e apenas me cumprimentava, fugia, se não tinha um pretexto para se retirar com delicadeza!

— Como foi leviana em julgar-me, Anacleta! a que distancia não estava o seu coração do meu! E pede-me provas!... As provas, senhora, são esse meu procedimento, que injustamente calumnía. Reputei-a sempre uma mulher perigosa. Tremia de mim quando pensava nos lances a que me conduzia uma paixão, á qual eu não podia ser superior. Fugia-lhe, sim... empregou a phrase propria, Anacleta, fugia-lhe, porque não podia encaral-a sem me sentir apertado na alma, e delirante no coração...

Azarias principiava a recordar-se de todas as palavras de estalo, e phrases fulminantes, quando Anacleta, mulher que peccava mais por obras, que por palavras e pensamentos, levantou-se do canapé, e foi sentar-se na cadeira proxima a Azarias. Tinha os olhos aguados, e as palpebras descaíam languecidas, como o pescoço, em uma postura inequivoca para o adestrado hebreu.

— Que quer de mim?—perguntou ella a meia voz, com requebrada e terna morbidez—uma confissão de amor, como nunca o senti por alguem n'esta vida? Eu amo-o, amei-o desde que o vi, tenho soffrido, Azarias, em esperança até este momento.

O mancebo, appellando para os inexhaustos recursos

do theatro, ajoelhou-lhe de improviso aos pés, e levou aos labíos sôfregos a mão volumosa da consternada bacalhoeira.

— Minha adorada!—disse elle, comprimindo ao seio a mão nada equivoca—agora partirei menos desgraçado...

— Partir!... para onde?

— Pois não sabe que a minha familia partirá ámanhã?—disse elle a custo, sentando-se, porque estava incommodado de joelhos, e deixando pender a cabeça para o seio—Partirei, Anacleta, já que os impios fados assim o decretam... Meu pae o quer!... Barbaro pae, cruenta guerra eu protesto fazer-te!... *(Eram reminiscencias da tragedia de Baptista Gomes, que vira dias antes representar na rua dos Condes.)* Deixar-te, Anacleta!... deixar-te no momento afortunado em que teus labios me vaticinavam uma ditosa signa!... Oh! mil vezes desgraçado! que melhor te fora a morte, se tão negra te é a vida!...

— Azarias!...—interrompeu Anacleta, levantando-lhe a cabeça do mergulho sentimental, em que o judeu algumas vezes escondia o riso de si proprio—Azarias, se eu fosse verdadeiramente amada...

— Se fosses verdadeiramente amada!... perdão... *se fosses*, disse eu!... excedi-me... perdoe-me, snr.ª D. Anacleta... este *tu* foi o muito amor... a muita allucinação...

— Trate-me como quizer... Esse *tu* chegou-me ao coração... Gósto que assim me trates, Azarias... Vês como eu te recompenso?

— És uma divindade!—exclamou elle, beijando-lhe a testa, sem que o resto da face perdesse a sua côr natural...

— Vou exigir de ti uma prova do teu amor — disse ella com intimativa.

— Exige, minha encantadora!

— Dás-m'a?

— Não m'o perguntes... A minha honra? o meu sangue? a minha vida? pede...

— Não é tanto... é o teu coração...

— Arrancado do peito? — disse elle, dando-se á postura ridicula de Catão, arrancando as entranhas.

— Não! quero-te com o peito, com todo o vigor, com todos os dotes com que a natureza liberalmente te dotou, meu Azarias... Sabes o que eu quero? Não vás com tua familia...

Nos olhos do israelita brilhou um raio de alegria, mas o artificio pesou-lhe na cabeça, e deu-lhe a curva beatifica de penitente de procissão.

— Vês?—disse ella, commovida—ahi está como tu me amas... Davas-me honra, sangue e vida, e não és capaz de trocar por mim a tua familia...

— Não sou?... como és cruel!... Anacleta... Ha ranquezas terriveis, que fazem córar as faces de vergonha... Mas ha momentos criticos em que a reserva eria um crime entre duas pessoas que se adoram... Queres que eu seja franco?

— Sim, sim.

— Perdôas-me a dolorosa expansão em que vou rasar-te as entranhas da minha consciencia, para revelar-te ma verdade fatal?

— Diz, Azarias, depressa, que me tens em uma aflicção...

— Olha... meu pae... aquelle barbaro... priou-me... da... minha mezada... Oh!... que vergonha.

Azarias levava comicamente as mãos á cara, e escondia o impudente sorriso, emquanto a bacalhoeira soltava uma gargalhada.

— O que teu pae quizer, meu Azarias. Pois tu não sabes que o amor vence todas as difficuldades? E consomes-te!... Muito pequena tens a alma!... E' só isso que te faz partir?

— Todos os deveres de filho esqueço por ti... sacrifico-t'os; mas sem meios não ficarei em uma terra onde, das minhas mãos correram ondas de ouro.

— Pois não irás... ou então desde já te digo que me não amas...

— Não irei?

— Não... digo-te que não... Sou rica... quero dar a minha riqueza a quem der o meu coração... Nada te faltará em Lisboa, meu querido Azarias...

— Anacleta! pede-me a vida, mas não me obrigues a viver á sombra de tua riqueza... Nas minhas veias gira o sangue hebreu... Meus avós morreram n'esta terra maldita para não abjurarem a sua crença; eu morrerei para não abjurar a honra.

Azarias, se lhe não faltasse o fôlego, tinha muito que dizer ácerca da sua honra. Felizmente Anacleta cortou-lhe o discurso, lançando-lhe o braço de fino alabastro, e bem fornecidos musculos, um pouco melhores que o alabastro, em redor do pescoço. Como envergonhada d'esta liberdade, retirou-o rapidamente, e foi comica por sua vez, levando as mãos á face para velar o pudor, rebelde em vir á luz do dia.

Tudo aquilo era bonito, e delicioso de ridiculo; mas, se é necessario adoptar uma aberração, um quasi absurdo na indole d'esta mulher, é certo que Anacleta amava sôfregamente o judeu, e sentia pela primeira vez, em

alguma fibra intacta da lepra d'aquelle coração, os assomos juvenis de um amor capaz de sacrificios.

O mancebo, encartado no exercicio de todas as torpezas sociaes, e farto de estudar mulheres, sabia que tinha mulher e dinheiro, e que pouco mais ficaria valendo fazendo-se melindroso em aceitar a suspirada offerta.

— Azarias! não me amas!... — dizia ella, amuada, quando retirou o braço.

— Que queres de mim?

Esta exclamação fez effeito pela postura de victima voluntaria, que o devasso se deu.

— Que fiques em Lisboa.

— Ficarei.

— Que consideres tua esta casa.

— Que te considere minha... minha adorada Anacleta!

Estas palavras foram a vanguarda de um beijo menos pudibundo que o primeiro. Da testa descera aos labios.

— Sim, tua, tua... toda a vida — disse ella, arqueando, e pagando-lhe com usura o atrevido osculo.

N'este momento entrava na sala o mestre de piano, acompanhando a menina, que vinha dar a sua lição. Anacleta, involuntariamente, franziu a sobrancelha. No fundo do seu coração detestou a musica. A innocente Julieta, n'esses momentos, querer-se-ia sósinha com o seu Romeu, em uma alcatifa de folhagem, bem escondida dos olhos do mundo, em um bosque impenetravel. Os singelos amores são sempre assim... Quem os deturpa são os homens, que fazem romances, estes impios que arregaçam as cortinas do sagrado asylo das vestaes, rasgam-lhes a ellas as tunicas alvas, como a candida pombinha, e ousam atiral-as nuas á sociedade, que quasi

sempre tem o impudor de apontal-as, e dizer: «Conhecemos assim umas poucas».

XIII

O hiate partira.

Azarias estabelecera a sua residencia apparente na rua Nova da Palma; mas a sua morada habitual em todas as noites do primeiro mez, e durante a maior parte dos dias, era em casa da bacalhoeira. Nem elle nem ella faltaram aos seus compromissos. Azarias dava sensiveis provas de um exuberante amor. Anacleta não consentia que elle saísse de sua casa sem muito dinheiro para casos imprevistos. O israelita volvera á sua antiga opulencia. N'aquelles tempos, uma sege e uma parelha de machos era privilegio de poucos. Azarias, muito a contento da bacalhoeira, cegava os seus inimigos com esse luxo miraculoso. Era geralmente sabido, na classe commercial, que o hebreu não tinha de casa de seu pae algum subsidio.

Entretanto, o homem não estava inteiramente gasto. Já sabemos que amava, como doudo, uma menina de alto nascimento, e pouco accessivel. Sem ella, Azarias não tivera desenvolvido tanta habilidade na scena que presenciamos. Por ella é que se venderia, não a uma mulher ainda bella como Anacleta, mas á primeira serpe calva e desdentada de Lisboa, que lhe custeasse as despezas da conquista.

No fim de quatro mezes a bacalhoeira deu balanço á sua fortuna, e viu, sem pezar, que a sua paixão lhe tinha custado dez mil cruzados. Restavam-lhe oitenta, porque oito, e os lucros do seu acreditado estabeleci-

mento tinha elle consumido em regalias proprias. Era, e julgava-se verdadeiramente feliz. Recordações de Theotonio de Mascarenhas, se, alta noite, lhe alvoroçavam o sangue, o calmante era Azarias, e o sangue entrava placido no giro regular das suas funcções.

A este tempo, o hebreu tinha feito grandes progressos na difficil empreza da esquiva dama. Fascinada pela gentileza do opulento moço, deixou-se abordar tanto quanto era preciso para dizer-lhe que o amava; que se animava a ser sua esposa, ainda que seus paes lh'o prohibissem. Azarias, conscio do resultado que teve, pediu-a e negaram-lh'a. Aproveitou a resolução da allucinada donzella, e marcou-lhe uma noite para a fuga. Estavam em terra todos os estorvos: faltava um, e porventura o mais respeitavel: dinheiro.

Anacleta, em uma das muitas horas de intimidade com Azarias, chamou-o ao seu quarto, e mostrou-lhe o seu thesouro. O mancebo affectou uma desplicencia, quasi desprezo, áquella revelação. Não perguntou a somma do capital, nem desperdiçou, a tal respeito, duas palavras. Anacleta poderia resentir-se na sua vaidade, se Azarias não a indemnisasse com alguns beijos, sem enthusiasmo, mas valiosos pela quantidade, o que na qualidade não podiam valer.

A noite da fuga era justamente aquella em que Anacleta estava ceiando com Azarias e sua filha. Finda a ceia, Maria recolheu-se ao seu quarto, e a bacalhoeira, encostada ao hombro do amante, entrava no seu.

— Estou mal do estomago — disse elle.

— Que queres, meu filho?

— Café.

Pouco depois, entrava a cafeteira e duas chavenas. Anacleta encheu-as, e offereceu uma a Azarias.

— Dás-me o meu cachimbo?—disse elle.

— Onde está?

— Na sala do jantar sobre a mesa.

— Vou buscal-o.

Anacleta voltava as costas, quando o israelita lhe lançava na chavena um pó esbranquiçado, que diluiu com a colhér.

— Aqui tens, meu anjo.

A carinhosa amante bebia o seu café, emquanto o impassivel hebreu saboreava os sorvos do tabaco opiado. Aproximava-se a hora da partida. Trocando-se brandas ternuras, Anacleta deitou-se, emquanto o judeu contemplava os rolos azulados do fumo do seu cachimbo. Apenas ella pousou a cabeça na almofada do travesseiro, disse que tinha um somno extraordinario, quando o café lh'o despertava de costume. Passou-lhe de relance pela memoria uma scena horrivel. Não se demorou a afugental-a. Adormeceu contra sua vontade. Quiz chamar Azarias, e não pôde. Quiz tocar-lhe, e não tinha braços que obedecessem á sua vontade. Era a immobilidade do cadaver; mas vivia.

O judeu operava tranquillamente. Abriu uma gavetinha do toucador, tirou uma chave com que abriu a quarta gaveta de uma commoda, despejou sobre os vestidos de Anacleta, amassados em fórma de trouxa, o dinheiro em ouro, buscou em roda de si alguma cousa que tivesse um fundo, pegou das meias da estremecida amante, improvisou duas saquinhas de peças, distribuiu grande porção pelas algibeiras, e tomou debaixo de cada braço um grande saco de cruzados novos.

Atravessou ás escuras as salas, que conhecia a palmos, desceu as escadas subtilmente, abriu a porta da rua com desembaraço, como quem sáe de sua casa, para não

causar suspeitas ás patrulhas, e foi direito ao caes das Columnas, onde o esperava uma lancha. Entrou no hiate ancorado a pouca distancia, entrou em um beliche, abriu e fechou um bahú, e tornou para terra.

Quando passava entre a maruja, todos se descobriram. O capitão, acurvando a cabeça, onde alvejavam as cans, perguntou;

— A que horas nos fazemos ao mar?

— D'aqui a meia hora.

E meia hora depois, a mesma lancha conduzia o israelita, e uma dama, que chorava com a face apoiada no coração do mancebo.

Içaram-se as velas, o vento era de servir, e o hiate ao dar a meia noite no convento dos Jeronymos, avistava, lá em baixo, o pharol na torre de S. Julião.

Segue o teu roteiro, instrumento de Deus!

XIV

A's onze horas do dia seguinte, com grande espanto dos domesticos, não havia rumor de vida no quarto de D. Anacleta.

As creadas não ousavam chamal-a, porque lhes era defeso não só pela ama, mas pelo seu proprio pudor, bater a uma porta de um quarto, onde existia um homem que não era marido da senhora.

A filha, menos respeitadora d'essas considerações, ou mais innocente, bateu á porta, mais de uma vez, e não ouvindo sequer um ai, animou-se do amor de filha, e abriu a porta. Assustada, correu ao leito de sua mãe, chamou-a, agitou-a, e deitou-se a par com ella, chorando a altos gritos. Anacleta abriu os olhos espantadiços.

Sentou-se na cama, e não podia suster a cabeça ator doada. Perguntou que horas eram, responderam-lhe qu não tardava o meio dia. Olhou em redor, como quem procura alguem...

— Meio dia! — exclamou ella.

Saltou abaixo da cama, e não podia sustentar-se d pé, olhou para os vestidos entrouxados, e viu duas peça a luzirem em uma dobra; levantou os olhos aterrado para a gaveta, vê, duvída, affirma se... era a chav que nunca alli deixára... vae, cambaleando, e encos tada á filha, vê o cofre vazio!... Sustém-se um mo mento, como fulminada, leva as mãos á cabeça, que s lhe parte com dolorosos latejos, solta um grito pávid como o guincho de uma ave nocturna, e cáe como mor ta, exclamando:

— Roubada!...

Quando tornou a si, achou-se rodeada de caixeiros de facultativos, de creadas e de vizinhos.

— Quem a roubou?—era a pergunta de todos; mas Anacleta não respondia a ninguem. A sua dor não se differençava do idiotismo. Tudo aquillo parecia-lhe um sonho. Roubada por Azarias!... isto era incrivel, impossivel! Seria uma cruel brincadeira? Tambem não...

Era quasi noite, e ninguem vinha decifrar o enigma do roubo. A justiça interveio immediatamente nos dissabores domesticos da bacalhoeira. Pediam-se-lhe esclarecimentos sobre pessoas, nas quaes podessem caír suspeitas. Perguntavam-lhe a quantia roubada; nem a isso respondia. Por mais que a surpreza afflictiva a embrutecesse, Anacleta ainda tinha a finura necessaria para conhecer a inconveniencia de confessar o dinheiro que tinha... Não podia ninguem lembrar-se do capital que attribuiam ao monsenhor da Patriarchal.

Anacleta estava febril; mas fingia-se mais doente, para evitar perguntas. A's onze horas da noite retiraram as numerosas amigas da enferma, e ficou o cirurgião assistente com María Amalia, que era inseparavel do leito de sua mãe.

O facultativo ignorava as intimidades de Anacleta com o filho de Moysés Pereira, supposto não ignorasse que se visitavam as familias.

A doente parecia supitada nos pasmos, que succedem á febre, quando o cirurgião perguntou a meia voz a Maria:

— Então já sabe o que se diz a respeito do snr. Azarias, que aqui vi algumas vezes?

Anacleta estremeceu, e Maria, córando, respondeu:

— Não sei.

— Pois eu conto a v. s.ª O tal judeu, para não desmentir a raça especuladora á qual pertence, namorava uma rica herdeira, filha unica do morgado de Alpedrinha. Ninguem suppunha que elle fosse capaz de a fascinar; mas o caso é que a tal menina gostou do judeu, e fugiu com elle esta manhã.

Anacleta sentou-se na cama, vociferando um grito, que aterrou o proprio cirurgião.

— Minha mãe... que é?— exclamou anciada a pobre menina.

— E' verdade o que acabo de ouvir? — perguntou Anacleta, lançando um olhar, que affectava cruelmente os nervos do facultativo—Isso é verdade?

— O quê, minha senhora?

— A fuga d'esse homem com uma mulher?

— E' sim, minha senhora.

— Quando?

— A noite passada.

— E' impossivel... querem que eu endoudeça!... E' mentira!

— Se eu soubesse que a molestava, snr.ª D. Anaclet não daria tal noticia... mas não minto por cousa n nhuma. Azarias fugiu com a filha do morgado de Alp drinha, d'isso é que ninguem duvída em Lisboa.

Anacleta, que fizera mais do que devera esperar-se d sua indole, não pôde por mais tempo suster os bridõ á sua natureza.

— Esse homem roubou-me!—exclamou ella, desgr nhando-se como possessa — Esse homem é um ladrã que me levou todo o meu dinheiro... Prendam-o, e forquem-o... Aqui, de el-rei, contra Azarias, que m roubou!

A antiga regateira estava no uso plenissimo das su funções intellectuaes. A mulher natural era aquella! mascara caíu, na presença dos que vieram da vizinha ça aos gritos da enferma, e á choradeira da filha e d creada.

A medicina era impotente diante do desespêro d Anacleta. Temiam-a, e não houve braços nem consol ções que a aquietassem até ás nove horas da manh em que a justiça veio aproveitar a maré cheia dos e clarecimentos. Era o juiz que interrogava Anacleta, f chado com ella no seu quarto:

— Quem a roubou?

— Azarias Pereira, judeu, filho de Moysés Pereira, de Rachel Pereira.

— Quando a roubou?

— Na noite de quarta feira.

— Violentou-a?

— Deu-me opio para eu dormir.

— Como sabe que lhe deu opio?

— Porque se deitou commigo ás dez horas, adormeci logo, e acordei hontem ao meio dia.

— Então esse homem...

— Era meu amante.

— Quanto lhe roubou?

— Oitenta mil cruzados.

— Em que especie?

— Ouro e prata.

— Onde os tinha?

— N'aquelle cofre—apontando para o que estava sobre uma commoda.

O juiz entregou o cofre ao meirinho geral, que o esperava na antecamara, e os apontamentos ao escrivão.

O boato correu em Lisboa com a rapidez de todos os boatos que desacreditam, e foi bem recebido, como todas as infamias que dão margem aos commentarios. Admiravam o cabedal que a bacalhoeira accumulára, e vieram logo as suspeitas de dente envenenado morder a reputação da amante do monsenhor da Patriarchal, cujo fim e cujo dinheiro ninguem farejára.

O marquez do Val, irmão do beneficiado, quiz ver o cofre em que se achavam os oitenta mil cruzados. Reconheceu-o. Era uma preciosidade, que trouxera da India seu visavô, governador. Instaurou immediatamente um processo contra Anacleta dos Remedios.

A desgraçada, conduzida aos tribunaes para novas relações, ouviu com estranha coragem a imputação que se lhe fazia de ter ficado com o dinheiro de D. Theonio de Mascarenhas. Respondeu que a calumniavam: que aquelle cofre lhe fora dado por elle, para ella guardar ás joias de suas filhas. As probabilidades depunham outra a bacalhoeira; mas não houve uma só testemu-

nha que a condemnasse, e não chegou a ser pronu
ciada.

Continuou o processo-crime contra o israelita. Ped
ram-se revelações para os reinos vizinhos ácerca da su
paragem. Não se alcançaram. Ao cabo de alguns meze
dormia o processo, e a maledicencia tambem. Anacle
pagou as custas, e esperou novos esclarecimentos.

O estabelecimento da bacalhoeira poucos dias depo
estava desmantelado. Quando ella tratava de dar b
lanço ao commercio, que, nos ultimos tres annos, de
xára a cargo de caixeiros, viu que tinha sido roubad
pelo guarda-livros, que, dois mezes antes, embarcá
para o Brazil. Havia creditos; mas as dividas a paga
supposto que apparecessem riscadas nos livros do ca
xeiro ausente, eram superiores aos creditos. Anacleta r
conheceu que estava absolutamente pobre; antes, p
rém, que o ella soubesse, já as suas numerosas visit
o sabiam. Abandonaram-a.

A baixela, e moveis com que adornava faustosamen
a sua casa, foram arrematados em leilão para pagamen
de dividas. Despedida do predio que occupava, achou-
em uma pequena casa da rua da Rosa das Partilha
com sua filha Maria Amalia, e uma velha creada, qu
a acompanhou, porque não teria quem n'aquella idad
a tomasse pelo sustento.

Anacleta calculou as suas posses, e achou-se com tr
cordões de ouro, alguns pares de brincos, anneis, fiv
las, e insignificancias que lhe dera o conego, seu pr
meiro possuidor.

Suas filhas, Emilia e Antonia, terminavam n'esse m
o anno de collegio, cujo pagamento fora adiantado. Ma
dadas recolher a casa por sua mãe, não vieram. Que
das no collegio pelas suas prendas e virtudes, foram r

cebidas como mestras. Antonia ensinava todas as pren-
las de costura, Emilia auxiliava as educandas, na au-
encia do mestre, a comprehenderem as suas lições de
nusica.

Eram felizes.

XV

Sigamos, embora com repugnancia, os vestigios da
lesgraçada, que se arrasta sobre os espinhos da expia-
ão, a que a Providencia da eterna Justiça a condem-
ou

Anacleta dos Remedios, seis mezes depois que mos-
rára a Azarias o cofre, em que não via o sangue de
Theotonio de Mascarenhas, teve fome. Os mediocres
alores que o atraiçoado conego lhe dera, não existiam.
Os abundantes bragaes, que podera salvar do sequestro,
endera-os. As pessoas, que lhe tomavam o seu chá, e
omiam os seus jantares, responderam com uma esmola
sua primeira carta, com uma desculpa á segunda, e
svolveram-lhe fechada a terceira. Tinha fome!

O suicidio occupou-lhe a imaginação algumas horas.
Communicou a idéa a sua filha, e a infeliz menina
braçou sua mãe, soluçando:—Pois sim, morrâmos jun-
os, antes que a fome nos mate!...

Anacleta não tinha coragem para tanto. A allucina-
ão foi passageira. Subira de peixeira para senhora de
ala; descera de senhora de sala para uma baixa condi-
ão, que já conhecera... emfim, a fome não lhe era
stranha, e a vergonha não a atormentava. De sua filha
ão póde julgar-se o mesmo. A sensação da fome sen-
u-a pela primeira vez; a vergonha da indigencia quei-
ava-lhe a face virgem dos calores do opprobrio.

N'esse dia, em que o suicidio fora adiado, Anacleta viu se a um espelho, e murmurou:—Ainda não estou velha! No dia seguinte penteou-se, e vestiu se o melhor que pôde. Encostou se ao parapeito da janella, sorriu ao primeiro homem que passava, respondeu com um aceno a uma pergunta, e recolhendo-se para dentro, mandou retirar a filha para a cozinha.

Maria Amalia perguntava, depois, a sua mãe que homem era aquelle.

—E' o procurador que trata da minha causa contra Azarias.

D'alli em diante a menina foi mandada recolher á cozinha muitas vezes, porque o procurador era certo todos os dias, e em todos elles deixava por conta do que havia de receber-se de Azarias alguns cruzados novos. A explicação satisfez Maria Amalia; mas como lhe acontecesse encontrar algumas vezes, de relance, variadas caras, sua mãe dizia que eram variadas pessoas encarregadas de averiguarem a residencia de Azarias para o capturarem. Como quer que fosse, o lume accendia-se todas as manhãs, e o jantar, se não abundante de iguarias, era frugal, e abençoado pela menina.

E os procuradores continuavam.

Aconteceu entrar um dos elegantes do tempo em casa de Anacleta. Como ignorante dos precedentes d'esta mulher, inquiriu-lhe a sua vida passada. Ouviu um contexto de mentiras, que o fizeram sorrir de compaixão. Anacleta, desmemoriada pela devassidão, ou entretida com outras emoções na época da sua gloriosa opulencia, não se lembrou que esse homem fora apresentado em uma das suas assembléas, que então se não chamavam bailes. O desconhecido fallou-lhe em virtude, em honra, e temor de Deus. A meretriz soltou impudentes garga-

nadas. O austero mancebo retirou-se triste: mas desde sse dia, Anacleta recebeu mysteriosamente uma me- ida, que nunca tratou de averiguar d'onde lhe vinha. embrou-se de alguma restituição, e não achou merito a generosidade. Lembrava-se, porém, do moralista, que unca mais apparecera.

Entre os concorrentes destacava-se pelas exterioridades um que ninguem diria ser procurador de causas... erdidas, como a da snr.ª Anacleta dos Remedios. Quem ier que era, apeava da sua carruagem no largo do Cariz, e subia a pé a rua da Rosa das Partilhas, cosendo-se com as paredes, até se coar na humilde casa da illida bacalhoeira.

N'aquelle tempo (1800) certos homens, mais hypocris que os de hoje, e mais devassos talvez, envergonham-se de serem surprendidos em flagrante entrada ou ída por portas de casas, onde a virtude tinha fugido las janellas.

O cavalheiro, que visitava com mais frequencia a r.ª Anacleta, era um d'esses benemeritos da opinião blica.

Recapitulando os dialogos que fallaram, aproveitare- os o ultimo, que deixa ver o dedo do gigante, que nos onta todos os outros.

— Então, Anacleta, fallaste com a Maricas?

— Não, meu senhor... nem me atrevo a fallar-lhe...

— Forte tola!... por quê?

— Não sei como hei de principiar... Pega-se-me a igua ao céo da bôca, quando vou a dizer-lhe o seu re- ado...

— O meu recado? Não lhe digas isso como recado u... diz-lh'o como cousa tua; do contrario nada to...

— Não sei que lhe faça, snr. duque...

— Calante... Não me chames duque... já t'o disse...

— É verdade... tinha-me esquecido... perdoará..

— O que tu has de fazer é aconselhal-a...

— Não sei como, palavra de honra...

— Isso é facil... Ora olha; aprende este recado.. «Maria, nós somos desgraçadas, e podemos ser felizes.. Ha uma pessoa das primeiras pessoas de Portugal, qu te quer muito, e que daria tudo para que tu fosses d'elle Na infeliz situação em que estamos, tu não pódes espe rar um casamento, que te tire da miseria. Mais hoje o mais ámanhã, has de ser de algum homem, que não te nha um vestido que te dê, nem te assegure um futur melhor do que o que tens. Parecia-me que era uma for tuna para nós ambas tu quereres tomar amizade a est senhor, que muito em segredo te digo que é um duque. Se vires que a pequena principia a fazer caretas d beata, diz-lhe logo isto: «Olha, Maria, tu já sabes o qu é o mundo, e o pouco que vale sacrificar-se a gente uma palavra vã, que diz *virtude*. Logo que empobrece mos, fomos desamparadas por toda essa canalha qu admirava o teu genio de pomba, e o teu coração de anjo Deixa-te de honradez, porque a honra, se fosse uma of ferta muito bem recebida por Deus, Deus não permitti ria que as virgens, forçadas pela fome, se perdessem.» Ora repete lá isto que eu te disse.

Anacleta, convencida das razões philosophicas do duque, repetiu o recado a seu modo, engasgou-se muitas vezes; mas o generoso fidalgo teve a amabilidade de repetir-lhe quatro ou cinco discursos, que por fim a bacalhoeira aposentada repetiu excellentemente.

Na ausencia do duque, Anacleta, com as idéas fres

cas, cobrou forças da philosophia e da miseria, fechou se com sua filha, e repetiu, com poucas variantes, o texto do eloquente fidalgo. Maria Amalia ouviu pasmada o revoltante convite. Não pestanejava, não respirava, sentia rasgar-se-lhe o coração a cada palavra nova, que lhe feria os ouvidos, arfava como quem difficilmente reprime o choro, que vae rebentar dos olhos... Que sublime lance! que grandiosa lucta a do anjo com o demonio! Como seria expressivo da vontade de Deus o raio que n'aquelle instante descesse do céo a fulminar a serpente que se enroscava na pomba!

Maria, terminado o discurso, balbuciou:

— Não entendi, minha mãe... É impossivel que seja verdade o que eu suppuz!...

— Que suppozeste, Maria?

— Não me atrevo a dizel-o...

— Diz...

— Não posso... desengane-me... que é o que me quer, minha querida mãe?

— O que te quero, Maria?... fazer-te feliz...

— Quem me dera sel-o, meu Deus!... Mas de que maneira?

— Escolhendo-te um homem que te dê tudo que precisares...

— Um homem!... que homem?... Não temos parentes nenhuns...

— Parentes!... quaes parentes!... Um homem rico, capaz de te estimar, de te trazer no galarim, com ons vestidos, bem servida, e invejada das outras...

— Onde está esse homem, que me estima, sem me conhecer, sem eu o conhecer a elle, que, sem mais nem menos, me queira tirar d'esta infeliz situação que a desgraça nos deu? Que tenho eu para merecer tanto?

— A tua formosura...

— Ah!... — exclamou Maria, erguendo-se com as mãos apertadas na cabeça — comprehendi tudo, santo Deus! Tenho dezeseis annos, e minha mãe manda-me ser má mulher! Oh! que vergonha...

Com a face cheia de lagrimas, e as mãos erguidas, Maria Amalia fugiu de ao pé de sua mãe, e debruçou-se em soluços na janella do saguão, onde aquella dor não tinha testemunhas.

Anacleta vacillava entre a compaixão e a raiva. Os instinctos perversos da peixeira regeneraram-se, como se bastantes annos de outra vida lhe não tivessem modificado a vocação. Abafados pela felicidade, á custa de infamias, resurgiram robustos no momento em que a penuria corroeu os vinculos que prendiam aquella mulher á sociedade.

Na alternativa, venceu a raiva. Anacleta bateu o pé no chão. Aquella reminiscencia da Ribeira Nova era significativa. Maria Amalia tinha de ceder.

A pobre menina, quando chorava, com meio corpo pendido sobre o saguão, sentiu a attracção do abysmo, e quiz precipitar-se. Conteve-a a memoria da sua amiga e mestra, a filha de nobres decadentes, que lhe dera lições de virtude e religião, apresentando-se, como exemplo, na sua posição de creada, nascendo senhora. «Se me não mato hoje — dizia ella na sua alma — terei de fazel-o ámanhã... pois ámanhã será...»

Quando anoiteceu, os procuradores da causa de Anacleta revezavam-se. Maria, por amarga intuição, relampago de luz sinistra que lhe alumiou ignoradas torpezas, comprehendeu, n'essa noite, a vida de sua mãe. Lançou-se nos braços da velha creada, e choraram ambas.

O duque, depois que ouviu devotamente com a sua

familia a missa do capellão, veio, por travessas e bêcos, procurar á rua da Rosa, o *ultimatum* das suas negociações. Anacleta, antes que elle lhe perguntasse o effeito do discurso, ergueu os hombros, como quem diz: «nada feito».

— Resiste?—perguntou o fidalgo.

— Eu não lh'o disse a v. exc.ª?!

— Ora, deixemo-nos d'isso, Anacleta... Eu não engulo araras... O que tu queres é que eu suba o preço... pois bem, subirei... Até aqui eram cincoenta... agora são cem moedas... serve te?

— Quer v. exc.ª uma cousa? — disse Anacleta, com os olhos abrazados de cupidez, e a ancia das cem moedas no coração.

— Diz lá.

— O que não se faz por geito...

— Póde fazel-o a força... é o que queres dizer?

— Bem visto.

— Tambem póde ser... Que te parece?... gritará?...

— Que importa?... a creada saíu... e eu... serei surda, e cega...

— Mas, se a resistencia for invencivel... já se sabe que as cem moedas... é um contrato nullo... percebes?

— Percebo...

— Então, quando?

— Ella está no quarto da creada, ao pé da cozinha, á querda.

— Que faz ella?

— Eu sei cá?... parece-me que está a rezar as contas...

— Ah! ella reza?!

— Sempre... como não tem que fazer...

— Então parece-me que não ganharás as cem moedas, Anacleta!

— Quem se não aventurou, nem perdeu nem ganhou...

— Achas? Então... viva o anexim... Cá vou...

Anacleta teve um momento de terror. Perguntou a si mesma se aquella menina, que vendia, era aquella filha querida que a fizera perpetrar um homicidio... se era aquella que entregára aos desvelos de uma piedosa mestra, e aos extremos de uma apurada educação. Devia ser bem amargurada aquella intuscepção do passado! Quem poderá conceber a perdição de uma mulher, que póde assim recordar-se um instante, e em outro applicar o ouvido para escutar o motim da revoltante scena, que devia passar-se tão perto d'ella!

O duque, pé ante pé, entrou no pobre quarto, em que Maria Amalia, sentada sobre a cama, com a barba apoiada nas mãos entrelaçadas, e os olhos fixos em um registo de Maria Santissima, parecia pedir como quem pede a morte.

Ao ranger da porta, estremeceu. Quando viu um homem estranho, soltou um grito, e saltou abaixo da cama.

— Que é isso, menina? — disse o duque, recuando para a porta—Eu não a offendo...

Maria encostou-se a uma commoda com as mãos erguidas.

— Não tema, Mariquinhas... Eu não sou nenhum jacobino, que me divirta a devorar meninas galantes... Quiz vel-a de perto, já que de longe tão linda me parecia, e tenho a satisfação de lhe dizer que me não enganei... tanto melhor para a minha querida ingrata... Ora venha cá... conversemos aqui como o rôlo saudoso conversa no bosque ameno com a rôla saudosa...

Maria Amalia, sem descer as mãos da postura afflictiva de quem implora compaixão, recuava para o fundo do quarto.

— Entendemo-nos—disse elle, sem avançar um passo para ella—sabe quem sou?

— Não, senhor.

— Eu lhe digo... em primeiro logar sou um homem bem creado e attencioso, como vê. Em segundo logar, tenho um coração que já não é meu, porque desde o momento em que a vi, tive o desgosto de me achar sem elle. Em terceiro logar, sou um dos mais ricos de Portugal. Em quarto logar, sou duque. E em quinto logar, finalmente, faço tudo quanto quero.

Amalia sentiu dobrarem-se-lhe os joelhos, e susteve-se difficilmente em pé.

— Offereço-lhe o meu coração, a minha riqueza, os meus carinhos... se m'os não aceita... estamos mal... penso eu... Ora chegue-se aqui, Maricas... Uma menina bonita não deve chorar, que se faz feia... Venha cá... sente-se no meu collo, que lhe quero enxugar essas lagrimas...

Maria teve um pensamento, que lhe fez dizer no fundo do seu coração: Estou salva!

Caminhou para o duque, sem hesitação, e quando elle, com os olhos abrazados, lhe estendia os braços, a desgraçada corre á porta, que apenas estava cerrada, atravessa a cozinha, chega á janella do saguão, e precipita-se, exclamando:—Meu Deus, perdoae-me!

Anacleta, que ouvira o brado, vem á cozinha, e encontra o duque pallido e firme, no batente da porta do quarto, como assombrado de um raio.

— Minha filha?—perguntou ella.

O duque apontou a janella. A mãe correu, debru-

çou-se, e viu-a alvejando sobre as lages negras, com a face voltada para cima, e os regos de sangue a cruzarem-se.

Que foi o que ella sentiu? Não o saberão decifrar os profundos conhecedores do coração humano. A sciencia da dor é quasi uma arte que estabelece regras nos seus juizos; mas Anacleta era uma excepção monstruosa.

É certo, porém, que a malfadada, ao levantar os olhos do cadaver de sua filha, fixou-os no céo, perdeu a luz, e caíu aos pés do duque.

Tornando a si, Anacleta encontrou a seu lado a velha creada, que lhe perguntou:

— Fugiu a menina?

— Pergunta-me se fugiu!... sonharia eu?

— Como vim encontral-a n'este estado, cuidei que dera pela falta d'ella, e desmaiára.

Anacleta olhava, como ébria, para a creada. Depois apertou a cabeça, como quem precisa segurar uma idéa salvadora, que quer fugir-lhe. Pegou do braço da creada, chegou á janella, mostrou-lhe a filha, e murmurou em som de indefinivel terror:

— Está alli... morta... matei a eu... Não me accuse... deixe-me fugir... depois diga que foi sua mãe que a matou... Venda o pouco que tem n'esta casa para que lhe dêem uma sepultura... Adeus.

Anacleta desappareceu. Na noite d'esse dia a tumba da Misericordia levantava de sobre duas cadeiras um cadaver fracturado.

XVI

Nove annos depois, Sebastião de Mello, em uma das suas excursões por paizes estranhos, entrava em Portugal pela fronteira do norte. Por esse tempo, um estranho, na provincia de Traz os Montes, corria perigo de ser arcabusado, apenas a voz «jacobino» fosse proferida, e um dedo apontasse a victima.

Sebastião de Mello, por desvios tortuosos procurava ganhar as alturas do Alvão, para descer á ponte de Cavez. onde as tropas portuguezas lhe garantiam segurança.

Perdido por serras agras e intransitaveis, anoiteceu-lhe no descampado de um vasto ermo, e fragas negras, de tojos e sargaços, entre os quaes se levantava uma pinha de cabanas colmadas, quasi imperceptiveis, se as columnas de fumo, açoutadas pelo vento da noite, não denunciassem que debaixo d'aquelle céo era possivel a existencia.

A' entrada da aldeia estava uma capella meio derrocada com as sete cruzes da via-sacra em redor. Na occasião em que o perdido caminheiro ahi passava, ás Avé-Marias, chegou um vulto á porta da capella, e por tres vezes tocou tres badaladas, tiradas por uma corda. Sebastião de Mello descobriu-se, e orou. N'aquella situação, a piedade fallava-lhe mais n'aquelles sons, perdidos na amplidão da cordilheira de montanhas, que toda a philosophia christã dos doutores da Igreja.

O passageiro parou para saber do ermitão da capellinha que terra era aquella, e quem lhe daria alli um bocado de pão, e umas palhas para o cavallo.

Viu caminhar na sua direcção um vulto, e conheceu uma mulher coberta de farrapos, que lhe perguntou:

— Quer alguma cousa, senhor, ou espera alguem? Deus lhe dê boa noite.

— Deus lhe dê a mesma. Não espero ninguem... Queria saber como se chama este povo...

— *Viduedo.* É uma terra muito desgraçada, não é?

— Pelo que parece... Mas não será tão desgraçada que não dê agasalho a um passageiro que se perdeu?

— Deus permittirá que o senhor não fique na rua. Eu vou ensinar-lhe a melhor casa do povo, onde ninguem bateu que não achasse gasalhado.

Sebastião de Mello, que conhecia a pronúncia das provincias, fizera reparo na correcção com que a sua andrajosa guia se exprimia.

— O senhor vae para longe?—perguntou ella, arrancando da face um espinho de silva, que lhe abrira um rego de sangue.

— Feriu-se?—disse o passageiro, curvando-se para ver-a.

— Não é nada... A gente está afeita a isto...

— Perguntou-me se ia para longe?

— E' verdade, mas arrependi-me... não faça caso da minha curiosidade... defeito de mulher velha...

— Vou para Lisboa...

— Sim!—disse a velha, escondendo o sobresalto—Ainda tem que andar!... É muito longe, segundo dizem...

— Setenta e tantas leguas...

— Ora pois, Deus o leve a salvamento... A casa é esta... procure pelo snr. capitão, e terá uma noite de boa companhia... Passe muito bem, senhor.

— Espere... aceite esta lembrança da minha gratidão

Sebastião de Mello dava-lhe algum dinheiro em prata. A mulher recusou-o com delicadeza.

— Muito agradecida... não lhe faltará occasião de o empregar melhor... Eu não preciso...

Sebastião de Mello batia á porta do caritativo capitão de Viduedo, quando a sua celebre conductora se sentára em uma pedra, soluçando suffocada em gemidos.

O capitão de Viduedo era realmente o homem que se pintára ao cavalleiro. A sua larga porta de carro foi aberta pelo proprio capitão, que vestia um avental de saragoça atado no pescoço, e umas polainas da mesma fazenda assertoadas até á cintura. A primeira entrada do hospede foi na córte das cavalgaduras, onde o snr. capitão tinha uma egua, segundo elle, o primor das eguas, que comprára por seis moedas e um quartinho na feira do S. Miguel. Acondicionado o cavallo com abundante milho e fêno, o passageiro subiu para a cosinha, onde encontrou, sentada em escabellos, á numerosa familia do snr. capitão, que tinha o prazer de ver assentados ao seu lar quatro avós, dois paternos, e dois maternos, o mais novo dos quaes tinha oitenta e cinco annos.

Sebastião de Mello foi acolhido com uma salva de estouros de castanhas, que saltavam na ampla assadeira, pendente do caniço sobre a labareda dos grossos tóros de carvalho.

O hospede sentou-se no melhor logar, que era ao pé do avô paterno do snr. capitão. Este velho, realmente, tinha no rosto sulcado o que n'aquellas terras se chama *musgo*.

— Que annos tem este seu avô?—perguntou Sebastião de Mello.

— Noventa e dois, feitos pelas bessadas, para o servir.

— Como aqui são longas as vidas! — disse o passageiro, fixando attentamente as cans venerandas d'aquelle seculo.

— Pois ahi onde o vê—disse o capitão—é rijo como as armas... Elle que lhe conte a vossemecê...

— A vossemecê?! — atalhou o velho — dobra a lingua... tu não sabes com quem fallas... Se fosses á capital do reino como eu, terias aprendido a ser cortez...

— Sr. capitão, trate-me como amigo, e deixe fallar seu avô... Então já foi a Lisboa?

— Já, sim senhor... Ha setenta e oito annos, feitos pelo S. Miguel.

— Conte lá essa historia cá ao senhor, que ha de gostar

— Pois lá vae... O fidalgo não viu ahi na porta do carro uma pedra de armas, com quatro cabras por escudo, e um tambor por timbre?

— Como entrei de noite...

— Pois eu lhe conto... (1) Tinha eu treze annos... era assim um cachopo como aquelle meu bisneto que alli está a assar as castanhas. Andavam as guerras do snr. rei D. Pedro II com o rei de Hespanha. Os pêrros dos hespanhoes tinham entrado por Chaves, e estavam ahi acampados no Val de Aguiar, d'aqui legua e meia. Eu, quando o soube, estava-me cozendo cá por dentro e disse a meu pae, Deus lhe perdõe:—Vou fazer fugir aquelles diabos. — Pozeram-se a rir de mim, e vae eu que faço? Vou pelo *povo,* e por outro que ahi está ao fundo da serra, que se chama Povoa, e pedi as lanternas de andar de noite á rega. Ao lusco-fusco, accendi-as e botei fóra a rez (2). Puz-lhe, com sua licença, nos ga

(1) E' verdadeiro e notorio este facto.

(2) Rebanho de gado lanigero.

lhos as lanternas, e disse ao pegurei:ro: — Anda lá p'ra diante co'esse gado. Havia cá em casa um tambor de andar c'os entremezes do entrudo, botei-o p'ro cachaço, e fui, fui, até avistar o acampamento dos pêrros. Apenas cheguei ao alto, comecei a tocar o tambor, e as caoras a descer com as lanternas, com sua licença, nos galhos. N'este comenos, ouvimos tocar tambores e cornetas, que parecia um inferno. E eu a descer pela montanha com a rêz... Não lhe digo nada... Os hespanhoes não pararam senão em Chaves, e levaram tapona le crear bicho, porque foram encurralados na praça pelas tropas que vinham lá de por ahi abaixo de Guimarães. Ora ahi está. Depois veio aqui um governo de chapéo de bicos, e disse-me que o senhor rei me mandava ir a Lisboa. Atirei-me p'ra riba da minha egua, e reguei commigo no palacio real. Veio o senhor rei falar commigo a uma cousa assim a modo de andor, onde estavam muitos figurões, que me diziam muitas cousas tal et cetera. E vae depois, veio um governo, que ajoelhou ao senhor rei, e eu ajoelhei tambem; e elle pôz-se a rir, e os outros riram-se todos. Lembrou-me se era de obrigação rir-se a gente quando o rei se ria, e eu puz-me a rir tambem, e assim me Deus salve se eu sei do que ria! E vae depois, meu amiguinho, o rei metteu-me um papel nas unhas, e mandou-me ao erario, onde me deram duzentas amarellas, e me disseram que eu era fidalgo da casa real, e cavalleiro da ordem de Christo, para mim e p'ros meus descendentes, e que mandasse fazer o meu brazão pelo que vinha no diploma, que tenho lá em cima na arca. Ora ahi está a historia... Agora vamos á ceia, que está na mesa.

Sebastião de Mello, maravilhado da obscura grandeza daquelle homem, nem por isso deixou de prestar home-

nagem a uma gorda gallinha, escoltada de nacos de presunto, que lhe pozeram diante. Comeu e viu comer admiravelmente. Deu graças a Deus, que eram enfoadas pelo fidalgo da casa real, e ouviu fallar por essa occasião, de santos e santas que não eram do seu conhecimento. Dadas as boas noites, beijadas as mãos de tios, mães, paes, avós e visavós, sentaram-se á lareira, onde as raparigas do povo, com as rocas á cinta e as estrigas no avental, vinham fazer serão.

Sebastião de Mello estava pensando na velha, que tocava ás Avè Marias, quando ouviu uma badalada, que fez largar o trabalho, e erguer as mãos áquella gente. Logo depois, como de um outeiro eminente, veio este pregão: (1)

— Rezae um *Padre-nosso* e uma *Avè-Maria* por todos aquelles que pedem á misericordia infinita o perdão dos seus crimes.

Rezaram.

— Rezae um *Padre nosso* pelos que morreram sem poder pedir a Deus o perdão dos seus crimes.

Momentos depois:

— Rezae um *Padre nosso* pela desgraçada penitente, que não ousa pedir a Deus o perdão dos seus crimes.

Deu-se um profundo silencio; e, rezada a oração, disseram todos:

— Coitadinha... és uma santa!

— Isto é costume cá da terra?—perguntou o hospede.

— Ha oito annos é todas as noites — respondeu a snr.ª Anna, digna esposa do capitão, limpando as lagrimas ao seu avental de serguilha.

---

(1) Em agumas aldeias do norte são usuaes estes pregoeiros nocturnos, que *encommendam as almas*: é a phrase popular.

— E' alguma devota cá da aldeia? — disse Sebastião de Mello.

— Não, senhor. E' uma penitente, que ninguem sabe de onde veio ha oito annos.

— Eu, quando entrei no povo, encontrei uma mulher esfarrapada tocando a sineta da capella...

— E' a mesma... é a santa... — disseram umas poucas de vozes.

— Pois durante uns poucos de annos — disse o hospede — não tem sido possivel saber de onde veio esta mulher?

— Não, senhor — disse a snr.ª Anna, fazendo zumbir o fuso, e salivando o fiado. — Esta creaturinha de Deus appareceu aqui toda esfarrapadinha, a tremer de frio, descalça, com as pernas enterradas na neve até ao joelho, que fazia mesmo doer o coração. Bateu á nossa porta, e pediu um bocadinho de brôa e uma tigela de agua. Mandamol-a entrar, disse que não entrava; quizemos dar-lhe uma aguinha de unto, não quiz bebel-a. Comeu o pãozinho, bebeu a agua, disse-nos muitas palavras de agradecimento, e foi-se embora. Mandei o meu João atraz d'ella, que não fosse a creaturinha morrer estatelada em algum barranco de neve, e elle foi topal-a ajoelhada no coberto da capella, a chorar e a gemer, que o meu João veio a chorar para casa, e fez-nos chorar a todos. Fui eu lá onde a ella, e mais aquelle avô do meu João, que sabe dizer as cousas com mais aquella, pedimos e tornamos a pedir, mas não houve trazel-a p'ra fogueira. A' noite fomos lá outra vez, e ella pediu nos uma mantinha velha, e mais nada. Dormiu no coberto da capella, que é assim a modo de um alpendre. Pela manhã fomos a ver se ella estaria morta, e topamol-a a vir com a mantinha para nol-a dar. Dissemos-lhe que

viesse comer um caldinho, não quiz. Demos lhe, o bocado de brôa, não o aceitou, e disse que ia bater a outra parte.

«Foi a casa de uma pobre, que mora aqui nas costas da nossa casa, e achou-a na cama a tremer maleitas, que andavam n'esse anno muito atreitas por cá. Sentou-se ao pé da mulherzinha, agasalhou-a, tratou d'ella nas tremuras, e no fim comeu um migalho de brôa, e bebeu agua. Começou a gente a tel a por santa, e ella dizia que era a maior pecc dora que Deus botára ao mundo. Onde houvesse um doente, ella lá estava de dia a tratal o, mas de noite vinha dormir ao alpendre da capella. Quando, ao domingo, o snr. padre Januario da Povoa vinha dizer missa, a pobrezinha não entrava na capella, ficava sempre cá fóra no alpendre, sempre com a cara na pedra estreme. Assim que tinha o fatinho roto, que se lhe visse a carne, aceitava um, mas havia de ser de serguilha, que trazia mesmo sobre a pelle de verão e de inverno. Dizia o snr. padre Januario que era uma penitente, e um frade varatojano, que veio ás missões, disse que era uma santa.

— Mas agora, snr. fidalgo,—disse o capitão— sempre lhe vou fazer uma pergunta, que me tem dado que congeminar cá com a familia. Por que será que ella se não confessa, nem quer dizer o seu nome?

— Deus o sabe! — respondeu o passageiro, profundamente reconcentrado n'aquelle grandioso segredo.

— Ora ahi está, — disse triumphantemente o cavalleiro da ordem de Christo — é o que eu tenho dito a estes lapuzes, que querem saber tudo, que nem os homens que têem andado terras, como nós, se atrevem a dizer... Deus o sabe... é o que é.

Finda a historia, as raparigas principiaram a entoar a

ladainha de Nossa Senhora, com admiravel accorde de vozes, que entristeciam, e, ao mesmo tempo, suavisavam as máguas occultas de Sebastião de Mello. A' meia noite, cada qual das que vieram ao serão, pegou no seu tanchão accêso, e despediu se com a phrase usual: «Com bem passem a noite.»

O capitão foi guiar ao quarto o hospede, e tratava de metter o gancho da candeia em uma fisga da parede, quando Sebastião de Mello, sentado em uma caixa, com o coração preoccupado por tudo que era mysterioso e extraordinario, disse ao capitão:

— Meu amigo, ha de fazer-me um importante favor.

— Não tem mais que pedir, snr. fidalgo.

— Ha de mostrar-me a capella, em cujo alpendre dorme a santa, porque me parece que, se eu for sósinho, não atinarei.

— Vamos lá, meu senhor... é já.

— Tem de me fazer outro favor... Logo que me mostrar a capella, ha de me deixar sósinho com essa mulher.

— O que o fidalgo quizer.

Saíram. Eram profundas as trevas. O vento, arrastando-se sobre a vegetação d'aquelle ingrato solo, soava um rugido abafado. Os môrros de fragas, negrejando na escuridade, pareciam as entranhas da terra, que rebentavam em um eterno cháos. A sineta da capella, sacudida pelos furacões, vibrava uns sons amortecidos, como as ultimas badaladas de um dobre a finados.

O capitão, afeito áquella scena, não reparava no extase, mixto de terror e admiração, em que Sebastião de Mello se ficava esquecido na presença do quadro pavoroso.

O lavrador mostrou a capella ao seu hospede, e reti-

rou-se dizendo-lhe que acharia o portão de casa aberto, quando quizesse entrar.

XVII

Sebastião de Mello parou no limiar do coberto, e viu um vulto immovel, embrulho indecifravel, chegado á fachada da capella. Caminhou para elle. Ouviam-se apenas as areias estalarem-se debaixo dos pés. A penitente dormia, com a face encostada no degráu da ermida. Mello cruzou os braços, e mergulhou os olhos em um quadro de soffrimento, novo para elle.

D'ahi a pouco, rajadas de chuva fria, fustigadas pelo norte, entravam no alpendre, e batiam na face do filho de frei Balthazar da Encarnação. Occulto por detraz de um pilar, que sustentava um coberto, esperou, gelando-se de frio, compenetrar-se do que seria aquella pobre mulher, soffrendo assim oito annos.

Pensava, e pedia á phantasia a revelação d'aquelle mysterio, quando a penitente soltou um gemido trémulo e prolongado. A infeliz tiritava, e limpava com a manta a face borrifada pela chuva.

— Que frio, meu Deus!—exclamou ella. Houve um quarto de hora de silencio.

— Adormeceria outra vez?—perguntava-se Sebastião de Mello—Como será possivel? A dor petrificará o corpo como a alma?

Uma segunda exclamação da mulher sem nome, quebrou as reflexões do passageiro:

— Maria Santissima! quando os meus dias estiverem

contados, dae-me uma agonia menos atormentada que este viver!

Esta linguagem augmentou as suspeitas de Mello, que, desde as primeiras palavras, proferidas por esta mulher, imaginára, que debaixo d'aquelles farrapos não estava um soffrimento ordinario, e uma mulher commum.

— Senhor Deus... — continuou, com intervallos, a penitente — Eu não me queixo. A minha alma acolhe com prazer os soffrimentos; mas o corpo é fraco... Não vos peço, Deus de misericordia, um dia menos no meu praso de expiação! Senhor, o que vos pede a peccadora é, á hora da morte, um signal do vosso perdão.

A penitente, quando proferiu esta ultima oração, estava de joelhos, com os olhos cravados na lampada do altar, através do ventilador, lateral á porta. O som convulso da sua voz soava no pequeno ambito da capellinha.

— Jesus crucificado, não me deixeis morrer sem que eu ouça o perdão de minha filha, do meu anjo, da minha victima, da minha desgraçada filha...

Suffocaram-a os soluços, que pareciam os gritos surdos de uma garganta, comprimida pela violencia da asphyxia. Sebastião de Mello, com toda a sua valentia moral, sentia mêdo, este mêdo supersticioso, que as almas pequenas nunca sentiram, e que nos povôa a escuridão de phantasmas.

A penitente continuou:

— Se eu fiz victimas, Senhor... se não pesam sobre a minha alma tres cadaveres sómente... se as minhas duas filhas, que deixei no mundo, ganham o pão com a deshonra, fazei que eu reconheça o seu infortunio, porque é preciso que sobre a minha cabeça cáia mais sangue!... Mandae, meu Deus, mandae uma voz, que me

diga o numero de victimas que amaldiçoaram o seu algoz...

— Não sou a voz enviada de Deus; mas posso dizer-lhe, senhora, que a minha voz nunca blasphemou contra a misericordia divina! — disse Sebastião de Mello, caminhando um passo para ella. A penitente levantou-se de um salto, como acordando de um sonho. Fitava no homem que tinha diante de si o olhar espavorido da demencia; recuava, com os braços em postura de quem afasta um espectro; parecia querer fugir lhe, quando o passageiro, apressando-se em impedir-lhe a saída do alpendre, lhe tomou a mão:

— Repare que sou um homem, senhora. Não se aterre, que eu não venho perturbar o segredo das suas tribulações, para amargurar lh'as mais do que ellas são. Não conhece o cavalheiro, que ha poucas horas conduziu a casa do capitão? Já vê que sou um homem...

— Conhece-me? — perguntou ella, retirando a mão de Sebastião de Mello.

— Não a conheço melhor que esta pobre gente, que a vê soffrer... Não poderei dar lhe mais doces consolações do que esta gente lhe dá... Mas eu tenho o que elles não têem... um coração experimentado de amarguras proprias, e uma intelligencia apurada pela dor, capaz de conceber as alheias.

— Diga-me, senhor... — disse ella, lançando-se lhe aos pés — diga-me... foi Deus que o mandou aqui?... foi um acaso que o trouxe a esta terra ignorada de todo o mundo, ou foi um toque divino que o encaminhou para estes sitios?

— Os designios de Deus operam-se por meios occultos. Não tive nunca tenção de aqui vir; e comtudo

acho me aqui, no momento em que uma desgraçada pedia a Deus uma voz, que lhe revelasse...

— Pois sabe?... sabe o que eu pedia a Deus? póde responder-me, senhor?!

— Não posso, mas quem sabe se poderei em breves dias?... quem sabe se poderei já n'este momento? Como poderei eu, sem a inspiração do céo, conhecer a infeliz que me occulta a sua vida?

— A minha vida!—exclamou ella—A minha vida!... póde ella contar-se?... Não, ninguem m'a ouviria, sem sacudir os vestidos manchados do sangue que escorre gotta a gotta dos meus... Oh! senhor!... vá... vá... fuja d'esta mulher... se alguem me ouvir... se essa gente, que me dá um bocadinho de pão, soubesse quem eu sou... apedrejava-me... Contar a minha vida!... Para quê?... A Deus, sim .. Só a Elle... E conto-lh'a todos os dias, porque é preciso que eu me vá despedaçando com as recordações sempre vivas dos meus crimes.

— Senhora! Em nome de Deus, que nos ouve, em nome de Deus, que a escuta todas as horas, abra o seu coração a um homem, que póde fazer lhe algum serviço n'este mundo... Ajoelhe outra vez n'aquelle degrau... E' impossivel que Deus não a ouça... eu orarei tambem... peça-lhe que lhe dê um toque no coração, se eu devo ouvil-a; eu pedirei que me gele na alma o fervor com que vou pedir-lhe, se não sou digno da sua confiança, pobre senhora.

— Eu! ouvida de Deus!... eu, que não me atrevo a passar d'este degráu com mêdo de attrahir o raio da vingança sobre os innocentes, que me chamam santa!

Emqanto ella caía de joelhos, exclamando surdamente estas palavras, Sebastião de Mello, tocado pela faisca do

enthusiasmo religioso, tinha ajoelhado. Ao ajoelhar-se viu atraz de si a penitente com as mãos erguidas, em um extase, que augmentou o terror religioso do futuro ministro do altar.

— Sois um homem bom, senhor!...— disse ella, levantando-se, e tomando-lhe a mão—Não tive, não devia esperal-o, nenhum toque no coração; mas de repente vejo-me attrahida para um homem, cujas feições mal vi ainda... E' impossivel que não sejaes um justo...

— Não sou, se o fosse, teria adivinhado que n'estes ermos existia uma infeliz ignorada de todos os que vivem, como eu, no tumulto das paixões mundanas... Sinto-a tremer... cubra-se com esta capa.

— Não aceito, senhor. Tenha cuidado da minha alma, que o corpo não me dóe.

— Falle... Que é o que a prende ao mundo?

— A punição...

— Tem crimes?...

— Immensos.

— Perseguem-a?...

— Os espectros das minhas victimas... São muitos...

— Matou?...

— Matei...

— Com desgostos, talvez, involuntariamente?...

— Com veneno, com a cumplicidade, com a deshonra...

— Basta... Eu não sou confessor... Os que morreram estão na presença do Juiz; mas se o sangue cáe sobre os que ficaram, procuremos salval-os. Ouvi-lhe dizer que deixára no mundo...

— Duas filhas...

— Onde?

— Em Lisboa...

— Lisboa!?...

— Sim... conhece-me... já sabe a amaldiçoada que tem diante dos seus olhos?

— Não posso responder-lhe já... — disse Sebastião de Mello, limpando da testa gelada um suor cálido—O seu nome?

— Que importa o meu nome?... Sou a condemnada!

— O seu nome, senhora!...

— Se me conhece, não precisa que eu lh'o diga... criminosa como eu, sou eu só... Se me não conhece, não importa que o não saiba...

— Ouça... eu vivo ha annos em Lisboa...

— Ha nove annos?

— Ha doze...

— Conhece-me, não é assim?

— Não sei... Ouvi fallar de uma fatalidade...

— Qual?

— Conheci um homem chamado Theotonio de Mascarenhas.

A penitente soltou um grito, correu para Sebastião de Mello, com impetuosa vehemencia, e levou-lhe a mão á bôca.

— Não pronuncie esse nome, que me mata, por piedade... Oh! senhor! Se me conhece, tenha compaixão de mim...

— Conheço-a, senhora... Sei a sua vida... foi estrondosa de mais, para que o ruido dos seus infortunios não chegasse aos ouvidos de um homem, que estuda a sociedade no mais asqueroso das suas pustulas... Conheço a... Anacleta...

A infeliz deixou caír os braços e a cabeça. Não havia n'aquella machina de dores, já combalida, forças para a exaltação. O instante mais atormentado da sua penitencia foi de certo aquelle. Depois de nove annos era

aquella a primeira voz humana, que lhe dizia: «As tuas infamias não as esqueceu a sociedade.»

— Anacleta,—continuou Sebastião de Mello, tomando-lhe as mãos — seria Deus que me enviou aqui?... Pronunciei-lhe um nome que a encheu de mêdo... Olhe... se eu tivesse uma vida immaculada, se podesse julgar-me illuminado no que se passa sobre os juizos humanos, dir-lhe-ia que Theotonio de Mascarenhas já lhe perdoou...

— E minha filha?—gritou ella, caíndo de joelhos aos pés do desconhecido, que lhe apontava os crimes.

— Sua filha foi um anjo na vida... é um anjo na presença de Deus, e ao pé de Deus não ha odios nem vinganças.

— Mas eu matei-a...

— Vendeu-a...

— Que infamia, meu Deus!

— Ha tres annos que morreu um duque, que, á hora da morte, pedia que lhe afastassem de entre os damascos do seu leito a face ensanguentada de uma infeliz menina que elle fizera precipitar de uma janella, fugindo á deshonra.

— Tudo se soube, justo Deus!

— Tudo... A mãe d'essa infeliz foi procurada nas margens do Tejo... A população de Lisboa queria conhecer a mãe que lançára sua filha a um saguão...

— E fui eu, misericordia divina, fui eu que a matei!... E amaldiçoavam-me todos, não é assim?

— Todos, não. Alguem escreveu as paginas da vida d'essa *desgraçada*, e não lhe dava senão este nome...

— Poupe-me, senhor, por compaixão... Sem que eu lh'o pergunte, diga-me tudo o que sabe da minha vida...

— Anacleta tinha duas filhas...

—Sim... sim... duas filhas... em um collegio.

— Emilia casou com um pobre mestre de musica, cujas lições ella ajudava no collegio. Vivia com muita honra, e muita pobreza. Lamentava sua irmã; mas não ousava polluir-se com nódoas, que sua irmã, involuntariamente, recebera na sua reputação...

— Pobre Emilia!... coitadinha! A minha filha, pobre... e tão rica tinha nascido... Outra victima, Deus inexoravel!

— Não blaspheme, Anacleta...

— Perdão, perdão, Senhor!...

E caîu com as faces sobre a lage, murmurando:

— E Antonia?...

— Antonia, quatro annos depois que sua mãe desapparecera, forçada por uma paixão invencivel, entregou-se a um homem, que mudou de nome e desfigurou a sua posição social, para, a titulo de casamento, a arrebatar dos braços da honra e do trabalho... Esse homem era um general, chamava-se Gervasio Faria; foi fuzilado ha um anno, não sei o que é feito d'ella...

— Desgraçada filha... Outra victima, meu Deus... não ha perdão para mim!...

— Levante-se, Anacleta... Quer seguir os passos que, n'este mundo, caminha o anjo invisivel da punição? Duas meninas pobres, a mãe prostituida aos que passavam, uma virgem com a face partida em uma pedra... tudo isto foi feito por um homem, que roubava a uma amante o dinheiro que ella roubára ao pae de suas filhas, matando-o. Mas Deus serviu-se do instrumento, e quebrou-o depois. Azarias saíra de Lisboa, com o ouro da fraca mulher, que devia ser punida. Vagou tres dias com feliz jornada para um remoto clima. Ao quarto, uma tempestade atirou com o hiate para mares

desconhecidos. Ao quinto dia, o ouro roubado estava no fundo do abysmo, e trinta vidas assoldadas a esse ouro. Ao sexto, brincavam as ondas com uma pequena lancha em que se viram primeiro tres vultos, e, ao setimo dia, dois. Ao oitavo dia de viagem, essa lancha partira-se entre uns rochedos. Saíram dois homens com um cada, ver. Um dos homens caíu desfallecido em terra, e nunca mais se levantou. Azarias encontraram-o nas praias de Tanger, cavando com as unhas um fôsso para sepultar uma menina, que roubára de casa de seu pae, que morreu dois mezes depois.

— Oh! justiça de Deus!... E elle?

— Não sei... Quando ia ferir-se com um punhal, caíu-lhe o ferro das mãos, ajoelhou, e pediu ao Deus de Moysés, que é o Deus de todo o mundo, que o punisse. Se o visse, Anacleta, perdoava-lhe?

— Oh! sim, sim, perdoava!...

— Essa resposta exprime o estado da sua alma! Mulher... é impossivel que Deus lhe não tenha perdoado... Diga-me... Qual é o seu futuro?

— Isto que vê... estou ajoelhada sobre a minha sepultura...

— Em toda a parte está Deus para abençoar a morte, que lava as iniquidades da vida... Venha para Lisboa... dar-lhe hei um quarto e um crucifixo, e um leito onde morra...

— Nunca, sem que a voz de Deus me mande.

— Não posso fazer nada em seu beneficio?

— Fez tudo o que podia...

— Nada, absolutamente nada?

— Muito ainda... Venha commigo... Ajoelhe aqui... Faça um juramento... Diga... Nunca direi a pessoa alguma do mundo, emquanto Anacleta fôr viva, que v

esta mulher. Depois de morta, dil-o-hei, para que o mundo perdoe á sua memoria.

Sebastião de Mello jurou.

— Agora... deixe-me... preciso chorar... Vá... diga a todo o mundo que peça a Deus pela maior das peccadoras... Vae para Lisboa?

— Vou.

— É rico?

— Tenho para valer a pobres...

— Se encontrar minhas filhas com fome, dê-lhe um bocado de pão... o bocado que me daria a mim se lh'o pedisse... Adeus.

A ultima palavra disse-a com os olhos já cravados na imagem do Christo, cuja alampada ia apagar se.

Sebastião de Mello, como alheado de si, febricitante e extenuado, retirou machinalmente.

D'alli, a um tiro de bala, viu um vulto. Era o capitão de Viduedo.

— Homem,—disse elle—eu estive á espera duas horas, e quando vi que não vinha, lembrou-me se lhe aconteceria alguma desgraça. Os lobos ainda hontem foram á córte da tia Thereza do Quinchoso, e comeram-lhe, salvo seja, tres cabras. Estava a ver se os lobos teriam dado c'o fidalgo. Tirei-me dos meus cuidados peguei na caçadeira, e vim por ahi fóra. Quando aqui cheguei ouvi um zum-zum, e logo me pareceu que o fidalgo estava a fallar com a santa...

— Ouviu o que dissemos?

— Nem palavra... eu cá não sou d'esses homens... Então é santa ou não é?

— Deus o sabe.

— É o que diz o meu avô... Quem tem andado terras, é uma cousa bem ao invés da gente do matto.

— Que horas são, snr. capitão?

— O sete-estrello vae alto... Isto, por mais que me digam, vae lá p'ras quatro horas. Agora toca a dormir... e com bem passe a noite, fidalgo. O cavallo está a comer até dizer *basta*.

Sebastião de Mello não cerrou os olhos.

Tomára chá em casa de D. Anacleta na época da sua opulencia, fallára-lhe em virtude em casa da meretriz na rua da Rosa das Partilhas, dera-lhe mysteriosamente uma mezada com que mataria a fome a duas familias numerosas, encontrára a penitente, finalmente, debaixo do alpendre da ermida de Viduedo. Que tres reflexos da mesma imagem! Que tumulto de sensações para uma imaginação apaixonada!.....

.....

Devia ter nascido o sol, quando o hospede se despediu do fidalgo de Viduedo, que tão solicito gasalhado lhe dera; mas o céo estava negro, as fragas coroavam-se de castellos de nuvens, que pareciam, impellidas pelo vento, rodarem na esplanada, e despenharem-se nos abysmos.

Sebastião de Mello levava comsigo um prático, com quem se entretinha fallando na santa, e nos milagres que já lhe eram attribuidos. A um quarto de legua de Viduedo, na descida dos precipicios que prendem as pittorescas varzeas da ribeira aos alcantis d'aquelles sêrros amaldiçoados, o prático parou, e exclamou com grande pasmo e devoção:

— Ella lá está!

— Quem?

— A santa.

— Onde?

— Olhe aqui n'este direito, por entre estes dois cabe-

ços de fragas; não vê no alto um choupello assim a modo de uma touça, e um calháu mais alto?

— Não vejo.

— É porque a nevoa se prantou diante... Deixe-a passar... Olhe, lá está, não a vê acenar-lhe com o avental?

— Vejo...

Sebastião de Mello, com os olhos cheios de lagrimas, parado em um angustioso extase, dizia-lhe adeus com a mão. Os cabellos da infeliz voavam, sacudidos pelo vento. O passageiro acenou-lhe que viesse ao caminho; e ella, immovel como a fraga que tinha diante dos pés, parecia petrificada. Mello, concebendo a vontade de Anacleta, seguiu o seu caminho. Ao voltar de uma encosta, em que a perdia de vista, olhou, pela derradeira vez, e lá a viu agitando o seu avental. Era o ultimo adeus.

O prático não ouviu uma palavra mais do cavalleiro.

FIM DO LIVRO SEGUNDO

MYSTERIOS DE LISBOA

LIVRO TERCEIRO

I

Sebastião de Mello, com as súpplicas da penitente nos ouvidos e no coração, aligeirou quanto pôde a sua chegada a Lisboa.

Tres annos antes, abandonára Portugal. N'essa época as filhas de D. Anacleta, geralmente reconhecidas como filhas de D. Theotonio de Mascarenhas, viviam, como elle o dissera á lastimavel mãe, uma casada e pobre, a outra com deshonra, mas opulenta. Assim o acreditavam aquelles que não duvidam receber todos os escandalos como factos consummados, mas não prescindem de se fazer escutar nas suas observações moralisadoras ácerca de cada escandalo.

Mello sabia a morada de umã e outra. Procurou Emilia, a titulo de encommendar a seu marido cópias de musica para flauta. Encontrou-a sósinha, e converteu facilmente a conversação no verdadeiro motivo que o levára alli.

— É lucrativa a arte de seu marido?

— Não, senhor; mas a felicidade não a dá o dinheiro.

Vivemos remediadamente. Se não tivessemos outros motivos de apoquentação, eramos felizes na nossa pobreza. Meu marido tem algumas discipulas de piano, eu ensino em casa algumas prendas que me ensinaram em um collegio onde fui educada, e nas horas livres, para entreter, fabríco hostias, que vendo para os Paulistas.

— E, comtudo, não é feliz...

— Quem o será, meu senhor?!... Ha cousas de familia, que são mais afflictivas que a miseria e a fome...

— Não se arrependa d'essas pequenas revelações, se receia que eu as tome em sentido diverso do que ellas são... Eu sei os seus desgostos.

— Bem póde ser... mas eu não conheço v. s.ª, ou estarei esquecida...

— De certo me não conhece... supposto que alguma vez nos encontramos...

— Onde?

— Em casa de sua mãe...

— Oh! meu Deus!... cuidei que ninguem se lembrava já da desgraçada mulher...

— Tantos annos ha que isto foi!... A snr.ª D. Emilia teria então quinze annos... Foi ha dez... Sua mana Antonia era uma menina que parecia ter pouca vida para este mundo...

— Infeliz!... Oxalá tivesse então morrido!... Viu-nos depois d'esse tempo?

— Raras vezes... Sua mana conheci-a bem perto d'esta casa... quasi vizinha...

— É verdade... Não sei que fatalidade a trouxe para ao pé de nós... Era n'aquella casa de tres andares... Viveu alli tres annos; mas nem ella nos viu, nem nós a vimos a ella...

— Já lá não vive?

— Não senhor. Ha um anno que começou a punição da desgraçada...

— Sei o que quer dizer... O homem que a tirou do collegio foi fuzilado...

— Deus se compadeça da sua alma...

— E a mana?

— No dia seguinte á morte d'esse homem, o senhorio da casa recebeu as chaves, e ordem de vender todos os objectos que se achassem dentro, e applicar a importancia em missas por alma do infeliz.

— E ella que destino tomou?

— Não sei, senhor. Meu marido cansou-se em procurar, mas, em uma terra d'estas, vão lá saber onde se escondeu uma mulher obscura, por cuja falta ninguem dá!...

— Tem razão... Já vejo que não ha meio nenhum de saber...

— Onde ella está? De certo, nenhum... Deus sabe se ella teve o fim da desgraçada mãe...

— Que fim teve a mãe?

— Dizem que se afogára...

— Deus permittiria que sua mana não commettesse o impio crime do suicidio... Quem vende o que possue para remir as penas eternas do seu amante, de certo se não mata. A religião tem consolações para todas as amarguras. Ora diga-me, não conhece creado ou creada que servisse sua mana, ou pessoa que a visitasse, emfim... alguem que vivesse em mais contacto com ella?...

— Ninguem... Já disse a v. s.ª, que entre mim e minha irmã, desde o momento em que ella deixou o collegio, nunca mais existiu o menor parentesco, nem a mais ligeira relação.

— Parece-me que a snr.ª D. Emilia foi demasiado severa com sua irmã...

— Fui, e d'esta soberba tenho pedido perdão a Deus. Mas, senhor, a mulher casada é escrava de seu marido. Meu marido prohibiu-me, e eu pensei que seria maior peccado a desobediencia a meu marido...

— Deus é que nos julga... Desculpe-me estas impertinentes perguntas. Aqui ficam as musicas que quero copiadas, e a paga... Supponho eu que será pouco mais ou menos isto.

E deixára um rolo de papeis com um cartucho de dinheiro, que D. Emilia abriu. Eram cincoenta peças, que a deixaram trôpega, physica e moralmente, até que seu marido, por não ter mais hypotheses a estabelecer, concluiu que se tratava de alguma restituição. Nas suas mil conjecturas, o honrado mestre de solfa imaginou que aquelle desconhecido era o judeu Azarias Pereira.

Sebastião de Mello, apesar da sua vontade de ferro e dos seus vastos recursos, descoroçoára, vendo inuteis quantas diligencias empregou para encontrar Antonia. Vivia mortificado. A commissão da penitente de Viduedo não podia ser cumprida. Cada manhã, levantava-se com um novo plano de syndicancia, e via caír a noite como um véo, cada vez mais espesso, sobre o segredo impenetravel.

Um dia, apresentou-se Sebastião de Mello em casa do intendente geral da policia, perguntando-lhe se seria possivel, por meio de indagações, alcançar esclarecimentos sobre a existencia de uma mulher que, um anno antes, desapparecera, sem deixar vestigios do seu destino.

— Morreria — disse o intendente, mettendo na bôca, desenfadadamente, um rebuçado.

— E' possivel; mas deve existir em alguma parochia o assento do obito.

— Pois bem; n'esse caso dirija-se ao vigario geral, ou quem quer que é.

— Mas se não existir o assento?

— Então não morreu.

— Póde ter morrido...

— Não sei como...

— Suicidando-se.

— Ah! é verdade!—disse o imbecil magistrado, com o regosijo de quem assistiu á resolução de um difficil problema — N'esse caso, se se suicidou, quem tiver devoção reze-lhe por alma.

— E' justo; mas se podessemos obter a certeza do suicidio, ou pelo menos a probabilidade...

— Essa mulher era pessoa de bem?

— Não comprehendo bem a pergunta...

— Se era senhora de nascimento...

— Quer dizer... fidalga?

— Sim, pessoa illustre.

— Era filha de um dos Mascarenhas...

— Dos Mascarenhas? De D. Theotonio, que morreu ha cousa de doze annos?

— Justamente.

— Essa pessoa posso-lhe eu dizer que não morreu.

— De véras, senhor?!

— De véras; pois eu estava agora aqui a zombar de v. s.ª?!

— Onde vive?

— Não sei... Eu lhe conto a razão por que lhe posso afiançar que essa senhora é viva, ou pelo menos era-o, ha dois mezes, quando muito... Um dia appareceu-me aqui uma mulher gritando como uma endiabrada contra

os malvados, que lhe tinham roubado a aua menina. Mandei-a calar, com pena de prisão; e a mulher, mais socegada, explicou do seguinte modo a gritaria com que me atordoou. Disse que era a ama de leite que criára uma menina, filha do general Gervasio Faria, e de uma senhora, amante d'este desventurado jacobino. Que o pae tinha perfilhado esta menina, na vespera de ser arcabuzado, e que uns homens encapotados, naturalmente para obstarem a que a criança succedesse na herança do pae, lh'a tinham roubado para a matarem. Com estes esclarecimentos assim vagos, eu nada podia fazer. Tomei o nome da mulher e a morada...

— Conserva esse apontamento?

— Conservo... eil-o aqui no livro: *Rosa de Jesus, praça das Flores, n.º 10.*

— Queira v. exc.ª continuar.

— Tomei o nome da mãe. Quiz saber a morada; mas a mulher não m'a disse. Eu como não podia obrigal-a, deixei-a. Inquiri testemunhas. Todas disseram que tinham visto entrar, ao escurecer, uns encapotados em casa da tal Rosa, que ouviram uma menina gritar, que a ouviram a ella pedir soccorro. Mas tudo isto, supposto fizesse prova, não era prova contra ninguem. Eis aqui o que posso dizer lhe á tal respeito, e desculpe-me se o despeço, que estou aqui occupadissimo com estas denúncias a respeito de um tal Roberto Fajardo, *Malasartes* por alcunha, que dizem ter escripto uma satyra em verso contra a viscondessa de Jerumina, personagem muito querida de s. exc.ª o general Beresford.

Sebastião de Mello, grato á despedida, correu com o coração em saltos de alegria a casa de Rosa de Jesus. Felizmente era tudo verdade. A consternada ama contou minuciosamente a historia do roubo. Acabou por

implorar o valimento do desconhecido a favor d'ella, e da inconsolavel mãe.

— Deve viver muito amargurada essa infeliz menina!...—disse Mello.

— Ai, senhor! Conheceu-a?

— Conheci.

— Pois se a vir não a conhece. E' mesmo uma cousa de fazer chorar as pedras. Tem a pelle pegada aos ossos, e começam-lhe as brancas a apparecer. Caíu-lhe quasi todo o cabello, e sumiram-se-lhe as maçãs do rosto. Que pena ella faz a minha querida senhora!

— De que vive?

— Trabalha; pouco lhe basta para viver. Faz camisas de homem, e engomma. Sou eu que lhe arranjo as encommendas, porque ninguem d'este mundo, a não ser eu, sobe as suas escadas para cima,

— Ninguem?

— Esta luz me falte, se eu minto, senhor. Oxalá que ella se não matasse assim, sem querer remedio, nem consolações. Acho a a chorar, e a chorar a deixo. Desde que me roubaram a menina, que eu lhe levava todos os dias, desde que o malvado inglez lhe mandou matar o pae, desde então a pobrezinha está a encher dias. Qualquer dia vou encontral-a morta.

— Se vossemecê lhe dissesse que ha um homem que lhe promette procurar a filha viva ou morta, parece-lhe que ella se deixaria visitar por esse homem?

— Eu sei, senhor! Ella já não tem esperanças nenhumas, nem eu, a fallar-lhe a verdade. E essa pessoa, que me diz, tem alguma certeza de encontrar a nossa menina?

— Certeza, não; tem vontade, e força, e dinheiro. Vencerá todas as difficuldades. Será capaz de arrancal-a

dos braços de um gigante, se ella estiver viva; e, se estiver morta, punirá os assassinos.

— Pois então deixe-me fallar com ella primeiro.

— Quando?

— Hoje mesmo; d'aqui vou lá direita; á noite venha v. s.ª aqui, e achará a resposta.

— Até á noite.

Rosa de Jesus, quando tomava de sobre o toucador uma chave, viu dinheiro em ouro. A surpreza foi agradavel e maravilhosa. Era mais um argumento que levava para reforçar a sua eloquencia.

Sebastião de Mello, emquanto Rosa saboreava a impressão, chamava um gaiato, que corria atraz de um cavalleiro, e entrava com elle em uma porta.

— Espera... Vês aquella mulher de capote côr de pinhão e lenço branco?

— Sim, meu fidalgo.

— Segue-a... e vê onde ella entra... Sabes ler?

— Os lettreiros das ruas, e o numero das portas, sei, fidalgo.

— Toma de cór a casa onde a vires entrar, e vem em um pulo dizer-m'o á hospedaria Peninsular, rua do Arsenal, n.º 40.

— Bem sei, meu senhor.

Meia hora depois, chegava o gaiato.

— Viste?

— Entrou na rua do Carvalho, no bairro Alto, n.º 87. Abriu a porta...

— Abriu a porta?!... Tu enganas-te, ou me enganas.

— Raios me partam, cego eu seja dos olhos ambos, e nada me corra direito, se isto não é verdade. Eu puz-me á sucapa dentro do portal do conde de Ficalho. A

mulher chegou, e abriu a porta da rua, fechou-a logo que se engasofilou, e eu fui ver o numero e puz-me na pireza...

— Estás bem certo que era na rua do Carvalho, n.º 87?

— Mesmo defronte do quintal do conde de Ficalho, á sua mão direita, indo para cima.

O gaiato saíu contentissimo da comissão.

Sebastião de Mello entrou em uma sege, e parou a pequena distancia das rua das Flores. Foi á porta n.º 10, e estava fechada. Com pouca espera, chegou a snr.ª Rosa de Jesus, entrou, e após ella o generoso remunerador do seu trabalho.

— Venho triste, meu senhor! Nada fiz...

— Por quê?

— Diz que em sua casa só entrará o padre que lhe levar a extrema-unção.

— Pois não ha nada que a mova? Nem a esperança de encontrar sua filha?

— Chorou muito quando lhe disse isso, e respondeu-me: «Os meus inimigos mataram a filha... e querem matar a mãe...» — Teimei, disse-lhe que v. exc.ª me deixára uma peça sobre a commoda, e quando lh'o disse, então é que ella ficou de pedra e cal a dizer que não. «Os meus inimigos são ricos... Eu se tivesse algum amigo, seria pobre como eu.» Foi o que ella, por fim de eu baralhar quanto pude, me respondeu.

— E vossemecê não está resolvida a descobrir-me o segredo da residencia d'essa senhora?

— Sou pobre; quando v. exc.ª me deixou, ha bocadinho, este dinheiro, eu não tinha um tostão para a ceia; mas póde dar-me a riqueza do Quintella, que eu não sou capaz de lhe dizer onde mora a mãe da minha

querida menina. Se quer o seu dinheiro, tome-o lá outra vez.

— Não quero, mulher. Folgo de a ver assim honrada E, para que vossemecê conheça o valor que eu dou ao seu procedimento, receba esta pequena lembrança de um homem, que quiz tentar a sua fidelidade, mas com a intenção de ser util á sua desgraçada ama.

Rosa via-se senhora de um capital, que nunca reunira em suas mãos. Durante a noite, em que não pôde serenar o sangue, e cerrar os olhos, phantasiou tudo que podia fazer-se com vinte moedas, e acabou por planisar uma lojinha de capella com estanco, da qual, sem Antonia saber, tiraria meios para suavisar-lhe o trabalho de costureira obscura, sempre mal pago.

Sebastião de Mello entrava na Rua do Carvalho, alta noite, e batia a uma porta fronteira ao muro do quintal do conde de Ficalho.

— Quem é? — perguntou uma voz de um terceiro andar.

— Aqui é que mora o snr. André Teixeira?

— Nada, não é.

— Pois o numero d'esta casa não é 87?

— Não. O numero desta casa é 89.

Astuciosa maneira de decifrar numeros de portas, em plenas trevas,

— Muito obrigado.

— Mas no n.º 87 — disse a mesma voz — não mora nenhum André.

— Penso que mora — disse Mello, ancioso por terminar o dialogo. — Veio esta noite para cá... Boas noites.

— Só se for isso... Até aqui vinha uma mulher de capote e lenço, abria. fechava a porta, e saía logo.

— Boas noites, muito obrigado.

A maldita curiosidade, apesar do frio, conteve na janella a informadora importuna do improvisado André. Sebastião de Mello, receioso de que a sua paragem silenciosa áquella porta fosse suspeita, retirou-se, e voltou, quando a janella do n.º 89 se fechou, com grande pezar e confiança da dona da casa.

Bem cingido com a porta, Mello demorou-se alguns minutos, insculpindo em pasta de cera o orificio da fechadura. Passou depois para defronte, e fixou os olhos no unico andar d'aquella casa.

Deu meia noite. Ha meia hora que o encapotado, preso nem elle sabia a que pensamentos vagos, se achava ahi, esperando nem elle sabia o quê.

Minutos depois, viu uma como scintilla de luz por entre a juntura das portadas interiores da janella de peitoril. O seu coração estremeceu. E' que todas as commoções que então lhe agitavam a alma com um excesso de vida, estavam presas, eram a continuação d'aquella noite da ermida de Viduedo. N'aquella casa estava a filha da penitente, cheia de poesia funebre, poesia que sua irmã não tinha, porque vivia uma vida trivial, um mixto de miserias e gôsos, como o resto do genero humano. N'aquella pobre casa estava uma mulher de vinte e cinco annos, symbolo de desgraças reconditas, e a setenta leguas, com as faces em uma pedra, e os membros açoutados pela neve, áquellas horas, a mãe d'essa mulher pedia a Deus que não a deixasse expirar sem beber, convertidas em fel, as lagrimas de deshonra, que uma de suas victimas derramava.

Soára uma hora. A faisca de luz desapparecera; e pouco depois aquella janella foi aberta. No canto escuro em que se escondera, Sebastião de Mello não podia ser visto, e divisava um vulto em pé, e ouviu uns sons de

quem aspira um sorvo de ar. Pareciam suspiros mal reprimidos, ou soluços de quem procura delil-os em lagrimas.

Mello sentiasse febrilmente excitado. As mais fortes organisações tem debilidades infantis. O confidente de Anacleta não podia sustar os impetos que o animavam a dirigir áquella mulher uma palavra, A lua brilhou em todo o seu fulgor, um momento, por uma fenda aberta nas nuvens. Mello viu a face d'aquella mulher como á luz de um relampago. Era um alabastro dos tumulos, a cabeça de um anjo procurando no ceu uma alma. O coração e o genio afoutaram lhe o temor. Um novo clarão da lua mostrou Antonia com as mãos erguidas. Mello, sem mover-se, murmurou em voz, que denunciava commoção e lagrimas:

— Antonia! essas orações são ouvidas no céo.

— Oh! meu Deus — balbuciou a filha de D. Theotonio, recuando, como para fechar a janella.

Mello presentiu, pelo coração, este movimento, e disse:

— Não fuja, senhora! A desgraça é timida, mas Deus não quer que desprezemos a voz amiga, que nos manda orar, Antonia!

— Não conheço a voz que me chama — disse ella a tremer, sentindo-se presa por forças superiores áquella janella.

— Se não a conhece, escute-a, que é a voz de um amigo... Fallava com sua filha?

— Sim, sim com minha filha... Morreu?

— Ha um homem que pede a Deus a força, a energia, e o poder do milagre para entregar viva ou morta essa filha a sua mãe.

— Senhor, quem quer que seja, eu regarei os seus pés com lrgrimas de gratidão.

— Mas esse homem tem mais deveres a cumprir, Antonia.

— É meu parente, ou amigo, senhor?

— Amigo...

— Conheço-o?

— Poderia conhecer-me. Já uma vez lhe disse, no salão de sua mãe: «A sua vida é triste como o presentimento de morte proxima.»

— Ah!... nunca me esqueceram essas palavras... Lembra-me quem m'as disse... Era um cavalheiro muito pallido, que nunca mais tornei a ver... E essa pessoa... é...

— Sou eu, Antonia. Se me vir á luz do dia, talvez me não conheça; mas sou eu.

— Mas esse sujeito n'essa mesma noite deu-me...

— Uma rosa branca... e disse-lhe... «é como o coração da mulher triste, quando a rodeiam as alegrias das almas superficiaes. Esta flor vivia mais no seu pobre jardim. A mulher de coração, fechada entre as quatro paredes do seu quarto, sentiria prazeres, que não são como estes que se mascaram nos salões.»

— Sim, sim, foram essas palavras! Oh! senhor, que espirito o conduz aqui, depois de dez annos?

— O espirito de sua mãe.

— De minha mãe!... Por Deus, que me faz tremer de mêdo!... Senhor, eu sou fraca, e estou sósinha... Não me diga que minha mãe veio a este mundo fallar na desgraçada filha de Theotonio de Mascarenhas...

— Comprehendo a idéa que prendeu ao nome de seu pae, Antonia... Se quiz ferir a memoria de sua mãe, peça-lhe perdão.

— Não quiz... não... pela minha salvação... não quiz... Eu tremo... Não poderei ouvil-o... muito tempo...

— Recolha-se, Antonia. Ás dez horas da manhã hei de encontrar aberta para mim esta porta fechada para todos. Se a encontrar fechada, abril-a-hei. Um homem, encarregado de uma commissão, que prende os mortos aos vivos, vence todas as resistencias... Antonia, ouviu-me?

— Ouvi... mas é impossivel... Só ao meio dia é que a minha porta se abre... eu não tenho a chave...

— Até ás dez horas.

Foram as ultimas palavras. Fascinada pela soberania do homem, pelas reminiscencias d'aquelle typo que se lhe gravára no espirito, e pelo terror imperioso com que a mandava obedecer, Antonia não sabia, nem podia resistir. A noite passou-a em um trémulo de susto. A cada ruido escondia a cabeça, para não ver, ou para não ver mais pronunciado o phantasma de sua mãe. Orou muito, porque o mêdo sécca as lagrimas. Anciou a luz da manhã, e sentiu-se tanto mais apertada da alma, quanto as dez horas se aproximavam.

Ao romper do dia, Sebastião de Mello entrava na fabrica de um serralheiro, e esperava que se lhe fizesse uma chave pelo molde aberto em cera.

Ás dez horas em ponto, abria a porta n.º 87, subia, e encontrava uma senhora, que tremia, abrindo a porta da unica saleta.

— Conhece n'estas feições algum traço do antigo homem?—perguntou Mello, sorrindo.

— Quasi... todas...—disse Antonia, violentando as palavras, que lhe não passavam do seio arquejante.

— Então... enganei-me... ainda bem, que não póde duvidar da pessoa. Passou uma triste noite, não é assim?

— Devia passal-a...

— Será a ultima das mais tristes da sua vida.

— A ultima, se Deus o permittisse...

— Crê em Deus?

— Oh! que muito mais desgraçada eu seria, se não acreditasse!...

— Crê na virtude?

— Meu Deus!...

— Por que chora, Antonia!?

— Se eu fosse virtuosa, não...

— Não chorava assim? Chorava... Essas lagrimas o que são, senão a virtude? Filha, a tranquillidade que por ahi vê nas existencias, que o mundo chama virtuosas, é taboleta de uma barata virtude, sem sacrificios, sem desalentos, sem pelejas, nem triumphos. A virtude é a flor regada com lagrimas, e colhida entre os espinhos, com os dedos a escorrerem sangue. Outra pergunta, Antonia... Quer ser senhora das suas acções, ou obedece a quem lhe disser: «Em nome de Deus, e da virtude quero dominar-te?»

— Obedeço...

— Sem vontade propria...

— Sim, sem vontade propria, porque em nome de Deus, e da virtude, ninguem quererá augmentar os meus infortunios.

— Bem. Hoje ás quatro horas da tarde deixará esta casa.

— Oh! senhor! por piedade!... diga-me se devo abandonar-me assim a uma pessoa quasi estranha... Jesus!... tenho a cabeça tão confusa, nem sei o que devo pedir-lhe.

— Peça-me que a venha buscar ás quatro horas da tarde...

— Obedeço, senhor, obedeço...

— Bem. Depois da obediencia, segue-se a consulta.

Até aqui mandou o pae, agora consulta o amigo. Quer entrar em um convento como secular?

— Oh! meu Deus! em um convento!... Já vejo que é o meu anjo salvador... Oh! sim! sim! seja n'este momento—disse ella, ajoelhando.

— Não póde ser já. Ás quatro horas da tarde. Levante-se, filha... Antes d'isso é preciso fazermos uma convenção... Antonia, desde este instante, será conhecida como minha irmã. Se lhe perguntarem o seu passado, diga que não tem nenhum: se lhe perguntarem o meu, diga que sou um homem que tem o coração fechado para todo o mundo. Comprehende, minha irmã?

— Sim... eu farei que ninguem me pergunte nada da minha vida... O silencio, e a oração...

— O silencio, e a oração... é o alimento do espirito, mas a materia precisa respirar. Nos conventos não se procuram grutas de Thebaida. Está-se mais perto do altar, mas não se voltam as costas ao mundo. Já lhe disse... sem sacrificios todas as virtudes são faceis... É necessario que saiba as miserias da terra, para elevar com mais fervor as suas súpplicas a Deus. Os bons pedem pelos máus; e os máus, com os seus crimes e as suas expiações, são a melhor escola dos bons. Antonia, até ás quatro horas...

Mello fez voar o seu cavallo a S. Vicente de Fóra. Á custa de algum ouro, com que as resistencias ecclesiasticas se vencem desde Roma até ao presbyterio rural mais obscuro, o generoso fidalgo fez passar uma licença de entrada de D. Antonia de Mascarenhas no mosteiro da Encarnação.

D'alli, partiu ao convento, onde lançou nos avultados cofres da casa o preço de uma cella, e as mezadas de

um anno, que deviam ser entregues pela prelada á secular.

Pouco depois, entravam os moveis da cella de D. Antonia, e Rosa de Jesus, que devia surprendel-a como creada.

E ás quatro horas parava uma carruagem na casa da rua do Carvalho, n.º 87, d'onde, com grande espanto, as visinhas viram saír aquella senhora, que muitas, mais jocosas, disseram ser uma defunta em pé. A do terceiro andar, n.º 89, essa gastou duas horas de animada tagarelice, contando, com grandes flores de mentirosa rhetorica, a historia de André Teixeira, no que deu muito que pensar desde a rua do Carvalho até ao cunhal das Bolas.

As que diziam que D. Antonia parecia uma defunta em pé, não iam mal na comparação. Aos vinte e cinco annos pareciam incriveis semelhantes estragos em um rosto em que a arte não encontrava uma linha de juventude.

Na sua linguagem desflorida, mas rudemente expressiva, Rosa de Jesus dera de sua ama um fiel retrato a Sebastião de Mello. Raros cabellos, e alguns já brancos, se lhe enrolavam em dois pequenos anneis nas fontes, como para deixarem bem visiveis as rugas profundas, que se cruzavam na testa. A vista era baça, e o colorido da pupilla pallido como a luz embaciada pelos raios do sol. O lenço preto, aconchegado ao pescoço, não disfarçava os relevos da magreza. O vestido negro era como a mortalha, em que alvejavam as mãos afiladas e amarellas. Sebastião de Mello sentiu, ao dar-lhe a mão para a carruagem, o contacto de um morto. Aquella mão era de gêlo... Se não fosse a convulsão, dir-se-ia que o sangue se tomára n'aquellas veias, ou aquella

mulher se levantava de um tumulo como a filha da viuva de Nahim, resuscitada por Christo.

Antonia entrou no convento. Achou-se rodeada de carinhosas senhoras, que perguntavam umas ás outras se aquelle mosteiro seria cemiterio.

Recolhida á sua cella, encontrou a sua amiga, confidente unica das suas lagrimas, a ama de sua filha, que devia morrer, um anno depois, com o segredo de sua ama. Achou, senão opulencia, tudo que era grato ao coração de uma mulher, que ambicionava morrer esperando sempre sua filha, e receiava que a fome a surprendesse, sem poder grangear com a agulha um bocado de pão reparador.

Eil-a, pois, a irmã de padre Diniz, a intima confidente dos segredos de Angela de Lima, a segunda mãe do filho da condessa de Santa Barbara.

Agora, se a leitora não repara no tratamento que se deu a D. Emilia, moradora na Praça da Alegria, voltemos ao capitulo em que a deixamos resignada com as austeridades do copista de musica, ácerca de uma carruagem, que parou defronte de uma casa proxima, quinze annos depois que Sebastião de Mello lhe deixára cincoenta peças, que seu marido contava todos os mezes, e reservava como garantia de uma socegada velhice.

II

Supposto que a esposa resignada do snr. Joaquim dos Reis não désse a seu marido uma razão justificativa da sua curiosidade, a razão era de certo modo plausivel. A casa a cuja porta parára a carruagem, era justamente

a mesma em que, dezeseis annos antes, vivera sua irmã Antonia. Como ella, havia alli uma mulher mysteriosa; como aquella carruagem, parára alli muitas vezes a do general Gervasio Faria. Estas coincidencias, em que a razão nada vê maravilhoso, impressionavam o espirito de D. Emilia, que fora toda a sua vida supersticiosa; e, dos quarenta annos em diante, enfadonha em ver cousas sobrenaturaes n'aquillo que para seu marido era positivo como um tempo quaternario e o valor de dezeseis semi-fusas.

Quem saltou da carruagem foi Alberto de Magalhães, filho de D. João VI, espião de D. Pedro, cavalheiro de industria, contrabandista, negreiro, corsario, emfim tudo o que a boa sociedade de Lisboa queria que elle fosse.

Alberto era esperado no ultimo degráu da escada do primeiro andar por uma mulher de rara belleza, com um sorriso de enlouquecer, e um beijo á flor do sorriso, que accenderia o calor da vida nos labios de um morto.

Cingindo o braço com a cintura de Alberto, a joven feiticeira deixava-se ir languidamente quebrada sobre o hombro do cavalheiro, como quem se deixa ir abandonada á mercê de uma estranha vontade.

Alberto sentou-se em uma preguiceira de almofadas de damasco carmezim. As espiraes inquietas dos curtos cabellos da viçosa moça tocavam-lhe como plumas na face, emquanto nos seus olhos, abrazados de não sei que lume, sentia o contacto suavissimo de assetinadas pestanas.

— Amas-me muito, Eugenia?

— Se te amo, Alberto! Nem eu sei se isto é amor... O que eu queria era morrer por ti!... Olha como é isto que eu sinto!... Será uma extravagancia?

— Eu quero que vivas, e vivas sem saudade...

— Saudades de quê, ou de quem?

— Pois de véras estás esquecida, inteiramente esquecida d'aquelle homem?

— Alberto, é impossivel que me faças tal pergunta para me experimentares... Tu bem sabes o que eu podia sentir por elle... O amor de uma escrava... nunca é amor...

— Escrava não o foste, Eugenia... Esse homem amava-te, queria-te a seu lado; e, se a morte não o surprendesse, serias sempre a rainha d'aquelle coração, e escrava nunca.

— Escrava, sim. Pois não vês que me deixava uma esmola como preço da minha servidão?

— Não era esmola; era o preço do que elle julgou que faria a tua felicidade...

— Um convento?! Deixa-me rir sem vontade, Alberto... Um convento para mim, que tenho dezesete annos, e o coração com todo este amor, que só tu... só a ti... por ti, meu querido, eu devia sentir... E... não te ris, Alberto? O conde, tanto me suppunha sua escrava, que depois de dar as suas ordens a respeito do meu corpo, estabelecia as missas que se diriam por minha alma... Forte pieguice teve aquelle pobre homem, que fanatisaram em Santarem!...

— Tu nunca tiveste por elle interesse do coração?

— Nenhum. Eu tinha dez annos quando vim para aquella casa, como creada grave da condessa. Esta senhora, a quem não desejo mal nenhum, tratava-me bem, e achava prazer em me ter comsigo no quarto, d'onde nunca saía, a não ser para o côro da capella, em dias santificados. Quando cheguei á idade de agradar, encontrei muitas affabilidades no conde, que era pouco propenso a carinhos. Lá me admirou tanta meiguice; mas

só no momento de ser violentada, sem eu saber que genero de violencia se me fazia, é que eu conheci que era uma criança de treze annos, obrigada a ceder ás paixões, sem alma, do dono da casa. O conde, para me galardoar a escravidão, que eu, deixa-me assim dizer, estupidamente aceitei, não se escondia da condessa. Pelo contrario, fazia gala da immoralidade, e mandava-me olhar com soberania a pobre senhora. Eu não o faria nunca, se a condessa me não lançasse com um empurrão fóra do seu quarto, uma vez que eu principiava a contar-lhe a historia da violencia, para pedir-lhe perdão, e fugir d'aquella casa. Eu tinha máu genio, e orgulho, não sei por quê... Desde esse dia, tratei-a mal, mas nem por isso senti o que era amor!... Amor! ai, Alberto!... amor é isto que eu sinto por ti!... O que eu tinha por elle, nem sombras era do que se passa no meu coração... Se a ternura e a paixão é isto, que me deves, querido, o que eu sentia por elle era odio...

E collava os labios sôfregamente aos d'elle, fazendo-lhe sentir os saltos do coração, e os estremecimento nervosos do braço nú em redor do pescoço.

— Mas, olha, Eugenia, não me disseste ainda como foi a tua retirada de Santarem...

— Ai, não? Eu t'o digo... E' uma cousa muito natural... Eu estava á cabeceira do conde, porque só eu lhe fazia beber os remedios... N'isto entrou um padre e um escrivão. O padre lançou-me uns olhos que pareciam cegar-me os meus... Não sei o que vi n'aquella cara, que me não causava aborrecimento, mas terror sim. Nunca me ha de esquecer aquelle homem!... Além d'isto, o escrivão começou a fallar em citações, e tribunaes, e trapalhadas que me fizeram pensar que se tratava de prender o conde, e a mim tambem, á ordem

da condessa de Santa Barbara. Retirei-me para o meu quarto, e estava conjecturando o que devia fazer, quando a dona da hospedaria, que me pareceu uma boa mulher, veio ter commigo, e me disse que o melhor era eu retirar-me, porque desconfiava que se me estavam preparando alguns trabalhos. Já te disse que não sentia apêgo nenhum áquelle homem... Acompanhava-o, não sei por quê... porque elle era meu amo, e me disse «vem!» Ora ahi está... E então que fiz eu? O que faria qualquer mulher na minha situação. Mandei preparar duas cavalgaduras. Em uma fiz pôr os meus bahús; na outra umas andilhas; saltei para cima com o melhor sangue frio, e disse adeus cá de longe ao snr. conde de Santa Barbara, que finalmente era tão boa pessoa, que me deixou uns cruzados novos com a condição de eu me metter como creada de freira, na agua-furtada de uma cella!... Deus nos livre de beatos á ultima hora! Seria o tal padre que lhe metteu esta na cabeça? O homem, por mais que me digam, estava a delirar com febre... Sabes o que eu disse ao tal padre, quando ha tempos o encontrei?

— Não.

— Que viesse a minha casa.

— Para quê?

— Quero mostrar-lhe os meus rosarios de contas, a minha touca de creada de freira, os meus relicarios e bentinhos... emfim quero-me rir, se não tiver mêdo dos olhos d'elle.

— Não fizeste bem...

— Por quê?

— Aquelle homem não é um homem como eu e como os outros.

— Isso é que eu não sabia!... Então que tem de mais ou de menos?!

— Tem de menos as fraquezas dos outros homens, e tem de mais o poder de subjugar debaixo de um pé as suas paixões e as alheias. Sonda o insondavel, derruba o que é inabalavel, e não sabe o que são impossiveis.

— Estás a brincar commigo? Não tenhas ciumes... Elle é velho...

— Então sempre queres recebêl-o?

— Como tu quizeres...

— Recebe; mas em mim não lhe falles...

— Pois sim. Mas elle sabe que eu sou tua?

— Deve saber, porque elle sabe tudo.

— Tudo?

— Creio que tudo.

— Hei de fazer-lhe uma pergunta, que te vae deixar mentiroso, meu Albertinho.

— O quê?

— Hei de perguntar-lhe de quem sou filha.

— Pois tu não sabes?

— Eu não. Disse-me o conde que eu era engeitada... Se elle me dissesse quem eram meus paes, então sim!... se me mandasse atirar dos Arcos das Aguas-livres, atirava-me...

— Isso poderá elle não o saber, porque o crime tem segredos, que a virtude não sabe descortinar...

— Ah! falla-me assim. O tal padre sabe o que todo o mundo póde saber com trabalho e com finura. Aposto que elle não sabe que eu te dou agora dois, tres, quatro, cinco, seis beijos? Aposto outros seis, queres?

— Fallemos de outra cousa, Eugenia. Então que me querias pedir hontem?

— Quando?

— Não me disseste que tinhas uma cousa a pedir-me?

— Disse; mas por ora não tenho a precisa segurança no teu amor para me atrever...

— Se é um atrevimento, n'esse caso dispensas-me de ouvil-o, não é verdade?

— Não é atrevimento... é ciume...

— Ciume !... Cêdo principias, minha gentil egoista...

— Achas cêdo? E eu parece-me, pelo muito que te quero, que nos conhecemos em outro mundo antes d'este...

— Leste as novellas de Harlincourt?

— Não sei se li.

— Parece-me que é de lá esse galanteio...

— Zombas de mim?—disse Eugenia com duas lagrimas buliçosas nas longas pestanas.

— Não, filha... era um gracejo de máu gosto... não sabes? comprei-te uma sege, e dois cavallos negros, da côr dos teus cabellos. Vaes ter uma sege ás tuas ordens... e dois lacaios inglezes com polaina de anta côr de flôr de alecrim... Não gostas?

— Não; o que eu queria era o teu amor.

— E que mais?

— A tua presença sempre aqui... Desejava viver comtigo no campo, sósinhos, e um jardim, um bosque, e uma fontinha, e muitas arvores, e um lago com um barquinho. Queria viver no teu kiosque, onde te vi, pela primeira vez, e me perdi de amores por ti.

— De amores!... Foi uma impressão mortal, pelo que vejo!

— Não me crês?

— Custa-me.

— Então... deixa-me!

E Eugenia levantou-se amuada, e foi sentar-se ao

piano, onde corria a escala que aprendera em tres lições.

Alberto, que não era todo espirito, nem todo materia, reconciliou-se com um beijo furtado. A galante creatura voltou o collo de aguia, como a pomba ao arrolar do companheiro, e esqueceu o momentaneo pezar.

Amava-o ella? Sim, d'esse amor capaz de todas as virtudes e de todos os crimes.

— E então... Alberto... ouves o meu pedido?

— Ouço... que queres?

— Não vás a Odivellas.

— Por quê?

— Tu amas alli uma mulher.

— Quem é?

— Não sei, nem quero saber... parece-me que lhe dava um tiro... Mas não a ames, Alberto! Será mais bella, mais carinhosa, será fidalga, mas não sente como eu... Se me abandonasses... Alberto, tu meditas? Sempre é verdade que amas outra, ingrato?

— Não.

— Então vae... eu acredito-te... vae... mas, repara bem, quando me chegar ao coração a punhalada da certeza, achas-me morta, se me procurares...

— Eugenia! Tu serás um anjo?

— Faz que eu o pareça para todo o mundo... O meu coração principia hoje a amar e a soffrer... Se vês que, pelo passado, não valho tanto aos teus olhos... desculpa-me, e regenera-me...

— Espantas-me, Eugenia!

— Que é que te espanta em mim?

— Aos dezesete annos, parece que aprendeste no mundo toda a eloquencia das paixões práticas, ou das theorias do calculo... Não descóres, Eugenia! Eu preciso de ter

comtigo estes desabafos... A suspeita é um demonio que entra no coração, e abafa o anjo da boa fé. Estes estudos na tua alma são me necessarios. Perto dos quarenta annos, venho achar em ti um typo novo! Tens um grande coração, e uma grande intelligencia, Eugenia! Na tua idade nãe se finge assim!... Eu suppunha-te uma bonita mulher, e mais nada. Agora, olho para a tua fronte, e vejo ahi a prophecia de um destino superior! Ouvi-te primeiro com indifferença, depois com admiração, e, por fim... razes-me supersticioso! Se fosses soberba de opulencias, podias subjugar os corações como um anjo, e esmagal-os como um demonio. Que idéa fazes tu de ti, Eugenia?

— Não sei!... Essa maneira de me fallares é nova para mim, Alberto... Desconheço-te... Queria mais carinhos n'essas palavras... Acho-as frias e fortes de mais para uma mulher que não sabe senão amar...

— Quero habituar-te a esta linguagem. O teu genio conspira contra tudo que é trivial... Não podes ser uma mulher vulgar, Eugenia... Vou educar-te...

— Educar-me? tens essa paciencia?

— Tudo que fores, has de devel-o a ti. Quero que sejas uma mulher, como conheci algumas em França, e não conheço duas em Portugal. O teu coração alimenta-se de amor; mas o teu espirito precisa de um manjar que o amor não dá. Quero-te instruida, illustrada, enriquecida de tudo que póde saber-se, e comprehender-se... Aceitas?

— Se aceito! Não vês que sou uma rapariga que apenas sei ler, e nem tudo que leio entendo! E serás meu mestre?

— Teu guia na sciencia das pessoas. A sciencia das cousas has de aprendel-a nos livros.

— Pois sim... tudo que quizeres, comtanto que tudo que eu possa saber, ha de converter-se em felicidade nossa; quando não, quero tudo ignorar... Basta-me saber que devo viver e morrer, amando-te...

Soára a campainha.

— É o mestre de musica,—disse Eugenia—não vás sem veres os meus progressos... Esta vaidade é uma ironia, Alberto! Eu creio que tenho a cabeça fechada para a percepção da musica, como as cabeças d'estas desengraçadas colcheias.

III

Quem aproximou Alberto de Magalhães da favorita do conde de Santa Barbara?

Foi o acaso.

Quando Eugenia voltára de Santarem, debruçava-se negligentemente Alberto de Magalhães no peitoril do seu kiosque, sobranceiro á estrada, no Beato Antonio. A foragida rival de Angela de Lima vinha triste. A sympathia prendia os olhos n'aquelle rosto angelico, em que o viço desbotado era a morbidez de flor colhida em hora de calor e desbotada pelos ardores da sésta. Alberto, desde que o vulto se desenhára, sem que as feições se destacassem, presentiu uma mulher bella. De longe a vinha chamando com os olhos, ávidos de um raio d'aquelles que se pasciam indifferentes pelas agrestes margens do Tejo. A poucos passos do kiosque, a passageira, fixando um homem estranho, córou surprendida; mas não pôde, se muito quiz, deixar sem recompensa a vista fascinadora que a mandava imperiosamente olhar.

Alberto era um bello homem, se é bello um homem que não tem na cara o rosado feminil e o olhar somnolento das mulheres que se reclinam sobre estofos, como enfastiadas de um baile e de um amante de quatro mezes importunos... Se a belleza é isto, o amigo do antigo cigano era um homem feio. O nariz nem grego nem romano, era um nariz cosmopolita, magestoso em toda a parte, e quasi sempre o preferido nas physionomias phantasticas dos inventores de typos extraordinarios. O bigode negro e desalinhado, pouco se destacava da cutis pallida, se a côr de chumbo tambem póde, sem aggravo á arte, chamar-se pallidez.

Gostariam de um homem assim? Eugenia sentiu, ao vel-o, uma oppressão, um temor, uma ancia, uma... como lhe chamam os physiologistas do sentimento?... uma paixão. E' isto possivel? E'. Estas emoções recebem-se. Alimentadas por minutos, decidem de toda a vida de certas organisações; desprezadas, ou não correspondidas, como felizmente succede quasi sempre poucos dias bastam, se não são horas, para o completo esquecimento.

Eugenia olhou, e seguiu o seu caminho, mas o coração ficava-lhe alli. Alberto desappareceu, e em um instante, esporeava o cavallo quasi a par com ella. Eugenia já não era a mesma. Tremia, e não ousava olhar. O cavalleiro não descoroçoava como qualquer noviço em semelhantes profissões.

— Dá-me a honra de acompanhal-a?—disse elle com o chapéo descido até ao joelho.

— Terei muito prazer com tão boa companhia—disse Eugenia, com uma especie de forçado desembaraço, capaz de fazer benzer uma senhora de provincia, que, ha vinte annos, viajasse por aquelles sitios.

— Vae para Lisboa?

— Para Lisboa.

— E' de cá?

— Sim, senhor.

— Vem dos ares do campo?

— Venho...—disse ella, sorrindo—mas não venho de fazer o que é costume dizer-se *ir a ares*. Venho de Santarem.

— Dá-me licença que lhe faça algumas perguntas?... Se forem indiscretas, não me responda... E' solteira?

— Solteira.

— Absolutamente livre?

— O mais que posso ser.

— Não tem familia?

— Nenhuma.

— Mas deve ter uma qualquer posição...

— Tenho sido creada em uma casa.

— Creada!... e é feliz?

— Menos do que é costume ser-se na minha condição.

— Trocaria de boa vontade essa condição?

— Por qual?

— Se amasse... se achasse uma imprevista felicidade.

— Se fosse uma felicidade, abraçava-a.

— Quereria encontrar um homem que a prendesse á felicidade pelo coração?

— Queria: mas eu não posso ser amada.

— Por quê?

Eugenia não respondeu.

— Onde se recolhe em Lisboa?

— Por alguns momentos em casa do conde de Santa Barbara...

— Do conde de Santa Barbara?! Esse homem não está em Santarem?

— Ficou lá.

— Eu conheço-a... A menina não é uma simples creada do conde de Santa Barbara.

Eugenia córou, e desceu os olhos de repente.

— Desculpe-me... uma outra pergunta: é Eugenia?

— Sou Eugenia.

— Não tenho pergunta nenhuma a fazer-lhe... Já vê que sei o segredo da sua vida. Ama esse homem?

— E' impossivel... não ha forçado nenhum que ame as galés.

Alberto maravilhou-se. Era necessario encontrar d'estas respostas, em labios de dezesete annos, para saír da apathia moral, em que o paralysára o cansaço.

— Eugenia... Olhe para mim... Acha-me um homem repulsivo?

— Não é possivel...

— Se me tivesse encontrado em uma situação em que eu lhe dissesse que a adorava, e que me seguisse... que faria?

— Pedia-lhe que me não fizesse mais infeliz do que sou...

— E com o presentimento de que encontrára um homem digno da sua alma?

— Tinha orgulho de ser desgraçada.

— Eugenia! A nossa conversação tem sido extraordinaria... Seja-o até ao fim... Quer seguir-me?

— Sigo... e sigo-o, sem pensar... Ha de proteger-me?

— Como se protege uma filha. Tem que fazer em casa do conde de Santa Barbara?

— Tirar uns bahús que me pertencem.

— São cousas que estime pelo coração?

— Não é nada... são vestidos.

— Deixe-os... Siga-me como seguiria um seu irmão...

Pouco depois, Eugenia entrava em casa de Alberto de Magalhães. Quando se viu sósinha em um vasto salão, apertou as mãos na cabeça, e murmurou:

— Ou isto é um sonho, ou eu estou douda!... Que é o que se tem passado, ha uma hora, na minha vida?...

Alberto entrava. Sentou se em um sofá, e conversou duas horas com Eugenia, como conversaria com uma filha.

Dois mezes depois, na praça da Alegria, parece que era outro o parentesco; mas o coração de ambos, contra as leis chimicas d'estas reacções, augmentára no calórico o que, naturalmente, diminuira na pureza.

IV

Recuemos, que é necessario.

Desde o momento em que D. Antonia de Mascarenhas entrára no convento da Encarnação, Sebastião de Mello empregára quantos esforços o coração lhe suggeria para encontrar a criança, aos tres annos, arrancada dos braços de Rosa de Jesus. Baldadas diligencias. Os parentes de Gervasio Faria pareciam estranhos a esse attentado, e procuraram illudir as suspeitas de Mello, auxiliando-o astuciosamente nas suas averiguações.

Perdidas as esperanças para Antonia, o caracter energico do apaixonado amante de Francisca Valladares não se perdera. A tremenda crise por que sua alma estava passando, em uma paixão infeliz, apurava-lhe a sensibilidade, e inspirava-lhe todos os desvelos em suavisar o infortunio alheio.

Da vida d'este homem, largamente decifrada no *Livro Negro*, apenas trasladamos as paginas que são o nucleo o enredo d'este longo drama de infortunios. E' fóra do nosso plano historiar vagarosamente a paixão fatal, que o fez padre, que Adelaide, a freira de Santa Apolonia contou por alto á sua amiga Angela, em Odivellas.

E' certo, porém, que Sebastião de Mello, na sua volta a Portugal, em fins de 1817, fortaleceu esses vinculos de amor, que o prenderam a um tumulo. No anno seguinte morreu Francisca Valladares, e alguns mezes depois Sebastião de Mello era padre Diniz Ramalho e Sousa. N'esse mesmo anno entrou na Encarnação a filha do Marquez de Montezellos. Passados tres mezes o padre entra na quinta das Alcaçovas com o traje de cigano, para salvar o filho de Angela de Lima; e com tudo, em alguma parte padre Diniz appareceu como Sebastião de Mello, a prophetisar um desgraçado futuro ao conde de Santa Barbara.

Estas prodigiosas metamorphoses, que, a não serem explicadas, perturbariam a chronologia dos factos, são cabalmente deduzidas, e rigorosamente certificadas no *Livro Negro*, que se acha já publicado na sua maior extensão.....

Antes, porém, de acompanharmos o desenvolvimento das scenas que se representam em 1832, sigamos padre Diniz na sua jornada á provincia de Traz-os-Montes em março de 1819.

Onde vae este homem, que se despediu por alguns dias do tumulo da religiosa de Santa Apolonia? Vae a Viduedo. Vae dar conta da sua missão á penitente, que talvez já durma, cansada, ao fim de nove annos de martyrio, o somno eterno, debaixo da pedra que ella lhe apontára.....

— Estamos perto de Viduedo? — perguntou o padre ao guia que levára de Cabeceiras de Basto.

— Meia legua, senhor. Do picoto d'aquella serra já se vê o povo.

— Já aqui vieste alguma vez, amigo?

— Vim, sim, senhor, com minha mãe, consultar a santa. E' a troco d'ella que vossemecê cá vem, não é?

— Ora diz-me, a respeito de que doença vieste com tua mãe consultar a santa?

— Por causa da minha companheira, que tinha o mafarrico no corpo, Deus me perdoe.

— E que vos disse a santa?

— A santa mandou-nos fallar com o cirurgião, que era o mestre da saude do corpo; e, se o cirurgião lhe não désse cura, disse-nos que fallassemos com um padre, que é o mestre da saude da alma.

— E depois?

— Mandou-nos embora, e não quiz pegar em nada que lhe davamos.

— Então por que é que lhe chamam santa?

— Isso agora é que eu não posso dizer a vossemecê. Ella não cura o *espirito* ruim, ella não é benzedeira, ella não cita as almas, ella não desmancha feitiços, nem corta a bicha, nem levanta a espinhela, a fallar-lhe a verdade, não sei por que lhe chamam santa. Quem nos cá mandou foi a fidalga do Arco. Pelos modos, a fidalga teve os seus desgostos, e veio ter com a santa de Viduedo, e contou-lhe lá não sei quê, que a trazia muito mal do coração por causa do fidalgo do Outeiro, que lhe devia... Emfim, cala-te, bôca... O caso é, meu amiguinho, saberá vossemecê que a fidalga veio cá, e quando tornou para a terra pouco tardou que o fidalgo nao casasse com ella. Todos disseram que foi feitiço, e

minha mãe foi onde a ella, que é nossa senhoria de uns bens que lhe arrendamos, e contou-lhe a historia da minha Maria. A fidalga ouviu, ouviu, e a final de contas disse a minha mãe: «Snr.ª Anna, vá vossê a Viduedo, e procure uma mulher que está quasi sempre no coberto da capella; conte lhe os padecimentos de sua nora, e faça o que ella lhe disser.» Ora vossemecê já sabe o que se passou. O cirurgião disse que não curava borracheiras, e o padre disse-me que lhe désse com um foeiro pela rabada até lhe pôr o diabo fóra do corpo, salvo tal logar. Minha mãe foi-se ter com a fidalga, e contou lhe o passado, dizendo que a santa de Viduedo não era benzedeira, nem sabia desmanchar feitiços. A fidalga riu-se, e respondeu que a santa de Viduedo, quando a procurava alguem com paixão da alma, costumava pedir a nosso Senhor que livrasse a creatura da sua afflicção Foi o que foi. Minha mãe não tornou cá pelo vêzo; emquanto a mim, a mulher sabe tanto de *inzorcismos*, como eu de latim.

A conversa prolongou-se n'este tom, até que padre Diniz, ao transpôr a lombada de um sêrro, deu de face com Viduedo. Alargou-se-lhe o coração. Meia face do sol, mergulhando-se no mar, tingia de purpura a vegetação meio florida de giestas e codeços que formavam a cintura da desabrigada povoação. A capellinha lá estava no mais elevado môrro d'aquelle monte de fragas. A cruz de pedra tôsca era como a solitaria vigia d'aquella augusta dor, que ha dez annos, a seus pés, se purificava em lagrimas incessantes. O padre queria-se só. Despediu-se do guia, e encurtou o passo da mula, como quem deseja demorar uma impressão, que abrangia as mil sensações diversas.

Para certas almas, o extase de sacerdote, em frente da pinha de pobres cabanas, com os olhos fixos no reflexo do sol espelhando-se nas lousas polidas que guarneciam o colmado da capella; para certas almas, repetimos, o arroubamento de Sebastião de Mello será estimulo á meditação do que este homem seria n'aquelles instantes de solidão.

O passado de Anacleta, cheio de crimes, de fausto, e degradação; a filha de Anacleta, áquellas horas, supplicando a Deus a vida do seu bemfeitor, e o segredo do destino de sua filha; Angela de Lima, a mãe do menino comprado ao punhal de um infanticida; a condessa de Santa Barbara, amarrada a um poste de dor e infamia, que seu marido lhe lançaria em rosto; Pedro da Silva, agonisando os ultimos arrancos de uma paixão desditosa; Francisca Valladares ha um anno no tumulo, e esse tumulo fechado para sempre... e depois... como desmentido a tudo que é da vida, como desengano a todas as illusões... aquella desgraçada, além, segregada do mundo, cortada lentamente em cada fibra, vivendo, esperando a morte redemptora...

Padre Diniz levantava machinalmente as mãos e os olhos para o céo, quando as badaladas a Avè-Marias foram um toque suave, que lhe acordou o coração.

«Aquelle sino será ainda ella que o toca? Abençoada dor que me abres o céo n'este momento! Mulher predestinada, a quem o Senhor confiou a missão de me salvar das ultimas illusões da minha arrastada existencia! Bemdita sejas tu, santa que vaes d'este mundo, deixando um homem, que o mundo admirou na publicidade, e que não vale em todos os actos da sua vida, como um só dos teus desconhecidos instantes de arrependimento!...» Choravam os olhos, e os labios ge-

miam esta expansiva invocação. Escurecera, quando o padre entrou no povoado.

Parou defronte da capella, e viu, como um anno antes, Anacleta dirigindo-se para elle:

— Senhor, quer que lhe ensine a pousada dos passageiros?

— Eu sei-a já. Aproximae-vos... Dae-me a vossa mão, Anacleta... Vós já me conhecestes.

— Já!... pela voz!... — balbuciou ella, regando de lagrimas a mão do padre, e querendo ajoelhar.

— Vêdes o meu rosto?

— Vejo... não é da pessoa que pensei... Enganei-me... perdoe-me... — disse ella, recuando.

— Não vos enganastes... O rosto do homem do mundo não é como este do padre... Olhae... Tenho cabellos brancos... Envelheci... Até logo, irmã! Virei dar-vos conta da minha commissão. Ficae pedindo a Deus por mim, e pela alma de uma martyr, que deixei a dormir na sepultura, emquanto venho aqui para não confiar a ninguem as vossas confidencias.

Padre Diniz bateu á porta do capitão de Viduedo. Sentou-se no escabello onde se sentára da outra vez; ninguem o conhecia.

— O snr. reverendo padre vae de caminho para prégar a Semana Santa em Ribeira de Pena, ou Villa Pouca, ou Ermello, não é verdade?

— Não, meus amigos. Vim aqui á vossa aldeia, procurar as orações...

— Da santinha?... De bom proveito lhe sejam. É o nosso anjo custodio... Desde que ella veio, até parece que as novidades supprem mais na tulha. Tem aqui vindo muita gente de longe. Vae quasi ha um anno que aqui veio um fidalgo de Lisboa, e desde então a

santinha, quando encommenda as almas, pede mais um Padre-nosso e uma Avé-Maria para que Deus nosso Senhor encaminhe os passos de um homem bom, que procura as victimas da maior peccadora.

— Coitadinha!—murmurou o sacerdote, escondendo a commoção—Dizei-me...—tornou elle, por divertir o assumpto—Já pernoitei em vossa casa, snr. capitão... e vi aqui uma gente, que não vejo. Falta-me um velho, que estava alli sentado, e contava a historia da sua pedra de armas.

— Morreu... era meu avô, e poucas horas depois morreu minha avó... Tinham vivido juntos setenta e um annos; juntos morreram, e morreram nos braços da santa da capella: é de fé que estão no céo.

— E ella... a pobre mulher, continúa no mesmo rigor de vida?

— Sempre o mesmo, só com a differença de costumar subir muitas vezes a um picoto do outeiro, lá em baixo, d'onde se vê para a estrada. De vez em quando vemol-a lá, como quem espera alguem. No mais, o seu alimento é pão e agua, e a sua cama tem sido sempre debaixo do alpendre, na pedra estreme. Aqui ha mezes veio ahi uma fidalga de Basto, com creado de farda, em um cavallo grande, e fanchonaça de uma vez. Entrou no nosso quinteiro, e pediu que mandassem chamar a santa. Fui eu procural-a a casa de um doente, disse-lhe que estava ahi uma fidalga, e ella fez-se da côr d'esta camisa, e veio depois que tirou os causticos ao doente. Quando viu a fidalga, parece que lhe estava com mêdo. A tal mocetona tratou-a muito bem, e foi com ella para a minha casa nova, que é de sobrado, e lá fallaram por muito tempo. Depois saíram ambas, e eu disse cá commigo: «eu sempre hei de saber o que isto é... Aqui

parece-me que ha sarilho de feiticeira, ou benzedela.» Cosi-me com a parede da bouça, que está á ilharga da capella, a lobrigar o que ellas faziam... Vae senão quando, reverendo snr. clerigo, a santinha ajoelhou, a fidalga ajoelhou a par d'ella, estiveram assim muito tempo, e por fim ouvi dizer á fidalga: — «Não tem mais nada a fazer-me?! — Mais nada, — respondeu a santa — o que aqui fez podéra o v. ex.ª fazer em sua casa. Tenha fé no remedio, que lhe póde vir de Deus; de mim, miseravel peccadora, não tem nenhum a esperar.» Ficaram-me cá na memoria estas palavras. O caso é que, passados dois mezes, tornou aqui a fidalga, procurou-a na capella, e disse-me o tio Antonio da Poça que a viu abraçada á santa. O que isto foi, não sei; mas que a cousa tinha engenhoca de bruxedo, isso lá é como o senhor sol.

Padre Diniz combinou, e comprehendeu a historia do capitão, que era a mesma do incrédulo marido da mulher possessa.

Terminada a ceia, e dadas graças a Deus pelo sacerdote, que, segundo o uso, tinha a primazia, sentaram-se no escabello, quando a voz da penitente pediu as orações do costume. O salvador de Antonia Mascarenhas estremeceu, quando ouviu o ultimo pregão:

— Mais um Padre-nosso, e uma Avé Maria para que Deus nosso Senhor encaminhe os passos de um homem bom, que procura as victimas da maior peccadora!

— Agora — disse o hospede — permittireis que eu vá procurar esta mulher ao alpendre...

— Eu vou ensinar-lhe o caminho, snr. padre.

— Sei-, meu amigo; ficae, e, ao ser dia, fazei-me o favor de me ajudar á missa na capellinha...

— Então, snr. padre, deixae-me dar parte aos vizinhos, que ámanhã é quinta feira santa.

. . . . . .

A lua prateava as montanhas. O sôpro do vento, sempre forte n'aquelles altos, ramalhando as urzes, dava ao vasto matagal o aspecto do mar tempestuoso em noite de luar.

O clarão alumiavs tudo em redor do padre. Um anno antes era outra a noite para Sebastião de Mello. As feições de Anacleta, tão junto d'elle, mal podéra vel-as então, porque os olhos eram cegos ao abrirem-se na cerração escura d'aquella noite de dezembro.

Em março não succedia assim. Padre Diniz ia ver a mulher que conhecera dez annos antes, se não viçosa, gentil ainda, exuberante de vida, com fogo nos olhos, com desenvolta e lasciva aria de maneira, que a faziam, se é possivel, mais fascinadora que formosa.

Perto da capella viu a, sentada, fóra do pardieiro. Pulsava lhe o coração como o do homem, não habituado ao crime, que vae tentar o primeiro abysmo. E' que os sentimentos da alma, contrarios e repugnantes, excitam na materia sensações identicas.

Anacleta levantou-se, e veio esperal o ao caminho. O padre, por dominar as commoções, recebeu-a com um gracejo.

— Não perdeu ainda o uso da boa sociedade... Vem receber-me á entrada do seu palacio...

— Assim é... O meu palacio é este; mas não tem senão uma pedra, que lhe offereço, como canapé...

— Pois sim. Anacleta, dae me essa pedra, e vós sentae-vos ao pé do vosso amigo de doze annos... Olhae... fallemos tranquillamente... Nada de lagrimas, nem desmaios... Deixae-me ver-vos de perto, minha peni-

tente. . Vejo que não tendes um cabello que não seja branco... Ora ahi estamos nós bem velhos, minha irmã! Não vos vejo ahi nada que se pareça com o que fostes...

— Penso que não... Ha dez annos que me vi... morrerei ignorando o que sou...

— Melhor assim... Tenho quarenta annos... que vêdes?...

— Quarenta annos!...

— Sim, Anacleta... Comprehendo o vosso silencio... Parece-vos incrivel... Pois é verdade... a dor faz isto!... Não me achaes uma grande differença?...

— Não posso comparal-a... Não me lembro de o ter visto...

— Vistes, Anacleta...

— Quando... onde?!

— Ha doze annos em vossa casa... ha dez... em vossa casa tambem.

— Ha dez... oh! meu Deus!...

— Que vos pedi eu, senhora?! Não quero commoções... E' um desejo immenso, que eu tinha de vos mostrar em mim o homem do passado... Já que choraes, não direi mais nada... a tal respeito.

— Diga, diga... tudo o que me disser ha de ser-me bom...

— Pois bem... lembraes-vos de Sebastião de Mello?

Anacleta ergueu-se impetuosamente... tomou o braço do sacerdote, e foi com elle onde uma restea de luz vinha sem sombras.

— Sebastião de Mello!... Mãe Santissima!... isto é incrivel... Deixe-me reunir as minhas idéas... Quando eu era rica... foi algumas noites a minha casa um mancebo, levado... não sei por quem...

— Por Azarias...

— Sim... sim... e chamava-se...

— Sebastião de Mello...

— Espere... condôa-se de mim, que vou fazer-lhe uma pergunta, que parece trazer-me o ar e o coração... mas é preciso... Quando eu era uma mulher pública... deixe-me assim dizer, que é um merecimento perante Deus este despedaçar-me... quando eu era uma mulher pública, na rua da Rosa das Partilhas, foi a minha casa... um mancebo, que me quiz arrancar do abysmo, que me quiz convencer de que eu podia ser uma mulher honrada e virtuosa, que me deu, emquanto eu vivi ahi, uma mezada... que não quiz dizer o seu nome... que vinha sempre desfigurado... e de noite, a horas mortas...

— Era Sebastião de Mello... Aquietae-vos, Anacleta... Magoaes-me... Agora o esquecimento d'esse homem... Já vejo que não ha no que vêdes nada que vos lembre o outro; mas acreditae que é o mesmo. Ora pois, irmã pelo soffrimento, já vêdes que ha muitas agonias ao mesmo tempo, veladas pelo mesmo Deus, e esperançosas na mesma eternidade... Somos dignos um do outro pela força attractiva do padecimento. Sejâmos egoistas com os nossos cabellos brancos, não é assim?... Diante de nós está o infinito... A vida é lá... aqui é um longo paroxismo em um dia curto... Mudemos de conversa, Anacleta... Fallemos de vossas filhas e de vós, sim?

— D'ellas... De mim, que serve? Eu já não vivo.

— Assim o julgam... reputam-a morta...

— Eu vos agradeço, meu Deus!

— Vossas filhas encontrei-as. Uma é Emilia, vive... já vol-o disse... casada, e crê-se feliz. A outra ia fechar

a curta carreira dos seus soffrimentos, quando a encontrei. Dei-lhe o titulo de minha irmã... Levei-a a um convento... não é feliz; mas tem uma cella para as lagrimas, um altar para a oração, e uma sepultura, ao pé das sepulturas onde dormem o somno eterno muitas mulheres virtuosas... Já vos disse, Anacleta... Não vos quero assim de joelhos...

— Mas, senhor! deixe-me satisfazer esta anciedade do meu coração...

— Isso não é aqui... é alli aos pés d'aquella cruz, ide lá, ajoelhae, que eu quero orar comvosco...

E ajoelharam ambos.

— Anacleta!... dizei commigo: Deus de justiça e de misericordia! Ha dez annos que as minhas lagrimas não tem sido em vão choradas aos pés da cruz de vosso Filho! Os meus crimes eram grandes; a minha penitencia foi pequena; mas eu sou um vérme, e vós sois Deus. Perdoae-me, pela gotta de sangue que Jesus Christo verteu sobre as manchas de Magdalena! Perdoae-me, para que eu possa inclinar n'esta pedra a cabeça moribunda, abençoando a dor... Perdoae-me...

Os soluços embargaram a voz de Anacleta. Padre Diniz levantou-se, inclinou se para a penitente, e disse em um som entrecortado pelo fervor das ultimas palavras:

— Ajoelhae aos pés do ministro de Deus, irmã!

Anacleta voltou-se, com os olhos febricitantes, fixos na face do padre.

— Na vossa vida ha crimes, que eu ignore?

— Nenhum... penso que nenhum!

— Perdoaes a quem vos fez desgraçada?

— De todo o meu coração...

— Eu vos absolvo, em nome do Padre, e do Filho, e

do Espirito Santo... Orae... E' meia noite... A's quatro horas serei comvosco...

.....

Ao alvorecer, quem foi tocar a sineta da capella chamando á missa, encontrou a penitente (caso extraordinario!) mergulhada em um profundo somno. Palpou-lhe as mãos, e achou-as ardentes. Chegava padre Diniz. Tomou nos braços Anacleta, que abriu os olhos, sorrindo, e lhe beijou a mão. Aberta a porta da ermida, o padre paramentou-se, veio á porta, e estendeu a mão á penitente:

— Entrae, filha!

Anacleta entrou. Chorava e ria simultaneamente; mas as pernas não a sustentavam. O padre segurou a e conduziu-a ao pé do altar.

Principiou o sacrificio incruento. Cada vez que o padre voltou o rosto, o povo chorava, sem comprehender as lagrimas que inundavam a face do sacerdote.

A' *communhão*, o ajudante tomou uma toalha, que lançou ao pescoço de Anacleta.

— *Ecce agnus Dei*...— disse o padre, com os olhos fixos na penitente, e estremeceu.

Ao pronunciar as palavras: *Corpus Domini nostri Jesus Christi*... os labios de Anacleta estavam rôxos, as faces da côr da toalha, apenas os olhos, vidrados de lagrimas, e cravados no sacerdote, exprimiam... o ultimo lampejo da vida...

O padre voltou se para o altar, e disse no seu coração:

— Senhor! levae a desgraçada, se lhe perdoastes!

A súpplica foi cortada por um grito do povo,

— Que é?—perguntou serenamente o padre ao ajudante.

— Morreu a santa...

O sacerdote voltava-se, pronunciando *Dominus vobiscum*, e recebeu o derradeiro olhar de Anacleta.

Consummado o sacrificio, tomou o cadaver nos braços, e collocou-o sobre a commoda dos paramentos. Chamou o capitão, e pediu-lhe que o ajudasse a cavar uma sepultura no alpendre da capella. Todos quizeram tirar terra da sepultura da santa. Duas horas depois algumas mulheres oravam em redor da pedra que a cobrira, e pediam ao espirito bemaventurado da predestinada que não as desamparasse.

Padre Diniz transpunha d'ahi a pouco o outeiro d'onde dissera, um anno antes, o adeus á penitente, que lhe acenava da agulha dos rochedos. Olhou para lá..

— Era alli!...— disse elle, e chorou.

V

Treze annos depois, encontramos Frei Balthazar da Encarnação, recobrando o sentimento da vida, e a consciencia da morte, para pedir a seu filho que juntasse as cinzas de Silvina ao seu cadaver. Vimos padre Diniz superior ao homem, tentar o ultimo heroismo recitando uma oração funebre sobre o esquife do pae, e cair, pela primeira vez na sua vida, aos abalos da commoção.

Este homem devia estar no fim da sua carreira. A natureza humana, sem protecção divina, não póde tanto. N'aquelle ultimo lance, deviam exhaurir-se-lhe os alentos afrouxados, longos annos em dramas, cujo desenvolvimento deveria ser-lhe a morte repetida muitas vezes. O desenlace não podia tardar.

O filho do dominicano recolheu á sua casa da Junqueira, e desde esse dia, o entranhar-se em melancolias

sem voz de amigo que lh'as perturbasse, a solidão, um quasi esquecimento de si e dos outros, tornára o homem de ferro em um ente que parecia temer a falla de homens. Muitas vezes passou a mão pela fronte, e achou-a abrazada; outras muitas sondou o estado da sua consciencia, e julgou-se criminoso; mas a consciencia, passados os momentos da febre, reagia, e o infeliz suppunha-se demente.

As súpplicas da condessa de Santa Barbara instavam a sua presença. O tumulo de Francisca Valladares pedia-lhe uma lagrima. As ultimas palavras de seu pae fallavam-lhe de Silvína... e, depois, a memoria, a recordação de um longo passado, em que a menor de suas tribulações seria, para um homem debil, uma alienação mental!...

Quinze dias decorreram desde que o padre se despediu de Angela de Lima para satisfazer a promessa ao frade de Santarem. Esse espaço, sem uma noticia, amargurára as duas protegidas de Odivellas. Antonia, que sentia por aquelle homem um amor de devoção, um estremecimento de filha, chorava, e não podia revelar á sua amiga as santas prisões que a ligavam a padre Diniz. A condessa, mesmo convencida do nenhum parentesco de Antonia com Sebastião de Mello, não ousava aventurar uma palavra indiscreta, que obrigasse a sua amiga a revelações que, por justos motivos, quaesquer que elles fossem, lhe eram occultas.

Ao cabo de oito dias, mandaram á Junqueira procurar noticias do padre, e souberam que elle chegára cinco dias antes muito doente, e que não saíra do seu quarto, nem dera ordem para se lhe annunciar alguem. As instancias da condessa redobraram, as cartas repetiam-se, as súpplicas estavam sendo um novo supplicio para o

solitario pensador dos tormentosos conflictos da sua vida.

Padre Diniz foi a Odivellas. As duas senhoras abraçaram-o na portaria, e conheceram que aquelle já não era o homem de quinze dias antes. Escutava as, parecia escutal-as, mas não respondia, nem ligava duas idéas sem comprimir a testa, como quem procura recordar-se dos termos com que uma idéa qualquer se exprime. Apenas Angela ou Antonia se calassem, a cabeça do sacerdote descaía lentamente sobre o peito, e d'esse abatimento só uma pergunta, rapida e surprendente, o acordava, fazendo o estremecer.

As duas amigas olhavam-se aterradas.

— Meu pae, meu bom amigo! — dizia Angela — Que tem? Não lhe merecemos a sua confiança! Por Deus diga-nos, que novos padecimentos o mortificam? A sua ida a Santarem transfigurou-o!... Foi uma desgraça!..

— Seria, snr.ª condessa?—perguntou elle com um ar infantil, pouco distincto do idiotismo.

— De certo foi... E, senão, diga-nos... diga ás suas amigas o que lhe aconteceu?

— Abraçar um homem morto... dar-lhe um osculo de filho nas faces amarellas... pedir-lhe que me alcançasse de Deus um praso de quietação... ou a morte...

— Pois bem... Deus tudo concederá a padre Diniz ao bemfeitor de tantos infelizes... mas... quem foi o morto que abraçou?... Foi aquelle santo homem que confessou meu marido?

— Sim... foi esse... ha quatorze dias que caíu cansado na sua longa carreira... e nunca mais se levantará...

— Não caíu, não, meu pae!... Elevou-se á presença de Deus... Se não é culposa uma santa inveja, invejemos-lhe o seu destino.

— Pois sim, minhas filhas, invejemos-lhe o seu destino... Como vae Antonia, que está tão triste, tão magra, e mais velha que eu?!

— Boa, meu irmão...

— Não a acredite, — interrompeu Angela — olhe que está muito doente, muito scismatica, e diz que morre muito breve... Tenho-lhe pedido que diga ao medico os seus soffrimentos, e não quer. Todas as manhãs lança sangue, e á noite tem febre.

— Pobre irmã!... não deves nada á felicidade... vaes d'este mundo sem sentir o sabor da alegria...

— Não falle assim, meu irmão... Não tenho eu sido tão feliz? Que mais pedirei a Deus, agora, que tudo tenho... que tudo consegui...

— Não foi tudo, Antonia... Estou em uma dívida comtigo, e penso que será insoluvel...

A amante de Gervasio Faria abaixou os olhos, e não pôde esconder da condessa um tremor instantaneo.

— Snr.ª condessa... seu filho escreve-lhe?

— Tenho duas cartas, e padre Diniz?

— Quatro... Diz-me que aborrece o estudo... Nunca o vi muito propenso ás sciencias... Pensava muito, recolhia-se muito em abstracções, improprias dos quinze annos... Era poeta muito cêdo... Nunca aprenderá as sciencias da vida positiva... Emfim, Deus o encaminhe... Tem vivido muito sósinha, snr.ª condessa?

— Com a minha querida Antonia, e com Adelaide Maldonado...

— Como vive essa senhora?... Creio que já me disse... triste...

— Sim... amarguradissima... muito deseja vel-o...

— Chame-a, snr.ª condessa.

D. Angela saíu com presteza e jubilo. Entretanto, padre Diniz, a menos de meia voz, disse a Antonia:

— Minha filha... tem um dever a cumprir... Abra o seu coração a esta amiga, que lh'o merece; conte-lhe a historia do seu passado, que eu não tenho já reminiscencia do que se passou... Olhe, Antonia, não lhe esconda a historia de uma martyr, que era sua mãe...

Abriu-se a porta da grade, e appareceu, adiante da condessa, a benedictina Adelaide Maldonado. Padre Diniz ergueu se, e cortejou-a com a reserva que ha para uma pessoa que se vê pela primeira vez. A freira teve com padre Diniz quasi os mesmos embaraços.

— Snr. Sebastião de Mello...—disse ella com difficuldade.

— V. exc.ª é a snr.ª D. Adelaide Maldonado?

— Uma serva sua.

— Custar me ia a conhecel-a... Creio que tem passado por nós alguns seculos... Ha dezeseis annos que nos não vimos...

— E' verdade... e cuidei que morreria, sem este momento...

— Aqui tem duas boas senhoras para amigas, snr.ª D. Adelaide. Ambas ellas tem passado por aquellas aperturas do infortunio, d'onde, se se sáe com vida, o coração augmenta em sensibilidade...

— São verdadeiras amigas... Começo com ellas a sentir, ha poucos dias, o que póde gosar-se de tranquillidade e alegria em um convento, onde a necessidade me tem forçado a viver...

— A necessidade?... é uma dolorosa coacção... Breve vem o dia, minha senhora, em que v. exc.ª achará francas as portas d'esta casa, se quizer abandonal-a...

— Que triste prophecia!...

— Não lhe dê esse nome... O mosteiro é uma excrescencia dos seculos, que são hoje chamados á presença da civilisação para se verem condemnar como réos de barbarismo. O mosteiro vae entrar na partilha dos apostolos da lei nova... que não são dos que sacodem as sandalias ao saír dos povoados... Prepare se, minha boa senhora, que ámanhã encontrará o mundo com os braços abertos para recebel a. Se quizer fazer-se interessante, diga que a violentaram a professar... Verá que piedosa lastima commove em seu favor... Seja das primeiras a saír, porque a ultima será obrigada a fazel-o impellida pela fome...

— Nem a primeira, nem a ultima, snr. Sebastião de Mello...

— Padre Diniz... padre Diniz... dê-me este nome, que é o meu nome, snr.ª D. Adelaide... Pois nem a primeira nem a ultima?

— Não senhor. Onde me caíram murchas as flores da mocidade, ha de caír-me tambem a corôa de espinhos... Morrerei... isto é... quero enterrar-me onde morri...

— Em Santa Apolonia...—interrompeu o padre, como continuando o pensamento da religiosa.

A emprestada viveza, que momentaneamente lhe dera aos gestos o antigo brilho, extinguiu-se. Recaíu na modorra, de que os extremos das suas amigas o arrancaram.

Rodou uma sege no páteo. E em seguida a moça-porteira chamou: *Santa Barbara.* Uma creada veio annunciar o snr. Alberto de Magalhães.

— Que entre n'esta grade.

Padre Diniz acordou do spasmo, quando á porta da grade appareceu Alberto. Ergueu-se, apertou-lhe a mão, e convidou-o a occupar a cadeira de preferencia nas requintadas formalidades de uma grade.

— Aqui em uma occasião em que vinha procurar novas de v. s.ª?! Sou bem aventurado nos meus desejos.

— Em que posso ser-lhe prestavel, snr. Alberto de Magalhães?

— Se me der a honra de procural-o em sua casa... veremos se á quarta vez sou mais feliz. Sabendo eu que v. s.ª estava no seu quarto, não consegui que o seu creado lhe annnciasse o meu nome...

— Foi minha a culpa. Dei essas ordens. Desculpe-me a desprevenção em que eu estava da sua visita. Remediarei a minha falta, se me der occasião de trabalhar em seu serviço.

— Não é em meu serviço... Eu posso, sem indiscrição, dizer, na presença d'estas senhoras, o fim com que o tenho procurado. Ha dias que, saíndo eu de casa do marqueg de Cezimbra, ás dez horas da noite, ao entrar na minha carruagem, fui abordado por um vulto que me suscitou suspeitas. Preparava-me para o receber grosseiramente, quando o encapotado me disse: «Não sei quem sois, nem vos procuro de preferencia a outro qualquer individuo, que passa ahi a noite n'essa casa. Passei casualmente, conheci o dono d'este palacio, vi cavalheiros á janella, vi carruagens á porta, e resolvi esperar o primeiro que saísse, para aventurar uma pergunta que vos não demorará muito tempo.

« — Tende a bondade de fallar,—lhe disse eu— e se vos apraz entrar n'esta carruagem, ouvir-vos-hei em minha casa.

« — Não, cavalheiro. Prometto não ser importuno. Dizei-me: conheceis alguma cousa da vida intima da alta seciedade de Lisboa?

«Esta pergunta petrificou-me. Não havia nada mais

vago, minhas senhoras. Meditei um pouco na gravidade da resposta, e disse:

«— Conheço alguma cousa; mas poderei ignorar quasi tudo.

«— Que idade tendes?

«— Trinta e oito annos.

«— Conhecestes em algum tempo, na sociedade de Lisboa, um cavalheiro de provincia, chamado Sebastião de Mello?

«— Não... não me recordo d'esse nome...

«— Desculpae-me... Não tenho mais que vos diga... Muito agradecido, cavalheiro.

«Ao primeiro intuito, este homem pareceu-me doudo. Não quiz deixal-o, sem profundar o verdadeiro merecimento d'este dialogo extraordinario. Chamei-o, e disse-lhe, com a intenção maligna de me recrear:

«— Imaginae que eu conheci Sebastião de Mello.

«— Não se trata de imaginar. A pergunta, se vos não parece phantostica, merece uma resposta real, e não imaginaria. Conhecestes, senhor, o individuo que vos nomeei?

«— Se o não conheci pessoalmente, posso em um momento colher todas as informações que me pedirdes.

«— Pois bem. Subi a essa sala e perguntae a esses senhores se algum conheceu Sebastião de Mello, e se é vivo.

«Entrei na sala, e, alto e bom som, perguntei:

«— Alguns dos senhores conheceu Sebastião de Mello?

«— Quasi todos — me responderam umas poucas de vozes.

«Esta resposta mudou completamente o conceito que eu estava fazendo do meu tragico encapotado.

«— E' vivo?

«Uns responderam: não. Outros: não sabemos. E uma voz, que foi a ultima, disse:

«— E'.

«Vim dar parte da commissão ao meu amigo sem nome.

«— Tende a generosidade de perguntar ao cavalheiro que vos respondeu que vive Sebastião de Mello, se este homem póde ser encontrado por pessoa que muio precisa vel-o.

«Fui: interroguei particularmente a pessoa.

«— Esse homem é hoje um padre. Assigna-se Diniz Ramalho e Sousa. Vive na Junqueira.

«— Tem a certeza d'isso, v. exc.ª?

«— Tenho... Não sabe que eu sou o intendente geral da policia? Agora... tome o meu conselho ... Não diga a esse homem a minha ultima resposta. Padre Diniz é um ente mysterioso. Sei que teve trabalhos na sua mocidade, porque o encontrei fóra de Portugal com a vida em risco, muitas vezes. Quem sabe se esse homem, que o procura, é um punhal de reservada vingança?... Lembra-me um passo acertado... Vou fazer prender esse homem...

«— Isso não...—atalhei eu—v. exc.ª não ha de dar esse passo por cima da minha honra. Qualquer que seja a intenção d'este homem, é um facto particular, sobre o qual a intendencia da policia não se póde despoticamente ingerir. O mais que posso é occultar-lhe a posição actual de Sebastião de Mello...

«— Como lhe aprouver...

«Desci com a cabeça aturdida de suspeitas. Notei que era esperado com ancia.

«— Então? daes-me um boa nova?

« — Podera dar-vol a, mas não vos conheço...

« — Que vos importa quem eu sou, cavalheiro?! Sois menos delicado do que me parecieis... Adeus, senhor.

« — Esperae, — lhe disse eu, caminhando com elle — eu conheço Sebastião de Melo.

« — Quereis *que eu imagine?*—tornou elle, sorrindo.

« — Não... acreditae, sob minha palavra de honra, que conheço o homem, que se chamou Sebastião de Mello. Posso fazer-vos um serviço. Dae-me um signal que eu possa apresentar a esse cavalheiro. Se elle me disser que vos recebe, indicar-vos-hei a sua residencia.

« — Em que terra?

« — Em Lisboa.

« — Esperae... — entrou em um botequim. Demorou-se alguns segundos, e voltou:

« — Compremotteis a vossa palavra pela prompta entrega d'este papel a Sebastião de Mello?

« — Comprometto a minha vida. A resposta procurae-a aqui, ámanhã, ás mesmas horas.

« O desconhecido desappareceu. A carta, que me foi entregue, é esta, snr. Sebastião de Mello.

Padre Diniz abriu serenamente a carta. O que ella continha era um bilhete. Mal o viu, ergueu se de um impeto. Parece que os olhos iam saltar lhe das orbitas sobre aquelle bilhete, que tremia nas mãos convulsas. Impresso em todas as physionomias, aquelle espanto era justo; a anciedade das senhoras não era menos afflictiva que a do padre, se, porventura, aquellas commoções eram aflicção.

Ninguem ousava interrogal-o, e todos esperavam uma palavra.

Padre Diniz, de improviso restituido á sua torva tranquillidade, voltou-se para Alberto com voz firme:

— Meu senhor! Diga a esse cavalheiro que me procure quando quizer. Agradeço lhe a parte que tomou, snr. Alberto, neste negocio... Minhas senhoras, permitti que me prive da vossa companhia. Aqui vos deixo o snr. Alberto, que sairá mais tarde, porque tem carruagem.

Foi de lagrimas o adeus das tres senhoras. As palavras sumiam-se nos soluços.

VI

Eram onze horas da noite d'esse mesmo dia.

Padre Diniz, acurvado sobre a banca da escripta, largára a penna, apoiára a cabeça na mão esquerda, e, na direita, tinha o bilhete de visita que recebeu em Odivellas.

Que novo episodio vem perturbar a existencia tempestuosa d'este homem superior na virtude e no infortunio? Quando saldará contas com a Providencia o velho, que, desde a mocidade, começou a expiação de uma culpa enorme? Quando concederá o Altissimo duas horas de tranquillidade ao anjo protector de tantos criminosos, de tantos innocentes, e de tantas almas roubadas á perdição, restituidas á honra e ao serviço da virtude?

Seriam estas as reflexões do padre? Não. Elle nunca ousou, como Job, interrogar a Divindade. Como Christo no horto, nunca pediu ao anjo do Senhor que lhe afastasse o seu calix, se a vontade eterna lh'o mandava devorar. Supplicando a morte, dizia: — Quando virdes, Senhor, que a expiação excede o crime, levae-me!

N'essa noite, porém, eram outros os seus pensamentos. Uma hora de silenciosa meditação sobre aquelle bi-

lhete, revelava um encontro inesperado, uma surpreza das mais extraordinarias para tamanha impressão.

A torre dos Jeronymos deu meia noite. Ao mesmo tempo o creado de Padre Diniz dizia fóra do quarto:

— Está alli um homem desconhecido, que manda perguntar se o individuo, que lhe fez entregar um bilhete, póde subir.

— Que suba.

— Para a sala?

— Não; para este quarto.

Minutos depois, o encapotado, lançando a capa dos hombros na antecamara do gabinete, entrou.

— Sebastião de Mello... — disse elle, estendendo a mão ao sacerdote.

— Azarias... — disse placidamente o padre, apertando-lhe com frieza a mão.

— Se te não enviasse um bilhete, de certo me não conhecias.

— Não... Ha vinte annos que te não vi.

— Foi na Africa a ultima vez.

— Justamente.

— Desde então, a tua vida como tem corrido?

— Cheia de penas.

— A minha... as minhas rugas que te respondam. Quero que me concedas o privilegio do primeiro desgraçado debaixo do céo.

— Concederei...

— O teu caracter moral está mais transfigurado que o physico.

— Tens razão... não podia deixar de ser assim.

— Mas eu tenho a pedir te alguns momentos de brandura. Se o teu coração é duro como as tuas palavras, manda-me saír.

— Que queres de mim, Azarias?!

— Amizade.

— Não posso. A tua presença o mais que póde é excitar-me compaixão.

— Dá-me essa, ao menos··· Escuta-me: eu desembarquei, ha quatro dias, em Lisboa. Vivo, ha quinze annos, mil e quinhentas leguas longe d'esta terra. Não sei o que a minha memoria tem sido em Portugal!··· Talvez nem já exista o meu nome no catalogo dos grandes perversos··· Lembras-te, Sebastião de Mello, de teres sido levado por mim e casa de uma senhora, que vivia á ConceiçãoVelha?

—Lembro... D. Anacleta dos Remedios era o seu nome.

— Justamente. Sabes alguma cousa d'essa mulher?

— Sei··· mas não me interrompas as noticias que vou dar-te. Amou um homem que se chamava Azarias. Este homem, abandonado por seu pae, que elle envergonhára e arruinára com as suas dissoluções, procurou esta mulher, cuja paixão escarnecera com os seus amigos, e vendeu-se-lhe por umas sôpas, e uma casaca, e um cavallo, que ella lhe deu. Azarias tramava a perdição de uma pobre menina, e não poderia captal-a sem as sôpas, a casaça, e o cavallo que Anacleta lhe dava.

«A bacalhoeira teve a ingenuidade de mostrar ao seu amante um thesouro. Azarias concebeu um plano arrojado. Roubou-a, e roubou a seu pae a mulher que devia dias depois enterrar nas areias de Tanger. Essa aventura deves tu sabel-a melhor que eu··· mas a de Anacleta sei a eu melhor que tu.

«A bacalhoeira ficou pobre. Os credores sequestraram-lhe tudo Recolheu-se a uma casa pobre, e achou-se entre quatro paredes com suas filhas, e a fome e a nudez por companheiras···

«Anacleta voltou de um espelho para a janella, e chamou o primeiro que passou. Poucos dias depois era meretriz de fama. Mas o prestigio declinou, e as necessidades tinham augmentado com a vantajosa mercancia a que se dera.

«A filha de Anacleta... olha se te recordas... era uma linda menina, quando a conhecemos. Um duque apaixonou se por ella, e reputou a sua paixão em cem moedas. Propôz a veniaga á mãe; venceu as pequenas hesitações da consciencia, e contratou definitivamente. Anacleta expôz as razões do duque e as suas; mas não convenceu a filha. O duque, mais athleta que orador, lembrou se da violencia; a mãe apoiou o expediente, porque receiava a fome, e Azarias não lhe mandava um ceitil dos seus cem mil cruzados. Maria Amalia... creio que se chamava assim... no momento de ser violentada, suicidou-se.

«A mãe desappareceu, e julgaram-a morta. Amaldiçoaram-a todas as filhas e todas as mães, porque a reputaram a matadora da pobre menina. Foi preciso que o remorso atormentasse o duque, no fim da vida, para confessar o suicidio de Maria Amalia, que os anjos receberam na sua quéda. A maldição sobre a memoria de Anacleta reviveu, com indignação mais rancorosa.

«A amante de Azarias não se matára, Muito longe de Lisboa, abraçou um martyrio de dez annos. A sua cama era uma pedra, o seu lençol o gêlo da noite, a sua casa o alpendre de uma ermida, o seu sustento um bocadinho de pão e uma tigela de agua em cada dia. Ao cabo de dez annos, esta mulher perdoou a Azarias Pereira, para que as suas victimas lhe perdoassem; e, como a ultima fibra do soffrimento estava partida, Anacleta morreu. Jaz debaixo de uma pedra, sobre a qual

ajoelham os povos, que a reputam santa... Não tenho mais que dizer-te a respeito d'essa senhora.

— E' bastante. Repara em mim, Sebastião de Mello! Ouvi te sem uma lagrima. Este homem está morto. De certas amarguras em diante, acaba-se a sensibilidade. Venho aqui como um automato, impellido por uma força que me tem reduzido á condição de um ente irracional. Vim ao faro do sangue, como o tigre. Não tenho alma, nem razão, nem consciencia. Sou uma machina. Ha vinte e oito annos que sou castigado... por quem? Algum tempo pensei que Deus me punia: de certos flagellos em diante, acreditei na existencia do Lucifer da fabula christã, porque me julguei entregue aos caprichos de um demonio. Deus — o Deus de meus avós —foi vingativo com Caim, experimentou o soffrimento humano em Job, mas perdoou a David. Os ultimos clarões da minha razão mostraram-me que a fortuna e a desgraça são eventualidades que não têem sancção no céo nem no inferno Todas as religiões são mentirosas, todas as miserias vem do acaso, e não ha juiz que abençoe ou condemne, fóra do homem. Tirae-lhe a consciencia, e o homem dará um abraço nas feras, e irá com ellas devorar o animal seu semelhante. Consciencia é que eu não tenho. Aniquilou-m'a o soffrimento... Já te disse, venho a Portugal machinalmente. Ao cabo de vinte annos de fome e de penurias, e de abjecções que me envileceram aos meus proprios olhos, morreu um homem, que me deixou seu herdeiro, se eu existisse. Esta noticia encontrou-me no fundo da Tartaria. Vim á Hollanda... recebi essa herança com que podia comprar felicidades, mas eu não tenho já ambição nenhuma, desejo nenhum, esperança nenhuma a realisar no mundo, nem fóra do mundo. Quiz restituir um roubo a essa

mulher, que eu fiz caír commigo ao meu abysmo. Acho-a morta!... Não suppunha encontral-a tão feliz... Mas duas filhas, que Anacleta tinha em um collegio, já não vivem?

— Vivem.

— Pois bem... que recebam ellas a restituição... Não tenho mais deveres a cumprir. Roubei-a... Esse ouro bem sabes que o vi desapparecer entre duas vagas encontradas, emquanto eu sustentava nos braços um anjo, que me fizera um demonio, aquelle cadaver livido sobre que viste caírem as lagrimas de um grande perverso... A'manhã, como primeira e ultima súpplica de Azarias, receberás esse dinheiro, e não te prohibo de declarar ás filhas de Anacleta que o ladrão veio a Portugal, no fim de vinte e tres annos, restituir o preço com que comprou a sua perpetua infamia. Que não agradeçam esse dinheiro a Deus, nem á virtude... Foi o acaso que trouxe aqui a machina... Se um outro acaso ámanhã me collocar na precisão de roubar as filhas de Anacleta, roubal-as-hei.

— Azarias...—disse serenamente o sacerdote—quem te perverteu assim?

— A desgraça.

— Quantas victimas fizeste em um momento? A mulher que levaste comtigo. O pae d'essa mulher, que morreu doudo. Anacleta, que passou da prostituição ao martyrio. Uma filha de Anacleta, que se suicidou. Outra, que se entregou, como amante, a um homem que outros homens arcabuzaram. Abriste e fechaste quatro tumulos, e pozeste á beira do quinto uma desgraçada, que espera, antes que o teu pé a despenhe, encontrar uma filha que lhe arrancaram, porque essa criança poderia no futuro dar-lhe um bocado de pão da herança de seu pae.

Azarias! esta obra é tua! Na primeira luz do quadro, os traços mais distinctos são os teus. O teu braço era poderoso, que pôde tanto! E a justiça de Deus, que não confiára ao teu braço a missão de aniquilar, quebrou o. Tens sido tu só a expiar os tormentos de tantas rêzes que immolaste á sensualidade. Não podes n'este drama negro encontrar a luz de um pensamento nobre. Empregaste a torpeza para satisfazer torpes vocações. Que querias tu? Soffrer algumas contrariedades, e resurgir do abatimento de alguns dias com a paz no coração, e os braços do mundo abertos para te acolherem? Que tens tu soffrido, que expie as torturas de um pae, que se vê privado da sua filha unica, da sua companheira de velhice, da esperança toda do coração quebrado de amarguras... um pae, Azarias!... tu sabes o que é um pae, que conta os suspiros de sua filha, desde o berço até aos dezesete annos, para chamal-a uma vez, e ter em resposta: «a tua filha roubaram-t'a!?» Sabes o que é a fome, que faz descer uma mulher de uma elevada posição ao estrado asqueroso, onde a obscenidade é uma condição, para não morrer de indigencia? Comprehendes o quinhão de infamia que tens na violencia imposta a sua filha por Anacleta? Aos olhos de Deus serias tu um homem punido, e regenerado, quando a mulher que te amára e te daria esse thesouro, se lh'o pedisses, acordava sobre a pedra, e não podia levantar os braços hirtos para agradecer á misericordia divina mais um dia de martyrio e arrependimento? Revoltas-te contra a Providencia, tu, que vês passar, sem uma lagrima, a fileira de espectros, que te fariam caír a face no chão, se não dominasse em ti o mais revoltante de todos os orgulhos... o orgulho no crime! *A fortuna ou a desgraça são o acaso*, disseste tu, homem fraco!

A consciencia do justo, do bom filho, do bom irmão, do bom marido, e da boa mãe por que não é perturbada com as paixões abrazadoras que queimaram em tua alma o instincto da virtude? Eu, que tenho um crime, por que não sou casualmente feliz? Anacleta, que assassinára o pae de suas filhas, para enriquecer Maria Amalia, por que se viu roubada n'esse thesouro caro de infamias, e por que viu sua filha com a cabeça partida sobre uma pedra? Olha as expiações como se encadearam.!...

— Espera!... Eu fui portanto o instrumento da vingança de Deus... Não tenho a responsabilidade dos meus crimes...

— Tambem o carrasco é obrigado pela lei a apertar o laço no pescoço dos padecentes... O carrasco não é responsavel, mas os crimes que o trouxeram á posição que occupa entre os seus semelhantes? Quem é responsavel por elles? Quantas paixões ignobeis te perverteram até ao momento em que roubaste Anacleta? Quantos desgostos déste a teu velho pae, que obrigaste a fugir á deshonra, e á pobreza, que lhe preparavas em Portugal? Quantas immoralidades tuas deram brado em Lisboa, antes que a ultima coroasse a tua abjecta reputação?... Vês! Não foi o acaso que te escolheu para punires Anacleta. A sociedade entra na enxovia e offerece o patibulo ou o cutelo de algoz a um dos condemnados. O condemnado opta pelo cutelo, porque a infamia o fez covarde, diante do patibulo. A Providencia tambem escolhe os seus flagellos nas fézes sociaes. Não verás nunca o homem honrado servindo de açoute ao criminoso. Os tigres despedaçam-se uns aos outros... Azarias! se a tua alma é de ferro, vae-te em paz! Deus te dê a consciencia, que eu não sei as palavras com que

se arranca a primeira lagrima de contrição ao criminoso que, no fim de vinte annos, inventou o *acaso* para rebater os assaltos do remorso...

Azarias levantou-se, abraçou padre Diniz, e balbuciou na despedida palavras quasi inintelligiveis. O padre viu com pasmo, a improvisa resolução do judeu; mas nem ligeiramente lhe estorvou a saída.....

.....

No dia seguinte, oitenta mil cruzados eram entregues pelo snr. Salema a padre Diniz.

— Posso saber onde encontrarei a pessoa, que me envia este dinheiro?

— Não sei—respondeu o capitalista.—Azarias retirou-se a noite passada de Lisboa. Não sei que direcção levou.

— Faça-me um obsequio, e servirá o seu amigo... creio que Azarias é seu amigo?

— Não o conheço. Apresentou-me uma lettra de duzentos contos, sacada em Londres.

— Pois, senhor, tenha a bondade de dividir esta quantia em duas quantias iguaes. Uma deve ser entregue a D. Antonia Mascarenhas, secular no mosteiro de Odivellas; a outra, a D. Emilia Mascarenhas, moradora na praça da Alegria n.º 22.

— E os recibos a quem devo apresental-os?

— A Azarias Pereira. E' natural que de qualquer parte v. s.ª receba ordens, visto que deixou em seu poder...

— O que vae de oitenta mil cruzados para duzentos contos...

— Snr. Salema... V. s.ª gosa de uma boa opinião, e ninguem terá dúvida em lhe pedir um favor.

— Posso servil-o em alguma cousa?

— A's senhoras, que vae embolsar d'esses oitenta mil cruzados, não pronuncie o meu nome. Não ha neces-

sidade alguma da minha intervenção n'este negocio.

— Fique socegado, que serão satisfeitos os seus desejos. Não vejo n'isso o menor favor... Diga-me, snr. padre Diniz, tem encontrado o nosso amigo Alberto de Magalhães?...

— Algumas vezes, raras. Sabe que elle seja meu amigo?

— Fallou-me de v. s.ª com bastante enthusiasmo, o que é raro no caracter d'elle... Sabe que está apaixonado?

— Não sabia...

— Pois, se eu me não engano, será a primeira vez na sua vida. O homem deu-lhe no gôto uma rapariga, que foi cousa muito intima do conde de Santa Barbara...

— Uma tal Eugenia?

— Justamente. O caso é que o rapaz... elle já não é rapaz; não póde ter menos de trinta e oito a quarenta annos, a verdade é que está apaixonado, que vive só para ella, e que pouco se lhe dá do complicado commercio a que deve a grossa fortuna que possue...

— E' muito rico esse cavalheiro?

— Riquissimo. Póde dispor de doze milhões de um momento para o outro.

— E' muito em Portugal... Pois, senhor, eu desejo ao meu amigo todas as venturas que a sua paixão lhe póde proporcionar...

— Dispõe em alguma cousa do meu prestimo, snr. padre Diniz?

— Queira honrar-me no seu serviço, snr Salema.

VII

O snr. Selema fez guiar a carruagem para a praça da Alegria n.º 22. D. Emilia, como sempre, veio á janella, chamada pelo ruído da carruagem, e recuou de espanto quando a viu parar á sua porta. Sen marido mal teve tempo de despir um velho casacão de briche, e envergar uma casaca preta, que podia, sem favor, pleitear antiguidades com o casacão, seu irmão mais novo.

Selema batia, pela terceira vez, na porta da saleta, unica do mestre de solfa, quando deu de face com a personagem intesperada do snr. Joaquim dos Reis.

— Procuro a snr.ª D. Emilia Mascarenhas.

— E' minha mulher; e eu sou seu marido.

— Agradeço a explicação; mas não é com o senhor que eu me devo haver.

— Pois ella alli está... Emilia, este senhor procura-te.

— Não tenho a honra de o conhecer — disse timidamente Emilia.

— Eu tambem não a conheço, minha senhora; mas, segundo informações que me deram, a pessoa com quem fallo é a snr.ª D. Emilia Mascarenhas.

— Uma creada de v. s.ª... Eu não sei com quem fallo, e peço perdão se tenho sido incivil por ignorar o tratamento que devo dar-lhe...

— Ora, minha senhora, deixemo-nos de bagatelas. Procurei-a para lhe entregar quarenta mil cruzados...

— A minha mulher?—balbuciou o mestre de musica, apanhando os oculos, que lhe resvalavam ao pendor do nariz.

—A mim!—exclamou ella, apontando-se com o dedo, e procurando de um relance uma lembrança que lhe justificasse a verosimilhança de tal surpreza.

—Justamente; salvo se a senhora não é Emilia Mascarenhas. Eu vou já sabel-o por uma pergunta...

—Eu sou Emilia do Loreto Mascarenhas... mas poderá haver outro nome assim...

—Deixa fallar este senhor, Emilia—disse o snr. Joaquim dos Reis, pondo o lenço vermelho em postura de receptaculo á distillação do tabaco, que, no justo extase de tal surpreza, lhe caía nos bofes da camisa em grossas pingas.

—A senhora conhece Azarias Pereira?

—Eu que te disse, Emilia?—atalhou o inquieto consorte, violentando o nariz repleto a sorver uma pitada com solemne estampido.

—Conheci, sim, meu senhor!... —respondeu titubiando de vergonha a filha de Anacleta.

—Conheceu, ou não? parece-me que a vejo embaraçada na resposta.

—Conheceu perfeitamente... Isto são mulheres—occorreu o previdente marido.—Envergonham-se de dizer certas cousas... Mas emfim, não ha remedio senão dizel-as... isto é uma historia comprida; mas lá vae...

—Este senhor—disse Emilia, córando—não te pediu ainda que lhe contasses alguma historia.

—Não pedi, nem quero. O caso é muito simples. Azarias Pereira manda entregar á snr.ª D. Emilia Mascarenhas quarenta mil cruzados. Tem alguma razão de suppor que este dinheiro lhe deve ser entregue, minha senhora?

—Tem, tem...—disse com vehemente enthusiasmo o snr. Joaquim dos Reis.

— Tenho... —confirmou Emilia, vendo que Salema esperava uma resposta.

— Pois bem. Queira passar o recibo... Eu chamo-me José de Campos Salema.

Emquanto Emilia escrevia, o millionario chamava da janella o creado da taboa, que entrava com uma saca de dinheiro em ouro, á qual o negociante juntou um masso de notas do banco, e lettras sobre o erario. Passado o dinheiro sob as vistas titubiantes do pianista em disponibilidade, Salema retirou-se com o recibo, entrou na carruagem, e mandou tocar para Odivellas.

Emilia entrou no seu quarto, e accendeu a lampada a nossa Senhora da Rocha, diante da qual rezou quantas devoções sabia. Seu marido, menos susceptivel de fervores religiosos, olhava estupidamente para aquelle dinheiro, e receiava um ataque apopletico, receio que nunca o inquietára nas horas mais calorosas das suas perdidas creações de harpejos. Sigamos Salema a Odivellas. Antonia Mascarenhas era pela primeira vez ahi procurada por um homem estranho. Esta visita coincidia com o momento em que a irmã adoptiva de Sebastião de Mello contava as desventuras de sua mãe e as suas á condessa de Santa Barbara. Com os olhos mal enxutos das lagrimas, e o coração arquejando, Antonia pediu á sua amiga que a acompanhasse.

A condessa entrou com ella na grade.

— Qual das senhoras é D. Antonia Mascarenhas?

— Sou eu, senhor.

— Venho encarregado de entregar-lhe quarenta mil cruzados...

— Enviados por quem?

— Por Azarias Pereira.

— Esse infeliz ainda vive?

—Vive, sim, minha senhora. Nego, porém, que seja infeliz. Quem saca sobre minha casa duzentos contos, de réis... será tudo, menos infeliz.

—Deus permitta que a sua felicidade lhe não venha só do ouro...

—Pois, minha senhora, queira passar-me um recibo, e receber a quantia...

—Não recebo, senhor.

—Não recebe? Essa é boa! Venho de entregar uma igual quantia á snr.ª D. Emilia Mascarenhas, que naturalmente...

—E' minha irmã... Esse dinheiro não me pertence... Se v. s.ª está encarregado de fazer uma restituição em nome de Azarias, queira dirigir-se ao marquez do Val, a quem essa quantia pertence...

—Eu não me dirijo a mais alguem. Quem quizer que me procure em minha casa. Já cumpri, a pedido de alguem, obrigações que não tinha, e compromissos estranhos ás ordens que me foram dadas. O que posso, minha senhora, é deixar-lhe aqui o meu nome, a minha residencia, e a certeza de que este dinheiro será entregue á ordem de D. Antonia Mascarenhas, seja a quem for.

—V. s.ª póde fazer-me um obsequio... De certo o não negará a uma mulher que lh'o pede com anciedade.

—Queira mandar-me, minha senhora.

—Na travessa da Junqueira, n.º 44, mora um sujeito chamado padre Diniz Ramalho e Sousa. Tenha v. s.ª a generosidade de procural-o, e dizer-lhe que, de minha ordem, faça entregar essa quantia ao marquez do Val. Sei que elle cumprirá. Mereço-lhe este sacrificio?

—Cumprirei, sem a mais leve repugnancia.

Salema saíra, quando a condessa, como transportada de respeito e admiração, abraçou Antonia.

—Ah! que é um anjo, minha querida amiga.

—Em quê, snr.ª condessa? Eu que fiz, que não fosse um dever? Aquelle dinheiro era de meu pae; mas meu pae era um ecclesiastico...

—Que importa? Não foi perfilhada, D. Antonia?

—Fui; mas meu pae, nas agonias da morte, quando conhecesse que fora envenenado pela mãe desuas filhas, amaldiçoaria aquella desgraçada mulher, e a raça que bebeu o leite d'aquelle seio. Não posso... não podia ver um dinheiro, que fez de minha pobre mãe um verdugo... Perdoa-me, infeliz martyr!... Se estás na presença de Deus, condoe-te de tua filha, que talvez n'este momento, recebeu de ti a inspiração, para rejeitar aquelle dinheiro que tem o segredo de cinco cadaveres...

Antonia escondera o rosto no seio da condessa, e humedecera-lhe com lagrimas as mãos.

Retiraram-se da grade, entraram na cella, onde, como duas flores de virtude, se respiravam mutuamente os aromas que brevemente deviam subir á presença de Deus, que as confiára ás vigilias de um anjo.

VIII

O sr. Salema tinha sobejas razões para affirmar a paixão de Alberto de Magalhães pela valída do defunto conde de Santa Barbara. Dias antes áquelle em que vimos o proprietario dos nove navios cumprir as ordens do israelita Azarias Pereira, procurava elle Alberto para negocios muito urgentes, que só com o chefe de uma vasta rede de corsarios podiam ser tratados.

Salema exigia que Alberto de Magalhães, a titulo de

uma viagem a Constantinopla, saísse de Lisboa, para reconciliar com a sua presença desintelligencias perigosas de alguns commandantes de navios por causa de uma preza que um tal Lima fizera nas costas da China, a qual, e contra os compromissos sagrados da seita, sonegára no inventario.

Salema sabia que o tal Lima se refugiára em Gibraltar, e procurava desquitar-se das obrigações de pirata subalterno, entrando em Portugal como um honesto brazileiro que se retira do commercio, e vem saudar na patria o fermoso clima da sua infancia.

Era, portanto, forçoso punir um refractario; e o capitalista, alma d'estas complicadas operações, desde muito delegára em Alberto a supremacia, o imperio absoluto do mar sobre dez navios com mil e oitocentos homens, entre os quaes Alberto era conhecido por *Barba-Roixa.*

Salema allegára ao seu tenente-rei as razões urgentes da sua partida. Alberto ouvira-o com enfado, e respondera-lhe que deixasse o Lima em paz, que lhe não pozesse estorvos á sua entrada em Portugal, que todo o homem tinha direito a vir dissipar em terra as penosas economias do mar, que o Lima com vinte annos de serviço, apenas poderia recolher com oitocentos contos, e não havia de que pedir-lhe saldos.

Salema conveio na imperiosa decisão do inflexivel *Barba-Roixa*, e entendeu que o coração d'aquelle homem perdera a consistencia do ferro. A humanidade de taes sentimentos não era natural ao seu caracter. O millionario conhecera-o resfolegando sangue pelos olhos, quando, no alto mar, o faro da preza lhe vinha exasperar a sêde do ouro. Quem poderia transfigurar-lhe o genio? N'este mundo ha só dois milagres, que podem de um abysmo de perdição levantar um homem, morto para

os sentimentos nobres, e insufflar-lhe a vida de um anjo: é a religião e a mulher. Os sentimentos religiosos de *Barba-Roixa*, eram, pouco mais ou menos, os de *Come-facas*. Alberto de Magalhães, na sociedade, tinha um atheismo illustrado; no mar, em face das tempestades, confessava Deus na sua consciencia; e como não podia conciliar a pequenez do homem com a magestade da tormenta, concluia que o vérme não era responsavel pelas suas miserias. Ainda assim, quando uma vaga lhe mostrava as fauces verde-negras, *Barba Roixa* não consentia que a maruja blasphemasse.

Não fora, portanto, a piedade que afeminára o coração, e enfraquecera o braço do corsario. Tinha muita razão o credor da divida insoluvel da marqueza de Penacova. Andava alli influencia magica de mulher. N'esta convicção, Salema farejou a lura onde a lebre esperava o macho—como elle grutescamente dizia—e deu com Eugenia nos suburbios de Cintra em uma carruagem, com Alberto de Magalhães, que lhe pousava languidamente sobre o hombro nú a cabeça, que, tantas vezes, desgrenhada pelas rajadas, no mar parecia desafiar a cólera dos elementos, e marcar com os olhos o mastro em que o raio, resvalando, devia abysmar-se a seus pés.

Eugenia era senhora do coração de Alberto. Contra todas as leis do habito, contra todas as precedencias do opulento viajante, que deixára nas capitaes da Europa a reputação de facil conquistador, e mais facil desprezador de invejadas conquistas, Eugenia, sem querer encarecer-se por artificios, em cada novo dia, aos olhos do seu amante fascinado, irradiava uma nova seducção, uma belleza moral, espontanea e inesperada.

Sem ser aconselhada pela arte, a forçada rival de D. Angela de Lima sabia tudo o que o instincto ensina,

e que a educação mais acurada não suppre em muitas mulheres de grosseira inflexibilidade.

A fidalguia das maneiras sem requebros estudados defronte de um espelho, sem quebramentos de pescoço e cintura, que muitas vezes confundem a mulher mais elevada com os geitos da mais envilecida, em Eugenia era tudo a tempo, occorriam as posturas e as palavras com encantadora naturalidade, compunham-se-lhe as fórmas tão ao proprio com as evoluções do espirito, que seria preciso ambicionar o impossivel para desejar algum novo dom n'aquella mulher.

E depois, veio-lhe de subito o que era para desejar-lhe algumas vezes: a melancolia. No principio, Eugenia, fóra das recordações pezarosas da sua escravidão, como ella lhe chamava, era galhofeira, finamente mordaz, e demasiado falladora, mas nunca desengraçada. Ora isto não se ajustava tal qual com o caracter sombrio de Alberto. Mas, a seu pezar, era tal o melindre com que a tratava, que nunca elle ousou dizer-lhe o que lhe faltava para ser perfeita.

Não foi preciso. A natureza completou o trabalho d'aquella bella organisação. Logo que o espirito se affeiçoou ao manjar, que Alberto lhe aconselhára, e que a leitura lhe engrandeceu o mundo da intelligencia, que apenas adivinhára pelo instincto, Eugenia era perfeita, entristecia-se sem azedume, scismava com os lindos olhos pasmados nos labios do amante, como se não quisesse deixar nos labios a pronúncia completa de uma ordem, antes de ser pelos olhos adivinhada e obedecida.

— Principio a sentir a verdadeira felicidade, Eugenia — disse Alberto, sentado em uma pedra musgosa dos Pinhões, em Cintra, emquanto ella fazia um ramo de flores silvestres.

— E's feliz Alberto? Por me vêres tão alegre, não é?

— A minha generosidade não iria tão longe!... Sou feliz, porque sou feliz... A ventura alheia... que importa ao egoismo do homem? Bem podera a tua alegria entristecer-me, por eu não poder sentil-a comtigo!... Sou feliz... devo-te tudo, Eugenia. Hoje é que eu principío a receiar alguma grande tempestade n'esta minha vida, que tanto amo, que tão outra do que foi me amanheceu ha poucos dias...

— Pois que presentes, meu filho?! Não olhes assim para mim, que me fazes mal!... Meu Deus! tu tens lagrimas, Alberto! Que é? Esta solidão não é boa para ti... Arrependo-me de ter lembrado a nossa vinda para o campo... Vamos para Lisboa, ámanhã, queres?

— Não. Tu não sabes o sabor d'estas lagrimas... Quando se é triste assim, é abençoada a tristeza... O amor faz isto, Eugenia!... Faz de conta que estas duas lagrimas são entre nós uma alliança eterna... Juntos toda a vida, Eugenia! Quando Portugal nos der um momento de mortificação, fugiremos d'aqui. O céo é bello em toda a parte do globo, quando a alma não está solitaria... Senti desesperações dolorosas no Oriente, no Meio-dia, no tumulto de Londres, e nas ruinas desertas de Carthago... em toda a parte a proscripção, o desalento, e a morte. Faltavas-me, Eugenia!... e nem sequer o coração me vaticinava a esperança de encontrar-te. Agora, sim... iremos de paragem em paragem... até descansarmos ambos em uma, onde digamos: — Vivemos pouco, porque era muita a felicidade... Aqui descansa-se no seio da morte.

— Tão triste, Alberto!... E vês tu... góso tanto ouvindo-te fallar assim!... E' porque todos esses pensamentos são meus... adivinhaste-m'os... Eu tambem

desejo abrir uma manhã os olhos para ver um mundo que nunca me visse... Pois sim, meu anjo!... quando receiares um desgosto em Portugal, vae, mas não me deixes, que, sem mim, não serás feliz em parte alguma. Não te rias d'esta minha vaidade, não? Não deves... Eu sinto isto, porque penso que se não póde amar tanto, e amar duas vezes assim... Se o amor é hoje a tua felicidade, como esquecerás tu a pobre mulher, que te fez sentir alguma cousa do bem que lhe fizeste?

— Que te fiz, Eugenia!... Quasi nada!...

— Olha, Alberto!... vês estas flores?... são agrestes; nasceram alli, sem que ninguem as cultivasse, n'aquelle silvado. Eu era assim, quando me colheste entre espinhos. E' no que eu pensava, quando fazia este raminho. Toma-o... Olha, tu de certo não lhe darias mais valor, se estas flores viessem de um jardim, cultivadas com grande esmero para ti... pois não?... responde... não penses...

— Não, de certo, Eugenia.

— Pois eu estou sendo para ti o que são essas flores... Ellas e eu devemos-te uma estimação, que ninguem nos daria... O peior é murcharem as flores... e eu não queria a sorte d'ellas... Que triste desenlace teve a minha comparação!

N'este momento, da estrada de Lisboa chegava o mordomo de Alberto, com um masso de papeis, que apresentou a seu amo. Este abriu, leu, e a meia voz disse ao creado:

— Entregue-os ao prior... diga-lhe que não falta nada; passado um quarto de hora, estarei lá.

— O cavallo vinha tão suado!... — disse Eugenia, referindo-se ao do mordomo.

— Era necessario vir de Lisboa com presteza...

— Mas não é nada que te inquiete, Alberto, pois não?...

— Cousa nenhuma, filha. A nossa vida é tranquilla como o murmurio d'aquella fonte... Todas as novas são sempre bemvindas... Presagías alguma cousa triste?

— Eu, não... Não me vês tão contente, capaz de saltar de ramo em ramo como aquelles passarinhos?! Seria ingrata a Deus e a ti, se me não contentasse com a felicidade que tenho. Achas que o coração de uma mulher possa ambicionar mais?

— Póde...

— Póde!?... o quê, Alberto?

— Tu... Eugenia... falla-me com a sinceridade com que falarias a Deus, tu não ambicionas mais nada?

— Muito... o impossivel... queria a immortalidade, mas assim como hoje a vida nos corre... Do contrario, não; ao menor dissabor, á mais pequena nuvem n'este nosso céo, quero a morte... Ora aqui tens a minha ambição, querido da minha alma!... Tudo o que não for isto... tudo o que forem cousas dos homens e da terra... acho-as pequenas, para valerem a ambição de uma mulher como eu, que adora um homem como tu...

— Que cousas da terra chamas tu pequenas?

— O que muitas mulheres... quasi todas... reputarão a suprema felicidade, a grandeza da sua missão, a realidade magnifica do seu sonho... Não me perguntes mais nada, Alberto. Ha cousas que se não devem perguntar a uma mulher na minha situação.

— Por quê?

— Teimas, máu?!

— Só esta e mais nenhuma. Qual é a tua situação, para que se te não devam fazer certas perguntas?

— Para quê?... porque o coração responde a ellas

ingenuamente, mas o rosto não póde deixar de córar...

— Comprehendi-te, minha filha... Agora mais pergunta nenhuma... Aqui tens tu a igreja parochial de Cintra... O exterior é mesquinho... queres vêl-a por dentro?

— Pois sim; eu gósto muito do silencio das igrejas... e agora ao pôr do sol deve ser bonita a refracção da luz... Ella está aberta, penso eu...

— Está.

Entraram no templo, e foram direitos á sacristia. Achavam-se alli dois clerigos, o prior e o cura, e o mordomo de Alberto de Magalhães. Eugenia ficára observando um painel da esquerda do altar-mór, e ahi se conservava enlevada no enthusiasmo da arte, quando sentíu passos ao pé de si. Era Alberto, e o prior paramentado de sobrepelliz e estola. Eugenia não ligou importancia áquelle grupo, que parecia esperal-a na ultima escada do altar.

— Eugenia, — disse Alberto — vem aqui ajoelhar commigo.

A physionomia da esposada tinha alguma cousa de celeste. Por debaixo do véo transparecia-lhe o rubor do delirio, da alegria, da surpreza, de todas as paixões grandes reunidas, de todos os extasis abrazados em uma expansão unica, que devia matal-a ou endoudecel-a, se fosse duradoura.

Sem articular dois sons, Eugenia ajoelhou, e quando o ministro do sacramento lhe disse as palavras que ella devia repetir: «recebo por meu legitimo marido Alberto de Magalhães...», a trémula menina, vacillante sobre os joelhos, fez-se côr de cera, e segurou-se ao braço de seu marido, que acabava de jurar as ultimas palavras do sacramento.

Ao erguerem-se, ambas as faces tinham lagrimas. As de Alberto seriam, e eram filhas de uma paixão satisfeita, mas tambem eram, por ventura, o egoismo do homem que dava a uma mulher o gôso de ambições, que ella nunca sonhára. As de Eugenia... que importa explical-as ao homem?... O coração da mulher que as adivinhe... E' a ella que Deus confiou o privilegio de idealisar as sensações que tocam immediatamente com a divindade por todas as fibras nobres do coração humano. Emquanto os anjos não fallarem na voz do homem, serão as sybillas sagradas da religião do sentimento, serão as mulheres de eleição, as predestinadas do genio, as que possam decifrar, em palavras, as commoções e as lagrimas de Eugenia.

IX

A recommendação de D. Antonia foi lealmente satisfeita. O marquez do Val, que acompanhava D. Miguel, recebeu a boa nova dos quarenta mil cruzados, ao pé do Porto, e pediu immediatamente licença para vir embolsar, em Lisboa, uma quantia que, alguns mezes depois, lhe valeu muito na emigração. Ha quem diga que o marquez, em um excesso de reconhecimento a seu defunto irmão D. Theotonio de Mascarenhas, lhe rezára por alma, de um só jacto, tres *Padre-nossos*.

Cumprido o encargo, padre Diniz foi a Odivellas abençoar a nobre e virtuosa resolução da filha de Anacleta. Encontrou-a doente. As golfadas de sangue, com intermittencias de febre, repetiam-se de modo que a pobre senhora mal podia vir á grade, encostada á sua que-

rida confidente, a condessa de Santa Barbara. A saude d'esta não promettia mais vida. O que a outra não tinha tanto era a fortaleza de organisação, porque Angela de Lima, ha mais de um anno, fora julgada hectica.

Padre Diniz encarava as duas senhoras como duas lampadas a bruxolearem os ultimos lampejos. «D'aqui a pouco—dizia-se elle—a minha vida é completamente escura. Tudo que me rodeava vae desapparecendo. E Deus quer que eu veja de pé esta longa agonia das pessoas que me alimentavam o coração... Seja feita a vontade de Deus!»

Principiava o sacerdote fallando na restituição, quando bateram á porta interior da grade. Era uma creada da prelada, que pedia licença para sua ama fallar ao snr. padre Diniz. A dona abbadessa, entrando, não demorou a causa da sua vinda:

— Por lhe não dar incómmodo, snr. padre Diniz, pedindo-lhe o favor de entrar na minha grade, vim, sabendo que estava aqui com as minhas amigas, e suas. O fim para que o procuro reverte em honra e gloria de Deus. A fama das suas virtudes chegou á cabeceira de um meu sobrinho, que se acha gravemente doente. Minha tia, condessa de S. Gens, pede-me que rogue eu a v. s.ª o obsequio de procurar meu sobrinho Alvaro Faria, primo direito do general Gervasio Faria, fuzilado em 1817...

A prelada não continuaria, se reparasse na convulsão do padre, na pallidez de Antonia, e na perturbação de D. Angela.

— Para satisfazer-lhe — continuou a abbadessa — a grande devoção que elle tem de confessar-se com v. s.ª.

— São obrigações do padre, minha senhora, que se

não rogam, lembram-se-lhe. Irei, e muito breve, se é urgente a minha ida.

— Já, sendo possivel. Eu sabia que v. s.ª vinha aqui hoje, por m'o ter dito a minha amiga condessa, e preveni-me, mandando vir uma carruagem, que está á espera de v. s.ª.

— Irei já, minha senhora... Ao Lumiar é perto, e eu prefiro ir a pé; necessito d'este movimento; e Deus permittirá que o enfermo não perigue em a minha demora de alguns minutos...

.....

Padre Diniz entrou no quatro, onde um enfermo rodeado de filhos, e irmãos, e parentes de todas as ramificações do venerando tronco, não ouve uma só palavra que o console nas afflictivas angustias que lhe precedem a morte, como um cortejo de larvas. O terror está pintado nas physionomias que lhe contemplam, com impotente piedade, os tardios remorsos.

Alvaro Faria é um homem de cincoenta a cincoenta e cinco annos. Uma velhice extemporanea arregoou-lhe profundamente os tegumentos do rosto, que parecem rasgados pela proeminencia dos ossos. Como em um rosto de réprobo, esculpido em cera, vêem se dois globulos que volteiam, e saltam, e rodam nos eixos em vertiginoso delirio. São os olhos, que buscam na vista de cada circumstante o segredo do seu remorso.

Quando se abriu a porta do quarto, e appareceu o aspecto sereno do levita, os tocantes traços d'aquella formosa physionomia de velho, os magestosos contornos do peralvilho de outras eras, esquecidos para muitas pessoas que alli se achavam, e um dia viram Sebastião de Mello... quando padre Diniz appareceu, diziamos nós, retiraram-se todos.

— Tenho muita fé nas suas virtudes, senhor!... — disse o doente, estendendo ao padre a mão descarnada.

— Tenha muita confiança na sua contrição, e na misericordia divina.

— Desejo confessar-me.

— Ouvil-o-hei.

— Antes de principiar a confissão queira dizer-me se posso escolher a culpa, que mais me pesa na consciencia.

— Póde; e exponha a maior culpa com a mesma confiança da menor. Ha crimes que é necessario uma grande violencia no arrancal-os do coração para os expôrmos na presença de um estranho. Esses receios tem-os o homem de pouca fé, e contrição tibia. N'esta posição, considere-me superior ao barro do homem. Veja-me como um instrumento de perdão, e esqueça-se de que eu posso ser um dos que não saldaram contas com a justiça de Deus.

O enfermo reanimou-se. O aspecto do ministro do Altissimo era mais eloquente que as palavras. Alvaro Faria, cumpridas as formulas penitenciarias do sacramento, fallou assim:

— Ha quinze annos que foi fuzilado por crime de rebellião meu primo o general Gervasio Faria. Na vespera de ser justiçado, confirmou com um testamento a perfilhação de uma filha que tinha. Esta menina, no futuro, devia ser herdeira de seu pae, e eu procurei todos os meios de obstar a que ella crescesse com o conhecimento de ser filha de meu primo. Devorava-me uma ambição infernal! Eu era rico, mas com um crime ignorado podia ser riquissimo. Espionei a existencia d'esta criança, e soube que ella vivia em poder da ama que a creára, e que sua mãe desapparecera. Uma noite, com os meus

creados, entrei na casa da ama, e arrebatei a criança do berço. Era uma menina de tres annos, linda como um anjo, e sorria-me de uma maneira, que então me parecia uma súpplica de piedade, e hoje me parece um escarneo ás minhas agonias. Aconselharam-me que a matasse ..

— E matou-a?

— Não tive coragem. Mandei-a para uns caseiros que tenho no Algarve, e deixei-a lá estar até aos doze annos. Quando a menina chegou a esta idade, soube, pelos caseiros, que ella queria procurar em Lisboa uma casa onde servisse. Disse aos caseiros que a deixassem fazer a sua vontade. N'esta occasião appareceu no Algarve o mordomo de um fidalgo de Lisboa, viu a pequena, soube que ella queria servir uma casa, como creada grave de uma senhora, e trouxe-a comsigo para casa de seu amo. Ha poucos mezes que essa menina existia... Devo restituir-lhe a herança de seu pae?

— Deve.

— Mas senhor, os meus filhos ficam arruinados.

— Que mendiguem. Tem filhas, senhor?

— Uma.

— Deus não permittirá que ella encontre um amo, que a force á deshonra, como Eugenia.

— Eugenia!... esse nome é o da...

— Amante do defunto conde de Santa Barbara.

— Então o senhor conhece-a?

— Conheço... nada perde com isso...

— E é indispensavel a restituição?

— Se ella não a dispensar.

— Isso é impossivel!... Os meus filhos não podem ficar pobres!...

— V. exc.ª não me disse que era rico, antes de rou-

bar essa menina, e a herança de seu pae? Se lh'a restituir, rico fica.

— Não é assim! Tudo que me veio d'essa herança... perdeu-se! Era um palacio em Campolide; devoraram-o as chammas, e não ficou pedra sobre pedra. Eram cem contos de reis em mãos de um tal Moysés, judeu, que falliu em Amsterdam, e os credores perderam tudo. Aqui tem, senhor, essa herança não a possuo; se a restituo do que é meu, meus filhos pedirão uma esmola.

— Imitarão o Filho de Deus, que a pediu, e não lh'a deram.

— E' impossivel! A religião não põe assim o punhal ao peito de um muribundo!...

Os trageitos de enfermo eram horriveis. Fechava os punhos, e nitria com os dentes, por entre os quaes a lingua respingava sangue. O padre, na presença d'aquelle espectaculo, cruzou os braços, e desviou os olhos, elevando-os para a imagem de Christo. Quebrado do accesso, Alvaro caíu em profundo somno, pouco diverso de outro somno de que se amanhece na presença de Deus. O sacerdote esperou.

Acordado em convulsões, o penitente, irreconciliavel com as condições um pouco sérias da restituição, ainda viu o padre, que o encarava com a mesma austeridade.

— Cuidei que se tinha retirado, snr. padre!... Emquanto á restituição, tenho de consultar algumas pessoas religiosas, que de certo não hão de querer que os meus filhos mendiguem, para que a filha bastarda de meu primo sáia da vil condição de creada de servir para herdar os bens de meus avós... Ah!... agora me lembro... os meus bens são vinculos... não podem ser alienados fóra da familia...

— Isso é uma legislação absurda, snr. Alvaro. Os seus bens são vinculos; mas o rendimento dos seus bens é alienavel até á ultima geração. O direito civil não absolve o roubo.

— Isso ha de ainda discutir-se...

— Não se perca, senhor, A sua demanda vae decidir-se no tribunal de Deus; deixe a seus filhos litigarem a natureza dos seus bens... Vou dar-lhe uma esperança, não salutar para a alma, mas póde melhoral-o no corpo, e o tempo fará o resto.

— Qual é?

— Essa menina, que v. exc.ª considera na vil condição de creada de servir, dispõe de doze milhões.

— O senhor está a zombar!

— Não acho opportuna a occasião para zombarias, Essa senhora casou ante-hontem em Cintra com Alberto de Magalhães.

— N'esse caso poderei salvar-me sem a restituição... que lhe parece, snr. padre?! Eu tenho muita fé na sua virtude! poupe-me os meus filhos de pedirem esmola...

— O que posso fazer a v. exc.ª é pedir a essa senhora que lhe conceda a esmola de cento e tantos contos a seus filhos.

— A esmola? Isso é uma affronta ao meu nome.

— N'esse caso pedirei a Eugenia que aproveite a occasião de *receber a honra* de não fallar a seus filhos nos cento e tantos contos... Snr. Alvaro, a ironia não fica bem ao meu caracter... Sou pequeno em virtude, ao pé da obduração em que está sua alma. Antes de quarenta e oito horas, v. exc.ª terá de Eugenia de Magalhães uma renúncia dos bens que poderiam pertencer-lhe de seu pae.

X

Alberto de Magalhães, encostado ao piano, com o contentamento de expansiva ternura nos olhos, escutava as maravilhas da arte, que só o talento creador de Eugenia, em tão pouco tempo cultivado, podia adivinhar.

Toda fragrancia e mimo, sensivel a cada olhar, estremecendo de carinho a cada palavra meiga, a cada gesto apaixonado, a ditosa esposa quizera exprimir no som do piano o que não podia trazer do coração em palavras. Tanta felicidade embriagava-lhe o sentimento em delirios de a tornarem febril. Tinham decorrido quarenta horas, quarenta fugitivos instantes, depois que pronunciára a palavra esposo. O somno não ousára tocar-lhe as palpebras, sempre abertas para ver bem junto aos seus labios o somno placido, povoado de sorrisos, em que o seu anjo parecia saborear os frutos de uma feliz consciencia.

Alberto viera encontral-a ao piano, e alli ficára enlevado na magica pallidez de uma noite mal dormida, que tão suave colorido augmentava o viço das rosas no rosto infantil de Eugenia. Assim se deleitavam os dois entes absolutamente venturosos, quando foi annunciado padre Diniz Ramalho e Sousa.

Eugenia, como surprendida, estremeceu e córou. Alberto, sem hesitar um instante, mandou entrar para aquella sala o seu antigo amigo Sabino Cabra, o cigano.

— Alberto... retiro-me?

— Não, filha... hoje queria eu que todo o mundo te visse...

Padre Diniz cortejára Eugenia, quasi sem a fixar. Com Alberto, abraçou-se, pela primeira vez.

— A que devo eu o prazer de o ver em minha casa?

— Venho felicitar-vos, Alberto de Magalhães; e reprehender-vos. Hontem foi o vosso casamento, e nem sequer vos mereço, já não digo um convite de amigo velho, mas ao menos a apresentação de vossa esposa. Aproximae-vos de mim, menina, e não repareis no tratamento que vos dá o velho padre. Estes cabellos dão-me direitos de paternidade.

Eugenia aproximou-se com timidez.

— Não vos quero assim acanhada. Conversae commigo, fallae-me de Cintra, dos amores de Bernardim Ribeiro com a ingrata Beatriz, que *menina e moça* foi levada de casa de seus paes; dizei-me se o vosso coração não tem muita vida aqui debaixo d'este céo, que o meu amigo Byron achou indigno d'esta raça de escravos... Pobre lord, encontrei o em Veneza procurando nos canaes o cadaver de uma pobre rapariga, que se matou por elle!... Era um generoso coração! Queimava o cadaver dos amigos, desenterrava do lôdo o cadaver das amantes, fazia versos á filha, e não lhe dava os sobejos das suas dissipações; vendia aos inglezes os poemas em que os insultava; pintava comicamente o caracter da mulher na mãe do D. João... era uma excellente creatura, que nos dava a honra de nos chamar *barbaros*... Estou-vos enfastiando, meus amigos... Tendes razão.

— Pelo amor de Deus, não diga tal—atalhou Eugenia.

— Vê como as suas palavras me restituiram o desembaraço?... Agora já sou outra... parece-me que o conheço ha muitos annos...

— Pois é assim que eu vos quero. Então Alberto, já sabieis quem era a pessoa que me mandastes a casa?

— Já... disse-m'o Salema, que vos levou oitenta mil cruzados de uma restituição.

— Então não fallemos d'isso mais... Sabei que tenho fome... Dae-me de almoçar, senão recolho-me ao conventinho dos pobres monges, que lá estão em cima nas suas cellas de cortiça.....

Sentados á mesa dizia Alberto:

— Não sabe, meu caro padre, o que minhá mulher me dizia um dia?

— Não digas, Alberto...

— Por que não ha de elle dizer? Se dissestes mal de mim, Eugenia, fostes injusta.

— Mal... nunca!—acudiu ella.

— Mal, não,—tornou Alberto—disse que lhe tinha mêdo, e certo mêdo que não é antipathia.

— Valha-me Deus!... As rugas da velhice assustam as crianças... Já agora, filha, é sorte de velho!

— E quando eu lhe disse que padre Diniz sabia tudo quanto se passava...

— Enganastel-a...

— Quanto se passava debaixo do céo, sorriu-se.

— E teve mais juizo que vós, Alberto... Dae-me um d'esses biscoutos torrados, Eugenia.

— E acrescentou que vos faria uma pergunta....

— Alberto! és um chocalheiro—disse Eugenia, com o resentimento do mimo.

— Uma pergunta?... dizei lá, menina; mas primeiro dae-me uma colhér de assucar. Os velhos são como as crianças: gostam do doce. Agora dizei lá a vossa pergunta.

— Não digo, snr. padre Diniz; eu estava a brincar com Alberto: estou quasi zangada com elle...

— Isso é que eu não quero... Quereis ahi chá, Alberto?

— Se me faz o obsequio... Digo o que foi, Eugenia?

— Ha de ella dizel-o—atalhou o padre.

— Pois então... será logo—disse Eugenia, tentando em vão esconder o sobresalto.

Findo o almoço, passaram a uma sala.

— Agora, Eugenia... A pergunta?

— Meu Deus!... Ella não é vergonhosa, mas eu temo passar por louca, querendo achar em v. s.ª as qualidades de um adivinho.

— Dizei... riremos ambos, depois.

— Com essa condição... digo... Queria saber quem era meu pae e minha mãe.

— Sim? A'manhã vol-o direi, minha boa menina.

Eugenia, convencida da seriedade da resposta, ficou branca, tranzida e immovel. Alberto procurava na physionomia do padre um signal de brinquedo n'aquella resposta.

— Ficaes perplexos? Tendes razão. Olhae, porém, que não sou feiticeiro, nem desencanto genealogias. Ámanhã, Alberto, estareis vós e vossa senhora em minha casa, ás duas horas. Jantareis commigo... Dae-me um abraço, filhos! e adeus.

Padre Diniz saíra.

Eugenia, abraçada a seu marido, dizia:

— Isto é um sonho, Alberto?

— Não, filha. O padre Diniz é um homem superior... eu não t'o disse?

.....

Ao mesmo tempo, as seculares condessa de Santa Barbara e D. Antonía Mascarenhas recebiam licença do patriarcha para estarem fóra do mosteiro o praso de tempo necessario para a restauração da sua saude. Esta licença ia acompanhada de uma carta de padre Diniz,

que convidava as duas senhoras a apparecerem em sua casa, no dia immediato, á uma hora da tarde.

Medeiava, portanto, uma hora entre a vinda das senhoras e a dos noivos de Cintra.

. . . . . .

Um quarto antes da uma hora chegou a carruagem de D. Angela de Lima. As senhoras passaram, como familiares d'aquella casa, pela saleta de jantar, e viram cinco talheres e uma mesa, ricamente adornada de preciosas peças de ouro e prata. O luxo inesperado surprendeu-as menos que o numero de talheres.

Padre Diniz entrava no momento em que as seculares se consultavam com os olhos, e sorriu benignamente áquelle pasmo em que as viu tão entretidas, que nem se voltaram para cumprimentar o dono da casa.

— Foram pontuaes, minhas amigas.

— Ah!... o snr. padre Diniz! — exclamou Angela, correndo com Antonia a abraçal-o.

— Acham demasiada opulencia em casa de um padre? Têem razão; mas o padre, quando as circumstancias o collocam a par das classes elevadas, é necessario sacrificar á decencia a humildade... Isto são cousas velhas, que minha irmã nunca viu cá em casa... Nem a mim me lembravam já...

— Mas quantos somos a jantar?—disse Antonia.

— Os talheres são cinco! — acrescentou D. Angela.

— E' que são cinco os convivas — disse o padre, encaminhando-as para a livraria.

Nenhuma das senhoras cedeu á anciedade de saber quem eram as duas pessoas estranhas. D. Angela lembrou-se de seu filho... mas quem seria o outro? D. Antonia lembrou-se de sua irmã... de Azarias... mas seria possivel este encontro?

— Já sabem uma nova?—disse o padre—casou Alberto de Magalhães.

— De véras?!—interrogaram ambas.

— Ha dois dias, em Cintra.

— Com quem?

— Com uma menina pobre.

— Que virtuoso homem! — disse Angela — Naturalmente era alguma menina de boa familia...

— Descendente de duas familias muito illustres...

— Bastarda, não?

— Sim, minha querida Angela... é bastarda.

— Ora vejam! Alberto parecia um homem insensivel... Quem sabe se foi um casamento de capricho!

— Casamento de paixão — disse o padre, com a firmeza da convicção.

— Ha muitos assim, que não acabam felizes como principiam... Mas taes serão as virtudes d'essa menina... Namorou-se nos salões?... é muito natural.

— Namorou-a na rua... é extraordinario!

— Na rua?

— Na rua, snr.ª condessa.

— Não entendo bem, ou o acontecimento é original...

— Não é original... Encontrou-a, offereceu-lhe o seu coração, a menina aceitou-o, e por fim considerou-a tão elevada pelas virtudes, que a fez sua esposa, e rehabilitou-a de desventuras passadas, que a sociedade intitula *deshonra*.

— Pois ella...

— Tinha sido violentada a ser amante de um poderoso, que a tinha como serva.

— Mas não me disse que descendia de duas familias illustres essa menina?

— E confirmo o que disse... A infelicidade não annulla o nascimento.

— Então foi abandonada por seus paes? — retorquiu Antonia.

— Ella é que lhe ha de contar a sua historia, minha irmã.

— Pois ella é a que vem...

— Com o seu marido jantar comnosco... Ahi está uma carruagem... São elles. Entrem na sala de visitas... Minha irmã, restituo-vos a vossa supremacia... Espero que fareis a honra da casa. Vinde receber a esposa de Alberto de Magalhães.

Antonia desceu alguns degráus da escada, para dar a mão á bella menina, que subia com o padre, que lhe dera o braço.

— Temos cá a snr.ª D. Antonia Mascarenhas!—disse Alberto—Como passa, minha senhora?

Entravam na sala, trocando-se os ditos communs da civilidade, quando Eugenia deu de face com a condessa de Santa Barbara. Eugenia apertou o braço do padre, como pedindo-lhe um apoio e uma razão d'aquelle encontro. A condessa, esvaída e córada ao mesmo tempo, não respondia ao cortejo de Alberto, que tambem não comprehendia a imprudencia do sacerdote. D. Antonia não participava das commoções que se passavam nas physionomias de todos, menos na do sacerdote, cuja impassibilidade estava sendo para Alberto uma suspeita de que aquelle homem, ao cabo de trabalhosos soffrimentos, entrava na crise de uma demencia. O facto inesperado, este absurdo encontro, não se explicava de outra maneira.

Padre Diniz, quando o silencio d'aquella falsa posição começava, disse tranquillamente:

— A hora dada para o jantar é mais tarde. Sentemo-nos e conversemos. Snr.ª condessa, vou communicar-lhe o resultado da missão nobre, que hontem me foi confiada pela senhora dona abbadessa de Odivellas. Tratava-se de confessar um primo do general Gervasio Faria, fuzilado em 1817. Eu não vou revelar o sigillo da confissão. E' por ordem do céo, que vou cumprir uma promessa feita ao moribundo... D. Antonia··· coragem! Vejo-a desmaiar!... O seu coração deve estar endurecido na dor, para afrouxar tão depressa debaixo de uma impressão que Deus lhe manda!... Então!... Bem!... Póde chorar, mas quero que me escute...

«Esse general tinha uma filha, que fez sua herdeira. Essa menina fora roubada dos braços da ama, aos tres annos de idade... Quem a roubou foi o meu penitente... Não a matou, porque a viu muito linda, e a coragem arrefeceu-lhe no coração pervertido pela ambição, porque, diz elle, nos labios d'esta criança voava um sorriso, que lhe parecia como uma súpplica de piedade···

— Então a minha filha··· vive!·· — exclamou Antonia, correndo para o padre com as mãos erguidas.

— Já que viestes, minha irmã, sentae-vos aqui mais perto de mim··· Ora ahi tendes o que é uma precipitação!··· Aqui estão Alberto, e sua esposa, sabendo que tivestes uma filha··· Não repareis, senhores··· Esta senhora tem chorado assim, muitas vezes, com a face sobre o meu coração··· Deixae-a chorar, e depois continuaremos

— Continue··· eu sinto-me capaz de ouvir tudo··· — balbuciou Antonia, escondendo no lenço o sangue que lhe vinha com os fluxos de uma tosse quasi imperceptivel. Eugenia, sem acção, sem vida nas feições, olhava aquella senhora, e sentia em si os aturdimentos

de um sonho, como nos instantes que se seguem ao despertar.

Padre Diniz continuou:

— A fortuna usurpada, por um mysterioso processo da Divina Providencia, desappareceu. O ladrão, á hora da morte, presente a eternidade das penas; quer salvar-se; mas não quer restituir, porque, se restitue, seus filhos pedirão esmola. A salvação d'este homem é possivel sem restituição? Elle quer que seja; mas o ministro de Deus não o absolve. Contra elle ha dois brados, que clamam vingança ao céo: o de uma pobre mãe, privada de sua filha; e o da filha, privada de sua mãe, e da sua herança, e do seu pão. Para que o meu penitente se salve, sem deixar seus filhos a mendigarem, é necessario que a mãe da menina roubada lhe perdoe as tormentosas afflicções de quinze annos!... Antonia! perdoareis a este homem?

— Sim, sim; mas, se minha filha vive, que m'a entregue.

— Bem... O moribundo já tem o vosso perdão; mas não basta isso... E' necessario que a menina privada da herança, e de sua mãe, lhe perdoe a orphandade, a fome, os desastres que possam ter decorrido na sua existencia de quinze annos de abandono, e de miseria... Sem isso, a salvação do agonisante e impossivel... Eugenia!... perdoaes ao homem que vos privou de mãe, e da fortuna? Vossa mãe já perdoou... agora vós!...

Não tentaremos o impossivel. Esta scena não se descreve. Padre Diniz está em pé, com o braço direito estendido na postura em que o tinha, apontando para Antonia, quando disse: «Vossa mãe já perdoou!» Antonia, quando comprehende a significação d'aquellas palavras, e olha para o padre espavorida como interrogando-o pela

realidade d'aquelle sonho, sente uma nevoa baça toldar-lhe a vista, e o alento que se lhe esváe em uns braços que já não vê. E' Eugenia, que ajoelha com sua mãe nos braços, e a condessa, tambem ajoelhada, que ampara a cabeça da sua amiga, chegando o ouvido á quasi exhausta respiração dos labios. O coração de Antonia bate debaixo da mão de Alberto, que dobrou um joelho, e não tira os olhos dos de sua esposa, que parecem nublar-se. Padre Diniz, inferior a Deus, e superior a todos os homens, olha aquelle grupo com um santo sorriso, como o dos martyres glorificando a Deus. Alberto chama Eugenia, como receioso de a ver desfallecida.

—Não temas, — disse ella — esta força vem-me de Deus. Minha mãe não morrerá... pois não, snr. padre Diniz?

—Não filha... Não vê que se lhe abrem os olhos? Quando estivesse morta, o amor de mãe resuscital-a-ia. Antonia! Não é um sonho... Eu adivinho as perguntas do vosso coração. Esta menina é vossa filha... Alberto é o seu esposo... Augela é a vossa querida amiga... Vêde, já o é tambem de vossa querida filha... Olhae como ellas se abraçam e choram... Parece que estão, como duas inimigas contritas, pedindo-se perdão com as súpplicas da alma... Eu, que vos tenho nos braços, e no coração vos tenho tido, ha dezeseis annos, serei sempre o vosso irmão... Estaes melhor? penso que sim... Não tendes força para ir abraçar a vossa filha?... Olhae, é ella que vem beijar-vos a mão... Abençoae-a... Chorae muito, que, na vossa situação, não ha palavras... Mas não quero que o banquete seja de lagrimas. Deixemol-as, Alberto... Vinde ver a minha mesa. Direis que Luculo convida Apicio a jantar.

. . . . . .

O jantar esperava as senhoras, quando Angela veio dizer que era impossivel conduzir Antonia á mesa; que a sua amiga estava gravemente incommodada do peito, e pedia licença para recolher-se á cama. Eugenia pedia licença para acompanhar sua mãe, e a condessa de Santa Barbara encarregava-se de as servir, levando-lhes uma gotta de caldo, e jantando com ellas, para compartir da felicidade das suas amigas.

Padre Diniz e Alberto de Magalhães, como organisações feitas na provação dos abalos, não abandonaram completamente o appetitoso jantar, que lhes era servido. Em fugitivos instantes deixaram a mesa, onde as palavras que trocaram foram muito poucas. Recolhidos em si, digeriam, por assim dizer, a impressão que receberam com coragem: mas o coração era de homens, e o homem não póde evitar os effeitos de tudo que é sublime, pelo bello, ou pelo horrivel.

Passando ao quarto de Antonia encontraram-a febricitante. A estas horas, era certo um crescimo, desde que padre Diniz a visitára, na sua volta de Santarem. Eugenia velava sua mãe; Angela de Lima juntava os desvelos de amiga aos desvelos da filha.

Padre Diniz chamou Alberto de Magalhães ao seu gabinete, e escreveu o seguinte bilhete:

«Eugenia de Magalhães renuncía á herança que ti-«nha a receber de Alvaro Faria.»

— Dizei a vossa mulher, que assigne esse bilhete... Levae-lhe essa penna...

. . . . . .

Terminava o praso das quarenta e oito horas, quando Alvaro Faria recebeu o perdão da filha do general, con-

duzido por um frade capuchinho encarregado de lhe ouvir a sua confissão.

Ainda viveu alguns mezes. Foi necessario dizerem-lhe que o conde de Villa Flor estava defronte de Lisboa, para morrer de spasmo... que de remorso... era impossivel.

XI

Estamos em 28 de agosto de 1833.

Alberto de Magalhães vive em Cintra com sua esposa, cada vez mais querida, e sua sogra, que pede com incessantes súpplicas um anno mais de vida para conhecer, na sua carreira de quarenta e dois anno, um só de felicidade. Os carinhos de sua filha não a salvam. O outomno virá brevemente confundir no sussurro da folhagem, que rola no chão, o ultimo gemido d'aquella mulher.

Na casa proxima á de Eugenia vive a condessa de Santa Barbara, só, desconhecida á sua propria creada.

Na quinta fronteira, em uma pobre casa de lavoura, vive padre Diniz, que, no dia 24 de julho, incapaz de sentir o enthusiasmo dos liberaes na praça do Rocio, foi interrogado sobre *quem vivia*. O sacerdote, sem empallidecer, perguntou a Deus e á sua consciencia que peso teria a sua vida na balança dos partidos. O seu silencio ia ser punido, quando um homem de entre as multidões, armadas de lanças e chuços e espadas, o tomou pelo braço e o afastou do holocausto. Era Alberto, cujo laço azul e branco impunha respeito, e mais ainda o seu nome impresso no catalogo dos benemeritos credores da causa da liberdade, para a qual o suspeito es-

pião de D. Pedro contribuira com muitos contos de réis. N'este conflicto, um homem de catadura sinistra abraçou Alberto, erguendo-o tres vezes ao ar.

— Não me conhece, intrepido Barba-Roixa ?

— Conheço...

— Viva a liberdade !

— Viva a liberdade !

— Somos todos iguaes !

— Justamente, todos iguaes !

— Viva o povo, povo de valentes, e de heroes !... Abaixo o despotismo !...

— Abaixo o despotismo...— repetia sempre Alberto com um sorriso de escarneo.

— Uma nova época vae ser inaugurada !—continuava o orador.

— Diga-me... que fogueira é aquella ? — perguntou friamente Alberto.

— São os moveis do Miguel Alcaide, que foi enviado ao diabo esta manhã ! O povo faz justiça por suas mãos ! o povo é rei !

— Viva, portanto, o povo !

— E morram os frades !

— Elles morrerão...

— E tambem os padres ! os infames ! os hypocritas ! os jesuitas ! os inquisidores... morram os padres !

— Sois muito cruel, snr. Lima !— atalhou mansamente padre Diniz.

— Quem lhe disse o meu nome ? Eu não conheço este sotaina ! Olha o diabo, que aqui me apparece !

— Este sotaina—replicou o padre—é um homem que remiu em Inglaterra a sua vidá, snr. Lima, condemnada a carcere perpetuo por certas abordagens nas costas da America...

Lima, o pirata, que o millionario Salema queria punido, encarou padre Diniz com respeito, curvou-lhe a cabeça, e estendeu-lhe a mão. O padre repelliu-o, e seguiu impassivel o seu caminho. Alberto de Magalhães, preparado para evitar qualquer aggressão do seu faccinoroso collega do mar, seguiu o sacerdote.

E desde esse día nunca mais voltaram a Lisboa.

A condessa, afeita ao amor de Antonia, seguiu-a, porque a sua amiga não podia separar-se da filha. Padre Diniz convivia em ambas as casas, testemunhando uma felicidade, preparada por elle, como instrumento do céo. Pedia a Deus que o não deixasse sobreviver ás duas senhoras, que eram a sua familia, a nutrição dos seus affectos, o amparo d'aquelle coração, que não tinha, por morte d'ellas, senão a saudade de um anjo, e a esperança de encontral-o no céo.

Deus tinha disposto.

Antonia, após quinze dias de cama, rodeada de medicos, conversou uma noite com padre Diniz até ás tres horas da madrugada. Recordou os lances todos da sua vida. Contou-lhe episódios da infancia, a historia minuciosa, sentimento por sentimento, da sua paixão pelo pae de Eugenia. Pediu-lhe que repetisse o martyrio de sua mãe: as palavras que se trocaram, e a descripção da capellinha em que ella morrera.

O padre concebeu, um momento, esperanças de uma favoravel crise na doença. Principiava a dar-lhe consolações, e citar exemplos de curas inesperadas, quando Antonia, sorrindo á ternura do seu bemeitor, murmurou:

— Meu amigo, meu pae... peça a Deus que me receba no seu bemdito seio, porque a minha vida está no fim... Devo á Virgem Santissima esta revelação... pedi-lhe sempre que me désse o presentimento da morte

proxima... Morro feliz, meu anjo bom, morro feliz... podendo, na minha... talvez... ultima hora, dizer-lhe: «Padre Diniz... devo-lhe esta morte... Vou esperal-o na bemaventurança!...»

Antonia fechou lentamente os olhos, mas respirava. Era o somno precursor do somno eterno. O padre ajoelhou diante do crucifixo, quando entraram Eugenia e Angela.

— Morreu?—exclamou Eugenia.

— Ainda não!—murmurou o padre.

— Oh minha mãe!—bradou Eugenia, beijando-a na testa humida de suor. Antonia abriu os olhos, sorriu, levou ao coração as mãos de ambas, e perguntou por Alberto.

O marido da filha chegou ao leito, e afastou-lhe os cabellos da testa.

— Que é, minha querida mãe?... sente-se melhor?

— Sinto-me bem... e padre Diniz onde está?

Olharam todos, e não o viram. Alberto procurou-o em casa, e soube que tinha saído; voltou a perguntar se deveria procural-o em casa d'elle; Antonia acenou que sim; e disse á filha: — Diz-me o coração que o não torno a ver.

Padre Diniz entrára em casa. Quando Alberto voltou, e disse que o não encontrára, Antonia murmurou: — Eu não vos dizia? Seja feita a vontade do Senhor... Angela, minha querida amiga, deixo-a depositaria d'esta lagrima que verto na sua mão... é de padre Diniz... diga-lhe que a moribunda não podia deixar-lhe outra lembrança... a ultima lagrima... Eugenia!... Angela!... Alberto!... a memoria da minha desgraçada vida ahi vos fica, para nunca vos esquecer esta pobre mulher...

Fechou os olhos... Os gemidos que chamaram por ella ouvil-os-ia... mas na eternidade.

Eugenia desmaiou nos braços do marido. Angela apertou a mão do cadaver, e murmurou:

— Até logo, minha amiga!

Será verdade que uma grande afflicção purifica a natureza humana, santificando-a com o dom da prophecia?

Aquelle «até logo!» não seria inspirado por uma voz sobrenatural, que disse a Angela: «vem, oh martyr!»...

.....

Algumas horas depois, a condessa de Santa Barbara recebeu a seguinte carta:

«Eu pedi a Deus, com todo o fervor da minha alma, «que cerrasse os meus olhos, cansados de ver e chorar, «antes que o tumulo me escondesse dois anjos que me «foram consolação na velhice, e vaidade, sem culpa, no «coração.

«O Senhor não attendeu a oração do peccador. *Minha «irmã,* a flor que levantei debaixo dos pés da sociedade, «que fiz reverdecer com os meus desvelos, que ensinei «a fortalecer-se na seiva de suas proprias lagrimas, a «minha primogenita, deixae-me assim chamar-lhe, nas «entranhas do coração... morreu!

«A estas horas, Antonia, que me estava na alma, no «sangue, no pensamento de todas as horas, quebrou-se «d'este vinculo de dezeseis annos, e deixou-me no mundo «como guarda de mais um tumulo.

«Condessa de Santa Barbara, minha filha tambem, «que te aparentaste commigo pelo martyrio, que respi- «raste commigo o ar que mata o pulmão, por onde se «respiram as lagrimas na terra; Angela, tu podes, de «um lance de olhos, compenetrar-te do meu drama em

«menos de vinte annos. D'aqui até ao meu berço··· «decorrem cincoenta e quatro··· Os tormentos d'essa «longa juventude··· morrerão commigo.

«Estou rodeado de tumulos. Aqui, Pedro da Silva, o «anjo da tua mocidade, Angela. Ao pé, sellado por um «mysterio da Providencia, o tumulo do conde de Santa «Barbara. Sobre o coração o peso da pedra, que me es- «conde as cinzas de Francisca Valladares. Alli, os ossos «de minha mãe abraçados pelo cadaver dilacerado de «meu pae. Além, a sombra de Anacleta, a martyr que «conversa com a tempestade do céo no alto das monta- «nhas. Aqui, na minha mão, o calor ainda do ultimo «beijo que fechou os labios de Antonia.

«O que tenho eu sido na face da terra? O especta- «dor sinistro que contempla todos os infortunios, e leva «comsigo a morte ao desenlace de todos os dramas.

«Se ha generosos sacrificios na minha vida, quaes «são as consolações com que a justiça eterna me in- «demnisa? A solidão, a orphandade, a quéda de cada «ente que levanto, mas a quéda em um abysmo, onde «os gritos da saudade não tem um ecco.

«Eu não blasphemo, Angela! O meu desalento não «é um perjurio ás mortificações de Christo, que eu jurei «adorar, como professo na vida da resignação, e como «homem que procura, ha trinta annos, penitenciar-se «com o riso nos labios, e com a mão estendida para o «algoz.

«Não blasphemo, filha. Sinto que a ultima hora da «minha expiação não tenha soado··· sinto, porque «estou fraco, porque não posso mais, porque ouço esta- «larem as molas d'este barro quebradiço.

«Quando vos deixei, pobres senhoras, recebendo o «ultimo suspiro de Antonia, que devia ser vosso, ajoe-

«lhei, com os olhos no céo, e pedi ao Senhor que abrisse
«diante da minha velhice um largo horizonte, uma vast
«peregrinação sobre espinhos, um grande amphitheatro
«em que as carnes me fossem retalhadas, em que
«martyrio saldasse as minhas contas com o supremo juiz

«Era necessario fugir debaixo d'este céo. Era neces-
«sario fugir de ti, minha filha, para não ver o teu ca-
«daver. O resto das minhas forças, e a pouca vida que
«as anima, devia gastal-as em me afastar d'estes sitios
«onde brevemente fecharás os olhos, Angela.

«Quero ignorar o teu fim: quero imaginar que vives;
«quero sonhar que um dia voltarei a Portugal, rojando
«sob o peso da decrepitude, a expirar nos teus braços.

«E todas estas illusões, extremo ar da minha alma,
«morrerão onde eu viver. Partirei, Angela!

«Se um dia voltar, e me disserem que o penultimo
«tumulo se fechou... se tiveres morrido... ajoelharei
«sobre a ultima pedra que deve erguer-se para esconder
«o segredo do derradeiro conviva n'este banquete de
desgraças...

«Condessa de Santa Barbara, não conspiremos contra
«a soberania de Deus! Face em terra, filha! e murmu-
«remos uma acção de graças, quando o raio vos estalar
«sobre a cabeça...

«Alberto e Eugenia... são dignos do teu amor...
«Alberto tem a sciencia da desgraça... Eugenia tem a
«herança do coração de sua mãe... Nos braços d'elles
«podem correr tranquillos os teus ultimos dias.

«Teu filho será um dia o reflexo das virtudes de An-
«gela de Lima... Se na sua volta a Portugal vos en-
«contrardes... falla-lhe de mim, e diz-lhe que em poder
«de Alberto de Magalhães existe o seu patrimonio. Um
«dia receberá o meu legado, que não é ouro com que

«se compram baratas as virtudes, e se nutrem facil-«mente as paixões famintas... Será um *livro*.

«A benção de Deus afaste de sobre a tua cabeça os «tormentos do remorso, minha filha, adeus.»

A condessa leu, com a mesma serenidade, a primeira e a ultima palavra. A vida exterior era a mesma; a morte, porem, estava dentro. Cada minuto era um anno; cada aspiração era um hálito venenoso, que lhe quebrava os viuculos do espirito a materia inalteravel.

Finda a leitura, Angela passou á sala de espera, onde estava o portador da carta.

— Onde lhe entregaram esta carta?

— Em Bellas.

— Disseram-lhe que tinha resposta?

— Não, minha senhora.

.....

Angela veio ao quarto de Eugenia, e pediu-lhe a sua carruagem para vir a Lisboa. Alberto, assustado por tão improviso destino, pediu a significação d'este lance. A condessa entregou-lhe a carta.

Eugenia, que a ouvira ler, perguntou:

— E que faz com a sua ida a Lisboa, minha querida amiga?

— Quero despedir-me... abraçal-o como filha... é uma anciedade do coração...

— Mas tem a certeza de encontral-o?... De certo nenhuma... — replicou Alberto.

Diz-me o coração que o verei... Se o não vir, paciencia... Deus me levará em conta este desejo vão...

Abraçaram-se. Eugenia chorava, e a condessa entrava na camara onde Antonia expirára, e dava um beijo nos labios roixos do cadaver.

.....

A carruagem partiu.

Na Porcalhota a condessa sentiu uma vertigem. Julgou que devia ser o resultado de uma horrivel impressão... encontrára alguns cadaveres do exercito realista que estanciava n'aquellas paragens, e vira dois soldados cholericos a agonisarem encostados a uma ribanceira, ao lado da estrada, pedindo uma gotta de agua, que ninguem lhes dava.

A' primeira seguiu-se uma segunda vertigem, caimbras, vomitos, arripios, e um suor glacial. A carruagem parou. Um cirurgião militar chegou á portinhola, e disse ao boleeiro que a recolhesse depressa a Lisboa, se não queria levar um cadaver. D. Angela pediu agua. Deram-lhe quanta quiz beber, e lançou-a logo. Alguns militares rodeavam a carruagem, e um de superipr patente offereceu-lhe a sua casa. A condessa recusou, e pediu que a conduzissem depressa a Lisboa. Sentiu falta de ar, e olhou para as mãos que de repente se tornaram de uma côr azulada. O cirurgião disse ao ouvido do seu vizinho: — Está morta dentro de uma hora... já tem a *cyanose*. Ora a *cyanose* na cholera de 1833, era o symptoma infallivel de uma proxima asphyxia.

A carruagem, a todo trote, parou na travessa da Junqueira n° 44.

O boleeiro ia bater, quando a porta foi aberta por padre Diniz, que correu a abrir a portinhola. Recuou... Angela tinha os olhos abertos, mas os labios mudos. Padre Diniz estendeu-lhe a mão, que devia apertar-lhe a sua... não se moveu. Reparou de novo na face da condessa salpicada de manchas azues, e viu que os olhos se tinham fechado. Tomou-lhe o pulso... nem uma palpitação...

— Parece qne está morta...—disse o boleeiro.

— Está... ajudae-me a tiral-a...

Padre Diniz subiu... depositou-a sobre um canapé, ajoelhou... e disse em voz, que tinha em si alguma cousa sobrenatural... um mixto de terror, de santidade e de sarcasmo:

— Está feita a vossa vontade, Senhor! Quem quizer servir-vos, ha de sentir-se esmagado debaixo da vossa cruz! ... Senhor!... aqui estou! que quereis de mim?

FIM DO SEGUNDO VOLUME

NOTA

(Achava-se no fim do segundo livro, que formava o segundo volume da primeira edição.)

Comparando o primeiro com o segundo volume, salta aos olhos da critica (que tem olhos) uma desigualdade esthetica, uma desharmonia de conceitos, de fórma, e de estylo, que denuncia dois escriptores, ou duas indoles no mesmo escriptor. As paginas do primeiro volume são escriptas pelo auctor, que falla de si, que avulta no quadro que descreve, assombrando-o das côres melancolicas de que sua alma devia estar escurecida.

No segundo volume, do quarto ou quinto capitulo em diante já não é auctor o filho da condessa de Santa Barbara. O maço que o nosso amigo nos enviou do Brazil continha, além do primeiro volume organisado, poucos capitulos do segundo, e o resto eram apontamentos de que nos servimos, como genuinos, porque não podemos duvidar dos esclarecimentos que os documentavam. Enganar o publico, isso é que de modo nenhum.

Sem offender a arte, nem a verdade, continuamos o romance, e abstivemo-nos de attribuir ao cavalheiro, que

morreu no Rio de Janeiro, o que era nosso na fórma, comquanto d'elle na substancia. Estas duas entidades (substancia e fórma), que deram muito que entender á philosophia escolastica da idade média, esperamos que não perturbarão a ordem em que se acha a litteratura moderna.

Deve notar-se mais que os pseudonymos de que nos servimos é um ultraje que fazemos ao trabalho de D. Pedro da Silva. O mysterioso amigo do guarda-livros, que nos honra com a sua amizade, era um historiador fiel, nomeava as pessoas com toda a evidencia do baptismo, descreve muitas como hoje as conhecemos, e mandaria queimar a sua obra, sem pretensões de Virgilio, se soubesse que um desastrado editor lh'a sacrificaria á lei das conveniencias.

Que a sua alma nos não persiga por esta infracção!

MYSTERIOS DE LISBOA

LIVRO QUARTO

I

Eugenia recebeu a chave do caixão de sua mãe, e partiu com seu marido para Lisboa.

Tinham decorrido dez horas, depois que Angela de Lima fechára os olhos na presença de padre Diniz. A filha de Antonia já não vinha em soccorro da sua amiga, que estava morta; mas... quem seria com padre Diniz, no angustioso conflicto de possuir um cadaver em sua casa, o cadaver da mulher a quem fora escripta uma tal carta, um adeus tão afflictivo?!

— Irei — dizia ella — consolar o protector de minha mãe; obrigal-o-hei, com ternura e carinhos de filha, a ser da nossa familia, Alberto, a viver na intimidade de nossos corações, a participar da felicidade, que restauraremos, quando a commoção d'esta desgraça estiver esquecida... Podemos fazer com que elle tenha alguma indemnisação, n'este mundo, do muito que lhe deve a minha familia... não é assim, Alberto?

— Não acceitará, Eugenia. Aquelle homem escapa a

todos os calculos humanos. Tem virtudes incomparaveis; mas o meio por que chega a possuil-as é sobrenatural, ou inconcebivel para o resto dos homens, se não é para elle tambem. Sabes como eu o julgo, Eugenia? E' um instrumento de Deus; mas tem sempre, a seu lado, um demonio, que faz que as suas virtudes sejam doces para a humanidade, e amargas para elle. Isto parece um absurdo, filha; mas o maravilhoso, chamado ao tribuna da fraca razão humana, dá de si um encadeamento de absurdos. Nós não sabemos nada. Vivemos e morremos materialmente. E' necessario que appareçam estes meteóros de deslumbrante clarão, para desviarmos os olhos das mesquinharias que nos rodeiam, e acreditarmos que ha grandes segredos, acima do entendimento do homem ordinario, como eu.

— Tu!... um homem ordinario... tu!! que fizeste de mim o que sou... que me salvaste para a virtude pelo meio com que se abysmam na perdição muitas mulheres...

— E que nome darias tu ao homem que me levantasse do abysmo da perdição, para fazer de mim o que sou?

— Um Deus.

— E se esse homem empregasse os meios da corrupção para me elevar á altura onde todas as virtudes são faceis?

— Não concebo a pergunta, Alberto...

— Se esse homem, lembrando-se que me deixava no mesmo abysmo em que me encontrou, apenas me dissesse: «Toma lá com que sejas honrado um anno», e eu comprasse com essa dadiva novas deshonras, atravez das quaes cheguei a uma situação de ser virtuoso pela consciencia e pelo calculo? Que nome darias a esse homem?

— Um instrumento de Deus, chegando ao seu fim por veredas extraordinarias.

— E' o que póde dizer-se de padre Diniz...

— Mas não é esse o homem que tu disseste, por comparação, talvez, que te levantou do abysmo da perdição...

— E' elle...

— Padre Diniz?

— Ou Sebastião de Mello, ou... não sei como se chama... Quem dirá o verdadeiro nome d'este homem?

— Ha então um grande segredo na tua vida e na de padre Diniz?...

— Ha.

— Segredo que, morrerá comtigo?

— Sim, Eugenia.

— Nunca mais fallarei de modo que me repitas que o teu mysterio é sagrado.

— Deixarias de ser um anjo, se transgredisses o teu juramento.....

A carruagem parára defronte da casa de padre Diniz. A porta estava fechada. O creado da taboa bateu tres vezes, e não ouviu rumor de vida.

— Ahi não está ninguem n'essa casa — disse um lojista, que morava defronte.

— Pois não mora aqui um padre? — perguntou Alberto.

— Creio que morará; mas, ha cousa de duas horas, saíu d'ahi em uma sege um esquife com uma senhora que saíu morta de uma carruagem, que, se me não engano, era essa mesma. Atraz d'ella saíu o padre, e os dois creados que tinha, e não tornaram...

— Mas tornarão, talvez... — interrogou Eugenia.

— Parece-me que não... Eu sei a quem os creados

disseram que seu amo os despedira, porque não voltaria a casa.

— Mas—disse Alberto—se fallarmos com o senhorio da casa, poderemos saber se padre Diniz lhe entregou as chaves.

— O senhorio era elle. Ha mais de quinze annos que elle comprou essa casa a um outro senhor que ahi viveu, e que, se bem me lembro, ouvi dizer que se chamava Sebastião de Mello.

— Que faremos?—perguntou Eugenia ao marido.

— Que faremos?... Não sei, Eugenia!... Creio que tudo está consummado. A condessa a estas horas é um cadaver confundido entre centenares de cadaveres. Padre Diniz é impossivel encontral-o... Das duas, uma: ou está morto, ou sepultou-se vivo.

— Não será assim, Alberto... Faz o que eu te digo... Vamos ao cemiterio...

A carruagem parou no campo de Ourique. Alberto interrogava os boleeiros de seges de praça que encontrava. O ultimo disse ser o conductor de um esquife, que saíra de uma casa na travessa da Junqueira. Não soube informar ácerca de padre Diniz. O cura da parochia, e mais ninguem, tinha sido o prestito do cadaver. Disse que a defunta ficava para ser enterrada na ultima valla do campo, á esquerda, para o lado de baixo.

A carruagem circumgirou aquella seara de mortos, sem numero, sem signal, accumulados aos tres e quatro da mesma familia, no mesmo fôsso, e envoltos no mesmo lençol. (1)

---

(1) [Não é exageração. Dos estragos da cholera-morbus em 1833, especialmente em Lisboa, não ha uma estatistica, por-

Além, do extremo do descampado, levantava-se uma como baliza, vigia de mortos, um vulto escuro, que Eugenia conheceu pelos olhos do coração.

— Queres vel-o?

— Quem?

— Padre Diniz... Olha, ao lado d'aquelle grupo, que despeja padiolas em um fôsso, não vês, para a esquerda, um homem immovel?

— Vejo... tens razão... é elle... ninguem estaria ali n'aquella postura... Depressa!...

A carruagem parou a pouca distancia da valla. Eugenia e Alberto apearam. Consultaram-se se deviam perturbar aquelle homem, de braços cruzados, e olhos mergulhados no comoro de saibro, como se d'aquelle chão devesse levantar se o ente que suas mãos ajudaram a reclinar no leito gelado.

Eugenia parou quasi ao lado do padre. Alberto com o chapéo na mão, e os cabellos eriçados do enthusiasmo d'aquellas scenas, em que o pé do terror esmaga os espiritos intrepidos, não ousava aproximar-se tanto.

— Senhor... — murmurou a filha de Antonia.

Padre Diniz voltou serenamente a face, como se não fosse surprendido.

---

que os espiritos d'essa época, preoccupados com a guerra ás portas da cidade, curavam mais de pensar os feridos em batalha, que computar os mortos da epidemia. Hei de lembrar-me sempre do estupendo pavor que recebi, aos sete annos, quando, em uma segunda feira, bati á porta de meu mestre de primeiras lettras, e ninguem me respondeu: a razão do silencio era tristissima; não vivia ninguem n'aquella casa; e comtudo, eu deixára alli, no sabbado, sete pessoas vivas. Até domingo ás tres horas da tarde, morrera o mestre, tres irmãs, o pae e dois creados.

— Eugenia!... tambem vieste visitar a ultima paragem da amiga de tua mãe!... Tambem aqui estás, Alberto?... Vinde para ao pé do nosso anjo, que nos deixou aqui o coração... Está aqui!... Olhae para este taboleiro de terra .. é D. Angela de Lima, que se reduziu a isto!... Aqui tendes a formosura, as esperanças, trinta e quatro annos de martyrio... um coração que recebeu todos os golpes, uns labios que abençoaram todas as dores, uns olhos que choraram todas as lagrigrimas, e se fecharam quando a dor, que eu lhe causei, devia ser a ultima... Quereis que vos diga? E' uma victima que eu fiz!...

— Não diga tal, padre! — atalhou Alberto.

— Pois que quereis, cegos? Não vêdes em mim uma auréola de fogo sinistro? Tudo que se aproxima de mim, cáe. Respiro a morte... Quem viver do ar que me rodeia, morrerá. Senão... vêde... Eu preparava-me para abandonar Portugal, e tinha dito a Deus: «Não permittireis que aquella... era esta que aqui está... não permittireis que Angela morra diante dos meus olhos... Eu vou, Senhor, trabalhar em vosso serviço... Na India ha martyrios para os que proclamam o vosso nome. Ainda bem! irei dizer que vós sois um Deus de justiça, e testemunharei com os meus padecimentos de longos annos a vossa vingança... Deixae-me satisfazel-a com o meu sangue, mas não violenteis o vosso servo a baixar os olhos sobre o cadaver da filha do seu coração...» A minha oração foi cortada pelo rodar de uma carruagem, que parou á minha porta. Desci, e vi Angela fechando os olhos.

— Ainda o viu? — perguntou Eugenia, soluçando.

— Ainda me viu...

— Ella tinha dito que o coração lhe dizia que o vinha encontrar.

— Encontrou-me, para me dizer na linguagem muda do ultimo suspiro... «Deus não te fez a vontade... Aqui estou morta debaixo dos teus olhos...» Ora, vêde que vida a minha, bons amigos!... Dizei-me se não ha aqui alguma cousa que exceda as medidas do soffrimento humano! E, depois, olhae que é escusado chamar Angela. Está morta, não tem ouvidos, nem olhos, nem coração. Acabou-se tudo aqui...

— Mas o céo... a eternidade... — disse Eugenia.

— Dizeis bem, minha filha... O céo, a eternidade!... O vosso coração é puro, não é?

— Puro!... meu Deus!... quem podera responder-vos, saíndo do berço...

— Pois eu digo-vos que o vosso coração está cheio de sentimentos bons, de esperanças nobres, e de fé nos milagres, que Deus póde operar em galardão de virtude, que lh'os pede... Olhae filha, pedi ao Senhor que vos deixe contemplar Angela de Lima... podereis vel-a em um sonho, no céo, na elevação das vossas orações... Se a virdes, dizei-lhe que vistes padre Diniz chorando sobre esta cova... Adeus, Eugenia!... Alberto... sê sempre bom para esta menina.

— Padre Diniz, não o deixaremos; Eugenia disse que seria da nossa familia...

— A minha familia são os tumulos... Acaba-se em mim esta raça de desgraçados... Ide-vos em paz.

— Senhor, venha comnosco, pelas dores que tem soffrido com tanta resignação...

— Não queiraes augmental-as... Sede generosos com o pobre velho. Ide-vos... obedecei-me.

Eugenia beijou-lhe a mão, banhando-lh'a de lagrimas

Alberto abraçou-o e encontrou entre os seus braços trémulos um corpo frio, tranquillo, resistindo ás commoções d'aquelle adeus.

A carruagem parou ao longe. Eugenia queria, pela derradeira vez, contemplar o homem superior, que tinha em si um segredo de seu marido, salvando um anjo no abysmo da perdição... Já o não viu.

VIII

Cintra perdera os encantos para os felizes consortes. Ahi lhe amanheceram dias de perfeita ventura. Nunca o desprazer os escurecera, se não viessem duas mortalhas enturvar a luz do céo propicio, que testemunhava os seus amores estremecidos.

Eugenia vivia triste. A solidão d'aquelles êrmos, que tão bons lhe tinham sido para pensar sósinha na sua felicidade, povoava-se-lhe agora de visões pavorosas, e tristes de mais para a sua alma enferma de saudades.

As imagens da mãe, da condessa, de padre Diniz, e até, por atribulada coincidencia, do conde de Santa Barbara, aterravam-a, faziam-lhe girar o sangue alvoroçado, lançavam-a, como impellida por força estranha, dos braços de Alberto para o mais escuro do seu quarto, onde chorava. O extremoso marido não comprehendia aquella inquietação, e não podia duvidar do amor de Eugenia. Á mistura com os carinhos vinham as lagrimas... que lagrimas, porém, eram aquellas? Saudade? peccava por excesso; não se explicava. Temor? de quem, ou por quê? Indole? Não era a sua tão melancolica... Pelo contrario, Eugenia, se tinha horas de melancolia, desde

certo tempo, em que se habituára a viver pelo pensamento em um mundo diverso do da sua infancia, eram muitas mais as horas de uma vivacidade jubilosa, cheias de ditos galantes, de anecdotas graciosamente facetas, em que Alberto, por força, devia rir-se. Que lagrimas, pois, eram aquellas?

Voltando de Lisboa, onde fora, sem consultar sua mulher, pela primeira vez, Alberto encontrou-a triste; mas triste e mimosa de uma resignação, que não ousava perguntar a seu marido a razão d'aquella falta de estima. Conhecedor profundo de todas as almas, exceptuando a de padre Diniz, Alberto recompensou-lhe a humildade, dizendo-lhe que fora preparar o seu palacio em Lisboa, para se retirarem de Cintra no dia seguinte. Eugenia lançou-se-lhe nos braços, exclamando:

— Bem hajas, meu querido!... eu desejava que saissemos d'aqui, mas não ousava pedir-t'o.

— Por quê?

— Não sei; parecia-me que era feliz aqui, e eu não queria mostrar-te que o eras menos...

— Mas choravas...

— Chorava... não podia reprimir as minhas lagrimas; quanta mais coragem pedia a Deus, mais mulher me sentia.

— Que sentias? mêdo?

— Não sei, Alberto... não posso dizer-te o que era... um peso de ferro sobre o coração... falta de ar, de luz' de vida... Tenho-te só a ti; mas não podia dizer-te as minhas visões...

— Visões? Julguei-te mais forte...

— Sou muito fraca. Os vivos não me aterram... Parece-me que, ao teu lado, sou superior a todos; mas os mortos... oh! meu Deus!... que frio sinto correr-me

o sangue... Alberto, pela ultima noite, que passaremos em Cintra, não me deixes um instante sósinha... Tenho hoje mais mêdo que nunca...

— Mêdo! Que viste, Eugenia? Pelo teu amor, como por tudo que ha nobre na tua alma, diz-me o que viste...

— *Pelo meu amor*... dizes tu... O' Alberto, para que invocaste o meu amor? Não posso esconder-te nada, se te serves d'esse testemunho... Eu digo tudo... Olha... lembras-te de me dizer padre Diniz que pedisse a Deus que me deixasse ver Angela?

— Sim.

— Pedi... pedi com muito fervor, quinze dias...

— E depois?

— Vi-a...

Alberto sorriu-se.

— Não te rias, que me fazes mal... Então começo a tremer de te contar o que vi... é uma profanação o teu riso... Escuta-me com piedade e religião, sim, Alberto?

— Diz, filha... que viste?

— Vi Angela...

Eugenia estava livida. Os olhos espantados fixava-os nas sombras agitadas nos escuros da sala pelos trémulos das luzes. Alberto, a seu pezar, principiava a sentir-se electrisado do pavor magnetico dos olhos d'ella. N'aquelle instante, passou-lhe fugitiva uma idéa: — Estaremos tocados do contagio sobrenatural d'aquelle homem?

— Como viste Angela?

— Como a conheci... em companhia de seu marido... Martyrisada... amaldiçoando-me no silencio do seu quarto... Vês?... eu não queria dizer isto... Agora, soffre commigo, Alberto!...

A convulsa senhora correu aos braços do marido, como quem foge de uma larva.

— Que tens, Eugenia? Que peso dás a essa apparição de um espirito exaltado?!

— Um peso de me não deixar viver feliz... Tenho-a visto assim muitas vezes, sempre assim... Mas é impossivel que ella me não perdoasse!... Contei-lhe tudo... ouviu-me a chorar... e beijou-me no fim com tanto amor... Será uma superstição, Alberto?...

— E'... se o mundo tivesse pervertido a tua alma, não terias semelhantes visões.

.....

Vinte e quatro horas depois estavam em Lisboa recebendo a visita das notabilidades politicas, commerciaes e litterarias, que se felicitavam por terem em seu seio o generoso propugnador das idéas liberaes, e ao mesmo tempo lastimavam a perda da mãe e sogra dos ditosos conjuges, senhora, cujas virtudes eram notorias (supposto que nenhum dos circumstantes a conhecesse de vista nem de tradição). Faziam-se, n'esse tempo, os ensaios oraes do «artigo-necrologio», que depois se tornou um cargo especial dos talentos funebres da nossa terra, d'onde, apesar das innovações do genero, não foi ainda possivel excluir o «a terra lhe seja leve» para todos; e o «era uma florinha no despontar da vida» para as donzellas, «era o modelo dos paes, dos amigos, dos esposos e dos cidadãos» para o velho que exerceu cargos municipaes, e o «era um caracter d'antes quebrar que torcer» para os fidalgos de raça. De resto, o necrologio, em Portugal, vae individualisando a nossa indole litteraria, como a parábola no Oriente, e a metaphysica na Allemanha. Ora, esta enfiada de palavras desatadas e sem proposito no romance, vieram para dizer que Alberto de Maga-

lhães hospedava em sua casa a nata da gente nova, a alta sociedade que deslocára da sua peanha de sete seculos o idolo supersticioso da velha raça. Eugenia excitava o interesse dos illustrados admiradores do seu espirito, e fazia-se respeitar pelos mais audazes, que vinham do estrangeiro enfronhados em arrebiques da nova civilisação, e caracterisados á feição de certos homens, que viram em Paris, denominados «leões».

Nas salas, pois, de Alberto de Magalhães reuniam-se os primeiros leões, que tinham a generosidade de reputar «leôa» a galante dona da casa.

Alberto, o homem do mundo, que annos antes encontrára em França, estranhos á boa sociedade de Paris, os que em sua casa ostentavam familiaridade com a melhor gente de *Saint Germain*, ria-se em particular dos seus amigos, e convidava-os a contarem lhe a vida de Paris, como quem desejava um dia entrar n'aquella terra sem a *gaucherie des parvenus* (como dizia o recente barão de Sá, que fallava pessimamente o portuguez e o francez).

— Em Paris—dizia o dito barão—madama, a vida é bella de tudo o que a vida tem de bom e dá *le plaisir au cœur*. As mulheres... perdão, madama!... Em Portugal não faz bom som na orelha a palavra «mulheres». Em França se diz *les femmes*, e eu não sei o que ha de *gauche* n'esta phrase posta em portuguez. *Les femmes ont cette coquetterie*... perdão; eu estou esquecido da minha lingua, e, *malgré moi*, fallo em francez quasi sempre por engano. As damas, dizia eu, tem este coquetismo... póde dizer-se *coquetismo*, Xavier?

— Póde... é genuino classico—respondeu o snr. Xavier, magistrado zombeteiro, que pisava a bota de verniz do seu vizinho, desairando-lhe dolorosamente o aprumo difficilimo dos callos, pouco parisienses.

— Tem este coquetismo — proseguiu o barão, puxando á esquerda o phantastico frisado de *la chevellure à Saint-Simon*, como elle seriamente a definia. — Ellas tem este coquetismo, que faz mal ao coração, e enthusiasma, *enivre*, embriaga a cabeça. Ellas sabem fazer o que as senhoras de Portugal não sabem, *c'est à dire* ellas sabem *causer*...

— *Causer?*... Não o comprehendi, snr. barão — disse Eugenia com infantil artificio.

— *Causer*... madama, não tem em nossa lingua uma palavra energica, significativa *tranchante* que explique assás o sentido. *Causer* é uma especie de *conversar*.

— Ah!... já entendi... queira proseguir.

— Em Portugal, posso avançar que não sabemos o que é conversar *au coin du feu*. Falta-nos este *verbe*, que, abstracção feita de raras damas, captiva o ouvido com conversas sempre palpitantes de interesse. Portanto, a mulher franceza conversa sempre em *négligé*. Ella nunca se impõe pretenciosamente por se fazer escutar banalidades. Ella tudo que diz é *petillant*, e por tudo dizer, não faz as grimanças de algumas *ridicules*, que não tiveram o seu Molière. Oh! eu amo as damas francezas.

— Com esse enthusiasmo pelas felizes senhoras de Paris deve ter sido muito venturoso nas suas emprezas, snr. barão!... — disse Eugenia, recobrando toda a finura do seu caracter *railleur*, como diria o bom do barão, se fosse pateta uma polegada menos.

— Se vos apraz, madama, direi, sem vaidade, que *surmentei entraves*, que fariam recuar muitos outros. Quem não amaria em Paris, a não ter o coração *blasé?*

— Não lhe foi por isso muito doloroso o exilio... — atalhou Eugenia.

— A posição do exilado é sempre penivel, minha senhora; mas o bom Deus, como dizem os francezes, indemnisou-me com mão larga...

— E eu cuidei que os portuguezes não eram bem recebidos pelas senhoras francezas...

— Enganou-se madama, eu estou ao facto de exemplos que provam o contrario.

— Sim?

— Aqui o nosso amigo—disse o magistrado—é o almanach das aventuras dos proscriptos. Sabe uma copiosa chronica de escandalos, e promette, quando recuperar a perdida lingua patria, escrever «Os fastos do exilio».

— N'esse caso—disse Alberto—esperaremos essa preciosidade litteraria, moral e philosophica...

— Mas nem tudo sabes, meu barão,—proseguiu um conselheiro, que se vira em tratos para disfarçar os froixos de riso, que o acommetteram durante a algaravia do barão — não sabes tudo, e eu vou contar, ou *causer*, como tu dizes, ácerca de um acontecimento que vae provar a v. exc.ª, snr.ª D. Eugenia, que os portuguezes são bem recebidos pelas senhoras francezas.

— Estimo o muito como portugueza, vaidosa dos cavalheiros portuguezes... E' uma especie de nacionalidade, não é?

— De certo... Ahi vae a historia, barão. Faz as tuas notas. Em 1829 appareceu em Paris um cavalheiro portuguez, que dava pelo nome de Leopoldo Saavedra. Já sabem do que vou fallar...

— Isso é um bizarro successo,— disse o barão—mas não sei bem como isso foi... ouvi fallar *à vol d'oiseau*.

— Leopoldo Saavedra apresentou-se com recommendações do ministro francez no Brazil, e foi apresentado na melhor sociedade. Era rico, boa figura...

— Conheceste-o? — perguntou o magistrado.

— Não. N'esse tempo estava eu com o Palmella em Londres. Tratei muito de perto pessoas que o conheceram. Além de rico e gentil, era eloquente, fallava umas poucas de linguas, e conversava com os gregos na pura lingua de Homero. A melhor mulher de Paris, a flor dos salões de Carlos X, era a duqueza de Cliton, viuva com vinte e tantos annos de idade, e trinta mil libras de renda. Imagine, snr.ª D. Eugenia, uma dama tres polegadas mais alta que v. exc.ª, rosto comprido e magro, tez pallida, olhos grandes e negros, pestanas longas como franjas de setim, bôca irreprehensivel em todas as linhas da formosura, um buço espesso, que se encaracolava voluptuosamente nos cantos dos labios, pescoço de cysne, larga dos hombros, musculosa quanto o esculptor, inspirado pelo bello, quiz que o fosse a Venus de Guido, não quebrando pela flexivel cintura como milagrosamente, aprumando-se na linha recta em que uma rainha daria as suas ordens, olhando com intelligente soberania para a pequenez das cousas que a rodeavam, fallando com orgulho, saudando com soberba, deprimindo as invejosas, matando com ironias as paixões faceis dos leões parisienses... tal era a amante de Leopoldo Saavedra, nosso patricio...

— Mas quem é esse Leopoldo Saavedra? — disse Eugenia — não tenho ouvido pronunciar esse nome...

— Nem eu, minha senhora, fóra de Paris. Suppomos que seja um rico brazileiro, que se deu esse nome, e que se retirou ao Brazil...

— Meu marido — tornou Eugenia — viveu algum tempo na America, póde ser que o conhecesse.

— Ouvi fallar d'esse homem no Pará: mas não me interessei em saber quem era — respondeu Alberto, tor-

cendo o longo bigode, cujas guias comprimia com os beiços.

— Seja como for, — proseguiu o narrador — devia ser um homem de pessimo caracter, ou então a sensibilidade depravada pelas paixões, não podia eleval-o ao amor sublime da duqueza de Cliton.

— Era um *roué*, ao que parece! — disse com solemnidade o barão, congratulando-se do ensejo propicio de embutir o *roué*, que, de ha muito, lhe estava nos labios escorvados para a primeira occasião.

— Seria. O caso é que Leopoldo Saavedra, tido e havido como amante da duqueza, ostentava por ella, nos salões, a mais grosseira indifferença, chegando a vexal-a n'estes serios nadas, que constituem o amor proprio de uma senhora de nascimento... A duqueza tinha um irmão, cioso da boa nomeada de sua irmã, e duellista acreditado na seita dos timbrosos, que se deixam matar por causa de uma palavra aspera, ou de uma pisadella. Leopoldo disseram-me que o encontrava em casa da viuva, e affectava por elle o mais revoltante desprezo. A alta nobreza aparentada com a herdeira dos Clitons, famosos desde Carlos Magno, e soberbos dos seus brazões ganhados nas cruzadas, lembrou á duqueza a imprudencia de dar publicos signaes de affeição a um forasteiro, que só se fazia interessante unicamente pela opulencia. Pediram-lhe que esperasse da America informações mais precisas a respeito de Leopoldo Saavedra, antes das quaes a sua dedicação poderia ser o precipicio da sua dignidade, e o dissabor da familia. A duqueza disse que era livre como o pensamento, e, desde esse dia, o cavalheiro incognito apeava, á porta do theatro, da carruagem da duqueza, e conduzindo-a ao camarote,

tomava junto d'ella a posição de uma escandalosa intimidade...

— Escandalosa! — disse, sorrindo, o magistrado — O conselheiro está procurando os adjectivos mais moralistas que temos! Nunca o vimos tão indignado contra...

— Os *têtе-à têtе*...— interrompeu o barão de Sá, que as circumstancias forçavam a engulir muitos *à propos*, que lhe vinham, *a palpitar de momento*, aos labios engatilhados.

— Eu revolto-me contra todos os escandalos,— continuou o conselheiro — porque sou chefe de familia; e, quando o não fosse, a honestidade manda que o narrador de uma historia immoral, na presença de uma senhora virtuosa, não applauda cynicamente as immoralidades, que conta...

— *A la bonheur!* — tornou o barão — vamos ao *mise en scene* das immoralidades.

— Leopoldo era malquisto nos salões. A inveja, o ciume, e a intriga minavam-lhe a reputacão, quando a duqueza o convidou a ser seu marido. Que suppõe, snr.ª D. Eugenia, que faria o supposto aventureiro, como os parisienses o intitulavam?

— Casou... se a estimava, se era effectivamente aventureiro...

— Muito longe d'isso; regeitou a offerta; disse que o seu amor era um capricho, e que a sua vaidade não descia.

— Não achas celebre, Alberto? — perguntou Eugenia.

— Celebre, não... Parece-me natural a resposta.

— Não a amava... — tornou Eugenia.

— E' o mais que pode deduzir-se.

— Mais alguma coisa ainda, snr. Magalhães... Não só a não amava, mas ludibriou-a, offereceu-a á irrisão pública, e o publico aceitou-a, porque a escarneceu le-

vando o escarneo a ponto de lhe affixar pasquins na porta do camarote...

— Sabe o que os pasquins diziam, snr. conselheiro?— disse Eugenia.

— Vi um: era um verso que traduzi assim: —«*A alma de Ninon transmigrou no flexivel corpo da gentil Cliton, Mancebos, esperae! o sol nasce para todos... A vossa vez virá tambem... O forasteiro portuguez dobrou o cabo das tormentas como o seu patricio Gama, e preparou para vós as vantagens da descoberta.*» A duqueza não mais foi vista no theatro, nem recebeu alguem, á excepção de Leopoldo, cujas visitas acabaram pela da despedida. Saíu de Paris, a titulo de comprar em Florença uma quinta onde a duqueza devia viver como sua simples... sua simples...

— *Maîtresse .. femme entretenue...* — acudiu o barão, contentissimo de ter salvado o conselheiro de uma séria difficuldade.

— Justamente. Tinha passado a fronteira belga, quando o irmão da duqueza caminhava a par com elle. Desafiou-o. Leopoldo não aceitou o duello. Tiveram um encontro sem testemunhas; não sei, porque ninguem sabe os meios por que o francez foi assassinado. O cadaver appareceu, é um grande caso, sem uma beliscadura, e ao pé do cadaver uma pistola disparada. Leopoldo ou morreu do tiro, ou soube evadir-se de modo que nem a duqueza, nem a policia diplomatica conseguiram encontral-o.

— E a duqueza vive? — perguntou Eugenia, visivelmente commovida do infortunio de tal mulher.

— Creio que sim, minha senhora. Em 1832 vivia, mas afastada da sociedade, triste... creio que viajava desde 1829.

— *Répliée sur elle-même*... — disse o barão, fazendo rir o magistrado.

— Ora ahi tens, barão, uma boa pagina para os teus «Fastos do exilio» — disse o conselheiro.

— Deixa-o restaurar primeiro a lingua de seus paes... — atalhou ironicamente o magistrado.

.....

Era meia noite. O salão estava deserto, e Alberto de Magalhães profundamente triste.

III

A subita melancolia de Alberto resistiria ás caricias de Eugenia, que no silencio de sua alma, perguntou a Deus se a sua felicidade de cinco mezes fora uma illusão, que morrera n'aquella noite. A pobre menina não tinha ainda visto os olhos cavos e sombrios de seu marido, accusando remorsos, ou fixando no futuro um inimigo, que vinha pagar-lhe um debito de soffrimentos. Por um receio, que immediatamente assalta o coração da mulher casada, no momento em que sente esfriarem-se os carinhos do esposo, Eugenia imaginou-se aborrecida, e importuna ao homem que a fizera sua por um capricho, ou illusão, que devia despoetisar-se cinco mezes depois.

Esta suspeita era angustiosa! Eugenia não podia supportal-a com tranquillidade, em paciente silencio, privilegiado dom das almas pequenas, ou das que tocam pela grandeza o sobrenatural.

Alberto, para maior tormento de sua mulher, entrára, á meia noite, no seu gabinete de leitura, e ás duas ho-

ras da manhã era ainda esperado por Eugenia. Duas longas horas de atribulados raciocinios tinham sido aquellas para a filha do general Gervasio; e para Alberto... Deus sabe o que ellas tinham sido...

A's tres horas, Eugenia bateu á porta do gabinete, e foi-lhe aberta. Aquelle quarto não tinha luz!

— A's escuras, Alberto?!... isto que é, santo Deus?

— Nada, Eugenia... É um desmaio moral de algumas horas... passará quando o tributo estiver pago..

— Que sentes, filho?... este soffrimenro é novo...

— Velho para mim...

— Parecias-me feliz, ha poucas horas...

— E sou...

— És!... triste felicidade!... Por prazer não se fecha a gente em um quarto tres horas, a pensar, a empallidecer, e a martyrisar caprichosamente uma mulher, que te dá a vida para que não saibas o que são cinco minutos de dor...

— Vamos, Eugenia... Eu estou bom... não vês que o estou?... Não ha tempestade moral, que resista á tua voz, minha filha... Por que não tinhas vindo ha mais tempo?...

— Cuidei que me aborrecias...

— Aborrecer-te?... a ti!... Que não possas ver a minha alma n'estas tres horas, que passaram por ella!

— E olha, Alberto... eu vinha dizer-te uma cousa...

— Que vinhas dizer-me?

— Agora... não sei se t'o diga...

— Diz... basta que eu seja o mysterioso... O meu passado tem abysmos, e não quero que tu lá desças... o presente... tem segredos... são as feridas do passado que sangram... Tenho de ser mysterioso, por piedade para comtigo e para commigo... Mas tu, não.

Sei todos os minutos da tua vida; não quero que me occultes um só pensamento... é impossivel que o tenhas de maneira que te seja vergonhoso denuncial-o... Que é o que vinhas dizer-me?

— Tens razão, não devo fechar no coração o pensamento, que devia dar-te, e dará ainda alguma felicidade... Ouve-me e perdôa-me, Alberto... Eu sou uma mulher: basta isto para não satisfazer as necessidades do coração de qualquer homem mediocre em ambições... Sou uma mulher como todas as mulheres communs, não me prevaleço de merecimentos que não sejam triviaes, e tu és um homem que eu imagino ser unico, superior a todos, insaciavel na alma, e facil de esgotar em poucos dias todo o amor que eu posso dar-te em muitos annos. Devo ser-te enfadonha, ou já, ou passado algum tempo... Estudo o teu caracter, amoldo-o por certos typos que a leitura me tem dito que são o teu, adivinho a tua alma, por muito que m'a escondas talvez por commiseração... Pois bem; sejamos irmãos, quando não podérmos ser amantes. Como tua irmã, faz-me o que padre Diniz fez a minha pobre mãe. Dá-me uma cella em um convento; um abrigo em que me considere tua, porque esse abrigo me foi dado por ti... Parece-me que receberia com lagrimas de gratidão uma esmola, que me viesse da tua mão... Quando isso acontecer, Alberto, se a tua mão não póde fazer a felicidade de outra mulher, o teu coração está livre... livre, meu Deus!... Alberto... que te fiz eu?... não posso consentir que o teu coração seja de outra...

A transição da naturalidade, com que expunha o plano futuro de um amigavel divorcio, para a vehemencia com que soltou a palavra «livre», parecera a passagem do intervallo lucido para o accesso febril da demencia. Im

petuosamente lançada nos braços de Alberto, que a beijava, commovido e maravilhado, Eugenia, figurada na imaginação dos que vêem com os olhos da alma o sublime d'aquelle quadro, era como um protesto contra as injustiças, com que um scepticismo infame, galardoado pela moda, fulmina a mulher depositaria do pouco, que a divindade deixou da sua essencia, entre os homens.

Quantos lances assim obscuros!

Quantos heroismos assim esquecidos, ignorados nas torpezas communs, como a perola envolta no cisco, que a tempestade róla na praia!

Quantas mulheres fechadas em um tumulo com o segredo da sua voluntaria abdicação de uma corôa de rosas, para cingirem a de espinhos, que a mão do homem lhe ageitou na fronte, á feição da sua perfidia!

Alberto viu-se pequeno na presença d'aquella mulher, e achou frivola a expressão humana para responder ás condições com que Eugenia lhe pintava a sua futura felicidade. As palavras d'ella tinham-lhe feito no coração uma cura milagrosa. Feridas rasgadas na cicatriz de uma antiga paixão foram como fechadas, de improviso, pelo balsamo da paixão nova. Qualquer que fosse a sua superioridade, Alberto era um homem como todos os homens, susceptivel de caír no mais escuro desamparo da esperança, e facil de abrir diante dos seus olhos, enxutos por mão de mulher, um vasto horizonte de esperanças confortadoras.

A aurora viera encantadora da sua luz continuar a primavera dos felizes amantes, um momento atribulados. O dia seguinte, e seis mezes successivos não tiveram um minuto de sombras. A magnificencia, a consideração pública, a fama caprichosa, e o servilismo até formavam o prestito da fortuna, que se desvelava em

adivinhar os desejos dos venturosos consortes. Alberto de Magalhães era o modelo dos cavalheiros, Eugenia a inveja das espirituosas, e muitas vezes o osso em que mordiam as virtuosas equivocas. Em todo o caso, boas e más, amigas e inimigas, entravam nos seus salões, cortejavam as primorosas rendas dos seus vestidos, calculavam a faustosa prodigalidade das peças de Sevres e Saxonia, modelavam as miniaturas da sua ambição tacanha pelos magnificos moldes com que os salões de Magalhães deslumbravam os olhos cubiçosos dos nobres de improviso, já que na sua casaca um crachá resplandecia.

A natureza do homem teria soffrido uma grande revolução, se a riqueza de Alberto de Magalhães não fosse o estimulo de curiosidades maledicentes, e conjecturas mais ou menos irracionaes. O filho de D. João VI continuava a ser, para alguns, da régia estirpe, e para muitos, de principios aventureiros. A's qualidades, que lhe eram attribuidas nos salões da condessa de Alfarella, abandonados em 1833, e esquecidos em 1834, acrescentava a nova geração dos syndicos da vida alheia, que os milhões de Alberto de Magalhães provinham de falsificação de moeda, derramada por toda a Europa, e quinhoada pelos primeiros homens de cada paiz. Verdade ou não, attendendo a que o dinheiro do uso ordinario de Alberto eram legitimas libras, e boas peças de D. Maria I, os seus numerosos amigos não se dedignavam de compartir no fausto grangeado com moeda falsa. Excellentes e tolerantes pessoas!

Commensaes effectivos do suspeito millionario eram o conselheiro chronista da duqueza de Cliton, e Leopoldo Saavedra, o magistrado integerrimo que mordia a verbosidade barbara do seu companheiro de emigração, barão

de Sá, que nunca perdeu as esperanças de largar um dia os tregeitos de desgracioso macaco, para sacudir a juba crespa do leão parisiense na jaula em que D. Eugenia, involuntariamente, o tinha preso pela cadeia do ridiculo.

Infalliveis á mesa, tambem o eram no camarote, nos cochins da carruagem, no passeio a cavallo, em tudo finalmente, em que o estomago ou o espirito podesse funccionar de modo, que o ouro pródigo de Alberto lhes garantisse a irresponsabilidade das suas algibeiras, que principiavam a organisar-se em 1834 com os desperdicios dos sybaritas que estiveram sentados oito seculos em volta da primeira toalha, e principiaram, em 1833, uma penosa indigestão das iguarias temperadas com sangue... da qual indigestão alguns arrotos, hoje, são incomportaveis pela nausea...

Menos politica, e mais romance.

Escutemos este dialogo entre dois elegantes da plateia do theatro de S. Carlos:

— Que te parece Lisboa?

— Civilisada. Vejo aqui mulheres que me parecem as mulheres de Paris. Ha vida n'esta geração nova, e um toque especial n'estas physionomias que olham para a gente sem sentirem o beliscão traiçoeiro do pae, ou da tia beata. Vejo que sabem pegar em um oculo. Em 1828 as mães d'estas creaturas angelicas, se vinham a S. Carlos, punham o leque diante dos olhos, quando as dançarinas exhibiam a perna escandalosa. Graças á reforma, seis annos de civilisação fizeram que a perna fosse installada no catalogo dos espectaculos honestos. Olha lá... quem é aquella mulher do 13 da segunda ordem, que fixa o oculo em um camarote fronteiro?

— E' D. Eugenia de Magalhães...

— Casada?

— Sim, com o mysterioso Alberto de Magalhães.

— Ouvi já fallar n'esse homem, e ainda hontem vim do Porto.

— E' um problema.

— Tem muito dinheiro?

— Muito. Ha quinze dias attribuiam-se-lhe doze milhões; hoje deve ter vinte e quatro. Morreu ha dias um tal Salema, proprietario de nove navios, e deixou-lhe tudo.

— Por que lhe chamam vossês problematico?

— Porque ninguem sabe quem este homem é. Filho de D. João VI, salteador, cavalheiro de industria, espião, corsario, falsificador de moeda...

— E' tudo isso?

— Cada opinião quer que elle seja uma das cousas.

— Se a industria produz vinte e quatro milhões, declaro-me seu cavalheiro... O que eu prescindo, a beneficio de algum tolo, é do nascimento por obra e graça de D. João VI. De resto, tanto se me dá que me chamem Conrad, como S. Francisco Xavier... O caso é que a mulher é boa... Quem é ella?

— Filha bastarda do general Gervasio Faria.

— Fuzilado em 1817?

— Justamente. A mãe é, ou foi uma D. Antonia Mascarenhas, filha de um parvo fidalgo, que era conego, arcediago, bispo, ou não sei quê...

— Era um grande patusco, que quiz ser representado por aquella bonita rapariga. Quem é aquelle que entrou?

— E' o marido.

— Eu já vi aquelle homem.

— Onde?

— Penso que na Belgica... Foi justamente na Belgica. Tinha quatro orças inglezas, e um phaetonte com ornatos de prata; mas... não se chamava Alberto de Magalhães

— Então?

— Disseram-me que era judeu, que vivia na Hollanda, e, se bem me recordo, chamava-se Tobias Navarro.

— Será o mesmo...

— E'... juro que é... e poucos dias depois que o vi, desappareceu; e em logar d'elle admirei uma outra notabilidade... uma tal duqueza de Cliton, que se vestia de homem, e procurava um homem, que se chamava Leopoldo Saavedra, e que eu, na minha consciencia, entendi que era Tobias Navarro. Ha quantos annos está em Lisboa o tal problema?

— Ha tres.

— Ha cinco foi que eu o vi... Vaes a casa d'elle?

— Vou.

— Apresentas-me?

— Com muito gosto.

— Agora?

— Agora?!

— Que dúvida. Parece que não estiveste em Paris!...

— Então... vamos.

Sigamol-os.

D. Eugenia recebeu affavelmente o apresentado.

Alberto de Magalhães saíra do camarote, e passeiava no salão, mordendo o bigode, e passando a mão pelos cabellos, habito adquirido nos momentos de afflicção. Os cavalheiros, que visitaram o seu camarote, vieram encontral-o no salão. Alberto recebeu friamente o apresentante e o apresentado. Respondeu com enfadados mo-

nosyllabos aos ditos rotineiros do acto, e recebeu com intima satisfação a despedida.

— E' elle...—disse o apresentado—Noto que é grosseiro...

— Pelo contrario; nunca vi homem mais cortez. E' que estava abstrahido! Tem grande cousa que o mortifica.

— Serão ciumes?

— Da mulher?

— Sim.

— Pelo amor de Deus! a mulher é um anjo.

— Não reparaste nos requebros em terceira mão, e nos galanteios requestados do barão de Sá?

— Isso é um tolo.

— Tanto melhor para elle... Os tolos são felizes; eu se fosse casado eliminava os tolos de minha casa. Cada cidadão, que me fosse apresentado, não poderia sel-o sem exhibir o diploma de socio da academia real das sciencias. Olha, criança, decora estas duas verdades, que o Balzac não mencíona na *Physiologia do Casamento*. Um erudito, ao pé de tua mulher, falla-lhe na civilisação grega, na decadencia do imperio romano, na civilisação da mulher pelo christianismo, em economia politica, em direito publico, e até em chimica applicada ao extracto do espirito de rosas. Confessa que tudo isto o maior mal que póde fazer a tua mulher é adormecel-a. O tolo não é assim. Como ignora e desdenha a sciencia, dispara á queima-roupa na tua pobre mulher quantos galanteios importou de Paris, que são originaes em Portugal, porque são ditos em um idioma que não é francez nem portuguez. Tua mulher, se tem a felicidade de não ter em ti um marido doce e meigo, começa a comparar-te com o tolo que a lisongeia, e acha que o tolo tem

muito juizo. Concedido o juizo ao tolo, concede-se-lhe razão; concedida a razão, concede-se-lhe tudo. Ora ahi tens porque eu antes queria ao pé de minha mulher o padre José Agostinho de Macedo, em cuecas, do que o barão de Sá coberto com a capa d'aquelle grande piegas José do Egypto. Ris-te?... Se queres ser feliz abdica da intelligencia, convence-te, e convence os outros de que és um paria do senso commum, entra n'esses camarotes, e diz que a lettra do *Barbeiro de Sevilha* é de Voltaire, e a composição do maestro Spinosa; vira-te para a victima predestinada, diz-lhe que a musica é a voz mystica dos anjos confidentes das paixões delirantes, que dos olhos d'ella deviam partir as inspirações que arrebataram Raphael de Urbino, que farás auctor da *Norma*. Se ouvires uma gargalhada insoffrida, deixa-os rir, continúa; faz-te victima interessante, acolhe-te á piedade da dama, e falla-me depois...

Correra o panno para o segundo acto da *Somnambula*.

Os dois dilettanti, entrando na plateia, olharam para o 13 da segunda ordem, e viram Eugenia que se retirava. A curiosidade trouxe-os ao perystilo do theatro, e viram partir a carruagem de Alberto.

Entraram no camarote, e perguntaram ao barão de Sá a causa d'aquella retirada.

— *Ma foi! je n'en sais* — respondeu elle, cravando o o culo em um camarote fronteiro.

— Quem te prende assim a attenção esquiva, meu caro barão? — perguntou o apologista dos tolos.

— *Cette femme là qui me frappe au cœur.*

— Traduz.

— Aquella mulher é frapante no coração.

— Que te disse eu? — murmurou ao ouvido do compa-

nheiro o sincero admirador dos parvos... — Dás licença — continuou para o barão — que se veja a benemerita frapante do teu coração?

— *Volontiers.*

O cavalheiro do Porto, apenas fixou o oculo, murmurou:

— Celebre cousa!

— O quê? — perguntou o seu amigo.

— Logo... O' barão, conheces aquella mulher?

— Não, e tu?

— Conheço.

— Quem é?

— A rainha de Sabá.

— Onde fica Sabá?

— Na extrema occidental da Europa.

— Mas ella está sósinha.

— Viaja com o titulo de condessa de Minturnes.

— Podes apresentar-me?

— Não; estou indisposto com ella...

— Por quê?

— Por causa de uma questão de voltarete, que jogamos em casa do representante de Marrocos em Londres. Adeus, barão.

— Vês as vantagens de ser tolo? — dizia o zombeteiro portuense ao seu amigo de Lisboa — Esta noite sonha com a rainha de Sabá, e ámanhã vae contar a Eugenia que foi apresentado á condessa de Minturnes, de quem recebeu um lisongeiro acolhimento... Agora serio... viste aquella mulher?

— Vi.

— Queres saber quem é? A duqueza de Cliton.

— A que procurava na Belgica o Tobias Navarro?

— Em corpo e alma. Cá para mim está explicada a abstracção de Alberto, e a saída rapida do camarote.

E tinha razão aquelle homem, que conhecia toda a gente. Fora isso: Alberto, apenas entrára no camarote, deu de frente com uma mulher, que lhe fixava um oculo immovel, suspenso em um bello braço, guarnecido de rendas e perolas. Aquelle oculo, com seu tamanho, escondia meio rosto. Alberto não foi o primeiro a corresponder á estranha attenção. Eugenia, meia curiosa, meia ciumenta, olhou de relance para o camarote fronteiro, e disse para o marido:

— Não a conheço... Se não é tola, quer fingir que o é.

Alberto olhou, por sua vez, mas não olhou dois segundos; o braço estremeceu debaixo do oculo, as faces empallideceram, as perguntas vacillaram-lhe, e o coração impellia-lhe á cabeça impetos de sangue, que parecia romper-lhe as veias da fronte.

— Alberto... tu que tens?—perguntou Eugenia assustada.

— Nada, filha.

E, pouco depois, saíu para o salão, onde o vimos.

A duqueza de Cliton, se devemos acreditar o elegante que da plateia lhe não perde um movimento, raros instantes afastou o oculo de sobre Eugenia, que não podia supportar a curiosidade d'aquella mulher. A quantos entraram perguntou quem era ella; apenas o magistrado lhe soube dizer que não era portugueza. O conselheiro, narrador da historia de Leopoldo Saavedra, se estivesse presente, poderia precisar as suas explicações mais satisfactoriamente.

Do theatro a casa, Alberto de Magalhães não pronunciou uma palavra. Eugenia, trémula e acanhada pelo respeito que a situação de seu marido lhe impunha, apenas quebrava o silencio com mal reprimidos suspiros.

Chegados a casa, Eugenia, que profundára o caracter

de seu marido no que elle era sondavel, deixou-o entrar sósinho no gabinete de leitura.

— Vem cá, Eugenia...—disse elle—Senta-te ao meu lado... conversemos... Um bom marido deve explicações a uma boa esposa, quando o oculo de uma mulher o faz fugir de um theatro. Aquella mulher é a duqueza de Cliton, e eu... sou... ou fui Leopoldo Saavedra...

— Oh! meu Deus!...—exclamou Eugenia, levando as mãos ao rosto.

— Que é, filha?

— Oh! meu querido Alberto, aquella mulher vem trazer-nos a desgraça.

— Acho singeleza no teu terror... Escuta, Eugenia... quero-te mais varonil. Ouviste a historia do conselheiro?... foi justamente, ha seis mezes, n'aquella noite das tres horas de trevas n'este gabinete. Soffri muito então...

— Saudades?... remorsos?

— Nem uma cousa, nem outra... Soffri os effeitos da calumnia. Collocado eu em uma outra posição social, sem ti, o homem, que contou uma infamante fabula, teria saltado da janella. Aquella mulher é uma duqueza, que se me vendeu por oitenta mil francos. Foi um contrato. Eu tinha tido os manuscriptos de Richelieu, em que as primeiras mulheres tinham á margem do seu nome a cifra por que se vendiam, e concebi o plano de avaliar o quilate da duqueza de Cliton. Achei-lhe o preço; não faltei ás condições estipuladas no contrato, e quiz retirar-me com honra, como o locatario que pagou a renda do predio, e retirou deixando a propriedade no estado em que a encontrou. Aquella mulher perseguiu-me. Lembrei-lhe que fui pontualissimo na exactidão dos meus compromissos: offereci-lhe uma quantia supplementar

para rescindir alguma questão de dólo, e ella não a aceitou. Disse que queria a minha alma, porque eu era um homem que não podia fazer escravas e desamparal-as. Sorri á lisonja banal, exprimi o legitimo desprezo em que a tinha, e vi a meus pés uma carteira em que deviam estar as cédulas de oitenta mil francos.

«Esta mulher pareceu-me nobre, e desgraçada. Imaginei uma loucura. Perguntei ao futuro se a convivencia com ella faria que ella fosse interessante á minha alma. O futuro não me respondia. Sacrifiquei-me, e disse:

«— Junta a esta quantia sessenta mil libras. Compra uma quinta em Italia, viverei comtigo, e o tempo decidirá a posição que devo ter a teu lado.

«Rejeitou. Perguntei-lhe o que queria de mim?

«— Quero ser tua mulher — me respondeu ella com certo entono, que me fez saltar dos labios uma exclamação, e um sorriso de escarneo.

«Deixei ficar no chão a carteira, e retirei-me. No dia immediato parti para a Belgica. Dois mezes depois de mim, chegava o irmão da duqueza, temido em Paris, e conhecido nas fronteiras pelos repetidos triumphos que alcançára em duellos.

«Desafiou-me: rejeitei, porque rejeito sempre o duello. Encontrou-me; disparou-me uma pistola, que me feriu mortalmente; apertei-lhe a garganta com as mãos, e larguei-o morto. Cheguei moribundo a Luxembourg. Ao cabo de oito mezes de padecimentos infernaes, ergui-me salvo.

«Aqui tens o meu segredo, Eugenia...

— Mas tu não podéste supportar os olhares d'aquella duqueza... Sentes amor, ou receio... Se te é indifferente...

— Indifferente... não. Conheço-lhe o caracter... Sabes o que é, Eugenia? E' o amor que eu tenho a esta vida tranquilla que vivemos, depois de longos trabalhos, de sobresaltos criminosos, de esquecidas vergonhas, e tumultuosos abalos da consciencia. Descóro, enfraqueço, e sou pequeno aos meus proprios olhos, quando um leve sôpro ameaça tempestade no remanso d'esta nossa vida...

— Mas que receias Alberto?...

— Por mim nada; eu nada temo debaixo do céo; mas por ti, tudo... tudo que possa inquietar-te, minha filha, e desvendar a candura da tua alma, e o estremecimento com que respondes aos meus temores.

— Pois bem... has de fazer o que eu te pedir...

— Tudo.

— Abandonemos Portugal...

— Sim, e muito breve... não importa saber para onde vamos... Sou outra vez feliz, Eugenia!... Ha em ti uma mulher para o coração, e um anjo para a alma... Aponta-me sempre o meu destino... A'manhã darei todos os passos para a minha saída.

.....

IV

O barão de Sá, todo elle oculo constantemente assestado na hercica rainha de Sabá, realisava em toda a sua plenitude as theorias do portuense, ácerca dos tolos. A duqueza de Cliton respondia prompta ás demonstrações inequivocas do barão.

Finda a opera, o ditoso parvo esperava na descida, com o coração em corcovos, a gentil condessa de Minturnes. Ao vel-a, sentiu-se tranzido de um gélido torpor, que o bestialisava. Na effervescencia da sua sandice, o leão sobre-posse não sabia combinar a elegancia da perna direita com a da esquerda. O amor enthusiasta espiritualisára-lhe as carnosas massas das pernas em arames trémulos. Os braços, por não encontrarem um apoio em que se déssem uma aria distincta, passaram para as costas, formando, em sentido opposto, a seraphica attitude de S. Francisco das Chagas.

A duqueza, ao perpassar sorriu-se. O barão duvidou; mas a dúvida era gloriosa. Reanimou-se. Foi collocar-se ao pé da carruagem. A rainha de Sabá, com um pé no estribo, voltou-se para elle, e disse affectuosamente, em francez, na lingua apaixonada do barão:

— Boa noite, cavalheiro. Desejo as vossas relações.

Perdido, allucinado, deslumbrado, febril, tolo, emfim, o barão seguiu a carruagem da duqueza, e viu-a parar no Izidro.

Irresoluto, entre recolher-se a scismar no estranho caso, ao aproximar-se, quanto possivel, do ar, que a prodigiosa rainha disfarçada respirava··· subiu. Entrou em uma sala, e viu uma mesa rodeada de gastronomos provincianos, que comiam de noite, e de dia atulhavam as arcadas do terreiro do Paço, e assaltavam José da Silva Carvalho, ou Agostinho José Freire, na rapida fuga da sege para o gabinete de ministros.

O barão, para cohonestar a sua entrada, pediu chá e fiambre, e sentou-se a uma pequena mesa a um canto da sala. O seu coração precisava de expandir-se. Chamou o creado, e disse-lhe com aquella familiaridade que lhe dava a sua boçal alegria:

— Amigo, a que horas se levanta a condessa de Minturnes?

— A...? — perguntou o creado, envesgando a bôca aberta, e fechando o olho esquerdo.

— A condessa de Minturnes.

— E' creatura que não conheço.

— Não conheces? pois ella é cá hospeda da casa.

— Nada, não, senhor; só se viesse ha dez minutos para cá.

— Então é que veio... vae saber...

O creado foi e voltou, emquanto o barão, distrahido, talvez, funccionava admiravelmente com o estomago, demonstrando assim que não ha incompatibilidade entre duas sérias paixões.

— Não está cá essa pessoa em que falla.

— Pois eu não a vi entrar para cá, e por signal que vinha do theatro?

— A condessa de Maturras?...

— De Minturnes, homem.

— Qual condessa nem qual açafate... Aqui está uma mulher franceza, que vem procurar um testamento que deixou seu marido, que morreu nas linhas do Porto.

— Estás enganado.

— Estarei... mas não diga nada.

— Queres que eu te diga quem é essa mulher? E' uma rainha!

O servo calou-se: aquelle silencio, bem apuradinho, queria dizer: *este homem é doudo!*

— E' a rainha de Sabá.

— De Sabá? Isso é lá p'ro fim do mundo...

— Qual fim do mundo.... é na extrema occidental da Europa...

— A rainha de Sabá — atalhou o erudito — foi uma rainha que levou presentes ao rei Salomão.

— Historias da carochinha, meu amigo. Deixa te do teu Salomão, e falla-me da condessa de Minturnes...

— Então ella é rainha, ou condessa?

— Rainha; mas viaja disfarçada...

— Então alguma quer ella pregar...

— Não é isso... Os reis, quando viajam, para se livrarem *des hommages*...

— *Das ommagens!*... dos santos?

— Não... das homenagens, dos cortejos, entendes?... costumam disfarçar-se...

— Ah!... Ora quem tal diria!... por isso o consul francez aqui vem todos os dias...

— E' o que te digo... Conta-me cá: a que hora se levanta ella?

— De madrugada.

— E que faz?

— Sáe, e torna ás nove; almoça, e fecha-se no quarto até ao meio dia; depois vem o consul, que sáe á uma hora; depois...

— E não é visitada por mais ninguem?

— Apparece ahi um encapotado que não deixa ver a cara...

— Essa é boa!... E não sabes onde ella vae de manhã?

— A fallar-lhe a verdade, disseram-me ahi uma cousa, que eu não acredito...

— Que foi?

— Que ella vae para o campo, e que se põe a atirar tiros de pistola a um alvo.

— Ora essa!...

— Assim me disse o boleeiro da sege que a leva todas

as manhãs, mas pediu-me muito segredo; mas eu ao senhor digo-lhe isto, em paga de me dizer muitas cousas que eu não sabia.

— Pois então, cala-te; não digas a ninguem o que eu te disse...

— Nem ao proprio Padre Eterno.

— Eu ámanhã ao meio dia hei de vir aqui visital-a... Adeus.

O barão retirava-se, quando outro creado lhe saíu ao encontro, dizendo-lhe que uma senhora, hospedada n'aquelle hotel, lhe pedia o favor de entrar na sala proxima, porque pretendia fallar-lhe.

Não se explica a estupefacção do titular! N'aquelle momento João Fernandes fez mais do que faria Cesar! O portuense tinha razão. O parvo colhia louros sobre louros. Um homem de mediocre intelligencia, experimentado em triumphos, não attingiria, em mezes de aturada paciencia, a altura que o tolo, em poucas horas, attingiu! Convencido de que um destino superior o impellia, o barão entrou na sala.

A duqueza de Cliton, despindo os accessorios do luxo, vestira os da estudada elegancia. Sentada na ottomana, recostada negligentemente, bamboava com o pé as franjas de uma manta escosseza, que não tinha o egoismo de esconder os hombros largos, torneados, e alabastrinos de sua dona. Era, com effeito, a mulher pintada pelo conselheiro; mas o retrâto, ao pé do original, era uma sombra pallida, um daguerreotypo desvanecido pela imperfeição da machina.

A apparição do ditoso aventureiro não compôz ligeiramente a negligencia da dama. O barão gaguejava, corcovando se, um frio cumprimento, a que a duqueza respondeu, indicando-lhe uma cadeira estofada, em que

(tão perto estava) descaía, como por descuido, a fimbra da sua manta de xadrez.

— Fallaes o francez?—perguntou ella.

— Alguma cousa, madama, para portuguezes; mas na vossa presença, ser-me-ia necessario conhecer as subtilezas da lingua.

— Vejo que vos fazeis comprehender, senhor; é quanto ambiciono. Conheceis-me?

— Conheço, madama... Tenho essa honra...

— Quem vol-o disse?

— O coração annunciou-me que vós ereis uma grande personagem: e alguem confirmou as suspeitas do coração.

— Quem?

— Um cavalheiro que viajou...

— Naturalmente aquelle cavalheiro pallido, de olhos negros, e bigode á Solimão...

— Perdão, madama, não era esse. O cavalheiro a que alludis é Alberto de Magalhães, o outro...

— Alberto de Magalhães!...

— Sim...

— Casado com aquella gentil dama do oculo branco?

— Justamente.

— Casado ha muito?

— Ha um anno.

— Por paixão?

— Creio que sim.

— Quem vos disse o meu nome?... não foi elle?

— Já tive a honra de dizer a vossa magestade que não.

— Vossa magestade!... Olhae que a minha corôa é simplesmente ducal.

— Já disse que vos conhecia...

— Sou?

— A rainha de Sabá.

— Por Deus! Zombavam da vossa boa fé, ou escarneciam de mim!

— Perdão, snr.ª condessa de Minturnes.

— Condessa de ?

— Minturnes: é o vosso disfarce.

— Crêde que estaes enganado, cavalheiro. Os titulos que me deram são uma caricatura. Sabá não tem rainha; e Minturnes é uma lagôa... Se vos apraz, dizei ao vosso informador que lhe desejo uma longa vida no meu condado...

A duqueza ria-se, e o barão encarava-a com ar de estupida incerteza.

— Parece que duvidaes, cavalheiro? Hei de punir-vos pela falta de fé... Não vos direi quem sou...

— Assim o quer a minha desgraça... Se me dizeis que não sois a pessoa que eu suppunha, creio que sois rainha...

— Já vos disse que não sou...

— Sois rainha dos corações... o vosso imperio não tem limites; de pólo a pólo fareis vassallos.

— Agradecida pela lisonjeira consideração que me daes... Permitti que eu vos dirija algumas perguntas, porque me pareceis um perfeito homem do mundo, um consummado parisiense.

— Vivi lá dois annos...

— Bem o denunciaes pela correcção da lingua que fallaes... e pelas maneiras distinctas com que acolheis a extravagante forasteira, que se vos apresenta sem mais titulos á vossa attenção que os que lhe são devidos pelo facto de ser mulher...

— Acrescentae... como poucas, como nenhuma, cheia de encantos, fascinadora e deslumbrante.

— Não vos illudaes, senhor... Creio que me fallaes a muito sangue frio, para que deva acreditar-vos...

— A sangue frio!... Concebeis porventura os effeitos de um vosso olhar, que vae direito aos mais intimos segredos da alma?...

— Quereis convencer-me de que vos mereci uma attenção fóra do commum? Isso seria da minha parte uma renuncia do juizo, e da vossa uma chimera momentanea, um engano de optica moral. Deixae os vossos phantasmas, e vinde ao mundo real... Sois amigo do snr. Alberto de... de...

— De Magalhães? Conheço-o perfeitamente... A vossa pergunta, madama, denuncía...

— Interesse por elle?

— Certamente... um interesse extraordinario...

— Espero não vos fazer ciumes do amor que lhe consagro...

— Sinto os já, madama... Elle conhece-vos?

— Creio que sim...

— Novos motivos para que eu deva acreditar...

— Que o amo? Isso é uma leviandade!...

— Perdão!... O amor é injusto...

— Ouvi-vos dizer que Alberto de Magalhães era affeiçoado a sua mulher...

— Muito.

— E correspondido?

— Muito... sei-o por experiencia... é uma fortaleza invencivel aquella mulher...

— Resistiu-vos?

— Até hoje... No futuro...

— Esperaes?... é justo. N'esse caso, essa mulher... adora-o?

— Loucamente.

— Fazeis-me um serviço?

— Mandae, madama.

— Dizei ao vosso amigo, que uma estrangeira deseja conhecel-o... Dizei-lhe que sou a mesma em quem elle fez a graça de fixar o seu oculo, hoje.

— Não vos mereço outro conceito?

— Todo... e sinto dizer-vos que a vossa hesitação revela pouco habito do *grande mundo*...

— O coração hesita, porque vos não póde ceder aos merecimentos de outros homens...

— Tranquillisae-vos... Não tereis causa de arrependimento...

— Deverei apresental-o eu?

— Não; quero recebel-o só: assim fostes recebido, cavalheiro... Da nossa entrevista resultou alguma affronta para meu marido, se eu fosse casada?

— Não; mas com elle...

— Serão iguaes os inconvenientes... Eu tenho estas facilidades, sem consequencias... Posso respirar todos os hálitos, sem contaminar o pulmão... Os venenos da sociedade não me corrompem... Aprendi com Lucusta a alcançar a invulnerabilidade de Mithridates.

O barão não a entendeu. Cuidou que Mithridates era uma mulher celebre, que não se facilitava nos primeiros encontros. Não aventurou perguntas, porque o passado importava-lhe pouco.

— Cumprireis, cavalheiro?

— A'manhã sereis visitada pelo meu amigo.

— Tenho a honra de saudar-vos e agradecer-vos. E' uma hora da noite... Não me opponho ao vosso repouso.

O barão, desapontado pela transição repentina, rosnava alguns disparates sobre a despedida, quando a du-

queza, feita a ultima mesura de cabeça, no limiar da porta, entrou no seu quarto.

O leão, em ferias, saíu trombudo cordeiro; e, pela primeira vez na sua vida, ouviu a voz da consciencia que lhe chamava «tolo»!

Assim mesmo, o barão de Sá respondeu á consciencia; «Veremos».

FIM DO SEGUNDO VOLUME

OBRAS DE CAMILO CASTELO BRANC

Cada volume br. 10$00 - enc. 15$00

1 — Coisas espantosas
2 — As três irmãs
3 — A engeitada
4 — Doze casamentos felizes
5 — O esqueleto
6 — O bem e o mal
7 — O senhor do Paço de Ninãis
8 — Anátema
9 — A mulher fatal
10 — Cavar em ruínas
11 e 12 — Correspondência epistolar
13 — Divindade de Jesus
14 — A doida do Candal
15 — Duas horas de leitura
16 — Fanny
17, 18 e 19 — Novelas do Minho
20 e 21 — Horas de Paz
22 — Agulha em Palheiro
23 — O ôlho de vidro
24 — Anos de prosa
25 — Os brilhantes do brasileiro
26 — A bruxa do Monte Córdova
27 — Carlota Angela
28 — Quatro horas inocentes
29 — As virtudes antigas — Um poeta português... rico!
30 — A filha do Doutor Negro
31 — Estrêlas propícias
32 — A filha do regicida
33 e 34 — O domínio do ouro
35 — O regicida
36 — A filha do arcediago
37 — A neta do arcediago
38 — Delitos da mocidade
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios
41 — Memórias de Guilherme do Amaral
42, 43 e 44 — Mistérios de Lisboa
45 e 46 — Livro negro do padre Deniz
47 e 48 — O judeu
49 — Duas épocas da vida
50 — Estrêlas funestas
51 — Lágrimas abençoadas
52 — Luta de gigantes
53 e 54 — Memórias do cárcer
55 — Mistérios de Fafe
56 — Coração, cabeça e estôr
57 — O que fazem mulheres
58 — O retrato de Ricardina
59 — O sangue
60 — O santo da montanha
61 — Vingança
62 — Vinte horas de liteira
63 — A queda dum anjo
64 — Cenas da Foz
65 — Cenas contemporâneas
66 — O romance dum rapaz
67 — Aventuras de Bazilio Fe des Enxertado
68 — Noites de Lamego
69 — Cenas inocentes da cor humana
70 e 71 — Os mártires
72 — Um livro
73 — A sereia
74 — Esboços de apreciações rárias
75 — Coisas leves e pesadas
76 — Teatro: I — Agostinho Ceuta — O marquês de res Novas
77 — Teatro: II — Poesia ou nheiro? — Justiça — Esp e flores — Purgatório e Pa
78 — Teatro: III — O Morga Fafe em Lisboa — O M do de Fafe amoroso — timo acto — Abençoada grimas
79 — Teatro: IV — O condena Como os anjos se ving Entre a flauta e a viola
80 — Teatro: V — O Lobishom A Morgadinha de Va Amôres

Aos Camilianistas recomendamos a aquisição da seguinte o

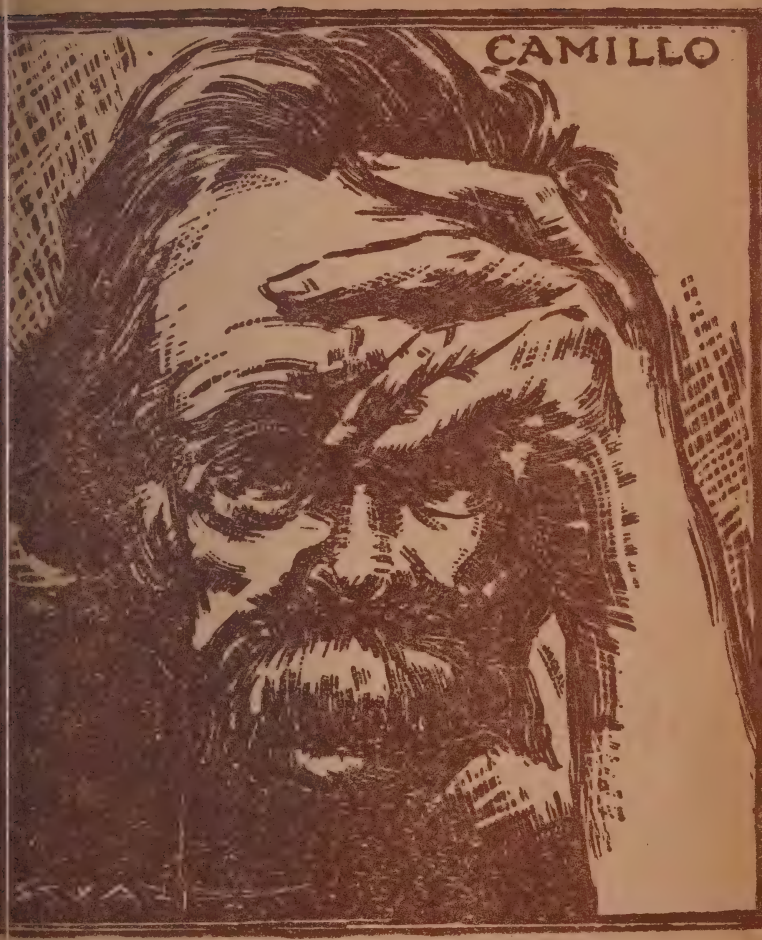
CAMILO CASTELO BRANC

(TIPOS E EPISÓDIOS DA SUA GALERIA)

5 volumes, no formato e tipo da nossa Colecção das Obras de Camilo, con-

Apreciações e críticas das ob imortal escritor

PELO DOU



Mistérios de Lisboa

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XLIV

MYSTERIOS DE LISBOA

VOLUME III

TYPOGRAPHIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA —
RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48
* * * LISBOA * * *

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes in-8.º, de 200 a 300 paginas impressa em bom papel, typo elzevir

1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny
17, 18 e 19— Novellas do Minho.
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte-Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
52 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcere.
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina.
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres
72 — Um livro.
73 — A Sereia
74 — Esboços e apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — Theatro: I—Agostinho de Ceuta.—O marquez de Torres-Novas.
77 — Theatro: II—Poesia ou dinheiro ? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — Theatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — Theatro: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — Theatro: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha

CAMILLO CASTELLO BRANCO

MYSTERIOS
DE
LISBOA

9.ª edição, conforme a 5.ª, ultima revista pelo auctor

VOLUME TERCEIRO

1923

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta — 44 a 54
LISBOA

MYSTERIOS DE LISBOA

Nota das edições que tem tido esta obra até á presente

1.ª edição — Porto — 1854 — Typographia de J. J. G. Bastos — 3 vols. in-8.°, o 1.° de 285 pags., o 2.° de 298-2 pags., e o 3.° de 355 pags.

2.ª edição — Porto — 1858 — Em casa de F. G. da Fonseca — 2 vols. in-8.°, o 1.° de 345 pags. e o 2.° de 371-1 pags.

3.ª edição — Porto — 1861 — Em casa de Cruz Coutinho — 2 vols. in-8.°, o 1.° de 279 pags. e o 2.° de 304 pags.

4.ª edição — Porto — 1864 — Em casa de Cruz Coutinho — 2 vols. in-8.°, o 1.° de 235 pags. e o 2.° de 279 pags.

5.ª edição — Porto — 1878 — Em casa de Cruz Coutinho — 2 vols. in-8.°, o 1.° de 255 pags. e o 2.° de 279 pags.

6.ª edição — Lisboa — 1890 — 3 vols. in-12.° 14, 15 e 16 da collecção Pedro Correia.

7.ª edição — Lisboa — 1905 — Vols. 42, 43 e 44 da nossa collecção, da qual se fez uma tiragem especial de 100 exemplares, em papel de linho nacional, para bibliophilos.

8.ª edição — Lisboa — 1917 — Vols. 42, 43 e 44 da nossa coliecção.

9.ª edição — Lisboa — 1923 — que é a presente.

MYSTERIOS DE LISBOA

LIVRO QUARTO

(Continuação)

V

Alberto de Magalhães, na manhã do dia immediato, entrando na carruagem, recebeu uma carta do barão de Sá, datada ás duas horas da noite.

Não ia pessoalmente—dizia o barão em francez—*por evitar embaraços de D. Eugenia, visto que a entrevista era melindrosa, e precisava ser tratada muito a occultas com o marido de uma senhora zelosa.*

A carta contava apenas o que tocava directamente com Alberto. O estylo encobria uma certa reserva. Ou o barão fora afinado pelo ciume, ou não era tão profundamente necio como o suppunham, e havia sobejos motivos para o suppor.

Magalhães não pensou muito tempo no que devia fazer. Entrou no banco, fez escala por algumas casas com-

378903

merciaes, entrou na do seu companheiro do mar, o millionario Lima, que contava o preço por que acabava de comprar o melhor edificio monastico de Lisboa, e parou á porta do Izidro, mandando entregar um bilhete á snr.ª duqueza de Cliton.

Os creados, primeiro, responderam que não morava alli tal senhora, e um d'elles, apesar do compromettimento em que ficára de não revelar ao proprio Padre Eterno os segredos do barão, perguntou se sua excellencia procuraria talvez a rainha de Sabá, que viajava disfarçada em condessa de Malturnias.

Um ligeiro sorriso desenrugou a face de Alberto. Conhecedor do caracter extravagante da duqueza, julgou impossivel a barbara nomenclatura por que era conhecida no hotel, titulos que, por honra da França, se não achariam no seu passaporte.

Estas dúvidas desvaneceu-as a creada particular da duqueza, que, no tôpo da escada, dizia que o cavalheiro podia subir, que a senhora o estava esperando.

Alberto entrou na sala, em que era esperado pela duqueza, que palitava os dentes, com estudada indifferença, ou com a mais tranquilla familiaridade.

— Senhora duqueza...—disse Alberto, elegantemente ceremonioso.

— É esse o meu titulo; outro tanto não posso eu fazer... Qual é o nome que tendes hoje, meu senhor?

— Não tenho nome permanente; sou geralmente conhecido como desprezador de argucias parvas e ironias de melodrama. Com este nome tenho viajado por entre todas as sociedades; prefiro o meu incognito ao da rainha de Sabá, e da condessa de Minturnes.

— Não vos entendo, cavalheiro... O epigramma é de máu gosto... Não tenho culpa em que os vossos ami-

gos sejam tolos. Eu, quando me disfarço, desço da minha condição, não me levanto, porque não preciso. Nasci com um nome grande, e não preciso do ouro astucioso, ou de um titulo comico para avultar aos olhos de Portugal. Creio que n'esta terra o maior sois vós; e eu preciso descer para nivelar-me comvosco e com os vossos patricios. N'este hotel sou conhecida como a viuva de um capitão, que morreu nas trincheiras...

— Prescindo do seu romance, snr.ª condessa. Precisa de mim no seu serviço?

— Não, senhor. Mas preciso contar-vos o meu romance, e vós não sereis tão incivil, que volteis as costas a uma senhora dos salões de Carlos X, que vem de proposito visitar-vos a Lisboa. Tende a condescendencia de aceitar esta cadeira, que vos offerece a duqueza de Cliton.

Alberto sentou-se. O coração aconselhava-lhe uma grosseria; mas a cabeça, sempre fria, mandava-o ser cavalheiro na presença de uma mulher arrogante, bella, e radiosa de uma cólera que lhe incendiava tragicamente os olhos.

— Conheci-vos em Paris — continuou a duqueza, modulando, pelo som de uma conversa familiar, a sua voz — quando a vossa presença excitava a curiosidade das mulheres, que vão atraz do mysterioso, escondida nas riquezas de um homem de talento, que surge de improviso sem ninguem saber d'onde veio. Fizestes-me a honra de procurar o meu conhecimento; recebi-vos em minha casa; fallei de vós com enthusiasmo ás minhas amigas, e aconselhei a muitas que vos captivassem, porque vós ereis um perfeito cavalheiro. As minhas amigas requestaram-vos, e foram desprezadas. A preferida era eu, que, desde certo tempo, recordae-vos, evitei as occasiões de vos dar um desengano, ou um triumpho. Recebi uma

carta vossa, em que me offerecieis oitenta mil francos essa carta chegou á minha mão duas horas depois que eu perdera trinta mil no jogo. Aceitei a proposta, e recebi-vos ás duas horas da noite na minha camara, como se recebe um marido odiado que compra uma mulher necessitada. Devo dizer-vos, senhor, as minhas tenções. Como mulher honrada, não devia faltar ás condições do contrato; seria vossa por oitenta mil francos; mais dois segundos depois deveria com a ponta de um punhal esconder em vosso coração o segredo da minha infamia... e o da vossa temeridade feliz. A porta do meu quarto foi-vos aberta como a antecamara de um tumulo. Entrastes com não sei que pezar escripto na face. As vossas maneiras eram acanhadas, as vossas palavras requintavam em delicadeza, os vossos olhos encaravam-me com certo respeito... parece que dizieis no fundo da alma; «Esta mulher era digna de melhor sorte! Devia ser soberana e virtuosa como o mundo a respeita!... Custa-me tratal-a como uma bella machina que se aluga por oitenta mil francos!...» Fallae-me sinceramente... não sentieis isto?

— Sentia.

— E, portanto, n'esse momento, alcançastes em minha alma um triumpho, que vos devia dar mais gloria que o outro! Admirei-vos tão honesto em face de tamanha corrupção! Perguntei-vos se o mundo veria aquelle quadro por debaixo da cortina que vossa mão levantasse, respondestes-me que primeiro abraçarieis a deshonra como profissão. A's cinco horas da manhã saíeis da minha casa, e olhaveis espantado para mim, quando vos disse: «D'este quarto saíu ha tres annos um esquife com um cadaver; era o do meu marido. Desde esse dia o primeiro homem, que entrou aqui, fostes

vós.» Respondestes-me com um sorriso sarcastico. O punhal tremeu-me no punho... Não tive coragem... amava-vos! Momentos depois, o meu credor, que era entre tantos o mais ardiloso concorrente ao meu coração, era embolsado de trinta mil francos: e no dia seguinte, anticipei um contrato dos meus rendimentos, e fui, pessoalmente, levar-vos oitenta mil francos. A machina estava resgatada, e apparecia a mulher nobre da sua paixão, forte da sua imperiosa vontade, fraca em suas lagrimas de deshonra nunca choradas, pedindo-vos um sentimento do coração em paga do sacrificio comprado com ouro. A vossa resposta foi o pasmo, e depois do pasmo a zombaria. Pedi-vos que consultasseis os precedentes da minha vida, que pedisseis o testemunho das minhas infamias aos mais depravados infamadores de Paris, respondestes-me que os meus precedentes eram nobres, mas que a transacção, feita comvosco, não era legitimamente honesta para lisonjear o amor proprio de um marido, zeloso da sua honra. Mereci-vos a generosidade d'esta resposta em minha casa, onde vos levou o orgulho para contemplar-me, rainha do baile, que pouco antes se aviltára a vossos pés, miseravel escrava. Atirastes-me aos pés uma carteira com cento e oitenta mil libras. Era esta. E' uma restituição, que venho fazer-vos; mas... consentireis que vol-a conduza a casa, porque nm credor honrado não procede de outra maneira. A carteira é um episodio. Deixae proseguir o meu romance, como tivestes a benevolencia de intitular a minha deshonrosa peregrinação de cinco annos. Eu tinha um irmão, que se ennobrecia com o meu orgulho, e saudava todos os dias os triumphos que a minha honra grangeava no seio da immoralidade parisiense. Este homem, informado da vossa fuga miseravel, pequena, e

deixae-me dizer, nauseenta, de Paris, assistiu como amigo ás minhas luctas de saudade e de remorso. Pronunciei em delirio o vosso nome, snr. Leopoldo Saavedra, e meu irmão, valendo-se d'esta involuntaria revelação, profundou o segredo da minha deshonra, e encontrou-o, senão humilhante como ella era, ao menos consequencia funesta de uma paixão invencivel. Perdoou-me; mas não quiz perdoar-vos. Disse que a duqueza de Cliton podia ser fraca, como a ultima das mulheres, mas não podia ser ludibriada pelo prímeiro dos homens. Meu honrado irmão enganára-se comvosco... Procurou-vos na Belgica, onde se fallava de um rico judeu, chamado Tobias Navarro. Pediram-se á Belgica os traços principaes d'este cavalheiro: eram os vossos. Fostes desafiado; rejeitastes a arma da honra; fostes ferido, e empregastes em vosso desforço a arma do carrasco... Meu irmão foi estrangulado! A força era o vosso predominio. Com a força bruta do dinheiro deshonraveis uma mulher; com a força muscular do braço esganaveis o irmão d'essa mulher... Força moral, vigor de coração, não devieis ter nenhum, cavalheiro... Mas eu é que tinha duas dividas a saldar comvosco: a do dinheiro e a da força. A da deshonra e a da vida... Vejo-vos sorrir!... Ainda bem que a vossa alma envilecida não póde elevar-se ao remorso, que commove a piedade no coração de uma inimiga!... Ride, nobre senhor! No alto mar, o corsario sanguinolento aprende a rir das lagrimas... Que é?... empallideceis! Coragem, valente *Barba-Roixa!* Affrontae com bravura esta onda de cólera e de vingança! Diante de uma mulher não ha covardes, quando a força moral não gela os alentos do homem! Força moral, já vos disse que não tendes nenhuma!... Agora sabei, senhor, que vos persigo ha quatro annos!...

Se não encontrasse, ha seis mezes, em L'Hasse, um missionario portuguez, que embarcava para o Japão, e que me disse existir em Portugal um homem com os signaes de Leopoldo Saavedra... nunca vos encontraria. Suspeitei ainda mais a vossa exístencia aqui, porque esse padre me animou a procurar-vos, quando eu lhe disse que tinha duas dividas de honra a pagar-vos. O missionario não se enganou... O Leopoldo Saavedra de Paris, o Tobias Navarro da Belgica, O Barba-Roixa do Mediterraneo, era o Alberto de Magalhães de Portugal... Tenho abusado da vossa paciencia, senhor! Levantae-vos e saí d'esta casa!

A duqueza, erguida, e trémula, sem erguer os olhos do chão, apontava a saída da sala a Alberto, esmagado no seu orgulho, entorpecido em todas as faculdades moraes que reagem até á morte do brio, ébrio, se assim póde chamar-se-lhe, do rancor suffocado, que, reprimido em excesso, produz a paralysia do corpo e da alma, retirou se como um somnambulo! Como explicaes tanta altivez, tamanha soberania recalcada? O facto aconteceu. Estes insondaveis mysterios repetem-se! Não duvideis da sua verdade, almas que atravessaes uma longa existencia sem um abalo, sem um lance, que vos obrigue a pensar no que é o coração do homem!

VI

Luva a estalar na mão rebelde ás costuras de seda preta: frisado á phantasia, byroniano, ondeante, em arripios, que querem dizer *talento;* bigode com anneis

symetricamente hirtos, em prumo, por milagroso cabelleireiro; collete de setim alvissimo, apenas assertoado na cintura, para que o peito de engommados arabescos, e scintillantes pedras não ficasse obscuro; gravata branca, pedestal marmoreo de um queixo decorado de lourejante pêra; casaca de tufos nas hombreiras, e lapelas de setim; calça preta, cosida á perna musculosa, impando no joelho, e terminando em botões de madre-perola, que se destacam no escuro cordovão do sapato; e mais que tudo isso uma cara festival, um olho de fáuno, outro de carneiro moribundo; bochecha rubida, e ventas amplas de um nariz triangular, sem cavallete, que rompe os tecidos globosos da testa estreita; isto tudo e o mais que se não diz por não valer especial menção, quer dizer que a dita pessoa não póde ser senão o barão de Sá.

Sua excellencia acaba de apear de um tylburi á porta do Izidro. O jockei da almofada subia a annunciar o barão de Sá, a quem ?... isso não sabiam elles dizel-o... a uma senhora estrangeira hospedada n'aquelle hotel. Entretanto, o admirador da rainha de Sabá sacudia das botas o imaginario pó, retesava os collarinhos, que emigravam no cylindro da gravata, levantava os hombros para chamar a casaca ás rigorosas linhas dos chumaços, e recolhia apressadamente um mólho de cabellos de um caracol que se desfizera na região occipital.

Voltou o jockei, annunciando que a senhora recebia com muito prazer a visita do cavalheiro.

O barão subia, tossindo, sem vontade, uma tosse especial que acommette os tolos na presença de certas mulheres, que tem a desventura de relacionar-se com elles.

A duqueza mediu desde o frisado até á ponta do verniz do sapato o oppressivo cavalheiro, commissario do

seu recado a Alberto de Magalhães. Recebeu-o com ar de sobranceria. Tinha nos labios um sorriso de formal etiqueta para os cumprimentos anilados do odorifero barão. Levou algumas vezes o lenço aos labios, e através da cercadura de rendas poderia o irrisorio leão divisar um sorriso desdenhoso, e, mais ainda, de ceremonioso escarneo.

Findo o tiroteio das frivolidades, a duqueza de Cliton agradeceu ao barão a prompta execução que generosamente dera ás rogativas de uma estrangeira, que se retirava de Portugal profundamente reconhecida a um dos primeiros e mais obsequiosos cavalheiros d'esta terra.

— Retiraes de Portugal?

— Brevemente, creio eu.

— Tenho comprehendido...—disse o enfiado barão.

— O quê, senhor?

— A vossa vinda a Portugal tinha um fim...

— Certamente... Portugal não é terra que se visite, por simples prazer, sem um fim.

— O vosso fim era prender o coração de Alberto...

— N'esse caso, lamentae-me, porque me retiro, e o coração de Alberto fica solto...

— Se me tivesseis consultado, dir-vos-ia que tal homem não se apaixona, é de bronze; o coração que tem, se o tem, é de sua mulher.

— Ditosa mulher!... póde cantar como a trigueirinha do cantico dos canticos...

— Tende a bondade de repetir.

— Tive a honra de vos dizer que a mulher de Alberto é bem feliz; não é?

— Conta com a lealdade de seu marido... e não póde receiar que as estrangeiras infelizes lhe questionem a posse...

A duqueza mordeu o beiço, e murmurou «miseravel!» Depois, com a mais admiravel naturalidade:

— Confessae que sou uma desgraçada tola em me apaixonar por tal homem!...

O barão não tinha critica absolutamente alguma. O sorriso da desconhecida parecia-lhe natural. De máus figados, e crassa ignorancia, o titular concebeu desforrar-se, apurando com ironias, da sua estôfa, o supposto despeito da condessa de Minturnes, rainha de Sabá, viuva de um capitão, ou industrioso demonio que viera perturbar-lhe a pacifica bestialidade.

— A vossa vaidade, madama, deve ter soffrido muito...

— Muito...

— Quando se é gentil, ardente...

— Vive-se no fogo como a salamandra... é uma calamidade!

— E' uma affronta... Eu sinto muito ter sido commissario da vossa recommendação para um homem que vos voltou as costas cruelmente...

— Agradecida... Tendes tido semelhantes infortunios?

— Não, madama. Eu tenho sido absolutamento ditoso com as mulheres...

— Fazem-vos justiça, senhor!... Sois casado?

— Detesto o casamento... Sou inaccessivel.

— Inaccessivel! Quem o diria!? Tanto fogo nos olhos, tanto ardor na phrase... é impossivel! Ou vós sois um cadaver galvanisado, ou as mulheres que se roçam por vós são de marmore. O fogo communica-se; os póros do sentimento nunca se fecham; o coração, na vossa idade, e com o vosso temperamento, deve estar sempre constipado.

— Constipado!...

— Apaixonado... fallei figuradamente... Estive, ha annos na Asia, e aprendi muitas metáphoras.

— Metáphoras!... Fallae com seriedade...

— Por Deus!... achaes que zombo?! O coração não vos diz que sois superior? Sel-o-heis na crueldade? Penso que sim. Tendes-me pulverisado com os vossos sarcasmos. Sois um Jupiter de ironias fulminantes! Por que vos não conheci eu em uma idade em que podesse tentar a conquista da vossa alma inaccessivel!? Aos trinta e cinco annos, uma mulher não serve senão de facil triumpho a conquistadores da vossa intrepidez, aos Alexandres Magnos do mundo das paixões!... Se quizesseis ser Cesar, eu não se me dava de morrer por vós, desprezada Cleopatra...

— Não vos entendo, senhora; fallae mais de vagar... Não sei, como já vos disse, as phrases menos usadas em francez.

— Fallar-lhe-hei em portuguez, cavalheiro.

O barão, quando ouviu a correcta pronúncia portugueza das ultimas palavras da extravagante mulher, imaginou-a cousa muito superior aos caculos da humanidade.

— Falla portuguez?

— Gostei do idioma; como sabia soffrivelmente o hespanhol, foi-me facil e agradavel o conhecimento de uma lingua, que eu imaginei teria de fallar um dia...

— Com Alberto de Magalhães... — interrompeu o ciumoso amante, rindo em ar de mofa intelligente, mas denunciando a crassa toleima dos seus chascos inopportunos. A duqueza riu-se d'elle. Quem os não conhecesse pelos precedentes, pensaria que eram ambos tolos.

— Está prodigiosamente comico, snr. barão de Sá. Agora sim, dou este testemunho de que vossa excellen-

cia é inaccessivel... Veja que fraca mulher! Concebi o plano extravagante de o captivar... Pobre Dido, que desembarquei nas praias occidentaes, procurando um Eneas de sapato de verniz e gravata de cambraieta!...

E continuava a rir-se de um modo que sopitou o jovial, barão em tragica seriedade.

— Não me responde... não me anima, cavalheiro? Illuda-me, se mais não póde... inscreva-me no catalogo das suas perseguidoras, mas dê-me uma delicada esperança de lhe tirar, com os meus suspiros, uma faúla das cinzas do coração d'essa desolada Carthago, sobre que eu venho chorar, como Pompeu.

— V. exc.ª zomba de mim?

— Por todos os santos e santas da côrte celestial presentes e futuros, como dizem os hespanhoes, juro que não acho em vossa excellencia uma pessoa de quem se zombe. Fallo-lhe uma linguagem figurada... já lhe disse por que... vivi no Oriente, sentei-me na base das pyramides, ouvindo os contos arabes; pernoitei na cabana dos indios, ouvindo o *Ramayan* e o *Maha-Barat;* sentei-me nas areias do deserto, como Agar, perguntando ás caravanas, a significação d'aquelle hymno de sirôco, palavra eterna de maldição que rebôa nas plagas infinitas do solo amaldiçoado... A minha vingança rugia aqui dentro como a onda abrazada do simoum... A victima buscava o algoz entre as feras da Libia...

O barão, que, pouco antes, não entendera as subtilezas da lingua franceza, confessava ingenuamente que não entendia melhor as da sua patria, se quizesse ser franco. Esquecida da pessoa com quem fallava, pessoa com cujo quilate intellectual em poucos minutos avaliára, a duqueza ia cedendo á expansão, imperiosa necessidade do talento, ao desafogo de uma dor, que póde

esconder-se com artificios de amargas ironias; que póde aturdir-se na embriaguez de um affectado cynismo; mas que tantas vezes desmente a arte, exhalando-se em transportes de eloquente amargura!...

Elevára-se, e quando reparou na physionomia boçal do barão, que porventura exprimia assim a sua admiração por tudo que lhe era imperceptivel, a duqueza arrefeceu, desceu da tragedia para a farça, e afivelou a mascara, que por pouco lhe caía na presença de um espectador ignobil para compenetrar-se do sentimento de uma grande dor.

— Acha-me bem fastidiosa com as minhas *reveries*, snr. barão, não é verdade?... E' necessaria muita paciencia para aturar uma mulher meio homem, meio litterata... Somos ridiculas aos olhos dos entes positivos, despoetisados, e incombustiveis, como o amyantho, por mais que os toquem as faiscas do coracão de mulher, como eu tenho a desventura de ser... Gosta de mim snr. barão?

Esta pergunta de improviso, especie de disparate com que a duqueza fechou o periodo, atarantou o fidalgo, a ponto de lhe roubar provisoriamente a correcção da phrase portugueza, e mais ainda o dom de articular as poucas palavras com que se recolhera da emigração, que lhe esterilisava os conhecimentos exportados da patria; e sobre todas as perdas o espoliára lastimavelmente do senso commum. José Maria de Sá, um dos primeiros barões do seu appellido, foi a preexistencia prophetica de todos os outros.

— Não me responde?! — tornou ella, decifrando as revoluções que se alternavam na physionomia grutesca do barão — O seu silencio, cavalheiro, não é delicado. Franqueza: gosta de mim?

— Se gosto de v. exc.ª!... Devora-me o ciume, como não ha de ser palpitante o meu amor!

— Não me capacito... Desconfio sempre das paixões que fazem estylo. Acho que a pequenez do amor está na razão inversa da grandeza das palavras. Simplifique as suas respostas, snr. barão. Gosta de mim?

— Immensamente.

— Ahi está uma palavra muito grande!... Assim não quero. Tenho scisma com os adverbios... Não fuja do verbo da pergunta. Terceira, vez: gosta de mim?

— Como quer que lhe responda?... Não ha linguagem humana que responda convenientemente a tal pergunta.

— Pois não ha? Ora, barão, pergunte-me se gosto de v. exc.ª

— Gosta de mim?

— Gósto. Aqui tem!... Ha lá nada mais natural? Já sabe como eu quero o estylo em materias de amor. Outra pergunta: que quer de mim?

— Adoral-a, amal-a eternamente; beijar humildemente os seus vestigios, dar a ultima gotta de sangue pelos seus suspiros, contemplal-a extaticamente...

— Tres adverbios, que sommam dezesseis syllabas. Não ame assim, snr. barão. Não vê que tudo caminha para o espiritualismo? Subtilise as suas phrases, espiritualise-as, basta de materia o indispensavel!... Que quer de mim?! Não responde!... Não me quer nada!... Ora vejam que amor tão frio!... Nem tanto espiritualismo, cavalheiro... Pecca pelo extremo!... Se me dissesse francamente que me queria fazer sentir o ardor do seu sangue, as palpitações das suas arterias, o aroma dos seus suspiros, as lucidas cambiantes dos seus bellos olhos... eu diria que o estylo é uma bonita maneira

de encobrir certos pensamentos, que não tem estylo nenhum, pelo menos auctorisado, nos bons classicos francezes e portuguezes. Ora agora... amar me *eternamente*, beijar os meus vestigios *humildemente*, contemplar-me *extaticamente*, tudo isso, além de ser impossivel no estado actual do coração humano, é uma promessa assustadora, e um futuro insupportavel que me annuncía. *Amar eternamente!*... Deus nos livre d'isso, não ha amor que resista a vinte e quatro horas de philosophia! Eu de mim não aceito o programma; se promette amar-me tres dias...

— É impossivel!... Ábandone-me: mas eu hei de amal-a emquanto sentir no coração uma gotta de sangue.

— É sanguinario, barão! Já me fallou em sangue duas vezes!... Adopte uma linguagem mais pacifica. Não gósto de Catões no amor. O sangue será muito proveitoso nas funcções da vida animal; mas no nosso caso, dispensa-se. Ácho-o até prosaico...

O barão abria a bôca, e franzla a testa. O que elle exprimia com semelhante carêta, não saberemos nós dizel-o, nem a duqueza o saberia. Escarnecido, ridiculisado, victima sem consciencia de uma vingança que a ultrajada amante de Álberto de Magalhães estava exercendo, o barão de certo não ouvira o rancoroso epitheto de «miseravel», que a duqueza rosnára, quando elle lhe disse que Eugenia contava com a lealdade de seu marido, e não receiava que as estrangeiras felizes lhe questionassem a posse.

Por fazer justiça á duqueza de Cliton, não duvidamos affirmar que o miseravel barão não seria de certo um holocausto digno da sua vingança, se ella tivesse que fazer. Devemos aceitar-lhe como divertimento, ou capricho, a zombaria que pesava sobre o fidalgo, zom-

baria cruel que devia rematar por uma originalidade, que ainda não vimos contada em algum romance, e cuja publicidade estava reservada para nós.

— De véras prosaico — proseguiu ella, dando-se uns ares de nausea, que afundavam ainda mais as rugas da testa do leão, mudado em bode expiatorio. — Snr. barão! ahi vae um rasgo de caracter, que faz honra ao meu sexo e á minha patria. Uma mulher tem obrigação de ser franca, visto, que os homens são os que se servem das palavras para esconderem os pensamentos, como disse um meu patricio.

— Eu não sou assim, madama.

— Sois!... devieis, a estas horas, ter impedido a minha franqueza, que, pelo descostume, sempre fere mais ou menos o pudor de uma mulher, ainda que ella seja franceza, e tenha uma cadeira das que ficaram nos salões da filha do Regente, e sympathise cordialmente com as *cartas* theoricas de Ninon de Lenclos, e com a prática, um pouco mais eloquente, de Marion de Lorme.

O barão, diga-se a verdade, não a entendia, e fazemos votos por que, n'este momento, a capacidade intellectual das leitoras não seja mais ampla que a do barão.

Entretanto, a duqueza, que sabia mais que todos nós, continuou:

— Franqueza, meu querido snr. barão. Amo-vos!

— Que dizeis, mulher divina?! — exclamou o fidalgo, subitamente erguido, levando as mãos á altura comica de um pae que vae abraçar uma filha, que julgava perdida.

— Já vol-o disse... Amo-vos... Quizera ser rainha de Sabá, para vos fazer rei de Sabá, e conde de Minturnes!

— Senhora, permitti que, de joelhos, vos beije a mão!

O barão de Sá, quando pedia a dramatica permissão, estava de joelhos, e esperava que a mão da divindade lhe viesse ao encontro dos abrazados beiços, que, n'este homem, não eram verdadeiramente labios. Com grande pasmo seu, a mão não vinha, nem a duqueza o mandava erguer-se.

— Deixae-me sentir o nobre orgulho—dizia ella, meigamente soberana — de ver a meus pés o primeiro leão portuguez, supponho eu que o sois, nobre fidalgo da Hespanha. Não vos mando levantar, como é estylo nas tragedias de *Corneille*, porque o meu coração é soberbo, e só se rende á humildade. Gloriae-vos de ter conquistado o coração de uma mulher, que só tem a mancha de ter sido desprezada pelo vosso amigo Alberto de Magalhães. E' vosso, porque elle o não quiz: mas será vosso, como não póde ser de mais alguem...

Ouviram-se passos no corredor. O barão queria erguer-se da postura incommodativa e burlesca; mas a duqueza, retendo-o suavemente, proseguiu:

— Dou graças aos deuses tutelares, por me terem encaminhado aos braços de um cavalheiro, que...

Abriu-se a porta, e entrou o consul francez, que, ferido pelo espectaculo estranho, recuava enfiado. O barão erguia-se vexado, quando a duqueza, soltando uma gargalhada sem nome, de um genero novo de desconhecida zombaria, disse ao consul:

— Viestes a tempo, snr. consul, para desfrutar o final do ultimo acto de um *Vandeville* que este senhor representou commigo. Acabava de beijar-me a mão, intitulando-me rainha de Sabá!...

O barão estava verde! A transpiração momentanea ensopou-lhe a gomma dos colleirinhos. No rapido esforço, que fez ao levantar-se dos pés da duqueza, rompeu

a calça no joelho direito, e estalou dois botões da polaina retesa na posição, que o alfaiate não previra.

O consul fitava-o com desprezo, primeiro, e, com compaixão, depois que a duqueza de Cliton lhe disse:

— Snr. consul, se tendes alguma influencia nos agentes da policia de Lisboa, fazei que este senhor, que me parece uma pobre pessoa, seja recolhido a um hospital de doudos!... Forte desgraça!... Quem vem a Portugal depara encontros extraordinarios!... A Byron appareceu-lhe um malvado, que o espancou; a mim appareceu-me um doudo...

— Tenha a bondade de retirar-se, senhor! — disse o consul com severidade ameaçadora.

— Esta mulher é uma infame, uma devassa! — bradou o barão, fazendo ouvir um ranger de dentes, que fazia lembrar as trevas inferiores, de que falla o Evangelho.

— Vêdes, snr. consul?—dizia a duqueza—De mais a mais é furioso!... Vou fazer entrar os meus creados...

— Retire-se, senhor... quando não vae ser obrigado a pontapés...—disse o consul—tomando o barão, violentamente, por um braço, até ao cimo da escada. N'este momento a duqueza olhava para a porta, e viu recuar o consul, tangido por um prodigioso murro que o estendeu no meio da sala. O desarvorado diplomata apalpava cuidadosamente o nariz fracturado, quando o tylburi do barão de Sá entrava na rua de S. Paulo, mui devagar.

Fiquem sabendo que o tolo, na opinião publica, sabia dar, a proposito, murros sublimes, verdadeiramente portuguezes. Honra lhe seja feita!

VII

Alberto de Magalhães, que affrontára intrepido as borrascas da variada existencia, sentira-se pequeno, vil, esmagado pelo abalo que lhe fizera na consciencia uma mulher, que reputára desprezivel como vingadora da sua deshonra; mas respeitavel como insidiosa intrigante.

Ha homens desamparados, sem um amigo, sem um recurso, impellidos de infortunio contra infortunio, desprezados pelos olhares da sociedade, mordidos pela propria consciencia, finalmente sós com a sua vergonha e o seu remorso. Estes, expulsos de todos os braços, segregados da convivencia dos grandes e dos pequenos, nutrindo-se do seu proprio fel, experimentando em cada novo dia uma affronta nova, não podem considerar-se inteiramente abandonados, se entre mil mulheres que os desprezam ha uma só que os acolha com a familiaridade do amor, com a confiança da estima, acolhimento ineffavel á semelhança do céo no remate de tormentosas penas. Ha d'estes homens, e Alberto de Magalhães, quando desceu as escadas da duqueza de Cliton, era um homem assim.

Fulmínado, com um vulcão na cabeça, com todas as paixões accumuladas, sem respirar nenhuma, o pensamento unico, a unica elevação pura de sua alma, o nome e a imagem que lhe vieram á superficie das fézes amargas, que lhe não cabiam no peito, foi Eugenia. Diante de seus olhos estava o vulto repulsivo da duqueza, vomitando imprecações, cuspindo-lh'as na cara como frechas de lume, accusando o de crimes appensos á sua vida de corsario, assoberbando-se do segredo com

que parecia ameaçar-lhe a reputação em Lisboa, onde tanta gente anciava descortinar o segredo da fortuna d'elle.

A par do demonio, afigurava-lhe a imaginação atormentada a imagem do anjo. Eugenia era a unica pessoa, que vivia da sua vida. Só ella o absolveria dos criminosos conflictos que ennegreciam a historia da sua inesgotavel riqueza. Uma só pessoa do mundo, Eugenia, caíria com elle ao abysmo da deshonra. Com o peito pequeno para os saltos do coração, o terror na face, e a cabeça esteril de recursos, Alberto de Magalhães desafogava nos braços de Eugenia, como criança resentida, a mais varonil, a mais dilacerante das torturas humanas. A mulher, perante quem o corsario quizera ser um rei, saberia brevemente que seu marido fora um ladrão no mar, e adquirira á custa de ouro os arminhos de uma impostura, infame mascara que lhe afivelára nas faces a ella, para que ao mesmo tempo a saliva da deshonra cuspisse em duas caras descobertas.

Eugenia, aterrada do silencio com que Alberto a tomára nos braços, sentindo-lhe as precipitadas pulsações do coração, vendo-lhe lagrimas impossiveis nos olhos de tal homem, presentiu uma grande desventura, e não ousou interrogal-o.

— Alberto... nada te pergunto... — lhe disse ella sorrindo e chorando — Sei que somos muito infelizes. Assim devia ser. Era impossivel que isto durasse muito. No mundo não ha felicidade. Paciencia filho; recebâmos os golpes da Providencia com resignação, mas abraçados, sejam elles quaes forem. Colhemos as flores... colhâmos agora os espinhos... Bem sei... Aquella mulher atormenta-te... sei tudo...

— Sabes tudo!?

— Adivinho tudo... O amor faz a gente prophe-ta... Ha uma ligação de vida e de morte entre ti e aquella mulher...

— Não é assim, Eugenia... Eu já te disse... esta mulher, o mais que póde é quebrar a quietação d'este gôso que principiou, ha pouco tempo, na minha trabalhosa vida... Veio a Portugal depois de me seguir o rasto, quatro annos. Encontrou um padre, que lhe deu signaes certos da minha existencia. Este padre, Eugenia, suspeitas quem seja este padre?...

— Padre Diniz?!

— Não póde ser outro. Um padre portuguez, que encontrou em L'Hasse, passando para as missões, não póde ser outro. Vês o contacto d'aquelle homem o que é? Tudo que roça por elle, cáe em terra. Foi elle que o disse... Traz comsigo o contagio da morte; esta mulher impelliu-a elle para aqui...

— Oh! Alberto!... crês que o padre fosse nosso inimigo?!

— Não. Era amigo do conde de Santa Barbara, de D. Pedro da Silva, de D. Angela de Lima, de D. Anacleta, de tua mãe, de D. Francisca Valladares, devia sel-o de seu pae... e onde estão os amigos de Sebastião de Mello? São seis mortalhas... E' nosso amigo, eu sei que o é; mas padre Diniz é o instrumento cego de Deus; dá um osculo de amor, e traz o veneno da morte nos labios; prepara para os seus amigos um leito de flores, e a sepultura está por baixo d'ellas. Foi elle, Eugenia, é impossivel que o não fosse... Não deixei vestigios meus em parte alguma do mundo. Ninguem soube a minha nação, porque eu fallava todas as linguas, ninguem descobriu no mar a esteira dos meus navios, porque... ninguem ousou perguntar quem ia den-

tro d'elles... Só um homem, superior, tocado por Deus ou por Satanaz, poderia apontar-me, e dizer: «o homem que procuras está em Portugal, e chama-se Alberto de Magalhães.»

— Seria elle, meu filho, mas evitemos a desgraça, se é possivel... Que receias?

— Já te disse que tudo por ti...

— Pois seja por mim... Poupa-te, Alberto; porque se me matam...

— Se te matam?!...

— Sim... perdes uma verdadeira amiga... Todo o teu ouro não te dará um coração semelhante ao meu...

— Matarem-te, Eugenia!... Quem?!... Que Deus ou que demonio póde tanto! Onde está o poder do ouro e do punhal, que consinta inimigos em redor de ti!... Emprazo a Providencia covarde, e todas as legiões de demonios!

Eugenia, se tivesse conhecido *Come-facas,* ou *Barba-Roixa,* ou *Tobias Navarro,* no momento em que estrangulava o irmão da duqueza, ou Alberto de Magalhães arremessando ao Tejo D. Martinho de Almeida, não recuaria, como aterrada da ferocidade que brilhava nos olhos de seu marido. A allucinação fizera-o levar a mão ao lado esquerdo, e comprimir o punho de um ferro, no momento em que pronunciou a palavra *punhal.* Eugenia vira-o sempre alegre ou melancolico, mas em ambas as paixões dominava a suavidade das indoles boas. Aquelle aspecto era-lhe novo. Pareceu-lhe como transfigurado pela cólera em um d'esses caprichos tyrannos, que a pintura da idade média idealisou pelos traços moraes de Nero ou Caracalla. Organisação fina, e de mais a mais espiritualisada pelo amor, e mimosa, pelo habito de ouvir suspiros, e não rugidos, Eugenia soffreu um re-

ceio, que lhe coagulou o sangue... A tremer, encarava-o indecisa, e no pasmo da surpreza não ousava tocar-lhe, porque tinha ouvido dizer a seu marido, que tivera horas, n'esse tempo, de appetecer uma embriaguez de sangue do genero humano. Se, em algumas d'essas revelações, lhe perguntára a que attribuia elle esses accessos, Alberto respondera-lhe: «a um defeito da organisação adulterada pela sociedade, que fazia os infames, e mandava-os subir ao cadafalso». Estas respostas eram precedidas de tristeza, e seguidas de um beijo, que parecia a ultima respiração de um ar envenenado que lhe dilacerava os pulmões. Este lance, porém, era muito diverso dos outros.

Fatigado das contracções nervosas, que vieram depois da apostrophe enfurecida, Alberto caíu extenuado sobre uma cadeira, e anciava como se viesse de luctar braço a braço com um gigante.

Eugenia aproximou-se, silenciosa, e afastou-lhe os cabellos da testa. A mão ficou-lhe humida de suor frio.

— Vae passando, Eugenia...—disse Alberto, tomando-lhe a mão, que levou aos labios — Abençoada sejas, minha filha, que com o teu silencio reprehendeste a cólera vertiginosa do homem sanguinario. Nunca mais me digas que te matam; porque em mim ha o homem que obedece ás fatalidades, e o tigre que salta por cima dos vérmes que o rodeiam. Eugenia! vae entrando no abysmo do meu caracter. Se tenho alguma qualidade boa, a ti a devo. Se me vejo sem ti, com força no braço, e a ferocidade no coração, morrerei afogado em sangue... Aterram-te as minhas palavras. Bem o vejo... D'aqui a minutos seremos felizes...

— Deus o permitta, Alberto...

— *Deus!*... Pois sim... seja Deus que o permitta...

— Quando retiramos de Portugal?

— Brevemente... não sei em que dia; mas não é possivel ser já...

— Se o fosse, ainda que custasse todo o ouro que nos rodeia, e que que é de mais na nossa felicidade...

— De mais, filha... sim... *de mais*... disseste uma verdade, cuja extensão nem tu conheces... E' justamente este ouro que me tem aqui preso uma hora... e quantas serão ellas!... São cadeados de ouro, que me amarram a um poste de ignominia...

— Que dizes, Álberto?

— Nada... um desvario da minha cabeça perdida...

Não era um desvario. O pensamento de Alberto occulto a sua mulher, era muito discreto. Lembrava-se de que a duqueza de Cliton, se elle se retirasse repentinamente de Portugal, propalaria, quaesquer que fossem os documentos com que podesse justifical-o, o boato dos infames precedentes de *Barba-Roixa*, conhecidos d'aquella mulher. E' o que devia demoral-o em Lisboa; do contrario, os cabedaes immensos de Alberto, quasi todos no banco de Inglaterra, não precisavam de espaço para a sua liquidação.

Reanimado por qualquer idéa salvadora, Magalhães saíu, a pretexto de apressar a sua retirada.

A sua carruagem parou á porta do Izidro. Apeando, Alberto reparou em um homem, que vinha descendo, quando elle subia as escadas da duqueza. Este homem occultára o rosto, e, protegido pela tibia claridade do crepusculo, passou por Alberto como quem receia ser conhecido.

— A snr.ª duqueza—perguntou a um creado.

— A senhora, que v. exc.ª hoje de manhã procurou?

— Sim.

— Saíu.

— Quando?

— Não ha dez minutos.

— Naturalmente era um vulto, que me pareceu um homem que encontrei, quando subia.

— Não, senhor. Esse vulto era um homem que jantou hoje com a senhora... duqueza... eu não sei se é duqueza... seja lá quem fôr...

— Seria o barão de Sá?

— É pessoa que não conheço...

— Um homem da minha idade, louro do cabello, com...

— Nada, nada; eu mal o vi; mas o homem pareceu-me velho...

— A que horas costuma recolher a duqueza?

— Não sei, senhor. Ella nunca saíu a estas horas. Hoje vae ao theatro, e não tardará para se vestir, que lhe leva boa hora e meia, segundo dizem os creados.

— Foi de sege?

— Sim, senhor.

— Dás-me ahi um quarto onde espere por ella?

— Pois não... queira entrar n'esta sala.

Deixemol-o esperar, scismando no vulto da escada, e no plano que delineou.

Sigamos a duqueza de Cliton. A sege parou á porta de Alberto de Magalhães. A duqueza mandou-se annunciar como uma estrangeira que desejava fallar a s. exc.ª Responderam-lhe que o senhor não estava em casa; mas que a senhora mandava subir a pessoa que procurava seu marido.

Admiremos o caracter de Eugenia.

Quando se lhe annunciou uma estrangeira, a esposa de Alberto não hesitou um momento em crer que a duqueza de Cliton procurava seu marido com sinistra intenção. E não lhe viram um ligeiro signal de pertur-

bação. Quem visse seu pae, dezoito annos antes, dar a voz de fogo ás espingardas que deviam vomitar-lhe as balas no peito, juraria que Eugenia era filha do bravo general.

A duqueza estava irresoluta se devia aproveitar o offerecimento. Uma idéa subita fel-a saltar garbosamente da sege.

Atravessou tres vastas salas, e encontrou uma mulher que a impressionou, a seu pezar, extraordinariamente.

Eugenia, com a ponta dos dedos da mão direita assentes na borda do marmore de uma jardineira, e a direita na attitude orgulhosa da estatua de Minerva, indicava-lhe com soberania o sofá, em que a duqueza, cortejando-a ligeiramente em bom portuguez, se sentou.

Eugenia, sem o menor trémulo na voz, abriu assim o dialogo:

— Diriam a v. exc.ª que meu marido não estava em casa? Pareceu-me que uma senhora da sua qualidade não teria relações com meu marido, sem podel-as ter commigo.

— Não acertou, minha senhora. Contrahi com o marido de v. exc.ª uma divida, antes que o matrimonio os unisse, de modo que as dividas contrahidas com o esposo se considerem dívidas da esposa.

—Comprehendo-a, senhora.

—Felizmente. Não terei a fatigar-me em explicações. V. exc.ª terá a summa delicadeza de entregar ao snr. Alberto de Magalhães cento e oitenta mil francos, contidos n'esta carteira; e visto que se considera socia no commercio de finanças com seu marido, queira passar-me um recibo...

— Não recebo a carteira...

— E, por consequencia não passa o recibo... É o mesmo, minha cara senhora. Confio na pontualidade da entrega, e peço-lhe as suas ordens.

— Queira v. exc.ª levar a carteira.

— Não me forçará a isso... Supponho-a delicada bastante, minha senhora, para m'a não mandar prender ao pescoço. Ora, como importa saber quem deixa este dinheiro, eu vou deixar aqui o meu nome...

— É ocioso, snr.ª duqueza de Cliton.

— Ah! conhece-me... É muita honra, snr.ª D. Eugenia. Em todo o caso, deixarei um bilhete de visita... Que pena! Não trago nenhum no meu indispensavel!... Não importa... ha um meio em recurso extremo.

A duqueza tirou um lapis, chegou em passo de rainha de tragedia á parede, e escreveu:

MÁNEL, THÁCES, PHÁRES.

D. Eugenia reparou, e riu-se.

— Achou galanteria nos meus apellidos? — perguntou a duqueza, persuadida do riso ignorante de Eugenia.

— Galanteria, não; parece-me ridicula a sua mão, querendo arremedar a mão de Deus no festim do rei de Babylonia!

E continuou a rir-se com a mais pungente zombaria.

A duqueza enfiou.

— Ria, senhora; mas imagine aquellas lettras escriptas com sangue, e não com fogo...

— Isso é muito bonito em romances, snr.ª duqueza; mas aqui... repare... uma pouca de saliva e uma luva faz desapparecer a sua legenda.

Eugenia cuspiu no lettreiro, e com uma luva deixou apenas uns laivos escuros.

— Acho-a sublime, senhora! Vejo que é legitima metade de um corsario! Já dançou sobre as vagas do mar?

Já assaltou, de punhal na mão, a amurada de algum navio mercantil?

Eugenia não comprehendeu a pergunta da rival; mas empallideceu.

— E' pena que nascesse em tão pequena terra! — continuou a duqueza, contando com o triumpho que lhe fugia — Mulheres assim, corajosas e desenvoltas, devem respirar por mais largo. No mar, são infinitos os horizontes, e as commoções estrepitosas. Nobre dama, a quantas abordagens felizes acompanhou o intrepido Barba- Roixa?

— Não a comprehendo, senhora! Poupe-me o desgosto de a mandar saír...

— Pois sim... saírei, primeiro, delicada senhora!... V. exc.ª sairá depois com os olhos fixos n'aquelles traços negros... E' preciso que a mulher de Balthazar abandone ás chammas os seus reaes aposentos.

A duqueza saíu. Eugenia entrou rapida no seu quarto, e caíu de joelhos, a chorar, diante da imagem de uma *Nossa Senhora*, que sua mãe lhe dera, e recommendára como protectora nas suas maiores afflicções.

VIII

Alberto, alguns minutos depois que entrára na sala do Izidro, esperando a duqueza, recebeu da mão de um seu creado da carruagem uma carta.

— Quem te entregou isto?

— Não conheci, senhor; era um homem que não deixava ver um bocado da cara; parece-me que era o mesmo que descia as escadas quando v. exc.ª subia.

—Elle espera resposta?

— Não, meu senhor: retirou-se logo.

A carta continha o seguinte:

Alberto de Magalhães, retire-se d'esta casa. Evite encontrar-se com a duqueza de Clíton. Não pense dois minutos, depois que receber esta intimação. Vá hoje infallivelmente ao theatro.

A lettra era-lhe desconhecida: embora; ninguem, que não fosse uma personagem muito interessante no drama, que ia correndo, escreveria semelhante carta. Força sobrenatural obrigava-o a respeitar a intimativa de tal ordem. O temor de pequenas cousas faz as grandes superstições. Alberto retirou-se. Entrando na carruagem, sentiu o rodar de uma sege. Palpitou-lhe o coração que a duqueza vinha alli; mas o preceito anonymo mandava-o evital-a. Seguiu a rua opposta, e entrou em sua casa, menos exaltado que de manhã, mas muito mais maravilhado da figura mysteriosa que apparecia annexa ao plano aniquilador da sua felicidade.

Eugenia, contra o seu costume, não veio encontral-o com o beijo carinhoso da saudade.

— A senhora?—perguntou elle.

— Está no seu quarto. Deu ordem que não a chamasse, se entrassem visitas.

— Deu-se algum acontecimento emquanto estive fóra?

— Veio aqui uma senhora estrangeira. Demorou-se poucos minutos; e, logo que ella saíu, a snr.ª D. Eugenia entrou no quarto, e levava os olhos rasos de lagrimas...

— Vá dizer-lhe que preciso fallar-lhe; se me dá licença que entre no seu quarto.

Eugenia, porventura absorta nos pensamentos que a faziam chorar, não ouvira a carruagem. Quando a crea-

da lhe deu o recado de seu marido, que não esperava tão cêdo, correu a abraçal-o, exclamando:

— Tu aqui!... Estava pedindo á Mãe de Deus que te acompanhasse...

Entraram no quarto. O leitor suppõe as revelações que Eugenia vae fazer a seu marido. Deixemos Alberto n'essa dolorosa provação da sua coragem moral; n'esse martyrio sem nome, que a palavra *corsario*, pronunciada por sua innocente mulher, lhe fará soffrer.

Vamos á residencia da duqueza de Cliton, que ha momentos se recolheu.

Quando a creada vinha ajudal-a a despir os enfeites incommodativos, foi repellida.

— Deixa-me!...—bradou ella, atirando-se ao canapé, e arrancando a pedaços as luvas, que não saíam promptamente das mãos. Tregeitava com os olhos, com os labios, com os braços e com as pernas. Parecia assaltada por uma legião de insectos, que a mordiam em todas as fibras. Possessa de rancor impotente, cruzando a sala a passos largos, parando um momento para redobrar os impetos, fazendo estalar os nós dos dedos, e fremir os suspiros que lhe não cabiam no peito arquejante, a vaidosa duqueza accusava a sua propria covardia, por ter deixado incolume a mulher de Alberto de Magalhães. Indecisa se devia tentar outra vez a entrada em casa d'ella, resolvera-se pela ida, escondera duas pistolas na algibeira interior de uma murça de pelle de tigre, e levantava o fecho da porta, quando a porta se abriu por mão exterior. A duqueza recuou primeiro, depois, reconhecendo a pessoa que lhe impedia a saída, offereceu-lhe a mão.

— Não vos esperava agora — disse ella, sentando-se —A vossa vinda é uma providencia, ou uma desgraça...

— Vejamos qual das duas missões devo aceitar... — disse o vulto desconhecido de Alberto de Magalhães, deixando caír a capa dos hombros, e recostando o cotovêlo á cadeira da duqueza.

— Quero uma vingança!...

— Já sei que é esse o vosso pensamento, snr.ª duqueza.

— Mas quero-a prompta, hoje, e já.

— Augmentaram os estimulos d'esse odio implacavel?

— Exasperaram-m'os!... A mulher de Alberto insultou-me com sarcasmos... Quiz beber um golo do fel, que o infame me verteu no coração... ha de bebêl-o...

— De que modo, snr.ª duqueza?

— De que modo? Não sei... o odio me aconselhará...

— Não tencionaes disparar uma pistola no peito do marido?

— Sim.

— Que mais quereis? Se privasseis da vida a viuva, em vez de vos vingardes, far-lhe-ieis uma esmola, porque Eugenia ama esse homem com delirio.

— Tendes razão, senhor!... Não tocarei n'essa mulher... mas a minha vingança quero-a hoje. Sabeis a historia dos meus padecimentos... é preciso que eu tenha uma hora de felicidade... estou suffocada: sinto aqui na garganta uma corda, ha cinco annos... quero respirar...

— Respirae. O perdão das injurias é uma respiração; mas essa não vos aconselho eu. A Providencia de Deus tem seus tribunaes na terra. Vós sois o algoz que recebeis o cutelo da mão providencial.

— Eu não cumpro designios da Providencia... Vingo a morte de meu irmão, que foi morto quando salvava a minha honra.

— E, comtudo, o sangue de vosso irmão não lavou as nódoas do vosso caracter...

— Não: e que importa isso? Que me importa a face que tenho voltada para o mundo? Desprézo com todo o asco a opinião publica. A minha consciencia é que me dá preceitos, as nódoas que tenho, e que me vêdes, não as póde lavar o sangue de meu irmão; mas veremos se tranquilliso a consciencia com o sangue do assassino covarde...

— Alberto de Magalhães?

— Sim!... e quero que seja hoje...

— Seja hoje.

— Aconselhae-me, já que viestes seguindo os meus passos para dirigir as minhas tenções.

— Não me dissestes, duqueza, que o vosso odio vos aconselharia?

— Pois então de que me servis?

— Acompanhar-vos-hei... e quando o vosso braço fraquear...

— Conto com o vosso? Não precisarei. As minhas pistolas são boas, e a pontaria é infallivel.

— Quereis um conselho?

— Dizei... senhor... ia-me enganando... nem a sós comvosco, devo chamar-vos pelo vosso nome?

— Não.

— E o caso é que vos obedeço prodigiosamente.

— Naturalmente aos cabellos brancos.

— Não sei... Vós tendes na physionomia um sêllo sobrehumano. Conheço-vos, vi-vos ha seis mezes; conheço-vos ha tres dias, e penso que estou debaixo de uma influencia magnetica ha muitos annos...

No vosso caracter, duqueza, é uma maravilha que me faz honra... Reparae bem que sou um homem, pouco mais ou menos organisado como o barão de Sá...

O que tenho mais que elle... são os annos, o sangue arrefecido, a cabeça quasi como o coração...

— Mas... eu não comprehendo isto!

— O quê, duqueza?

— O interesse que tomaes na minha vingança...

— Não tomo nenhum.

— Nenhum? Cada vez sois mais problematico!

— Aconselho-vos, e nada mais. Nem ao menos tenho o interesse do advogado, que aconselha o seu cliente...

— Mas, em tal caso, deverieis aconselhar-me para o bem...

— Que chamaes vós o *bem?*

— O perdão das injurias.

— Escarnecerieis, e os vossos creados não me deixariam entrar na vossa casa, segunda vez.

— O que devo então pensar? Que quereis a minha gratidão de uma maneira ou da outra?

— De nenhuma.

— Por Deus! Isto parece-me um trocadilho de phrases... Que mysterioso homem sois! Dizei-me por quanto ha: devo julgar-vos a pessoa que encontrei ha seis mezes?

— A mesma pessoa.

— Com outras idéas?

— Com as mesmas idéas, e seis mezes de mais. Resumi as vossas perguntas, que se faz tarde.

— Tarde!... para quê?

— Vesti-vos.

— Que me vista!... onde vou?

— Ao theatro.

— Com que fim?

— Vereis Alberto de Magalhães.

— Sim?

— Sim, duqueza.

— Duvido...

— Não duvideis.

— E sua mulher... irá?

— Não sei.

— E depois?

— Entrarei comvosco na carruagem, antes que a de Alberto tenha partido. Pararemos na rua proxima da de Alberto, e apearemos.

— Depois?

— Á meia noite é cerrada a escuridão. Ninguem nos verá escondidos na esquina do palacio. Quando Alberto apear...

— Que farei?

— O que o odio, vosso leal conselheiro, vos disser.

— Agora comprehendi-vos, senhor!

— De que maneira?

— Tendes odio a Alberto de Magalhães.

— E não tenho coragem para uma vingança directa, é o que quereis dizer?

— Não digo tanto...

— Pensae o que quizerdes, duqueza.

— Seja o que for... a vingança é minha! Se quizesse recuar, não poderia, depois que vos ouvi... Sois imperioso... esperae que eu me vista.

A duqueza saíu, e deixou a murça com as pistolas sobre a jardineira. O confidente do assassino viu as pistolas uma a uma, voltou as costas para a porta d'onde podia ser observado, e esteve assim alguns minutos.

N'essa noite as aias não tiveram senão que admirar a rapidez do toucador da duqueza de Cliton. Voltando, encontrou o seu hospede sentado, profundamente distrahido comsigo, se o julgarmos pela immobilidade em que a cabeça, entre as mãos, se conservou.

— Prompta! — disse ella, e foi tirar as pistolas da murça. Ergueu os pêrros varonilmente, e trocou por outros os fulminantes.

— Sois prevenida, senhora duqueza...

— Achaes?

— Não vos falta o menor ademan de um jogador de armas... Sois a Judith dos tempos modernos... A França dá todos os seculos uma Joanna d'Arc...

— Aceito a comparação... Vamos?

— Ide. Eu vou a pé. Não entro no theatro. A' saída encontrar-me-heis á portinhola da carruagem.

— Ai que loucura! — exclamou a duqueza — eu não mandei tomar bilhete de camarote!...

— Esqueceu-me dar-vol-o, senhora. Está aqui, n.º 10 da segunda ordem.

A duqueza aceitou, maravilhada. Desceram ambos, e separaram-se no pateo do hotel.....

.....

IX

Quasi simultaneamente chegavam duas carruagens, e abriram-se dois camarotes, em S. Carlos.

Em um entrava a duqueza de Cliton. No outro Alberto de Magalhães, e sua mulher. Os oculos encontravam-se ao mesmo tempo; depois, desceram da posição observadora, para nunca mais se encontrarem.

Eugenia recebia, como sempre, affavel e desvelada as visitas successivas. Cortejava com o seu sorriso de encantadora sympathia os cavalheiros da plateia, que por-

fiavam em merecer-lhe uma d'essas frivolas attenções, mais para reparo dos seus vizinhos, que para gosto seu. As damas dos camarotes acenavam-lhe com os leques, e por acenos lisonjeavam-lhe o gosto do seu penteado de canudo de trancinhas enfloreadas, que era o supremo luxo das damas de 1836.

A leitora não admira tanto o gosto do penteado, como a paciencia de Eugenia em alindar-se caprichosamente, na mesma noite de um profundo abalo á sua tranquillidade e de uma formal ameaça á vida de seu marido. Duas palavras de um bilhete anonymo explicam tudo. Como viram, Alberto entrou no quarto de Eugenia. Ouvira em poucas expressões, arrancadas como gemidos, a apostrophe sanguinaria da duqueza. Caíra, a seu pezar, em um profundo abatimento, de que sua mulher tentava salval-o Era esta a dolorosa situação de ambos, quando um creado, fóra do quarto, pedia que lhe recebessem uma carta, que devia ser immediatamente entregue.

Eugenia tremeu de encontrar n'aquella carta a revelação de um novo infortunio, se podia havel-o; mas recebeu-a com anciedade, e entregou-a a Alberto.

Continha isto: *Filha de Antonia Mascarenhas, não tremas pela vida de teu esposo. Vae passando a nuvem. Sorri a novos dias de felicidade.*

A lettra d'esta carta era semelhante á que Alberto recebera no hotel. Como a voz de um anjo invisivel, que falla em nome de Deus, aquellas palavras levaram a convicção ao espirito de ambos. Um nome passou de relance pelo coração dos dois, mas não ousaram proferil-o. Era impossivel!... Padre Diniz áquella hora devia estar no Japão... Era, talvez, um milagre!... Um enviado da mãe de Eugenia!... Esta piedosa idéa tocou

a supersticiosa intelligencia da esposa de Alberto: mas, tão extraordinaria lhe parecera, que não ousou communical-a a seu marido, quasi sempre armado de um sorriso de incredulidade para as chimeras espirituaes da visionaria de Cintra.

Alberto devia ir ao theatro: o preceito, depois que viu a segunda carta, parecia-lhe inviolavel. Eugenia queria acompanhal-o, sentindo um dobrado prazer de encontrar-se face a face com a furiosa rival; precisava de ferir-lhe o amor proprio, juntando ás liberalidades da natureza quantas a arte podia inventar-lhe. Foi, e nem um signal de soffrimento, nem um instante de melancolia lhe notaram. Era tudo, n'aquella physionomia, irradiação de jubilo, e n'aquelle corpo de fada, resplandor de rendas, de ouro e de brilhantes.

Não assim a duqueza de Cliton. Os seus bellos olhos mergulhavam em um abysmo cavado pela imaginação procellosa sobre a turva dos frivolos, que, n'aquelle instante contemplavam uma linda mulher, que, mal diriam, meditava um assassinio, realisado poucas horas depois. Pallida, mas por isso mais á feição romanesca dos espectadores, a duqueza nunca dera tanto nos olhos, nem excitára tanto o appetite de ser conhecida.

O barão de Sá, que fora victima, mas victima que dera um gentil sôco nas ventas audaciosas do consul de Luiz Filippe, estava contente na plateia, cercado de bons esturdios, contando a seu modo a aventura estranha, dominando a gargalhada ruidosa que perturbava o espectaculo, e recrudescendo a sua vingança a ponto de capitanear uma bateria de binoculos assestados na lívida duqueza.

O cavalheiro do Porto, que mettera em semelhantes entalas o barão, era o mais estridulo nas risadas, applau-

dindo-se da sua obra, e compromettendo-se a provar ao barão que a estrangeira da aventura continúa a ser rainha de Sabá e condessa de Minturnes. Novas gargalhadas, novas observações, chasco d'aqui, agudeza d'acolá, attenção de todos e sobre tudo o indispensavel *sio* dos pacificos burguezes, que tinham em resposta um «fóra, parvos!» ou outra equivalente amabilidade.

Alberto de Magalhaes observava do seu camarote as affrontas directas á duqueza. Eugenia acompanhava-o n'esta analyse, e murmurou ao ouvido de seu marido:

— E' com ella?

— E'.

— Por quê?

— Não sei... Vejo que o motor principal é o barão de Sá.

— Acho aquillo infame.

— De certo.

Esta ultima palavra foi dita já fóra do camarote. Alberto entrou na plateia: o oculo da duqueza acompanhou-o até ao grupo dos que a insultavam, e a tinham obrigado a esconder o rosto com o leque, e ao ver que elle se associava aos outros, temeu verdadeiramente, e retirou se para o fundo do camarote, soltando uma risada nervosa, um como rugido de hyena, quando chega a hora de cevar-se.

Entretanto, Alberto parou defronte da duzia de cavalheiros, que lhe prestaram attenção, e se gloriariam de merecer-lhe um sorriso, se elle o tivesse por sua galhofa.

— Sois uns miseraveis covardes, senhores! Insultaes uma dama, que não tem um homem no seu camarote. Olhem que deshonram suas irmãs, abrindo o exemplo!

Se levantasse um pouco mais a voz, poderia ser ouvido no camarote da duqueza. Resposta, nem um mo-

nosyllabo! Realmente os folgados mancebos não eram tão valentes como espirituosos. O proprio barão de Sá, que fora feliz na ultima refrega, não tinha confiança em si nem esperava dar mais, na sua vida, um segundo sôco do calibre do primeiro.

Alberto retirou-se placidamente, sem lembrar-se de que o somno do dia seguinte poderia ser-lhe perturbado por algum cartel.

A duqueza nunca mais viera á frente do camarote. A indignação contra o barão de Sá, e seus sequazes era geral. A auctoridade, se não receiasse algum bofetão, de certo interviria no escandalo; mas, na turba, avultava o commandante de um corpo, e a espada n'aquelles dias cheirava ainda a sangue, perfume que revolta o olfacto das auctoridades civis.

O resultado foi encruecerem-se os odios da duqueza. No seu apaixonado raciocinio, aquella galbofa de barbaros fora promovida por Eugenia e Alberto. Faltava-lhe, para completa evidencia, vel-o a elle na roda dos miseraveis aduladores do ouro do corsario. Logo que o viu, os seus olhos não podiam ver mais, precisavam retrahir-se a uma scena infame. Foi quando ella soltou a gargalhada, ouvida nos camarotes proximos, que tiveram a leviandade de a reputarem meretriz; mas nem assim applaudiam o desfaçado insulto á desgraça. Depois da gargalhada, vieram as lagrimas, excitadas por um mixto de raiva, de orgulho, de dignidade, e até de compaixão de si mesma. Por que não se retirava do camarote aos insultos? Porque não podia quebrar uma alliança feita com o seu officioso conselheiro, interprete fiel do immenso odio, que lhe fazia de cada minuto, que decorria, um seculo sem vingança. No meio do quarto acto, os da plateia inferior repararam na saída de um

homem de cabellos brancos, oculos azues e longas barbas.

Findou a opera. A duqueza de Cliton, quando saía do seu camarote viu um homem embuçado, hombro a hombro com ella.

— Vinde a meu lado.

Era-lhe desconhecida esta voz. Quando descia, a turba dos insolentes fazia roda no peristilo do theatro, por onde ella devia passar. O encapotado, figura celebre e anachronica fóra de Veneza e dos dramas arripiados, parou com todo o sinistro da arte defronte do grupo. Não fallou; mas a roda abriu duas alas, e a duqueza não ouviu um remoque. Poucos passos distante d'esta scena, estava Alberto. Quaes as suas intenções eram, poderia adivinhar-lh'as quem soubesse o que, nos olhos d'elle, queriam dizer os raios de sangue. Eugenia esperava Alberto, trémula, encostada ao braço do conselheiro, que tinha dito com grande surpreza: «Oh!... esta mulher... é a duqueza de Cliton?» e maior foi o seu espanto, quando Eugenia lhe respondeu:—E'.

A duqueza e o encapotado entraram na carruagem.

— Vou cheia de fel, senhor!

— Sei-o.

— Presenciastes?!

— Presenciei.

— Não me dissestes que não vinheis ao theatro?

— Vim... segue-se que vos enganei, duqueza.

— Que é isto?—disse a duqueza, vendo o seu confidente despegar umas longas barbas, e levantar das orelhas umas cangalhas.

— E' o homem com todas as suas variantes...

— Cada vez mais inintelligivel...

— Sou um jerogliphico humano, senhora duqueza

Este nó gordio ha de partil-o o tumulo...—disse elle, sorrindo amargamente.

— Então vistes o infame Alberto na roda dos que me insultavam?

— Não vi.

— Desmentis-me, ou não reparastes?

— Desminto-vos.

— Senhor! — exclamou a duqueza, saltando sobre o coxim.

— Alberto fez calar os insolentes.

— Mentis!

— Mercê, senhora duqueza!... Se me dizeis, com consciencia, que menti... confesso que não reparei.

— Dizei antes assim... e perdoae a minha exaltação.

— Affronta por affronta... não tenho que perdoar-vos.

— A minha vingança é cada vez mais legitima.

— Deixae a Deus esse juizo.

— Não me falleis em Deus!... Eu não creio em Deus.

— Haveis de crer.

— Quem me forçará?

— A desgraça.

— Maior desgraça do que esta?! Qual?

— A de vossa mãe...

— Minha mãe!... conheceste-a?

— Sim... duqueza de Cliton...

.....

A carruagem parára na rua indicada pelo homem das barbas postiças ao boleeiro.

— Cobri-vos com esta capa e com este chapéu, senhora duqueza.

— E vós?!

— Tenho outro chapéo e outra capa... Apeae-vos. A carruagem de Alberto vem atraz de nós.

Apearam.

— Olhae lá... O homem, que ides assassinar, está ao pé de nós. Dentro de tres minutos deve ser um cadaver. Tendes coragem?

— Tenho!...—respondeu ella com impetuosa energia.

— Não vos treme a mão na coronha da pistola?

— Não.

— Vinde... encostae-vos a essa porta. Quando elle saltar da carruagem... desfechae.

— Para onde ides?—perguntou ella a tremer.

— Estou perto de vós.

A carruagem parou. Alberto saltára, e ao voltar-se para dar a mão a Eugenia, ouviu o estalo de um fulminante. Quasi ao pé de si estava o vulto, que lhe batera uma pistola. Eugenia caía desmaiada para o interior da sege, quando Alberto corria sobre o supposto assassino com um punhal. O punhal descia sobre um vulto, quando outro susteve o braço de Alberto, ao mesmo tempo que a duqueza desfechava a segunda pistola, com o mesmo resultado. Alberto arrancava o braço da mão que lh'o suspendera, quando ouviu estas palavras:

— Alberto de Magalhães, é uma covardia assassinares uma mulher!

Palavras, que o fulminaram! O punhal caíu-lhe das mãos. A convulsão do rancor converteu-se na sinistra immobilidade do cataleptico. Os joelhos dobravam-se-lhe, sem que a alma os mandasse... Arrancando a voz á suffocação da surpreza, exclamou:

— Oh padre Diniz!... dizei-me que sois um Deus, porque é preciso adorar-vos.

E ajoelhava.

— Erguei-vos, senhor! Não pronuncieis esse nome... Alguem houve chamado assim... quem quer que foi... morreu!... Duqueza de Cliton, se este homem devesse ser morto por vós, Deus não permittiria que eu vos encontrasse... Segui-me!... Alberto, dizei a Eugenia que sua avó era martyr, e sua mãe uma santa... e que os soffrimentos do mundo lhe são indemnisados em beneficio d'ella... Adeus.

Padre Diniz guiava pelo braço um automato, sem vontade e sem acção; era a atrophia moral, a surpreza que retrahe a sensibilidade em um spasmo estupido.

X

A duqueza de Cliton, apenas apeou na hospedaria, pediu licença ao seu conductor para retirar-se ao seu quarto, porque sentia necessidade de deitar-se.

— Sim,—respondeu padre Diniz—mas sentae-vos alguns momentos n'este canapé. Eu tenho necessidade de fallar-vos, e vós de me ouvir. O vosso incómmodo é todo espiritual, e a cama e a solidão são o peior dos refugios para quem soffre da alma. Sentae-vos, duqueza... conversemos. Olhae para mim, que sinto uma angustia sobrenatural, quando vos vejo os olhos... e eu gosto das angustias... são o meu alimento, e recaio em um torpor tedioso quando me faltam commoções que me laceram a vida pedaço a pedaço. Olhae para mim, filha de Blanche de Montfort!

A duqueza estremeceu, e encarou involuntariamente a face ragosa do padre.

— Que vos pareço? que juizo fazeis d'este homem que aqui está?

— Nenhum... não sei o que sois... tremo até de o saber...

— Odiaes-me?

— Por quê? Acho que devo ser-vos agradecida, porque me não deixastes morrer ás mãos d'aquelle homem.

— Tendes para commigo uma obrigação mais solemne...

— Qual?

— Não consenti que o matasseis...

— Isso não o devo a vós, se é motivo de gratidão... Devo o ás minhas pistolas, que me atraiçoaram...

— As vossas pistolas foram fieis: fizeram o que podiam fazer... não estavam carregadas...

— Isso é falso... carreguei-as eu.

— Não é falso, duqueza, as pistolas...

— Que é d'ellas?

— Estão aqui descarregadas...

— N'esse caso atraiçoaram-me... Deu-se uma infamia, que eu ignoro... Fui atrozmente enganada por alguem...

— Por mim...

— Por vós?... Descarregastes as minhas pistolas?...

— Vêde, senhora, tenho aqui n'esta algibeira a polvora e as balas.

— Mas isso, senhor, é uma infamia, uma traição, uma ignominia que não tem nome!... Quem vos deu o direito de entrar na confidencia dos meus segredos, para me atirar ao ridiculo?

Padre Diniz, sorrindo, e humedecendo os labios, que pareciam de repente calcinados, abriu uma carteira de marroquim vermelho, tirou uma carta, já cortada nas

dobras, como escripta ha muitos annos, e offereceu-a á duqueza.

— Conheceis esta lettra?

— Creio que sim!... Esta lettra... deixae-me reparar... esta lettra é de...

— Fallae baixo, senhora... é justamente de quem suppondes... A assignatura desengana-vos... olhae... *Blanche de Montfort*...

— Minha mãe!

— Sim... vossa mãe... Lede estas quatro linhas.

— Não posso!... Estou perdida da cabeça... Minha mãe morreu ha vinte e sete annos... Com que direito possuis esta carta? Que ligações vos prendem a minha desgraçada mãe?... Respondei, senhor. Se me dizeis que ha Deus, que ha commiseração, que ha virtudes práticas por amor de Deus, tende para commigo a virtude de me dizer quem sois!

— Quem sou!... Duqueza, essa pergunta é-me feita ha mais de cincoenta annos, tenho-me consultado para responder a ella, e nunca respondi ao meu proprio desejo de saber quem sou...

— Isso é dramatico, é mysterioso, deve lisonjear bastante o vosso caracter sobrenatural; mas, na situação desgraçada em que me vejo, não acho prazer em apreciar a vossa missão extraordinaria, não quero saber por que força occulta Alberto de Magalhães vos ajoelhou. O que preciso, o que não dispenso saber é o dominio que quereis exercer sobre mim, a virtude que vos manda acompanhar cavillosamente os meus passos, e atraiçoar os meus planos.

— Ouvi as quatro linhas, snr.ª duqueza: *Se uma imprevista eventualidade fizer desgraçada minha, filha não a deixeis abysmar-se. A infeliz é a vergontea de um*

tronco corroido de vérmes: serão amaldiçoados os seus frutos.

— A prophecia não se realisou! — disse a duqueza, recuperando toda a energia varonil do seu caracter.

— Bemdito seja Deus, se a prophecia se não realisou!... E eu cuidava que sim...

— Não! repito-vos que não! Resvalei em um abysmo mas ergui-me! Não estou deshonrada!

— Silencio, senhora!

A duqueza via repentinamente empallidecer o padre. Aquellas duas palavras assustaram-a, como um ecco dos tumulos. O velho cerrava o punho esquerdo, ao qual encostára a cabeça; mas o braço tremia, e a convulsão fazia ranger a cadeira, a que elle se encostava.

Passaram se minutos. A situação de ambos é uma agonia superior á concepção de quem procura em um romance avaliar o exterior dos soffrimentos sem uma cicatriz no coração.

Este conflicto é interrompido por uma creada, que annuncia um cavalheiro que precisa absolutamente fallar com a duqueza de Cliton.

A duqueza recusa-se mas as instancias redobram. Padre Diniz, que ouvira silencioso as respostas d'ella, ergue-se em um impeto, e abre a porta da sala. Alguem sem outro convite, entrou atropelladamente... E' Alberto de Magalhães.

Padre Diniz recua, e deixa caír os braços quando o cavalheiro faz menção de abraçal-o. A duqueza, perplexa e livida, presenceia immovel o lance inexplicavel.

— Que quereis, snr. Alberto de Magalhães? — perguntou o padre em um tom severamente rancoroso.

— Estranho-o, padre Diniz!...

— Abreviae a vossa resposta: a quem procuraes?

— A snr.ª duqueza de Cliton.

A duqueza, restaurada do primeiro torpor, evadira-se da sala. Padre Diniz disse em alta voz:

— Snr.ª duqueza!...

Uma creada veio dizer que a senhora não podia vir á sala.

— Bem vêdes que é inutil esperal-a, snr. Alberto. Quereis alguma cousa de mim?

— Dizer-lhe, ao menos, que não mereço a aspereza com que me recebe... Que mal lhe fiz, senhor?

— A mim... nenhum...

— Então... o seu procedimento é inqualificavel.

— Estes cabellos brancos não admittem uma reprehensão. A velhice, curtida de dores, tem orgulhos, snr. Alberto. Saí da minha presença!... Espero que me não estrangulareis pelo meu *inqualificavel procedimento.*

— Oh senhor!... veja que me cospe o maior dos insultos!... Repare que tenho a affronta no coração e a vergonha no rosto!... Esqueça-se de que falla ao homem que encontrou ha dezoito annos!... Se admitte que a regeneração da virtude seja possivel... se me concede estimulos de homem, seja generoso... seja para commigo um pouco da divindade que tem sido para todo o mundo! Accuse-me!... diga o mal que lhe fiz!... Deus é testemunha da minha innocencia!

— Snr. Alberto... mereço-vos alguma estima?

— Estima, e respeito, senhor!...

— Não procureis mais esta mulher. Não me procureis a mim. Não balbucieis os nossos nomes. Saí d'esta casa.

Alberto retirava-se, pela segunda vez, estupidamente somnambulo, d'aquella casa. Qualquer conjectura que possâmos attribuir ao que elle sentira, será sempre um esforço de analyse impotente. Quando o coração é atur-

dido por um tumulo de oppostas idéas, o caracter exterior fecha-se, esurece-se, e não deixa rasto de luz que encaminhe o observador mais provado na experiencia das dores que o homem esconde com egoismo á fria curiosidade dos estranhos. Quem poderá conceber, em lance tal, o tropel de angustias que embruteciam Alberto de Magalhães?.....

Depois que Alberto saíra, a duqueza entrou na sala e não viu padre Diniz. E' que tambem saíra para entrar em uma ordinaria *casa de pasto com dormida*, na rua de S Paulo.

Ahi, ás tres horas da manhã, sentado a uma pobre banca, alumiado por uma vela quasi extincta, tiritava de frio, aquecendo as mãos na chamma da vela, o confidente da duqueza de Cliton; acabava de escrever no *Livro Negro* algumas paginas, de que copiamos as ultimas linhas, e não as copiamos todas, porque o *livro Negro* de padre Diniz é um volume que se destaca do contexto dos MYSTERIOS DE LISBOA, e será, por isso, em seguida.

Este homem, lembre-se o leitor que o encontramos no declinar da vida, aos quarenta annos de idade, respirando no tumulo de Francisca Valladares, a freira de Santa Apolonia, os derradeiros alentos das paixões mundanas, que deviam ter sido tempestuosas até áquella idade. Os vinculos que o prendem á duqueza de Cliton, se não forem significados nas linhas que vão ler-se, a biographia do homem prodigioso (1) virá depois alumiar as obscuridades em que se esconde um grande críme, a que o levita attribue a longa expiação de profundos dissabores dos ultimos vinte annos.

---

(1) Vide *Livro Negro* de padre Diniz.

— A pagina, fielmente copiada, dizia isto:

.....

«Era esta a paragem que me faltava. A ultima estancia do peregrino, que se avizinhou do tumulo, e a vergonha, o ultraje, devorado surdamente, a ultima palavra da condemnação proferida pelos labios d'essa infeliz...

«Era forçoso que eu encontrasse esta mulher, meu Deus!

«Era forçoso que, antes de consumir o resto de vigor em serviço da humanidade, apregoando o vosso nome a barbaros, o martyrio da alma, a trituração das fibras espedaçadas, precedesse o martyrio do corpo.

«Tenho visto, Senhor! Não quereis que o meu soffrimento seja commum! Quem no futuro contar aos homens a existencia do vosso servo, terá inventado uma fabula, um mytho, que apenas moverá a dor da imaginação, e a piedade dos incredulos.

«Que obscuros martyrios em velhice tão infeliz, em punição tão longa!... E não me queixo, Senhor! Mas consenti que a victima gema, já que lhe seccastes a fonte das lagrimas!

«Prevendo todos os flagellos, não tinha imaginado este, meu Deus! Não pensei que devia seguir os passos d'esta mulher deshonrada, que se vendera para remir os seus creditos em refens, hypothecando a honra por oitenta mil francos!

«Era muito!... era nova esta angustia entre milhares de angustias que rodeiam o crime, eternamente exiado!

«Perdoae-me, Senhor; mas eu quiz avaliar francamente a natureza da vossa vingança! Eu vira que o meu contacto era como a mordedura do escorpião. Uma

sentença de morte fora escripta no céo para bons e máus, que sentissem no rosto o meu hálito, embora os salvasse da indigencia ou do crime. Julguei que Alberto devia morrer assassinado por essa infeliz mulher: ou devia ser o assassino da pobre, que a voz de um tumulo, fechado ha vinte e sete annos, me mandava salvar. Seria um decreto sobrenatural espedaçarem-se esses dois entes? Faltavam dois cadaveres para o meu cortejo de larvas?

«E resisti á Providencia ou á fatalidade! Roubei a bala que devia matar o homem que recebera Eugenia dos braços de Antonia, moribunda. Suspendi o punhal que descia com a morte ao coração da··· filha de Branca de Montfort...

«Eu venci, Senhor! Elles vivem! Mas se esta resistencia aos vossos decretos deve ser punida, que novo castigo póde inventar um Deus misericordioso!?·····

.....

XI

A' hora em que estas linhas eram escriptas, a duqueza de Cliton não invocava, porque o não conhecia, o Deus das tribulações. Sósinha, com a sua desesperação, enfurecia-se nas trevas mysteriosas, que a adjudicavam a sua vontade a um desconhecido, que lhe impunha o preceito da obediencia, em nome de sua mãe.

Incredula, mas supersticiosa até ao absurdo, qualidade repugnante, mas inherente aos incredulos sem a segurança que dá a muitos o estudo da corruptora philosophia dos atheus, a duqueza de Cliton, abrazada na imaginação, e talvez febril, julgou que via o espirito de

sua mãe, mandando-a cegamente obedecer ao homem enigmatico, que lhe falseára a sanguinaria vingança. Excitada pela apparição imaginaria, abriu um bahú, tirou o retrato de sua mãe no tamanho natural até á cintura, collocou-o na mesa do quarto, defronte de si, e sentou-se, fixando-o com assombro, e estremecendo a cada frémito que o seu proprio vestido fazia ouvir nas mais silenciosas horas da noite.

O retrato era um prodigio de arte. O vulto saltava da tela. Aquelles bellos olhos seguiam os menores movimentos da duqueza. As rugas d'aquella testa espaçosa pareciam contrahir-se. Os labios, tristemente cerrados, pintavam-se-lhe trémulos na imaginação espavorida. A visionaria, muitas vezes, quiz afastar dos olhos o painel; mas, ao lançar-lhe as mãos, recuava estremecendo; e se tentava fugir para as trevas da sala, já não era o retrato que a aterrava, mas sim o vulto de sua mãe, suspenso na escuridão, arrastando a longa cauda de uma mortalha branca. Era a febre; porque o sangue queimava-lhe a cabeça, e o coração batia convulso contra os espartilhos que a suffocavam.

A duqueza chamou as creadas, quiz muitas luzes, mandou-as esperar na sala proxima, e esteve até ser dia, defronte do retrato, sem derramar uma lagrima, nem articular uma súpplica. O terror superstícioso não lhe ensinava o desafogo da dor, a eloquencia de uma filha atormentada, que pede á memoria de sua mãe uma inspiração salvadora.

O creado do hotel, que abriu a porta da rua, pouco depois de amanhecer, espantou-se vendo um homem embuçado, justamente o que vinha algumas vezes procurar a rainha de Sabá. Seja dito de passagem que este tolo, fiel á sympathia e identidade de indole que o

prendia a outro tolo, jurou sempre nas palavras do barão de Sá, e por conseguinte, a duqueza de Cliton, na sua opinião, continuava a ser representante da antiga hospeda de Salomão.

Franqueada a porta, padre Diniz subiu, sem interrogar o creado, que não ousava embaraçar uma resolução assim definitiva! O mais que fez, e ninguem deve levar-lh'o a mal, foi commentar o caso de modo que a cousa mais equivoca, que n'aquelle dia lhe amanhecera, ficava sendo de certo a honra da rainha de Sabá. Um tal homem, e a taes horas, de certo, no entender do circumspecto interlocutor do barão, não era o primeiro ministro da rainha. Para amante achava-o jarreta; mas quem sabe se debaixo da velha capa estaria disfarçado um rei da Babylonia, ou do Egypto, nações conhecidas do moço, que ao mesmo tempo philosophava d'este modo, e engraixava as botas dos hospedes?!

A porta em que bateu padre Diniz communicava para a sala em que estavam duas creadas da duqueza, cabeceando com somno depois que se fartaram de annotar as excentricidades de sua ama, que, a acredital-as, ha cinco annos que cumpria fado, especie de Loba-mulher, ou Lobis-homens femea, se os ha, como nós sinceramente acreditamos.

A porta foi immediatamente aberta. O padre, que, sem o pensar, incutia terror prestigioso nas creadas, perguntou pela ama. Disseram-lhe que passára o resto da noite a pé e que a ouviram passeiar no quarto.

Davam-se estas explicações, quando a duqueza appareceu á porta do quarto, acenando ao hospede que entrasse.

D'esta vez, as creadas não duvidariam cantar um terceto acompanhado de rebeca com o moço da hospedaria...

Padre Diniz dera um passo dentro do quarto, e re-

cuou de modo que teria caído, se o não amparára o alisar da meia porta fechada. A duqueza comprehendeu depressa a causa do successo; mas esta comprehensão, por assim dizer, perturbava-lhe ainda mais as mil conjecturas em que trazia perturbado o espirito, ácerca d'aquelle homem.

Foi o retrato que produziu a scena inexplicavel. O padre não soltára uma exclamação, nem fizera um só dos muitos esgares que andam appensos a todas as surprezas, e que fazem as delicias dos pintores e dos actores de tragedias pavorosas. Pallido, sim, porque a pallidez era a sua côr natural; mas além de pallido, o que poderia ver-se-lhe de mais era o brilho extraordinario dos olhos, que se encravavam, pasmados e immoveis, nos olhos, não menos vivos, do retrato. Esta situação durou cinco minutos. É de crer que prolongada outros cinco, nem o coração nem a intelligencia podessem supportal-a; porquanto, padre Diniz, ao cabo d'aquelle espaço de silencioso dialogo, se o era, com a sombra de Branca de Montfort, tinha á flor dos labios um sorriso, que a duqueza não podia encarar, porque tinha mêdo de uma demencia, ou talvez receio de alguma estranha visão que a sua febre lhe afigurava.

A transição, porém, é maravilhosa.

Padre Diniz lança um profundo olhar á duqueza. Estende-lhe a mão com affectuosa meiguice. Conduze-a ao pé do retrato de sua mãe, e diz:

— Sim, Branca; tua filha será uma virtuosa mulher!

A duqueza tiritava de susto, e esforçava-se por soltar a sua mão da do padre Diniz.

— Quer fugir-me, duqueza? É mêdo? de quê, senhora?! Não foi este retrato a sua companhia até agora?

— Foi... e mais ainda que o retrato... Eu vi minha mãe... de outra fórma...

— Não diga isso, duqueza... O seu espirito é varonil de mais para essas fraquezas infantis... Sua mãe está aqui... é justamente esta mulher... O que aqui lhe falta é um sôpro de Deus que lhe dê uma alma. Essa não será restituida á humanidade, que lh'a não comprehendeu, que lh'a cercou de trevas e desalentos, que lh'a despregou do involucro da carne, cortando-lhe fio a fio as ligações que o prendiam... O que póde ver-se n'esta vida de sua mãe... é isto, duqueza. O mais é uma loucura das imaginações abrazadas, ou a estupidez dos espiritos rasteiros... Tire d'alli aquelle retrato, e venha para esta sala.

A duqueza obedeceu machinalmente. Voltando á sala, encontrou o creado da hospedaria, recebendo as seguintes ordens de padre Diniz:

— Chame gallegos que conduzam a bordo de um navio os bahús d'esta senhora.

O creado retirou, e o padre proseguiu sem ser interrompido:

— Comprehendeis, snr.ª duqueza, que saís de Portugal...

— Já?!

— Sim; ás oito horas sáe a escuna franceza *Sacre-cœur*.

— Ficaes em Portugal?

— Não: accompanho-vos até Paris.

— E depois? Abandonaes-me?

— Se vos abandono!? Não! Sigo o meu destino.

— Qual?

— Aquelle que me embaraçastes...

— Não será assim... Eu, a minha vida... precisa de vós...

— D'aqui em diante... não. Entrego-vos a Deus. Supposto que o não acrediteis, será o que tem sido para comvosco. Se blasphemastes... a Providencia não se dóe das blasphemias do reptil. Ha desgraças que absolvem as injurias da creatura contra o Creador; Deus vos dará dias de paz e de amor, duqueza.....

.....

A escuna levantou ferro. Á prôa viram um homem de cabellos brancos, e os olhos rasos de lagrimas, olhando para terra com aquelle olhar derradeiro de um proscripto para o horizonte, onde lhe fica uma desamparada mãe, ou uma filha desvalida.

Quem ficava ahi, em Portugal, que merecesse uma lagrima de padre Diniz?

Uns poucos de tumulos .....

.....

Ao anoitecer d'esse dia, na alta sociedade de Lisboa corriam diversas versões sobre a estrangeira, apupada em S. Carlos. Dizia-se que Alberto de Magalhães, amante d'essa mulher, que tinha o parvo despejo de intitular-se rainha de Sabá e condessa de Minturnes, fora desafiado até ao meio dia por seis cavalheiros, insultados na plateia. Era esta a versão mais authentica, e ao menos, na segunda parte verdadeira.

O primeiro cartel era assignado pelo coronel de cavallaria Jorge Pimentel, o segundo pelo barão de Sá, e os outros, até seis, por firmas notaveis na burguezia nobilitada de fresco.

Alberto serviu-se da phrase, com que respondeu ao primeiro, para todos os outros: *Não se batia.*

O coronel, que não era homem de contemporisações, n'esse dia e no seguinte conservou a espada, virgem, na opinião dos seus camaradas, no inseparavel telim. Ao

terceiro, como não encontrasse Alberto nas vizinhanças do quartel, d'onde se não alongou muito, arrumou a espada para melhor occasião.

O barão de Sá, posto que professor no pugilato (*vide* o nariz do consul), ha quem diga que não saíu de casa tres dias.

Os demais cavalheiros, aliás timbrosos, a pedido de suas familias, tambem fícaram em casa, jogando o voltarete pacificamente. Prudentes pessoas!

De maneira que Alberto, convidado a jantar n'essa tarde com o seu velho amigo e devedor insoluvel, marquez de Cezimbra, atravessára os logares mais frequentados de Lisboa, a pé, e não teve o dissabor de aquietar os cavalheirosos arrufos dos feros espadachins.

Eugenia, que não podera resistir ao abalo da vespera, não saíra do leito esse dia; nem por isso dera a seu marido signal de que o desejava a seu lado. Alberto de Magalhães era homem de segredo para todo o mundo, mas já o não era para Eugenia. Outra mulher, dadas semelhantes círcumstancias, veria na saída de seu marido, depois da scena que a fizera desmaiar na carruagem, um horrivel mysterio: ella não; recebeu-o carinhosamente na volta, e nem sequer, por indirectas palavras, tentou o váo do insondavel coração de tal homem. Isto mesmo era reconhecêl-o; porque não é, interrogando-os, que se conhecem os problemas de certos espiritos, que se nos escondem.

Por agentes mysteriosos, Alberto soube que a duqueza de Cliton tinha partido, e que na repartição competente fora tirado passaporte para Padre Diniz Ramalho e Sousa. As suas investigações chegaram a Paris, d'onde lhe disseram que a duqueza estava na sua quinta de Cliton, e que certo padre hespanhol, especie de capellão que a

acompanhára na sua viagem por Italia e Portugal, tinha embarcado em Marselha, para as missões do Japão, com os missionarios francezes da propagação da fé. Acrescentavam os esclarecimentos que a duqueza vivia muito retirada, com pouco fausto, e que, por delação de uma creada, fora possivel saber-se que a pobre senhora estava maniáca, e tinha dias de beaterio. Ultimamente, rematavam as informações, dizendo que os rendimentos da duqueza eram escassos, por isso que o melhor das suas propriedades fora hypothecado a usurarios, que lhe offereceram avultadas sommas dissipadas por ella na sua extravagante viagem de quatro annos e tantos mezes.

Dias depois que estas informações chegaram, saía de Lisboa um commissario de Alberto de Magalhães, que devia entrar em Paris com um nome supposto, fallando inglez. Este homem era o portador de lettras sacadas em Inglaterra sobre commerciantes de Paris. Deveria informar-se com determinada pessoa ácerca dos credores da duqueza de Cliton, dos quaes cobraria recibos na qualidade de procurador da duqueza ausente.

E, consummadas as prescripções, a duqueza recebia na sua quinta de Cliton, da mão de um inglez, um maço de recibos que acabava de cobrar por ordem de um padre portuguez, seu constituinte, que embarcára para o Japão. A duqueza viu-os com sobresalto, e achou solvido um credito de duzentas mil libras. Na atonia moral em que a deixára surpreza, não pôde logo interrogar o supposto procurador do padre, e quando, capaz de reunir as idéas amotinadas, ia interrogal-o, o inglez, sem ella dar por isso, tinha saído, meio maravilhado da grosseria ou aristocratica insolencia com que fora recebido.

Sabedor do bom andamento do seu negocio, Alberto de Magalhães sentiu-se superior a si mesmo. Na com-

moção da sua expansiva alegria revelou a sua mulher o segredo que lhe escondera, sem receio de desapprovação, mas receioso de vel-o mallogrado por qualquer coincidencia desastrosa. Eugenia, abraçando-o com fervente enthusiasmo, exclamou:

— Oh! como é bom ter um marido assim!... Alberto, cada vez me vejo mais pequena ao pé de ti!... Quantas vezes eu terei sido obstaculo para esses heroismos, que me fazem orgulhosa de ser tua a ponto de receiar que Deus me castigue!

E' por isso que Alberto de Magalhães se reputava feliz, e tremia de sonhar com um abalo á felicidade domestica, que, annos antes, lhe parecera uma utopia de almas pequenas, e faceis de contentar-se com pequenissimos prazeres.

O arroio limpido da sua ventura entrára outra vez no leito d'onde saíra agitado pela tempestade de alguns dias. O céo, o sol, o ar, o theatro, a opulencia, o amor, a esperança, a ternura, o piano de Eugenia, o cortejo dos parasitas, a amizade sincera de algum raro hospede, tudo, outra vez, lhe sorria como dias antes, e lhe embalsamava a existencia dupla de suaves perfumes.

Se a presença do barão de Sá fosse necessaria para encher um vacuo nas passadas regalias de Alberto, nem esse ornamento das suas salas lhe faltou. Boa pessoa, o barão de Sá, que não era valente, fóra do sôco de improviso, nem odiento, passados cinco minutos depois que o apoquentaram, viera pessoalmente dar explicações a Alberto, que o recebeu perfeitamente na sala do jantar, e o serviu de sôpa, a que o barão chamava *potage*, e de uma perna de perú, iguaria que, como quasi *toutes les sauces* (disse elle) lhe captivava a sympathia, a jul-

gar pelo ruido que fazia na sôfrega mastigação, á semelhança dos companheiros de Ulysses.

O barão de Sá tinha sufficiente critica para não roçar de leve o nome da duqueza de Cliton. Queria dar explicações do seu indiscreto desafio; mas Alberto não lhe deixava brecha. Por fim, reanimado por dois calices de champagne, reanimação que muitas vezes pediu emprestada á liberrima garrafa, o barão principiou, meio franceza, e meio lingua nenhuma, a descripção do famoso sôco, que fez rir muito Alberto, e que obrigou Eugenia a retirar da mesa com as mãos nas ilhargas. O barão reputava-se venturoso por ter arrancado estas sinceras gargalhadas, justo galardão do seu triumpho sobre as Gallias, que acabava de commentar um pouco mais chistosamente que Cesar.

Se fosse homem de reservas, o barão não perdoaria nunca ao esturdio do Porto, que lhe metteu na cabeça os titulos irrisorios da duqueza. Esse, sim: lá lhe feriu um pouco a sua susceptibilidade leonina, e por pouco no salão do theatro, não viu sobranceira a segunda edição do murro, que fez morder o pó ao bravo representante *des Tuilleries*, como lhe chamou no relatorio homerico pronunciado em presença de Alberto de Magalhães. Por fim, o coração entrou-lhe nos ordinarios diques, e o cavalheiro do Porto podia, sem receio, dizer ao barão que a rainha de Sabá o nomeára ministro da fazenda.

Ha mais alguma cousa que a benevolencia manda dizer a respeito d'este fidalgo. Não é absolutamente liquido se as attenções para com Eugenia eram puras. Os maliciosos quizeram ver na familiaridade do barão um ressaibo adulterino, que o cavalheiro do Porto, ardente Plutarco dos tolos illustres, julgava não só possivel, mas

até facto consummado. N'este melindroso ponto, a calumnia não passava do murmurar impotente de meia duzia de detractores de profissão, e outras tantas senhoras infames, que o acaso deslocára do alcouce, e viera sentar nas cadeiras estofadas de Alberto de Magalhães. Desculpae, leitoras susceptiveis, se a phrase da legitima indignação nos resalta dos bicos da penna. Se tivesseis conhecido Eugenia, se soubesseis quantos anjos de virtude, como Eugenia, ahi são mordidos pela vibora cevada nas almas torpes de demonios, infamadores de profissão.....

.....

É possivel que o barão de Sá, mais por estupidez que por maldade, aninhasse nas entranhas lôbregas do coração de lama, um pensamento impuro, talvez excitado pela natural affabilidade da neta de D. Theotonio de Mascarenhas. E' muito possivel, porque o fidalgo saíra de Portugal em 1828 com uma aduéla de menos, e perdera outra em Paris. Sem embargo, porém, d'essa consideravel perda, o improvisado amante da duqueza de Cliton respeitava Eugenia, e confessava-se conscienciosamente miseravel, quando o salteavam os fogachos de pretendente infeliz. Eis aqui uma virtude que eleva o caracter do barão de Sá duas polegadas acima do ordinario. Conhecemos raros patetas com a intuição clara de que o mundo assim os acclama, porque realmente a caprichosa natureza assim os fez. A esta boa qualidade deve o nosso excellente barão o muito que nos temos occupado da sua pessoa, que, se nos ler, como é natural, suppomol-o ingenuo bastante para se não julgar desconsiderado nem desfavorecido no retrato que remettemos á posteridade.

XII

E' tempo de procurarmos novas do filho da condessa de Santa Barbara, D. Pedro da Silva, que, anno e meio antes, partira para Londres, e entrára no collegio de mr. Hunt, *suspension Bridge, Hammersimith*, que, por esse tempo, gosava grandes creditos.

As saudades da patria esvaeceram-se mais depressa do que deveria suppôr-se das lagrimas e tristezas d'aquelle adeus a padre Diniz. Absolvamol-o d'esta leviandade, se o foi, porque não temos direito a inculpar certas organisações. Exaltações febris tão facilmente se abrazam como arrefecem em espiritos, ordinariamente infelizes, porque a inconstancia é a suprema das enfermidades humanas.

Quem leu o diario das sensações de Pedro da Silva, no primeiro volume d'esta verdadeira historia, tinha sobeja razão para crer que tanta sensibilidade daria com a pobre creança em uma phtysica pulmonar. Nós mesmo, despeitado observador das paixões incendiarias, quando liamos aquellas lacrimosas estrophes da elegia filial, esperavamos, nos subsequentes apontamentos, um desenlace funebre, um contagio do *spleen* inglez, que precipitasse o sensivel collegial nas ondas do Tamisa.

Felizmente, a organisação do joven era outra, ou a Providencia lh'a modificou.

Pedro da Silva, nos primeiros mezes, escrevia a padre Diniz, queixando-se da austeridade de mr. Hunt, director do collegio. Não era o peso da sciencia que o mortificava, nem mesmo as tarefas litterarias, britannicamente indigestas, lhe causavam o máu humor de suas

cartas. O que elle não podia soffrer era o *improper* inglez, as minucias rabugentas dos mestres de gravata branca, casaca ponte-aguda, e calça a meia-canella. Obrigavam-o a sentar-se com as pernas perpendiculares, e o pescoço a prumo. Pedro da Silva, pelos modos, queria cruzar uma perna sobre a outra, e dar ao pescoço todos os giros que a provida natureza planisára quando deu ás vertebras cervicaes o movimento. Mandavam-o comer, direito e retesado, um palmo afastado da mesa, de modo que uma linha perpendicular tirada da ponta do nariz caísse sobre os dois joelhos hermeticamente chegados, como os do aprendiz do sapateiro que não póde com o rebolo. Mandavam-o, finalmente, fallar pouco, e esse pouo obrigavam-o a fallar com a garganta, penoso arbitrio que D. Pedro da Silva cumpriria facilmente se mettesse na guela uma espinha de peixe, condição necessaria para fallar o inglez sem auxilio de mestre.

Estas e muitas outras razões allegava o collegial nas suas cartas a padre Diniz. As escriptas a sua mãe eram muito poucas. A condessa de Santa Barbara nas cartas a seu filho, em estylo ascetico, revelava uma transfiguração moral, que, graças ao frade franciscano, tambem desfigurava os sentimentos exaltados que lhe vimos por seu filho. Metade da sua alma tinham-lh'a fanatisado: a outra metade, votada para o mundo, era de padre Diniz.

Pedro da Silva, porém, não comprehendia semelhantes distincções. Retirando de Portugal, o resentimento ia com elle. Sua mãe, pelo facto de ser virtuosa viuva do conde de Santa Barbara, não a julgou elle obrigada ao sacrificio dos deveres contrahidos com seu pae antes de ser esposa do algoz, que só á beira do tumulo fôra honrado.

Se o mancebo tinha razão, não o diremos nós. A questão é toda moral. Que a resolvam os moralistas como devia de ser aquelle austero capucho, de cuja instrucção duvidava padre Diniz.

Do que fica dito não se deduza que Pedro da Silva era uma alma banal, futil e neciamente folgazã. Do contrario queixavam se os mestres e os discipulos. Aos dezeseis annos, os proprios inglezes, que parece monopolisarem o enojo melancolico, admiravam-lhe a habitual concentração, o amor do ermo, a rudeza do trato, e o fastio com que olhava os divertimentos dos collegas.

A' hora da aula, procuravam-o no quarto para o reprehenderem, e encontravam-o absorvido em meditações improprias da sua idade. Perguntando-lhe se queria voltar á patria, respondia que não: se queria saír do collegio, que não: se lhe desagradava a sciencia, que não: se tinha alguma cousa a pedir, *que o deixassem.*

Note-se todavia, que a sciencia não podia ser-lhe fastidiosa, porque em boa verdade era manjar que elle não tinha provado em Inglaterra.

De livros inglezes devorára todas as novellas de Anna Radcliffe, e traduzira os *Mysterios de Udolpho,* que lhe merecera, entre todos, uma predilecta preferencia.

De resto, não lia nada util, nem abria as paginas dos livros da aula. Pedro da Silva era poeta. As extemporaneas melancolias, que o indispunham contra a sociedade frivola, que o rodeava, e contra os estudos indigestos dos primeiros annos, eram a incubação do estro, o doloroso parto da primeira poesia, que nasceu balbuciante ao pé de uma flor. Avarento dos seus primeiros sonhos metrificados, ninguem lh'os conheceu, ninguem lh'os entenderia, porque, tres annos depois, o proprio poeta não pôde conceber o estado de sua alma quando

os escrevera. Era o amor? a saudade? a esperança? Era tudo, sentido no mundo interior do moço aos dezeseis annos, e exprimido pela palavra nublosa, que depois se esquece, como palavras que nos foram ditas por uma fada em um sonho venturoso.

Não idealisemos muito, que o tempo não vae para isso. Materialmente, não ha nada inexplicavel; todos entendem. Subtilezas de espirito, deixemol-as a cargo de cada um que sentir em si o ether expansivo dos arroubamentos.

A ultima carta que recebera de padre Diniz annunciava-lhe a morte de sua mãe, occultos quasi todos os promenores do ultimo quadro d'essa tragedia.

O filho da condessa de Santa Barbara reconcentrou-se, chorou raras lagrimas, pensou longos dias e noites interminaveis; pediu, allegando as razões que tinha, dispensa das obrigações de collegial, e inspirou receio aos mestres.

O director, que continuava a receber regularmente tudo que era preciso para o seu alumno, doía-lhe na honrada consciencia a despeza infructuosa do collegial, e dirigiu-se á pessoa que em Londres curava da sua educação. Disseram-lhe que em Lisboa já não existia a pessoa com quem se entendia; mas que, por via de uma outra, continuava a receber reiteradas recommendações para que Pedro da Silva não sentisse a mais ligeira falta, nem as contrariedades que era costume oppôr aos moços, educados em Inglaterra. Estas recommendações vinham da casa Salema & C.ª, até certo tempo; depois, fallecido Salema, e extincta a sua casa commercial, as ordens vinham de um particular.

O leitor recorda-se de ter sido entregue a Alberto de Magalhães o patrimonio do filho da condessa, quarenta

contos de réis, que o padre recebera da mão d'aquelle que, quinze annos antes, recebera quarenta peças, preço do neto do marquez de Montezellos, da mão do padre, na quinta das Alcaçovas.

Alberto, conservando o segredo que pedira energicamente ao cigano Sabino Cabra, transfigurado em padre Diniz Ramalho, encarregára o seu amigo Campos Salema de fazer vigiar em Londres os menores desejos do filho de Angela de Lima. Salema, porém, morrera passados mezes; e os encargos ácerca de D. Pedro da Silva passaram para um nome supposto, visto que Alberto, de modo nenhum, queria figurar n'este negocio, qualquer que fosse a sua maneira de ver as cousas.

Mr. Hunt, honrado director do collegio, dois annos depois que recebera o alumno, e tão pouco aproveitado o tempo via, fez saber para Lisboa que, além de despezas inuteis, a saude do discipulo era cada vez mais debil, e a idade perigosa, especialmente nos nevoeiros de Londres. O correspondente portuguez mandou que D. Pedro da Silva fosse transferido para Paris, se o quizesse. De certo, queria. Recebeu a boa nova com sobresalto, e installou-se em Paris, não em collegio, mas entregue aos cuidados de uma familia que vendia muito caros os seus cuidados, mas emfim cuidava de inventar carinhos novos para ajuntar á mensalidade novas libras.

D. Pedro vivia em Paris, menos ocioso e meditativo. Frequentava um curso de bellas-lettras. Mudara de padar intellectual. Detestava Radcliffe, sua literatura favorita de dois annos antes; enthusiasmava-se com Lamartine, e via tudo colorido do melancolico azul do poeta das *Meditações*. O lyrismo trazia-o por aereas regiões. A anciedade precoce de um amor indefinido convidava-o a provar o pomo, cujo sabor espiritual as endeixas da época

disputavam ao materialismo da escola que expirou, quando as estrophes de Lamartine, bebidas na prosa de Chateaubriand, poetisaram a dor como um adorno das almas privilegiadas.

O nosso mancebo estava francez, em toda a extensão da palavra. Em redor tumultuava-lhe uma sociedade, rica de encobertos thesouros, que lhe excitavam o coração mais apaixonado que curioso. Balzac desflorava-lhe muitas illusões, e Pedro da Silva detestava Balzac. Por esse tempo Gautier publicava as *Obras humoristicas, e* não esteve longe de ser desafiado pelo candido collegial de Londres. O que elle queria era ser homem, quinhoar do fel e do maná, que trasbordava nos romances e na poesia, sua predilecta. Queria, emfim, vasar-se nos grandes moldes, que phantasiára na imaginação escandecida.

Aos dezenove annos era-lhe insupportavel a obscuridade. As portas do *grande mundo* estavam-lhe fechadas. No tumultuar dos salões do bairro *Saint-Germain* não ciciavam os murmurios apaixonados da sua alma atormentada pela sêde d'aquelles gôsos.

Estes desejos manifestou-os á familia com quem vivia, e poucos dias depois saíam de Lisboa cartas, que serviriam de apresentação de Pedro da Silva ás notabilidades da aristocracia de sangue e de dinheiro. Não éra só isto. O joven, perplexo da felicidade que não ousára prever tão cêdo realisada, era possuidor de um carro, dois cavallos, dois lacaios, e o luxo correspondente.

A' sua entrada no ambicionado eden não encontrou o anjo do gladio ardente a estorvar-lhe o passo. Foi bem recebido, e bem aconselhado. Os mancebos mais velhos poucos annos, diziam-lhe que era necessario desembaraçar-se. As damas davam-lhe camelias e jasmins para assumpto de ligeiras poesias, que o acanhado moço não

dia, mas entregava com a mão trémula, e o pejo de noviço no rosto.

O bando dos arruinados no corpo, na alma, e na fortuna, rodeavam-o, mas quasi nunca o encontravam só para o iniciarem liberalmente nos mysterios da seita. A sombra de Pedro da Silva era um velho fidalgo, que lhe não tolhia o gôso, do que era legitimo gôso, e media-lhe a polegadas o profundo abysmo que o ameaçava por debaixo de um alcatifado de flores.

O mancebo foi docil, emquanto a obediencia não era sacrificio. O que devia decidil-o não eram os conselhos paternaes do velho ministro de Luiz XVIII; mas o coração, motor despotico de todas as molas da machina humana, esse sim.

Na primavera de 1837, D. Pedro da Silva acompanhou o seu mentor aos suburbios de Angouleme, onde o visconde de Armagnac costumava passar o estio em uma quinta. O mancebo, ainda poeta de coração, almejava as flores, o matiz verde dos campos, a lympha crystallina dos regatos, a borboleta namorada do botão esquivo do lirio, os horizontes, e o céo, e as brizas eternamente azues de Lamartine.

Não foi, portanto, forçado para a provincia. O idyllio, com o seu cortejo de fáunos e dryades, acenava-lhe de lá com uma grinalda de rosmaninho e madre-silva. Não se riam, leitores, da languidez do estylo: na mocidade sente-se isto; e se não se lembram de o terem sentido, nem saudades lhe veem de lá, podem ser excellentes pessoas, podem ter provado tudo que é bom para o corpo; mas o que não tiveram, nem já agora terão, é o paladar dos gôsos da intelligencia. Isto é por fallar, melindrosos leitores. Eu creio piamente que todos sois,

além de boas pessoas, mais ou menos poetas. Se me engano, não perdemos nada de parte a parte.

O filho de Angela de Lima nada perdeu tambem, saîndo de Paris.

A sociedade, vista de perto, parecera-lhe cousa muito differente do que os romances lhe pintaram. Não vira heroinas nem heroes. Em toda a parte se comia, conversava, passeiava, e dormia da maneira mais positiva e trivial que é possivel. Os episodios estrondosos, poetisados por paixões devastadoras, não os presenciou, nem lhe constou que se dessem. Nos salões as damas frivolas fallavam de vestidos, as preciosas questionavam o merito litterario das *Meditações* e das *Orientaes*, com grande enfatuamento e prodigalidade de sandices ditas com muito espirito, que é o que as francezas têem de mais nobre todas, as hermaphroditas do mundo moral. As velhas faziam tregeitos enjoados, a cada momento, estudados das novas. Os homens fallavam em fundos, em Luiz Filippe, em Henrique V, em Argel e em outras muitas cousas que reduzem o poeta á condição de um ente nullo nos graves negocios da vida.

E por isso, Pedro da Silva começava a aborrecer-se de Paris, e da sua decantada sociedade, quando saîu para Angouleme. Verdade é que lhe não era indifferente a certeza de absoluta privação de sociedade na quinta do seu amigo, onde apenas alguns fidalgos circumvizinhos tomavam o [illegible] do antigo ministro, e discutiam as necessidades do departamento até ás dez horas, em que era um escandalo não estar na cama.

Qualquer que fosse a vida enfadonha a que se sacrificavam por alguns mezes, o poeta, aborrecido do rumor incessante de Paris, saudava a solidão, e esperava cantar todas as arvores da encosta, todas as

todas as fontinhas suburbanaes, e até se promettia procurar em alguma parte as brizas azues de Lamartine, brizas de certo exoticas em Paris, onde não as vira, com grande mágua sua.

Installado nos quasi pardieiros feudaes do seu amigo, Pedro da Silva recebeu uma impressão suavissima como todas as melancolias que vem da natureza ao coração, e não vem do pezar do coração a vestir de luto a natureza que nos rodeia.

Ao romper da alva, no primeiro dia de residencia na pittoresca aldeia, uma legua distante de Angouleme, o bardo ergueu-se, sôfrego de inspirações matutinas, abriu a sua janella, que dominava uma extensa ribeira, murada de castanheiros seculares, bebeu o ar puro d'aquelle céo de azul, como todos os céos de Lamartine, acreditou nas brizas da mesma côr, e escreveu as primeiras linhas de uma ode, que devia servir de prefacio ás suas impressões quotidianas.

Em frente, no alto de uma collina, a um quarto de legua, viu Pedro da Silva um magnifico palacio, menos romantico que o castello esboroado, que parecia ter sido a primeira habitação do senhor feudal das immensas varzeas, que se desenrolavam, aos pés do gigante de granito, como um tapete coberto de esmeraldas. Quem viverá alli? — perguntava-se o anhelante sonhador de romances, povoando o castello de damas esquivas, rodeando a barbacã de trovadores suspirosos, e fazendo erguer a ponte levadiça que deixára saír o nobre senhor para alguma caçada, com o gerifalte em punho, e a matilha dos lebreus, açodada ao som da trompa indispensavel.

N'estes extasis, que são a vida dos dezenove annos, veio encontral-o o hospede.

— Que vos parece este panorama, Pedro?

— Encantador!

— Sentis a sacra flamma *mens divinior?* poetisaes? tendes o *magna sonatorum* do velho Horacio?

— Não se póde descrever este quadro; mas reconheço que se póde ser poeta com este céo, com este silencio, com tudo isto que é superior a tudo que tenho lido... De quem é aquelle palacio?

— Aquelle palacio é de madama Elisa de Montfort, duqueza de Cliton.

— Ouvi fallar d'essa senhora em Paris. Ella vive alli?

— Ha anno e meio que d'alli não saíu.

— Pelo que vejo é romantica...

— Parece-me que é mais desgraçada que romantica...

— Desgraçada!... por quê?

— Segredos, que quasi sempre morrem no coração das mulheres orgulhosas, como ella tem sido.

— Alguma grande paixão...

— Parece que sim. São cousas que a vossa idade dispensa saber. A verdade é que a duqueza de Cliton foi o ornamento dos salões de Carlos X, solteira, casada, e viuva. Depois chegou-lhe a hora aziaga de pagar o tributo de lagrimas á sua fraqueza, perdeu o irmão em um duello, viajou perto de cinco annos, e recolheu-se áquella casa, que detestava antes dos seus infortunios.

— Que detestava!... pois não tinha razão! A casa é lindissima!...

— Por fóra...

— Está arruinada por dentro?

— Não é isso... Alli ha mysterios horriveis entre aquellas paredes. Se perguntardes ao povo d'essas aldeias o que lá se passa, ouvireis dizer que os mortos dão alli os seus bailes, e que saltam por esses prados,

com as suas mortalhas, como ursos brancos. Dá-vos o iso? E' o que vos digo. A vossa predilecta Radcliffe, se conhecesse aquelle castello, dava-vos mais vinte romances, e morria atormentada por mais vinte mil phantasmas da sua lavra, como Magdalena Scudery.

— Não zombeis da minha pobre ingleza, que me encheu a cabeça de bellas illusões, ha tres annos... Dizei-me o que ha de positivo n'aquella casa, que valha a pena de chamar-se mysterioso...

— Isso é que eu não sei, meu amigo. O que posso dizer-vos é que a mãe d'esta senhora, chamada Branca de Montfort, suicidou-se alli, ha de haver vinte e tantos annos, perto de trinta...

— Por quê?

— Sois impertinente, meu menino! Os vossos dezenove annos são curiosos de mais!... Quereis uma cousa? Imaginae um romance, uma tragedia, uma ballada como as da vossa peninsula. Tendes o esqueleto, vesti-o de carnes. Ahi é que está o milagre da imaginação. Tende, porém, cuidado em me não fazer figurar na vossa lenda, porque eu temo estes litteratos modernos que põem sempre a responsabilidade das suas phantasias sobre os hombros de algum velho, que lhe conta as extravagancias...

— Estae certo, meu querido amigo, que não farei ballada nenhuma; antes queria conhecer a duqueza mysteriosa.

— Isso é difficil. No anno passado, nem se dignou mandar saber como eu cheguei. Este anno provavelmente acontece o mesmo.

— Ella vive só?

— Com as creadas, e os creados, e um mordomo, e um capellão.

— É rica, não é?

— Por que o perguntaes? Vêdes um casamento em perspectiva?

— Deus me livre!... Perguntava se era rica, porque aprendi em Paris a fazer esta pergunta ácerca de cada pessoa que nos cumprimenta, ou de quem ouvimos fallar.

— O que se segue é que tendes doze costellas em verso e doze em prosa. Tendes já o vosso bocado de materia... Um poeta nunca pergunta se uma mulher é rica. Não se lhe perdoam perguntas que não sejam estas: é espirituosa? tem aspirações? idealisa a existencia? vê em cada flor que murcha uma alma de virgem que se destaca do corpo? ouve em cada frémito da folhagem um suspiro de amor? contempla melancolica em cada gotta de orvalho, que aljofra a flor, uma lagrima de saudade? E tudo que não forem estas perguntas é um crime de lesa-poesia, é um insulto feitó ao vosso Lamartine, que nunca ha de chegar de gatinhas onde voou o meu querido Luiz Racine, que almoçava familiarmente com Apollo... A proposito, vamos almoçar. Sejâmos francos: isto é bello... deslumbra os olhos, mas o estomago é alguma cousa superior ás brizas azues do gentil-homem.

— Deixae o gentil-homem, snr. visconde. Lamartine é o primeiro poeta do mundo.

— Estudae, meu menino, que saístes hontem do collegio...

— Não preciso estudar. O coração nasceu commigo tal qual o sinto e sentirei até que elle não pulse...

— Isso é bonito... Quereis dizer que...

— Lamartine é o rei da harmonia.

— Então recitae-me com harmonia este verso do vosso idolo:

C'est Dieu, c'est ce grand tout, qui soi-même s'adore.

— E este:

Il produit l'infini chaque fois qu'il respire...

— Confessae que é extravagancia suppôr que Deus respira o infinito!

— E' uma sublime extravagancia! Eu noto que ha cousas escriptas para uma geração nova...

— Obrigado! passaes-me diploma de inválido!... Não sei entender o vosso poeta!

— Não digo tanto a vosso respeito, snr. visconde; mas de certo me não dareis versos do vosso Racine que valham tanto...

— Por que não? Quereis ver o rei da harmonia, copiando do meu valído poeta? Ouvi: Racine disse:

O 'cieux! que de grandeur, et quelle majesté!
J'y reconnais un maitre à qui rien n'a coûté,
Et qui, dans vos déserts, a semé la lumière,
Ainsi que dans nos champs il seme la poussière.

— Ouvi agora Lamartine:

Dieu...
De ses puissantes mains a laissé tomber le monde
Comme il a dans les champs repandu la poussière
Et semé dans les airs la nuit et lumière.

— Confessae que é flagrante o plagiato!... Quereis mais? Penso que é na *Meditação X* que vem este hemistichio:

... Le flot fut attendif.

— Ora Quinault disse:

Le flot fut attendif.

— A cópia é fiel... tem o merito da lealdade!... E este: *Ó temps, suspends ton vol!* é a cópia litteral de Thomas... Ainda mais... a *IV Meditação*...

— Está o almoço na mesa—interrompeu o creado.

O creado salvou-vos da importuna erudição do detractor de Lamartine, ditosos leitores! Deus nos livre de zoilos em jejum!

XIII

Findo o almoço, em que a reputação de Lamartine teve a sorte do fiambre, annunciaram ao ardente sectario de Racine o padre capellão da duqueza de Cliton.

— Fazei o entrar na sala dos retratos.

— E' admiravel!—reflectiu o visconde—No anno passado não mereci á snr.ª duqueza esta civilidade. Tive a delicadeza de ir saber pessoalmente d'ella, e nem se dignou mandar-me entrar!... Emfim, celebridades da snr.ª duqueza...V amos lá. Entretanto mandae preparar os cavallos, que vou mostrar-vos Angouleme.

O capellão vinha, da parte da duqueza, cumprimentar o visconde, e rogar-lhe a especial graça de entrar em sua casa, se eventualmente passeiasse por aquelles sitios. O cortezão retribuiu affavelmente os cumprimentos, e fez saber á snr.ª duqueza que, duas horas depois, iria receber as suas ordens, como o ultimo dos seus ser-

vos, e o primeiro dos velhos amigos de sua casa. Era o antigo estylo.

Transtornára-se, portanto, o plano do passeio á capital da provincia, a que D. Pedro condescendia por urbanidade. Saciado de bulicio estava elle. O que lhe aprazia mais era a solidão, povoada pela phantasia, que tão fecunda lhe poetisava os silenciosos moradores seculares d'aquelle castello.

Deixal-o, pois, immovel no terraço, amurado de ameias e setteiras, pelas quaes a imaginação lhe afigurava ouvir o silvo das frechas, que escreveram com sangue a historia de Frédegonda, que o visconde affirmou ter estanciado alli, quando perseguia o rei de Australia no seculo setimo!

O visconde, representante, por isso, de uma familia de doze seculos para cima, saíu para Cliton. Entrou na grande sala, e esperou a duqueza alguns minutos. Esperava encontral-a velha, doente, extenuada, e até enfadonha! e viu-a ainda bella, pallida, mas não d'aquelle desgracioso colorido de um convalescente; alquebrada sim, mas docemente, graciosamente alquebrada. O que tinha em Cliton, e que em Paris o visconde lhe não vira, era o luto, rigoroso não, porque o preto era do melhor setim, das melhores rendas, e dos enfeites menos vulgares.

— Snr. visconde, a vossa promptidão é um castigo bem merecido, que infligis á minha desattenção do anno passado...

— Oh!... snr.ª duqueza... não podereis nunca ser desattenciosa...

— Se se é desgraçada, perdem-se até as reminiscencias do bom tom, e... deixae-me dizer assim, brutifica-se a consciencia do dever. Quando me fizestes a honra,

de procurar-me, senhor, eu estava a braços com a crise mais tormentosa da minha vida... O *mundo* ignorava os surdos martyrios com que de lá vim flagellar-me n'esta casa desamparada de tudo que faz a felicidade, sósinha, e parece que edificada aqui de proposito para se penitenciarem as victimas de uma pessima organisação.. Adiante, snr. visconde... Desculpae a confiança com que vos fallo; mas eu sei que sois meu amigo, que o fostes de meu pae...

— Que vos tive n'estes braços, criancinha de tres annos...

— Que me vistes crescer, brilhar, e emmurchecer como uma flor desfolhada por mão amaldiçoada...

— Snr.ª duqueza! chorae, se as lagrimas vos são um desafogo... não vos envergonheis... guardae para vós a causa d'ellas; mas deixae-as correr livremente...

— Agradecida, snr. visconde... Sinto-me melhor... Cuidei que era mais forte...

— E sois, duqueza! A verdadeira coragem é esta vida que viveis.

— Coragem!... não, não é! Coragem é affrontar a opinião publica; avalial-a no seu justo preço; atirar-lhe á cara com os escandalos e com o ouro; passar com a cabeça alta por diante dos *tartufos*... matilha de cães que nos rasgam as franjas dos vestidos, mas só isso!...

— Essa é a coragem do cynismo, e a duqueza de Cliton tem sentimentos elevados, e sabe que n'este momento é ouvida *(apontando para as paredes)* pelos retratos das gerações de doze seculos. A verdadeira fidalguia, a herança dos *Montforts,* é soffrer surdamente, curvar a cabeça na solidão, mas levantal-a soberba na presença da sociedade.

— Da sociedade!... e que sociedade, snr. visconde!...

— Não vos fallo da sociedade de Paris de hoje: isso é um mixto de elementos repugnantes, de ouro e de fézes... é uma canalha, perdoae-me a expressão. A sociedade é outra cousa; é aquella sociedade em que abristes os olhos nos salões de Luiz XVIII, e que dominastes nos de Carlos X, e em que brilhareis ainda nos de Henrique V...

— O quê, senhor?... Em que brilharei?... Ah! não vêdes o meu coração... O mundo esqueceu-me, e eu esqueci-o. Saldamos as nossas contas... vou pagando um eterno debito de lagrimas...

— Mas o velho visconde não quer que a sua amiga, que lhe dava beijos, e lhe arrepellava a cabelleira, faça tal... Ha de tornar a Paris...

— Isso nunca, senhor.

— Sois terminante, snr.ª duqueza! Pois não tendes ainda idade para dominardes absolutamente nas vossas acções... Que julgaes vós que é Paris em 1837? Pensaes que existe alli um codigo de moral que julgue o vosso passado, qualquer que elle tenha sido? Olhae que não. Esse tempo era aquelle em que a virtude se envergonhava de dar a mão ao crime; e, se a consciencia não bastava para punir os viciosos, lá estavam os juizes, que castigavam com um justo desprezo.

— Perdoae, snr. visconde; mas eu tomo a liberdade de lembrar-vos que sois um juiz apaixonado dos crimes e das virtudes da sociedade, da qual como que sois um ornamento pela nobreza do sangue e das acções. Eu penso que a immoralidade de 1737 é a immoralidade de 1837, e de todos os tempos, e de todas as sociedades.

— Isso é uma heresia, snr.ª duqueza!

— Pois então... lamentae-me, porque morrerei hereje.

— Ha uma differença espantosa...

— Differença... tambem eu digo que a ha... e a meu ver é esta: d'antes a immoralidade era a retalho; hoje é por atacado... Sorris? Pois eu acho que o riso franco e expansivo é mais nobre! Prefiro a lhaneza dos vicios á luz da civilisação, que os absolve, ao impudor que lavrava nas entranhas da sociedade antiga, e estudava todos os recursos da hypocrisia para se illudir a si proprio, mentindo a Deus, que juravam em vão, e mentindo ás classes inferiores, ás quaes se impunham como exemplo.

— E' maravilhosa a vossa linguagem!...

— Excedi-me, não é assim? Pois desculpae-me, snr. visconde... Não é espirito de contradicção. E' esta franqueza, talvez impolitica. que se adquire nos longos monologos de uma mulher solitaria, que lê constantemente o livro da consciencia, e estuda sem cessar os quadros do mundo, que abandonou, sempre vivos na memoria... Mudemos o assumpto... Tencionaes permanecer muito tempo no vosso castello?

— O tempo do costume, snr.ª duqueza; cinco mezes...

— Habituado á sociedade, deve ser-vos penosa a solidão... Os vossos amigos d'aqui de certo vos não alimentam o espirito...

— D'esta vez, terei companhia.

— Vosso genro e filha, naturalmente...

— Não, duqueza: é um joveu que me foi recommendado de Londres e de Lisboa, um verdadeiro neophyto do mundo elegante, por quem me interesso, e que não quiz deixar em Paris, abandonado ás suas visões romanescas...

— E' inglez?

— Não, minha senhora... é portuguez.

— Portuguez? são tão raros...

— Os elegantes portuguezes?

A duqueza córou, e não respondeu. A pergunta do visconde, se não era cruelmente sarcastica, parecia-o.

— De mais a mais, o meu Telemaco gosta immenso d'estes sitios. Encontrei-o hoje de manhã poetisando as florestas que rodeiam o vosso palacio, e mal elle sabia que bella castellã podia realisar todas as suas phantasias de provençal!...

— E' uma honra ser incentivo das vossas espirituosas ironias, snr. visconde! Se vos apraz, imaginae-me a suspirosa beldade de algum trovador de bandolins, que se fina de saudades a gemer trovas na margem crystallina do regato...

— Comvosco, snr.ª duqueza, só póde dar-se uma ironia... é diminuindo o quilate das vossas bellezas, é...

— Isso é excellente... Ahi está o que a sociedade nova não tem... O privilegio da galanteria acabará comvosco. O vosso hospede é da vossa escola?

— O meu hospede... ainda não tem nenhuma. E' um joven de dezenove annos, amando flores e brizas azues, apaixonado por Lamartine, perguntando ás fontinhas a causa de seus murmurios, e á rôla as penas do seu canto gemebundo. E' um silpho humano, que vive da viração da tarde, e da lua, que prateia os mares, e do hymno da philomela, que agradece ao Senhor as fragrancias matutinas. Ora aqui tendes o meu hospede... é uma criança...

— Bem feliz! O peior é que perto vem o sôpro, que lhe desfolha as boninas illusões...

— Não ha de ser aqui n'este eden, em que por força se é poeta, em que o fui nos meus bons tempos, e onde ainda hoje me parece que vejo os zephyros e as graças, que doudejavam em redor da minha lyra...

— Olhae que fizestes uma bonita estrophe em prosa, snr. visconde de Armagnac!

— Fiz, duqueza? Ainda bem que vos faço sorrir com as minhas prosas!... Daes-me licença de vos apresentar o meu hospede?

— Sim, com toda a vontade... elle chama-se?...

— D. Pedro da Silva.

— Pelo dom...

— Vê-se que é fidalgo velho. Se fosse hespanhol poderia ser qualquer belfurinheiro, ou mercador de lãs.

— Conheci algumas familias portuguezas da principal nobreza, nas minhas viagens. De quem é filho?

— Da defunta condessa de Santa Barbara. Mas espero merecer-vos a graça de não lhe fallardes em sua mãe, porque ha motivos para que elle queira ignorado o seu nascimento... Ouvistes fallar d'esta condessa, duqueza?

— Não, senhor... Teria morrido quando eu estive em...

A duqueza calou a ultima palavra, estremecendo, e chorando. O visconde não reparou, porque limpava a luneta embaciada.

— Sim... eu creio que morreu ha quatro annos, pouco mais ou menos... Ordenaes-me alguma cousa, snr.ª duqueza?

— Peço-vos que me deis, quando vos não for penoso, a honra da vossa convivencia.

— Se vos não importuna a minha visita, ámanhã, no fim da tarde, com o meu hospede...

— Sempre que vos aprouver...

.....

O visconde encontrou D. Pedro a meio caminho, montado em um fogoso cavallo, que parecia reprovar com bravos corcovos o máu piso dos bêcos e encruzilhadas.

— Olá!—disse o visconde—temos rapaziada? Quereis morrer prosaicamente arrebentado debaixo do vosso andaluz?

— Está folgado! Cuida que brinca nos *boulevards!*... Deixal-o saltar. E' um generoso animal que fareja as ossadas dos seus antepassados, que aqui caíram na rectaguarda da vossa hospeda Frédegonda...

— Perguntae-lhe se respira as brizas do vosso poeta.

O visconde pagava ironia com ironia.

— O meu cavallo é classico, meu caro vísconde... Pertence á escola dos fautores de Apollo...

— Será o Pégaso? Então vae enganado com o cavalleiro... que lhe não dá muita honra...

N'este trocadilho de picadelas, sem intenção offensiva, aproximaram-se como dois condiscipulos. O visconde era bizarramente rapaz, e o seu fraco, além de Luiz Racine, era ser tratado por *tu* pelos rapazes.

— Então... queres saber?—disse o visconde.

— Da saude da snr.ª duqueza? Estimo que seja excellente...

— Adivinha lá o que se passou!...

— Faço idéa... passou-se muito bem... O snr. visconde sabe tirar proveito, como ninguem, dos lindos nadas. Inda vos não perguntei a idade da duqueza, minha senhora, como se diz nos castellos, penso eu...

— Trinta e tantos annos, com toda a belleza dos dezoito.

— Sim? abençoados, portanto, são os soffrimentos de uma dama que se conserva, aos trinta e tantos, bella como aos dezoito!...

— Os vossos romances inglezes não fallaram d'estas mulheres? Pois ha d'isso muito em França, onde o es-

pirito, por isso que é mais sublime que a materia, soffre, sem tocar nas bellezas do corpo.

— Não entendo bem a vossa physiologia, snr. visconde. Eu pensava que a mortificação em cada minuto fazia passar um anno. Conheci minha mãe, com trinta annos de idade. Disseram-me que fora linda aos dezoito, e eu vi-a tristemente feia e envelhecida fibra a fibra. E' verdade que minha mãe não era franceza; mas permitti-me que eu duvide da distincção que fazeis entre as dores de cada paiz.

— São excepções, meu caro Pedro. Vossa mãe poderia ter enfermidades organicas.

— E a duqueza não tem nenhumas... Tanto melhor para ella... Temos naturalmente o meu visconde apaixonado!...

— Sois criança... Eu é que receio muito por vós...

— Por mim? Sois piedosamente compadecido das fraquezas do proximo! Em Paris apontaveis-me um abysmo em cada sala, um crocodilo em cada mulher, e um cavalheiro de industria em cada rapaz que me apertava a mão. Tendes sido o meu anjo custodio... E aqui?.., tambem ha abysmos e crocodilos?

— Não, e eu vos digo por quê... Olhae que vou fallar-vos serio... Até aqui fallou o amigo; agora falla-vos o pae. A duqueza de Cliton é uma mulher perigosa. Eu lembro-me de seis duellos por causa d'ella...

— Espero que não me baterei, meu caro visconde...

— Nada de galhofa... Eu bem sei que vos não batereis, porque essa duqueza de Cliton, cujos sorrisos custavam uma bala ou uma estocada, já não existe. N'esse tempo a duqueza namorava para esmagar o amor proprio de alguns homens e de algumas mulheres. O desfecho dos seus namoros foi sempre tragico;

mas escandaloso nunca. Ninguem ousava dizer: «a duqueza é amante d'este, ou d'aquelle.» O que se seguiu d'ahi foi odiarem-a, e applaudirem o primeiro infortunio que a fez caír da altura do seu orgulho.

— Pois, por fim, caíu?!

— Desgraçadamente... e n'essa quéda arrastou a vida de seu irmão, que era um bravo moço, brioso como seus avós, e chorado pela velha fidalga.

— Foi morto em algum duello?

— Sim; mas em duello infame...

— Por quem?

— Por um vosso patricio, dizem uns; por um demonio imcomprehensivel, sem nação, sem nome, sem familia, dizem outros...

— Um meu patricio!... como se chamava?

— Em Paris era Leopoldo Saavedra; na Belgica, Tobias Navarro; em Londres... não sei o que era, nem sei o fim que levou. Dizém que a duqueza o perseguira quatro annos, sem encontral-o. Eu soube pelo consulado que ella esteve algum tempo em Lisboa; que suspeitou a existencia do impudente cavalheiro alli; mas enganou-se, e parou finalmente em Cliton, cansada de uma peregrinação pouco honesta. Já vêdes que uma tal mulher não é mulher que se ame, porque se aquelle coração tem amor, não ha verdade sobre a terra. Deve estar morto, ou cheio de fel. Previno-vos, mancebo. Não tencionei dizer-vos isto; mas, logo que recebi licença de apresentar-vos, mudei de proposito. Sois como a flor temporã que o sôpro de abril desfolhou. Vêde que tenho meus assomos de poesia! Não tivestes ainda um d'esses abalos que decidem do coração humano. Quem sabe o que vos reserva a fatalidade n'esta mulher! Prudencia, pois. Encarae-a com mais philosophia que sensibilidade. Se a

virdes sorrir, reparae bem que esse sorriso é um expediente astucioso com que se escondem as lagrimas. Se lhe ouvirdes facecias, passadas de fina ironia, recebei-as como um escarneo sempre ou ás vossas illusões ou á sua propria amargura... Não tenho mais a dizer-vos. Recebei isto como receberieis um conselho d'esse padre que velou a vossa educação até aos quinze annos, e cujo nome não pronunciaes sem profundo respeito. O que elle vos disse, quando se despediu de vós, é uma eterna verdade: «A primeira mulher que se ama decide de toda a vida do coração de um homem.» Agora, mudemos de caracter: a conversação é pouco bucolica; acho-a mais propria para os salões de Paris, onde é necessario entrar com Balzac debaixo do braço esquerdo, e o direito prompto para fazer uma cruz ao demonio... Cuidado com o cavallo... se ides n'esses galões, deixae-me passar duas milhas para diante... Tendes-me enchido de lama com as vossas proezas equestres... Quereis forçosamente que eu seja o Sancho-Pança d'esta aventura!... não vêdes como vae quieto o meu inglez!... Dir-se-ia que tem o *spleen* dos seus compatriotas!... Vae trauteando o *God save the king*.....

.....

Durante o jantar, questionaram em cousas de litteratura, e o visconde fallou enthusiasticamente da grande confiança que merecera a Talleirand, a mr. Villete, e a Carlos X, e chorou, quando, em estylo de sibylla prognosticou a ingressão de Henrique V ao throno de S. Luiz.

Passando á sala de armas, saudaram com enthusiasmo religioso as armaduras dos avoengos, ascendentes, entre as quaes o visconde mostrava o arnez e a lança de Bernardo VII, senhor de Armagnac, guerreiro do se-

culo XIV, e um capacete, e umas grebas, que elle dizia pertencerem (posto que o não jurasse) a Raymundo de Poitiers, principe de Antiochia, tio da rainha de França, Leonor, valente entre os mais valentes da segunda cruzada. Mais que tudo isto, a preciosissima raridade que o velho gentil-homem apontava, sem lhe tocar, era uma cabeça troncada de uma estatua, grosseiramente sinzelada. Pelos modos, aquella cabeça era o idolo de Irminsul, a imagem de Arminius, que Carlos Magno derrubára no seu templo, quando o grande rei vingava os padres francos dos ultrajes recebidos na Germania. Historiada a galeria das frias laminas de ferro, onde pulsaram os corações de tantos heroes, o visconde recaíu na sociedade actual com todo o peso da sua cólera, e fulminou-a. Depois tomou tranquillamente café, e bebeu dois calices de genebra.

D. Pedro da Silva crêra infantilmente em tudo aquillo, e achára prosaico e burguez o café, depois de espiritualisar-se nas venerandas reliquias, sobre as quaes tinham passado nove seculos.

Todos os homens, assim, são bons, são credulos, vivem muito á superficie da vida universal, e são felizes, quando a sociedade os chama á barra da utilidade publica, e lhes pergunta a que vieram.

XIV

É annunciada a visita dos dois cavalheiros á duqueza de Cliton. O seu primeiro gesto é de enfado: parece que se arrepende de ter quebrado o silencio doloroso, sim mas tranquillo de quasi dois annos. As conveniencias,

porém, mandam-a mascarar-se com o sorriso da polidez, com as maneiras herdadas da sua natural gentileza, e entra no salão, em que é esperada com indifferença pelo visconde e com indecifravel sobresalto por D. Pedro da Silva.

A duqueza responde aos cumprimentos acanhados do nosso poeta com certo desleixo e reservada frieza, que faz muitas vezes aborrecida uma mulher, que se julga por isso mais austera com os seus deveres de senhora da alta sociedade. Depois volta-se para o visconde, e repete os logares communs, que são o martyrio da sociedade mais culta e da menos culta. Ainda se não inventaram idéas novas que melhorassem a falsa posição de um hospede que se senta symetricamente em uma cadeira, e não tem a familiaridade precisa para se deitar em uma ottomana, pedindo fogo para accender um charuto.

— Parece-me que teremos uma linda primavera, snr. visconde.

— De certo, minha senhora...

— Tem muitas flores no seu jardim?

— Não, snr.ª duqueza. Desde que minha filha casou, as flores murcharam como ella. Eu não pude substituil-a, porque as minhas tinham murchado muito antes...

— Sempre fallando em estylo figurado...

— É a sorte dos velhos... Quando lhe falta a naturalidade graciosa da phrase, não ha remedio senão fazer estylo...

— Oriental?... É um bonito estylo... Eu penso que as almas da Asia são muito diversas das almas do Occidente. Isto aqui é tudo tão claro, tão correcto, tão grammatical, que chega a aborrecer... Creio que esta mal-

dita vizinhança da fria Allemanha e da formalisada Inglaterra fizeram da França uma terra de austeros pensadores, e de philosophos materiaes, que não são capazes de conceberem outro mundo mais transparente que o globo em que vivemos, comendo, e bebendo, e commerciando. Devia ser deliciosa uma republica de poetas.

— Em que o presidente fosse Lamartine...

— Justamente...

— E a duqueza de Cliton a oitava musa...

— Ai!... Deus me livre de tal... só se me denominassem a *zanga*, que eu já vi invocada em um poema patricio d'este cavalheiro, que, se bem me recordo, o snr. visconde me disse que era portuguez...

— Sim, snr.ª duqueza, sou portuguez—disse D. Pedro da Silva, que se estava julgando de mais n'aquelle dialogo.

— Ha muito que deixou Portugal?

— Ha quatro annos.

— Sem saudades?

— Tive muitas, minha senhora... Depois habituei-me a novas relações...

— E esqueceu as da sua patria... que naturalmente eram relações de familia, que são as que mais facilmente se trocam por outras. Gosta de França?

— Não tenho ainda tempo de conhecer a França, snr.ª duqueza.

— Por qual das faces? A França artistica é o gigante no berço, que annuncia uma corpulenta robustez; a França politica é um cháos de nuvens, que annuncia umas poucas de trovoadas de sangue; a França intellectual é a primeira nação do mundo; que lhe resta conhecer?... a França moral? isso é uma mulher nervosa com uma vontade em cada minuto, com uma virtude

abraçada a cada torpeza, hoje pallida de cansaço, ámanhã córada pelo auxilio do carmim; hoje apostolisando o Evangelho de Christo, ámanhã proclamando Robespierre, o summo pontifice da Razão... A França é tudo isto, snr. D. Pedro, e, se me acredita, não esqueça este esboço confusamente poetico, porque ha-de encontral-o verdadeiro; e, senão, o snr. visconde que o diga.

— Eu não poderia pintal-a com tanta graça; mas tenho querido mostrar a França ao meu joven amigo pelo prisma da snr.ª duqueza. Elle, porém, diz que o talento tem o privilegio de colher em todas as plantas agras o mel da intelligencia, como as abelhas...

— Ai! engana-se...—atalhou a duqueza—O genio é uma mortificação. Não sei que francez disse que o talento era uma longa paciencia. Soffrem muito os que não olham para tudo isto com o riso nos labios, e a pitada nos dedos. Não vê, snr. D. Pedro, que os poetas choram constantemente? São os Achabs e os Jeremias das modernas Jerusalens... Não vê como chora Lamartine?

— Mas Voltaire cantava...—atalhou o joven.

— Ah! sim... é porque Voltaire era um illustre truão. A sua missão era aquella. O ridiculo precisava ser morto pelo ridiculo, como disse Lafontaine, e Voltaire morreu no dia em que a sociedade velha, recheada de supersticiosas pieguices, morria injuriada pela hilaridade dos seus inimigos... Eu peço que me desculpem o entono com que estabeleço axiomas... E' um defeito das francezas; é mais uma sincera feição que eu sensivelmente ajunto ao quadro que vos pintei ha pouco, snr. D. Pedro...

— Essa feição é muito lisonjeira para a França, snr.ª duqueza, — replicou o mancebo — mas supponho que será a menos vulgar das feições nas damas francezas.

— E' engano. Aqui, quasi todas as mulheres de salão fallam assim. Somos as netas d'aquellas que mereceram a Molière uma chronica muito conhecida... Snr. visconde, se vos apraz iremos mostrar o meu jardim ao vosso hospede...

— Oh! sim, snr.ª duqueza, o meu hospede acha em cada flor uma ode, e em cada murmurio da folhagem uma harpa eolia...

— Sim...

— O snr. visconde é-me devedor dos seus ditos mais finos...—atalhou D. Pedro —Tem muitos lindas zombarias commigo, e eu sou feliz por ser o motivo d'ellas, se forem agradaveis á snr.ª duqueza de Cliton.

O visconde soltou uma gargalhada inoffensiva, expressão eloquente da sua alegria, e até da sua bondade. A' duqueza, porém, a resposta do portuguez pareceu-lhe uma delicada ironia. A formosa castellã galardoára-lh'a com um sorriso, que faria endoudecer todos os imaginarios trovadores das balladas de D. Pedro.

— Deixal-os ver as flores, e vejamos nós o que nem a duqueza nem o visconde poderiam devassar no coração do discipulo de Padre Diniz.

A primeira impressão, que recebera da gentil duqueza, foi a confusão, o embaraço, o natural enleio dos dezenove annos. Ouvindo-a fallar, como que esquecido da pessoa que acabava de ser-lhe apresentada, sentiu-se molestado no seu amor proprio, e desejou terminada a primeira para ser a ultima visita. Obrigado a responder á primeira pergunta, que lhe era feita por duas palavras e um sorriso mais doce que ellas, o portuguez respondeu, córando, e córou, não de pejo, que seria demasiado pejo, mas de surpreza, porque alguma cousa vira, nova e surprendente, na physionomia distincta da zombeteira

Desdemona d'aquelle barão de Sá, vergonha eterna dos Othellos de contrabando.

No correr do dialogo, D. Pedro da Silva não se maravilhára tanto da eloquencia, que se julgasse uma pedra arrastada pela lyra de Orpheu. Preso aos olhos, e aos labios, e ás vertiginosas evoluções da physionomia d'ella, fitava-a com ternura, com pasmo, com idolatria, e o que menos via nos seus extasis era o que os olhos costumam ver. N'aquella idade juramos que o coração via tudo. Com mais seis annos, jurariamos que o coração era o orgão mais cego, e concederiamos uma vista dupla a certa alma que Platão denominou concupiscente, e que Theophilo Gautier, amigo intimo de D. Pedro da Silva, asseverou que tinha visto (do que sinceramente duvidamos).

Querem, portanto, saber se era amor o que sentia o pupillo de Alberto de Magalhães? E' muito attendivel a exigencia, e todo o homem que faz romances está *ipso facto*, constituido na obrigação de devassar a vida do seu semelhante, quando elle proprio não a diz. D'esta vez, porém, será o proprio que nos salve de um vicio de mulher de soalheiro, hermaphroditismo moral de que me vejo inculpado por força de circumstancias:

«Passeiavamos no jardim (diziam os apontamentos que copio), e a duqueza colheu uma rosa desbotada, quasi murcha, que me offereceu. Aceitei-a sem comprehender logo a significação. Mais adiante cortou uma franja de myrtho, que offereceu ao visconde. O velho cortezão retribuiu com uma saudade, e a duqueza retorquiu com um martyrio. Em tudo isto andava eu candidamente imbecil. A linguagem das flores, feita para crianças, parecera-me um estudo ridiculo. Concebi o enredo d'aquelles symbolos, quiz fazer-me interessante

na comedia muda que se representava, colhi um suspiro, que não ousei offerecer, supposto pedisse licença para o cortar.

«—Temos poesia a um suspiro?—perguntou-me o visconde.

«—Ha poesia em um snspiro?—disse a duqueza.

«—Muita... imagino eu...—respondi com ingenuidade.

«—Eu acho mais nas lagrimas—replicou ella melancolicamente.

.....

«Anoitecera. O visconde esperava n'essa noite alguns hospedes de Angouleme. Era necessario partir, e eu achei cruel esta separação tão cêdo. Pareceu-me que a duqueza se sentiu da nossa partida, porque ficou triste quando o visconde deu o signal da partida, erguendo-se com um sorriso e uma banalidade por despedida. Eu, por mim, se a franqueza é uma virtude n'este momento detestei o meu amigo Theophilo Gautier, que me dissera dias antes que não ha nada mais ridiculo que o olhar seraphico de um aprendiz de amor, que pela primeira vez se aparta de uma mulher com os olhos rasos de lagrimas. Eu lagrimas não tinha, mas o effeito da impressão, a violencia irresistivel da sympathia, o desejo de alli ficar, a saudade d'aquella voz, d'aquelles olhos, d'aquella melancolia, sem arte, nem intenção, ai! essa senti-a com toda a minh'alma, com todo o fervor da minha candura, assaltada de improviso por um affecto que devia purificar-se em uma paixão.»

.....

E' elle que o diz. D. Pedro da Silva amava a duqueza de Cliton. Realisaram se as prophecias do visconde; aquella mulher era perigosa; e aquelle jovem não tinha ainda encontrado o primeiro tomo de tal

obra, que o livrasse das seducções imprevistas do segundo. Não porque as mulheres sejam volumes em quarto ou em oitavo, mas ha volumes que se parecem com as mulheres. Quem lê o primeiro de certas obras privilegiadas não admira as maravilhas do estylo do segundo, nem se deixa embaír das falsas consequencias de principios falsos; mas quem vae ler no segundo as consequencias deduzidas dos falsos principios do primeiro volume, perde-se como um alumno de seminario, que saíu ha quinze dias de ouvir a theologia do ex-frade, e vem ao *Marrare* ou ao *Suisso* escutar as prelecções dos litteratos, que atiram á religião com Strauss, e Victor Cousin, e ficam contentissimos de si, não tendo dito nada seu.

Alinhavada esta nesga de erudição, continuemos a historia.

D. Pedro da Silva, que achava superlativamente fastidiosos os hospedes do visconde, fechou-se no seu quarto, imaginando quantas hypotheses inventa o coração de um moço propenso para o maravilhoso, e electrisado pelo amor. Pegou da penna, cuidando que abria no papel uma fonte caudal de versos apaixonados, e, com grande pasmo seu, sentiu-se esteril, e prosaico com a dissertação sobre finanças, que acabava de ouvir a um dos hospedes do visconde, antigo *maire* em Angouleme.

Teimando com a musa, por não ter cousa melhor em que occupar-se, tomou como assumpto o suspiro que colhera, e dissertou em vinte quadras o melhor que podia dizer-se da dita flor.

A' meia noite, o visconde procurou-o no seu quarto, e encontrou-o mergulhado na sua obra. Pediu-lhe que a lesse, e fez o favor de dizer-lhe que era bonita. Com

mais quatro zephyros, alguns fáunos, as tres graças, e a deusa Thetis, a poesia de D. Pedro da Silva teria arrancado ao idólatra de Luiz Racine um sincero applauso.

No dia seguinte, deviam partir para Angouleme, e partiram. O filho da condessa de Santa Barbara ia triste, taciturno, e tetrico, se o querem assim. Angouleme com a sua magestosa cathedral, com o seu velho castello, em cujos alicerces estava a pedra tocada pelo primeiro conde do Perigord, Vulgrime I, que vivera no seculo XIX, com as suas muralhas que suaram sangue em 1351, assaltadas por Carlos-o-Máu, de horrivel memoria; finalmente com as suas memorias de ter sido o berço illustre de S. Gelais (santo pouco conhecido), de Balzac, da rainha Margarida de Valois, e de Ravaillac (que seria a esta hora o segundo santo da terra, se andasse mais recatado e prudente, quando cravou o punhal fanatisado em Henrique IV); finalmente, todos esses interessantes attributos de Angouleme enfastiaram D. Pedro da Silva, assim como me enfastíam a mim e aos leitores tambem. O que elle queria era voltar á quinta de modo que se não fechasse o dia, sem, ao menos, saudar com os olhos, leaes interpretes do coração, os ultimos raios do sol, que purpureavam as vidraças da duqueza de Cliton.

E o visconde de Armagnac começava a suspeitar isso mesmo, quando lhe disse, com intenção de fazer-se passar aos olhos do seu joven amigo por homem perspicaz:

— Que vos parece a duqueza?

— Achei-a bella e triste.

— Poetica, sylphidica, radiosa, scintillante, fatal, archanjo, sibylla, fada... e que mais?

— Eu cuidei que a pergunta fora feita seriamente, meu caro visconde...

— E foi: o mais que fiz foi acrescentar os adjectivos, que forçosamente se dão *rendez-vous* com o substantivo *mulher*. E' a linguagem hybrica e coruscante do vosso amigo Theophilo Gautier, que é a alma vil de Voltaire, no seculo XIX... E, então, achaes... (fallemos serio) achaes que a duqueza de Cliton vale bem a pena de quatro lamentações lamartinianas? Fallae franco.

— Acho que vale. Quem fora poeta! quem dera ter uma forte cabeça para exprimir a sensibilidade de um forte coração!...

— Ah!... sim?... Por consequencia estaes apaixonado.

— Não digo tanto; mas sinto alguma cousa nova... Se entendeis que é perigoso amal-a, fazei-me saír já d'estes sitios...

— Fallaes sério?

— Fallo-vos, snr. visconde, como fallaria a meu pae. Amal-a apaixonadamente... isso não; mas podel-a amar... era preciso não a ter visto para dizer que não...

— Eu previra isso mesmo!... Sou um propheta na minha terra! Quereis, portanto, deixar a minha casa?

— Já vos disse... Se me haveis de impedir ámanhã amal-a, fazei-o hoje...

— E se ella vos não amasse?...

— Se me não amasse...

— Sim... esta pergunta é muito natural. Da vossa parte, vejo que ha as melhores disposições; mas não basta isso: falta metade. Se ella vos repellír?

— Se me repellir... desprezo-a!...

— Sem soffrer?

— Sim: o meu amor proprio reagiria contra a fraqueza do coração.

— N'esse caso entendo que não ha perigo nenhum.

— Quereis dizer com isso que não serei amado pela duqueza de Cliton?...

— Penso que não, e já vos disse por quê. Aquella mulher é o simulacro da antiga duqueza de Cliton. Foi um meteóro: queimou-se no excesso de luz. Pois não concebeis o que é uma mulher sceptica?... Estaes muito atrazado na moderna physiologia do coração hamano...

— Sceptica!... por quê?

— Porque amou delirantemente, vulcanicamente, como Helena, como Cleopatra, como Virginia, e foi desprezada, como Dido, pelo prejuro Eneas, vosso patricio. Comprehendeis a causa?

— E por isso, não póde amar, não póde sentir...

— Não. A materia bruta gasta-se: e o coração é como a materia bruta. Harvei provou que o coração era o orgão principal do systema sanguineo, e mais nada...

— Estaes eruditamente chistoso, snr. visconde... Se eu podesse desmentir-vos...

— Dava-vos a minha quinta, e a edição illustrada dos meus dois Racines, pae e filho... Quereis apostar? O vosso cavallo diabolico, que me tem enchido as calças de lama... Quereis?

— O meu cavallo está ás vossas ordens. Acho, porém, ultrajante a aposta de um cavallo, quando se trata de uma mulher como a duqueza.

— Bravo! estaes quinta essencia de macassar, ethereo, espirito puro de Kant, átomo de Descartes, aroma de flor, sôpro, briza... Valha-te Deus, criança; tu sabes tanto de mulheres como de equitação... Desviae para iá esse hypogripho, que dilata as ventas como um hyppopotamo, capaz de me cravar as patas nos hypocondrios!

— Pareceis-me um grego... do baixo imperio com os vossos *hypos!*... Ora dizei-me, meu caro amigo, vamos hoje á duqueza?

— Vamos... quereis recitar a vossa poesia almiscarada, anilada e azul?

— Deus me livre!

— Deus vos livre! Demais a mais sois envergonhado como um collegial de Inglaterra, que foi passar as ferias com tres *Miss* hirtas e direitas como as sentinellas de Black-Friars. Se fazeis de donzella timida, de *puer Ascanius*, desmentis a ousadia peninsular da vossa raça phenicia, carthagineza, sueva e arabe. Nada de pieguices, que são a missanga com que se adorua o amor das crianças. A duqueza não vos quererá assim melhor do que de outro modo. Não vos aconselho que sejaes audacioso, como manda o satanico auctor da *Lagrima do diabo*, mas quero que sejaes homem. Recitae a vossa poesia, sede o Lamartine d'estas aldeias, e cantae todas as flores da minha terra, que eu vos prometto uma medalha honorifica da sociedade botanica de Paris.

O visconde de Armagnac, sempre epigrammatico e fecundo em ironias salgadas ao sabor voltaireano (que elle christãmente detestava), era, no fundo, uma excellente pessoa, e um raro amigo.

Prevendo uma fatalidade, no caso possivel de se abrazarem os elementos da paixão innocente do seu joven amigo, ensaiava-se nas armas do ridiculo, para, mais tarde, matar essa paixão, como se matam em França todas as cousas sérias.

Vejamos como as armas se lhe quebram nas mãos.

XV

Recolhidos a casa, mudavam de fato para visitarem a duqueza, quando o mordomo de Cliton chegava com um convite para um jantar no dia immediato. D. Pedro quiz vêr mysterio n'este convite. Parecia-lhe extraordinaria esta interrupção na vida solitaria da duqueza. Queria que alguma razão mais imperiosa que a polidez aconselhasse semelhante jantar. Teve até a innocente vaidade de se imaginar a causa proxima d'aquelle convite. A candura tem seus pedantismos, assim como os pedantes, ás vezes, têem canduras irrisorias. São os extremos que se tocam.

O jantar no dia immediato não dispensava a visita projectada n'aquelle dia. Foram, e d'esta vez a affabilidade da duqueza, recebendo-os, era mais franca, mais jubilosa, e menos aristocratica nas phrases da tarifa, e nas empavonadas gesticulações da cabeça.

Pedro da Silva é que não perdera nada da sua timidez do dia anterior, mas tambem não perdia o mais ligeiro accionado, o mais indifferente gesto dos olhos de Elisa de Montfort. A's perguntas respondia concisamente; aos gracejos do visconde respondia córando, e muitas vezes mordeu nos labios a resposta, que poderia ser um desagradavel sarcasmo.

Quando o visconde lhe pediu que recitasse o seu *suspiro*, escripto na vespera, e digno de quinhoar na gloria da poesia moderna, o poeta esquivou-se, dizendo que não tinha de memoria a poesia que escrevera. O visconde, porém, tirou do bolso o fatal papel, que passou ás mãos

da duqueza, com permissão do auctor. A duqueza, sem instar com D. Pedro na leitura, leu-a mentalmente, e elogiou-a muito, supposto que de proposito ou eventualmente lançasse sobre o poeta, cujo coração tremia, um olhar mysterioso, uma especie de silenciosa interrogação. Áquella poesia fallava de um suspiro de amor, e aquelle amor nascera onde o suspiro fôra colhido. Ás bellezas vaporosas do pequeno poema não as comprehendera o visconde; mas a duqueza, que sabia pelo menos o indice de todos os capitulos escriptos no coração humano, entendeu, sem orgulho, que D. Pedro da Silva era uma criança com a susceptibilidade de apaixonar-se infantilmente.

Esta crise passou: mas outra mais penosa para o pupillo de Alberto de Magalhães succedeu áquella.

O visconde era procurado por uma alta personagem, que não o encontrando em sua casa, vinha alli cumprir certa mensagem politica. Retirou d'aquella sala para outra, e D. Pedro ficou face a face da duqueza. Esta calamidade é a maior de todas que a Providencia póde mandar a um amante de vinte e quatro horas, com dezenove annos de idade! Não a previra o pobre rapaz; e a propria duqueza, que lhe adivinhára o coração, sentiu, por elle, semelhante incidente. Era necessario evitar uma tortura áquella criança. A duqueza convidou-o a entrar na sala proxima, onde estavam os retratos, os paineis preciosos, as paisagens dos melhores auctores, que poderiam servir-me aqui de immensa gloria, se eu tivesse a paciencia de copiar uma duzia de nomes, e a crueldade de apurar a dos meus leitores, como tem sido apurada a minha por fazedores de romances, que são capazes de vos dizer a côr dos tapetes de uma sala, a madeira dos moveis, as flores das jarras, o fabricante do

piano e o numero das oitavas, e finalmente, os auctores dos quadros, que são necessariamente Raphael de Urbino, Ticiano, Miguel Angelo, Spanholeto, Gerardo Dow, Claudio Loreno, Murillo, Corregio, Julio Romano, Rembrandt, Velazques... Emfim, cada qual escolha d'ahi á sua vontade, e imagine que os paineis da galeria da duqueza de Cliton eram preciosidades gloriosas de alguns, ou de todos esses nomes.

É no que se entretiveram a duqueza e o seu hospede, ao que devera apparentemente julgar-se. Mas D. Pedro ouvia o som das palavras d'ella, e pouco se enthusiasmava na admiração da arte.

— Parece que não sois poeta!... — disse ella, sorrindo com a meiguice que não tinha a virgem de Foligno, a mais graciosa cabeça de uma phantastica Fornarina.

— Não vos pareço poeta? Se eu realmente o não sou, nem vol-o disse que o era!...

— Sois; mas aqui, defronte da poesia que manou em ondas do pincel, pareceis-me frio!

— Não posso mentir-vos... Não sinto os enthusiasmos que desejára sentir para ser um verdadeiro poeta...

— Não amaes a pintura?

— Amal-a-ia, muito, penso eu, se estas madonas representassem a existencia de uma raça de lindas mulheres extinctas; mas se os originaes existem ainda...

— Não vos extasiam as cópias... Tendes razão; mas não tendes *poesia*, que é uma cousa muito diversa da razão... As cópias são bellas para se amarem. Os originaes deixam sempre máguas, como as sentiu o grande poeta, que nos deixou tantas cópias da formosa mulher que lhe queimou a imaginação até aos trinta e sete annos...

— Foi infeliz, porque viveu de mais...

— De mais? isso é uma excentricidade!

— De mais, snr.ª duqueza... Eu penso que...

D. Pedro reteve-se, como quem procura a phrase propria, ou suspende a impropria.

— Dizei... — instou a duqueza, esperando com interesse.

— Eu penso que se tem vivido de mais, quando... em vinte e quatro horas...

— Dizei...

— Se sente o mais que póde sentir-se.

O mancebo córou como uma donzella, ao terminar a resposta, que lhe saíu interrompida, palavra por palavra.

Á duqueza não se sorriu, como a leitora imaginou. Desviando os olhos para o quadro, onde D. Pedro fixava machinalmente os seus, quando respondia, disse alguma cousa sem reflexão a respeito de certa paísagem.

N'este conflicto, entrava o visconde, pedindo desculpa da sua demora, e dissertando largamente sobre os heroicos ascendentes da duqueza, cujos retratos occupavam a maior extensão das quatro paredes, afóra um que vimos no Izidro em Lisboa, e que fizera recuar e transpirar um suor frio a padre Diniz. O visconde notou a falta, mas por delicadeza não a fez sentir.

A fragrancia do jardim convidava-os a passeiar. O visconde observou que a duqueza não fallava desafogadamente com o seu hospede. Achou alli uma reserva, que poderia dizer-se o despeito de uma namorada, ou o desdem de uma astuciosa. Ambas as conjecturas eram inverosimeis. «Quem sabe, dizia elle comsigo, se esta criança caíu na imprudencia de fazer-lhe uma declara-

ção, que ella recebeu como affronta á sua dignidade?»

O sangue frio dos velhos julga sempre assim. Por mais experimentados, o coração, já descórado das reminiscencias de bons tempos, falsifica sempre os seus juizos.

A duqueza, realmente, parecia melancolica, ou abstracta. As flores já lhe não eram incentivo para as puerilidades de um dialogo mudo com o refinado cortezão de Versailles. Colheu uma lagrima, e teve-a entre os labios, até que insensivelmente caíu, cortada pelo pé. D. Pedro parecia refugiar-se em cada gruta de myrtho e lilazes, aos olhos da duqueza. Atormentava-o a dúvida: não podia decifrar o silencio da duqueza: recordava-se de tudo que o visconde dissera quando lhe prophetisava os perigos da fascinação por tal mulher. Cada vez mais receioso e convencido da loucura que praticára, arrependera-se de ter deixado ao coração a liberdade de fallar, e promettia á sua consciencia de nunca mais soltar um monosyllabo, que denunciasse a sua alma. Era a promessa do poeta Ovidio.

O visconde interrogára pela quarta vez, a melancolia da duqueza, e recebera sempre em resposta um sorriso e um gesto negativo. Depois, com ar sombrio e a testa enrugada, o honrado velho encarava D. Pedro, e por um outro gesto, e um olho meio fechado, significava-lhe as suas suspeitas, a que o moço respondia com olhar pasmado, que, traduzido litteralmente, queria dizer: *Tens razão* . . .

Era noite. Os hospedes retiravam-se. A duqueza, com soberana desplicencia, chamou D. Pedro, já quando o visconde estava no vestibulo do palacio experimentando as cilhas do cavallo.

O trémulo mancebo invocou toda a sua coragem para

entrar sem desaire na sala. A duqueza veio-lhe ao encontro com um papel na mão:

— Quiz entregar-lhe os seus versos, que ficaram aqui por esquecimento. Asseguro-lhe um glorioso futuro na historia litteraria de Portugal. Continue a cultivar a poesia, que é uma bella prenda, e uma pedra de grande brilho para deslumbrar os olhos das mulheres. Mas consagre os seus *suspiros* ás da sua idade, porque as outras raro terão a alma bastante pura para comprehender-lh'os... Boas noites.

D. Pedro ficou, como devem imaginal-o, fulminado. Saíu da sala, quando se viu sósinho. Desceu as escadas como cego, e, por nos servirmos da sua propria idéa, o rubor da cara ou lhe injectára sangue nos olhos ou lhe pintava de escarlate todos os objectos.

Montou a cavallo, sem responder a uma pergunta muito natural, que o visconde lhe dirigira. Esta pergunta foi repetida:

— Que tivestes com a duqueza, Pedro?

— Poupae-me o desgosto de responder-vos.

— Mas eu tenho direito de interrogar-vos.

— Não vos responderei, snr. visconde.

— Deixastes de ser meu amigo?

— Sou vosso amigo, hoje, mais do que nunca.

— Fui propheta?

— Fostes.

— Foi portanto uma desgraça a vossa vinda para aqui...

— Foi. Esta desgraça, tinha sido prevenida por outro homem antes de vós.

— Antes de mim?!... por quem?

— Por padre Diniz... Foi elle que me disse: «A primeira mulher que se ama, decide de toda a existencia

do coração de um homem...» E' uma verdade fatal! Eu já vol-o disse...

— Pois devo acreditar que amaes assim uma mulher que vistes ha quarenta e oito horas?

— Amei... agora já não; detesto-a; mas a minha alma ficou ferida para sempre. Se fosse um homem que me ultrajasse assim, cravava-lhe os dentes no coração.

— É incrivel! Que vos fez ella para tanto?

— Respeitae a minha vergonha!... Como não quero balsamo para a ferida, deixae ver se o esquecimento a cura... A vossa amizade é impotente.

O visconde interrompeu o seu inconveniente interrogatorio.

Aquella noite foi uma noite infinita para D. Pedro da Silva. Fechado no seu quarto, verteu as primeiras lagrimas por uma causa nova. Nem elle sabia definir-se. Alternativamente odiava a duqueza, e sentia necessidade de caír de joelhos aos pés da imagem d'ella, que se lhe não afastava um instante da imaginação. Queria cerrar os olhos, violentando o somno, ou carregando a phantasia de sombras que lhe escurecessem o quadro da sua recente desgraça... era impossivel! Invocou o espirito de sua mãe, que lhe tinha dito que a invocasse nas suas tribulações, chamou em seu soccorro todas as palavras de padre Diniz... e o espirito de sua mãe era mudo, e as palavras do sacerdote não lhe desciam da memoria ao coração. Abriu a janella para refrigerar a cabeça afogueada, e não pôde retirar os olhos do vulto escuro do castello de Cliton, onde n'aquelle instante a imaginação lhe desceu o crepe, que Emilia vira no castello de Udolpho. A manhã estava fria; o léste gelava-lhe o rosto; mas as fontes latejavam-lhe como calcinadas interiormente. Purpureavam-se os horizontes; o sol ia nascer;

os operarios entravam na quinta, quando o infeliz, que vaticinava longos infortunios, fechou a janella para continuar as trevas da noite. Organisação debil, sentiu esvaecimento de cabeça; encostou-se ao travesseiro, pedindo a Deus uma hora de repouso; pareceu-lhe que fôra ouvido, porque principiava a esquecer-se da vida atormentada d'aquella noite. Não era somno: era a prostração da febre; as forças da alma extenuada que passavam para o giro impetuoso do sangue.

A's oito horas, o visconde, receioso, abriu a porta do quarto, e encontrou o seu hospede com as faces escarlates, as palpebras amortecidas e azuladas, as mãos ardentes, o sangue em tropel batendo contra as veias tumidas dos pulsos, e os labios rôxos como se fossem cauterisados.

Assustou-se.

As primeiras palavras disse-as Pedro da Silva:

— Mandae preparar os meus cavallos, que quero partir já.

— Para onde?

— Paris.

— Não podeis... Vós estaes muito doente.

— Não estou. É' uma ponta de febre que o ar puro me curará.

D. Pedro ergueu-se, e não se susteve de pé. Caíu em uma cadeira, e forcejou por tornar a erguer-se. Conseguiu dar alguns passos. Saíu do quarto, passeiou na sala proxima; mas minutos depois sentou-se, murmurando surdamente:

— Não posso!

— Eu não vos disse que não podieis?—disse o velho, tomando-lhe o braço—Vinde deitar-vos.

O filho de D. Pedro da Silva, que morrera tisico, e

de D. Angela de Lima, que morreria tisica se a cholera-morbus não a fulminasse, entrou no quarto, e lançou-se sobre a cama.

O visconde fizera correr o seu melhor cavallo para que o medico viesse, uma hora depois. O doutor, menos charlatão, ou menos erudito que o de Santarem, indagou os precedentes d'aquelle accesso, e concebeu o que podia conceber da molestia, e nada lhe receitou. Não obstante prohibiu a saída, e applicou-lhe distracções, se o effeito d'aquelle typho moral não fosse debellado pela mulher, que era de todas a melhor triaga para tal veneno.

N'esse dia era o jantar da duqueza, para o qual estava convidado o medico, que foi o portador das desculpas do visconde. Elisa de Montfort affastou-se da sala em que recebera alguns convidados de Angouleme, para interrogar particularmente o medico:

— Que é o que tem o hospede do visconde?

— Tem a peior de todas as molestias, porque não ha medicina para ella.

— Tisico?

— Lá irá ter... mas por emquanto, snr.ª duqueza, o mal do pobre moço é uma paixão por não sei que Beatriz, que o faz arder em febre.

— De véras?!

— Positivamente, snr.ª duqueza... Nada lhe receitei, porque não tenho que lhe fazer. Se eu podesse transformar-me em bonita creatura do sexo amavel, queria passar pelo desgosto de não poder usar da medicina, para ter a gloria de salvar aquelle bonito rapaz, que falla deliciosamente um francez misturado de inglez e hespanhol.

. . . . . .

A duqueza, durante o jantar, esteve sombriamente triste. Os convivas entenderam que era um serviço á dona da casa o distrahil-a com a conversação interessante. Para elles, depois de anno e meio, era maravilhoso verem-se alli reunidos n'aquella casa, fechada longo tempo ás antigas relações e parentes dos Montforts.

Mr. de Colomb, e mr. de Poltrot, e o deão da cathedral de Angouleme, eram, entre os fidalgos analphabetos do banquete, os mais distinctos por lettras, por espirito e por virtudes. Mr. de Colomb fallava nas suas recentes viagens na Europa; mr. de Poltrot lastimava a decadencia da litteratura franceza, e mordia os romances de Gautier, de Dumas e de Paulo Féval. O deão queria que o ouvissem seriamente sobre os felizes resultados da associação propagadora da fé na America e no Japão, o que, em verdade, era difficil, não obstante estar rodeado de catholicos apostolicos-romanos.

— Que vos pareceu Lisboa?— perguntou a duqueza a mr. Colomb.

— Lisboa é um *desapontamento*, snr.ª duqueza. O Tejo é como o véo de lindos matizes, que esconde o rosto de uma feia mulher. A capital da Lusitania, que dizem os portuguezes ser fundada por Tubal, neto de Noé...

— Isso é falso!...— atalhou o deão — Tubal nunca foi ao Occidente. . A Biblia não diz tal embuste.

— Eu tambem creio que não... Como vinha dizendo, Lisboa não tem monumentos, nem magnificencia, nem civilisação, nem sociedade. Conserva-se como a deixou Byron. E' uma terra de barbaros de casaca e chapéo de castor.

— Pois não frequentastes a sociedade de Lisboa?— tornou a duqueza.

— Estive em alguns salões... dois ou tres que representam a aristocracia monetaria, porque a outra caíu com a mudança da politica. Eu levei de Londres cartas para um tal Alberto de Magalhães, que é o unico homem de bom-tom que encontrei em Lisboa. Deu-me um baile, em que vi duzentas mulheres, pouco mais ou menos, e entre tantas, só a dona da casa fallava correntemente o francez commigo, e o inglez com o embaixador. E' uma perfeita dama, tanto mais admiravel, quanto, segundo ella me disse, deve a sua educação ao marido. Se a ouvisseis fallar em litteratura, mr. de Poltrot, havieis de desejar que tal mulher não tivesse nascido entre hotentotes...

Ninguem reparava na pallidez da duqueza de Cliton. Mr. de Colomb continuou:

— Fui testemunha de um escandalo que me fez rir muito...

— Passado n'essa casa?—atalhou a duqueza.

— Sim, snr.ª duqueza. Eu vou contar... Um dos concorrentes era um tal barão de Sá, ridiculo petit-metre, com pretensões a leão, vesuvio de tolices, um fatuo, finalmente, que deveria ser uma preciosidade incalculavel, se nascesse em terra onde os seus patricios soubessem desfrutal-o. Representa quarenta e tantos annos. Usa bigode á Solimão II, gravata branca a toda a hora, e é um martyr da religião do verniz, porque comprime os callos em um sapato que o traz sempre em pulinhos, como se a tarantula o mordesse nos calcanhares. Desculpae as minuciosidades, snr.ª duqueza, porque era preciso dar uma cabal informação ao auditorio, que parecia prestar uma benevola attenção ao meu querido amigo o snr. barão de Sá. Eu creio que já disse que a sua mania era o galanteio ás mulheres, ás quaes fallava

na civilisação americana, onde nunca fora, e nos salões de Paris, onde nunca entrára. Além d'isto, dançava e dançava sempre, todas as quadrilhas, todas as walsas, e sentia profundamente que tivesse passado de moda o solo inglez. Ainda mais, fazia *calembours*, e forjava epigrammas para os seus amigos. Está definido summariamente o barão de Sá, se não vale a pena dizer que elle trazia sempre o cabello anediado como a cabeça de uma creada de servir aos domingos. Estavamos pois em casa de Alberto de Magalhães, e eu gosava o delicioso fidalgo com todo o enojo da minha indignação, quando entrou um outro cavalheiro, a quem chamavam *barão dos Reis*. O nosso amigo soltou uma estridorosa gargalhada, quando o seu collega entrou com uma velha pelo braço, que diziam ser sua mulher. O barão dos Reis tinha uma presença regular. Era homem de cincoenta e tantos annos; vestia como os outros, andava e fallava como todo o mundo de Portugal, e eu não vi razão para a gargalhada do meu cicerone, nem para os sorrisos de outros elegantes que vieram fazer côro com o barão de Sá.

«— Não sabeis por que a gente se ri? perguntou-me elle.— Não, não sei.—Eu vos digo, tornou elle, aquelle homem foi feito barão, ha dias. Chamava-se Joaquim dos Reis; foi meu mestre de piano; mas um pessimo mestre, que nunca foi capaz de me fazer tocar o harpejo da *Joven Lilia abandonada*. Era um sordido, que me sujava as teclas do piano: e quando viu que não levava a vida executando musica, deu-se ao officio de copista de solfa de igreja. Haverá quatro annos que um tal judeu, vindo não sei de d'onde, lhe restituiu um dinheiro, roubado não sei se á mulher, que é aquella velha, e o caso é que o snr. Joaquim dos Reis entra em

jogo de fundos, compra com os papeis do governo um convento em Santarem, empresta ao ministerio uma bagatella, e appareceu-nos barão, ha dias, de mais a mais com a insolencia de apresentar-se aqui na grande roda!

— O meu imbecil amigo terminou a biographia do mestre do piano com outra gargalhada, e foi direito a elle perguntar-lhe se estaria já habilitado para lhe ensinar o harpejo da *Joven Lilia abandonada*. Esta pergunta incitou a hilaridade em alguns rapazes, que o seguiram, e o pobre barão phylarmonico retirou-se immediatamente do salão com a pallida mulher. Minutos depois, o creado do cavalheiro Magalhães entrou na roda dos elegantes, onde estava o barão, e disse em alta voz:—O snr. Alberto de Magalhães manda-me conduzir immediatamente o snr. barão de Sá para fóra das suas salas!

— E' original o acontecimento!—interrompeu a duqueza.

— Muito original! O barão de Sá retirou tão corrido como o barão dos Reis; e os seus amigos, que se tinham rido do sarcasmo, a seu ver muito espirituoso, ficaram louvando o procedimento do dono da casa, e cortando cruelmente a reputação do expulso com ignominia.

— E depois?...—interrompeu um sobrinho do deão, que tinha a honra na ponta do nariz— O vosso bizarro amigo, que nos fizestes a honra de apresentar, não desafiou a Alberto?

— Essa pergunta é de selvagem! —retorquiu o deão — Quem falla aqui de desafios? Estamos em terras de cafres, ou somos do paiz mais civilisado do mundo?

— Meu querido tio, o duello é a civilisação — retorquiu o espadachim, empinando um copo de Bordeaux, em que era mais perito que nos duellos, graças ao exemplo de seu tio, perfeito conego, que passára uma rega-

lada vida comendo, bebendo, apostolisando a propagação da fé, lamentando a decadencia do christianismo, e dormindo.

— Não fallemos em cousas desagradaveis — disse o capellão da duqueza, por não trazer á memoria de sua ama e senhora os funestos resultados do duello de seu irmão — Como vão os trabalhos da propagação da fé, snr. deão?

— Bemdito seja Deus, os effeitos são divinos, porque a causa é a causa do Senhor. Mr. Petit, o anjo do Evangelho, escreve de Chichipe-Outipe, e diz que vive entre os Potowatonuas, que conservam ainda a tradição dos jesuitas, os quaes denominavam os *homens negros*. Já sobem a mil e duzentos os christãos. Um padre portuguez, varão apostolico, homem predestinado, foi-lhe mandado como auxilio do céo pela Providencia Divina. Mr. Petit diz que, sem o soccorro d'este enviado do céo, não teria colhido tantos frutos da semente lançada entre os espinhos do paganismo. Acrescenta que a sua figura faz lembrar os apostolos da primitiva igreja, e que a sua palavra, sempre cortada de gemidos, faz chorar o auditorio, e leva ao espirito a unção de um S. Paulo, e do antigo patriarcha das Indias. O seu nome é padre Diniz Ramalho...

— Padre Diniz Ramalho!... — exclamou a duqueza.

— Sim, snr.ª duqueza. Embarcou em Marselha, haverá dois annos, com os padres francezes. Elle e o padre Petit são os unicos que sobreviveram aos trabalhos, ás sêdes, e ao martyrio... Vejo-a enthusiasmada com o triumpho dos meus dois queridos missionarios, snr.ª duqueza! Dou graças a Deus por lhe ter causado essa boa commoção!... Mas não quero que chore! isso é de mais...

— Não são amargas estas lagrimas, snr. deão—disse a duqueza, que não podera disfarçar a commoção.

— Ora, meu tio,—atalhou o sobrinho do relator dos triumphos apostolicos—reserve esses beatificos quadros para contar a minha mãe, que acaba sempre por dar mais quatrocentos francos para a obra da propagação da fé.

— És um imbecil, meu talentoso sobrinho—gaguejou o deão, engulindo um damasco de calda, que teve de fazer recuar nos limites da garganta com um copo de champagne.

Findo o jantar, que fora para a duqueza uma prolongada lucta de crueis recordações, de vergonhas intimas, de remorsos suffocados, os importunos convivas esperavam a illustre hospeda na sala onde o chylo se purificaria em espirituosa conversação, se lhes não fosse annunciado, que a snr.ª duqueza, por incommodada, se recolhera á sua camara, e pedia desculpa aos seus amigos.

Retiraram-se com hypocrito pezar, excepto o medico, a quem era obrigatoria a visita ao quarto da sua nervosa doente, que elle curava sempre com quatro anecdotas de Paris, contadas com linguagem decente.

D'esta vez, porém, a panaceia não aproveitou. Não quizera saber de anecdotas a duqueza. Estava mais que nervosa. Era alguma cousa parecida com o phrenesi, o que ella tinha. Inquieta, enraivecida, abrazada, franzindo a testa com tregeitos de aborrecida, a rival infeliz de Eugenia recebera o doutor com estranho máu modo, e por pouco lhe não disse desattenciosamente que a deixasse só.

O medico, da sua parte, não era paciente bastante para aturar caprichos de mulheres, visto que curava os da sua com dieta de palavras.

Pegára portanto no chapéo e na bengala, quando a duqueza, que até alli parecera indifferente aos frios lenitivos do perplexo doutor, o chamou com a costumada suavidade da sua voz e das suas maneiras:

— Vae zangado, doutor?

— Não, minha senhora... zangado não; mas... quem não sabe decifrar charadas é um dromedario se é teimoso...

— Tendes razão... Eu tenho sido uma charada, e a vossa sciencia é outra...

— Mas a minha charada tem um conceito...

— De certo... são os epitaphios... e bonitos conceitos que elles são, até mesmo porque ha *conceitos* bons que é necessario serem escriptos sobre a sepultura para se estabelecerem...

— Bonito *calembour*, snr.ª duqueza! O que vejo é que passou a tempestade... estimo muito... Vamos a ver este pulso... Noventa pulsações por minuto... E' a digestão que se faz irregularmente... isto não é nada... Nunca vos vi semelhante ataque... fizestes-me lembrar vossa mãe, snr.ª duqueza. Tinha dias insupportaveis! Então, era eu rapaz pouco experiente da organisação problematica das senhoras, e tinha mêdo de vossa mãe. Depois, casei, e quiz Deus que minha mulher tivesse uma organisação com todos os segredos. Tem sido uma anatomia que me não fica barata, mas tenho aprendido muito n'ella. Receio que me succeda como a Bichat, que foi victima das suas observações no cadaver, e uma autopsia em mulher viva, é cousa um pouco mais séria e perigosa... A snr.ª duqueza ri-se? Pois olhe que eu tenho chorado muitas vezes, porque não pude ainda descobrir a pharmacopeia com que se curam as mulheres

dos medicos. Cuidei que curava a minha com um decocto de papoulas...

— Pois déstes papoulas a vossa mulher?!

— Nada... tomei-as eu, porque, se é verdade o Evangelho, a minha mulher é a carne da minha carne, o osso dos meus ossos, e os remedios que eu tomar devem influir n'ella como em mim. E' o que eu pensava, como bom logico que sou, quando tomei as papoulas. Imaginei que dormindo eu, dormia ella, e dormindo ella, estavamos ambos calados. Enganei-me, como um charlatão, como um Paracelso de ridicula memoria. Minha mulher fallava tanto, que me acordava! Acreditae, snr.ª duqueza, que a medicina está muito atrazada emquanto virdes que os medicos não vivem bem com as snas mulheres... O mais tudo se cura; não ha molestia acabada em *ite* que não tenha uma abundante pharmacia. As proprias paixões se curam com um pouco de extracto de *Molière*. Agora tenho eu um doente, que espero curar com duas risadas applicadas a tempo... Já sabeis quem é o meu doente?

— Não.

— O hospede do visconde de Armagnac...

— Pois está apaixonado?

— Como um Sardanapalo em miniatura!

— Como o soubestes?

— Disse-m'o o visconde.

— De que maneira?

— Muito simples. Uma declaração desprezada...

— Onde?

— Não fui tão longe nas minhas indagações. O que me disseram foi só isto. Perguntei desde que tempo duravam aquelles soffrimentos, respondeu o visconde que não havia muito...

— Será romanticismo de criança...

— Ah! a snr.ª duqueza... acha... que será... romanticismo?...

— Fazeis-me essa pergunta com um tom...

— Sem intenção... e, se a tivesse, não ha aqui pensamento máu... Bem podia ser...

— O quê?

— Uma criança audaciosa...

— Por Deus!... achaes que eu tenho attractivos de apaixonarem um homem em quarenta e oito horas?

— Hei de ler os meus auctores a esse respeito...

— Não incommodeis os vossos auctores por semelhante motivo. Eu não me interesso n'esse estudo... Ides ver o vosso doente?

— Tenciono lá passar a noite, se não disserdes o contrario, snr.ª duqueza.

— Tentaes, portanto, cural-o...

— Não, minha senhora... tento...

— Fallae serio como um medico...

— Fallo serio, como sempre, em serios negocios. O menino apaixonado quer saír, e o visconde não o deixa saír sem que eu lhe garanta o nenhum perigo da saída.

— Que perigo?

— O perigo de uma congestão cerebral, ou cousa que o pareça... Os symptomas que hoje lhe vi eram assustadores. E' o amor mais febril que tenho encontrado nos casos variadissimos d'esta epidemia...

— Então não vos quero demorar. Ide, e fazei-me o favor de testemunhar o meu desgosto pela falta do visconde e do seu hospede, muito especialmente por causa do imprevisto incómmodo.....

.....

XVI

O coração da mulher é um abysmo. Este axioma é já tão velho, que não é habilidade nenhuma repetil-o. Habilidade é sondar o dito abysmo e adivinhar a mulher. Muitos o tentam, e poucos conseguem vir a lume com a pedra philosophal. E' uma exploração perigosa como a dos exploradores. E' como as viagens do pólo, em cujos gêlos ficam sepultados os nautas atrevidos. E, se não fosse assim difficil a conquista, a mulher não valia nada. O que a faz preciosa é o segredo.

A duqueza de Cliton, angelicas leitoras, era uma mulher superior á analyse do medico penetrante e do experimentado visconde. Vereis que o auctor é muito mais esperto elle só, que os dois cavalheiros juntos, porque, descosendo as pregas d'aquelle coração com a tesoura da maledicencia, indispensavel n'este nosso trabalho de physiologia, vae mostrar-vos a mercancia de Alberto de Magalhães.

A duqueza já nós sabemos que se retirára a Cliton, onde vivia sósinha. Esta violencia, imposta á sua indole, durára anno e meio. As creadas reputavam-a maniaca, e muitas fugiram atemorisadas, suspeitando alguma furiosa demencia em sua ama. Os dias de profunda melancolia, seguidos aos acessos de phrenesi, reputavam-os beaterio: e não os reputavam mal, porque a duqueza, n'esses dias, rezava com fervor, chorava como Magdalena, e tinha outras muitas virtudes de muitas outras santas, que nos não lembram agora. N'esta alternativa de santa e de phrenetica, passaram-se dezoito mezes,

até que, uma bella manhã, a duqueza de Cliton, melhor avisada, entendeu que não nascera para tal vida, nem tinha motivos razoaveis para viver assim. Esta judiciosa deliberação coincidiu com a chegada do visconde de Armagnac á sua quinta. Resolvida a conviver, cumprindo os deveres de senhora do tom, mandou cumprimentar o melhor amigo de sua casa, raciocinando d'esta maneira: «o visconde ha de querer conciliar-me com o mundo; primeiro resistirei; depois, por muito rogada, consentirei que venham a minha casa as antigas relações de Angouleme: e mais tarde irei a Paris, onde está a minha sociedade, onde se respira o ar da vida que eu preciso respirar. A minha reclusão de anno e meio deve ter movido o interesse e a sympathia das turbas a favor das minhas desgraças. A maledicencia não exige virtudes para se calar; e eu espero que a maledicencia me considere uma mulher superior e me veja através de um prisma de superstição, que eu saberei sustentar com a minha riqueza, e com o calculo, filho da experiencia.

A duqueza planisára assim; mas a reacção era tão impetuosa, que lhe não deixou seguir com vagar o fio dos acontecimentos. O convite para o jantar foi uma precipitação, que maravilhou o deão, e os outros convivas, menos o viajante e o litterato, que absolviam todos os caprichos e celebridades de uma mulher, franceza de mais a mais. Para estes, o isolamento da duqueza era uma phrase tão natural como a convivencia. Se a vissem irmã da caridade hoje, e ámanhã elanguescida em um sofá, arquejando cansada de uma walsa vertiginosa, julgariam ambos os factos como necessidades da organisação. E, n'isto, não nos levam vantagem mr. de Colomb, e o seu amigo; porque sabemos que ha organisações assim.

D. Pedro da Silva era uma individualidade inesperada na sua nova época. Amestrada em todos os relances de olhos, e em todos os silencios significativos, a duqueza adivinhou depressa a temperatura do coração do seu apresentado. Não se julgou radicalmente amada; mas viu as labaredas do vulcão repentino, embora superficial, que queimava por dentro o mancebo. Bem sabia ella que não era este o primeiro triumpho seu! Tinha visto assim abrazarem-se muitos vesuvios em redor do gêlo da sua alma, que só Leopoldo Saavedra soubera derreter, não diremos se com o fogo das suas palavras, se com o metal candente de oitenta mil francos. Fosse o que fosse. Por esses tempos, Theophilo Gautier escrevia o seguinte: «A mulher que resiste a cem mil francos, cederá a duzentos mil... Todas são corruptiveis... a cifra é que varia...» Mas a nossa questão não é esta.

A duqueza de Cliton para saber que era amada não precisava de ler o *suspiro* do portuguez em versos francezes. Convinha-lhe, porém, aceitar o cortejo de D. Pedro da Silva?

Este grave quesito inquietou-lhe o somno da noite, que precedeu o dia do jantar. A essas horas o atormentado mancebo refrigerava ao ar da noite a cabeça escaldada. A duqueza não suppunha tanto; mas combinando umas cousas com as outras, esperava alguma cousa, e reprehendia-se da demasiada severidade das expressões com que lhe entregára desdenhosamente a poesia.

O resultado excedeu a expectativa. Não queria tanto; mas sentiu-se orgulhosa de alguma cousa. As mulheres, de tempo a tempo, quando principiam a duvidar da sua formosura, gostam de colher bons resultados das taes experiencias. Se ha alguma superior a estes louvaveis caprichos, não a conhecemos. As mais veneraveis ma-

tronas, as Octavias que levam a mão ao nariz quando as incommodam os perfumes das Lesbias e das Marcias, essas mesmas, que seguem á lettra as imposições do sacramento, que as fez boas esposas e boas mães, não se mortificam demasiadamente se o binoculo impertinente de algum importuno as persegue, inclusivamente na terceira ordem.

A duqueza era como todas as outras, e tinha alguma cousa mais, que muitas outrãs não tem: era muito linda, muito espirituosa, muito rica, e muito vaidosa com sobeja razão para sel-o.

O peior foi a conversação do jantar. Os elogios de mr. Colomb a Eugenia de Magalhães deixaram-a atrozmente resentida. O lume do rancor não se apagára nas cinzas de um apparente esquecimento. A vingança, baldada por um homem superior que o destino lhe deparára, só poderia desvanecer-se por influencia religiosa, que a duqueza não estava disposta a receber. Perdoára por impotencia: este sacrificio não tinha merito nenhum. Parecia-lhe impossivel perdoar, depois de consumir quatro annos e meio atraz dos vestigios da sua victima predestinada. Recebera da America uma carta de padre Diniz; mas essa carta não lhe fallava em Alberto de Magalhães, nem lhe impunha o perdão do ultraje. Não prescindira da sua vingança!... Mas o que tem uma cousa com a outra? Tem muito. Encadeia-se infernalmente o odio entranhado da duqueza com o amor rejeitado de D. Pedro da Silva. Jogava uma paixão vertiginosa entre a criança que nascera, dezenove annos antes, na quinta das Alcaçovas, e o sicario do marquez de Montezellos, que a vendera por quarenta peças, para quinze annos depois a dotar com quarenta contos.

Podiamos aqui já levantar o segundo véo da tragedia

occulta no coração da duqueza; mas antes queremos que os leitores sintam a innocente vaidade de levantal-o.

D. Pedro da Silva estava mais tranquillo quando chegou o medico, portador dos cumprimentos da duqueza, que repetiu na presença do doente. Já prevenido por suspeitas, o doutor reparou que o mancebo ouvira em sobresalto os termos banaes da etiqueta, convenceu-se da *causa morbus*, e achou que tinha dado um grande passo na sciencia, mas para a cura de certo não dera nenhum.

Interrogado pelo visconde, se, no dia seguinte, poderiam partir, o medico respondeu que sim, se a distracção era o fim da saida.

Na manhã do seguinte dia, o medico, antes de recolher-se a Angouleme, visitou a duqueza, que o esperava anciosamente, e deu parte das melhoras do portuguez, que se retirava para Paris. A duqueza sentiu uma mordedura de vibora no coração. Este desenlace era o menos ajustado possivel com os seus calculos.

— Já partiu?—perguntou ella, não sabendo esconder a commoção.

— Ainda não... Partirá de tarde. O visconde tem negocios que o não deixam saír de manhã, e disse-me que viria despedir-se da snr.ª duqueza.

— Sim?

— Sim, minha senhora...

— E...

— Bem sei o que quer perguntar-me... Creio que tambem virá...

— Sabe que vem?

— Ouvi dizer que sim.

— A quem?

— A elle... A snr.ª duqueza não acredita que o me-

dico é duas vezes confessor... e duas vezes adivinho... que sabe o que se passa na alma, e o que se passa no corpo...

— Quereis dizer...

— Que o meu doente tem razão para adoecer... Os ares aqui são sadios, o céo é bom, as aguas são puras, mas os olhos têem a cholera-asiatica...

— Gracejaes, doutor?

— Com a snr.ª duqueza de Cliton não se graceja. O caso podia ser mais serio... Quem vence os corações sem entrar em batalha, mesmo por caridade com o proximo, não deve apparecer nunca... E não me detesteis por estas franquezas de velho...

O doutor foi interrompido pela noticia da chegada do visconde de Armagnac e D. Pedro da Silva.

— Vê? — continuou o penetrante adivinho do corpo e da alma, como elle modestamente se reputava — Elle ahi está... Era preciso que fosse muito pouco orgulhoso para não vir... Ouço dizer que estes homens da Hespanha são netos dos arabes.

. . . . . .

O doutor saía, quando entravam os cavalheiros. A duqueza apertou a mão a D. Pedro da Silva, encarando-o com certo ar de dignidade, que lhe não ia mal.

— Tive um verdadeiro pezar — disse ella — com o vosso incómmodo, snr. D. Pedro. Fosse qual fosse o motivo por que não aceitastes o meu convite, quizera que não fosse uma doença de algumas horas...

— Uma passageira doença... — disse D. Pedro.

— Saudades de Paris?

— Justamente.

— Depressa se desenvolveram tão dolorosamente.

— Cuidei que seria superior, mas enganei-me...

— Superior... a quem?

— A' saudade, snr.ª duqueza.

— A solidão não é lenitivo para quem foge ás multidões de Paris, com saudades de Paris...

— E' assim, snr.ª duqueza.

— Criança... criança... atalhou o visconde, que adivinhára as intenções orgulhosas do seu amigo.

— Não pensam assim as crianças...—retorquiu a duqueza, rindo sem vontade—Já não ha crianças... Que annos tem, snr. D. Pedro?

— Dezenove.

— Aos dezenove annos é-se homem pelo coração... ama-se tudo, e, em primeiro logar, a mulher, não é assim?

— De certo, snr.ª duqueza, em primeiro logar, a mulher digna de todo este amor...

— E ha alguma digna de tanto amor?

— Ha, minha senhora... Se conhecesseis a que eu amo...

— Deve ser um ente perfeito, uma mulher invejavel... é de Paris?

— De Paris.

— Da vossa idade?

— Justamente da minha idade. E' d'aquellas *que comprehendem os meus versos*, e me repelliria como indigno d'ella, se soubesse que eu tinha consagrado versos a quem m'os não entendesse.

A duqueza mordeu o labio inferior, e continuou:

— E foi por causa d'ella que eu tive o desgosto de vos não ter hontem no meu jantar?

— *Desgosto*, não, snr.ª duqueza. Ella de certo não tem a pedir-vos desculpa de um desgosto... e eu tambem não, porque ha fraquezas que devem tolerar-se a um

rapaz de dezenove annos... Minha senhora, eu tenho roubado a palavra ao meu amigo visconde, que parece querer dizer-vos que tem necessidade de retirar-se a tratar de negocios, porque tem a bondade de acompanhar-me a Paris.

— Pois partem hoje?

— Hoje ás cinco horas—respondeu o visconde.—Vamos passar a noite a Angouleme.

— Se partem ás cinco horas... são ainda tres.

D. Pedro da Silva já tinha o chapéo na mão, e meia curvatura em ar de despedida. O visconde seguira o exemplo do seu heroico amigo, cuja coragem lhe estava dando em que pensar e maravilhar-se.

A duqueza, apertando a mão ao portuguez, disse com doçura:

— Snr. D. Pedro da Silva, serei indiscreta se vos pedir uma cópia da vossa poesia a um suspiro?

O mancebo estremeceu a esta pergunta, antes de responder, titubeando:

— Indiscreta, não, minha senhora!

— Bem póde ser que o seja, porque ouso pedir-vos cópia de uma candida inspiração, tão lisonjeira para a pessoa que vos faz poeta de tão sentidas poesias... Este desejo... é mais orgulho de sexo... que outra cousa. E' delicioso pertencer, supposto que no ultimo gráu da escala, ao do ente que vos apaixonou assim... Daes-me a cópia da vossa poesia?

— Enviar-vol-a-hei, snr.ª duqueza.

— Não a receberei... Peço-vos que sejaes o portador... Ha outro motivo de menos consideração para ousar pedir-vos tanto. Queria fazer-vos uma recommendação de viva voz para uma minha amiga de Paris, a duqueza de Choiseul. Conto com a vossa urbanidade?

— Sim, snr.ª duqueza... É uma honrosa commissão, que me daes, qualquer serviço de que me julgueis digno.

— E portanto, não partiremos hoje...—atalhou o visconde.

— O peior é se eu sou o desarranjo dos vossos planos, sur. visconde...—disse a duqueza com ar infantil.

— Não temos planos, snr.ª duqueza. Vós sois a que traçaes o destino aos vossos servos... Pena é que não hajam grandes transtornos com o adiamento da nossa saída, para fazermos jus á vossa gratidão...

Saíram.

D. Pedro da Silva estava sem saber definir a sua situação.

O visconde beliscou-o, quando montaram a cavallo, e disse, piscando um olho:

—Ah, maganão!...

XVII

Formosa de todo o viço possivel aos trinta e sete annos, airosamente sentada sobre um galhardo murzello, que relinchava orgulhoso de sua dona, acompanhada de dois creados de rica libré, respondendo com um sorriso protector aos aldeões circumvizinhos, que corriam da lavoura á beira da estrada para a cortejarem com alaridos, a duqueza de Cliton ao fim da tarde, passeiava no caminho, onde devia passar D. Pedro da Silva.

Já perto dos muros do visconde, encontrou o moço, que por pouco não solta uma exclamação de surpreza quando a viu tão bella, tão risonha, tão radiosa, e tão

de tudo quanto podiam encontrar os olhos ambiciosos de um poeta, e os vossos tambem, leitor sensato!

O cavallo de D. Pedro, pesadêlo fatal do visconde de Armagnac, levantou as patas dianteiras para afagar grosseiramente o cavallo da duqueza. Este, que não era impassivel ás lisonjas do seu collega, ergueu-se tambem, guinchou, soprou duas columnas de fumo pelas ventas trémulas, e mostrou exuberantemente que tinha algumas lições de pugilato. Pedro da Silva receiava a quéda da duqueza; a duqueza, porém, sorria do perigo, e afagava com a elegante mão as crinas eriçadas do seu cavallo.

Restabelecida a harmonia entre os dois generosos adversarios, entraram a par na estrada, corcovando-se, encaracolando-se, nitrindo nos freios, escarvando garbosamente, emfim, dando-se certa importancia, que fazia valer os cavaileiros mais cento por cento. Isto, que parece futil e pequeno, mal imagina o leitor o valor que tem em identicas circumstancias. E' impossivel dizerem-se cousas grandes e tocantes duas pessoas, que se amam, se caírem na imprudencia de montarem dois jumentos. Experimentem, e verão.

Posto isto, não queremos attribuir á equitação sómente o seguinte dialogo:

— Quereis deixar a minha aldeia, snr. D. Pedro? Tendes razão... isto aqui é muito triste...

— Para mim de certo...

— E para todos... Para yós é que eu, antes de hontem, o não suppunha... Parecieis-me tão feliz... dizieis da minha terra cousas tão lindas... promettieis poetisar tanto estes ermos, que não tiveram nunca o seu cantor! De certo vos enganaveis!... Eu bem sabia

que vos devieis aborrecer depressa... O vosso coração não estava aqui, pois não?

— Estava... snr.ª duqueza.

— Adormecido, não é verdade?

— Adormecido... foi uma desgraça acordarem-m'o.

— Com uma carta lacrimosa de Paris?... Não me respondeis?

— Que devo eu responder-vos, senhora!...

— Não me quereis para vossa confidente... e eu quero sel-o... Já vos pedi a poesia... que é d'ella?

— Aqui está, snr.ª duqueza...

— Dar-m'a-heis em minha casa; mas, se me daes uma poesia que não é minha, alguma confiança vos mereço. Dizei-me tudo, ou resumi tudo que tendes a dizer em uma palavra... Amaes?

— Amo.

— Comprehendem-vos?... Não admireis esta pergunta. Agora são moda o homem e a mulher *não comprehendidos*. Sereis um d'esses... Comprehende-vos a mulher que amaes assim?

— Deve comprehender-me, que eu não conheço nenhuma mais intelligente...

— Que mais desejaes?!

— O que desejo?... Não desejo nada... Queria esquecel-a, porque era mais feliz se não a conhecesse...

— Mas ides procural-a a Paris!... Não é bom systema de esquecer mulheres...

— Chama-me a fatalidade... Hei de esquecel-a em Paris...

— Ides sacrifical-a a outras?

— Não a sacrificarei... Ella é inteiramente insensivel. Não se magoará com a preferencia...

— Então é indigna de vós...

— Não é: eu é que fui um temerario em levantar os olhos para ella...

— Quereis vós uma cousa? Não vades.

— Que não vá?!

— Sim... eu prometto todos os meus esforços em dar-vos um lenitivo aqui... Posso pouco; mas posso contar-vos como é que as illusões expiram na vossa idade... E' um serviço que me agradecereis, passados annos; chegareis a ser um homem do grande mundo, sem lá ter ido pagar o tributo das bellas affeições, que vos impellem o coração a trasbordar de sympathia por uma flor. Quereis?

— Morrer no coração... suicidar-me... não, snr.ª duqueza, não quero. A vossa generosidade não me deleita, nem me allivia. O que eu quero é o amor, é a vida...

— E receiaes que eu vos dê a morte?

— Receio...

— E' que eu sou tambem uma das mulheres não comprehendidas... Gostaes d'este sitio? Olhae o sol!... parece a cabeça abrazada de um gigante que sáe detraz das montanhas para se rir da nossa pequenez... Este silencio é tão suave para o coração... Paremos!... Como deve ser bello este mundo para quem for felíz!... São tão poucos os dias que aqui se vivem!... Se não fosse a desgraça, com que saudade o moribundo se lembraria do céo, das flores, das estrellas, e do amor!...

— Sim, sim, do amor... mas o amor é a desgraça, não é, snr.ª duqueza?

— E'... acreditae-me que o é, meu amigo... Desgraçado aquelle que encerra as suas ambições em uma paixão unica! Eu invejo a felicidade d'aquella pobre mulher que canta além. Para aquella o seu mundo está resumido alli, no trabalho, nas esperanças peque-

nas, que nunca lhe mentem, nas ambições mesquinhas, que ninguem lhe estorva··· O tumulto, as tempestades, as afflicções são para nós, almas soberbas, avarentas de gôsos impossiveis, sempre com os labios na fronte e a sêde a queimar-nos as entranhas··· Não é assim, com esta linguagem, que eu devo mitigar-vos as saudades, D. Pedro da Silva; mas estudae em mim o soffrimento, e vereis que o vosso é pequeno. Tende piedade de mim, e sentireis menos as vossas dores.

Estavam diante do portão de Cliton. D. Pedro conduziu a duqueza pelo braço, deixou-a na sala de visitas, e passou á galeria emquanto ella mudava de trajes.

Os quadros importavam-lhe pouco. Este ultimo dialogo, que não fez impressão nenhuma no leitor, avivará mais o lume, que a duqueza ardilosamente ignorante, promettia abrandar. Se a verdade deve ser núa nos romances, como cá fóra na vida prática, diremos que o filho de Angela de Lima não se lembrava já de Paris, e, se tivesse por quem, mandaria dizer ao visconde que desfizesse as malas.

A duqueza mandou chamar o poeta para o seu *boudoir*. O *boudoir* da duqueza, ou antecamara, que é mais portuguez, era um capricho de opulencias orientaes ao paladar de França. Os perfumes da Asia impregnavam os átomos, escandeciam a cabeça, e embriagavam frouxamente o coração. Os estofos elasticos, submissos ás posturas voluptuosas do corpo, parece que tinham sido construidos ao sabor das voluptuosidades do espirito. O resplandor dos crystaes, a opala, o charão de mil visagens grutescas, o marmore negro em que tremia o reflexo das luzes, as molles esteiras, que pareciam calar os eccos dos passos, como um segredo de sua dona, que devia ser uma fada··· e muitas outras cousas, que

deleitavam Pedro da Silva, e que de certo não servirão de deleite ao leitor, tornavam encantadamente phantastica a existencia do nosso patricio n'aquelle viveiro de delicias.

Era ahi que a princeza de um conto arabe esperava o poeta de suspiros e jasmins.

— Não repareis no desalinho de tudo isto... Vae em cinco annos que mandei recolher de Paris estas insignificancias ao meu solar. Emquanto viajei, tudo isto esteve para ahi amontoado. Quando volvi á casa onde nasci, pouco ou nada se me dava d'esta ostentação esteril, que não melhora a condição de pessoas infelizes como eu tenho sido...

— Sois infeliz, snr.ª duqueza?

— Muito... Não fallemos de desgraças... Seria da minha parte uma rude franqueza chamar-vos a minha casa para vos contar infortunios de mulher, que não passam de tormentosas insignificancias do coração... Dae-me a vossa poesia...

— A *minha* poesia?

— Sim...

— Não queria eu que ella fosse *minha*...

— Pois então não seja *vossa*... Quereis que vos diga a poesia da vossa querida Beatriz, meu caro Dante? Pois sim... Lêde-a vós... Deve ser mais bella... As palavras devem saír com a fragrancia do coração...

— Vós já a lestes...

— Que importa? Eu tenho lido os sonetos de Petrarcha; mas imagino que os comprehenderia melhor se o auctor viesse ler-m'os... não se me dava de o receber aqui, envolto na sua mortalha, comtanto que me viesse fallar da sua Laura...

— Mas eu não posso fallar-vos da minha...

— Não? Sois mais mysterioso que um poeta da vossa terra, a quem mataram os amores da filha de um rei.

— Admiro-vos, snr.ª duqueza! Conheceis a minha terra, e os poetas da minha terra como se lá tivesseis vivido!...

— Não vos admireis... Minha mãe era uma senhora muito illustrada, conhecia a lingua portugueza como a franceza, e lia os melhores livros de Portugal. Se visitardes o meu quarto encontrareis muitos livros na vossa lingua... E, não sei porque capricho, me fez aprender o portuguez, que ainda hoje fallo, com pequenas difficuldades... Ides ler a vossa poesia, não ides?

D. Pedro da Silva, com a voz trémula, respirando a custo, e o coração convulso, leu a poesia, que a duqueza ouviu, sorrindo, e encontrando com meigo olhar os olhos do poeta, que procuravam, no fim da leitura, adivinhar-lhe o sorriso indefinivel. D. Pedro esperava uma palavra de elogio, isso só, porque seria loucura esperar outra cousa. E o silencio continuava, e o sorriso não se desvanecia nos labios, que pareciam reprimir a gargalhada, que fulminára, uma noite, a cabeça impermiavel do barão de Sá.

A duqueza recebeu graciosamente a poesia, sem descer os olhos da face rosada do mancebo. Depois dobrou-a vagarosamente. Abriu a sua carteira de madreperola, despejou aos pés de D. Pedro os papeis assetinados e flores murchas que ella continha, e introduziu a poesia, inclinando languidamente a cabeça e abrindo um pouco mais o seu sorriso.

— Eu quero que ella esteja sósinha... A minha carteira é a imagem do meu coração...

D. Pedro fez o que nós fariamos. Não respondeu ao galanteio com um monosyllabo, e elle proprio não sabe

dizer se o comprehendeu no mesmo instante. O que elle confessa é que sentiu frios e calores, quando a duqueza, pegando-lhe na mão, lhe perguntou:

— Tendes alguma offensa de que me accuseis? Saí d'esse estado de perplexidade .. Vêde que vos fallo com toda esta familiaridade... Respondei-me... Eu offendi-vos?

— Não me podieis offender... Magoastes-me, snr.ª duqueza.

— Perdoaes-me?

— Oh senhora!... por que me pedis perdão?

— Esta poesia era minha... completamente minha... e eu repelli-a... perdoaes-me?

— Quem vos disse que eu soffri tanto por causa d'essa repulsa?—disse D. Pedro com a voz commovida e os olhos inundados de lagrimas...

— O meu pezar... o meu coração, que tem o remorso que lhe lembra as suas injustiças... Sabeis qual tem sido a minha vida, D. Pedro da Silva?

— Tendes soffrido, não preciso saber mais nada...

— Precisaes... Sabeis que eu não posso amar-vos?

— Não sei; mas devo acreditál-o, porque me é dito por vós... Não me surprendestes, que eu já sabia que era forçoso este soffrimento... Mas fizestes mal em me chamar a vossa casa para um desengano assim...

— Era necessario que viesseis, e vireis todos os dias. Preciso ver-vos... quero a vossa amizade, e não ouso aspirar a uma paixão, que não posso corresponder-vos, porque sou indigna de vós.

— Indigna de mim?

— Sim, indigna! E' necessario muita coragem, ou nenhum amor proprio para semelhante confissão... Embora!... quero expiar o que vos fiz soffrer, rasgando da

face um véo, que vos deixe ver as sombras da escuridade em que tenho esta pobre alma... Eu seria uma infame mulher, se vos captasse com meiguices calculadas, uma a uma, para, ao cabo de quinze dias, vos dar este desengano. Se me daes um sentimento bom da vossa alma infantil, deixae-me colher essa flor sem espinhos; mas não quero toucar-me com ella, porque a minha cabeça tem fogo do inferno, e a flor murcharia logo! D. Pedro, não me julgueis douda... Eu reconheço infelizmente que tenho todas as faculdades na melhor disposição para serem a minha tortura... Preciso de um amigo, com o coração puro, com a candura na innocencia das palavras. Quero adoral-o, quero queimar-lhe o incenso que tenho salvado das tempestades do mundo; mas não quero dar-lhe o que sou, porque não sou nada... sou um corpo, um falso triumpho, que não póde fazer a vaidade de ninguem... Reparae que não estou boa... Está chegando a minha terrivel hora de reconcentração. Concedei-me a liberdade de vos despedir... Vinde ámanhã jantar commigo e fazei que venha o visconde.

D. Pedro da Silva sentiu que a mão da duqueza apertava a sua com estremecimento. Quiz despedir se com algumas lagrimas euphonicas; mas o coração n'aquella idade não tem á sua disposição um diccionario de synonimos, ou a reminiscencia salvadora de um romance.

Duas noites antes, retirára atordoado da repulsa. Por causa opposta, D. Pedro da Silva não ia agora menos confuso. Entrando, porém, em colloquio tranquillo com a sua consciencia, entendeu que era o homem mais feliz do globo. Entendeu mal. O homem mais feliz do globo é o idiota.

XVIII

Seja curioso o diario successivo dos dialogos da duqueza de Cliton e D. Pedro da Silva, no decurso de tres deliciosos mezes. Os manuscriptos, que nos enviaram, não nos auctorisam a inventar cousas que se não disseram. Attendendo, porém, á esperteza inequivoca dos leitores, e tambem á minha, poderemos calcular pouco mais ou menos que em noventa entrevistas, a uma por dia, não podiam dizer cousa que não tenhâmos dito muitas vezes nós.

Para muita gente dá que entender o como é que se entretem o fogo sagrado entre um amante, honesto como Florian, e a respectiva amada, que se venera como uma Vestal. Acham pequeno o vocabulario da lingua humana, para em cada novo dia dizer uma cousa nova. Chegam os taes a persuadir-se até que o aborrecimento ha de vir por força enjoar dois amantes que procuram descobrir o motu-contínuo do palavriado. Enganam se.

O visconde de Armagnac, que, n'esta especie, fazia côro com os sobreditos, perguntava ao cabo de dois mezes de visitas successivas, em que é que entretinham o tempo.

— Eu vos digo—respondeu D. Pedro com toda a candura e verdade do seu coração.—A duqueza de Cliton tem sempre uma cousa nova a contar-me das suas viagens. Apaixonadissima pelo Oriente, falla da Grecia com mais enthusiasmo que o Byron, e do deserto com mais poesia que o meu proprio Lamartine. A's vezes exprime-se em um estylo de inspirada, e da exaltação da febre do

talento recáe em uma especie de somnambulismo, que me faz lembrar aquella grega que prophetisava a quéda do paganismo.

— Com effeito...—atalhou, sorrindo, o visconde—Eu não sabia que a duqueza de Cliton tinha talento com febre, e era somnambula!... Quando a conheci em Paris estava sempre acordada como uma raposa, e tinha os olhos vivos e buliçosos como a propria antílope, de que falla Buffon.

— Não zombeis, visconde.

— Por Deus, que não zombo, meu caro Pedro... E quando não está somnambula, nem tem febre no talento, que fazeis?

— Ha sempre boas inspirações, assumptos do coração, que nos fazem parecer curto o tempo.

— Pelo que vejo, defendeis theses sobre o amor. Isso deve ser delicioso. E quando as theses são discutidas, lavraes a acta, academicamente fallando, da sessão?...

— Não vos entendo, visconde...

— Que candura! Hoje que tencionam fazer?

— Leremos as *Noites de Young*.

— E ámanhã?

— O *Paraizo perdido* de Milton.

— E depois?

— Depois... é domingo?

— E'... que lêdes no domingo?

— As vossas *Memorias sobre o ministerio de Talleyrand*.

— Então quereis dormir como o crédor ao setimo dia... Angelicas creaturas!... Ora olhae para mim... Tendes fallado sériamente?

—Como sempre vos fallo, snr. visconde.

— Só trataes de somnambulismo, e de febre no talento?

Só adormeceis com as minhas *Memorias sobre o ministerio de Talleyrand?*

— Na vossa pergunta ha uma intenção deshonesta, impropria...

— Estylo inglez... *improper*... E' pena que não useis capa...

— Capa?! que quereis dizer?

— Queria ver se virieis um dia sem ella... Conheceis a historia de Joseph do Egypto?

— Conheço perfeitamente... e vós conheceis a historia de Suzana no banho?

— Perfeitissimamente... Os velhos eram lascivos, por isso que não acreditavam na febre do talento.

.....

A prática tornou-se pouco edificante. Basta o que fica escripto para avaliarmos a cordialidade de Pedro da Silva, cuja moral, formada em Inglaterra, estava sendo inoffensivamente chasqueada pelo velho, que votava pela restauração dos costumes da Regencia, salvas as apparencias. A corrupção não era cousa que se applaudisse, mas o visconde não duvidava recebel-a como facto consummado. Não arruinar a casa nem a saude, era este o ponto onde convergiam as solicitudes do velho a favor do seu joven amigo.

O certo é que os amores do pupillo de padre Diniz não podiam ser mais honestos. O coração interessava-se nas viagens da duqueza; o espirito alimentava-se do pábulo do espirito, e a materia não exigia nada. No seu platonismo sincero, o legitimo poeta, como todos deviam ser para accumularem ao mesmo tempo as funcções de contraltos na capella Sixtina, ou a guarda das portas inviolaveis do harem, visto que a poesia não basta para viver—o legitimo poeta, diziamos nós, córaria, se a du-

queza lhe dissesse que a escola dos espiritualistas não grangeava martyres no *boudoir* de uma mulher de trinta e sete annos, sem deveres a cumprir com seu marido.

Diga-se a verdade: a duqueza não era capaz de metter em taes embaraços o seu extremoso amigo. No coração d'esta mulher estavam tres corações, pelo menos. O de que ella se servira para nutrir as ideaes ambições de D. Pedro da Silva, era um coração ideal, como o da amavel leitora, que nos faz a honra de nos ler, e acreditar o mais que vae dizer-se a respeito do caracter inconsciente da confidente de padre Diniz.

A duqueza calculára, amando o portuguez, ou fingindo amal-o, crear um inimigo contra Alberto de Magalhães. O mancebo apaixonado, propenso ao romanesco, saudoso dos antigos brios da cavallaria errante, seria um instrumento cego nas habeis mãos da mallograda condessa de Minturnes do barão de Sá. Amor não lh'o daria ella sem condições; ora o amor que se dá com condições, como quem lavra uma escriptura de doação de bens com o onus de certas tenças, um tal amor... imaginemos que amor poderia ser!... Uma segunda scena, supposto que mais tragica, da comedia representada com o ridiculo barão, que andava por Lisboa vasando a bilis nas nedeas bochechas do pobre Joaquim dos Reis.

O calculo era aquelle: mas o coração da duqueza, isto é, o coração numero tres desmanchava os calculos do numero um.

O primeiro mez de namoro, como se diz nos cafés, e cremos que nos salões tambem, transtornou os planos da duqueza. O habito de tratar com um joven ingenuo, apaixonado, nunca surprendido em uma mentira d'essas que as mulheres toleram, pagando-se com usura a familiaridade, e depois as boas maneiras, a gentil presença,

e a poesia sempre ardente de D. Pedro da Silva, porventura tudo isto, e muitas cousas mais, fizeram palpitar-lhe o coração, inactivo desde muito, o coração das idealidades, das esperanças, das affeições generosas, e da intima estima, que é o mais caro sentimento que devemos ás mulheres, que foram anjos antes de serem o que são.

D. Pedro, sem comprehender a metamorphose, estranhou a intimidade carinhosa com que era recebido. E' que até então, esgotados os enthusiasmos da cabeça, a frieza do coração gelava o rosto da duqueza, que, nem artificiosamente, já sabia manusear os ardis calculados para a sua vingança.

Era, portanto, amado D. Pedro da Silva, e amado como devia sel-o por tal mulher, que, desde viuva, apenas sentira odios e caprichos. O delirio por Leopoldo Saavedra fora uma lava de orgulho que respirára inflammada pela faisca da vergonha de si propria. Se lhe chamassemos amor a esse ciume rancoroso, degradariamos muito aquella virtude.

A mulher, porém, que fingira um sentimento nobre por D. Pedro da Silva, com a perversa doblez de o atirar com um punhal ao coração de Alberto de Magalhães, seria susceptivel de uma affeição sublime, chegaria a envergonhar-se da ultrajante idéa em que quizera fazer cumplice um nobre mancebo, que, cheio de fé, se lhe dava com toda a innocencia dos dezenove annos?

E' o problema que vae resolver-se.

Eram, pois, passados tres mezes, depois que a duqueza adoptára como seu o *suspiro* do nosso poeta.

Em tarde calmosa de julho, debaixo do transparente céo, que parecia sorrir ao seu retrato reflectido no lago, cantavam os passarinhos, murmuravam as fontes, cicia-

vam em redor do mirto as borboletas, recendiam as flores, zumbiam os insectos e murmuravam languidos colloquios á duqueza de Cliton, encostada ao hombro do seu ditoso poeta.

Embriagado pelo nectar da suprema felicidade, o alquebrado amante não sabia dizer o que tinha de celeste no coração, e imaginava que o horizonte da sua alma abrangia a realisação de tudo que sonha o talento, do mais a que podem ir as aspirações ambiciosas do homem.

Da apologia bucolica do panorama, que os rodeava, vieram á silenciosa concentração, mudez das almas privilegiadas, na extrema alegria, ou na dor profunda. Foi a duqueza que quebrou o silencio com a sua voz maviosa, unico som que faltava para o hymno do crepusculo:

— Pedro, ouviste o que eu te disse?

— Não!... tu fallaste agora!

— O meu coração fallou tanto!... cuidei que me ouviras!... Será necessaria a palavra, quando o fio electrico se interpõe na linguagem muda de duas almas? Não é, não... Olha... eu ouvi-te...

— Sim? Devias ouvir bellas cousas... repete-m'as, Elisa...

— Queres? Scismavas no futuro, e perguntavas ao tempo, á fatal sibylla que escarnece os calculos humanos... perguntavas-lhe se a nossa felicidade de hoje seria exterminada um dia... Era isso?

— Elisa!... tu és um anjo!...

— Por quê?

— Vieste ao fundo do meu coração, e viste o invisivel para todo o mundo! Como póde isto ser? Aventuraste-te a adivinhar, ou a minha alma é tão clara para ti, como têem sido verdadeiras as minhas palavras?

— O anjo és tu, Pedro da Silva... O anjo és tu, que não viste a traição que te preparava cavillosamente uma mulher da infame sociedade d'este mundo...

— Uma traição!...

— Sim... mas não me peças a significação d'esta palavra... Hoje, filho, adoro-te com toda a unção de um espirito juvenil! Hoje pede-me sacrificios, que eu dou-te a vida... Diz-me que queres uma expiação do crime, que me faz chorar estas lagrimas, e eu provarei todas as amarguras, tomarei de tuas mãos todos os sacrificios...

— Não falles assim, Elisa!... Antes quero ver-te soberana. O teu orgulho tem suavidades para mim... Quero-te orgulhosa; não te culpo por vaidades legitimas... Eras vaidosa, porque devias sel-o. As humiliações, se me forçasses a ellas, eram proprias de mim, que me sinto insignificante quando ouso chamar-te *minha*...

— *Tua!*...— atalhou ella com tristeza — e serei eu tua!...

— Se o serás, Elisa?!

— Sim... sábes que sacrificios eu te custaria?

— Não...

— Não? Pouco valho então para ti, Pedro!...

— Elisa... eu não comprehendi a tua pergunta. Que me disseste?

— Na minha posição, sabes com que condições uma mulher se renuncía inteiramente a um homem?

— Sei... e recebo-as todas...

— Eu não t'as offereço... não póde realisar-se a tua generosidade... Não pódes ser meu marido...

— Bem o sabia...

— Sabial-o?

— Sim... tu és a duqueza de Cliton... Eu sou um forasteiro, que não posso sequer pronunciar os nomes

de meus paes... Sou rico; mas não sei d'onde vem esta riqueza. O filho bastardo não tem a quem peça uma genealogia que possa emparelhar com a tua...

— Cala-te... Tu não levantas o teu espirito á altura do meu. Sou muito pequena a teus olhos... e tens razão... porque realmente... sou pequenissima... Não posso ser tua mulher!... vê tu que pequena eu sou!...

— Por quê, Elisa?... quem te domina?

— A consciencia que tem um escrupulo, e o coração, que tem uma nódoa...

— Amaste um homem...

— Não o amei... é uma infamia sem nome! Esse demonio deixou me um punhal de fogo enterrado no coração... para toda a vida... Este lume queimaria a existencia d'aquelle que tentasse identificar-se com o meu espirito... Mas não me aborreças por isso, meu caro amigo. Sê meu irmão, já que esse malvado me matou o unico irmão que eu tinha...

— E foi elle?

— Pois não sabes a minha historia!?... É uma maravilha que t'a não tenham contado... Vejo que devo uma grande fineza ao visconde de Armagnac... Silencio, pois... Eu não quero captivar-te com lagrimas de falsa contrição. A mulher, que correu cinco annos atraz da vingança, não está contrita... Pedro da Silva... Não temos nós sido felizes, ha tres mezes?

— Sim... feliz... mas tu não és feliz...

— Não... não sou... Sustento esta mascara... tenho um dominio de ferro sobre as minhas lagrimas, quando quero; fallo com as mulheres felizes, porque obedeço ás reminiscencias dos meus bons tempos, tão depressa corridos da tragedia da minha vida...

— Elisa... Tu choras?!

— Vamos d'aqui... Já não acho bellezas n'isto... Vejo tudo coberto de luto... Olha, Pedro da Silva, fizeram-me desgraçada e má... Eu era boa e feliz...

Saíram do jardim e entraram silenciosos na sala. Esta situação durou longo tempo. Pedro da Silva meditava uma pergunta arrojada. Luctou com mil receios oppostos. Revestiu-se de uma audacia de homem, farto do mundo, ou sequioso de grandes commoções; tomou a mão da duqueza com estranha intrepidez, e disse-lhe em um tom pouco natural na sua idade:

— Elisa... [responde-me... esse homem ainda vive?

— Vive.

— Onde?

— Em Lisboa.

— Como se chama?

— Que te importa o seu nome?

— Cuidei que esta pergunta merecia a confidencia d'esse nome.

— Com que intenção m'a fizeste?

— Com a intenção de vingar a mulher que me chamou «irmão»...

— Agradeço-te o cavalheirismo; mas não aceito a generosidade... Não tinhas outra intenção?

— Tenho... Vingar o irmão da duqueza de Cliton.

— Aceito, em nome de meu irmão... Esse homem chama-se, em Lisboa, Alberto de Magalhães.

A duqueza ergueu-se convulsivamente, e apertou com jubilo satanico a mão de D. Pedro, que procurava recordar-se do homem, cujo nome lhe não era inteiramente desconhecido.

— Conheces este homem?

— Não conheci... Eu quando saí de Portugal só

conheci um padre que me educou, a irmã d'esse padre, e minha mãe, que já não vive...

— E's um perfeito homem, Pedro da Silva. Agora sim, avaliei a tua alma!... Ouve-me... Quero a tua vida: não consentirei que tenhas a menor intelligencia com o assassino de meu irmão. Promettes-me?

— O quê, Elisa?

— Absoluto desprezo para tal homem.

— Não prometto... juro pela memoria de minha mãe, que vingarei teu irmão.

— Pedro da Silva!...

A duqueza estava abraçada ao pescoço de D. Pedro, quando sentiu passos, e suspendeu a réplica ao juramento do mancebo. Era o visconde de Armagnac, que vinha do passeio e fazia escala pelos paços encantados da rainha das fadas, como elle costumava, nos subscriptos perfumados dos seus bilhetes, indicar a residencia da duqueza.

A conversação, quasi toda a cargo do visconde, tornou-se profusamente banal como as suas *Memorias sobre o ministerio Talleyrand.*

.....

A duqueza, no seguinte dia, entrava no seu toucador, e viu sobre uma salva de prata uma carta, que abriu sôfregamente. Era este o seu conteúdo:

«E' necessario ser digno de ti, como amigo da memo-«ria de teu irmão. Estas amizades, contrahidas com um «morto, são imperecedouras. Quero um dia poder ajoe-«lhar comtigo sobre o tumulo do teu amigo, e dizer: «nosso irmão! foste vingado!»

«*Pedro da Silva*»

Elisa, allucinada, escreveu duas palavras; mandou-as

ao seu destino; esperou anciosa a resposta. Devolveram-lhe a mesma carta fechada... Pedro da Silva, á meia noite, saíra para Paris.

O visconde de Armagnac, espantado de semelhante repente, que não pôde suster, deu razão ao diabo, por não querer nada com rapazes.

XIX

Treze dias depois, Alberto de Magalhães recebia do seu correspondente em Paris uma carta que fallava de passagem em Pedro da Silva, nas seguintes linhas:

«Disse-vos, ha tempos, que D. Pedro da Silva saíra «para Angouleme a passar a estação na quinta do seu «amigo visconde de Armagnac. O honrado velho inte-«ressa-se extraordinariamente pelo rapaz. Hoje mesmo, «porém, chegou elle aqui, e sacou quinze mil francos. «Disse-me que saía de França por alguns mezes, sem «me dizer que paiz viajava. Em cumprimento das vos-«sas ordens, não duvidei entregar-lhe a quantia pedida.»

.....

Alberto, lida a carta, disse a Eugenia:

— O filho da condessa saíu de França.

— Para onde?

— Não sei. Não poderá ir longe com o dinheiro que sacou...

— Aquelle rapaz, com tanta liberdade, póde perder-se... Por que o não sujeitas á influencia de alguem?

— De quem? Não quero que elle tenha uma privação... Deixál-o ser rapaz; tempo virá em que seja homem com as decepções de todos os homens. E' pre-

ciso que nos habituemos a consideral-o pessoa da nossa familia.

— Por isso mesmo, Alberto, é que eu me interesso no seu futuro. Tu podes fazel-o rico; mas feliz de certo não, porque elle é filho de uma desgraçada mãe, e de um pae, que morreu despedaçado de angustias...

— Eugenia!...

— Ah! sim... não fallemos n'esse homem... Empallideces sempre que te fallo n'elle... E' tão mysterioso o teu passado, meu querido amigo!... Tomára eu que um dia te levantasses sem memoria... Queria que te recordasses sómente d'estes ultimos quatro annos, em que devemos tanto á Providencia...

— Se a Providencia te ouvisse... Sim, Eugenia... eu queria esquecer-me... Só assim poderia reputar-me o mais feliz dos homens... E não será orgulho... Tudo o que temos seria um meio de consolar infelizes...

— Se realisasses o teu pensamenro de saír de Portugal...

— E' o meu querido pensamento... Sairemos, Eugenia; mas eu preciso deixar caír a mascara diante do filho de Angela de Lima. E' preciso que elle venha a Lisboa, que me conheça, que me ame, e que nos siga. Uma terceira pessoa na nossa familia é uma necessidade para o coração... Eu consideral-o-hei meu filho, e tu sentirás por elle a ternura de irmã. Logo que elle torne a França farei que venha a Portugal... Ha de vir... parece-me que receberei uma bella commoção quando vir o mancebo, que tive n'estas mãos, criancinha, com meia hora de existencia...

— Tu!... não me tinhas dito isso...

— De certo, não... e basta que saibas isto, Eugenia...

— Cuidei que só o viras ha cinco annos, em casa de padre Diniz... E elle conhece-te?

— Pelo nome, de certo não. Diante d'elle foram poucas as minhas palavras... eu creio que nenhumas. Estou que me não conhecerá se me vir.

— Dizes-me uma cousa, meu querido Alberto?

— Qual é?

— Este menino é teu... digo... é teu filho?

— Não... não tem commigo parentesco nenhum. Não te disse tantas vezes que era filho de Angela de Lima, e de D. Pedro da Silva, da casa de Alvações?

— Disseste... mas perdoa-me... esta curiosidade, que é toda do coração... Não te perguntarei mais nada.

.....

No páteo de Alberto de Magalhães parou uma sege de praça, e o sujeito que apeou, annunciou-se com um bilhete, em que vinha escripto a lapis o seguinte:

UM EMISSARIO DE MR. ARTHUR DE MONTFORT.

Alberto ficou estupefacto com semelhante extravagancia, e escondeu de Eugenia o bilhete, pedindo-lhe que se retirasse.

— Oh! filho!... até o nome das tuas visitas é um segredo para tua mulher!... murmurou ella, retirando-se mais despeitada do que deve entender-se das suas palavras.

A pessoa annunciada entrou em uma sala de espera; esperou alguns segundos, e foi conduzida a outra, onde encontrou Alberto de Magalhães. Este, ao vel-o sentiu uma commoção, que o emissario de mr. Arthur de Montfort não concebeu. D. Pedro da Silva, que o leitor adivinhou sem que lh'o dissessem, foi immediatamente conhecido por Alberto de Magalhães. O discipulo de padre Diniz, quando encarou o assassino do seu consti-

tuinte, suspeitou que era elle o homem, que vira uma vez em casa do padre, nas vesperas da sua partida para Londres. Esta suspeita embaraçou-o a ponto de perder da memoria as primeiras palavras do seu mandato.

— Posso saber — perguntou Alberto, contrariando a perplexidade — quem é o cavalheiro que me procura?

Esta pergunta desvaneceu a suspeita de D. Pedro, que recobrou a energia perdida, respondendo em claro portuguez:

— O meu bilhete dá uma perfeita idéa de quem eu sou.

— E' effectivamente o emissario de Arthur de Montfort? Arthur de Montfort morreu ha perto de nove annos. Vem por consequencia do outro mundo... Como se vive por lá?

Este sarcasmo desarmou momentaneamente o pobre moço, que se suppunha funccionando em pleno mundo de Anna Radcliffe. Subira-lhe a côr ao rosto; devemos, porém, crer que n'esse rubor havia mais cólera que vergonha, pela resposta que deu:

— Por lá... vive-se mais tranquillo que por cá. Lá, os assassinados repousam. Aqui, os assassinos esperam a sua hora.

— Pela declamação, vejo que o senhor é admirador da escola dramatica de Victor Hugo... Antes de fallarmos do outro mundo, que deve ser uma interessante palestra, fallemos um pouco d'este valle de lagrimas, em que tenho a honra de encontral-o. O cavalheiro é portuguez?

— Sou portuguez; mas não venho disposto a fazer a minha biographia.

— Tem razão. Quem vem da região dos espiritos não deve gastar tempo com as materialidades cá de baixo.

Queira dizer a sua embaixada, que eu todo sou attenção.

— Arthur de Montfort foi assassinado ha nove annos.

— E' o mesmo que eu já lhe tinha dito.

— Peço-lhe a delicadeza de me não interromper, quando não esqueço-me de que estou em casa de um cavalheiro, e offereço-lhe já uma pistola.

— Agradeço a offerta... — respondeu Alberto com uma ligeira continencia, e um sorriso o mais fulminante que póde imaginar-se — Queira fallar, na certeza de não ser interrompido.

— Tenho pouco a dizer-lhe. Depois de nove annos, não se considera prescripta a vingança de Arthur de Montfort. Exijo que o assassino d'este cavalheiro me responda no campo da honra, com as armas na mão.

— E' um duello que vem propor-me. Deixe-me meditar alguns minutos... Fuma, senhor... não sei o seu nome... mas dispensemos esta formalidade de baptismo... se quer bons *havanos*...

— Não fumo.

— Mas o fumo não o incommóda?

— Não, senhor... Digne-se responder-me com brevidade.

— Um pouco mais... um minuto no seu relogio... pontualidade ingleza! Sabe perfeitamente o que é pontualidade ingleza... Vejo-lhe apparencias de que tem visto muito mundo, e tem representado em lances rasgados, como este que vem propor-me!... Sou o primeiro a maravilhar-me da grandeza da alma com que vem de além dos tumulos pedir saldo de contas ao assassino do seu amigo. Castor e Pollux existiram uma vez, e agora é a segunda. E' admiravel, porém, que na sua idade se fortaleçam os vinculos de amizade, que o

prendem com tanta honra ao tumulo do seu amigo! Quando esse cavalheiro morreu, que idade poderia ter o meu digno adversario? Dez annos. De certo nunca o viu... Ha, porém, uma pessoa que dá muitos ares de Arthur de Montfort. E' a duqueza de Cliton, que mora nos suburbios de Angouleme... Quem sympathisar com as feições da gentil duqueza póde, se for romantico, sympathisar com a sombra mortuaria do irmão... Passou o minuto, cavalheiro... Agora respondo: aceito o seu duello; mas tenho a fazer-lhe uma pequena reflexão, que espero não desattenda. Um duello não se propõe assim. A praxe não prescinde de testemunhas...

— Não conheço ninguem em Portugal.

— Não? N'esse caso, eu vou relacional-o com dois cavalheiros, que receberão a honra de ser seus padrinhos. Onde se hospedou?

— No Izidro.

— No Izidro? Naturalmente está no quarto n.º 7...

— Sim... justamente... n.º 7.

— Deve ter encontrado lá o aroma das perfumarias da duqueza de Cliton...

— Não comprehendo o motejo, snr. Alberto de Magalhães.

— Na sua idade ignoram-se muitas cousas, snr. D. Pedro da Silva.

— Como lhe é conhecido o meu nome?—disse o mancebo, fixando o fleugmatico zombeteiro com a immobilidade do pasmo.

— O seu nome é como a luz que não deve esconder-se debaixo do meio-alqueire... Meu querido senhor, se não tem a mandar-me no seu serviço, queira recolher-se ao seu hotel, e dentro de uma hora será visitado por dois amigos meus, aos quaes occultará o seu nome,

se assim lhe convier. Sou mesmo de opinião que occulte o seu nome.....

.....

D. Pedro, retirando-se, não podemos dizer que pensava isto ou aquillo, porque não pensava em nada. Lances taes são a atrophia da razão, embaralham todos os juizos possiveis, e escurecem todas as luzes que invocamos para encontrar o fio do labyrintho.

O certo é que, uma hora depois, o enleio do nosso sympathico amigo augmentou a ponto de o embrutecer miseravelmente. Esperava no seu quarto as promettidas visitas, quando lhe annunciaram o conde de Alvações, que era irmão de seu pae, e o marquez de Montezellos, irmão de sua mãe! Semelhante coincidencia era impossivel vir do acaso! A debil cabeça do amante da duqueza tinha lume! Um fatal mysterio desorganisava todos os seus planos, e ameaçava algum transtorno na sua razão!

Os dois titulares tinham perguntado pelo cavalheiro Alfred de Elbene, no quarto n.º 7. Novo embaraço!

Entraram: eram homens de quarenta annos.

D. Pedro da Silva foi saudado por elles como mr. Alfred d'Elbéne. Fallaram-lhe em máu francez, e elle respondeu correctamente na lingua em que lhe fallavam.

— Mr. d'Elbéne,—disse o marquez de Montezellos—venho com o meu amigo cumprimentar-vos, e desde já offerecer-vos o nosso auxilio em uma pendencia de honra, que tendes com o snr. Alberto de Magalhães.

— É caso novo—accrescentou o conde de Alvações—sermos enviados pelo vosso adversario, para nos collocarmos da vossa parte. Todavia, esperamos acrediteis que somos dois cavalheiros, incapazes de falsear a nossa honrosa missão de padrinhos...

— Assim o creio... — balbuciou D. Pedro.

— A vossa proposta qual é?

— Um duello com quaiquer arma da escolha do desafiado.

— Alberto dá-vos a escolha da arma.

— Não aceito a generosidade.

— Isso é orgulho descomedido... Aceitae.

— Qual arma joga melhor Alberto de Magalhães?

— Não sabemos... Alberto de Magalhães nunca se bateu. Essa honra estava reservada para vós. Que arma quereis?

— O florete, se Alberto conhece esta arma; no caso negativo, a pistola.

— Em tal caso irão ambas as armas.

— É o mais previdente...—acrescentou o marquez de Montezellos.

—Acceito...—disse D. Pedro.

— A que horas?

—Quando quizerdes.

—As cinco da tarde. Não tendes predilecção por algum logar?

— Qualquer logar é bom.

— Ás cinco horas estareis comnosco na carruagem.

— Pareceis-me um corajoso mancebo, mr. d'Elbéne!— disse o conde de Alvações, apertando-lhe a mão na despedida.

— Desejamos o vosso triumpho, cavalheiro — acrescentou o marquez de Montezellos, que, fóra da porta, dizia ao ouvido do seu antigo amigo, em portuguez chão: *pobre rapaz... em que te metteste!*

XX

A hora dada, a carruagem do marquez de Montezellos recebeu D. Pedro da Silva, e a do conde de Alvações tomára a dianteira para parar no logar aprasado. Passaram em Campolide, e o filho de Angela de Lima, quando avistou um palacete, não pôde reprimir duas lagrimas, que lhe tremiam nos olhos, e não foram despercebidas para o companheiro.

— Que tendes, mr. d'Elbéne?

— Nada, snr. conde... Uma saudade...

— De namorado?...

— De filho...

— Ah!... tendes mãe?

— Já não tenho...

— Lembraram-vos os seus carinhos? Tendes razão sobeja para chorar... Eu tambem chorei muito a minha...

— E, com effeito, vejo que choraes...

— Agora é outra cousa... Esta casa fez-me lembrar uma infeliz senhora que aqui viveu...

— Vossa irmã?

— Devia sel-o... foi a mulher por quem morreu um irmão que me apparece, ha dezenove annos, em todos os instantes da minha vida... Vae ahi adiante de nós o irmão d'essa pobre victima de um tyranno, que se dizia pae... Eu dou a minha vida se elle se lembrou de sua irmã...

— Parece que devieis ser inimigos...

— Como sabeis que deviamos ser inimigos?!—interpel-

lou o conde, surprendido da extraordinaria penetração do supposto francez.

D. Pedro, que vira logo a inconveniencia de semelhante reparo, tergiversou na resposta.

A carruagem do marquez de Montezellos parou a um tiro de bala distante do palacete da defunta condessa de Santa Barbara. Ha ahi uma esplanada inculta, coberta de rosmaninho, rodeada de charnecas. Apearam.

Alberto de Magalhães veio cumprimentar os padrinhos de D. Pedro da Silva, que apresentaram mr. Alfred d'Elbéne aos padrinhos do seu adversario.

O filho de Angela de Lima não denunciava o menor symptoma de pusillanimidade.

Alberto, mais pallido que elle, mediu-o com um d'estes olhares de ostentação, de piedade, ou de pasmo. Voltou-se, depois, para o marquez de Montezellos:

— Pergunte ao seu afilhado que arma quer.

— Seja qual for—respondeu, obviando á pergunta de inutil formalidade, D. Pedro da Silva.

— Os francezes tem a primazia do florete entre todas as nações, Snr. marquez, queira dar um florete a mr. d'Elbéne.

D. Pedro, com admiravel impassibilidade, despiu o frac, o collete, as luvas, recebeu o florete, e collocou-se em frente de Alberto, que se despia vagarosamente, como quem receia uma constipação.

— Parece que Alberto tem mêdo!...—segredou o conde ao ouvido do marquez.

— Tambem me parece!... devia ser bonito, se o petit-metre vinha a Portugal dar uma escovadella no *chevalier sans peur*, que atirou com D. Martinho de Almeida ao Tejo...

— Quando defendia vossa irmã de uma calumnia ultrajante á sua honra, snr. marquez!

O irmão da condessa encarou com azedume o conde. Aquellas palavras eram um buido sarcasmo, que o irmão de D. Pedro da Silva dardejava sobre o seu velho inimigo, sempre que podia.

Este dialogo mudo foi distrahido pelo combate que principiava. D. Pedro atirava ao seu adversario alguns golpes mortaes, que revelavam mais odio que sciencia na arma. Alberto desviou-lh'os, recuando, e o mancebo allucinado, contando com o seu triumpho, avançava quanto o seu contendor recuava.

Proximo a um comoro, que formava uma especie de deveza no campo, Alberto viu, de relance, que não podia recuar. A este tempo, os padrinhos, de parte a parte, julgavam-o em grande desvantagem e perigo imminente.

— Agora recuareis vós, meu caro senhor, que eu não posso recuar mais — disse Alberto com urbano sorriso, como quem diz um galanteio a uma dama.

D. Pedro, que até aqui fora aggressor, sem talvez se lembrar, no enthusiasmo da lucta, que teria de ser aggredido, foi forçado a recuar. Não obstante a promptidão dos botes, que o salvavam dos tiros mortaes que, apparentemente, Alberto lhe fazia, D. Pedro da Silva sentiu a ponta do florete adversario rasgar-lhe o lado esquerdo da gravata. Os padrinhos, que suppozeram ferido o moço, correram a suspender o combate.

— Não está ferido—disse Alberto.

— De certo, não estou ferido—confirmou D. Pedro.

E continuaram o duello. Outra vez o florete de Alberto procurou a gravata do fatigado emissario de Arthur de Montfort. D'esta vez era o lado direito da gravata que soffreu o rasgão. Isto já não podia ser casual. Os

cavalheiros confirmaram os antigos creditos de Alberto, um pouco duvidosos, e confessaram na sua consciencia que mr. Alfred d'Elbéne podia ter morrido, pelo menos, duas vezes. D. Pedro perdeu a cabeça. O orgulho revoltou-se contra a generosidade. A defeza, que tão necessaria lhe era, tornou-se em desatinada aggressão. O seu florete convertera-se em arma de assassino: tentava golpes traiçoeiros, baldados pela fria intrepidez do adversario; fitára-lhe o coração como o alvo a que visavam as ultimas pontarias do ferro, sempre repellido. Era o odio, a vergonha, ou a desesperação delirante acommettendo com impetos inuteis uma estatua de bronze. Alberto de Magalhães, receiando um acaso que fizesse ferir o filho de Angela de Lima, fez-lhe saltar o florete fóra das mãos, e collocou a ponta do seu sobre o pé, esperando a resolução dos padrinhos.

Estes, porém, intervieram, declarando impraticavel a continuação da peleja com arma em que Alberto de Magalhães era incalculavelmente superior. Uma das testemunhas, por parte d'elle, declarou que mr. Alfred d'Elbéne não soubera afastar vinte golpes mortaes, que o cavalheiro adversario generosamente renunciou. Dizia-se, pois, que prescindissem do florete, e que se batessem á pistola.

D. Pedro da Silva hesitou um momento na resposta. O coração mandava-o abraçar aquelle homem: a cabeça reagia em nome do cavalheirismo, que é uma virtude particular nos duellos, pela qual muitas miserias se nobilitam, e muitas sandices se decoram com os arminhos de uma honra de convenção.

Venceu a cabeça. D. Pedro disse que aceitava o alvitre da pistola. Alberto encarou-o com piedade, e a soberba do moço sentiu-se ultrajada, como annos antes,

quando o seu companheiro soffreu o beijo nada macio de um cato.

Os padrinhos carregavam as pistolas, quando Alberto de Magalhães pediu uma entrevista de alguns minutos com mr. Alfred d'Elbéne.

O supposto francez, sem consultar os arbitros da sua honra, que o não conheciam melhor que a sua nação, desviou-se com Alberto de Magalhães.

— Como nos vamos bater—disse Alberto—com uma arma em que as balas se não fazem resvalar para o chão como a ponta de um florete, é muito possivel que um de nós caia morto. Entre nós, porém, ha certos negocios que nos privam de morrer como dois irracionaes.

— Certos negocios!—atalhou D. Pedro.

— E negocios que precisam de certas disposições testamentarias...

— Não o entendo, snr. Magalhães.

— Eu vou fazer-me entender. Eu sou depositario de cem mil cruzados, que são o patrimonio de D. Pedro da Silva, filho de outro D. Pedro da Silva, e de D. Angela de Lima. Padre Diniz Ramalho e Sousa encarregou-me da administração d'este dinheiro.

— Ao senhor!...—exclamou D. Pedro.

— A mim. Um incidente, qualquer que elle seja, collocou-nos na precisão de nos matarmos... Se eu morro, é necessario que v. exc.ª saiba onde pára o seu patrimonio, porque ninguem saberia depois dizer quem era o seu tutor. Se v. exc.ª morre, é necessario que me diga a applicação que hei de dar a tal dinheiro.

— Snr. Alberto... O que me diz é uma cousa que me perturba de modo que não sei o que lhe responda! Eu estou incapaz de responder!... Preciso que fallemos mais largamente.

— Convenho... Em tal caso adiemos o duello, não é assim?

— Se me não é deshonroso...

— De modo nenhum.

Alberto de Magalhães dirigiu-se ao grupo das testemunhas:

— Meus amigos, mr. Elbéne acaba de aceitar-me algumas explicacões, que desaggr vam por alguns dias os seus brios offendidos. Ha outras explicações a darem-se, e não podem ser aqui definitivamente determinadas as nossas respectivas posições. Sereis avisados do resultado, qualquer que elle seja. Por hoje, a vossa missão, nobremente desempenhada, termina aqui. Mr. Alfred d'Elbéne, dae-me a honra de entrar na minha carruagem. Depositae em mim, e na vossa coragem, confiança limitada.

Apertaram-se as mãos, abraçaram os padrinhos, e partiram.

Já na carruagem, disse Alberto:

— Quer entrar em minha casa, ou no seu hotel?

— E'-me indifferente; o que eu necessito, e já, é que me explique, snr. Magalhães, a importancia que me vejo obrigado a confessar que v. exc.ª tem na minha vida.

— E' isso justamente que eu lhe não explico, snr. D. Pedro.

— Por quê? Devo acreditar a necessidade d'esse mysterio?

— Deve, se não acreditar a necessidade, ao menos resignar-se a ignoral-o...

— V. exc.ª tem sido o administrador do meu patrimonio?

— Já lhe disse que sim.

— O correspondente que me faz dar em Paris as minhas mezadas?

— E' a obrigação que me foi imposta por padre Diniz.

— Onde está padre Diniz?

— Nas missões.

— V. exc.ª conheceu minha mãe?

— Perfeitamente.

— E a mim?

— Conheço-o desde que nasceu. Se tivesse reminiscencias da primeira pessoa que viu n'este mundo, lembrava-se de me ter visto a mim.

— Que confusão! E quem era o senhor?

— Este homem que hoje vê, com vinte annos de menos.

— Isso não é resposta... Quem era v. exc.ª, que estava assim tão perto de minha mãe, quando nasci?

— Não respondo á sua pergunta.

— Conheceu meu pae?

— Muito bem...—respondeu com menos frieza, Alberto.

— Morreu, não é verdade?

— Ha dezenove annos...

— Eu já o vi alguma vez, não é assim?

— A mim? viu ha cinco annos...

— Em casa de padre Diniz, nas vesperas da minha partida para Inglaterra.

— Não se esqueceu... cuidei o contrario...

— Suspeitei, quando hoje o vi; mas pensei que era impossivel a coincidencia... Tenho mil perguntas a fazer-lhe, e não sei o que deva perguntar-lhe...

— Organise melhor as suas idéas, que temos muito tempo.

— Eu é que não posso espaçar esta situação penosa...

Queira dizer-me... v. exc.ª matou em duello mr. Arthur de Montfort?

— Não, senhor.

— Como não?!

— Eu nunca tive duellos. Mr. Arthur de Montfort disparou-me uma pistola á queima-roupa, e feriu-me. Eu estava desarmado, apertei-lhe com as mãos a garganta, e dei-lhe o desgosto de o não deixar respirar.

— Matou-o por consequencia...

— Por consequencia de falta de respiração. Depois d'esse facto é que o snr. D. Pedro da Silva se relacionou com o espectro do seu amigo, não é verdade?

— Eu não conheço o espectro do meu amigo. Lembro-lhe, senhor, que é importuna a zombaria da pergunta.

— Quer que fallemos com seriedade?

De certo...

— Pois sim; fallemos com seriedade. Quem o mandou a Portugal pedir-me contas por tal successo?

— Ninguem... vim espontaneamente.

— Acredito-o, snr. D. Pedro da Silva; mas colloca-me na dolorosa precisão de perguntar-lhe se quer fazer resuscitar a cavallaria andante. Acho extravagante a sua commissão. Que vinculos o prendem a um homem que não conheceu? Que vantagens espera, se conseguir matar um homem que não conhece? Responda, snr. D. Pedro da Silva!

— Ha cousas de muito melindre...

— Franqueza... V. exc.ª é o amante da duqueza de Cliton... Temos dito tudo...

— Sou amigo da duqueza de Cliton, não me envergonho de o confessar.

— Nem vergonha nem gloria. A duqueza de Cliton é

como outras muitas mulheres: não acredita nem desacredita.

— Depois que v exc.ª a desacreditou?

— Já antes...

Isso é falso... A duqueza de Cliton foi esposa e viuva exemplar. Quem a infamou foi Leopoldo Saavedra.

— Tire todo o partido dos seus dezenove annos, snr. D. Pedro... Bem vê que sou tolerantissimo... Mas não brinquemos com palavras que significam insultos... A duqueza de Cliton, se v. exc.ª quer, foi uma virtuosa senhora até ao momento em que encOntrou Leopoldo Saavedra; mas Leopoldo Saavedra não tem gloria nenhuma de ter vencido as virtuosas resistencias d'essa esposa e viuva exemplar. Se ha alguma cousa a que deva attribuir-se esse triumpho, é aos oitenta mil francos de Leopoldo Saavedra...

— Que diz, senhor?!

— Não me comprehendeu?

— Penso que ouvi dizer que a duqueza se vendera por oitenta mil francos...

— Justamente.

— Explique-se, snr. Álberto de Magalhães! mas pela sua honra, não zombe de mim com semelhante ultraje.

— Que me explique?! Pois fui obscuro?

— Sim... não concebo a maneira como foi dado esse dinheiro.

— Da maneira mais simples. Escrevi-lhe uma carta offerecendo-lh'o, e ella respondeu-me com outra aceitando-m'o.

— Com a condição...

—Sim, com a condição de se entregar lealmente ao seu comprador.

— Quero uma prova, snr. Alberto!

— Só posso dar-lhe meia prova, a outra metade que lh'a dê ella. A minha está aqui.

Alberto abria uma carta, que D. Pedro lia sôfregamente. Era a resposta que annuia á proposta de Leopoldo Saavedra, em poucas palavras: *Sim, hoje ás duas horas da noite.*

— Isso não prova a infamia—disse D. Pedro.—Não se falla aqui em dinheiro.

— Ah! não? Então será n'esta...

Era uma longa carta, em que a duqueza de Cliton, referindo-se ao dinheiro que recebera e restituira vinte e quatro horas depois, reputava desvanecida na sua consciencia de mulher a nódoa aviltante de semelhante contrato.

D. Pedro da Silva, lida a carta, fixou Alberto com a penetração de um demente, tremiam-lhe os labios brancos, vibravam-lhe em todo o corpo calefrios do terror, e o coração confrangido batia-lhe no peito em impetos, que o pobre moço acreditou que deviam fulminal-o alli.

Alberto de Magalhães condoeu-se d'esta situação, e reprehendeu-se de exacerbal-a tanto.

— Snr. D. Pedro,—disse elle—a sociedade tem muitas pustulas assim. E' a primeira que lhe vê? Tenha coragem... não succumba... E' pena que seja este o primeiro desmentido á sua innocencia, porque é forte de mais para um coração moço... Estas torpezas é melhor lel-as nos romances, é melhor duvidar que possam dar-se, que experimental-as sem as ter imaginado. Eu sabia que v. exc.ª devia succumbir... sabia-o, porque eu mesmo, homem do mundo que lera e experimentára todas as ignominias, pasmei da corrupção da mulher, que me ouviu com fastio nas salas, que me desprezou a facil of-

ferta do coração, e aceitou a mais facil ainda do dinheiro...

— Snr. Alberto... por piedade peço silencio.. Tenha a bondade de fazer parar a carruagem, que preciso saír... não estou bem aqui...

— A carruagem vae por instantes parar á minha porta. V. exc.ª ha de aceitar a minha casa... é a do unico amigo que tem no mundo... Vae conhecer uma mulher que foi intima amiga de sua mãe... Fallaremos muito de sua mãe, de D. Antonia, e de padre Diniz... Vae ouvir a historia da estranha missão que esta gente veio cumprir sobre a terra... Habitue-se a ouvir o som das minhas palavras, porque não ha ainda vinte e quatro horas que eu dizia a minha mulher que v. exc.ª era uma pessoa de minha familia. E minha mulher era propheta quando me disse que o filho da condessa de Santa Barbara tinha muita liberdade e poucos annos... Não se enganou... Arrependo me de lhe ter feito a vontade, snr. D. Pedro...

— De me ter feito a vontade?

— Sim... Eu não devia conceder-lhe a sua vinda de Londres para Paris... A moderna Babylonia devia perdel-o...

— Pois é v. exc.ª quem me governa?

— Indirectamente... Os seus passos têem sido sanccionados por mim... Eu sabia que v. exc.ª saíra de Paris; mas o dinheiro que sacára, quinze mil francos, fez-me crer que a sua viagem era curta... Tudo isto parece-lhe uma cousa extraordinaria, não é assim?

— Um sonho... atroz!...

— Hei de melhorar-lhe a sua situação, D. Pedro... Confie em mim, que tenho um grande poder na sociedade, porque a sociedade é bastante vil para me repu-

tar um grande homem... Sou rico, D. Pedro... Hei de dar-lhe conselhos e ouro... Não prometto dar-lhe boas illusões para a alma, mas hei de ensinal-o a comprar os mais caros gôsos da materia... Queira apear... A minha casa é aqui.

D. Pedro recebeu o braço de Alberto, e foi, inerte de espirito, machinalmente, subindo as escadas. Entrou em uma sala em que Alberto lhe disse:

— Eu volto já... e para não estar só, converse com sua mãe, que está alli.

D. Pedro estremeceu, quando viu o retrato de sua mãe na direcção do dedo de Alberto.

Sósinho, aproximou-se. Mancebo, com todo o fervor das paixões nobres, chorou. Intelligente, com a nobre superstição do talento, sentiu necessidade de balbuciar: *minha mãe!*

N'aquelle momento, uma voz intima, melodiosa como um cantico dos anjos, repetia as ultimas palavras de Angela a seu filho, escriptas para Londres, quinze dias antes da morte d'ella.

Eram estas:

Viva ou morta, meu querido filho, chama-me, pronuncia o meu nome, pinta-me na tua phantasia. Ouve-me, e sentirás que te fallo, olha-me, e verás que te vejo. Pede-me a prophecia do teu destino, e ouvirás que te digo «tens de ser muito desgraçado, porque és meu filho!».....

.....

— V. exc.ª tem a bondade de seguir-me?

D. Pedro seguiu o escudeiro, e á entrada de uma pequena sala ricamente trastejada, encontrou Alberto, que lhe disse:

— Toda esta casa deve consideral-a sua residencia,

snr. D. Pedro; mas com especialidade esta sala, e aquellas alcovas. Se resolve demorar-se em Lisboa, lembro-lhe que a casa onde existem os espolios mais gratos de uma mãe para seu filho, deve ser a preferida pelo filho de D. Angela de Lima.

— Muito agradecido, snr. Alberto de Magalhães: mas eu não me demoro em Lisboa. Preciso ir immediatamente a França; creio que saírei depressa d'alli, e depois seguirei o destino que me aprouver.

— O que lhe aprouver, não; porque v. exc.ª não é absolutamente livre nas suas acções,

— Não sou?... queira explicar-se.

— Sim, senhor, já que me fórça. No momento em que eu fizer suspender os recursos que, até hoje, estiveram ás suas ordens, v. exc.ª é um ente desamparado.

— Por consequencia, eu tenho vivido até hoje das suas esmolas?

Alberto, embaraçado na réplica para que não estava preparado, respondeu com menos promptidão:

— Não, senhor. Não tem vivido das minhas esmolas; más vive debaixo da minha tutela: eu sou o administrador da sua fortuna, e v. ex.ª apenas tem vinte annos... não é senhor absoluto do seu patrimonio.

— Quem me legou esse patrimonio?

— Não sei.

— Não foi minha mãe, nem meu pae, nem padre Diniz?... Empraso o seu cavalheirismo para que me responda.

— Não, senhor.

— Portanto renuncio a essa esmola de mão occulta, comtanto que me deixem a minha liberdade.

— Ninguem tem a liberdade de fazer-se desgraçado, quando um amigo lhe diz: «não serás desgraçado!» V.

exc.ª ha de ser docil ao representante de padre Diniz, ao testamenteiro de sua mãe, a um dos dois que enxugaram as derradeiras lagrimas d'essa nobre senhora. Entre na consciencia dos seus deveres. Encare-me como um homem que deve respeitar. A ridicula importancia de rivaes, que exercemos ha poucos minutos, deve desapparecer da sua imaginação. Ahi está uma criança, que d'aqui a um anno ha de rir-se da situação de hoje. Aqui está um homem de quarenta e quatro annos, que sente a ancia de comprimil-o ao coração, como quem abraça um filho. Se me não estima, possua-se de algum respeito ao meu caracter. Se me não quer para amigo, ha de soffrer-me como perceptor. Quando padre Diniz vier a esta terra, renuncio o dominio que me foi delegado na sua educação. V. exc.ª será livre. Receberá das mãos d'esse santo, ou d'esse demonio, a sua herança, e sepulte-a nas ondas, se assim o quizer então. Por emquanto não. Não póde renunciar a minha influencia, porque ninguem tem direito a renunciar a honra impunemente... Snr. D. Pedro da Silva, minha mulher vem cumprimental-o.

D. Eugenia, agitada pela surpreza de tal apparição, mas alegremente agitada, entrava na sala. D. Pedro ainda com o chapéo na mão, em postura de quem vae despedir-se, recebeu-a, com ares de distrahido, friamente. Eugenia esperava outra recepção, ou queria encontrar no filho de D. Angela de Lima a effusão carinhosa de sua mãe.

D. Pedro, tranzido da sua angustia, recorreria ás frivolidades do cumprimento, se a sua dôr fosse pequena, ou se o habito de soffrer o tivesse industriado no doloroso artificio de sorrir nos labios, e chorar no coração.

— Snr. D. Pedro da Silva—disse Alberto, conduzindo-lhe Eugenia pela mão—minha mulher é filha da sua amiga D. Antonia...

— D. Antonia!... é impossivel! D. Antonia era irmã de padre Diniz, e v. exc.ª é portanto sobrinha de padre Diniz?

— Não sou...

— Não é—respondeu Alberto, apressando-se a evitar a confusão de Eugenia. — D. Antonia não era irmã de padre Diniz... Foi um problema para todos, menos para esse homem, que tinha o segredo de resolver todos os problemas do infortunio... E' uma longa historia, que v. exc.ª ouvirá, quando quizer estudar estas existencias que o rodeiam, e que vão desapparecendo todos os dias... De mais a mais apresentando lhe Eugenia como a confidente de D. Angela de Lima, e sua amiga unica, desde que D. Antonia saíu dos braços d'ella, porque devia morrer no momento em que a felicidade principiava para ambas...

— Que cousas tão confusas!—murmurou D. Pedro, apoiando a cabeça na mão—E' incrivel que a minha cabeça possa com tanto!... Tanto mysterio!... Não é possivel, em duas palavras, snr. Alberto, saber o que sou, quem é v. exc.ª, quem é padre Diniz, que interesse ha em me envolverem desde criança em um labyrintho de incertezas!?

— Quem v. exc.ª é? Sabe-o de mais, creio eu. Quem eu sou? Pergunte-o á sociedade, e adopte a explicação que mais lhe convenha. Se me obriga a responder, por mim, digo-lhe que sou um mixto de virtudes e de crimes. Quem é padre Diniz? não sei, e daria milhões a quem m'o dissesse. O que posso afiançar-lhe é que v. exc.ª sem padre Diniz seria a estas horas um punhado

de cinza. Perguntou o interesse que havia em rodeal-o de mysterios. A resposta é complicada. Sua mãe nasceu no fastigio da sociedade. Lá de cima vem á terra as reputações com grande estrondo. O seu nascimento, senhor, foi uma ignominia, e tamanha, que seu avô, para manter a pureza de linhagem, deliberou a sua morte em sacrificio á honra da sua casa. As ordens do fidalgo foram illudidas: v. exc.ª viveu; mas essa vida não podia manifestar-se á luz do dia, porque era uma vida salvada a furto; era um quadro deshonroso que se escondia aos olhos da sociedade; era uma accusação vilipendiosa á honra de Angela de Lima. Acha infame esta moral? Tambem eu; mas curve a cabeça, que eu tambem a curvo. A humanidade é isto. Quem não quizer transigir com ella, suicide-se; mas o melhor é transigir, porque a misanthropia não tem indemnisação nenhuma, e a reclusão dos conventos caíu em ridiculo subterfugio das almas pequenas. Amargam-lhe estas lições, meu joven amigo? Cumpro uma promessa... Disse-lhe ha pouco que não promettia dar-lhe bellas illusões para a alma, mas ensinal-o-ia a comprar os mais caros gôsos da materia... Que mais quer de mim? Consolações frivolas ao seu soffrimento de hoje? Sejâmos maiores que a sua dor, que não merece, realmente, a applicação do nosso talento medico em cural-a...

D. Pedro fez um polido gesto de pedir silencio, cuja significação Eugenia não entendeu. Um creado chamou para o jantar. D. Pedro supplicou tres vezes a mercê de o deixarem n'aquella sala por alguns instantes. Eugenia, com irresistivel affabilidade, estendeu-lhe a mão, convidando-o a acompanhal-a. O filho de Angela, surprendido do carinho, ou lisonjeado da familiaridade, offereceu-lhe o braço, sem resistencia ao convite. Alberto de Maga-

lhães, que applaudira o feito galante de sua mulher, disse com orgulho, na sua consciencia, que nenhum homem seria mais teimoso que D. Pedro da Silva convidado por Eugenia.

XXI

Vejamos o que á mesma hora se passa em Cliton.

A duqueza, na opinião das suas creadas, está outra vez soffrendo accessos de beaterio, porque, ha vinte dias, não recebe alguem, á excepção do visconde de Armagnac e do seu medico. Encerrou-se no seu quarto, recebe os alimentos por escrupulos, não consente que as suas creadas se interessem no seu allivio, e permitte apenas que se abra meia janella, quando se lhe annuncía o solícito doutor, ou o visconde.

A' hora, pois, em que D. Pedro da Silva ouvia attentamente Eugenia, que contava commovida a historia de sua mãe, a essa hora estava o visconde de Armagnac sentado á cabeceira do leito da duqueza. O medico saíra momentos antes, encarecendo os incómmodos da sua illustre enferma, apoiando liberalmente todos os padecimentos que ella imaginava, e dizendo, em occasião propicia, ao ouvido do visconde, que a duqueza não tinha nada fóra do espirito, e que os limites da medicina estavam no corpo.

A duqueza fixava o visconde com a silenciosa ternura de quem espera um allivio da pessoa que lhe conhece os segredos da sua dor.

— Noticia nenhuma, snr. visconde?

— Se tivesse a dar-vol-a, não esperaria que m'a pedisseis, snr.ª duqueza.

— Sabeis se escreveram ao consul para indagar os movimentos de D. Pedro?

— Escreveram; mas não ha ainda tempo para a resposta.

— Que vaticinaes d'este infortunio, snr. visconde?

— Não vaticino ventura nenhuma, snr.ª duqueza. Foi uma imprudencia...

— Minha...

— Sim... vossa... Um velho tem liberdade para fallar a velha línguagem... Foi vossa... Não devieis chamar á intimidade dos vossos segredos uma criança com o sangue da juventude alterado pelos fogachos dos malditos romances, que pervertem o gosto, e a organisação...

— Mas eu amava-o... e não queria amal-o para me satisfazer o capricho de alguns dias... Tremia que ámanhã lhe contassem esse negro quadro da minha historia, e que elle me reputasse uma vil mulher, um triumpho dos que se atiram aos pés, e se lhes cospe em cima. Eu queria-o para meu marido, e impuz-me o dever de apresentar-me com essa nódoa, que me humilhava diante de um moço cheio de candura e sentimentos nobres. Não me arrependi ainda, porque é nobre ser-se desgraçada, e não ha felicidade á custa de vilanias... Os labios podem rir; mas a vibora enroscou-se no coração. A vergonha onde menos se manifesta é no rosto... Está na consciencia... é uma braza viva sempre... e ha de matar-me esse fogo...

— Não descoroçoeis, snr.ª duqueza ..

— Quereis illudir-me... Eu adivinho tudo... eu ouço um demonio que me diz tudo o que até aqui se tem passado.

— Sois illustrada de mais para tanta superstição...

— Não é isso que chamaes superstição... São os factos que se seguem uns aos outros... é a philosophia da desgraça que me ensina a tirar as consequencias dos principios... Quereis saber tudo? Lembrae-vos bem, visconde, que vol-o disse aqui... Pedro da Silva era um cavalheiro, e desafiou Alberto. Alberto não se bate, porque não aceita desafios... Pedro precisava dizer a esse homem as razões que o levavam a semelhante provocação. Disse-as com toda a nobre coragem do mancebo, que desaggrava uma mulher ultrajada na sua honra, e assassinada na vida de seu irmão... depois...

— Que mais quereis? Se Alberto de Magalhães é tão vil que não aceita uma provocação tão nobre, é digno de ser apunhalado pelas costas, visto que a justiça o não entrega ao algoz...

— Não será assim, snr. visconde...

— Pois que vaticinaes?

— Alberto mostrar-lhe-ha as minhas cartas...

— Que importa? As vossas cartas que podem dizer? Uma confissão apaixonada do vosso delirio? Isso já não é novo para D. Pedro, que conhece de vós mesmo o amor infeliz que desperdiçastes com esse aventureiro... As vossas cartas são innocentissimas... São até uma nova justificação do crime por que elle deve ser punido...

— Não, visconde! — disse a duqueza levando as mãos aos cabellos desgrenhados, e afastando-os do pescoço com phrenesi — Não... essas cartas revelam... essas cartas são a minha condemnação irremissivel...

— Não vejo por quê, snr.ª duqueza! O mais que podem revelar é que a victima succumbiu aos ardis do traidor... Essa fraqueza é muitas vezes um honroso diploma, escripto com lagrimas sim, mas honroso sem-

pre para os corações nobres... corações como o vosso, snr.ª duqueza, que não tem senão mil virtudes a absolver um crime...

— Enganaes-vos... não sabeis o que essas cartas são.

— Não vos martyriseis assim, duqueza! Fallae com tranquilidade... conversemos...

— Deixae-me chorar!... concedam-me esta covardia, já que não tenho a coragem do suicidio... Ah padre Diniz, padre Diniz, que fostes a minha desgraça!

— Em que padre Diniz fallaes?... Serei talvez indiscreto na pergunta; mas é a primeira vez que vos ouço pronunciar esse nome.

— Deixae-me este segredo, visconde... Não vos dôa a curiosidade de querer entrar no fundo d'esta escuridade em que me vejo... Recuarieis espavorido...

— Não é curiosidade, snr.ª duqueza; é o interesse em ser-vos util; mas não valho nada... principío a desconfiar de que só ha um homem que póde trazer-vos a bonança á cabeceira do vosso leito...

— Esse homem não tornará aqui mais...

— Quem... D. Pedro?

— Sim... sim... D. Pedro não tornará mais a esta casa, nem talvez á vossa.

— Diz-vos o presentimento que o mataram?

— Diz-me que morreu para mim... A estas horas está envergonhado de me ter conhecido...

— Que imaginação!... Serenae, duqueza. Fazei valer sobre vós o vosso grande espirito! Vêde que a vossa vida tem um largo horizonte, onde encontrareis para a dor de hoje uma consolação ámanhã. Que alma é essa que se confrange assim antes que a toquem os desgostos? Pois nem sequer esperaes a hora do soffrimento? Que fareis então quando o punhal vos ferir de véras?

— Morrerei!...

— Morrereis!... fraqueza que vos não grangearia sequer a piedade do deão de Angouleme, que havia de ver na vossa morte as funestas consequencias do vicio. Eu queria ver-vos mais altaneira, de face com as angustias, que são sempre as precursoras das alegrias. Quem é hoje que se deixa morrer de uma paixão?

— Ninguem; mas de vergonha... eu!

— E tendes vivido cinco annos, depois que a consciencia vos accusa! Ora confessae que os vossos sentimentos são saudades do meu hospede, e eu prometto que elle virá beber essas lagrimas, e embriagar-se do amor que ellas distillam...

— O vosso gracejo é importuno, snr. visconde!

— Quereis que choremos ambos?

— Não... eu quero chorar sósinha; mas não vos dei ainda motivos para que me negueis uma séria compaixão... Esta desgraça não é comica!... Oh! Providencia! como tu és inflexivel...

— Snr.ª duqueza... não posso ouvir-vos declamar assim... Vêde o que eu posso fazer-vos, e achareis no velho quasi inutil o amigo de vossa mãe, o homem que a sentiu expirar nos seus braços...

— Nem tão tragico, visconde! Não falleis em minha mãe, que eu tenho mêdo a esse nome... Eu via-a já reprovar a minha vida... Não me falleis n'essa martyr, se o foi, porque passarei uma noite tormentosa... Quereis contar-me o segredo da sua vida? ou da sua morte?

— Não, senhora... E' impossivel... morreu com ella... e morrerá commigo!

— Só comvosco?

— Só.

— Ninguem mais n'este mundo o sabe?

— Alguem poderia sabel-o...

— Quem?

— Esse nome é metade do segredo...

— Vive ou morreu?

— Morreu.

— Tendes a certeza d'isso?

— Tenho...

— Qual?

— Não posso responder-vos mais... Nunca disse tanto como agora... Tenho-me fingido completamente estranho ao lance que se passou aqui, para evitar interrogatorios...

— Pois basta... Assistireis a outro talvez mais desgraçado...

— E' impossivel.

— A morte? E' o que eu vejo mais perto de mim... E' a unica, n'este mundo, que me dá um sorriso de esperança.

— E no outro?

— Que tenho eu com o outro?

— Estaes assim, duqueza? Olhastes para a corrupção, e ficastes de gêlo como a mulher de Loth! Não crêdes em nada?

— Creio que estou condemnada, que tenho o meu inferno em redor de mim...

— Imcomprehensivel! Por que soffreis assim? Dae-me a razão, ou eu duvído.

— Não duvideis... Heis de lel-o brevemente...

— O quê?

— O meu libello infamante... a accusação que nem vós me perdoareis... Visconde, se me não levaes a mal esta súplica, retirae-vos.

— Obedeço, snr.ª duqueza.

.....

O visconde inventou todos os crimes; recordou-se de todos os lances tragicos da historia, combinou todas as desventuras possiveis, e não achou a incognita d'aquelle insondavel tormento.

Visitando-a todos os dias, procurando delicadamente trazel-a ao segredo do seu grande pavor, não conseguiu nunca arrancar á duqueza a ultima palavra. Chegou a chorar com ella, porque em verdade a situação d'aquella mulher era lastimavel.

A duqueza estremecia, com o ouvido attento, apenas ouvia passos ao longe do seu quarto. O presagio dizia-lhe que D. Pedro da Silva não tornaria alli, e, comtudo, o rumor de passos apavorava-a, e entre as vozes confusas dos servos parecia-lhe sempre ouvir a de D. Pedro, que dizia: «Infame, que te vendeste!» A estas visões seguiam se as lagrimas, os phrenesis, a febre, e a necessidade de ter ao pé de si o visconde, que não concebia a extravagancia de taes mêdos.

Assim correram vagarosos e atribulados vinte dias. Assim amanheceram e escureceram dias de angustias, presenciadas pelo velho amigo de Cliton, que dava a Satanaz a idéa maldita que tivera de apresentar o seu hospede n'aquella casa, fatal depois de um seculo!

O medico já não assistia impassivel aos soffrimentos da duqueza. O espirito entrára nos limites da materia, e a medicina era impotente na cura de uma enfermidade, cuja causa recrudescia cada vez mais. Interessado na honra da sciencia, dera-se com todo o desvelo a cortar no coração da illustre enferma a raiz do mal. A necessidade de desabafo fel-o confidente da duqueza, e o doutor esquecia a sua vasta clinica, acompanhando o visconde nas estereis consolações.

Eram, pois, passados vinte dias, depois que D. Pedro

saíra do palacio de Cliton, promettendo vingar a morte de Arthur de Montfort.

A duqueza, n'essa noite, sente-se mais comprimida, queixa-se de que não tem ar para viver uma hora, falla ao medico de visões que lhe perturbam a cabeça, e faz um esforço sobre a sua vontade caprichosa para ceder aos dois amigos, que a conduzem a respirar nas salas um ar novo.

A duqueza sente esvaímentos, e desmaia em uma ottomana, murmurando que já vê a mortalha na mão de um demonio, que não a deixa um só instante. Este demonio, reduzido a figura humana, é Alberto de Magalhães, revelação sobrenatural, que ella fez ao visconde, diga-se a verdade, mais imbecil do que devia suppor-se, porque perguntou ao medico se seria possivel espancar aquella visão com algum medicamento. O medico respondera que o medicamento mais apurado para afugentar a visão de Alberto de Magalhães, eram algumas onças de D. Pedro da Silva.

O doutor não acreditou na morte annunciada pela duqueza, e gracejou durante o desmaio, pedindo ao visconde que fosse dar com ella um passeio até Portugal, e que dirigisse as cousas de modo que elle medico viesse um dia a comparar a duqueza avó com a duqueza filha, e duqueza neta, porque a sciencia lucraria muito com este estudo de raça e temperamentos homogeneos. O visconde applaudiu a argucia com o seu fidalgo sorriso, e preparava-se para responder com outra de melhor gosto, e mais decente, quando a duqueza abriu os olhos, e sentou-se espavorida na ottomana, perguntando se não estivera alli D. Pedro da Silva.

— Não, minha senhora, não temos o gosto de poder-vos dizer que sim — disse o medico.

— Não me illudam!... eu ouvi a sua voz... Ouçam... não entrou um cavallo no páteo?

— Não, snr.ª duqueza.

— Como não? zombam de mim? ouçam... visconde, é impossivel que isto seja uma illusão!...

A duqueza levantou-se; deu dois passos para a janella; afrouxaram-lhe as pernas, que não podiam com o impeto da alma, e encostou-se ao doutor, que principiava a ouvir o ruido de alguma cousa no páteo.

N'este momento relincharam os cavallos da duqueza; outros, que não eram d'ella, responderam mais longe. O visconde correu á janella, e distinguiu na escuridade dois cavalleiros, que vinham vagarosamente por entre as longas alas de olmos, que forravam as muralhas do páteo.

— Penso que posso dar-vos os parabens, duqueza!...

— Os...?—exclamou ella, caíndo no sofá.

— Os parabens!... Folgo muito em vos dizer que não sois propheta... Creio que temos ahi D. Pedro... Eu vou saber...

— Não... não...!—exclamou ella, estendendo-lhe os braços—não vos retireis de ao pé de mim... por quem são... não me deixem... se é elle... aqui o conduzirão... mas, visconde, ide, ide... dizei-lhe que estou soffrendo de modo, que não posso fallar-lhe... Ide tambem, doutor... Não vão... fiquem aqui... não me deixem... já agora é preciso beber o calix... com resignação... Compadeçam-se de mim...

Um creado pedia licença para introduzir o snr. D. Pedro da Silva. Esperou alguns segundos a resposta. A duqueza fez um signal affirmativo, que o visconde traduziu:

— A snr.ª duqueza manda entrar.

— Devo retirar-me, snr. visconde? — perguntou o medico.

A duqueza fez um signal negativo: pôz um lenço nos labios, como refrigerio; pendeu a cabeça com gracioso desleixo, e esperou.

XXII

D. Pedro foi diante da duqueza, e cortejou-a silencioso. Recebeu a mão do visconde, e fez um leve aceno de cabeça ás reverentes curvaturas do medico.

— Dae-me um abraço com mais effusão, mancebo— disse o visconde, abraçando-o.

— Honraes-me com essa expansão, visconde — respondeu D. Pedro, correspondendo affectuosamente ao abraço do velho.

— Não cumprimentaes a duqueza?! murmurou o visconde ao ouvido do moço, favorecido pela postura do braço.

— Permittis, senhores? — disse D. Pedro — que eu tenha alguns minutos de particular intelligencia com a snr.ª duqueza?

O doutor respondeu, saíndo. O visconde conduziu o seu hospede para o fundo da sala:

— Ides fazer algum destempêro?

— Não, visconde, podeis estar na sala proxima, que não ouvireis uma palavra. Eu não destempéro com essa facilidade... Sou portuguez, não o sabeis?

— Olhae que essa desgraçada senhora está doentissima... quereis matal-a?

— Matal-a eu!... vós desfructaes-me! Eu mato lá

ninguem? Que é o que vos faz receiar que eu tenha a dizer-lhe palavras que não sejam muito affectuosas?

— Não sei... ella suspeita...

— Ah!... ella suspeita?! E vós?...

— Eu... não... não atino com a razão d'estes sustos.

— Tende a bondade de vos retirar?

— Cumpro... prometteis-me prudencia e honradez?

— Essa pergunta é quasi um insulto... Retirae-vos, se me não quereis obrigar a pedir-vol-o quarta vez.

O visconde saíu, respondendo com um olhar duvidoso ao olhar supplicante da duqueza.

D. Pedro, com o chapéo na mão, sem descompôr-se da postura de um cavalheiro que estuda attitudes sem puxar cadeira, como é de estylo nos dramas de enfurecidos *ohs!* de pé, diante da duqueza, com um amavel sorriso nos labios, que se desmentiam, fallando, como quem diz em uma sala, um segredo a uma dama, sem lh'o dizer ao ouvido, fallou assim:

— Snr.ª duqueza de Cliton, recebeis-me tão friamente!

— Sentae-vos, senhor.

— Permitti que vos não obedeça. Eu demoro-me instantes. Ha vinte dias, ninguem diria que eu seria hoje assim recebido n'esta sala...

— Eu preciso ouvir-vos, snr. D. Pedro... Tenho o coração aqui algemado no peito... não o deixarei expandir-se, sem que vos ouça.

— Então receiaes que eu vos diga uma de duas cousas? Ha porventura alguma que não seja boa?

— A minha situação não comporta as vossas ironias.., dizei uma d'ellas.

— Eu tenho a dizer-vos só uma, porventura a mais agradavel para ambos. Esta carteira contém uma cedula de oitenta mil francos. Desejo-vos bastante para trocar

comvosco esta quantia. Acreditae que vos não acho cara, snr.ª duqueza. Mas se o preço estipulado por Alberto de Magalhães não é o corrente... eu não duvido augmentar alguns francos.

A duqueza, deixae-me assim dizer, morreu durante aquelles segundos. Desfigurou-se completamente. Da pallidez passou para o escarlate, como se lhe tingissem as faces de sangue. D. Pedro pronunciára a ultima palavra com estudada frieza satanica, quando a duqueza, como resuscitada, ergueu-se em pé, cravou os olhos ensanguentados n'elle, e disse, em voz que vinha de dentro como as ultimas palavras de um moribundo que vae morrer de raiva:

— Saí de minha casa, quando não mando-vos azorragar pelos meus lacaios! Já, canalha!

— Um momento, illustre senhora. Consenti que vos entregue duas cartas, que me auctorisaram a propor-vos um segundo contrato absolvido pelo primeiro. Inutilisae, snr.ª duqueza, esses papeis, se não quereis que um terceiro venha ámanhã offerecer-vos menos de oitenta mil francos.

D. Pedro retirava se.

— Olhae, senhor!—disse a duqueza, face a face com elle—é necessario que eu vos tenha desconsiderado muito, para vos não dar uma bofetada... Sois bastante infame, para não sentirdes a affronta... Saí!

— Snr.ª duqueza, se tivesseis um irmão, ou um amigo, cuspia-vos no rosto... Ninguem se responsabilisa por vós...

A duqueza tocou uma campainha. D. Pedro saíra por entre o medico e o visconde, aos quaes não disse palavra, e talvez não visse. O rapido e forte tinir da campainha, no momento em que o portuguez saía, não im-

pressionou os creados, que suppozeram ser chamados para acompanharem a visita.

O visconde, porém, entrára pallido na sala, e encontrou a duqueza encostada com as mãos á jardineira, convulsa, com os olhos fuzilando lume, cravados na porta por onde saíra D. Pedro, e com as duas cartas cerradas nos punhos.

— Que tendes, snr.ª duqueza?—perguntou o visconde, fazendo-a sentar—Entrae, doutor... Vêde o que isto é... Ella não me responde... Olhae o que ella tem nos olhos!...

— Queimae...—balbuciou a duqueza, entregando as duas cartas ao visconde, que as queimou logo, chamando-a de novo.

— Não a chameis, snr. visconde...—disse o medico, tacteando-lhe o pulso e as fontes—Isto vae passar... Ajudae-me a transportal-a para a ottomana... vae desmaiar.

Assim aconteceu. A vida gasta na vertigem de alguns minutos devia restaurar-se com a perda dos sentidos. O visconde pedia ao medico que não abandonasse a duqueza n'aquella noite, e foi a sua casa, onde esperava achar D. Pedro.

Encontrou-o escrevendo-lhe uma carta, que devia ser-lhe entregue, por isso que D. Pedro queria partir n'aquella noite.

— Que fizeste áquella mulher?

— O que eu lhe fiz?... Conversei com ella...

— Que cartas eram aquellas?

— Ah! vós vistes essas cartas?

— Vi.

— Se as vistes, por que me perguntaes que cartas eram?

— Não as li... queimei-as, a pedido da pobre senhora, que ficou desmaiada.

— E' de uma sensibilidade exquisita aquella dama! E' uma perfeita actriz!...

— Respeitae-a, se não podeis amal-a. Eu não vos consentirei esses chascos de criança.

— Calae-vos lá, senhor, que eu não dou mais importancia ás vossas cans... Respeitae-me a mim, digo-vol-o eu agora!

— Sede máu amante, se vos apraz; mas máu amigo, não! Explicae-me este enredo... Que passastes com Alberto de Magalhães? Vistel-o?

— Vi.

— Batestes-vos?

— Sim, senhor.

— E depois?...

— O vosso *depois* a que se refere?

— Um de vós...

— Devia morrer... é o que quereis dizer?

— Sim...

— Vivem ambos com a mais perfeita saude, e claro entendimento.

— Não entendo...

— Não tenho eu sido preciso nas minhas respostas, visconde?

— Tendes... mas occultaes-me tudo...

— Não posso descobrir-vos mais nada.

— Aquellas cartas que continham?

— Perguntae-o á duqueza.

— Eu não vos mereço uma confidencia?

— Se fosse minha a confidencia, seria vossa. Essas confidencias só póde fazel-as a duqueza de Cliton.

— Que mysterio!... Quaes são as vossas intenções agora?

— Vou marchar para Paris.

— Esta noite?

— Immediatamente.

— Não daes folga aos cavallos?

— Tenho outros de quatro em quatro leguas.

— Descansae ao menos esta noite.

— E' impossivel, visconde. De hoje a tres dias, dei a minha palavra de honra que estaria em Londres.

— Em Londres?! E depois?

— Vou para Constantinopla fazer a minha residencia.

— Só?

— Não... com uma familia de Lisboa.

— Não torno a ver-vos, D. Pedro?

— E' crivel que não... dae-me um abraço... e sabei que a minha morte moral encontrei-a n'esta casa... Vêde-me bem... N'esta idade... sou o mais desgraçado dos homens! Essas lagrimas lisonjeiam-me... Fostes um bom amigo... eu é que não quiz ouvir as vossas prophecias... Adeus, visconde...

— D. Pedro... não me deixeis assim como um homem indigno de confiança... Que crime espantoso praticou aquella mulher?

— Não tenteis a minha honra, que baldaes a vossa amizade... Sou criança, mas envelheci ha vinte dias, e tenho um perfeito conhecimento dos deveres do homem experimentado... Sede bom para ella, que sois o seu unico amigo... Adeus...

Abraçados, trocaram lagrimas de verdadeira estima. Um, com a sensibilidade dos vinte annos, outro com a ternura da anciedade, que afaga um filho adoptivo;

choravam ambos, e, porventura, vaticinavam que não tornariam a encontrar-se.

XXIII

São 2 de outubro de 1837.

Ao caes do Sodré, em Lisboa, convergem as carruagens fidalgas e burguezas de Lisboa, com seus donos para o bota-fóra de Álberto de Magalhães e sua esposa, que vão viajar por alguns annos.

Passa-se ahi uma scena mais ou menos ridicula, mas, digam o que disserem os chocarreiros circumstantes, ha alli alguma cousa pathetica. O caso é este: o barão de Sá, que fôra, mezes antes, expulso com ignominia de casa de Alberto de Magalhães, por insultar o barão dos Reis, casado com a tia de sua mulher, o fatal barão de Sá, diziamos nós, não podendo ver partir o seu amigo sem reconciliar-se com elle, apparece na occasião solemne das ultimas despedidas, no caes do Sodré.

O bom homem, que era digno do titulo, mas sensivelmente tolo, chegou, com as lagrimas nos olhos, ao pé de Eugenia, e beijou-lhe a mão. Voltou-se depois para Alberto, e beijou-lhe a testa com grandes gaifonas de ternura.

Eugenia encarou compassivamente aquelle lance, e disse no fundo da sua boa consciencia que o barão de Sá era um necio digno de melhor sorte. Alberto abraçou-o com piedoso desdem, e olhou com sobranceria os espirituosos, que chasqueavam a pieguice do barão.

O incidente passou. Eugenia recaíu na melancolia, que seu marido lhe não consolava, porque a oppressão que lhe apertava a alma, enfraquecendo-lhe o animo, era

d'aquellas que precisam consolações, ás vezes, de uma criança.

A filha de Antonia abraçava com a mesma indifferença as falsas e verdadeiras amigas. Olhos e coração tinha-os fixos em seu marido, que recebia os abraços da fria formalidade com a soberana indifferença de um principe entre aduladores servis.

A escuna portugueza *Alcyone* dera o ultimo signal de levantar ferro. Os viajantes entraram na lancha rodeada de botes, entre os quaes avultava o do barão de Sá que embebia as lagrimas em um lenço branco, em que as senhoras repararam muito, admirando-lhe as puras rendas da Escossia, que o franjavam, cousa só vista no barão de Sá: póde elle ter essa gloria.

Eugenia precisava soltar do coração as lagrimas presadas. Desceu á sua camara, faustosamente adornada, e chorou, sósinha; sentiu o desafogo de uma violenta dôr, que não sabia definir.

Seu marido, que a encontrára assim, tomou a face d'ella sobre o seio, cobriu-a de beijos, enxugou-lhe as lagrimas, e, por lenitivo, apenas balbuciou tres vezes o seu nome.

Esta situação permaneceu assim longos minutos. Chegaram a fitar-se tristemente; interrogavam-se na afflictiva mudez de dois infelizes condemnados a não se queixarem, caminhando para a morte.

Alberto o que sentia? Que dor era aquella de Eugenia? Que presagios estendiam o mesmo crepe sobre dois corações? Que mêdo os congela, a ponto de não trocarem duas perguntas?

— Vamos ver o mar, Eugenia—disse elle, offerecendo-lhe o braço.'— Se tu não enjoasses fariamos uma bella viagem. O céo está delicioso... o vento é favoravel, o

mar convida a scismar no céo... olha como é bonita esta amplidão!.. Tira os olhos da terra, Eugenia... A magestade da natureza está adiante de nós!... Além que fica? A turba que folga e ri, a miseria que representa comedias para se esquecer de que a tragedia esfarrapada lhe lavra nas entranhas... Deixa a sociedade... Olha o mar...

— Sim... o mar é bello... esta commoção é quasi nova para mim... mas, além, além...

— Fica o tumulo de tua mãe...

— Sim... o tumulo das minhas amigas...

— Sentirás aqui mais vivas saudades d'ellas... Conversemos com as suas imagens... Por que não tens saudades da irmã de tua mãe, que lá fica viva, e se despediu de ti com os olhos enxutos?... A morte é que rehabilita as amizades... eu sei-o bem, Eugenia... Deixemos os mortos, que são o pó... o espirito, esse, se o ama, acompanha-te... É aqui n'esta solidão, que eu vejo Deus lá em baixo n'aquelle horizonte infinito... Foi aqui onde eu senti abalos fortes á minha descrença em tudo... O que é a vida! Quem poderá dizer que a sua alma está morta!... O que eu hoje sinto!... que vontade de pedir ao céo que se abra para nos receber!... E, comtudo, a minha vida principiou ha tão poucos dias! Não é cansaço... é a ancia da immortalidade... o terror de um abysmo para cada um de nós, separados... talvez!...

— Juntos, meu anjo...

— Mas viver tão pouco!... é tão rapida esta primavera, que vem depois de uma longa estação de gêlo e desesperação na alma!

— Lembras-te, Alberto, o que eu te disse em Cintra, nos Pizões, na tarde do nosso casamento?

— Que foi, filha?

— «Vivemos pouco, porque era muita a felicidade... aqui descansa-se no seio da morte...» não foi assim?

— Lembro-me... mas eu não queria que me recordasses esse receio de então... Eu não quero vaticinar uma morte proxima...

— Nem eu, meu Deus!... mas, se a Providencia não ouve as minhas súpplicas... se te encontrar pendido ao abysmo, hei de caír comtigo... hei de dizer-te: *Vivemos pouco, porque era muita a felicidade... aqui descansa-se no seio da morte...*

— Fallemos da vida, Eugenia...

— Sim, sim, fallemos da vida... Que fará agora o filho de Angela?

— Anceia por nós... Está em Southampton com os olhos fixos no horizonte a ver se descobre estas velas... Vês como elle foi pontual? Disse-lhe que devia estar em Londres no dia 16, e apenas chegou foi apresentar-se a lord William. Que nobre coração em peito tão moço!... Como podem nascer para o infortunio aquelles espiritos!... E por pouco o seu primeiro vagido devia ser o ultimo!...

— Foi padre Diniz que o salvou... Que divindade é aquelle homem!... Terá morrido?...

— Não.

— Não? Soubeste-o!...

— Soube... ainda hontem por um jornal francez... Está na America missionando... Ha de escrever com o proprio sangue a ultima pagina do seu LIVRO NEGRO... Que livro será aquelle?!

— Um milagroso encadeamento de virtudes...

— Quem sabe?... Os primeiros elos d'essa cadeia... serão grandes crimes!

— Crimes... n'aquelle homem?!

— N'elle, em mim, em todos os homens que vem aqui satisfazer um decreto superior...

— Não sei contrariar-te, Alberto!... As tuas palavras tem um cunho tal de certeza...

— De experiencia atroz, Eugenia... Faz de conta que eu vim ao mundo e vi sobre uma pedra eterna lettras cobertas pela crusta dos seculos. Quiz lel as, e não pude. Foi-me preciso chorar muito sobre essas lettras, desgastar com lagrimas essa crusta, e, ao cabo de longas penas, decifrei a legenda, que dizia: DESGRAÇA ETERNA... PARTILHA DE TODOS OS HOMENS ULTRAJADOS PELOS HOMENS... Foi o que eu li...

— Pois sim... mas não entristeças d'esse modo... Fallemos em D. Pedro da Silva... E' toda a nossa familia que nos espera, não é verdade?

— Sentes por elle uma ternura de irmã!

— Mais... eu creio que mais... queria poder chamar-lhe filho...

— Viste-o chorar com a historia de tua mãe?

— Se vi!... enganei-me com elle... Ao principio julguei-o de pedra, e duvidei que fosse filho de Angela de Lima... depois... era elle, Alberto, devia ser por força o filho d'aquelle anjo...

— Se lhe conhecesses o pae!... Que morrer tão lento!... que perfume de martyr!... que legado de remorso eterno!...

— Que tens, filho... tu empallideces?

— Nada, Eugenia .. não é nada... E' esta dor do coração que me ha de matar...

— Sentes aquella pontada do costume?

— Sinto... agora não é tanto... passou...

— Fidalgo—disse o piloto—ámanhã não temos tão bom mar.

Alberto, que não precisava interrogar as suspeitas do piloto, olhou para o norte, e respondeu:

— Aquillo é aguaceiro.

— O quê, Alberto?—perguntou Eugenia com timidez.

— Aquella pequena nuvem que appareceu agora... vês?

— Vejo... aquillo não é nada—disse Eugenia.

Alberto fez signal de silencio ao piloto. Pouco depois, um castello de nuvens alargava os flancos a nordeste. Alberto, como distrahido, convidou Eugenia a entrar no beliche. Entreteve-a instantes, e subiu á tolda. O piloto mandava rizar o traquete, e colher o gafetope.

Alberto clamou:

— Olhe que todas as manobras sejam feitas sem ruido assustador. Qualquer que seja o contratempo, prohibo que se falle em perigo... Mande amainar o joanete. Eu volto já.

Desceu á camara. As creadas de Eugenia rodeavam-a, perguntando-lhe se o mar estava bravo. A corajosa, que recebia a força sobrenatural do contacto com um homem superior, zombava dos temores das creadas, que não podiam suster-se com o repentino balanço do navio.

Alberto passeiava a passos rapidos, sorrindo á innocente intrepidez de sua mulher. Os tufões rugiam as gaveas, e arfavam na vela grande do mastro de ré aquelles latejos convulsos, semelhantes ao som da agua que referve na cachoeira. Do fundo da escada que subia da camara para o convés, bradou Alberto:

— Riza todas as velas!

Instantes depois, Eugenia perguntava que ruido era aquelle por cima.

— E' chuva, minha intrepida navegadora.

— Queria ver a chuva no mar... Deixas-me, Alberto?

— Pois sim... Mas olha que a chuva do mar não se vê impunemente como a da terra... A abobada do navio é o céo...

— Não que eu levo o guarda-chuva...

Eugenia parou no tôpo das escadas, surprendida pelo espectaculo novo. Instinctivamente recuou, e, para não voltar as costas ao quadro aterrador, violentou o animo e cingiu-se ao braço de seu marido.

O céo era de bronze, e as nuvens cinzentas, como castellos a desmoronarem-se, boiavam no dorso das ondas, que se partiam nos flancos da escuna. O seio negro dos curtos horizontes, abria-se ás vezes, e vomitava uma labareda instantanea. Sobre o navio estourára um trovão. Este som perdera-se alli, como o ultimo arranco da humanidade agonisante, nas fauces do abysmo.

— Tremes, Eugenia!...

— Tremo!... isto é horroroso!...

— Queres retirar-te?

— Não... Ha perigo, meu, filho?...

— Nenhum...

— Esperemos então.

— Queres ver saír a luz d'este cháos... Devia ser assim o primeiro dia da creação... O espirito de Deus era levado sobre as aguas... Devem ser assim os paroxismos da natureza, no seu ultimo dia... Tenho visto mil vezes esta scena e acho-a sempre nova... Repara, Eugenia... Vês além a bonança?

— Onde?

— Aquelles dois palmos de céo sem nuvens?

— Vejo.

— E' como o anjo da paz. D'aqui a minutos este céo

é o céo dos amantes que viajam... Poderemos dizer que assistimos vivos ao espectaculo da morte... que nos defendemos das iras da maior potencia com quatro táboas, que a mão do homem construiu...

— O homem... que é tão pequeno...

— Não, Eugenia, o homem tem em si o infinito da divindade... Li esta verdade n'este grande livro que vae fechar-se, e que a mão da Providencia abre aos incredulos... Que maior grandeza póde ter o homem! Não inventou elle a bussola, e o leme, que o faz olhar com orgulho para a serpente da morte, que ameaça enroscar-se-lhe no debil throno, que o faz rei dos elementos?... Vês, Eugenia!... aqui tens o céo de ha pouco... Olha a bonança como vem risonha a prometter-nos vida, e alegrias, sem fim!...

—Que tão linda mudança! Eu creio que sobre o mar ha grandes prazeres, Alberto...

—Eu só tive um na minha longa vida...

— Um só?

—Este, Eugenia... só este.

—Não sentias o prazer da vida, quando te salvavas de um risco?

—Não: muitas vezes tinha pedido a morte, e a morte passava a sorrir de mim... indigno da paz, que mora lá em baixo no fundo do oceano... Festejemos o céo, côr da esperança... Vamos jantar, Eugenia?...

—Sim... vamos jantar... Tenho appetite... Em sete dias de viagem verás que hei de pôr-me redonda, e bochechuda... quero comer muito, e nutrir muito para D. Pedro me não conhecer...

— Larga rizes!—disse Alberto ao piloto, que não ousava mandar diante do amigo intimo de Salema, seu antigo amo, bem sabia elle por quê.

XXIV

O piloto enganára-se. Seguiu-se um dia delicioso. A escuna velejava, soberba de si, nas solidões sem horizonte, como a rainha dos mares. A felicidade ia-lhe no seio. Os minutos, que decorriam, não os anuviava a tristeza. Eram limpidos como o céo, serenos como a superficie do mar, claros e luminosos como a prata das ondas em que a lua se revia. Até alta hora, Eugenia embebida na intimidade dos seus gôsos, saboreava uma ventura só sua, egoista, sem ter de communical-a a seu marido, que a sentia deliciosa como ella, e livre de attender á sociedade frivola, que tantas vezes lh'a perturbára.

Eugenia fugia com o pensamento do passado. Apraziam-lhe a imagem de Angela de Lima; e, comtudo, esta grata reminiscencia custava-lhe sempre uma lagrima, e uma tortura nunca desvanecida, pungente sempre com a mesma força. Era a imagem do conde de Santa Barbara, ponto negro que se alargava até lhe escurecer as suas lucidas saudades.

Phantasiava o que deveria ter sido Anacleta, e entristecia-se. Corria a escala dos soffrimentos de sua mãe, e chorava. Contava-se, minuto por minuto, a historia da sua vida, e forcejava por calar o presentimento a ameaçal-a de um tragico fim.

— Por quê — dizia ella — em que tenho eu sido má? Quando fui infeliz, não foram os meus crimes uma necessidade da minha servidão?... Por que terei eu de ser victima como minha avó, e minha mãe, e meu pae? Desde que fui arrancada ao meu abysmo pela mão su-

perior de Alberto, não tenho eu sido uma mulher, que quer valer aos seus irmãos, não se esquecendo nunca do seu passado? Por que não olharei hoje o meu futuro sem estremecer?

Esta ultima interrogação era a que Alberto se fazia apenas a consciencia o chamava a um tormentoso dialogo. Encontravam-se aquellas duas almas, e os olhos fixavam-se como pedindo se coragem mutuamente. O corsario, para illudir os seus temores, censurava-se na sua pueril superstição. Eugenia, para convencer-se de que tinha um amparo, lançava se com um sorriso de fingido animo, nos braços do marido, menos forte que ella.

— E' tão bom ter um amigo!...— murmurava ella, acolhendo-se, como assustada, para bem perto do coração de Alberto, que lhe passava a mão sobre os cabellos como quem amima uma criança.

— E um amigo, de mais a mais esposo... — continuou elle, sorrindo.

— De mais a mais!... pois não é tão natural o vinculo que prende o esposo ao amigo?

— Natural?... não... A amizade é alguma cousa muito distincta do amor. Vês como é sereno este mar? Não ha aqui a tempestade de ha pouco, a revolta dos elementos que nos causou sensações violentas: vês tão quieto, tão monótono, mas, ao mesmo tempo, tão suave este mar? A amizade é assim. O mar é a tormenta que impressiona, mas que fatiga; é o grande facho de luz que alumia, mas queima.

— Dizes a verdade, meu anjo... creio que é assim... E's, pois, meu amigo? mais que um irmão? mais que um marido? companheiro inseparavel de toda a minha vida? sempre o anjo que me diz que eu nunca me fiz

indigna do teu amor? Deixa-me chorar, Alberto!... Sinto tanta precisão de chorar!... Nunca senti alliviar-se-me tanto o coração como agora! E' o céo que se vae abrindo na minha alma... Que immensa claridade, filho! Ai! como se sente no mar!... Deviam vir aqui todas as pessoas infelizes... Crearia Deus esta amplidão para o desafogo das almas apertadas na angustia do mundo... Oh! Alberto! eu não sei que toque sublime me fere o coração!... Nunca fui tão digna de ti... Abraça-me, anjo!... Sê criança commigo!... Se não podes chorar de alegria, diz-me que és feliz!...

— Queres que eu t'o diga, Eugenia? Tu não tens a face encostada ao meu coração?... não o sentes?... Achas que elle poderia palpitar assim sem uma impressão de grande jubilo ou de grande terror?! Bem t'o disse eu, Eugenia, que sentirias no mar uma existencia nova... É que tu nasceste para tudo que é grande! As mulheres tremem no mar. O menor abalo n'estas frageis táboas é a sepultura que se lhes abre aos pés! E tu, não! Viste a tempestade com o pasmo da maravilha, e o terror não descórou as rosas varonis da tua face! És a digna mulher d'este homem, que adormece ao rugido das tormentas, e acordou muitas vezes ao grito da tripulação que invocava o Deus dos afflictos!... Abriga-te em mim, filha... Se me visses morrer, julgar-me-ias um predestinado pela coragem...

— *Se te visse morrer!...* que pensamento, meu Deus!...

— Se me visses morrer, Eugenia, pensarias que a morte é o crepusculo de uma deliciosa eternidade! Sabes tu qual é o pensamento que me vem sempre banhar o coração de alegria? E' a morte comtigo!... a certeza de que me não sobrevives...

— Não, meu querido Alberto, não te sobreviverei um instante... Eu t'o juro...

— Não jures, Eugenia... dispenso-te a formalidade... Sei que morrerás...

— Ainda bem, meu Deus! Vejo que entraste no fundo da minha alma...

— E tu?... vês a minha?

— Vejo, sim, vejo!... Morrerias tambem!

— Abençoada sejas, minha filha... Fizeste o que ninguem fez!... viste-me tal qual sou! ... Eu não ambicionava tanto!... Pedi a Deus ou á fatalidade uma mulher para a vida, e não ousei supplical-a para a morte...

— Não falles assim em morte, Alberto!

— Falla-se na morte, quando nos é cara a vida... Os desgraçados, esses é que procuram esquecel-a, porque a querem, porque precisam amplial-a atraz de uma esperança que se realisará uma vez...

.....

Correram rapidas as horas, porque as horas de Alberto e Eugenia corriam deliciosas. O mar sempre tranquillo, a lua sempre limpida, o coração sempre novo para os deleites da conversação intima, conspirava tudo para desejar mais longa viagem. E depois, a esperança, a formosa fada vestida sempre de novas galas, estudando sempre novas seducções, acenava-lhes de longe, nos encantados jardins do Oriente, que Alberto descrevia com o vívido enthusiasmo do homem, poeta pelo amor. Eugenia ia arrastada pelos sons d'aquella voz, voz unica nas solidões do oceano, voz de um anjo que a fazia levantar os olhos lacrimosos para o céo, em gratidão de tanta ventura.

Ao sexto dia de viagem descobriram Southampton.

Nascera o sol, orlado de franjas purpurinas. Subira, e deixára em baixo nos horizontes um cinto escarlate, que pouco a pouco desmaiou, até se converter em nevoa densa, que veio rolando, á superficie das aguas, até esconder aos olhos do vigilante piloto o canal de Inglaterra.

Depois, uma lufada de vento noroeste estremeceu nas velas. O capitão, como estranhando o successo, franziu a testa, e chamou a tripulação a postos.

— Esperem as ordens — disse elle, e trocou algumas palavras rapidas com Alberto de Magalhães, que passeiava na tolda.

Uma segunda lufada, precursora do tufão, encontrou a maruja obedecendo ás ordens do capitão:

— Arria velas!

— E os mastaréos do joanete e de gavea!—acrescentou Alberto, ao ouvido do capitão.

A manobra foi rapida, e o tufão impetuoso passou nas gaveas como um grito de demonio enraivecido por não ter podido surprender a victima.

A neblina era cada vez mais densa. O leme foi confiado ao piloto, que não desviava os olhos da agulha. O mar cavado estalava na quilha da prôa. A escuna balouçava-se desencontradamente, e as amarras, rolando no tombadilho, aterravam as creadas de Eugenia, que se julgavam moribundas a cada balanço.

Alberto de Magalhães descera á camara, onde encontrou sua mulher, com as mãos erguidas diante da imagem da Senhora, que sua mãe lhe dera. Interrompida na sua oração, pela mão de Alberto, que lhe tocava no hombro, Eugenia respondeu-lhe com um sorriso angelico.

— Estás orando, minha amiga? Que pedes á tua imagem predilecta?

— Peço-lhe a tua felicidade, meu querido amigo. Hei de ser ouvida, porque peço com muita devoção... Queres que eu vá comtigo lá acima?

— Não...

— Ha perigo?

— Nenhum... Perguntas-me se ha perigo com o animo tão quieto!...

— Eu não tenho mêdo, Alberto... Nenhum mêdo... Quando esteja arriscada a minha vida e a tua, sabes o que me faz pena? são estas pobres creadas, que me cortam o coração com as suas lamurias... Coitadinhas!... Todas tres deixaram mães e irmãos, e gostam da vida, sem saber que a verdadeira felicidade nem ellas a conheceram ainda... Olha, Alberto... Desde que fizeste commigo o contrato de morrermos juntos, não tenho á vida o apêgo que faz receiar a morte... Apósto que tenho mais coragem que tu?

— Parece-me que sim... Este balanço incommoda-te?

— Não, filho... Eu sinto me boa... não me incommoda senão a tua inquietação... Que tens? Parece que tens os ouvidos mais attentos ás vozes do capitão...

— Não, Eugenia... E' porque me soam bem estas palavras, que só se ouvem no mar.

N'este momento bradára o capitão:

— Talinga os viradores.

— Talinga os viradores!—murmurou Alberto.

— Que é?—disse Eugenia, reparando no enleio com que seu marido repetira as palavras da manobra.

— Eu vou á tolda, Eugenia... Não te inquietes...

— Eu queria ir comtigo.

— Agora, não... Esta tempestade não é poetica como a outra... Fica, minha filha, que eu venho já...

Alberto recebeu um beijo de sua mulher e subiu. A

face onde ella imprimira os labios, levava uma lagrima. O homem de ferro quando a sentiu levou as mãos á testa, e murmurou: «Não o permittaes, meu Deus!...»

As creadas afflictas rodearem Eugenia, perguntando-lhe se estavam em perigo.

— Orae commigo, para que o Senhor nos proteja.

Esta resposta exacerbou o terror das creadas. Romperam em um choro, que Eugenia não podia calar com as suas consolações. A pobre senhora principiava a enfraquecer, quando Alberto voltou.

Eugenia acabava de ouvir duas palavras que lhe geraram a supposta coragem. Estas palavras foram seguidas de um *psio* prolongado, que seu marido dera no tôpo da escada que descia para a camara. Que palavras horriveis foram essas?

— *Vamos a pique!*

— Vamos a pique, Alberto?—exclamou ella, lançando-se lhe nos braços.

— Esperança, Eugenia—disse elle com impostora tranquillidade.

E a procella mugia. Algumas vezes o portaló descera ao nivel da agua. Os mastros rangiam, e as junturas da escuna, impellida de vaga a vaga, respondiam estalando ao bramido da tempestade.

Alberto, desenlaçando-se dos braços trémulos de Eugenia, para a qual as palavras animadoras não bastavam já, subiu acima impetuosamente, e quando cruzava os braços contemplando as chusmas de homens, que viravam o cabrestante sobre a ancora, ouviu um estalo, e empallideceu: era o mastaréo de gurupés que se partira.

— Espia ferro—bradou Alberto.

— Espia ferro—bradou mais alto o capitão.

E esperou. O mastro da ré parecia saltar fóra do encravadouro. Um marujo segredou ao ouvido do capitão que havia rombo á ré.

— Os arpéos não mordem terra! — bradou o piloto.

— Então, como vamos a pique?—perguntou Alberto com azedume.

— As unhas da ancora garram, porque não ha pedras, é tudo lage—respondeu o piloto.

— Mande cortar os mastros, capitão — disse Alberto, e desceu á camara, onde encontrou sua mulher chorando, e amparando uma creada que desmaiára.

— Recolham-se...—disse Alberto, tomando nos braços a creada desfallecida, que levou ao seu beliche — Ouve-me, Eugenia...

— Vaes dizer-me que morremos, Alberto?

— Não... Vou dizer-te que é preciso vivermos. Quero toda a tua coragem, e se não a tens, recebe-a de mim...

— Sim, sim, quero que nos salvemos... que hei de eu fazer?

— O navio está perdido... perto de nós está a costa... Em poucos minutos estaremos salvos...

— Sim?... então que temes?

— Temo que enfraqueças...

— Não temas, Alberto; mas não me deixes sem ti um instante...

— Vamos entrar na lancha... Eu e tu, entendes?... vamos sós... póde ser que a lancha seja absorvida; n'esse caso... repara bem... logo que eu te disser *abraça-me,* has de cingir-me d'este modo... pela cintura... não me prives os braços... mas segura-te com toda a tua força... comprehendeste-me, Eugenia?

— Sim... e esse abraço... talvez seja o ultimo...

Oh! Alberto... agora me disse o coração que vamos morrer!... Oh! meu filho, que tão pouco durou a nossa felicidade!... Ai, meu Deus, que morte tão afflicta vae ser a nossa!...

— Silencio, Eugenia... E' necessario que sejas egoista da vida, n'este momento... Se choras assim, essas mulheres não te deixarão saír d'aqui... Sobe commigo... depressa...

— Olha lá esse leme!—gritou o capitão.

— Saltou fóra!—respondeu o piloto.

— Depressa!—repetiu Alberto.

— Ajuda-me a subir, que eu não tenho forças...— murmurou Eugenia, abraçando-se-lhe ao pescoço.

— Desatraca a lancha!—bradou Alberto.

— Perdeu-se!—respondeu o capitão.

— Perdeu-se!?—tornou Alberto, com afflicção.

— Quebrou a amarra!

— Oh! meu Deus!—exclamou Eugenia, quando viu o mar procelloso, o navio desarvorado, a pallidez da morte em todas as faces, e alguns marujos, que se lançavam ao mar, emquanto outros, abraçados aos mastros partidos, que escorregavam do tombadilho, redopiavam no marulho das ondas. Alberto conduziu sua mulher á prôa, tomou-lhe a face sobre o peito, e murmurou:

— Esperemos!

— O quê?... a morte?...

— E se for a morte?

— Bem vinda seja!...

— Isso é coragem ou resignação, minha filha?

— Resignação... Eu sou fraca, meu anjo! Deus, nosso Senhor, nos salve; e, a não nos salvar, que nos perdoe!... Minha mãe, supplíca ao Senhor por nós... Angela, minha querida amiga, foste uma santa, pede a

Maria Santissima que nos não deixe morrer assim... Alberto, pede tambem a Deus!... ergue as mãos commigo...

— Já pedi... e verás que nos salva... Eugenia!... Confiança em mim e em Deus!...

— Sim, sim... eu tenho toda a confiança... vamonos salvar...

— Lembras-te das tuas palavras nos Pizões?

— Sim... *Vivemos pouco, porque era muita a felicidade... aqui descansa se no seio da morte...* Bem hajas tu, que m'as lembraste...

— Capitão!—bradou Alberto.

— O capitão lançou-se ao mar — respondeu um marujo.

— E vós por que o não imitaes, rapazes?

— Os que restam são dez dos vossos antigos soldados... não nos conheceis?

— Conheço... Salvae-vos!

— Os vossos antigos soldados morrerão ao pé de vós.

N'este momento a ré da escuna era submergida. Alberto escorregára com sua mulher nos braços e apegára-se difficultosamente ao estibordo.

— Rapazes! vêde se salvaes essas mulheres que estão na camara... Se o conseguirdes, nunca mais luctareis com as tempestades... Eugenia... cinge-me pela cintura... assim... muito animo... nunca mais nos separaremos...

Os dois corpos caíram no mar.

.....

XXV

D. Pedro da Silva estava em Londres, desde o dia 16 de setembro.

Copiaremos algumas linhas dos seus apontamentos, escriptos desde esse dia até 11 de outubro.

. . . . . .

17 de setembro

E'-me preciso invocar muitas vezes a minha dignidade, para não ceder ás vergonhosas fraquezas do coração. A duqueza é a mulher fatal da minha vida. Uma vez ímpressa na minha alma, as suas feições reproduzem-se alli com traços de lume. Eu não posso esquecel-a! Tenho instantes de me julgar ludibriado por Alberto de Magalhães! Forjou-se talvez uma infame traição á minha boa fé! Aquella mulher, se não fosse innocente, succumbiria á aviltante proposta que lhe fiz! Reagiu com uma valentia moral, que ha de fulminar-me a mim, se eu, uma vez, souber que a duqueza é innocente!... Innocente! não! Aquella lettra era d'ella, e Alberto de Magalhães não póde mentir. Aquelle homem quiz salvar-me, e não empregaria recursos ignominiosos para isso. A duqueza é uma mulher que se vendeu! E não posso esquecel-a, meu Deus! Creio que sou um grande miseravel! A honra será uma palavra de convenção!?...

. . . . . .

Dia 18

Eu vi-a, em sonhos, banhada de lagrimas... Dizia-me que não queria perdão. Mostrava-me no seio o ponto onde eu devia cravar-lhe o punhal, que ella me offerecia de joelhos! Em redor d'ella agrupavam-se homens de semblante horrivel, que lhe chamavam devassa, e riam gargalhadas infernaes. Eu quiz protegel-a, e ella disse-me que juntasse os meus insultos aos d'aquelles homens, para que a sua expiação fosse completa! Acordei... O coração salta-me no peito! Este fogo, que me abraza a cabeça, deve endoudecer-me! Não tenho distracção alguma. Estes homens que me abrem os seus salões, mortificam-me! Eu preciso de uma distracção, seja ella qual for... O jogo poderá salvar-me?

Dia 19

Não! O jogo embrutece-me. Ganhei muito ouro, que não quiz levantar da banca. Os que me rodeavam chamavam-me doudo, e lord William obrigou-me a levantar milhares de libras! O dinheiro é o meu inferno! Emquanto jogava, apparecia-me a duqueza, que jogára tambem, e perdera alli a honra, perdendo oitenta mil francos! Um vil aproveitou-se do azar de uma carta!... E ella, tão infame, que se jogou tambem, e cedeu ao ignobil capricho de desempenhar o seu credito em algumas horas!... Teria enlouquecido aquella infeliz, quando respondeu á proposta de Alberto!?... O remorso purificaria o seu coração!... Não seria aquella infamia o cumprimento de um destino superior!? As outras mulheres serão mais honradas que ella!? O' Elisa... se tu visses

a minha alma!... Se n'esse instante me pedisses perdão!

Dia 20

Não posso, não quero assim viver!... O pensamento do suicidio principia a encorporar-se nas minhas meditações. Escravisei a minha palavra de honra a Alberto de Magalhães, e só posso desquitar-me d'ella suicidando-me! E por quê? A minha felicidade será impossivel? Aos vinte annos morrem assim as esperanças? O homem será isto que eu sou?.....

Que tenho eu com Alberto de Magalhães? Que ascendente quer este homem empregar sobre mim?... Eu sei que podia ser feliz... Posso e quero sel-o... Se me suicido, a sociedade inscreverá o meu nome no catalogo dos doudos ou dos covardes! Ainda hontem um lord se suicidou, e os seus amigos o mais que fizeram foi concordar em que todo o homem tinha direito a retirar-se do logar em que se não sentia bem... Mas eu quero que alguem me lamente... Sou só no mundo... não terei uma lagrima... Elisa deve detestar-me, e eu... meu Deus... vós sabeis que aquella mulher é necessaria á minha vida!... Vergonha!... Será forçoso que a minha alma se nutra de torpezas!.....

.....

Dia 26

Não me venço! Isto é um destino!... A reacção custa-me a vida!... Falham-me todas as tentativas!... Não ha recurso que eu não tenha sonhado!... Nem o jogo, nem a devassidão, nem a embriaguez... Ella sempre a meu lado!... Esta dor embrutece-me!... Ha seis

dias que procuro explicar-me o estado da minha alma, e não posso. Eu devo amal-a muito! Aquella mulher é um anjo infamado! Só terei descanso quando ella me perdoar! Por que a não ouvi eu? Porque me humilhei aos preceitos d'esse homem que detesto! Foi elle que me ensinou aquellas malditas palavras, que a mata ram!... Foi elle... um estranho... um infame gene_ roso, que me envenenou uma vida inteira!... Não sou eu um homem!... Se o coração me impelle para aquella mulher, por que não hei de eu buscar a minha felici-dade, embora tenha de descer a um abysmo de impu-dencia?... Quantos homens, ainda hoje, dariam a vida por um sorriso de Elisa!... E todos ignoram essa fata-lidade da sua vida... Se o coração lhe perdoa, por que não ha de perdoar-lhe a consciencia?!.....

.....

No dia 27, D. Pedro da Silva passára para França. De Paris escreveu ao visconde de Armagnac, e não teve resposta. Esta carta devia ser uma tocante exposição da sua alma, e uma súpplica de conforto para não ceder, sem vergonha, a uma paixão que se debatia com o pun-donor.

Escreveu segunda. N'esta devia ser mais viva a ex-pressão. Talvez implorasse a protecção do visconde. Tal-vez descesse ás extremas fraquezas de um moço, cuja alma não tinha ainda o fino tacto, que a experiencia ensina, e que muitas vezes a sociedade reputa acryso-jada honra. Esta segunda carta não teve resposta.

Assim contrariado, e offendido no seu brio, tocou o gráu da desesperação. Foi elle proprio a Angouleme.

O visconde não existia já na sua quinta. Tinha par-tido no dia 20, com a duqueza de Cliton. Para onde? ninguem lhe sabia dizer! O capellão de Cliton aconse-

lhou D. Pedro que consultasse o medico, unica pessoa, além do visconde, que entrára na intimidade da snr.ª duqueza. O filho de Angela arrancou ao doutor uma difficil revelação. Elisa de Montfort partira para Inglaterra. As suas tenções eram exercer uma nobre vingança sobre o assassino da sua honra e de seu irmão.

D. Pedro da Silva tornou a Londres. Empregou todos os meios de espionagem, e não encontrou vestigios em Londres, onde a policia tem um prompto conhecimento do mais obscuro forasteiro, que transpôz as suas fronteiras.

No dia 8 devia Alberto chegar a Southampton. Estaria alli a duqueza? Esperaria ella, no desembarque, Alberto de Magalhães? Este varonil desforço pintava-lh'o na imaginação abrazada como um ente superior. Partiu para o canal de Inglaterra. Procurou-a. Nem o mais ligeiro indicio! O ouro de D. Pedro não destruia os milagres, que estava fazendo o ouro da duqueza de Cl ton.

A situação do pupillo de Alberto de Magalhães era amargurada! O pobre moço, nas suas indagações, passava por doudo. A policia de Southampton chegou a ameaçal-o de o prender, por se tornar incómmodo com as suas mysteriosas pesquizas.

No dia 10 de outubro, oito dias depois que a escuna *Alcyone* saíra de Lisboa, D. Pedro da Silva recebeu casualmente um jornal, que se entregava no seu hotel. Passava-o pelos olhos distrahidamente, quando encontrou o seguinte:

«CATASTROPHE

«Temos a lamentar o naufragio da escuna portugueza *Alcyone*, que foi a pique, dez milhas distante d'este

porto. Transportava para Inglaterra o seu rico proprietario Alberto de Magalhães e sua familia. Um marujo da tripulação, com quem acabamos de fallar, conta um extraordinario successo, que nós contaremos simplesmente como elle nos foi contado pelo commovido marinheiro.

«A escuna foi abandonada quando já não havia esperança alguma de salvação. O valoroso Alberto lançára-se ao mar com sua esposa, abraçada á cintura, e pedira a alguns marinheiros, que nunca o abandonaram, que salvassem as creadas.

«O relator d'este infausto successo lançou-se a nado a par com Alberto, que as ondas impelliam favoravelmente para a costa. O valente portuguez muitas vezes exclamou a sua mulher que tivesse animo, porque estavam salvos. A infeliz senhora soltava gritos de terror a cada onda que parecia tragal-a, e á superficie da qual seu marido apparecia sempre abraçado com ella. O marinheiro, inseparavel d'aquelle grupo, digno de commover a piedade divina, empregava corajosos esforços em expôr o seu corpo quasi desfallecido ao choque das ondas. Uma d'estas arrojou-os impetuosamente a terra.

«Alberto, estirado sobre a praia, quiz desatar os braços de sua mulher, que lhe cingiam a cintura, e não pôde. Estavam hirtos, e inflexiveis como de ferro. Palpou-lhe o coração, que já não batia. Gelára-se-lhe o sangue... Chamou-a com desesperação... Tomou-a nos braços, comprimiu-a ao coração, como se o calor podésse passar áquelle peito inanimado... Estava morta!...

«Seguiu-se uma scena horrorosa! Alberto de Magalhães ajoelhou ao pé do cadaver de sua mulher... deu-lhe um beijo nos labios... arrancou um punhal do bolso interior do collete, e cravou-o no peito, exclamando: «Eu não falto aos meus juramentos, Eugenia!»

«O marinheiro, estupefacto, lançára tarde a mão ao punhal! O suicida estrebuxou alguns minutos, e expirou, levando aos labios a mão de sua mulher!.....

.....

O jornal continuava a descripção do naufragio. Numerava as victimas. Eram toda a tripulação, excepto cinco marujos até ao momento em que a triste noticia era publicada no jornal.

D. Pedro não lera as ultimas linhas. Aquillo parecia-lhe um sonho! Fixára os olhos no papel, que lhe tremia nas mãos, e ficára ahi n'essa situação indefinivel do pasmo, da absorpção, da morte passageira do espirito.

N'este momento abriu-se a porta da sala. D. Pedro machinalmente olhou para alli, e viu... a duqueza de Cliton! Petrificou! Alheado de si, incapaz de consciencia, ferido pelas duas commoções simultaneas, esperou que a duqueza viesse ao pé d'elle. Foi ella que veio. Trazia nos labios um sorriso diabolico, e nos olhos o lume do rancor que a queimava por dentro. Tomou das mãos inertes do mancebo o jornal, apontou a palavra *catastrophe*, e disse, com voz tremida, mas energica e impossivel de ser imitada por mulher:

«—A vinganca de Deus anticipou-se á minha! Alberto de Magalhães não contará as minhas infamias a outro homem! O beneficio que elle vos fez, snr. D. Pedro da Silva, pagae-lh'o com suffragios por sua alma.»

A machina não se moveu. A duqueza de Cliton saíra, e viera sentar-se a par do visconde de Armagnac, que a esperava em um tylburi á porta do hotel.

— Que fostes ahi fazer, snr.ª duqueza?— perguntou o visconde.

— Fui despedir-me do vosso amigo, e dar-lhe cartas

de recommendação para o Oriente, visto que Alberto de Magalhães o não acompanha.

— A vingança endurece-vos a alma, senhora!

— A alma? tenho-a eu por ventura! Achaes que a alma é alguma bala de ferro, que resiste ao fogo da desesperação?... Visconde! eu morri primeiro que Alberto de Magalhães! O que resta em mim, é a porção de demonio que entra na organisação de todas as creaturas!

XXVI

Tres mezes depois, D. Pedro da Silva, inquilino de uma pequena casa de campo, nas vizinhanças do palacete da defunta condessa de Santa Barbara, em Campolide, escrevia o seguinte:

«Dar-me-ha Deus allivio?... Poderei hoje chamar á minha alma as recordações d'esta vagarosa agonia de tres mezes? Creio que não... Eu começo, ha pouco, a sentir a consciencia da vida... Que é o que me chamou a Portugal?... Não sei... Que vim fazer ajoelhado sobre o tumulo de minha mãe?... Lembro-me que chorei muito... e mais nada!... Depois, vim procurar esta solidão para morrer ignorado... Achava precisão de saudar todos os dias aquella janella, onde vi, pela segunda vez, minha mãe... Mas vivo!... sinto este jugo de ferro!... Vivo, e não tenho a coragem do suicidio!... Hoje, mais que nunca, recuo aterrado a semelhante idéa! Que é isto que se passa em mim? Para que me guarda a mão que me suspende o braço? Que nova desgraça é essa que eu vejo aproximar-se? E' a miseria... é a fome... é a indigencia!... Eu não

tenho ninguem que me soccorra hoje, e ámanhã, quando o meu creado me pedir um vintem para um pão, dir-lhe-hei que sou o ultimo dos mendigos!... Resvalei até aqui!... O meu patrimonio acabou com esse homem fatal!... Estou pobre!... pobre!... esta palavra sôa-me aos ouvidos como a gargalhada de um demonio!... Quem é que estende a mão a um desgraçado, sósinho, com a vergonha na face, e a inutilidade para todos os serviços!... Se não quizer aqui morrer de miseria, terei de ser um lacaio!... Aqui tens teu filho, Angela de Lima!... Vê se me conheces, duqueza de Cliton!... Eu sou o teu discipulo, sou o filho da tua filha do coração, padre Diniz!... Venham abraçar-me ou cuspir-me no rosto, que eu agradeço tudo...

.....

«Que morte a d'aquelle homem!... Quem seria elle!... A esta hora a sociedade esqueceu o seu nome! Foi grande como Satanaz! Teve coragem de prostituir com ouro uma mulher, que deveria ser um anjo; mas tambem a teve de cravar-se um ferro no coração!... Como a morte engrandece os homens!... A unica distincção está alli... nas vizinhanças do tumulo!... E a duqueza?... Mal me recordo que a vi... Sei que me fallou... que me disse ella? não sei!... Penso que me insultava!... Que me diria ella? Sei que a detesto desde esse momento! Ha Providencia aqui n'este odio! Aquella mulher deve ser um symbolo de todas as ignominias!... Qual será o seu fim!... se eu podesse... queria vel-a... Emquanto eu tive um pouco de ouro que desperdicei, não me lembrou aproximar-me de França... Viajei, e quando as ultimas migalhas me mandavam trabalhar, ou morrer, vim aqui... A quê?... a morrer!... Esta situação é impossivel... A resolu-

ção ha de vir, quando a ultima gotta de fel me queimar o vinculo covarde que me prende não sei a quê, a que mentira, a que esperança!...

Um creado entrára no quarto em que D. Pedro escrevia.

— Que queres?

— Venho dizer a v. s.ª que preciso dinheiro para compras.

— Aqui tens... Quanto te devo, Francisco?

— Um mez.

— Aqui tens o teu ordenado.

— Pois despede-me?!

— Sim.

— O snr. Alvaro não está contente com o meu serviço?

— Estou... é que não posso sustentar-te, nem pagar-te... Estou pobre; não tenho nada além d'esta quantia que te dou...

— Pois v. s.ª...

— Espanta-te a miseria? Tens razão...

— Não tem quem o soccorra?

— Ninguem...

— E não póde empregar-se em alguma cousa?... Perdoe-me estas perguntas; mas eu sou affeiçoado a v. s.ª, e sabe Deus o que me custa não poder sustental-o á minha custa.

— És o unico amigo que possa dizer-me tal... Vae, Francisco... Hoje jantaremos; ámanhã não me pedirás dinheiro para compras, que o não tenho.

— Para isso ainda eu chego, snr. Alvaro; não se aflija... Quer v. s.ª uma cousa?

— Que queres dizer-me?

— V. s.ª uma vez estava delirado, e fallou em inglez... Eu tenho servido inglezes, e entendi algumas palavras...

— Que disse eu?

— Não me lembra já o que foi; mas o grande caso é que v. s.ª sabe fallar inglez...

— Sei... e depois?

— E francez?

— Tambem.

— Se o snr. Alvaro quizesse, podia agora aproveitar um bom arranjo...

— Qual?

— Li hontem em uma gazeta um annuncio que dizia: «Precisa-se de um individuo, que saiba fallar inglez e francez, para segundo guarda-livros da casa commercial do barão dos Reis. Quem estiver nas circumstancias de servir...

— *De servir!*... eu não sirvo ninguem... Vae-te!

— Perdoe-me v. s.ª

O creado retirou-se, assustado da intimativa.

D. Pedro continuou a escrever:

«Faltava-me esta degradação!... Mandam-me servir!... Eu, que me julgava ha tres mezes o primeiro dos homens! Serve, se não queres morrer de fome, D. Pedro da Silva, descendente de reis!... A pobreza é o escarneo de um nascimento illustre... E por que não hei de eu ser servo, se estou assim!... Se eu pedir ao irmão de minha mãe um bocado de pão, não pedirei uma esmola? O trabalho é a independencia... trabalharei... mas em quê?... para que sirvo?... E não tenho um amigo que responda ás minhas perguntas! Que é d'esses lords, que me rodeavam ha tres mezes?... Onde se apagou a auréola brilhante, que me fazia tão distincto aos meus proprios olhos?... A propria consciencia diz-me hoje que eu sou o ultimo dos entes obscuros... Só! desamparado! orphão! sem amigos!

aos vinte annos sem aptidão para cousa nenhuma!... Que farei eu ámanhã?... Isto é muito! Não tenho nada a esperar!... A fome ha de entrar aqui primeiro que o suicidio!... Ha de!... e depois, se eu não tiver animo para me abraçar á extrema resolução do desespero... morrerei... lentamente!... Pois sim... espero-a!...

.....

O desgraçado, levando as mãos á cabeça, parecia querer segurar o entendimento que lhe fugia. O escrever consolal-o-ia? talvez; mas cansaram-lhe as idéas. As lagrimas caíam no papel, e embebiam lettras, que a penna trémula vagarosamente escrevia. A dor, no extremo, é esteril. Quando os olhos se abrem á respiração de uma agonia homicida, não peçam ao infeliz, que chora, o impossivel enredo do drama infernal, que lá vae dentro d'aquelle espirito embrutecido. Não nos peçam tambem a nós a analyse d'essas afflictivas lagrimas. Taes eram ellas, que só a morte poderia explical-as...

.....

No dia seguinte o filho de Angela de Lima entrava na rua das Chagas, e pedia a um guarda-portão o favor de annuncial-o ao snr. barão dos Reis.

— Quem é o senhor?

— Diga-lhe que venho aqui, por ter visto um annuncio em que o snr. barão...

— Ah! já sei... quer vir para caixeiro...

— Justamente... para caixeiro...

— Pois espere, que eu vou dar parte a s. exc.ª

D. Pedro da Silva esperou no páteo, encostado á lustrosa roda da carruagem do antigo mestre de piano.

Mandaram-o subir para uma sala de espera. A meia hora que esperou devia ser a ultima experiencia, que o desgraçado empregou na humiliação do seu orgulho.

Franquearam-lhe uma segunda sala, onde ao cabo de cinco minutos appareceu o barão dos Reis, em *robe de-chambre*, bonet de lontra, sapatos de mouro, e penna na orelha.

— Póde sentar-se... — disse elle, encarando o moço por cima dos oculos — Acho-o muito novo... quantos annos tem o senhor?

— Vinte.

— Tem sido caixeiro?

— Não, senhor...

— Que modo de vida tem tido?

— Que modo de vida tenho tido?

— Sim... em que se occupa?

— Tenho vivido alguns annos em collegio.

— Collegio! Pois o senhor quem é?

— Sou um homem que me offereço para caixeiro da sua casa.

— Mas não tem uso do commercio... Que linguas estrangeiras sabe?

— Fallo o inglez e o francez.

— E de commercio sabe alguma cousa?

— Nada.

— Então como quer ser caixeiro?!

— Já vejo que não lhe sirvo... Tenha v. exc.ª muita saude...

D. Pedro retirava-se.

— Olhe cá... parece que é muito apressado.. O senhor está disposto a seguir a carreira commercial?

— Sim, senhor; mas vejo que é impossivel...

— Impossivel... não é tanto assim... Com trabalho tudo se alcança. Quem é seu pae?

— Não tenho pae.

— Mas ha de ter alguem em Lisboa.

— Ninguem.

— Essa é boa!... então como vive?

— Como vivo?!

— Sim... é só?

— Só.

— É celebre cousa! Onde tem vivido?

— Em Londres e Paris.

— Quem o sustentava lá?

— Não sei dizer a v. exc.ª

— O senhor parece-me um homem extraordinario! E se eu quizer tomal-o para minha casa, quem é que o abona?

— Quem me abona?

— Sim... quem se responsabilisa pela sua fidelidade?

— Sou eu...

— E' o senhor!... isso não basta...

— Snr. barão... queira dar-me as suas ordens...

— Venha cá... o senhor não me parece um homem como os outros!... Como se chama?

— Alvaro de Oliveira.

— Quanto quer ganhar em minha casa?

— Não sei responder. V. exc.ª me dará o que quizer.

— No primeiro anno ganhará cincoenta moedas, casa e cama, e roupa lavada. Serve-lhe?

— Tudo me serve.

— Homem, isto parece uma comedia! Com que então tudo lhe serve!... O senhor quer ser meu caixeiro, ou não quer?

— A pergunta parece-me uma zombaria! Pois a que venho eu aqui?

— Mas acho extraordinarias as suas respostas! Não me parece um homem que precisa ser caixeiro para viver!...

— Pois preciso, snr. barão.

— O senhor teve algum desgosto na sua vida, desarranjou-se com a sua familia, quanto a mim.

— Já tive a honra de dizer a v. exc.ª que não tenho familia.

— Absolutamente nenhuma?

— Ninguem absolutamente.

— Pois, senhor, seja o que for... Eu vou ter comsigo um systema, que não é o costumado n'estes contratos. Nem lhe peço fiança, nem receio que o senhor desempenhe mal as suas obrigações. Fica em minha casa, na qualidade de segundo guarda-livros, com quatrocentos e oitenta mil réis por anno. Ao principio receberá as instrucções do seu companheiro, e com o tempo ha de instruir-se no andamento do commercio. O meu negocio é todo de commissões com Inglaterra: como o senhor falle correntemente o inglez, tudo o mais se remedeia com a prática. Está disposto a ficar já em minha casa?

— Já, se assim o quer.

— E os seus arranjos?

— Que arranjos?

— Os seus bahús...

— Os meus bahús virão hoje mesmo.

— Pois n'esse caso, venha commigo, que quero apresental-o ao primeiro guarda-livros.

.....

Temos, portanto, o filho de D. Angela de Lima segundo guarda-livros do snr. Joaquim dos Reis, que Deus, no auge da sua cólera, fizera barão para vexame da fidalguia d'estes reinos.

XXVII

O segundo guarda-livros fora acolhido sympathicamente pelo primeiro. Em poucas lições communicou-lhe as theorias do commercio, e admirou o talento com que o mancebo as concebia, sem embargo da distracção com que ouvia as prelecções.

O proprio barão, homem rude e inaccessivel aos seus familiares, especialisava o seu caixeiro Alvaro, e fallava d'elle aos seus collegas com grande elogio. A qualidade que mais o impressionava era a contínua reclusão a que o moço se dava, logo que satisfazia as suas obrigações. Perguntára-lhe muitas vezes em que se entretinha no seu quarto, e Alvaro respondera-lhe que achava prazer em estar só. Este prazer para o snr. barão dos Reis, era uma prova de sensatez, distincção com que honrava o seu caixeiro, entre todos os outros, que não perdiam uma hora de recreio, sempre ruinoso para o corpo, que da alma importava-lhe pouco o antigo mestre de piano.

A baroneza affeiçoára-se em pouco tempo ao caixeiro, que seu marido tratava com extraordinario melindre. Sentia-se impellida por aquelle moço, tão distincto em maneiras, em palavras, em educação. Zelava com cuidados de mãe tudo que pertencia a Alvaro. Mandava-o muitas vezes chamar para tomar chá com ella; e, se elle não vinha, como quasi sempre acontecia, a filha de D. Theotonio de Mascarenhas não se dedignava em procural-o no quarto, e pedir-lhe que não se entregasse a uma melancolia sem motivo.

Que não era sem forte motivo essa tristeza, adivi-

nhava-o ella; mas seu marido ordenára-lhe que nunca fizesse ao caixeiro perguntas curiosas ácerca da sua vida, porque uma vez lh'as fizera elle, e tivera em resposta uma súpplica de nunca se lhe fazerem taes perguntas para não ser forçado á grosseria de mentir ou não responder.

Uma noite subira o guarda-livros para a sa'a a instancias do barão, que o vira n'esse dia chorar. Eram passados tres mezes, depois que D. Pedro entrára ao serviço d'aquella casa, e faziam justamente seis que naufragára a escuna *Alcyone*.

— Está hoje muito triste, snr. Alvaro!...—disse o barão.

— Muito triste...

— Ha alguma cousa nova que o mortifique?

— Nenhuma... agradeço os cuidados de v. exc.ª

— O senhor sabe que o tenho mais na qualidade de parente, que de caixeiro?

— Sim... reconheço que lhe mereci carinhos de pae... devo lhe muito.

— A pena que eu tenho — acrescentou o barão com rude franqueza — é não ter uma filha, que lh'a dava com toda a minha fortuna. O senhor casava com uma filha minha?

— Não, senhor.

— Não!... por quê? é casado?

— Não sou casado, nem devo sel-o... Eu não faria a felicidade de ninguem, e mulher nenhuma poderia melhorar as desgraçadas condições que me foram impostas para viver...

— Ora deixe-se d'isso... Não ha mal que sempre dure. Pelo que vejo anda ahi paixão da alma... que o mortificou... Emfim o tempo é o medico d'essas

doenças... Eu tambem tive minhas rapaziadas, e sei, por mal de meus peccados, o que é isso... Por minha mulher... (ella ahi está que o diga) tive eu uma paixão de levar couro e cabello! Eu sou franco, e não estou com imposturas. Esta senhora era filha de um fidalgo, e eu não passava de um simples mestre de musica no collegio em que ella estava e mais uma irmã. Apaixonei-me por ella sem esperanças nenhumas de a fazer minha mulher. A mãe não era fidalga, mas por morte do... (diga-se a verdade... meu sogro era um monsenhor da Patriarchal) o certo é que ella ficou rica por morte do fidalgo, e fossem lá fallar-lhe em casamento com um professor de piano! Depois, minha desgraçada sogra empobreceu... (isso são contos largos) e eu, que não namorava minha mulher pelo dinheiro, mas sim pelas qualidades, casei com ella, e nunca me arrependi... Vivemos muito pobres, mas muito honrados, até que um dia nos deitamos pobres, e amanhecemos ricos... Isso são contos largos... mas fique sabendo que a nossa fortuna não veio como a de muitos que eu conheço... Se sou rico, é porque nos restituiram o que era nosso, e eu com o meu trabalho augmentei, sem prejudicar o meu proximo. E' verdade que devemos quasi tudo que somos á protecção commercial que nos deu nosso sobrinho Alberto de Magalhães...

— Alberto de Magalhães!—exclamou D. Pedro, mudando de côr.

— Sim... então que é isso?... O senhor conhecia Alberto de Magalhães?...

— Conheci... Quem era esse homem?

— Meu sobrinho, casado com a sobrinha de minha mulher...

— Engenia...

— Sim, Eugenia···—atalhou a baroneza com sobresalto—pois o snr. Alvaro conhecia minha sobrinha?

— Conheci··· faz hoje seis mezes que morreu···

— E' verdade··· é por elles que eu trago luto... Pois o senhor conheceu minha sobrinha? Onde a conheceu?

— Aqui em Lisboa··· Queira dizer-me··· Eugenia não era filha de D. Antonia?

— Minha irmã!···

— Sua irmã··· snr.ª baroneza!

— Minha irmã!···

— Oh! meu Deus!···— murmurou D. Pedro, procurando combinar as idéas tumultuosas que lhe acudiam.

— Tambem conheceu minha cunhada?!—perguntou o barão.

— D. Antonia?··· Conheci uma D. Antonia, que era mãe de Eugenia, que viveu na companhia de um padre···

— E' essa justamente··· é minha cunhada, que soubemos depois que vivera na companhia d'esse grande homem··· Mas o senhor de véras conheceu toda essa gente?

— Snr. barão··· eu não posso responder a mais alguma pergunta··· Basta que lhe diga que D. Antonia foi a minha verdadeira mãe···

A baroneza soltou um grito, ergueu-se pallida e trémula, fixou os olhos pávidos no semblante de D. Pedro, e ficou n'esse spasmo, que o barão não comprehendia.

— Que tens, Emilia?!

— Não tenho nada··· Meu amigo··· tu tens tantas razões como eu para te admirares···

— De quê?

— A pessoa que temos em casa··· este senhor não se chama Alvaro de Oliveira···

— Não?...

— Snr.ª baroneza...— murmurou D. Pedro, tomando lhe a mão—Se me conhece... peço-lhe uma sagrada reserva do meu nome...

— Menos para meu marido, que o conhece tão bem como eu...

— Pois quem é?—perguntou o barão, estupefacto.

— Eu não te fallei ha um anno, de uma senhora que viveu com minha sobrinha... e com minha irmã...

— Era a condessa de Santa Barbara...

— Mãe d'este senhor, que é D. Pedro da Silva...

O barão, não sabemos por que mechanico instincto, curvou ligeiramente a cabeça, e perdeu o uso da palavra, perda que devia ser em tal homem causada por um motivo assombroso! D. Pedro, enleado em uma tão rapida corrente de commoções, não foi mais eloquente que Joaquim dos Reis. A filha de Anacleta cedia á necessidade de abraçar o filho adoptivo de sua irmã, quando D. Pedro se aproximou do barão, abraçou-o com expansivo ardor, recebeu a irmã de Antonia no mesmo abraço, e choraram todos tres.

Eis aqui um lance em que o antigo copista de solfa saiu fóra da sua esphera! Havia tanta sublimidade nas suas lagrimas, tanto amor, e respeito, e ternura no abraço com que pagára o do filho de Angela, que elle mesmo teria orgulho de si, se podésse ver-se como nós o admiramos.

. . . . . .

Na manhã do seguinte dia, D. Pedro da Silva continuou o exercicio das suas funcções de guarda-livros. O barão mandou-o chamar á sala, e obrigou-o a sentar-se no sofá.

— V. exc.ª já não é meu caixeiro.

—Despede-me, portanto...

—Não o despeço... Longe de mim tal pensamento... V. exc.ª e minha mulher são a minha familia... Recebo-o como mandado pela Providencia para minha casa... Quero-o sempre aqui; mas como caixeiro não...

—E eu só posso ser caixeiro em sua casa... do contrario, retiro-me.

—Ó senhor!... não me contradiga, que lhe não mereço isso...

—Snr. barão, eu continúo a ser Alvaro de Oliveira... Só posso com este nome ser de sua casa... Aceita-me assim?

—Não posso... Ha de ser quem é... Eu tenho gloria de ter na minha companhia um mancebo que eu quizera que fosse meu filho.

—Honra-me com esse titulo, e enche o meu coração de reconhecimento; mas, se quer continuar com a sua missão de pae, deixe-me ser seu caixeiro, que eu serei sempre digno do nome que me dá.

—Mas, senhor!... poderei eu consentir que v. exc.ª...

—Se é um sacrificio, faça-m'o; se não póde fazer-m'o, colloque-me em outra qualquer casa de negocio, em que eu possa ganhar com o trabalho a minha independencia.

—Isso nunca... Ha de ganhal-a em minha casa... Desde hoje em diante é meu socio...

—Não posso ser-o... quero ser hoje o que hontem era... Não recebo a felicidade do dinheiro como felicidade... Quero uma cara independencia, ganha licitamente com o trabalho... Se um dia a conseguir sairei de Portugal... Preciso de ver os vestigios que deixei no meu caminho trilhado até aqui...

—Pois bem... V. exc.ª será em minha casa o que quizer...

—Na presença dos meus companheiros não quero distincção nenhuma... Sou Alvaro de Oliveira...

—Será Alvaro de Oliveira, mas, em particular, commigo, será D. Pedro da Silva. Minha mulher pede-me que o leve ao seu quarto. A pobre Emilia ficou doente com a surpreza que v. exc.ª nos fez, e quer fallar muitas horas com v. exc.ª

—Vamos, snr. barão.

XXVIII

A' porta do palacio de Cliton apeára um velho com trajes sacerdotaes. Perguntára pela duqueza de Cliton, e responderam-lhe que não residia alli.

— Que tempo ha—instou o padre—que a snr.ª duqueza retirou d'aqui?

—Ha cinco mezes—disse o capellão.

—Para onde?

—Não sei dizer-lhe... nem ninguem saberá.

—Permittis que eu passe uma noite n'esta casa, porque é tarde para ir demandar pousada a Angouleme?

—Podeis entrar... Aqui não se nega a hospitalidade a ninguem.

O forasteiro entrou. Se o capellão lhe observasse a physionomia, quando o mandou entrar, talvez reconsiderasse a sua hospitaleira franqueza! Aquelle rosto já cadaverico contrahira-se em uma visagem, que deve ser a do padecente na presença do cadafalso.

—Parece que vindes doente?—perguntou o capellão.

—Muito doente, senhor... São os ultimos passos da minha carreira...

—É escusado perguntar-vos se sois padre...

—Sou padre.

—De que departamento?

—Não sou francez.

—Não?! d'onde sois?

—De Portugal.

—Vindes, talvez, para vos unirdes á missão apostolica?

—Não senhor... eu venho das missões.

—E sois portuguez?

—Já tive a honra de vos dizer que sim.

—Chamaes-vos padre Diniz Ramalho?

—Conheceis esse nome?

—Conheço o dos *Annaes da Propagação da Fé*, e ouvi, ha de haver um anno, fallar de vós ao deão de Angouleme, com grande interesse. Se sois padre Diniz, fostes, na America, companheiro de mr. Petit.

—Fui.

—E o vosso companheiro?

—Foi martyrisado no dia em que saí... Assisti-lhe á morte, e vim.

—Deixaram-vos saír os impios?

—Deixaram... pedi-lhes a vida, com a condição de m'a deixarem renunciar em outra parte.

—E concederam-vol-a?... Pois era mais natural que vos deixassem morrer ao pé do vosso companheiro...

—Deus é que nos julga...

—Tendes razão... Perguntastes pela snr. duqueza de Cliton... Conheceis-la?

—Conheço.

—De d'onde?!

—Do mundo...

—Tem sido bem desgraçada esta senhora...

—Sim?... Cuidei que era muito feliz...

—Bem digna era de o ser... Viveu aqui um anno com tranquillidade...

—Um anno... o de 1836?

—Sim, senhor... Depois vieram novas desgraças...

—Novas desgraças... quaes?

—Quaes... perguntaes vós... Eu não sei se devo revelar vos o que é segredo para muita gente...

—Revelae, que eu sou um homem morto. Andae... Dizei, que eu sou um tumulo, que se vos abre para esconder um segredo...

—Desculpae-me... mas eu não devo...

—Fallae, padre La-Croix...

—Quem vos disse o meu nome!?

—Nem já me recordo... Dizei... a snr.ª duqueza um anno depois das suas viagens, que novas desgraças experimentou?

—Quereis que vos diga?... Prometteis não comprometter esta minha revelação?

—Fallae...

—Amou um vosso patricio... que vivia com o visconde de Armagnac, e chamava-se D. Pedro da Silva... Que tendes?... esse sobresalto...

—Nada é... Chamava-se D. Pedro da Silva... e depois?

—Esse joven, por motivos muito particulares que eu nunca pude attingir, abandonou-a...

—E ella?

—Seguiu-o, creio eu, tres mezes, e, quando voltou, vinha desfigurada... Demorou-se aqui vinte e quatro

horas com o visconde de Armagnac, e partiu para nunca mais voltar...

—Ha cinco mezes, dissestes vós...

—Ha cinco mezes.

—O visconde de Armagnac deve saber onde ella existe.

—Creio que saberá.

—Onde vive esse homem?

—Perto d'aqui, no alto da encosta fronteira a esta casa.

—Tendes por quem lhe vá um recado?

—Elle não virá aqui... São dez horas, e a noite está tempestuosa.

—Dae-me uma tira de papel e fazei-me a mercê de enviar lá um creado.

Padre Diniz escreveu em um quarto de papel, que entregou aberto, as seguintes palavras:

«CHAMA-ME DO FUNDO DA SEPULTURA E EU QUEBRAREI A PEDRA PARA DESCER AOS TEUS OSSOS.»

O capellão, curioso, viu estas palavras, e pasmou. Voltando á sala em que deixou o missionario, encontrou-o de joelhos, e não ousou interrompel-o.

— Já terminastes a vossa reza?—perguntou padre Diniz.

— Já, senhor.

—E eu não... Desculpae-me, e deixae-me só alguns minutos.

— Quando terminardes, puxae este cordão da campainha, para vos servirem a ceia...

O padre ergueu-se quando o capellão saíu. Tomou o castiçal, abriu a porta da proxima sala, e achou-se diante dos retratos. Aproximou a luz de um d'elles e sorriu-se amargamente. Este retrato era marginado inferiormente pela seguinte legenda:

«Benoit de Montfort duque de Cliton.»

Saíu d'esta sala, atravessou a antecamara de um quarto. Quando pôz a mão no ferrolho da porta d'esse quarto, recuou aterrado e trémulo. Refez-se de animo, levantou o fecho inutilmente; a porta estava fechada. Meditou instantes rapidos. Deslocou um canapé de coxins desbotados, que se encostava á parede d'esse quarto. Comprimiu uma mola, e fez abrir no tabique o espaço por onde cabia um homem. Entrou, e mal entrára, caíu-lhe a luz das mãos, e achou-se em cerrada escuridade. Palpou em roda de si, e encontrou um leito: estremeceu e curvou-se sobre esse leito, que tinha uma cama, onde se conservavam ainda os miasmas de um cadaver. Ahi, n'essa postura, não pronunciava palavra; mas os gemidos eram dos que trazem pedaços de vida. Ergueu-se de subito. Palpou ainda, e escontrou um copo. Este contacto, semelhante á mordedura do escorpião, parece que o matára. Padre Diniz caíu, rugindo duas palavras: «Deus implacavel! »Este desmaio prolongou-se. Quando voltou a si, o missionario ouviu passos na saleta proxima, e viu o reflexo de uma luz.

— Isto é coisa diabolica!—dizia o capellão.

— Não se explica tal phenomeno! — acrescentava o visconde de Armagnac.

— Padre Diniz! — chamava o capellão, aproximando-se da antecamara, onde entrou, soltando um grito de espanto.

— Vêde aquella abertura na parede, snr. visconde!

— É verdade! e n'aquelle quarto!...

— Onde morreu a mãe da snr.ª duqueza de Cliton!... onde nunca mais ninguem entrou!

— Dae-me essa luz, e retirae-vos... — disse o visconde.

— Agora é que eu acredito que moram phantasmas n'este castello... Vou abandonar esta casa!...— murmurou o aterrado capellão, apalpando as saídas com grande mêdo de ser estrangulado por alguma larva.

O visconde entrou pela fenda, e viu o sacerdote, em pé, encostado ao leito. Tremia-lhe o braço que sustinha o castiçal.

Quem sois, senhor?!— perguntou elle, tremendo-lhe a voz como na dúvida de ler em resposta o silencio de um cadaver, ou a voz de um vivo... impossivel!

— Chamei-vos do fundo do meu tumulo, e vós viestes. Cumpristes a vossa palavra... estaes quite, visconde.

— Mas quem sois?! Conhecestes, porventura...

— O duque de Cliton?

— Sim.

— Morreu ha trinta annos... o seu cadaver foi enterrado na capella d'esta casa.

— Justamente.

— E, trinta annos depois, o duque de Cliton appareee encostado ao leito nupcial de sua mulher.

— Que dizeis?... Eu não vos entendo...

— E, contudo, eu fallo a linguagem dos vivos... Eu sou o homem a quem chamaram o duque de Cliton.

— Vós!...

O visconde recuára estendendo o braço com a luz para a face do missionario.

— Vós!...—proseguiu elle, quasi esvaído de mêdo— dizei-me se vindes aqui representar uma horrivel comedia!... Não brinqueis com os mortos, que são sagrados!

— Vem abraçar-me, visconde de Armagnac! Não tremas... Estes braços são os mesmos que te apertaram

ao coração de moço... Verás que têem ainda o calor da vida... Foges-me, visconde? Não vês em mim nada do homem antigo? Olha este braço!... não vês o signal eterno que a ponta do teu florete aqui deixou?... Ainda vive a duqueza de Bouillon, por cujos sorrisos me fizeste verter sangue?

O visconde, com os olhos immoveis, a bôca meia aberta, e o coração em saltos de terror, foi machinalmente aos braços de padre Diniz, que o procuravam.

— Não queres reconhecer-me, visconde?

— Vós... o duque de Cliton!

— Sim... o que os homens chamaram duque de Cliton.

— Que se julga morto ha trinta annos... e enterrado na capella d'esta casa... é impossivel!... Quantos annos tendes?

— Sessenta e um...

— E, impossivel!

— O qûê?

— Não tendes essa idade... Sois mais velho... Eu conheci o duque de Cliton desde criança... morreu de trinta annos...

— E resuscitou de sessenta e um... Deixae dormir em paz o somno eterno o meu fiel creado, que está lá em baixo no jazigo com o meu nome. Fallemos dos vivos, visconde. Onde está minha filha?

— Vossa filha!?

— Elisa de Montfort...

— Juraes-me por tudo quanto ha sagrado que sois o duque de Cliton?

— Já te disse que sou o homem a quem deram esse nome.

— Santo Deus!... isto é um sonho!...

— Pois acorda, visconde!... Não perdeste ainda o sestro de rapaz!... No nosso tempo, tu sonhavas sempre!... Lembras-te quando sonhaste que me vias amanhecer velho, tendo-me deitado novo?

— Lembro... lembro... agora vejo que me não mentes... Tu és o duque de Cliton... ou eu endoudeci...

— Respondes agora á minha pergunta? Onde está minha filha?

— A tua filha... duque... antes de te responder, deixa-me reflectir n'este lance...eu preciso convencer-me de que não ha aqui um pavoroso sortilegio em tudo isto...

— Que lucras em mortificar um pobre velho, visconde?

— A tua filha... é Irmã da Caridade...

Padre Diniz fitou o visconde com uma attenção que o gelou. Era o extasis sem respiração. Não se ouvia um suspiro n'aquelle pequeno ambito. O terror communicava-se d'elles para os objectos. Os lampejos da luz tremiam nas dobras da coberta de damasco que cobria o leito. Nas paredes núas, não retocadas ha trinta annos, corriam sombras de um phantastico horrivel, que povoava de visões sinistras a imaginação supersticiosa do visconde.

Padre Diniz, alguns segundos immovel, estendeu a mão ao seu interlocutor.

— Tens fé? — perguntou elle.

— Se tenho fé?

— Crês em Deus?

— Creio em Deus!...

— Ajoelha commigo, visconde... Pede ao Senhor que feche aqui o meu praso de expiação... Pede ao Altis-

simo que deixe caír n'este momento, em todo o peso, a espada da sua tremenda vingança! Pede lhe que me faça morrer n'aquelle leito... Não... não, eu preciso da vida...

As ultimas palavras disse-as, erguendo-se subitamente, e encaminhando-se para o falso postigo, por onde entrára. Passou para a antecamara. O visconde seguiu-o.

.....

Disse, depois, o padre capellão que os vira saír ambos n'essa mesma noite, e que o missionario nunca mais alli voltára.

XXIX

— Podeis entrar, senhor. Perguntae pela enfermaria das cholericas, e lá encontrareis a Irmã da Caridade que procuraes.

Esta resposta era dada a padre Diniz pelo porteiro do hospital do *Hotel Dieu* em Paris. Encaminhado á enfermaria das cholericas, perguntou a uma das enfermeiras se podia fallar a Virginia du Saint-Esprit, Irmã da Caridade.

A enfermeira mandou-o esperar no seu quarto, e voltou dizendo que Virginia não viria, sem que soubesse o nome da pessoa que a procurava. O missionario escreveu o seu nome, e remetteu-lh'o.

Momentos depois, a Irmã da Caridade entrava no quarto, amparando-se com o batente da porta, porque vinha quasi desfallecida.

Padre Diniz estendeu-lhe a mão, que a duqueza de Cliton aceitou, mais por necessidade de se encostar áquelle braço, que por expansão de amisade, e conten-

tamento de encontrar o homem, que ella suppozera o ente mysterioso que lhe resgatára os seus rendimentos hypothecados.

O padre, succumbido, menos corajoso que ella, já incapaz de resistir ás commoções extraordinarias, gasto, por assim dizer, no corpo e na alma, não disse uma palavra que salvasse a duqueza da embaraçosa posição em que se via deante do salvador de Alberto de Magalhães, e do homem celeste que tinha em França um ecco constante das suas virtudes na missão.

— Não esperava ver-vos mais... — disse a Irmã da Caridade — Disseram-vos que eu vivia... ou morria aqui. Quem foi?!

— Foi Deus, que o quiz... Aqui me tendes, snr.ª duqueza...

— Não me deis esse nome...—atalhou ella com um gesto de silencio—fallae baixo... deixae-me gastar todo o fel do meu sacrificio... Se me conhecerem, fujo d'aqui...

— Não fugireis... Lembra-vos o que eu vos disse em Lisboa?

— Não sei... não me lembreis Lisboa...

— Quero, ao menos, lembrar-vos as minhas palavras... *Haveis de crer em Deus*... foi isto?

— Creio, sim, creio em Deus...

— Como vossa mãe, que foi mais desgraçada que vós...

— Do que eu?... é impossivel... assim desgraçada ha só uma... Tornaes a fallar-me em minha mãe!... Que tendes com ella ou commigo?... Em nome de Deus, abri-me o vosso coração...

— Em nome de Deus vos digo que o meu coração não se abre... O cadaver não tem forças para quebrar

a pedra... eu tambem não as tenho para partir os sêllos que fecham o abysmo do coração... Elisa de Montfort, eu vim dar vos um abraço... de despedida... para sempre...

— Cuidei que não podieis chorar assim... Vós desfalleceis!... Sentae-vos, senhor!... Quereis que vos traga um medico? Não fizestes bem em vir aqui, tão perto da enfermaria dos cholericos... Que tendes?

— Nada, duqueza... Não tenho já coragem para tanto... Conheço pela minha fraqueza que cheguei ao fim d'esta longa caminhada... Era já tempo, meu Deus!... Consummou-se o sacrificio... Rodobrae-me as forças, se me encheis de novo o calix...

Padre Diniz ia ajoelhar, quando a duqueza o susteve.

— Sentae-vos... Creio que vos sentis muito doente... N'estes dois ultimos annos fizestes uma grande mudança! Para onde ides?

— Para Lisboa...

— Não vades... ficae em França... Tendes-me aqui como se eu fosse uma vossa filha... Quereis que vos acompanhe nos ultimos annos da vida como vossa filha?

— Como minha filha!...—exclamou o padre—como minha filha! e quereis ser minha filha!...

— Queria, como sou de todos aquelles que soffrem... Professei uma alliança com os desgraçados até á morte, e vós... creio que sois bem infeliz, não sois?

— Já fui... agora não. Isto está acabado... As agonias são dolorosas, mas o meu ultimo gemido é o precursor de uma eterna paz... Não posso aceitar as vossas consolações, Irmã da Caridade... Tenho em Portugal um tumulo que me espera... Vou unir me aos ossos de meus paes... vou entregar lhe o que resta da herança de dores que me legaram... são estes ossos des-

carnados, e este habito, que tem sido a mortalha da minha alma, que morreu ha muito... morreu, quando vós nascestes, duqueza...

— Quando eu nasci!... que quereis dizer?!

— Nada vos quero dizer .. S is menos infeliz aqui?

— Não sei o que sou... Tenho, pelo menos, esperanças de uma proxima morte... Já tarda; mas ella virá, quando quizer... Recebo todas as angustias, sem resistencia... Procuro-as, e não sei se as ha no mundo novas, porque as quero, e então... hei de procural as...

— Já vêdes que, n'este mundo, é preciso tocar a extrema do desgosto, para começar d'ahi em diante uma outra existencia melhor...

— A da morte...

— Sim, a da morte; pois que outra, a não ser essa? E quem é que a saúda, que a ama, que se desvela, procurando-a nas missões, ou nos hospitaes? Somos nós... Sois vós, e sou eu, porque ambos somos dois infelizes... E tanto que devemos á Providencia! Não seria um bem cruel capricho de Deus, inspirar-nos o sabor da vida, agora, que temos dentro do coração tudo frio, tudo descórado aos olhos da face, tudo morto em redor de nós!... Que nos valeriam hoje os estimulos da felicidade? Que fariamos a muito ouro? que esperanças ha ahi que possam comprar-se com dinheiro? Nada... nenhumas... o ouro, nas nossas mãos, seria como as riquezas do arabe sequioso, que dera toda a sua caravana por uma gotta de agua... N'este estado, é-se feliz...

— Feliz!...

— Não? é Não o sereis vós, que tendes trinta annos... mas eu, tão velho, tão fraco... Não posso já com a vida sobre estes hombros, que apenas podem sustentar o peso da mortalha!... Olhae, duqueza... Sou assim

ha trinta annos... Caminho assim para o dia que está perto... Mal sabeis calcular o prazer d'esta aproximação...

— Sei que prazer é... Que vim eu aqui fazer, senão surprender a morte, que talvez me reservasse para uma velhice aterradora...

— Procuraes o suicidio... Que foi o que vos trouxe aqui?... Em que momento vos pareceu que a morte era um beneficio?...

— Quando não pude com a vida... quando não tive animo de beber veneno... Cheguei a levar aos labios um copo, em que minha mãe...

— Silencio! — exclamou o padre, collando a mão na bôca da duqueza.

— Pois sim... eu calo-me... e por que devo calar-me, senhor!... Eu devo morrer sem conhecer-vos?

— Deveis...

— Isto é cruel!... Porque me seguis? Que interesse tivestes na minha felicidade, padre Diniz?

— Um interesse impotente... Encontrei-vos desgraçada, desgraçada vos deixo...

— Eu não abracei os vossos conselhos...

— Seria o mesmo, se os abraçasseis... O pregão de Deus condemnára-vos ao soffrimento, á vergonha, e ao opprobrio... A minha voz foi debil... Não vos accuso, nem vos absolvo... Eu sou um vérme, e o vosso pé esmaga-me... Sois o açoute que me fere... eu teria sido um impio, se quizesse desarmar a mão de Deus... Tinha a vida suspensa por um fio... bemdita seja a vossa mão, que o cortou...

— A minha mão!... em que vos fiz soffrer?... Dizei... Faltava-me este remorso!... Fallae!...

— Não tenteis o impossivel!... Respeitae com lagri-

mas este segredo... Que Deus me mate no instante em que a minha lingua vos disser a primeira palavra d'esta revelação... Não podeis nunca saber quem eu sou, porque eu teria de vos erguer morta dos meus pés...

— Santo Deus!

— Fallae-me com a face erguida, porque o podeis fazer!...

— Senhor!...

— Dizei-me que eu não tenho algum poder nas vossas acções, porque eu recuarei corrido ás vossas ordens de me calar!...

— Eu não ousaria nunca dizer-vos tal!...

— Já o dissestes, duqueza; e eu deixei-me humilhar, porque pensei que vos exaltava!... Foi tudo inutil!... A vossa quéda era irremediavel... Caístes... commigo, com vossa mãe, com todos aquelles que me rodearam, ao mesmo abysmo... Caíram todos... e D. Pedro da Silva caíria tambem já?

— Por que me fallaes n'esse homem?... Já sabeis o segredo da minha ultima desgraça!... Conheceis esse homem como conhecestes...

— Alberto de Magalhães?... Conheci-os depois de vos conhecer, duqueza!... Devia conhecel-os ambos, porque amt os deviam fazer comvosco uma alliança de flagellos contra mim... Basta, Elisa... Vim quebrar a tranquillidade do vosso sacrificio a Deus... Ficae, Irmã da Caridade, ficae ahi n'essa enfermaria esperando a morte, que eu pedirei ao Senhor que vos ella não faça esperar muito...

— Pedi... pedi...

— Pedirei, como a tenho pedido para mim... Daeme um abraço, que eu vou deixar-vos.

— Não... não me deixareis... Sede o meu amparo, que não tenho mais ninguem que se compadeça dos meus surdos padecimentos... Em nome de minha mãe... vos peço que me não deixeis...

— Vossa mãe... Vossa mãe, Elisa...—O sorriso de padre Diniz era uma expressão que aterrou a duqueza. Nem elle talvez soubesse a significação d'aquelle sorriso, nem o leitor poderá adivinhal-o sem que lhe expliquem o segredo d'aquelle copo, que fez estremecer padre Diniz no quarto onde morrera a mãe da duqueza de Cliton. O certo é que o missionario, desde que sorrira á súpplica da duqueza, ficou em um estado de idiota abstracção, que a Irmã da Caridade estranhára e receiou como um symptoma de loucura proxima. A's perguntas que ella lhe fez sobre o seu destino, respondia com palavras desconnexas, e muitas vezes com um triste silencio, em que as lagrimas lhe saltavam dos olhos ás mãos, que levantava para um crucifixo.

N'esta conjunctura a enfermeira entrava dizendo que um senhor bem trajado apeára de uma carruagem, e queria fallar á Irmã da Caridade, Virginia du Saint-Esprit. Acrescentou a enfermeira que lhe dissera que não podia fallar a esta pessoa, sem dar o seu nome; e que o director do hospital, que se achava presente, lhe dissera a elle: «O snr. visconde póde subir.»

Padre Diniz recobrou o alento com este recado, que a duqueza ouviu em um trémulo. Antes de responder á enfermeira, entrava o visconde de Armagnac.

O missionario foi recebel-o, e murmurou-lhe quasi ao ouvido:

— Nem uma palavra a meu respeito, visconde!

— E' preciso salvarmol-a...—respondeu o visconde.

— De quê? que perigo a ameaça?

— Este suicidio lento em que a vês... Restitue-lhe a felicidade, duque!...

— A felicidade!... Tu vens destruir a obra de Deus?...

— Não!... a dos homens...

— Vê se o consegues... Salva-a, se podes... Eu vou deixal-a...

— Já?

— Já...

Padre Diniz tomou a mão da duqueza, e permaneceu na postura silenciosa de um adeus, que nos comprime a garganta, e dilacera o coração. Elisa de Montfort levou aquella mão ao seio, e recebeu com ella uma lagrima. O visconde, mudo espectador de tal conflicto, tinha os cabellos hirtos d'aquelle enthusiasmo que uma grande dor nos communica. O padre, largando a mão da duqueza, abraçou o: e, quando, com fingido animo, voltava as costas á Irmã da Caridade, e dera um passo, parou, voltou-se de repente para ella, estendeu-lhe os braços, e desmaiou nos do visconde, que se apressára a soccorrer as forças debeis da duqueza.

Padre Diniz conhecera que não podia receiar novos flagellos. Os grandes infelizes têem a presciencia da morte; reconhecem-a, quando se aproxima; sentem-a, acolhem-a no coração, e quando ella os comprime no seu abraço indissoluvel, já elles têem morrido.

O missionario, quando tornou a si, achou-se nos braços do visconde, e viu de joelhos a duqueza de Cliton. Balbuciou palavras que o iam atraiçoando, se a habitual frieza do seu caracter não arrefecesse a tempo os impulsos do coração.

— Eu não posso morrer aqui! — disse elle — ajudae-me a cobrar as forças que me levem a Portugal... Deixae-

me morrer feliz, porque não tenho já outro galardão n'este mundo senão a morte que desejo, e o tumulo que quero abrir com as minhas mãos... Não me destruam este desejo... Auxiliem-me... não me estorvem o passo, não me obriguem a commoções com que não posso... Duqueza... retirae-vos... Peço-vol-o com toda a instancia da minha alma, que já nem sabe pedir... Ide-vos...

— Eu vou... irei... padre Diniz...

— Abençoada sejaes, senhora... Acompanhae-a, visconde...

— Não... eu não preciso da vossa companhia, snr. visconde... Acompanhae-o a elle... A minha jornada é curta...

A duqueza entrou na enfermaria das cholericas, e padre Diniz, amparado pelo velho amigo de D. Pedro da Silva, saíu do *Hotel Dieu*.

XXX

Dez dias depois, Padre Diniz saíu de uma sege, encostado ao braço do boleeiro, e entrou no páteo do barão dos Reis.

Foi annunciado ao dono da casa, e entrou em uma sala, onde esperou que sua excellencia viesse recebel-o com a affabilidade que de certo não experimentaria, se viesse a pé, ou o barão não tivesse ouvido o rodar da sege.

— Tenho a honra de cumprimentar a v. exc.ª—disse o padre, erguendo-se a custo da cadeira.

— Queira sentar-se... Parece que está incommodado...

— E' a velhice, snr. barão... Eu sou completamente desconhecido a v. exc.ª...

— Não me recordo de o ter visto...

— De certo, não... O fim para que tenho a honra de procural-o, não exige que v. exc.ª me conheça.

— Em que posso servil-o?

— V. exc.ª comprou o convento dos ex-frades dominicanos em Santarem?

— Comprei, sim, senhor.

— Eu venho impetrar de v. exc.ª permissão de exhumar do claustro os ossos de um frade que morreu n'aquella casa... Posso contar com a sua licença?

— Sim, senhor; se precisa só da minha licença, póde contar que está servido.

— Precisava de uma outra ecclesiastica... essa offereço a á observação de v. exc.ª...

— Não é necessario... queira arrecadar. Eu dou ordem para que v. s.ª possa, quando queira, encontrar francas as portas do convento.

— A'manhã, se Deus o permittir, parto para Santarem. Se agora lhe não é penoso, dê me v. exc.ª uma ordem com a qual eu possa apresentar-me ao seu administrador em Santarem...

— Actualmente tem lá o meu guarda-livros. V. s.ª dirija-se a elle, que está no convento... e...

— Como se chama?

— Alvaro de Oliveira, e queira dizer-lhe que fallou commigo a tal respeito; não precisa de outra ordem; e tudo mais em que possa ser-lhe util, queira mandar-me.

— Muito grato a v. exc.ª... Queira dizer-me... Como está a snr.ª baroneza?

— Pois conhece minha mulher?

— Conheci, muito criança ainda... Ha bons trinta annos...

— Se quer que a chame...

— Não, senhor... Eu não posso demorar-me... Se for possivel, em outra occasião, terei o prazer de vel-a... Snr. barão... dê-me as suas ordens...

— Queira dizer-me o seu nome, para que minha mulher saiba quem perguntou por ella...

— Seria inutil, snr. barão... O meu nome... quem é que sabe o meu nome?... Sua senhora não me conheceria nem pelo nome, nem pela pessoa...

— A minha casa está sendo fertil em extravagancias — disse, com abstracção, o snr. Joaquim dos Reis.

— Não comprehendi o que se dignou dizer-me...

— Foi cá um reparo que eu fiz... não fallava com v. s.ª... Vejo que quer retirar-se...

— E' forçoso... Muito grato ao seu favor, snr. barão... Eu não posso offerecer valias que não tenho... Vou penhorado da sua bondade, e creio que v. exc.ª conhece que um velho padre, que vae lidar com esqueletos, não tem já nada com que indemnisar obsequios. Snr. barão...

O padre entrou na sege, e apeou na travessa da Junqueira n.º 44. Os vizinhos viram com uma especie de terror abrir-se a porta d'aquella casa, tres annos fechada, sem que ninguem soubesse dizer o fim que tivera o seu proprietario, depois que d'alli saíra amortalhada uma senhora que os boleeiros tiraram morta da carruagem.

Padre Diniz subiu apoiado ao braço do boleeiro, que tres vezes o susteve em pé, na entrada da primeira sala. O velho sentou-se, emquanto o boleeiro abriu todas as janellas, porque era insoffrivel o ar represado, que alli se respirava.

No canapé, em que o padre se sentára, estava um vestido de mulher, que elle tomou sôfregamente, e levou aos labios com os braços trémulos. Era o vestido que despiram do cadaver de Angela de Lima. No chão viam-se fragmentos de uma capa, pedaços de panno de linho, e objectos de lã traçados. Eram o resto dos vestidos da condessa de Santa Barbara, que tinham sido lacerados pelos ratos.

O boleeiro encarava o seu mysterioso patrão com assombro, e via em tudo aquillo um incomprehensivel negocio de feiticeria.

— Póles sáir...— disse-lhe o padre—A'manhã partiremos para Santarem...

— V. s.ª fica sósinho aqui?

— Fico.

— Não quer que lhe traga o comer de alguma hospedaria?

— Não, rapaz; podes ir descansado, que eu tenho quem me dêr comer.

Em seguida entrou um tabellião, e leu uma escriptura de doação d'aquella casa, com os objectos que n'ella se encontrassem, á Santa Casa da Misericordia, com a condição de que elle doador, padre Diniz Ramalho e Sousa, seria recebido na enfermaria dos particulares, no hospital de S. José; e, no cemiterio da mesma casa, depois da sua morte, em sepultura terrea, seriam com elle enterrados os ossos, que se achassem em um caixão de chumbo ao pé do seu leito.

Assignada a escriptura, padre Diniz ficou só. Ergueu-se. Olhou em redor de si com religioso pavor. Parece que evocava da sepultura as ultimas pessoas, que se tinham reunido n'aquella sala. Recaíu extenuado no canapé, e soluçou com a face escondida nas mãos cada-

vericas. Pediu, talvez, forças a Deus, e levantou-se de um impeto. Foi ao longo de um extenso corredor: levantou o fecho de uma porta, deu um passo dentro d'aquelle quarto, e recuou. Fora aquelle o quarto de D. Antonia de Mascarenhas. Defronte, estava o de Angela de Lima. Tentou alli entrar... e ajoelhou no limiar da porta. Que palavras foram as suas? Não as disse elle, nem o coração, mais feito nas torturas, as adivinha. E proseguiu na sua atormentada visita. Dir-se-ia que caminhava entre espectros, que o salteavam de cada quarto em que entrava. E eram tudo trevas em redor d'elle, quasi trevas illuminadas pelo clarão tenue das frestas, que augmentavam o terror supersticioso do ancião, devorado de febre.

O ultimo logar que visitou, era o seu escriptorio. Abriu um gavetão, que tirou do encaixe. Estendeu o braço, e fez sair uma pequena gaveta, escondida por um segredo. Despejou-a sobre uma banca, e saíu do escriptorio, porque precisava respirar o ar puro da primeira sala.

N'este momento, bateram á porta. O homem que entrou disse ser enviado do governador civil

— Que tem a dizer-me? — perguntou o padre.

— Sua excellencia manda dizer-lhe que todas as investigações, empregadas ha quarenta e oito horas, para descobrir D. Pedro da Silva, tem sido inuteis. Que podera certificar-se da entrada d'elle, em Lisboa, ha um anno; que soubera que elle vivera em Campolide com um nome supposto, e que, ha oito mezes, pouco mais ou menos, desapparecera d'alli, e não é possivel saber-se que destino teve. O snr. governador civil soube que elle vivia pobre, e lembra-se que poderá ter-se suicidado, mesmo porque, ha mezes appareceu no *Dá fundo* um

cadaver de pessoa bem vestida, que ninguem conheceu, posto que attribuissem esta morte á sociedade maçonica, porque o cadaver trazia uma mordaça.

— Em tudo isto, não ha nada certo... —atalhou o padre.

— Absolutamente nada... póde ser que com o tempo se descubra. Anda-se em procura de um creado que serviu este sujeito em Campolide, mas tambem não é possivel encontral-o... veremos...

— Queira dizer a sua excellencia que eu lhe agradeço muito a continuação das suas informações.....

.....

Vinte e quatro horas depois, padre Diniz procurava no convento dos ex-dominicanos o snr. Alvaro de Oliveira, guarda-livros do snr. barão dos Reis.

Disseram-lhe que o guarda livros, segundo o seu costume, passeiava no claustro do convento, depois que escurecia até á meia noite, e que dera ordem de não o chamarem.

— Esperarei... tambem não quero que o chamem.

— Então, póde esperal-o na sala, porque v. s.ª, visto que é tão tarde, é natural que fique em Santarem.

— Fico... E o senhor tambem é caixeiro do snr. barão?

— Nada, não sou. Eu acompanho como escudeiro o snr. Alvaro.

— Este snr. Alvaro deve ser um guarda-livros muito estimado do snr. barão!... tem escudeiro!... cá em Portugal não ha muito d'isso...

— É que o meu patrão, se tivesse um filho, não o desadorava mais do que faz ao snr. Alvaro! Elle nem é guarda-livros, nem nada... Vae para onde quer, e vive como se fosse filho da casa... Estamos aqui ha um mez, e a snr.ª baroneza já cá o veio visitar quatro ve-

zes... Acho que o snr. Alvaro vive muito triste, e o seu gosto é andar lá por baixo pelo claustro, onde estão as sepulturas dos frades. Tenho-o visto chorar muitas vezes; mas elle não quer que se lhe pergunte o que tem. V. s.ª conhece-o?

— Não conheço...

— Se o conhecesse, eu era capaz de lhe ir dizer que o senhor estava aqui...

— Nada, não o interrompa... Esperarei até que elle venha... A que horas costuma recolher se?

— A' meia noite, e ás vezes mais tarde ainda... Eu vou lhe dizer que o procuram de mando do snr. barão...

— Faça o que quizer.

.....

D. Pedro da Silva appareceu no limiar da porta. Olhou indifferentemente para o velho padre, que estava ao fundo da sala, quasi escurecida pela bandeira do candieiro.

Padre Diniz, ao vel-o, ergueu-se... fixou-o... deu um passo para desmentir um engano, que lhe fizera refluir todo o sangue ao coração... Ia dar outro passo, porque o primeiro roubára lhe o dom da palavra... não pôde... estendeu lhe os braços, que descaíam lentamente extenuados de violentas convulsões. D. Pedro foi ao chamamento mudo d'aquelle incognito... reconheceu-o; e quando exclamou: «Padre Diniz!» esse homem deixava-lhe caír no seio a cabeça desfallecida.

— Eu devo muito a Deus!...—balbuciou o padre— Devo-lhe tudo, e tão ingrato hei sido!... Que outro homem, sem ser guiado por um anjo, vos encontraria aqui, filho de Angela!... Que espantosas surprezas na minha vida!... Que lances... que desastres... e sempre a Providencia em todos os meus planos!... Fallae,

Pedro!... eu quero ouvir a voz da criança, que chorou nos meus braços, antes de ver o mundo. Fallae-me... Vim encontrar-vos muito desgraçado, não vim?

— Não, snr. padre Diniz... eu não sou desgraçado...

— Não sois desgraçado!... Bemdito seja o Senhor!!.. sois o primeiro homem feliz que se aproxima de mim, sem o contagio dos meus infortunios... Que é o que faz a vossa felicidade n'este momento?

— São as desgraças passadas...

— Foram muitas?...

— Excederam as forças do soffrimento... Deixei de soffrer, quando se me esgotaram as lagrimas, e se me fez de pedra o coração...

— *A primeira mulher que se ama, decide de toda a vida de um homem.*

— Bem me lembro... foram as suas palavras... Viu o meu futuro, padre Diniz! A primeira mulher que amei rematou as minhas longas esperanças na violenta morte dos dezenove annos... Perdi todas as riquezas do meu coração... Acho me frio nos sentimentos de honra e deshonra... Não tenho desejos, nem saudades, nem esperanças... Sou a machina que produz estupidamente um dia após outro dia...

— E comtudo sois feliz...

— Creio que sim... Esta atonia tem muita semelhança com a insensibilidade da morte... Pois a vida não é a ancia esperançosa do dia seguinte? Viver não é esperar? E eu que espero? As horas do escasso somno, que vem completar a impassibilidade do meu nada...

— E o trabalho não vos agita?

— Eu não tenho trabalho nenhum...

— Não sois guarda-livros de uma casa commercial?

— Não sou nada... tive muita fé no trabalho...

trabalharia talvez, por necessidade, e póde ser que um dia se transfigurasse a minha vida, e o contentamento me nascesse da desgraça... Cheguei a imaginar que me levantaria da quéda, para sentir em mim uma nova coragem... Deus não o quiz... O barão dos Reis sabe quem eu sou...

— Como!?

— Não sei que perguntas e respostas me denunciaram á baroneza... Vós sabeis bem quem a baroneza é...

— Sei...

— O barão chama-me filho... Serve-se da sua auctoridade para me afastar do commercio... Consente que eu viva aqui, e insta por que eu vá de Portugal para fóra... O honrado homem não sabe que a minha sepultura está em qualquer ponto da terra... Ora pois, meu querido mestre... falle-me de si... Eu julguei-o morto... Ha um anno que me não escreve...

— Eu sabia que não existieis em Paris... Soube em Angouleme que saístes da França...

— Em Angouleme?! Esteve ahi?!

— Estive...

— Com quem?

— No palacio de Cliton, com o capellão.

— No palacio de Cliton, que pertence...

— A' viuva do duque de Cliton.

— Conhece essa mulher?

— Ligeiramente... e vós?

— E eu?... não adivinhaes que foi essa mulher que me atirou a esta infelicidade em que me encontraes?

— Não adivinho, D. Pedro da Silva... que vos fez ella?

— Illudiu vilmente as minhas illusões de criança... Escarneceu a minha innocencia... Apresentou-se-me

como um anjo de honestidade e de candura... Fez que eu viesse a Portugal pedir com as armas na mão um desforço honroso a Alberto de Magalhães... por quem?... por ella, que se lhe vendera por oitenta mil francos!... Não o horrorisa esta infamia?... Deve estar esquecido do que é uma grande humiliação!... Em que pensa, padre Diniz?

— Ouvia-vos, D. Pedro!... Se me não vêdes aterrado, é porque tenho na alma a paralysia, que vós ainda não tendes... Foi pois a duqueza de Cliton que vos matou!... E vós... não lhe perdoastes...

— Eu?... perdoei... e perdoei depois que me cansaram as forças do soffrimento... Perdoei, porque não tenho já a sensibilidade da altivez offendida... Perdoei, deixe-me assim dizer, porque me falta a voz para amaldiçoal-a...

— Perdoae-lhe de todo o vosso coração...

— Que interesse tem na generosidade do meu coração para com essa mulher?

— O interesse do sacerdote do Christo, que mandou os seus apostolos apregoar o perdão das affrontas... Não tenho outro...

— E acha que ella é digna de perdão?

— E'...

— Sabe como ella vive?

— Não sei se vive... Ha onze dias, deixei-a em Paris como Irmã da Caridade, na enfermaria das cholericas, no *Hotel Dieu*.

— Que diz, senhor?

— Que lhe perdoeis...

— Fallou-lhe?

— Fallei...

— Disse-lhe o meu nome?

— Perguntei-lhe por vós.

— E ella?...

— Não me respondeu... Creio que se não lembra de vós... Está muito perto do tumulo para voltar o rosto, procurando vos...

— Falle-me d'ella, padre Diniz!...

— Não tenho mais nada a dizer-vos...

— Mais nada?... Como a conheceu?

— Como conheço todas as pessoas infelizes... Prendeu-nos a sympathia do soffrimento... Não fallemos mais na Irmã da Caridade... Agora deixae-me dizer-vos ao que venho, porque... bem vêdes... até parece que a fallar me fogem os poucos alentos de vida, que Deus me concede para o remate da minha peregrinação... Não vêdes que estou tão acabado, tão doente?...

— Soffre muito?... tem alguma doença irremediavel?

— Tenho... olhae este pulso... não lhe sentis as pulsações?... E' que a morte já por lá passou... tenho-a muito perto do coração... Poderei viver oito dias? Deus o sabe, mas creio que não... Daes me um copo de agua?... Esta seccura nem me deixa fallar... Agora, D. Pedro, esperae um pouco... eu preciso de alguns instantes de repouso... Ide, se precisaes saír e voltae, passado um quarto de hora...

D. Pedro retirou se ao seu quarto, a reflectir nos tumultuosos lances, que tão rapidos lhe desorganisavam os meditados projectos. Ao mesmo tempo, o sacerdote rezava, de joelhos, no seu breviario, e muitas vezes levou a mão á testa, como para afastar os pensamentos do mundo, que lhe abraçavam os extasis da alma, nas vizinhanças da eternidade.

D. Pedro veio encontral-o ainda na oração. Um gesto

impoz-lhe silencio, e o filho de Angela esperou, com os braços cruzados, e as lagrimas nos olhos, ao lado de seu mestre. Aquellas lagrimas vieram-lhe do coração, resumindo, em um rapido olhar da alma, todas as scenas da sua vida, desde que se conhecera crescendo nos braços d'aquelle homem, para o qual estava aberta a sepultura.

«Eis aqui o grande homem!... — dizia-se elle—Este immenso coração vae gelar se! Esta victima de tantos sacrificios chegou por fim ao seu altar! Como será a consciencia d'este justo n'este momento! Que tranquillidade de espirito ao pé da sepultura! Será para a morte aquelle sorriso?... Verá n'este instante as scenas todas em que foi grande!... Verá em redor de si todas as pessoas que o precederam na morte!... Seria possivel a aniquilação para este espirito? Não, não! é impossivel!... Este homem é um instrumento de Deus, que não cabe em uma pouca de terra!...

Padre Diniz erguera se; bebeu dois golos de agua; entrelaçou as mãos, onde apoiou a barba, e permaneceu minutos na meditação d'aquelle que se recorda do fim para que veio.

— D. Pedro da Silva, — disse elle — que futuro é o vosso?

— Não tenho nenhum...

— Não se vive assim... Deveis de ter algumas tenções... Quereis saír de Portugal?

— Que terei eu fóra de Portugal que não tenha aqui?

— Aqui tendes contra vós a solidão na patria, onde tivestes mãe, e amigos... Lá fóra, tendes a solidão entre estranhos, que é menos dolorosa... Viajae... Tendes dinheiro?

— Já lhe disse que tenho a protecção do barão dos Reis...

— Aceitae antes a minha... Eu dou-vos o dinheiro que possuo... é pouco... mas, quando o tiverdes consumido, tereis a paz de espirito necessaria para adquirir outro... Aceitae sem melindre, porque não vol-o faço como favor nem como direito á vossa obrigação. Saudades de mim heis de tel as sempre, e eu não quero mais nada... Ireis á travessa da Junqueira, entrae no meu escriptorio, e sobre a banca encontrareis não sei que dinheiro, que ahi deixei, para que a Casa da Misericordia, minha herdeira, o possuisse. Viajae, é o conselho que vos dou. Não vades a Paris nem a Londres... Ide para muito longe. Se vos não repugna a vida militar, sede soldado, porque eu só conheço duas posições sociaes que servem ao homem distincto: o claustro, e a guerra; as commoções do céo, ou a embriaguez do sangue das batalhas. O homem grande precisa chorar em uma cella, ou derramar sangue em um arraial... O vosso espirito precisa de alimento forte... Ide sentir os grandes abalos, que podem transfigurar de um instante para o outro a vossa existencia... Ides?... fazeis a vontade ao vosso amigo?

— Irei.

— Mas não ireis sem me deixar na sepultura... Assistis á minha vida nos seus ultimos dias? Não respondeis!... Chorae, chorae, que vos não vão mal essas lagrimas... Tambem eu chóro comvosco... Sois o filho da minha querida Angela... Creou-vos a minha pobre Antonia... Vinde cá... Chegae-vos bem ao meu coração... Eu estou a ver vos tal qual fostes de cinco, de dez, de quinze annos. Eram annelados estes cabellos... Esta pallidez era então como a purpura. Brilha-

vam muito mais estes olhos, que tendes hoje pisados... Raro vos vi sorrir, mas no sorriso angelico dos vossos labios havia a tristeza prophetica d'este nosso encontro... Guardae para o meu ultimo instante um d'aquelles sorrisos ..

— Padre Diniz... não ha de morrer tão depressa... Faça um esforço de vontade para viver...

— Ai! filho... não quereis o meu descanso?... Vêde-me morrer com alegria... Agradecei ao Senhor esta esmola, que lh'a peço ha trinta annos... Eu vivi emquanto fui necessario... necessario!... a quê?... á minha expiação... Quiz valer a todos, e não vali a ninguem! Quando eu queria dar vida ás almas, morriam os corpos... Consummou-se!... Agora... Venham as misericordias de Deus... Pesem-se na balança divina as minhas iniquidades com as minhas lagrimas... Desencrave-se o ultimo espinho do remorso...

— Remorso... Tem remorsos, padre, Diniz?

— Hei de responder-vos do tumulo...

— Do tumulo?!

— Sim... do tumulo... Hei de legar-vos a palavra do morto, em um livro escripto pelo vivo, durante trinta annos... Heis de por força abril-o todos os dias, e eu estarei a vosso lado emquanto o lerdes... As lagrimas que lhe cairem nas paginas, vão confundir-se com as minhas, que lá cairam... E as existencias, que se casam pelas lagrimas, são inseparaveis... Agora, Pedro, sabei ao que vim... E' meia noite, e o luar está muito claro... Tendes ahi uma alavanca?

— Uma alavanca?!

— Sim... um qualquer ferro...

— Tenho, senhor... Quereis uma alavanca?

— Dae-m'a...

— D Pedro foi buscal-a.

— Agora, acompanhae-me.

— Quer que vão creados comnosco?

— Não... vamos sós.

Desceram ao claustro. As sombras do luar, projectadas dos balaustres das varandas, estendiam uns como crepes sobre as campas. A cruz de pedra desenhava-se nas lages. A relva, que nascera livre nas fisgas das sepulturas não tocadas nos ultimos quatro annos, á luz frouxa da lua, semelhava pedaços de mortalha arrancados pelas fendas da pedra.

Padre Diniz foi ao sopé da cruz, e pensou alguns segundos.

— E' aqui.

— O quê?

— Ajudae-me a levantar esta pedra... Eu só não poderei... Vêde se encontraes um calço... Bem... Emquanto vós carregaes na alavanca, eu irei mettendo o calço... Assim... mais... mais... Está bom... Eu agora levanto a alavanca, e vós tombaes a pedra... Não podeis?

— Posso...

— Obridado, meu amigo... Agora deixae-me tirar terra...

— Eu vou buscar uma enxada...

— Não é necessaria... Não sujeis as mãos... Este trabalho é meu...

— Que faz, padre Diniz?

— Procuro aqui um thesouro... creio que m'o não roubariam...

— Pois enterrou aqui algum thesouro?!

— Enterrei...

— Ha muito tempo?

— Ha seis annos...

— Quando veio a Santarem assistir á morte do conde de Santa Barbara?

— Foi por esse tempo.

— Não quer que o ajude?

— Não... o meu voto foi este... Bom... Já encontrei uma dureza... Agora vamos escavar terra do lado dos pés... Tendes uma caixa, um bahú, qualquer cousa que me deis?

— Um bahú? tenho... vou buscal-o...

Emquanto D. Pedro foi, e voltou com o bahú, padre Diniz descobriu as duas azas de um caixão.

— Agora, D. Pedro, se vos não repugna, pegae n'esta aza de ferro que está aqui, e levanta de lá, que eu levanto d'este lado.

Tiraram um estreito caixão de chumbo.

— Isto que é?! — perguntou D. Pedro.

— E' o meu thesouro, meu bom amigo... Levante d'aqui... ajudae me agora a tirar o esquife, mas com muita cautela para que se não desmanche... Não é possivel... já se despregou uma táboa... Chegae para ao pé de mim o bahú, e abri-o...

Padre Diniz tirou um craneo, a que vinham pegadas algumas vertebras do pescoço.

— Que faz senhor?

— E' o meu thesouro...

— Uma caveira!...

— Uma caveira... sim... não achaes que uma caveira possa ser um thesouro?...

O filho de frei Balthazar continuou a extrahir a ossada da sepultura, e cada pequeno ou grande osso que tirava, sacudia-o, passava-lhe pela superficie a manga da

batina, e depositava o no bahú. D. Pedro estava livido de horror.

— Estaes tão calado, D. Pedro?... Causa-vos nojo esta escavação?... Tende paciencia... é o meu thesouro... são os ossos de meu pae...

— De seu pae?!... pois seu pae morreu aqui n'este convento?...

— Morreu, filho... Agora ajudae-me a ajustar esta pedra com a sepultura... Não vão julgar que algum impio exhumou o cadaver do frade amaldiçoado para insultal-o... Achaes que está bem?

— Está... E aquelle caixão?

— Aquelle caixão contêm as cinzas de minha mãe...

— Santo Deus, que mysterios!... Sua mãe tambem aqui morreu?

— Não... minha mãe não morreu aqui... Nós vos responderemos todos tres do tumulo... Hei de dar-vos este conhecimento com os mortos, que é de todos o menos perigoso... Podeis com este caixão, meu bom amigo?

— Posso.

— Pois Deus ha de dar-me forças para levar o bahú ao meu quarto... Subamos... Deixemos os mortos sem o seu companheiro de seis annos... Antes que elles nol-o peçam, porque o amaram muito na vida...

Padre Diniz sentou se ao pé do bahú, no quarto de D. Pedro, e esteve de mãos erguidas longo tempo. O filho de D. Angela não teve resposta a algumas perguntas que lhe fez. O relogio da torre dera duas horas, e o sacerdote, como accordado de um doloroso lethargo, disse a D. Pedro:

— Ide repousar, que eu fico aqui...

— Não consentirei que fique: se não quer uma cama, eu ficarei ao seu lado.

— E eu não consinto que fiqueis... Deixae-me aqui um tinteiro, que preciso escrever... Abri aquella mala, e dae me um livro, que tem na capa um lettreiro...

— E' este?... diz LIVRO NEGRO.

— E' esse... Agora, meu filho, até logo... Eu vos chamarei se dormirdes... creio que não dormireis; mas eu quizera que descansasseis. Ireis commigo para Lisboa?

— Vou, vou comsigo, padre Diniz, até onde for...

— Então... perto ireis... Boas noites...

Sebastião de Mello escreveu uma hora. Depois deitou-se no tablado, encostou a face ao caixão das cinzas de Silvina, e adormeceu, murmurando:

— Deixa-me gosar o primeiro somno no seio das tuas cinzas, minha pobre mãe!

XXXI

Seis dias depois, na cama de um quarto particular do hospital de S. José, estava padre Diniz Ramalho e Sousa.

Ao lado do seu leito estava um caixão de chumbo, e um bahú fechado, os quaes a administração da Santa Casa, sujeitando se á condicional da escriptura de doação, já sabia que deviam ser sepultados com o cadaver do caritativo doador.

Em redor d'este leito estavam os medicos da casa, o guarda-livros Alvaro de Oliveira, o barão dos Reis, e sua mulher.

Conversavam pouco, e esse pouco em sem quasi imperceptivel. O enfermo encarava os a todos com um sorriso, e respondia ás instantes perguntas dos medicos com o mesmo sorriso. Tomava os remedios sem hesitação; mas pedia que o encarassem com mais philosophia que medicina, porque os seus nobres esforços eram inuteis.

D. Emilia Mascarenhas chorava, e padre Diniz, escasso de forças para fallar, erguia as mãos como supplicando que não chorasse. Algumas vezes achou-se sósinho com o barão, porque a filha de Anacleta, e o filho de Angela, de hora a hora se retiravam a chorarem a occultas do padre.

O enfermeiro veio n'esse dia, com as lagrimas nos olhos, dizer a padre Diniz que o despedíam do seu quarto.

— Por quê?

— Porque um outro enfermeiro d'esta casa pediu licença para tratal-o, e não se lhe negou, porque ha razões para que se lhe não negue cousa nenhuma.

— Que razões são?

— E' um homem que veio para aqui, haverá seis annos, e não só trata dos doentes como enfermeiro, mas tem feito grandes esmolas á Santa Casa. Ninguem sabe o seu nome, nem elle consente que lhe perguntem nada da sua vida. Deus lhe perdoe o desgosto que elle me dá, fazendo-me sair do seu quarto, snr. padre Diniz...

— Agradeço-lhe a sua amizade de todo o meu coração...

— Elle ahi vem...

— Quem?

— O enfermeiro...

Effectivamente o novo enfermeiro entrára no quarto.

Padre Diniz não podia vel-o, porque era muito pouca a claridade. O mysterioso devoto dos hospitaes aproximou-se do leito, e fez ao despedido enfermeiro um signal para que saísse.

Estavam sós.

— Tens um novo creado, Sebastião de Mello... — disse lhe elle, curvando-se ao ouvido do enfermo, que estremeceu.

— Quem é que me dá tal nome?

— Não é o teu?

— Foi... Quem sois?

— Um homem indigno de te acompanhar na vida; mas não o reputarás assim nas horas em que a morte principia a destruição do orgulho humano.

— Quem és?

— Has de morrer com o segredo do meu nome?

— Sim...

— Eu sou Azarias Pereira, o judeu...

— Azarias Pereira!... Abre-me aquella janella...

— Não... que te incommodam os raios da luz... Não me crês?... não ha já n'esta voz um som do teu velho companheiro dos salões de Anacleta?... Que te parece, Mello!... Terei desarmado a cólera do teu Deus, e do meu com a penitencia de seis annos?

— Que vida tem sido a tua, Azarias?

— Esta!... E a tua?... Julguei-te morto...

— Julgaste bem...

A baroneza dos Reis entrou.

— Que mulher é esta?—perguntou Azarias.

— E' a filha de Anacleta...

— A filha de Anacleta!—murmurou o israelita, encostando-se ao leito, com os olhos cravados em Emilia.

— Tem um novo enfermeiro, snr. padre Diniz?

— Sim, snr.ª baroneza...

— Disseram-me que era um santo...

— Enganaram-a, senhora...— balbuciou Azarias.

— Eu já o tinha visto—tornou ella—e conheci-lhe no rosto os signaes da mortificação... Disseram-me que estava aqui por devoção n'este hospital... Ainda ha boas almas no mundo!...

— São as mais perversas, muitas vezes...

— Não diga tal!... Oxalá que a quarta parte dos bons tivessem as suas virtudes...

— Não fallemos nas minhas virtudes, senhora...

— Se com as suas orações podesse restituir a saude ao snr. padre Diniz...

— As minhas orações são blasphemias...

— Santo nome de Deus!

— Deus seria affrontado por ellas...

— Não falle assim, que está fingindo o que não é...

Padre Diniz fez á baroneza signal de silencio. Calaram-se todos. N'este momento entrou um confessor, que ficou sósinho com o enfermo. Azarias Pereira perguntou aos medicos, que esperavam occasião para tentarem o ultimo recurso, quantos dias poderia viver o doente. Responderam-lhe que poderia viver muitos dias, ou muito poucas horas. «Aquella morte (disseram elles dogmaticamente) é uma consumpção physica e moral.»

Depois do confessor, entrou o Sagrado Viatico, acompanhado por D. Pedro da Silva e o barão dos Reis. Azarias estava ao lado do leito, com o jarro da agua e a toalha. Administrado o Sacramento, padre Diniz pediu que o encostassem aos travesseiros. Chamou para o pé de si as pessoas, que se escondiam no escuro do quarto a chorar, e fallou assim, com muita difficuldade:

— Aproximae-vos... vinde ser ao pé de mim os re

presentantes dos que já passaram, deixando-vos na terra encargo de testemunhardes a minha morte... Não fujas, tu, penitente...

— Vou buscar-vos um caldo, snr. padre Diniz—disse Azarias Pereira.

— Não vás... eu quero-te aqui... has de perdoar-me, que és o unico homem vivo a que posso, e devo pedir perdão...

— De quê, senhor?

— Estendeste-me, uma vez, a tua mão, e eu... repelli-a... Miseravel orgulho humano!... estupida fidalguia nas virtudes!... Repelli a tua mão, pobre homem, que soffreras tanto... que caváras com as unhas a sepultura da infeliz, por quem te perderas... Repelli a tua mão, eu, meu Deus!... eu!... carregado de crimes, com a minha borrifada de sangue... Vem cá... aproxima-me dos labios a tua mão... quero beijar-t'a... Não teimes com o moribundo...

— Quem será?!—perguntou o barão a sua mulher.

— Não posso entender isto, e o snr. D. Pedro conhece este homem?

— Não, senhora... não conheço.

— Não pronuncies o meu nome, Sebastião de Mello! — murmurou Azarias ao ouvido do padre.

— Não... não pronunciarei o teu nome... de que serviria para a tua alma pronuncial-o?... Morre ignorado, como tens vivido... A grande coragem é essa... Morre como eu... Qual de vós poderá dizer o meu nome? Ninguem...

— Ninguem!...—disse D. Pedro.

— Ninguem até ao momento em que estes labios, emmudecidos pela algema da morte, não possam já responder aos louvores ou aos vituperios do mundo...

Perguntaes-me com o vosso silencio se eu fui um homem grande?... Fui, amigos... desde o momento que vesti a batina, que logo me dareis como mortalha... Antes d'isso fui miseravel... o mais pequeno de todos os que se arrastavam a meus pés... Ao pé d'este leito... não sois só vós que assistis condel los aos meus paroxismos... tão serenos... tão suaves... Eu vejo muitas imagens, que vós não vêdes... Baroneza... aqui está vossa mãe... Vejo-a com a face purpurea la pelos delirios da felicidade que o seu ouro lhe dava... Eis que se desfigura... Ella alli está macerada, coberta de farrapos, ajoelhada no alpendre da capella... Não vêdes alli uma sepultura rasa?... Levantei a, e desci-a eu sobre o cadaver de vossa mãe, Emilia de Miscarenhas... Ai!... á hora da morte tenho saudades d'ella... Andou-me tantos annos impressa no coração!... Choraes por ella, Emilia?... São, talvez, as primeiras lagrimas?... abençoadas sejam!... Vou contente de vol-as ter arrancado para a memoria de Arcleta... Não fujaes, amigo...

— Conceda que eu me retire, senhor... —disse Azarias, perturbado.

— Ouvi até ao fim as minhas visões... Alli está vossa irmã, Emilia... A minha querida Antonia!... O anjo despenhado, que eu levantei do abysmo e entreguei a Deus... Não a vêdes debruçar se do céo para a terra, a receber a alma de sua filha? Eugenia! tão curta foi a tua primavera depois de um longo inverno de amarguras!... Choraes Emilia? Nunca tinheis assim chorado por vossa irmã?... E tu, meu discipulo querido, meu herdeiro, meu confidente de além do tumulo, vem cá, D. Pedro da Silva, que tenho aqui a meu lado tua mãe... Vem abraçar nos a ambos, que nos has de encontrar no mesmo abraço... Olha...

lembras-te quando a vimos n'aquella janella em Campolide?... Não estava assim radiosa... Este brilho que lhe vês é o resplandor do martyrio... Cá, em baixo, não ha d'estas auréolas... A infeliz o que aqui foi não podia continuar a sel-o, se os seus crimes a despenhassem nas trevas... Vem do céo a receber-me na morte... Paga-me uma divida sagrada, que, na morte da alegria, da esperança, da alma, encontrei a eu... Vê-te que me faltam forças... Será o fim?.. Ainda não... Não sei que presentimento me manda esperar... Esperar o quê?... Isto que espero, ha tanto tempo... Deixae-me lançar uma vez os olhos para o mundo... Abri aquella janella... eu queria ver a luz, e o céo... Amigo, abris-me aquella janella?

Azarias Pereira abriu meia portada.

— Toda... toda...—balbuciou o padre, esforçando se inutilmente por erguer se—Nunca me pareceu tão bello o mundo!... Vejo arvores e flores... Deixo-vol-as, meus amigos... Colhei-me aquella rosa... has de ser tu, meu carinhoso enfermeiro... Colhe-a, sim?... Vae depositál-a, orvalhada de lagrimas, sobre a sepultura de Anacleta, sim?... Estremeces?... não tremas... cumpre-me este legado, assim como eu cumpri o d'ella... E tu, D. Pedro, colherás outra... Procura a sepultura de tua mãe, no cemiterio de S. João... ajoelha... offerece-lh'a em teu nome, e em meu, sim? Não posso... Onde vaes... deixas-me?

— Sou chamado alli á porta... Venho já—respondeu Azarias.

E foi, onde realmente o chamavam. Encontrou uma mulher de véo branco, e manto negro, que lhe disse em portuguez:

— E' o enfermeiro de padre Diniz?

— Sou, senhora.

— Posso fallar-lhe?

— Dê-me o seu nome, que eu vou perguntar-lhe.

— Como está elle?

— Não poderá viver muito.

— Diga-lhe que o procura Virginia, Irmã da Caridade.

Azarias foi ao pé do leito em que padre Diniz soffria uma ancia nos braços de D. Pedro.

— Snr. padre Diniz, uma Irmã da Caridade, chamada Virginia, quer ver-vos.

O moribundo arrancou-se aos braços do filho de Angela, que levou as mãos á cabeça, como se o ferisse subitamente uma frecha. Os circumstantes reparavam na commoção dos dois, quando padre Diniz, encostado ao braço direito, levantava meio corpo, e parecia precipitar-se do leito.

A Irmã da Caridade não esperára resposta. Entrou, e o primeiro vulto que lhe feriu os olhos, rasos de lagrimas, foi D. Pedro da Silva. Soltou um grito, vacillou alguns momentos, com as mãos erguidas, e correu aos braços do missionario, que a procuravam. O filho de Angela, quando saía do quarto impetuosamente, caíu desfallecido nos braços de Azarias, que tinha visto nos olhos d'elle o brilho do terror, da demencia, ou da apoplexia fulminante.

Padre Diniz recebeu nos braços a duqueza de Cliton, e recaíu na prostração. As suas palavras eram surdas, e uma força invencivel pesava-lhe nas palpebras, que elle em vão tentava abrir.

— A que viestes, senhora?—balbuciou elle.

— A isto... a mais nada... quiz que o vosso ultimo abraço fosse meu... Ha de sel-o... que eu não vos deixarei até ao ultimo suspiro...

— Achaes que deve ser vosso... o meu ultimo abraço!

— Deve... não tendes ninguem no mundo que mais vos queira...

— Ninguem... nem tu, D. Pedro da Silva?... que é d'elle?

— Foi passado ao quarto proximo—disse Azarias.

— Por quê?

— Desmaiou...

— Como uma mulher!... paciencia... não torno a vel-o... Chamae-o...

— Não, não!...—interrompeu a duqueza de Cliton.

— Por quê?... por que não?... Não sois vós a Irmã da Caridade, e dos perdões?... Que é d'elle?...

— E' impossivel vir, — disse Azarias— está lançando sangue, e não dá accôrdo para mais nada.

— Seja feita a vontade de Deus — balbuciou, quasi sem perceber-se, o moribundo. — Dizei-lhe que o meu legado está alli, n'aquelle bahú...

— Elle ahi vem...— disse a baroneza, que fôra instal-o para que viesse dizer adeus ao seu amigo...

— Ainda bem... D. Pedro, olhae que o meu livro vae ser vosso... está alli n'aquelle bahú... Vem aqui... mais... mais perto... Eu vou partir... e quero dizer a Deus... que perdoaste a esta mulher.... Perdoa-lhe...

— Sim, sim... de todo o meu coração... — disse D. Pedro, beijando a mão do agonisante.

— Agora... senhora... quereis que o meu ultimo abraço... seja o vosso?...

— Sim...!

— Pois, sim... recebe o ultimo abraço de... teu pae...

Foram as ultimas palavras de padre Diniz.

A duqueza repetiu a palavra *pae*, e perdeu os sentidos com a face apoiada no peito do cadaver.

D. Pedro da Silva, e os demais ficaram n'esse aturdimento, que só tem a expressão do lance, e não póde reflectir se no papel.

CONCLUSÃO

As seguintes paginas são textualmente copiadas dos apontamentos de D. Pedro da Silva:

«Mal me recordo d'aquella scena pavorosa! O duque de Cliton, Sebastião de Mello, padre Diniz, estava morto. A Irmã da Caridade lembra-me que soluçava com os labios collados ao peito do cadaver. A filha de Anacleta estava de joelhos aos pés do leito. Azarias Pereira cruzava os braços a meu lado, e fixava-me com os olhos turvos de lagrimas. Não tenho outras lembranças! A surpreza e a affilição entorpeceram-me o sentimento. Creio que encarei aquelle desfecho angustioso com a serenidade do demente, absorvido em uma das suas intimas visões de horror! Alguem me afastou d'aquelle quadro. Não sei quem foi... Devia ser o barão dos Reis.

«Achei-me em sua casa, acordando de um sonho febril. Senti que me sondavam o pulso, e me refrigeravam a testa. Vi o susto escripto no semblante de Emilia, e o desvelado carinho nas maneiras affectuosas do honrado barão.

«Pedi que me contassem os successos depois da morte de padre Diniz. Disseram-me que a mulher, á qual o

agonisante chamára filha, fora levada do quarto, sem sentidos, e viera no dia seguinte assistir ao enterro. Depois, não a viram mais, nem poderam saber quem ella fosse, supposto que o enfermeiro dissesse que aquella senhora, pela pronuncia, parecia franceza.

«Entregaram-me, fechada, em uma boceta de chatão, a minha herança. Era o LIVRO NEGRO. Recebi-o com respeito, e inundei-o de lagrimas antes de abril-o. Só um anno depois tive coragem de ler-lhe a primeira pagina.

«Passado um mez, disseram que eu estava convalescente, e aconselharam-me as viagens. Não era necessaria a opinião dos medicos. Eu havia de cumprir a promessa que fizera a padre Diniz, ao meu querido mestre, ao anjo consolador de minha pobre mãe.

«Quando abracei a irmã de D. Antonia, chorei, porque este abraço devia ser o ultimo. Eu tinha no coração um presentimento que me mandava esperar uma morte proxima. Demorou-se muito; demora-se talvez ainda; mas eu creio que já lhe sinto o beijo frio n'estes labios, que tantas vezes a tem pedido ao Senhor dos desamparados.

«Viajei dez annos no Oriente. Arravessei o deserto sósinho; vivi nas solidões, onde as ossadas dispersas dos imperios me habituaram á concentrada melancolia do homem que aborreceu a existencia. Se quizer dizer como vivi, não posso. Eu não tive vida. Durei em um profundo lethargo. Não recebi sensações que me despertassem a alma; não tive uma esperança que me fizesse voltar os olhos do passado. A minha dor não era uma saudade, nem um remorso. Era a morte... Eram as trevas eternas do coração... Era uma especie de embriaguez moral, que me dava o louco desejo de passar

longas horas encostado a um tumulo de não sei que feliz ou infeliz que eu tomára como amigo, que nunca conhecera.

«Não sei que juizo os homens fizeram de mim. Nunca me encontrei com a sociedade; fugia-lhe, porque desconfiei que me chamavam doudo. Nunca me lembrou que os meus mediocres meios estavam quasi exhaustos, porque eu presagiava que a minha morte devia vir no instante em que a indigencia me dissesse: «Pede um bocado de pão... Aceita um favor extranho!» Em toda a parte encontrei homens, cujos nomes nunca soube, offerecendo-me grandes quantias de dinheiro; não as aceitei. Quiz saber d'onde vinham estes cuidados pelo peregrino, sem um torrão de terra seu, em que podesse morrer. Hoje sei que os desvelos do barão dos Reis seguiam delicadamente os meus passos.

«Arruinei as poucas forças que tinha, com o uso do opio. Toquei o extremo gráu da insensibilidade... Hoje, com esse narcotico, já não consigo dois minutos de repouso. Reservo-me para a sepultura. Ahi, sim... dormirei, meu Deus?

«Ao cabo de dez annos, senti-me caír. Deram como inevitavel a minha morte. Mandaram-me a ares patrios. E eu fui... por que fui?... Tive um intervallo lucido de saudade. O meu coração sentiu um desejo. Vi Portugal pelos olhos da minha infancia... Este relampago de juz momentanea.... Não importa... Fui atraz d'esse clarão...

«Em Portugal ajoelhei na sepultura de padre Diniz. Li, ahi, algumas paginas do seu livro, que me eram consagradas, e que tinham o som real da voz do vivo, lidas sobre a sepultura do morto... Não senti muito... E' que eu principiava a arrefecer do gêlo da campa sobre que ajoelhára.

«Procurei a sepultura de minha mãe: não a encontrei. Confundira-se na valla dos mortos, que a cholera agglomerára, sem inscripção, nem vestigio em que depozesse a flor que o sacerdote moribundo me recommendára.

«Afflicto com o silencio dos mortos, procurei os vivos.

«D. Emilia Mascarenhas tinha morrido. O barão dos Reis vivia em um leito de paralytico, quasi perdida a sensibilidade, pedindo a Deus que o remisse da pesada existencia. A estas horas deve ter sido ouvido, e a sua alma terá passado d'este mundo para o outro do esquecimento eterno.

«Indaguei o destino de Azarias Pereira. Disseram-me que morrera em uma das provincias do norte de Portugal, em uma pobre aldeia, chamada Viduedo, onde trinta e sete annos antes morrera Anacleta dos Remedios.

«Detestei a patria. Em redor de mim, pareceu-me que os vivos insultavam os mortos, que eram na terra, onde nasci, as minhas relações unicas.

«Fugi, como o assassino de ao pé do seu cadaver. Vim aqui, porque, no momento em que me senti impellido para fóra de Portugal, saía um navio para o Brazil.

«Ha cinco mezes que continúo debaixo de outro céo a mesma existencia descórada. Mas as dores physicas dilaceram-me lentamente. Estou ethico no ultimo gráu. Não procuro remedio; mas esta morte assim dolorosa, assusta-me! É um morrer vagaroso, que extenua a minha coragem, e me não deixa entreter o pensamento n'estas paginas, que eu lego a um homem a quem devo carinhos de irmão.

«Quero mostrar-lhe que não sou ingrato. Hei de fazel o successor na herança que recebi de padre Diniz... Acho nobre a independencia d'este homem! Nunca me

perguntou quem eu era, e em toda a parte onde estive a primeira pergunta que me fizeram era um insulto ao segredo da minha existencia.

«E, depois, está no mundo alguem que abra o seu coração ás minhas revelações?... Talvez!... Elisa de Montfort viverá ainda?

«O coração ainda a vê... É que ella vive... Procurei-a... e não a encontrei. Que é o que eu lhe queria? Nem eu sei .. Talvez lhe dissesse: «Já que me fizeste desgraçado, chora uma lagrima por mim!»

«Eu peço ao nobre cavalheiro, em cuja casa hei de ser amortalhado, que dê ao mundo estas palavras, para que essa mulher não morra, sem me ter dado a lagrima que lhe peço.»

.....

Terminaram aqui os apontamentos do filho de Angela de Lima, que morreu no *Bota fogo*, suburbios do Rio de Janeiro, em 28 de outubro de 1851.

EPÍLOGO

Seis mezes depois da carta, que acompanhou a remessa dos manuscriptos, impressa com o titulo *Prevenções*, nas primeiras paginas d'este contexto doloroso de lances, que talvez não devera chamar-se romance, recebi do mesmo amigo a seguinte carta:

«São passados seis mezes depois que te enviei os manuscriptos do meu hospede. Vi que principiaste a sua

«publicação, e tive, mal sabes que prazer, porque me «dizia o coração que talvez existisse na terra essa mal-«fadada duqueza de Cliton, e eu queria ser o motor da «lagrima, que o infeliz lhe pediu.

«Haverá dois mezes que para aqui vieram sete Irmãs «da Caridade, agenciadas em Paris por João Vicente «Martins, com o religioso fim de assistirem aos conta-«minados da febre amarella.

«Entre as que vieram avultava ahi uma, que devia «ter sido bella; mas as rugas e os cabellos quasi bran-«cos davam lhe um caracter de doloroso mysterio, que «a tornavam um objecto de curiosa analyse. Era de to-«das a mais solicita, e porventura aquella por quem os «doentes chamavam com mais fé. Tres companheiras «suas morreram logo: morreram-lhe nos braços, convi-«dando a a acompanhal-as para o seio de Deus. Despe-«diram-se, balbuciando estas palavras, ditas com não sei «que santa alegria: «Até logo, irmã!»

«Eu quiz ver esta mulher. Procurei-a no hospital, e «espantei-me de vel-a fallar o portuguez com admiravel «correcção. Fallamos do flagello com que Deus experi-«mentava este desolado paiz, e, não sei como, a nossa «conversa descaíu no meu hospede portuguez, que mor-«rera da febre amarella.

«Quando pronunciei *D. Pedro da Silva*, a Irmã da «Caridade demudou o semblante, caíu sobre os joelhos, «e orou longo tempo. E, depois, meu amigo, quiz levan-«tal-a, porque a julguei morta! Tinha caído com a face «no chão, e tomei-a nos braços inanimada, fria, e sem «pulso.

«Passados minutos, reviveu d'aquella morte... mas «por instantes!... Não me enganei!... Morta estava «ella!... Deus concedeu-lhe horas de vida para chorar

«sobre o tumulo de D. Pedro da Silva a lagrima que «lhe pedira. Morreu!...

«Consegui que o seu cadaver fosse enterrado na se- «pultura immediata... O mundo ignora que estas duas «sepulturas são o leito nupcial d'aquelles dois desgra- «çados.»

. . . . . .

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO VOLUME

OBRAS DE CAMILO CASTELO BRANC

Cada volume br. 10$00 - enc. 15$00

1 — Coisas espantosas
2 — As três irmãs
3 — A engeitada
4 — Doze casamentos felizes
5 — O esqueleto
6 — O bem e o mal
7 — O senhor do Paço de Ninãis
8 — Anátema
9 — A mulher fatal
10 — Cavar em ruínas
11 e 12 — Correspondência epistolar
13 — Divindade de Jesus
14 — A doida do Candal
15 — Duas horas de leitura
16 — Fanny
17, 18 e 19 — Novelas do Minho
20 e 21 — Horas de Paz
22 — Agulha em Palheiro
23 — O ôlho de vidro
24 — Anos de prosa
25 — Os brilhantes do brasileiro
26 — A bruxa do Monte Córdova
27 — Carlota Angela
28 — Quatro horas inocentes
29 — As virtudes antigas — Um poeta português... rico!
30 — A filha do Doutor Negro
31 — Estrêlas propícias
32 — A filha do regicida
33 e 34 — O demónio do ouro
35 — O regicida
36 — A filha do arcediago
37 — A neta do arcediago
38 — Delitos da mocidade
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios
41 — Memórias de Guilherme do Amaral
42, 43 e 44 — Mistérios de Lisboa
45 e 46 — Livro negro do padre Deniz
47 e 48 — O judeu
49 — Duas épocas da vida
50 — Estrêlas funestas
51 — Lágrimas abençoadas
52 — Luta de gigantes
53 e 54 — Memórias do cárcere
55 — Mistérios de Fafe
56 — Coração, cabeça e estôma
57 — O que fazem mulheres
58 — O retrato de Ricardina
59 — O sangue
60 — O santo da montanha
61 — Vingança
62 — Vinte horas de liteira
63 — A queda dum anjo
64 — Cenas da Foz
65 — Cenas contemporâneas
66 — O romance dum rapaz pob
67 — Aventuras de Bazilio Ferna des Enxertado
68 — Noites de Lamego
69 — Cenas inocentes da comé humana
70 e 71 — Os mártires
72 — Um livro
73 — A sereia
74 — Esboços de apreciações li rárias
75 — Coisas leves e pesadas
76 — Teatro: I — Agostinho Ceuta — O marquês de Tá res Novas
77 — Teatro: II — Poesia ou nheiro? — Justiça — Espinh e flores — Purgatório e Paraí
78 — Teatro: III — O Morgado Fafe em Lisboa — O Morg do de Fafe amoroso — O ú timo acto — Abençoadas l grimas
79 — Teatro: IV — O condenado Como os anjos se vingam Entre a flauta e a viola
80 — Teatro: V — O Lobishomem A Morgadinha de Val Amôres

Aos Camilianistas recomendamos a aquisição da seguinte obra

CAMILO CASTELO BRANCO

(TIPOS E EPISÓDIOS DA SUA GALERIA)

5 volumes, no formato e tipo da nossa Colecção das Obras de Camilo, contendo inúmeras transcrições das suas

Apreciações e críticas das obras d imortal escritor

PELO DOUTO

D. Álvaro de Albuquerque
Silveira

Pedro da Silva que o [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] de [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible]

Alegrama, [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible] Southampton

[illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
Guardabrios de Thomaz de
Mascarenhas

[illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible] de
[illegible] [illegible] [illegible]

[illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible]

Azarías Pereira el Judío
enfermero que atendió a Lenin
en sus últimos momentos

conde
Don Miguel,

Antonia (~~criada~~ hermana del cura)

Eugenia, criada querida do conde de Santa Barbara

Bernardo, criado

Uma historia que aconteceu

Luiz

Angela [1] irmã convento de Nazareth

Alvarões
D. Pedro da Silva

Come facas

Alberto de Magalhães
Condessa de Penacova
Martinho de Almeida

convento de Odivellas-
donde entró la cond. de Santa
Barbara. Aquí enc. a Ade-
laide amiga de Francisquita
nha Valladares. Adel. ve-
nía del convento de Santa
Apolonia

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00029049789